

O RAPAZ QUE SEGUIU O PAI PARA AUSCHWITZ

Uma história real

**Jeremy
Dronfield**

 Planeta





O RAPAZ QUE SEGUIU O PAI PARA AUSCHWITZ

Uma história real

**Jeremy
Dronfield**

 Planeta



Jeremy Dronfield

**O Rapaz Que Seguiu o Pai
para Auschwitz**

Tradução

Patrícia Cascão

Para o Kurt

e em memória de

Gustav

Tini

Edith

Herta

Fritz

A testemunha forçou-se a depor. Pelos jovens de hoje, pelas crianças que irão nascer amanhã. Ele não quer que o seu passado se torne o futuro deles.

ELIE WIESEL, *Noite*

Agradecimentos

Este livro não poderia ter sido escrito sem as suas principais fontes materiais – o diário do campo de concentração de Gustav Kleinmann e as memórias de Fritz Kleinmann, que me chegaram através do Professor Reinhold Gärtner da Universidade de Innsbruck. Reinhold ajudou Fritz a publicar ambos os documentos no livro *Doch der Hund will nicht krepieren* («Mas o cão recusa-se a morrer», Innsbruck University Press, 2012), e deu uma colaboração indispensável à minha pesquisa inicial para este livro, o que lhe agradeço.

Estou profundamente grato a Kurt Kleinmann, que viveu a *Anschluss* e a ocupação nazi de Viena, pelas muitas horas de entrevistas e meses de correspondência. Sem a ajuda generosa e incansável de Kurt, esta história teria sido muito menos rica em profundidade e pormenor. Peter Patten, neto de Gustav, também contribuiu muito gentilmente com entrevistas e correspondência. Estou também grato a Rachel Schine, que ajudou a pôr-me em contacto com o ramo americano da família. O lado austríaco da família também deu apoio. O encorajamento de Peter Kleinmann, Victor Zehetbauer e do seu pai, Ernst, bem como o de Richard Wilczek, foram indispensáveis.

O rascunho de uma tradução em inglês de *Doch der Hund*, preparado por John Rie, foi o meu primeiro contacto com esta história, e forneceu uma base vital para a criação da minha própria tradução do diário de Gustav e das memórias de Fritz. Para a preparação dos títulos da secção hebraica, estou grato ao conselho de perito dado por Keren Joseph-Browning. Uma revisão meticulosa de Richenda Todd salvou-me de muitos pequenos, mas constrangedores, erros.

Muitos arquivos e os seus arquivistas forneceram-me guiões, documentos e imagens, e lidaram pacientemente com as minhas questões. Estou grato a todos eles. Incluem o Arquivo de Estado Austríaco, em Viena, por documentos sobre os registos de Gustav Kleinmann da Primeira Grande Guerra; Douglas Ballman e Georgiana Gomez, supervisora de acesso do University of Southern California Shoah Foundation Institute for Visual History and Education, por fornecerem uma transcrição da entrevista de 1997 de Fritz Kleinmann e por ajudarem com as fotografias; Ewa Bazan, chefe do Gabinete para Antigos Prisioneiros no Museu Memorial Auschwitz-Birkenau; Johannes Beermann, arquivista no Instituto Fritz Bauer da Goethe-Universität, Frankfurt-am-Main, pelos depoimentos testemunhais de Fritz e de Gustav dos julgamentos de Auschwitz em Frankfurt; Biblioteca da Universidade de Cambridge; Judy Farrar, bibliotecária dos Arquivos e Coleções Especiais, Biblioteca Claire T. Carney, Universidade de Massachusetts, Dartmouth, por informação sobre Samuel Barnett; Harriet Harmer, assistente de arquivo dos Serviços de Arquivo de West Yorkshire, Leeds, RU, por documentos sobre Edith Kleinmann e Richard Paltenhoffer; Elisa Ho, coordenadora arquivista e de Projectos Especiais, The Jacob Rader Marcus Center of the American

Jewish Archives, Cincinnati, por documentos sobre Maly Trostinets; Katharina Kniefacz, Centro de Pesquisa KZ-Gedenkstätte Mauthausen, Viena, pelos registos prisionais de Fritz Kleinmann; Albert Knoll, arquivista, KZ-Gedenkstätte Dachau, por informação sobre Richard Paltenhoffer; Kimberly Kwan, voluntária, Gedenkstätte Buchenwald, por informação sobre os Kleinmann e Richard Paltenhoffer; Heike Müller, Serviço de Rastreio Internacional, Bad Arolsen, Alemanha, por documentos relacionados com a prisão dos Kleinmann em vários campos de concentração; Susanne Uslu-Pauer, chefe de departamento, Arquivo de Israelitischen Kultusgemeinde, Viena; e a Biblioteca de Wiener, Londres.

Finalmente, estou grato ao meu agente literário, Andrew Lownie, por ser o primeiro a chamar a minha atenção para a história dos Kleinmann, e a Dan Bunyard e a Zennor Compton da Penguin Books por acreditarem no livro e por trazerem o seu entusiasmo ao projecto. Como sempre, a minha companheira, Kate, forneceu um apoio moral constante e paciente que me sustentou ao longo de todos os livros que já escrevi.

Junho de 2018.



Prefácio

Esta é uma história verídica. Todas as pessoas, em todos os acontecimentos, reviravoltas e incríveis coincidências, são retiradas de fontes históricas. Deseja-se que não seja verdade, que nunca tenha ocorrido, tão terríveis e dolorosos são alguns dos acontecimentos, mas aconteceu tudo, tal como o recordam aqueles que ainda estão vivos.

Há muitas histórias do Holocausto, mas não como esta. A história de Gustav e de Fritz Kleinmann, pai e filho, contém elementos de todas as outras, mas é muito diferente de qualquer outra. Muito poucos judeus passaram pela experiência dos campos de concentração nazis desde as primeiras detenções em massa, no final dos anos de 1930, e durante a Solução Final, até à eventual libertação. Nenhum, que eu tenha conhecimento, passaram por todo este inferno juntos, pai e filho, desde o início até ao fim, desde a vida sob a ocupação nazi até Buchenwald e Auschwitz, passando pela resistência dos prisioneiros contra as SS, pelas marchas da morte e, depois, por Mauthausen, Mittelbau-Dora e Bergen-Belsen. De certeza, pelo menos, nenhum que tenha deixado um registo escrito e conseguido regressar a casa vivo. Sorte e coragem tiveram o seu papel, mas aquilo que em última instância manteve Gustav e Fritz vivos foi o amor e a devoção que tinham um pelo outro. «O rapaz é a minha grande alegria», escreveu Gustav no seu diário secreto, em Buchenwald. «Fortalecemo-nos um ao outro. Somos um, inseparáveis.» Este laço passou pelo derradeiro teste um ano mais tarde, quando Gustav foi transferido para Auschwitz – uma sentença de morte quase certa – e Fritz decidiu abdicar da sua própria segurança para o acompanhar.

Dei vida a esta história com todo o coração. Parece um romance. Tenho tanto de contador de histórias como tenho de historiador e, no entanto, não tive de inventar nem de embelezar nada. Até os fragmentos de diálogo são citações ou reconstruções a partir de fontes primárias. A pedra basilar é o diário do campo de concentração, escrito por Gustav Kleinmann entre Outubro de 1939 e Julho de 1945, complementado pelas memórias que Fritz escreveu e as entrevistas que deu em 1997. Nenhuma destas fontes é de fácil leitura, quer em termos emocionais quer literários – o diário, escrito sob circunstâncias extremas, é vago, muitas vezes com alusões enigmáticas a coisas que ultrapassam o conhecimento do leitor em geral (até os historiadores do Holocausto teriam de consultar as suas obras de referência para interpretar algumas passagens). O motivo de Gustav para escrever não era fazer um registo, mas sim ajudar a preservar a sua própria sanidade; as suas referências eram compreensíveis para ele naquela altura. Uma vez decifrado, proporciona uma visão rica e angustiante sobre como era viver o Holocausto, semana após semana, mês após mês e ano após ano. De forma surpreendente, revela a força invencível de Gustav e o seu espírito de optimismo: «todos os dias

digo uma oração para mim mesmo», escreveu no sexto ano de encarceramento: «Não desespere. Cerra os dentes – os assassinos das SS não podem vencer-te.»

Entrevistas com membros da família que sobreviveram forneceram pormenores pessoais adicionais. Foi tudo – desde a vida em Viena nos anos de 1930 até ao funcionamento dos campos e às personalidades envolvidas – corroborado por uma intensa pesquisa documental, incluindo testemunhos de sobreviventes, registos dos campos e outros documentos oficiais, que confirmam a história a cada passo, mesmo os momentos mais extraordinários e incríveis.

Junho de 2018.

Prólogo

Áustria, Janeiro de 1945

Fritz Kleinmann moveu-se com a oscilação do comboio, a tremer convulsivamente sob a ventania gelada que rugia sobre as paredes laterais do vagão de mercadorias descoberto. Apertado contra ele, o pai dormitava, exausto. À volta deles estavam sentadas figuras pouco iluminadas, com o luar a tocar ao de leve nas riscas pálidas dos seus uniformes e nos ossos dos seus rostos. Estava na altura de Fritz fugir.

Tinham passado oito dias desde que haviam deixado Auschwitz. Tinham caminhado durante os primeiros 60 quilómetros, com as SS a conduzir os milhares de prisioneiros para oeste, através da neve, para longe do avanço do Exército Vermelho. Ouviam-se tiros de espingarda intermitentes, que vinham da traseira da coluna, à medida que aqueles que não conseguiam acompanhá-la eram assassinados. Ninguém olhava para trás.

Depois, foram colocados em comboios que se dirigiam para campos mais no interior do *Reich*. Fritz e o pai conseguiram permanecer juntos, como sempre haviam conseguido. O seu transporte ia para Mauthausen, na Áustria, onde as SS iriam continuar a tarefa de sugar as últimas forças de trabalho dos prisioneiros antes de por fim os exterminarem. Eram 140 homens enlatados em cada um dos vagões descobertos – primeiro tinham de estar de pé, mas, com o passar dos dias e o frio a matá-los, tornou-se gradualmente possível sentarem-se. Os cadáveres eram empilhados num canto do vagão e as suas roupas retiradas, para aquecer os vivos.

Podiam estar à beira da morte, mas estes prisioneiros eram os afortunados, os trabalhadores com utilidade – a maioria dos seus irmãos e irmãs, mulheres, mães e filhos, tinha sido assassinada ou estava na marcha forçada para oeste, a morrer em massa.

Fritz era um rapaz quando o pesadelo começara, sete anos antes. Tinha-se tornado um homem nos campos nazis, a aprender, amadurecer e a resistir à pressão de abandonar a esperança. Ele tinha previsto este dia e preparara-se para ele. Sob os uniformes do campo, ele e o pai tinham vestido roupas civis, que Fritz obtivera através de amigos na Resistência de Auschwitz.

O comboio parara em Viena, a cidade que tinha outrora sido a sua casa, depois virara para oeste e, agora, encontravam-se a apenas 15 quilómetros do destino. Estavam de novo no seu país e, assim que fugissem, poderiam passar por operários locais.

Fritz tinha adiado o momento, preocupado com o pai. Gustav tinha 53 anos e estava exausto – era um milagre ter sobrevivido tanto tempo. Agora que chegava o momento, não tinha forças para tentar escapar. Já não tinha forças. No entanto, não podia negar ao filho a oportunidade de viver. Seria uma

dor excruciante separarem-se após tantos anos a ajudar-se um ao outro a sobreviver, mas incentivou Fritz a ir sozinho. Fritz implorou-lhe que fosse, mas não valeu a pena: «Deus te proteja», disse-lhe o pai. «Não posso ir, estou demasiado fraco.»

Se Fritz não tentasse fugir em breve, seria tarde de mais. Levantou-se e despiu o odiado uniforme. Depois, abraçou o pai, beijou-o e, com a sua ajuda, escalou a parede escorregadia do vagão.

O vento, a 30 graus negativos, atingiu-o com força. Perscrutou com ansiedade os vagões adjacentes, vigiados por guardas armados das SS. A Lua estava brilhante – a dois dias da lua cheia, estava alta e conferia um ar fantasmagórico à paisagem de neve, contra a qual qualquer forma em movimento seria visível¹. O comboio avançava à velocidade máxima. Agarrando-se à sua coragem e à esperança de que tudo corresse bem, Fritz lançou-se para a noite e para o veloz vento gelado.

Primeira parte

Viena

Sete anos antes...

«Quando o sangue judeu pinga da faca...»

אבא

Os dedos magros de Gustav Kleinmann empurraram o tecido sob a cabeça da máquina de costura. A agulha parecia viva, a metralhar o fio no material, numa longa e imaculada curva. Perto da sua mesa de trabalho estava o cadeirão a que se destinava, um esqueleto de madeira de faia com correias de crina de cavalo. Quando o tecido ficou cosido, Gustav colocou-o sobre o braço. Com um pequeno martelo afundou os pregos – tachas simples para o interior, pinos com cabeças redondas de latão para o contorno exterior, espaçados cuidadosamente como uma fila de capacetes de soldados. *Tap-taptap* e lá entravam eles.

Era bom trabalhar. Nem sempre havia trabalho suficiente e a vida podia ser precária para um homem de meia-idade com mulher e quatro filhos. Gustav era um artesão dotado, embora não fosse um homem de negócios astuto, mas conseguia desenrascar-se. Nascido numa pequena aldeia à beira de um lago, no histórico reino da Galícia^[1], uma província do Império Austro-Húngaro, tinha vindo para Viena com 15 anos, para ser aprendiz de estofador, e acabara por se instalar aqui. Chamado para o serviço militar na Primavera do ano em que fez 21 anos, tinha servido na Grande Guerra, sido ferido duas vezes, condecorado por bravura e, no fim da guerra, regressado a Viena para retomar o seu humilde ofício, trabalhando para se tornar mestre artesão. Casou com a namorada, Tini, durante a guerra e, juntos, criaram quatro belos e felizes filhos. Era assim a vida de Gustav, modesta e com muito trabalho e, se não era inteiramente feliz, pelo menos, tinha tendência para ser alegre.

O zumbido de aviões interrompeu os pensamentos de Gustav. Aumentou e diminuiu, como se andassem às voltas sobre a cidade. Curioso, largou as ferramentas e saiu à rua.

Im Werd era uma rua com muito movimento, barulhenta por causa do matraquear das carroças puxadas a cavalo e do ruído dos camiões, com o ar cheio de odores da humanidade, fumos e excremento de cavalo. Durante um momento confuso, pareceu a Gustav que estava a nevar – em Março! –, mas era uma nevasca de papéis a esvoaçar vindos do céu, a cair sobre as pedras da calçada e as bancas do mercado de Karmelitermarkt. Agarrou num.

POVO DA ÁUSTRIA!

Pela primeira vez na história da nossa Pátria, a liderança do Estado exige um forte compromisso para com a nossa Nação [...]^[1]

Propaganda para a votação daquele domingo. Todo o país estava a falar sobre isso e todo o mundo estava a assistir. Era algo importante para cada homem, mulher e criança da Áustria, mas para

Gustav, enquanto judeu, era de uma importância extraordinária – uma votação para decidir se a Áustria devia manter-se independente da tirania alemã.

Havia cinco anos que a Alemanha nazi olhava com desejo através da fronteira, para o vizinho austríaco. Adolf Hitler, austríaco de nascimento, estava obcecado com a ideia de juntar a sua terra natal ao *Reich* alemão. Embora a Áustria tivesse os seus nazis nacionais, desejosos da unificação, a maioria dos austríacos opunha-se. O chanceler Kurt Schuschnigg estava sob pressão para dar aos membros do Partido Nazi cargos no seu governo, com Hitler a ameaçar com graves consequências caso ele não aceitasse – Schuschnigg seria forçado a sair e substituído por uma marioneta nazi, seguir-se-ia a unificação e a Áustria seria engolida pela Alemanha. Os 183 000 judeus do país tremiam perante esta hipótese².

O mundo esperava com ansiedade o desfecho. Numa última cartada desesperada, Schuschnigg tinha anunciado um plebiscito – um referendo – para o povo da Áustria decidir por si se queria manter a independência. Era uma manobra corajosa. O precursor de Schuschnigg tinha sido assassinado durante um golpe nazi falhado e, agora, Hitler estava pronto a fazer fosse o que fosse para evitar que a votação decorresse. A data tinha sido definida para domingo, 13 de Março de 1938.

Os *slogans* nacionalistas («Sim à Independência!») estavam colados e pintados em todas as paredes e pavimentos. Hoje, a dois dias da votação, os aviões estavam a inundar Viena com a propaganda de Schuschnigg. Gustav olhou de novo para o panfleto.

[...] Por uma Áustria livre e germânica, independente e social, cristã e unida! Pela paz e o trabalho e direitos iguais para todos os que declararem lealdade ao povo e à Pátria.

[...] O mundo verá o nosso desejo de viver, portanto, povo da Áustria, ergam-se como um e votem SIM!³

Estas palavras inspiradoras tinham significados mistos para os judeus. Eles tinham as suas próprias ideias sobre germanismo – Gustav, muito orgulhoso do seu serviço ao país na Grande Guerra, considerava-se primeiro um austríaco e só depois um judeu⁴. No entanto, era excluído do ideal germânico cristão de Schuschnigg. Também tinha reservas sobre o governo austrofascista de Schuschnigg. Gustav tinha sido outrora um organizador do Partido Social-Democrata da Áustria. Com a ascensão dos austrofascistas, em 1934, o partido tinha sido violentamente suprimido e banido (tal como o Partido Nazi).

Mas para os judeus na Áustria, naquele momento qualquer coisa era preferível ao tipo de perseguição aberta que ocorria na Alemanha. O jornal judeu *Die Stimme* tinha uma faixa na edição de hoje: «Apoiamos a Áustria! Todos às cabinas de voto!»⁵ O jornal ortodoxo *Jüdische Presse* fazia o mesmo apelo: «Não é preciso nenhum pedido especial para os judeus da Áustria irem votar em massa. Eles sabem o que isto significa. Toda a gente tem de cumprir o seu dever!»⁶

Através de canais secretos, Hitler tinha ameaçado Schuschnigg. Se não cancelasse o plebiscito, a Alemanha tomaria medidas para o impedir. Neste preciso momento, enquanto Gustav estava na rua a ler o panfleto, tropas alemãs já se acumulavam junto à fronteira.

Com uma olhadela ao espelho, Tini Keinmann verificou o casaco, agarrou no saco das compras e na carteira, deixou o apartamento e fez eco nas escadas com os seus pequenos saltos a matraquear os degraus. Encontrou Gustav no meio da rua, fora da sua oficina, que se situava no rés-do-chão do prédio. Tinha um panfleto na mão e a estrada estava coberta – nas árvores, nos telhados, havia panfletos por todo o lado. Olhou para eles e tremeu. Tini tinha uma sensação de mau agouro sobre tudo isto, de que Gustav, o optimista, não partilhava. Ele pensava sempre que as coisas iam correr bem. Era tanto a sua fraqueza como o seu ponto mais forte.

Tini caminhou apressada sobre a calçada, em direcção ao mercado. Muitos dos vendedores eram agricultores que vinham todas as manhãs vender os seus produtos frescos ao lado dos comerciantes vienenses. Muitos dos últimos eram judeus. Na realidade, mais de metade dos negócios da cidade era propriedade de judeus, sobretudo nesta área. Os nazis locais usavam este facto para provocar o anti-semitismo entre os trabalhadores que sofriam com a depressão económica – como se os judeus não estivessem a sofrer com isso também.

Gustav e Tini não eram particularmente religiosos, iam à sinagoga talvez apenas umas duas vezes por ano, para aniversários e funerais, e, como a maioria dos judeus vienenses, os seus filhos tinham nomes germânicos em vez de nomes hebraicos, ainda que seguissem os costumes ídiche, como todos os outros. Tini comprou vitela a *Herr Zeisel*, o talhante, finamente cortada para fazer *Wiener Schnitzel*. Tinha sobras de frango da sopa do jantar de Sabat^[ii] e nas bancas dos agricultores comprou batatas e salada, depois pão, farinha, ovos, manteiga... Continuou pelo movimentado Karmelitermarkt com o saco cada vez mais pesado. Onde o mercado se encontrava com a rua principal, Leopoldgasse, reparou nas mulheres da limpeza, desempregadas, a pedir trabalho. Ficavam à porta da pensão Klabouch e da cafetaria. As que tinham sorte eram contratadas por senhoras «bem» das ruas circundantes. Aquelas que traziam os seus próprios baldes de água com sabão recebiam o pagamento máximo de um xelim^[iii]. Tini e Gustav tinham por vezes dificuldade em pagar as suas dívidas, mas, pelo menos, ela não estava reduzida *àquilo*.

Os *slogans* pró-independência estavam por todo o lado, pintados no pavimento com letras grandes e gordas, como marcas da própria estrada, um grito a favor do plebiscito – «Nós dizemos sim!» – e, por todo o lado, a «cruz potenteia» austríaca^[iv]. Das janelas abertas saía o som alto dos rádios ligados, a tocar alegres músicas patrióticas. Enquanto Tini estava a observar, houve uma súbita celebração e um barulho de motores, quando uma fila de camiões desceu a rua, cheios de adolescentes com o uniforme da Juventude Austríaca a agitar faixas com as cores nacionais, vermelho e branco, e a distribuir mais panfletos⁷. Os espectadores receberam-nos com lenços esvoaçantes, respeitosos acenos de chapéus e gritos de: «Áustria! Áustria!»

Parecia que a independência estava a ganhar... desde que não se prestasse atenção às caras soturnas entre a multidão. Os simpatizantes nazis estavam excepcionalmente silenciosos hoje – e excepcionalmente poucos em número, o que era estranho.

De repente, a música alegre foi interrompida e as rádios iniciaram um comunicado urgente: todos os reservistas do exército que não fossem casados deviam apresentar-se de imediato ao serviço. O objectivo, disse o locutor, era garantir a ordem no plebiscito de domingo, mas o seu tom era assustador. Por que necessitariam de tropas extra para isso?

Tini afastou-se e voltou a caminhar através da multidão em direcção a casa. Independentemente daquilo que se passasse no mundo, independentemente de quão perto o perigo pudesse estar, a vida continuava e o que podia uma pessoa fazer senão vivê-la?

בן

Por toda a cidade, havia panfletos nas águas do canal do Danúbio, nos parques e nas ruas. Nessa tarde, quando Fritz Kleinmann saiu da Escola de Comércio, na Hütteldorfer Strasse, na ponta ocidental de Viena, estavam espalhados pela estrada e pendurados nas árvores.

Com muito ruído, desciam a rua, coluna atrás de coluna, camiões cheios de soldados que se dirigiam para a fronteira alemã, a 200 quilómetros de distância. Fritz e os outros rapazes observaram, com excitação, como quaisquer rapazes, as colunas de cabeças com capacetes a passarem depressa, com as armas prontas.

Aos 14 anos, Fritz já se parecia com o pai – as mesmas maçãs do rosto atraentes, o mesmo nariz, a mesma boca com lábios carnudos que se curvavam como as asas de uma gaivota. Mas, enquanto o semblante de Gustav era suave, os olhos grandes e escuros de Fritz eram penetrantes, como os da mãe. Deixara o liceu e, nos últimos seis meses, tinha estado a estagiar para entrar no ofício do pai, como estofador.

Enquanto Fritz e os amigos faziam o caminho de casa, através do centro da cidade, as ruas estavam a ser tomadas por um diferente estado de espírito. Às três horas daquela tarde, a campanha do governo pelo plebiscito tinha sido suspensa, devido à crise que se desenrolava. Não havia notícias oficiais, apenas rumores: de combates na fronteira austro-alemã; de insurreições nazis nas cidades provinciais; e, o mais preocupante de tudo, um rumor de que a polícia vienense ficaria ao lado dos nazis locais se houvesse confrontos. Bandos de homens entusiasmados tinham começado a percorrer as ruas – alguns gritavam *Heil Hitler!* e outros respondiam, em desafio, *Heil Schuschnigg!* Os nazis falavam mais alto, cada vez mais ousados, e a maioria era jovem, vazia de experiência de vida e cheia de ideologia⁸.

Este tipo de coisa andava a acontecer esporadicamente desde há alguns dias e tinha havido incidentes ocasionais contra judeus⁹, mas isto era diferente – quando Fritz chegou a Stephansplatz, mesmo no coração da cidade, onde os nazis vienenses tinham a sua sede secreta, o espaço à frente da catedral estava cheio de pessoas a gritar e a ladrar. Aqui só se ouvia *Heil Hitler* e nenhum cântico de oposição¹⁰. Os polícias estavam perto, a observar, a conversar entre eles, mas sem fazer nada. Também a observar dos bastidores, sem se revelarem, estavam os membros secretos do Austrian Sturmabteilung – o SA, o exército do Partido Nazi. Eles tinham disciplina e tinham as suas ordens: o tempo deles ainda não tinha chegado.

Evitando os manifestantes, Fritz atravessou o canal do Danúbio em direcção a Leopoldstadt e depressa chegou ao prédio, com as botas a ressoar nas escadas até ao número 16 – lar, calor e família.

משפחה

O pequeno Kurt estava em cima de um banco, na cozinha, a ver a mãe a preparar a massa para a sopa de frango, a tradicional refeição de Sabat à sexta-feira. Era uma das poucas práticas tradicionais que a família mantinha. Tini não acendia velas, nem dizia orações. Kurt era diferente – tinha apenas 8 anos, cantava no coro da sinagoga do centro da cidade e estava a tornar-se muito devoto. Tinha feito amizade com uma família ortodoxa que vivia do outro lado do corredor e tinha a função de lhes ligar as luzes nas noites de Sabat.

Ele era o bebé e o mimado. Os Kleinmann eram uma família próxima, mas Kurt era o queridinho de Tini. Ele adorava ajudá-la a cozinhar.

Enquanto a sopa cozinhava ele observava-a, de lábios entreabertos, a bater a massa de ovo e a fritá-la para obter panquecas finas. Este era um dos seus deveres favoritos na cozinha. O melhor de tudo era o *Wiener schnitzel*, para o qual a mãe batia suavemente as fatias de vitela até estarem tão macias e finas como veludo. Ela ensinou-o a passá-las pelo prato de farinha, os ovos batidos com leite e, por fim, o pão ralado. Depois, colocava-as, duas a duas, na frigideira com manteiga borbulhante e o aroma enchia o pequeno apartamento enquanto a carne inchava e encarquilhava e ficava dourada. Esta noite, porém, cheirava a massa frita e a frango.

Da divisão ao lado – que se desdobrava em quarto e sala de estar – vinha o som de um piano. A irmã de Kurt, Edith, com 18 anos, tocava bem e tinha ensinado a Kurt uma pequena melodia agradável chamada *Cuco*, que permaneceria na sua memória para sempre. Quanto à outra irmã, Herta, de 15 anos, ele simplesmente adorava-a. Era mais próxima em termos de idade do que Edith, que já era uma mulher feita. O sítio de Herta no coração de Kurt seria sempre como o de uma imagem de beleza e de amor.

Tini sorriu perante a verdadeira concentração dele enquanto a ajudava a enrolar o ovo cozinhado, cortando-o para fazer a massa que ela adicionava à sopa.

A família sentou-se para a refeição, no brilho quente do Sabat – Gustav e Tini, Edith e Herta, Fritz e o pequeno Kurt. A casa deles era pequena, tinha apenas esta sala e o quarto que todos partilhavam (Gustav com Fritz, Kurt com a mãe, Edith na sua própria cama e Herta no sofá), no entanto, era o lar deles e eram felizes aqui.

Lá fora, formava-se uma sombra sobre o seu mundo. Naquela tarde, tinha chegado da Alemanha um ultimato escrito, a insistir que o plebiscito fosse cancelado; que o chanceler Schuschnigg se demitisse e que fosse substituído pelo político de ala direita Arthur Seyss-Inquart (um membro secreto do Partido Nazi) com um gabinete que o apoiasse. A justificação de Hitler era que o governo de Schuschnigg estava a reprimir os alemães da Áustria (sendo «alemães» sinónimo de «nazis» na mente de Hitler). Por fim, a Legião Austríaca exilada, uma força de trinta mil nazis, tinha de regressar a Viena para manter a ordem nas ruas. O governo austríaco tinha até às 19 h 30 m para cumprir¹¹.

Depois do jantar, Kurt tinha de correr para o serviço de Sabat na sinagoga. Recebia um xelim por cada vez que cantava no coro (substituído por uma barra de chocolate nas manhãs de domingo), portanto, era um dever tanto económico como religioso.

Como era habitual, Fritz acompanhou-o. Ele era um irmão mais velho ideal – amigo, companheiro de brincadeiras e protector. As ruas estavam movimentadas naquela noite, mas o barulho desordeiro tinha desaparecido, dando lugar a uma sensação de malevolência escondida. Por norma, Fritz

acompanhava Kurt até ao salão de bilhar, do outro lado do canal do Danúbio – «Sabes o caminho a partir daqui, não sabes?» – e ia jogar bilhar com os amigos. Mas nesta noite isso não iria acontecer e percorreram juntos o caminho todo até Stadttempel.

No apartamento, o rádio estava ligado. O programa foi interrompido por um comunicado. O plebiscito tinha sido adiado. Foi como uma assustadora pancadinha no ombro. A seguir, um pouco depois das sete e meia, a música parou e uma voz declarou: «Atenção! Dentro de instantes vão ouvir um comunicado extremamente importante.» Seguiu-se uma pausa, vazia, sibilante, que durou três minutos e, depois, surgiu o chanceler Schuschnigg. A voz dele vacilava com emoção: «Austriacos e austriacas, este dia colocou-nos numa situação trágica e decisiva.» Todas as pessoas na Áustria que estavam perto de um rádio naquele momento ouviram com atenção, muitos com medo, alguns com entusiasmo, o chanceler descrever o ultimato alemão. A Áustria teria de acatar as ordens da Alemanha ou seria destruída. «Cedemos à força», disse ele, «uma vez que não estamos preparados, mesmo nesta terrível situação, para derramar sangue germânico. Decidimos ordenar às tropas que não ofereçam forte...», ele hesitou, «para não oferecerem resistência.» Com a voz entrecortada, recompôs-se para as palavras finais. «Afasto-me então do povo austriaco com uma palavra alemã de adeus, dita do fundo do meu coração: Deus proteja a Áustria.»¹²

Gustav, Tini e as filhas estavam sentados, atordoados, quando o hino nacional começou a tocar. No estúdio, longe do olhar e dos ouvidos das pessoas, Schuschnigg desfez-se em lágrimas.

בן

As frases amáveis e de exaltação de «Aleluia», lideradas pelo tenor e avivadas pelas vozes do coro, enchiam o espaço oval de Stadttempel, envolvendo os pilares de mármore e a ornamentação dourada dos balcões sobrepostos num som harmonioso. Do sítio que ocupava no coro, na fila superior atrás da arca^[v], Kurt podia olhar directamente para o *bimah*^[vi] e a congregação. Estava bastante mais cheio do que o habitual, a rebentar pelas costuras – pessoas levadas pela incerteza a procurar conforto na sua religião. O académico religioso Dr. Emil Lehmann, que desconhecia as últimas notícias, tinha falado de forma comovente sobre Shuschnigg, exaltando o plebiscito, e terminado com o grito de guerra do agora deposto chanceler: «Dizemos sim!»¹³

Após o serviço religioso, Kurt desceu do balcão, recolheu o seu xelim e encontrou Fritz à espera. Lá fora, a estreita rua empedrada estava entupida com a congregação que saía. Do lado de fora não havia muito que denunciasse a presença da sinagoga. Parecia fazer parte de uma série de edifícios de apartamentos – o corpo principal estava por trás da fachada, enfiado entre esta rua e a seguinte. Embora, por esta altura, Leopoldstadt fosse o bairro judeu de Viena, este pequeno enclave no centro da cidade antiga, onde os judeus tinham vivido desde a Idade Média, era o coração cultural da vida dos judeus em Viena. Isso estava representado nos edifícios e nos nomes das ruas – Judengasse, Judenplatz – e o sangue deles estava nas pedras da calçada e nas fendas da história, nas perseguições e nos assassinios que os tinham levado a viver em Leopoldstadt.

De dia, a estreita Seitenstettengasse estava isolada de muito do ruído da cidade, mas agora, na escuridão da noite de Sabat, Viena estava a rebentar de vida. A uma curta distância, na Kärntnerstrasse, uma rua longa do outro lado do enclave nazi, na Stephansplatz, estava a reunir-se uma

multidão. O exército de camisas castanhas do SA, agora livre para mostrar as suas armas escondidas e para usar as suas braçadeiras com suásticas, estava em movimento. A polícia marchava com ele. Seguiam camiões cheios de membros armados, e homens e mulheres dançavam e gritavam à luz de tochas.

Atravessando a cidade surgiu um rugido: «*Heil Hitler! Sieg Heil!* Abaixo os judeus! Abaixo os católicos! Um povo, um *Reich*, um *Führer*, uma vitória! Abaixo os judeus!» Vozes fanáticas e cruas elevavam-se numa canção: *Deutschland über alles*, e cantavam: «Hoje temos toda a Alemanha – amanhã temos o mundo!»¹⁴ O dramaturgo Carl Zuckmayer escreveu: «O submundo tinha aberto os seus portais e vomitado os seus espíritos mais básicos, hediondos e indecentes [...] O que estava a ser libertado aqui era a revolta da inveja, da malevolência, da amargura e da perversa vingança.»¹⁵ Um jornalista britânico que foi testemunha chamou à procissão «um indescritível Sabat de bruxas»¹⁶.

Chegavam ecos a Seitenstettengasse, onde os judeus a sair da Stadttempel estavam a dispersar. Fritz levou Kurt ao longo da Judengasse e através da ponte. Em poucos minutos estavam em Leopoldstadt.

Os nazis estavam a chegar, juntamente com hordas de recém-encontrados amigos catavento, como uma inundação de dezenas de milhar de pessoas, a avançar através da cidade em direcção ao bairro judeu. A maré galgou as pontes e chegou a Leopoldstadt, dando à costa em Taborstrasse, Leopoldsgasse, no Karmelitermarkt e na Im Werd – cem mil a cantarem, um rugido de homens e mulheres, cheios de triunfo e de ódio. «*Sieg Heil!* Morte aos judeus!» Os Kleinmann ficaram sentados em casa, a ouvir o tumulto no exterior, à espera que lhes irrompessem pela porta.

Mas isso não aconteceu. As multidões ocuparam as ruas durante horas, barulhentas e furiosas, mas sem causar grandes danos físicos. Alguns judeus pouco afortunados foram apanhados na rua e maltratados. Pessoas que «pareciam judias» foram agredidas. Pessoas reconhecidamente leais a Schuschnigg foram atacadas. Algumas casas e lojas foram invadidas e pilhadas, mas a tempestade de destruição não se abateu sobre Viena naquela noite. Surpreendidas, algumas pessoas questionaram-se se a lendária natureza gentil dos vienenses conseguiria moderar o comportamento até dos seus nazis.

Foi uma vã esperança. A razão para a contenção era simples: os militares do SA estavam a comandar e eles eram disciplinados. Tinham a intenção de despojar e destruir as suas presas de forma metódica, não com um motim. Em conjunto com a polícia (agora a usar braçadeiras com a suástica), o SA tomou posse de edifícios públicos. Membros proeminentes do partido do governo foram detidos ou fugiram. O próprio Schuschnigg foi preso. Isto era apenas um prelúdio.

Na manhã seguinte, as primeiras colunas de tropas alemãs tinham atravessado a fronteira.

Os poderes europeus – Grã-Bretanha, França, Checoslováquia – objectaram contra a invasão alemã de um território soberano, mas Mussolini, supostamente um aliado austríaco, recusou considerar qualquer acção militar. Nem sequer condenou a Alemanha. A Resistência internacional desabou ainda antes de se ter formado. O mundo deixou a Áustria entregue às feras.

E a Áustria recebeu-as de braços abertos.

Gustav acordou com o som de motores. Um ressoar baixo que lhe entrou pelo crânio com um odor discreto e que foi crescendo em volume. Aviões. Durante uns instantes foi como se estivesse na rua, à porta da oficina: era ontem; o pesadelo não tinha acontecido. Ainda nem era hora de tomar o pequeno-almoço. Os restantes membros da família, excepto Tini, a movimentar-se silenciosamente na cozinha, ainda estavam nas suas camas, envoltos nos seus sonhos.

Enquanto Gustav se levantava e vestia, o ressoar ficou mais alto. Não conseguia ver nada das janelas – apenas telhados e uma faixa de céu – por isso, calçou-se e desceu.

Na rua e do outro lado do Karmelitermarkt havia poucos sinais do terror daquela noite – apenas alguns panfletos «Vote Sim!» desgarrados, pisados e empurrados para os cantos. Os comerciantes estavam a montar as bancas e a abrir as lojas. Toda a gente olhava para o céu enquanto o ressoar de motores se tornava cada vez mais e mais alto, abafando os sons das ruas. Não era nada parecido com o som da véspera, isto era uma tempestade que se avizinhava. Os aviões apareceram visíveis sobre os telhados. Bombardeiros, dezenas em formação cerrada, com os caças a voar livremente sobre eles. Voavam tão baixo que até do chão se conseguia ler as suas inscrições em alemão e se podia ver as portas dos depósitos de bombas a abrir¹⁷. Uma onda de terror atravessou o mercado.

O que saiu, no entanto, não foram bombas, mas outra nevasca de papel, a esvoaçar sobre os telhados e as ruas. Aqui estava um clima político que produzia, de facto, alterações climáticas. Gustav agarrou num dos panfletos. A mensagem era mais curta e simples do que a do dia anterior. No cabeçalho estava a águia nazi e uma declaração:

A Alemanha Nacional-Socialista cumprimenta a Áustria Nacional-Socialista e o novo governo Nacional-Socialista.

Juntos num laço leal e indestrutível!

*Heil Hitler!*¹⁸

A tempestade de motores era ensurdecadora. Não eram apenas os bombardeiros a sobrevoar, mas mais de uma centena de aeronaves de transporte. Enquanto os bombardeiros voavam por ali, em círculos, os outros dirigiram-se para sudeste. Ainda ninguém sabia, mas estas eram aeronaves de transporte de soldados, que se dirigiam para o Aeródromo de Aspern, mesmo à saída da cidade – a primeira incursão na capital austríaca. Gustav deixou cair o pedaço de papel, como se fosse tóxico, e voltou a entrar em casa.

O pequeno-almoço foi deprimente naquela manhã. A partir deste dia, um espectro assombraria todos os movimentos, palavras e pensamentos de todos os judeus. Todos sabiam o que tinha acontecido na Alemanha nos últimos cinco anos. O que ainda não sabiam era que na Áustria não haveria nenhum desenrolar gradual. Iriam viver cinco anos de terror numa torrente frenética.

As Wehrmacht estavam a chegar, as SS e a Gestapo estavam a chegar, e havia rumores de que o próprio *Führer* tinha chegado a Linz e, em breve, estaria em Viena. Os nazis da cidade estavam loucos de excitação e triunfo. A maioria da população, querendo apenas estabilidade e segurança, começou a ir com a maré. As lojas judias em Leopoldstadt eram sistematicamente pilhadas pelos pelotões do SA, enquanto as casas dos judeus mais ricos começaram a ser invadidas e assaltadas. A inveja e o ódio contra os judeus nos negócios, em profissões especializadas e nas profissões médicas

e legais, tinham-se acumulado durante a depressão económica e o furúnculo estava prestes a ser violentamente lancetado.

Havia o mito de que não estava na natureza dos vienenses fazer política através da luta de rua e dos motins. «Os verdadeiros vienenses», disseram, consternados, quando os nazis encheram as ruas com barulho e fúria, «discutem as suas diferenças à mesa de café e vão, como pessoas civilizadas, votar.»¹⁹ Mas, a seu tempo, «os verdadeiros vienenses» acabariam por ir, como pessoas civilizadas, para a sua perdição. Eram os selvagens que mandavam agora no país.

No entanto, Gustav Kleinmann, um homem esperançoso por natureza, acreditava que a sua família podia estar a salvo – afinal, eles eram mais austríacos do que judeus. Os nazis decerto apenas perseguiram os devotos, os que eram abertamente hebraicos, os ortodoxos... não era?

בת

Edith Kleinmann manteve a cabeça erguida enquanto caminhava. Tal como o pai, considerava-se mais austríaca do que judia. E pensava pouco nessas coisas, tinha 18 anos. Durante o dia estava a aprender chapelaria e ambicionava ser estilista de chapéus. Nas horas livres divertia-se, saía com rapazes e adorava música e dançar. Edith era, acima de tudo, uma jovem, com as motivações e os desejos da juventude. Os rapazes com quem saía raramente eram judeus. Isto deixava Gustav pouco à vontade. Ser austríaco era óptimo, mas, ainda assim, ele achava que as pessoas deviam juntar-se ao seu povo. Se havia ali uma contradição, Gustav não o reconhecia.

Tinham passado alguns dias desde a chegada dos alemães. Tinham entrado no domingo, o dia em que o plebiscito abandonado deveria ter sido realizado. A maioria dos judeus permaneceu dentro de casa, mas o irmão de Edith, Fritz, tipicamente audaz, tinha-se aventurado a sair para observar. No início, relatou ele, alguns vienenses corajosos tinham atirado pedras às tropas alemãs, mas foram rapidamente dominados pela multidão, que celebrava e gritava *Heil Hitler*. Quando a totalidade das forças alemãs fez a sua entrada triunfal na capital, lideradas pelo próprio Adolf Hitler, as colunas pareciam intermináveis: frotas de limusinas reluzentes, de motas, de blindados, e milhares de uniformes verdes, capacetes e botas da tropa. Havia bandeiras com a suástica escarlate por todo o lado, empunhadas bem alto pelos soldados, penduradas nos edifícios, a esvoaçar nos carros. Nos bastidores, Heinrich Himmler tinha voado para Viena e iniciado o processo de tomar conta da polícia²⁰. A pilhagem dos judeus ricos continuou e havia relatos diários de suicídios.

Edith caminhava rapidamente. Havia um tumulto na esquina da Schiffamtsgasse com a Leopoldsgasse, onde uma grande multidão se tinha reunido junto ao posto de polícia²¹. Edith ouvia risos e aplausos. Ia atravessar a rua, mas abrandou o passo quando reparou num rosto familiar – Vickerl Ecker, um antigo amigo da escola. Os seus olhos brilhantes e ávidos encontraram os dela.

– Ali! Ela é um deles!²²

Os rostos viraram-se, ela ouviu a palavra *judia* e mãos agarraram-lhe os braços, puxando-a para o meio da multidão. Ela viu a camisa castanha de Vickerl e a braçadeira com a suástica. Nesse momento, estava entalada entre os corpos e no meio de rostos maliciosos e gozões. Meia dúzia de homens e mulheres estavam de joelhos e mãos no chão, com escovas e baldes, a esfregar o pavimento – todos judeus, todos bem vestidos. Uma mulher desnorteada agarrava com força o chapéu

e as luvas numa das mãos e a escova na outra, com o seu casaco imaculado a rojar pela calçada molhada.

– De joelhos.

Colocaram-lhe uma escova na mão e foi empurrada para o chão. Vickerl apontou para as cruzes austríacas e os *slogans* «Diz sim!».

– Faz desaparecer a tua propaganda nojenta, judia.

Os espectadores começaram a gritar quando ela começou a esfregar. Havia rostos que ela reconhecia na multidão – vizinhos, conhecidos, comerciantes bem vestidos, esposas empertigadas, operários rudes, todos parte do mundo de Edith, transformados numa turba feliz com a desgraça alheia. Ela esfregou, mas a tinta não saía.

– Um trabalho adequado aos judeus, *hã?* – gritou alguém e os outros riram-se de novo.

Um dos militares agarrou no balde de um homem e despejou-o em cima dele, encharcando-lhe o casaco de pêlo de camelo. A multidão aplaudiu.

Após cerca de uma hora, deram às vítimas recibos pelo seu «trabalho» e deixaram-nas ir. Edith caminhou até casa, meias rasgadas, roupas sujas, lutando para se conter, transbordando de vergonha e humilhação.

Nas semanas que se seguiram, estes «jogos da esfrega» tornaram-se uma parte da vida dos bairros judeus. Os *slogans* patrióticos provaram ser impossíveis de limpar e, muitas vezes, o SA adicionava ácido à água, para queimar e empolar as mãos das vítimas²³. Felizmente para Edith, não voltou a ser agarrada, mas a sua irmã de 15 anos, Herta, esteve entre um grupo forçado a esfregar as cruzes austríacas do pilar do relógio, no mercado. Outros judeus foram forçados a pintar *slogans* anti-semitas em lojas e empresas de judeus, em vermelho e amarelo.

A rapidez com que a gentil Viena se transformou foi vertiginosa – como rasgar o tecido macio e confortável de um sofá familiar para revelar as molas pontiagudas e os pregos que existem por baixo. Gustav estava errado. Os Kleinmann não estavam a salvo. Ninguém estava.

משפחה

Todos vestiram as melhores roupas antes de sair do apartamento – Gustav envergava o fato domingueiro, Fritz os calções da escola, Edith, Herta e Tini os vestidos mais elegantes e o pequeno Kurt um fato de marinheiro. No estúdio de fotografia de Hans Gemperle fixaram a lente da câmara como se olhassem para o seu próprio futuro. Edith sorriu com desconforto, com a mão pousada no ombro da mãe. Kurt parecia feliz – com 8 anos pouco compreendia do que as mudanças no seu mundo poderiam significar –, Fritz mostrava o despreocupado à-vontade de adolescente, enquanto Herta, prestes a fazer 16 anos e já uma mulherzinha, estava radiante. Enquanto *Herr* Gemperle (que não era judeu e prosperaria nos anos seguintes) carregou no botão do obturador, percebeu a apreensão de Gustav e o estoicismo dos olhos negros de Tini. Eles já tinham percebido para onde o mundo avançava, até mesmo o optimista Gustav. Fora a insistência de Tini que os levara até ao estúdio. Ela tinha um pressentimento de que a família poderia não ficar junta durante muito mais tempo e queria capturar a imagem dos filhos enquanto ainda podia.

O veneno nas ruas começava agora a fluir dos próprios gabinetes do governo e da justiça. Sob as Leis de Nuremberga de 1935, foi retirada a cidadania aos judeus austríacos. A 4 de Abril, Fritz e todos os seus colegas de escola judeus foram expulsos da Escola de Comércio. Também perdeu o seu local de trabalho. Edith e Herta foram despedidas dos seus empregos e Gustav já não podia exercer o seu ofício. A oficina foi apreendida e fechada a cadeado. As pessoas eram avisadas para não comprar aos judeus e aqueles que eram apanhados a fazê-lo eram obrigados a andar com uma placa que dizia: «Sou um ariano, mas um porco – comprei nesta loja judia.»²⁴

Quatro semanas após a *Anschluss*^[viii], Adolf Hitler regressou a Viena. Fez um discurso na estação de comboios de Nordwest – a apenas algumas centenas de metros da Im Werd – para uma multidão de 20 mil membros do SA, das SS e da Juventude Hitleriana.

– Mostrei, durante a minha vida – vociferou –, que consigo fazer mais do que esses anões que levaram este país à ruína. Daqui a cem anos, o meu nome será visto como o do grande filho deste país²⁵.

A multidão explodiu numa tempestade de *Sieg Heil!*, repetida vezes sem conta, ensurdecadora, a ecoar através dos bairros judeus de Leopoldstadt.

Viena estava apinhada de suásticas, com todos os jornais repletos de imagens que glorificavam o *Führer*. No dia seguinte, a Áustria teve o seu há muito aguardado plebiscito sobre a independência. Os judeus, claro, foram proibidos de votar. A votação foi controlada e monitorizada de perto pelas SS e, sem surpresa para ninguém, o resultado foi de 99,7 por cento a favor da *Anschluss*. Hitler declarou que o resultado «superou todas as expectativas»²⁶. Os sinos das igrejas protestantes da cidade tocaram durante 15 longos minutos e o chefe da Igreja Evangélica ordenou que fossem realizados serviços religiosos de acção de graças. Os católicos permaneceram em silêncio, ainda sem certezas sobre se o *Führer* queria oferecer-lhes salários judeus²⁷.

Os jornais estrangeiros foram banidos. Emblemas de lapela com a suástica começaram a aparecer por todo o lado e a suspeição recaía sobre qualquer homem ou mulher que não usasse um²⁸. Nas escolas, a saudação *Heil Hitler* tornou-se parte da rotina diária após as orações da manhã. Havia rituais de queimas de livros e as SS tomaram conta do Israelitische Kultusgemeinde, o centro judeu de cultura e assuntos religiosos, perto da Stadttempel, humilhando e atormentando os rabis e os outros funcionários²⁹. A partir de agora, o IKG tornar-se-ia o órgão do governo através do qual o «problema judeu» era resolvido e tinha de pagar uma «compensação» ao Estado para ocupar as suas próprias instalações³⁰. O regime confiscou bens de judeus no valor total de 2250 milhões de marcos alemães (não incluindo casas e apartamentos)³¹.

Gustav e Tini lutavam para manter a família junta. Gustav tinha alguns amigos arianos no comércio do estofamento, que lhe davam trabalho nas oficinas, mas era esporádico. Durante o Verão, o dono da Lower Austrian Dairy deu trabalho a Fritz e à mãe, a entregar leite nos bairros dos arredores, de madrugada cedo, quando os clientes não sabiam se o seu leite era entregue por judeus. Recebiam dois centavos por cada litro que entregavam, perfazendo um marco por dia – um salário de morrer à fome. A família subsistia com refeições da sopa dos pobres judia que havia na sua rua.

Não havia como escapar ao toque do nazismo. Grupos de paramilitares «camisas castanhas» e a Juventude Hitleriana marchavam pelas ruas a cantar:

*Quando o sangue judeu pinga da faca,
Então cantamos e rimos.*

As suas canções exaltavam o enforcamento de judeus e o fuzilamento dos padres católicos. Alguns dos cantores eram antigos amigos de Fritz, que se tinham tornado nazis com chocante rapidez. Alguns até se tinham juntado à unidade local das SS, a Standarte 89. Os SS estavam por todo o lado, a exigir a identificação aos cidadãos que passavam, orgulhosos e satisfeitos com os seus uniformes e o seu poder em bruto. Infectavam tudo. A palavra *Saujud* – porco-judeu – ouvia-se por todo o lado. Apareciam placas nos bancos do parque a dizer: «Apenas Arianos.» Fritz e os amigos que ainda lhe restavam eram impedidos de brincar nos espaços desportivos ou de usar as piscinas, o que foi difícil para Fritz, porque adorava nadar.

Com o passar do Verão, a violência anti-semita diminuiu, mas as sanções oficiais continuaram e, sob a superfície, a pressão estava a acumular. Começou a ser ouvido um nome assustador: «Mantenham as cabeças baixas e a boca fechada», diziam os judeus uns aos outros, «ou vão parar a Dachau.» As pessoas começaram a desaparecer: figuras proeminentes primeiro – políticos e empresários –, depois, judeus de compleição forte eram levados com pretextos pouco convincentes. Por vezes eram devolvidos às famílias, em cinzas. Depois, começou a ser sussurrado outro nome: Buchenwald. Os *Konzentrationslager* – campos de concentração – que tinham sido um traço característico da Alemanha nazi desde o início estavam a multiplicar-se³².

A perseguição aos judeus estava a tornar-se muitíssimo burocrática. As suas identidades eram alvo de especial atenção. Em Agosto, foi decretado que se não tivessem já nomes próprios reconhecidamente hebraicos, tinham de assumir novos nomes do meio, «Israel» para os homens e «Sara» para as mulheres³³. Os seus cartões de identidade tinham de ser carimbados com um «J». Era o *Juden-Kennkarte*, ou *J-Karte*, como lhe chamavam. Em Leopoldstadt foi utilizado um procedimento especial. O detentor do cartão, depois de este ser carimbado, era levado para uma sala, com um fotógrafo e vários assistentes masculinos e femininos. Depois de lhe fotografarem a cabeça e os ombros, o requerente tinha de se despir. «Apesar da forte relutância», relatou uma testemunha, «as pessoas tinham de se despir completamente [...] para serem fotografadas de novo de todos os lados.» Tiravam-lhes as impressões digitais e eram medidas, «com os homens, obviamente, a medir as mulheres e até a resistência do seu cabelo. Eram tiradas amostras de sangue e ficava tudo escrito e enumerado»³⁴. Todos os judeus tinham de passar por esta humilhação, sem exceções. Alguns fugiam assim que tinham o carimbo no cartão, por isso os SS começaram a tirar as fotografias primeiro.

Chegados a Setembro, a situação em Viena era calma, e voltou uma sensação de vida normal, até para os judeus dentro das suas comunidades³⁵. Mas os nazis estavam longe de estar satisfeitos com aquilo que haviam feito até então. Era preciso um incentivo para levar as pessoas para o próximo nível de ódio aos judeus.

Em Outubro, ocorreu na Bélgica um incidente que pressagiou o que se aproximava. A cidade portuária de Antuérpia tinha um próspero quarteirão judeu. A 26 de Outubro de 1938, dois jornalistas

do jornal de propaganda nazi, *Der Angriff*, desembarcaram de um barco de passageiros e começaram a tirar fotografias do comércio judeu de diamantes. Comportavam-se de uma forma intrusiva e ofensiva e vários judeus reagiram de forma irada. Tentaram expulsar os jornalistas e houve uma escaramuça em que um dos alemães ficou ferido e sem a sua câmara³⁶. Na imprensa alemã, o incidente foi exagerado para um escandaloso ataque a cidadãos alemães inocentes e indefesos. De acordo com o principal jornal de Viena, os turistas alemães tinham sido atacados por um gangue de 50 bandidos judeus, violentamente agredidos e assaltados enquanto estavam inconscientes. «Grande parte da imprensa belga mantém-se em silêncio», enfurecia-se o jornal. «Esta atitude é um indicador de quão inadequados estes jornais são, pois não receiam fazer grande alarido quando um único judeu é responsabilizado pelos seus crimes.»³⁷ O jornal nazi *Völkischer Beobachter* publicou um aviso duro, de que quaisquer outros actos de violência dos judeus contra alemães «podia facilmente ter consequências além da sua esfera de influência, o que poderá ser extremamente indesejável e desagradável»³⁸.

A ameaça era clara e a tensão elevada.

No início de Novembro, os sentimentos anti-semitas através de todo o *Reich* estavam à procura de um escape. O gatilho foi premido muito longe, em Paris, quando um judeu polaco chamado Herschel Grynszpan, num ataque de fúria por causa da expulsão do seu povo da Alemanha – incluindo a sua própria família –, entrou na Embaixada da Alemanha com um revólver acabado de comprar e disparou cinco balas contra Ernst vom Rath, um funcionário escolhido ao acaso.

Em Viena, os jornais chamaram ao assassinio uma «provocação escandalosa»³⁹. Os judeus tinham de aprender a lição.

Vom Rath morreu na quarta-feira, 9 de Novembro. Nessa noite, os nazis saíram em força à rua, em Berlim, Munique, Hamburgo, Viena e muitas outras aldeias e cidades. Os funcionários locais do partido e a Gestapo eram os mestres de cerimónia e, sob a sua liderança, veio o SA e as SS, armados com marretas, machados e combustível. Os alvos eram as casas e os negócios que ainda estavam nas mãos de judeus. Os judeus eram agredidos e assassinados a torto e a direito se lhes aparecessem à frente. Os paramilitares destruíram e incendiaram tudo o que puderam, mas é o quebrar dos vidros que os observadores recordam mais vivamente. Os alemães chamaram-lhe *Kristallnacht*, Noite de Cristal⁴⁰, por causa dos estilhaços brilhantes que cobriam os pavimentos. Os judeus recordam-no como o *Pogrom* de Novembro.

A ordem era para não haver pilhagens, apenas destruição⁴¹. No caos que se seguiu, a ordem foi quebrada muitas vezes, com casas e negócios de judeus a serem roubados sob o disfarce de busca de armas e de «literatura ilegal»⁴². Os judeus denunciados pelos vizinhos tinham as casas invadidas, os bens partidos e a mobília e as roupas destruídas pelos homens de camisa castanha. As mães protegiam os seus filhos aterrados e os casais agarravam-se em desespero petrificado, enquanto os seus lares eram violados.

Em Leopoldstadt, os judeus apanhados na rua foram levados para o Karmelitermarkt e agredidos. Após a meia-noite, as sinagogas foram incendiadas e os telhados que se viam do apartamento dos Kleinmann brilhavam, cor de laranja, iluminados pelas chamas da Polnische Schul, a sinagoga de Leopoldsgasse. Os bombeiros apareceram, mas os paramilitares impediram-nos de combater o fogo

até o magnífico edifício ter sido totalmente consumido. No centro da cidade, a Stadttempel, que não podia ser queimada porque estava encostada a outros edifícios, foi antes esventrada. As suas maravilhosas esculturas, os acessórios e as belas pinturas a ouro e branco foram destruídas. A arca e o *bimah* foram atirados ao chão e partidos.

Antes do amanhecer, começaram as detenções. Milhares de judeus – sobretudo homens bem encorpados – foram apanhados nas ruas ou arrastados das suas casas pelos paramilitares.

Entre os primeiros a ser levados estavam Gustav e Fritz Kleinmann.

[i] Agora parte do Sul da Polónia e do Oeste da Ucrânia.

[ii] Sabat: desde antes do pôr do Sol de sexta-feira, até à noite de sábado.

[iii] O equivalente a cerca de dois ou três euros em 2019.

[iv] Uma cruz com barras no final de cada ponta (formando quatro «T»).

[v] Armário ornamentado onde são guardados os pergaminhos da *Torah*.

[vi] Lugar elevado, usado pelo rabi para ler, e virado para a arca.

[vii] Literalmente, «junção», a unificação forçada da Áustria com a Alemanha.

Traidores do povo



Foram levados para a sede da polícia do bairro, um impressionante edifício de tijolo vermelho e cantaria, perto do parque público Prater¹. A família Kleinmann tinha passado muitas tardes de feriado no Prater, a passear pelos hectares verdejantes, a descontraír no jardim da cerveja, com as crianças deliciadas pelas diversões da feira. Agora, na sombria manhã de Inverno, os portões estavam fechados e a teia de aço da roda gigante pairava sobre os telhados como uma ameaça. Gustav e Fritz passaram pela entrada do parque sem a verem, num camião cheio com outros judeus de Leopoldstadt.

Pai e filho tinham sido denunciados aos paramilitares pelos vizinhos: por homens que tinham sido amigos próximos de Gustav – *Du-Freunden*^[viii] –, homens com quem ele conversava, para quem sorria, que conhecia e em quem confiava, que conheciam os seus filhos e a sua história de vida. No entanto, sem coerção ou provocação, tinham-no atirado do precipício.

Na esquadra de polícia, os prisioneiros eram descarregados e encaminhados para um estábulo que não era utilizado². Já lá estavam centenas de homens e mulheres. A maioria tinha sido trazida de sua casa, como Gustav e Fritz, outras centenas tinham sido detidas enquanto se acumulavam às portas de embaixadas e de consulados de nações estrangeiras, à procura de uma fuga³. Outras tinham sido agarradas aleatoriamente nas ruas. Uma pergunta era ladrada: «*Jude oder Nichtjude?*»^[ix] Se a resposta era «*Jude*», ou se a aparência da vítima o dava a entender, então, para dentro do camião. Alguns foram obrigados a marchar pelas ruas, foram insultados e agredidos pelas multidões. Os nazis chamavam a isto *Volksstimme* – a voz do povo, que ecoava pelas ruas com o som de sirenes e, à luz do amanhecer, continuou e continuou – um pesadelo do qual não seria já possível acordar.

Seis mil e quinhentos judeus, sobretudo homens, tinham sido levados para as esquadras de polícia por toda a cidade⁴ e nenhuma estava mais cheia do que a do Prater. As celas tinham ficado sobrelotadas com os primeiros a chegar e, agora, as pessoas estavam amontoadas de tal forma no edifício do estábulo que tinham de ficar de pé com os braços no ar. Algumas foram obrigadas a ajoelhar-se, para que as recém-chegadas trepassem por cima delas.

Gustav e Fritz mantiveram-se juntos no aperto. As horas passaram, enquanto se mantinham de pé, ou de joelhos, com fome, sede, as articulações a doer, rodeados de sussurros, gemidos e orações. Do exterior chegava o som de chacota e de agressões. A cada poucos minutos, duas ou três pessoas eram chamadas para serem interrogadas. Nenhuma regressou.

Fritz e o pai perderam a noção das horas que tiveram de aguentar quando, por fim, o dedo lhes foi apontado e eles se esforçaram por atravessar o mar de corpos até à porta. Foram levados para outro

edifício e presentes a um painel de oficiais. O interrogatório tinha como fio condutor uma série de insultos: porco judeu, traidor do povo, judeu criminoso. Cada prisioneiro era forçado a identificar-se com estas calúnias e a repeti-las. As perguntas eram as mesmas para todos os homens: «Quanto dinheiro tem nas poupanças? É homossexual? Tem uma relação com uma mulher ariana? Alguma vez ajudou a fazer um aborto? De que associações e partidos é membro?»

A seguir ao interrogatório e à revista eram atribuídas categorias aos prisioneiros. Os que eram rotulados com *Zurück* (regresso) eram colocados de novo em cativeiro para aguardarem novo processamento. Os que eram marcados como *Entlassung* (libertação) eram libertados – a maioria eram mulheres, idosos, adolescentes e estrangeiros presos por engano. A categoria que todos os homens receavam ouvir era *Tauglich* (apto), o que significava Dachau ou Buchenwald, ou o novo nome que andava a ser sussurrado: Mauthausen, um campo que estavam a construir mesmo na Áustria⁵.

Enquanto esperavam pelos veredictos, Gustav e Fritz foram colocados numa *mezzanine* com vista para o pátio. Daqui conseguiam ver a origem dos barulhos que tinham ouvido. Os homens lá fora tinham sido obrigados a formar filas compactas, com as mãos no ar, e eram fustigados e maltratados por paramilitares armados com paus e chicotes. Eram obrigados a deitar-se, a levantar-se e a rebolar. Eram chicoteados, pontapeados e gozados. Os seus bons casacos e camisas estavam sujos de terra e os chapéus pisados. Alguns eram escolhidos para levar valentes sovas. Aqueles que não participavam na «ginástica» tinham de cantar «Somos criminosos judeus! Somos porcos judeus!»

Durante tudo isto, a polícia regular, homens que serviam há muito e conheciam a população judia de Leopoldstadt, ficava ali a assistir, como exigido. Embora poucos participassem nos abusos, nenhum lhes ofereceu resistência. Pelo menos um polícia sénior juntou-se aos espancamentos no pátio⁶.

Após uma longa espera, chegou o veredicto de Fritz e Gustav. Fritz, com apenas 15 anos, tinha sido rotulado de *Entlassung*. Podia ir-se embora. Gustav foi marcado como *Zurück* e ia voltar para as celas. Fritz não pôde fazer nada senão assistir com desalento quando o pai foi obrigado a deixá-lo.

בן

Já era quase noite quando Fritz deixou a esquadra de polícia. Foi sozinho a pé até casa, passando pela entrada familiar do Prater. Tinha feito este caminho muitas vezes antes – depois de nadar com os amigos no Danúbio, depois de passar o dia no parque, a comer bolos ou cheio de adrenalina. Agora só sentia vazio.

As ruas estavam soturnas e ensanguentadas, de ressaca após a devassidão da noite anterior. Leopoldstadt estava devastada, com os pavimentos nas ruas de comércio e no Karmelitermakt cobertas de pedaços de vidro e de madeira.

Fritz chegou ao apartamento, aos braços da mãe e das irmãs. «Onde está o papá?», perguntaram. Ele contou-lhes o que tinha acontecido e que o pai tinha ficado detido. Mais uma vez, surgiram-lhes na mente os terríveis nomes: Dachau, Buchenwald. Esperaram toda a noite, mas não chegou nenhuma notícia. Perguntaram repetidamente, mas não conseguiram saber nada.

Pelo mundo, as notícias do *pogrom* foram recebidas com repugnância. Os Estados Unidos retiraram o seu embaixador de Berlim, como protesto⁷, o presidente declarou que as notícias «tinham afectado profundamente o povo americano». «Tive dificuldade em acreditar que tal coisa pudesse ocorrer no século xx»⁸, disse. Em Londres, *The Spectator* (na altura uma revista liberal de esquerda) afirmou: «A barbárie na Alemanha é de tal ordem, é marcada por uma inumanidade tão diabólica e tem as marcas de uma inspiração oficial tão inconfundível, que as suas consequências [...] ainda não se conseguem prever.»⁹

Mas os nazis desvalorizaram as acusações de atrocidade como sendo falsos relatos concebidos para distrair do verdadeiro ultraje – o assassinio terrorista judeu de um diplomata alemão. Felicitavam-se a si mesmos por terem dado aos judeus um merecido castigo, uma «expressão de uma justa repulsa entre os vários estratos do povo alemão»¹⁰. As condenações do estrangeiro foram desvalorizadas, como sendo «nojentas invenções dos conhecidos centros de imigração de Paris, Londres e Nova Iorque, guiadas pela imprensa mundial de influência judaica»¹¹. A destruição das sinagogas significava que os judeus «já não podem conspirar contra o Estado sob a cobertura dos serviços religiosos»¹².

Fritz, Tini, Herta, Edith e Kurt aguardaram durante aquela sexta-feira sem conseguir saber alguma coisa sobre Gustav. Depois, quando o Sol se pôs e o Sabat começou, houve uma pancada na porta. Nervosa, Tini foi abrir. E ali estava ele, o marido, vivo.

Exausto, esfomeado, desidratado, mais desolado do que nunca, Gustav entrou, como que ressuscitado dos mortos, para ser recebido com uma explosão de alegria e de alívio. Contou a sua história. Os oficiais nazis tinham tido conhecimento de que ele combatera na Grande Guerra e velhos amigos entre os polícias tinham confirmado os seus muitos ferimentos em combate e as condecorações. A ordem que vinha do topo das SS era para excluir os veteranos dos ajuntamentos, bem como os doentes, os idosos e os mais jovens¹³. Nem sequer os nazis iriam tão longe ao ponto de condenar um herói da guerra a um campo de concentração. Gustav Kleinmann foi libertado.

Durante os dias seguintes começaram os transportes. Frotas de carrinhas de polícia Grüne Heinrich^[x] revezavam-se à porta das esquadras por toda a cidade, cheias de homens judeus – alguns deles também veteranos de guerra, mas sem as condecorações ou os conhecimentos de Gustav na polícia. Dirigiam-se todos para o mesmo destino: a rampa de carga da estação de comboios Westbahnhof. Dali, os prisioneiros eram enfiados em vagões de mercadoria. Uns iam para Dachau, outros para Buchenwald. Muitos nunca mais voltariam a ser vistos.

אבא

De forma ausente, Gustav torceu uma tira de tecido entre os dedos: um retalho, um desperdício, um resquício do seu sustento. Pela rua ecoava o som dos martelos, enquanto um trabalhador pregava as tábuas que cobriam as montras partidas de uma loja de um judeu. Já não era de um judeu.

Ao olhar para a Im Werd, para o mercado e para Leopoldsgasse, ele contou os negócios que antes pertenciam a amigos judeus e estavam agora vazios ou nas mãos de não judeus. Tal como os vizinhos que o tinham entregado, a ele e a Fritz, aos SA, muitos dos novos proprietários tinham sido amigos das pessoas cujas lojas ocuparam. Havia a perfumaria Ochshorn no canto mais afastado da praça do

mercado, agora nas mãos de Willi Pöschl, um vizinho do prédio de Gustav. Os talhantes e os vendedores de aves e de fruta tinham perdido as suas bancas no mercado. Outra amiga de Gustav, Mitzi Steindl, tinha participado activamente na expulsão dos judeus e na apreensão dos seus negócios. Tinha sido pobre antes de tudo isto e Gustav tinha-lhe dado muitas vezes trabalho como costureira só para a ajudar.

Com toda uma classe marcada como inimiga do povo, e a oportunidade de um lucro instantâneo, amigos tinham-se virado contra amigos, sem hesitação ou escrúpulos. Muitos revelaram-se na provocação, na intimidação, na pilhagem, nas agressões e nas deportações. Aos olhos de todos, excepto uma minoria, os judeus não podiam ser amigos, pois, como pode um animal perigoso e predador ser amigo de um ser humano? Era inconcebível.

Um jornalista inglês observou: «É verdade que os judeus na Alemanha não foram formalmente condenados à morte. Só foi tornado impossível poderem viver.»¹⁴ Face a esta impossibilidade, centenas suicidaram-se, aceitando o inevitável e libertando-se de uma vida vazia e sem esperança. Muitos mais decidiram partir e encontrar uma vida noutra sítio. A partir da *Anschluss*, os judeus da Áustria começaram a tentar emigrar e, agora, os números e o seu desespero tinham aumentado.

משפחה

Gustav e Tini falaram sobre partir. Tini tinha familiares e amigos que tinham ido para a América há muitos anos. Mas trocar o *Reich* por um lugar melhor tinha-se tornado extremamente difícil para uma família judaica sem riqueza nem influência. Nos cinco anos e meio desde que os nazis tinham subido ao poder na Alemanha, dezenas de milhar de judeus haviam emigrado, mas todas as nações do mundo foram aumentando a sua resistência ao fluxo de migrantes e de refugiados.

Na Áustria, a emigração judaica – e a vida em geral – estava agora sob controlo de Adolf Eichmann. Antigo escriturário, austríaco por nascimento, com a informação e o braço armado das SS, Eichmann tinha-se tornado o maior especialista da organização em cultura e assuntos judeus¹⁵. A solução dele para o «problema judeu» era, primeiro que tudo, encorajar os judeus a partir, através do Gabinete Central para a Emigração Judaica. Ele reactivou o Israelitische Kultusgemeinde (IKG), a organização cultural e de assistência social dos judeus em Viena, e forçou os seus líderes a tornar-se parte do seu aparelho. O IKG compilava informação sobre os judeus e coordenava a burocracia exigida para a sua partida.

Apesar de quererem que os judeus partissem, os nazis não conseguiam resistir a tornar o processo o mais cruel possível. Retiravam-lhes toda a riqueza quando passavam pelo sistema, impondo variadas taxas extorcionárias e multas, incluindo um imposto de «fuga do *Reich*» de 30 por cento dos seus bens e um imposto de «expição» de 20 por cento (um castigo pelos «abomináveis crimes» judeus)¹⁶, além de pesados subornos e de uma taxa cambial para moeda estrangeira que era puro roubo. Além disso, os impostos pagos pelos requerentes só tinham validade de alguns meses e, muitas vezes, garantir um visto demorava mais tempo do que isso. Os candidatos a emigrantes acabavam muitas vezes de novo na estaca zero e tinham de voltar a pagar tudo. Em resultado disto, o governo nazi tinha de emprestar dinheiro ao IKG, para ajudar os judeus pobres a obterem os seus

bilhetes de viagem e a moeda estrangeira¹⁷. Desta forma, o ódio dos nazis emperrou o trabalho da própria máquina que eles tinham criado para o implementar.

Encontrar um sítio para onde emigrar era a parte mais difícil. Por todo o mundo, pessoas condenavam os nazis e criticavam os seus próprios governos por fazerem pouco para receber refugiados. Mas estas eram em número muito inferior às que não queriam imigrantes entre si, para lhes tirar os empregos e alterar as suas comunidades. A imprensa alemã fazia chacota da hipocrisia de um mundo que fazia tanto barulho de indignação sobre o supostamente deplorável suplício dos judeus, mas pouco ou nada fazia para ajudar. *The Spectator* escrevia: «um ultraje, sobretudo para a consciência cristã, que o mundo moderno com toda a sua imensa riqueza e recursos não consiga dar a estes exilados um lar»¹⁸.

Para a família Kleinmann, a sua cidade tinha-se tornado, nas palavras de um jornalista britânico:

[...] uma cidade de perseguição, uma cidade de sadismo [...] nenhuma quantidade de exemplos de crueldade e de bestialidade podem mostrar ao leitor que não sentiu a atmosfera de Viena, o ar que os judeus austríacos têm de respirar [...] o terror a cada toque da campainha da porta, o cheiro da crueldade no ar [...] Sintam essa atmosfera e podem compreender por que famílias e amigos se separam para emigrar para os vários cantos da Terra¹⁹.

Mesmo após a Noite de Cristal, os governos estrangeiros, a imprensa conservadora e as democracias vigentes continuaram a manter-se firmes sobre deixarem entrar apenas um punhado de judeus imigrantes. Quando as pessoas do Ocidente olhavam para a Europa, viam não apenas as poucas centenas de milhar de judeus na Alemanha e na Áustria, mas, atrás destes, também os milhares nos outros países da Europa de Leste, e os três milhões na Polónia; todas estas nações tinham, recentemente, promulgado leis anti-semitas.

«É um espectáculo vergonhoso», disse Adolf Hitler, «ver como todo o mundo democrático está a emanar simpatia pelo pobre povo judeu atormentado, mas se mantém frio e intransigente quando se trata de o ajudar.»²⁰ Hitler escarneceu da «alegada consciência» de Roosevelt, enquanto, em Westminster, membros do parlamento de todos os partidos falavam da necessidade de ajudar os judeus, mas o secretário de Estado para os Assuntos Internos, Sir Samuel Hoare, avisava sobre «uma corrente subjacente de suspeição e de ansiedade sobre o influxo de estrangeiros e aconselhava contra a imigração em massa»²¹. No entanto, os membros, incitados pelos parlamentares do Partido Trabalhista, George Woods e David Grenfell, insistiram numa estratégia concertada para ajudar as crianças judias – para salvar «a jovem geração de um grande povo» que «nunca deixou de [...] fazer uma grande e generosa contribuição» para o estilo de vida das nações que lhe deram asilo²².

Entretanto, os judeus no *Reich* só podiam passar os dias em filas nos consulados das nações ocidentais e esperar e ter esperança de que as suas candidaturas fossem bem-sucedidas. Para os milhares nos campos de concentração, um visto de emigração era a única esperança. Centenas de pessoas em Viena eram agora sem-abrigo e muitas tinham relutância em se candidatar para emigrar, com medo de serem presas²³.

Gustav não tinha dinheiro nem bens, por isso, não conseguia arranjar os fundos para comprar uma solução através da burocracia sugadora de sangue. Também tinha pouca confiança na sua capacidade para começar uma vida nova num país estrangeiro. A palavra final era de Tini, que simplesmente não

conseguia encarar a ideia de partir. As raízes dela estavam em Viena, onde nascera e crescera. Na idade dela, para onde poderia ir sem se sentir arrancada à sua terra natal? Os filhos eram outro problema. Ela estava sobretudo preocupada com Fritz, de 15 anos. Os nazis já o tinham levado uma vez e podiam voltar a levá-lo. Não demoraria muito até perder a protecção da idade.

Em Dezembro de 1938, mais de mil crianças judias deixaram Viena em direcção à Grã-Bretanha – as primeiras de umas cinco mil que se projectava serem aceites pelo governo do Reino Unido, fazendo finalmente jus às suas palavras²⁴. Mais de 10 mil acabariam por encontrar segurança na Grã-Bretanha através do Kindertransport. No entanto, mesmo estas eram apenas uma fracção daquelas que precisavam de refúgio. Os britânicos propuseram abrir a Palestina a outras 10 mil crianças. Tini ouviu falar nesta proposta e tinha esperança de colocar Fritz num dos transportes²⁵. Tinha idade suficiente para aguentar ser enviado para fora e para se sustentar através do trabalho, o que não acontecia com o pequeno Kurt, de 8 anos. As conversações na Palestina arrastaram-se durante meses. Os árabes receavam ser invadidos na sua própria terra, perdendo a maioria dos direitos de que actualmente desfrutavam e de sacrificar todas as suas esperanças de um estado palestino independente. As conversações falharam²⁶.

Enquanto o resto da sua família se preocupava e hesitava, Edith Kleinmann estava absolutamente determinada a partir. Além da humilhação e do abuso que tinha sofrido, o seu espírito extrovertido e activo não aguentava este encarceramento, que parecia uma espécie de prisão. Custasse o que custasse, tinha de sair dali.

Edith tinha os olhos na América e obtivera os dois depoimentos ajuramentados de que necessitava, dos familiares da mãe que lá estavam e estavam dispostos a dar-lhe abrigo e apoio. Assim preparada, no final de Agosto de 1938, estava registada no consulado americano para iniciar o processo de candidatura²⁷. O sistema estava a rebentar com candidaturas e era deliberadamente apertado em ambas as pontas, pelo departamento de Estado e pelo regime nazi. Com o fim do ano a aproximar-se, Edith estava perante a perspectiva de ficar presa em Viena para sempre. Depois da Noite de Cristal, impaciente com a espera, decidiu que a Inglaterra parecia mais promissora.

Desde o início do Verão que um grande número de judeus – sobretudo mulheres, que passavam com mais facilidade no processo de aprovação – tinha decidido que a Grã-Bretanha era o sítio a tentar. Anúncios esperançosos tinham começado a aparecer na secção de classificados do *The Times*²⁸. Os anunciantes eram desde empregadas domésticas a cozinheiros, motoristas e amas, de ferreiros a doutorados, professores de piano, mecânicos, professores de línguas, jardineiros e contabilistas. Muitos ofereciam-se para empregos abaixo das suas qualificações. Eram recorrentes as mesmas auto-recomendações: «bom professor», «cozinheiro perfeito», «bom faz-tudo», «com experiência», «excelente carácter». Com o passar do tempo, os anúncios começaram a tornar-se palpavelmente desesperados: «qualquer trabalho», «procura com urgência», «com filho de 10 anos (num lar de crianças, se necessário)», «imediato»... um clamor de pessoas com as paredes da prisão a subirem à sua volta e as portas a fecharem-se.

Empregadas domésticas certificadas tinham a melhor hipótese de obter um visto²⁹. Uma vizinha próxima dos Kleinmann, Elka Jungmann, colocou um anúncio que era típico, como centenas de outros:

COZINHEIRA, com testemunhos de serviço (judeus), também governanta, faz todo o trabalho doméstico, procura colocação – Elka Jungmann, Viena 2, Im Werd 11/19³⁰.

Enquanto aprendiz de chapelaria, Edith não tinha habilitações domésticas para oferecer e não estava com vontade de aprender nenhuma. Vestia-se bem, vivia bem e via-se como sendo uma senhora. Limpar a casa? Não estava na sua natureza. Mas Tini tomou conta do assunto, ensinou-lhe o que podia e arranjou-lhe colocação como empregada de uma família judia local. Edith trabalhou lá durante um mês e eles, generosamente, deram-lhe uma declaração que certificava que tinha trabalhado seis. Com uma sorte incrível, Edith conseguiu obter um contrato de trabalho em Inglaterra. Tudo o que precisava agora era de um visto e de permissão das autoridades nazis.

Esta era a parte difícil. O governo britânico só dava uma mão-cheia de vistos por dia³¹. A fila no consulado britânico era longa e dolorosamente lenta. Todos os membros da família fizeram turnos a guardar o lugar de Edith na fila 24 horas por dia. O frio era muito, mas eles mantiveram-se no seu lugar enquanto a fila avançava, dia a dia. Os passeios à frente dos vários consulados estavam entupidos com requerentes, que eram periodicamente dispersados pela polícia. Às vezes, os SA apareciam e açoitavam os judeus com cordas³². Demorou uma semana inteira até Edith chegar ao grande portão do Palais Caprara-Geymüller, onde era o consulado britânico³³. Foi recebida e entregou a sua candidatura. Depois esperou. Por fim, no início de Janeiro de 1939, foi-lhe atribuído um visto.

A partida de Edith era dolorosa para toda a gente. Ninguém podia imaginar como ou quando voltariam a encontrar-se. Ela embarcou num comboio e desapareceu das vidas deles em direcção a uma nova existência, deixando um vazio na família.

Em poucos dias, estava a bordo de um *ferry*, a atravessar o Canal da Mancha e a deixar para trás o terror e o abuso e o perigo, mas também tudo aquilo que conhecia e toda a gente que amava, com receio do que lhes podia acontecer. Muitos anos mais tarde, depois de envelhecer, quando falava com os filhos sobre esta época, neste ponto fazia silêncio, como se a dor ainda permanecesse demasiado aguda, muito tempo depois de tudo o resto ter deixado de ferir – a memória da partida mais forte do que qualquer outra.

משפחה

Em Viena, a sitiada comunidade judaica era um fantasma de si própria. Um visitante que chegou no início do Verão de 1939 achou que esta era pior do que qualquer coisa na Alemanha. Ruas inteiras de lojas e casas em Leopoldstadt, de onde os judeus tinham sido expulsos, estavam vazias, e as antigas ruas movimentadas estavam desertas. «Parece uma cidade morta.»³⁴

A Juventude Aliyah sionista, cujo propósito oficial era preparar os jovens judeus para a vida de *kibbutz* na Palestina, fez um trabalho heróico entre as crianças, fornecendo instrução, formação em ofícios e em medicina, e ajuda. Mais de dois terços dos judeus que permaneciam em Viena dependiam agora da caridade, sobretudo no seio da própria comunidade. Saíam de casa o menos que podiam. Na maioria dos bairros era perigoso estarem na rua depois de anoitecer, sobretudo em noites

em que decorressem reuniões do Partido Nazi. Havia sempre alguma brutalidade depois de os SS e os SA se terem alimentado de discursos. Alguns bairros eram demasiado perigosos a qualquer hora do dia ou da noite.

No apartamento, a família Kleinmann mantinha-se junta, a tentar ocupar o espaço deixado por Edith. Kurt ia a uma das escolas improvisadas, enquanto o irmão e a irmã faziam o que podiam para ajudar os pais. Naquele Verão, Fritz fez 16 anos e tinha de tirar um novo bilhete de identidade. De todas as fotos *J-Karte* da família, a de Fritz – na qual o bonito rapaz, apenas com o colete, fixava com ódio a câmara – era a única que acabaria por sobreviver.

Cartas ocasionais de Edith conseguiam chegar a Viena. Eram curtas e simples. Edith tinha-se dedicado ao trabalho de empregada doméstica e estava bem. Vivia nos subúrbios de Leeds e trabalhava para uma senhora judia russa chamada Brostoff. Nunca escrevia nada sobre os seus sentimentos.

As cartas de Edith continuaram a chegar durante aquele Verão, depois, abruptamente, pararam. A 1 de Setembro, a Alemanha invadiu a Polónia. O Reino Unido e a França declararam-lhe guerra e uma barreira impenetrável caiu entre Edith e a sua família.

Nove dias depois, um golpe ainda mais forte abateu-se sobre eles. A 10 de Setembro, Fritz foi apanhado pela Gestapo.

XXX

Uma nova onda de detenções estava a percorrer o *Reich*. Com a Alemanha em guerra com a Polónia, todos os judeus de origem polaca eram classificados como estrangeiros inimigos³⁵. Como cidadão austríaco, nascido e criado, Gustav devia estar a salvo. No entanto, as pessoas que o conheciam bem sabiam que ele tinha nascido no antigo reino de Galícia. Desde 1918 que a Galícia se tinha tornado parte da Polónia e, para a Alemanha, qualquer judeu ali nascido era polaco e uma ameaça à segurança.

A machadada foi dada num domingo, quando Tini estava no apartamento com Herta, Fritz e Kurtz. Houve uma pancada forte na porta que os fez encolher-se com terror.

Tini abriu a porta com cuidado e espreitou. Quatro homens olhavam para ela, todos vizinhos. Ela reconheceu cada rosto. Cada linha por baixo dos olhos e cada pêlo das suas caras lhe era familiar. Todos eram trabalhadores, como Gustav – amigos com mulheres que ela conhecia, cujos filhos tinham brincado com os dela. Ali estava Friedrich Novacek, engenheiro, e o principal entre eles, Ludwig Helmhacker, carvoeiro³⁶. Estes eram os mesmos homens que tinham entregado Gustav às autoridades na Noite de Cristal, e Ludwig e o seu pequeno gangue de nazis traidores tinham telefonado muitas vezes desde então.

– O que queres de nós agora, Wickerl? – perguntou Tini, em desespero, quando a empurraram e entraram no reduzido apartamento. (Apesar de tudo, não conseguia deixar de tratar Ludwig pelo seu familiar diminutivo.) – Sabes que não temos nada, nem sequer comida³⁷.

– Queremos o teu marido – disse Ludwig. – Temos ordens e se Gustl^[xi] não estiver aqui temos de levar o rapaz – e acenou com a cabeça para Fritz.

Parecia que lhe tinham dado um pontapé. Não havia nada que Tini pudesse dizer para mudar o que estava a acontecer. Eles agarraram no seu precioso rapaz e saíram com ele pela porta. Ludwig parou antes de partir.

– Vamos levar o Fritzl à polícia e quando Gustl se apresentar, o rapaz pode voltar para casa.

Quando Gustav regressou, mais tarde, encontrou a família em pânico e sofrimento. Quando ouviu o que tinha acontecido, não hesitou. Deu meia volta e dirigiu-se para a porta, com intenção de ir direito à polícia. Tini agarrou-lhe o braço.

– Não vás – disse ela. – Eles vão levar-te.

– Não vou deixar o Fritzl nas mãos deles – dirigiu-se para a porta outra vez.

– Não! – implorou Tini. – Tens de fugir, ir para algum sítio e esconderes-te.

Não havia forma de o demover. Deixando Tini em lágrimas, Gustav caminhou apressado até à esquadra de polícia de Leopoldsgasse. Agarrando na sua coragem com ambas as mãos, entrou e dirigiu-se à recepção. O agente de polícia de serviço olhou para ele.

– Sou Gustav Kleinmann – disse. – Estou aqui para me entregar. Têm o meu filho. Fiquem comigo e deixem-no ir.

O polícia olhou à volta.

– Vai-te embora – sussurrou. – Desaparece daqui.

Perplexo, Gustav abandonou o edifício. Foi para casa e encontrou Tini aliviada por o ver e, ao mesmo tempo, desolada por Fritz ainda estar ausente.

– Vou tentar de novo – disse ele.

– Eles vêm buscar-te antes disso – disse ela.

Mais uma vez, implorou-lhe que fugisse e se escondesse, mas ele recusou.

– Foge agora – insistiu ela – ou ligo o gás e mato-me.

Kurt e Herta observavam, aterrorizados. A resiliência dos pais era o norte da família e vê-los reduzidos ao desespero era chocante.

Tini acabou por conseguir convencer Gustav. Ele saiu do apartamento com a promessa de encontrar um sítio para se esconder. Durante todo esse dia e início da noite, Tini aguardou, em tensão, à espera da pancada na porta. Não veio. Em vez disso, mais tarde, foi o próprio Gustav a regressar. Não tinha para onde ir e não aguentava deixar Tini e as crianças sozinhas toda a noite. Não havia forma de saber quem os nazis levariam a seguir se não o encontrassem.

Às duas da manhã chegaram – a pancada ensurdecadora na porta, a maré de homens a entrar no apartamento, as ordens gritadas, as mãos a agarrar Gustav, o choro, os pedidos, as últimas palavras desesperadas entre marido e mulher. Foi autorizado a levar algumas roupas – uma camisola, um cachecol e um par extra de meias³⁸. E depois acabou tudo. A porta bateu e Gustav desaparecera.

[viii] Amigos suficientemente próximos para se tratarem por tu.

[ix] «Judeu ou não judeu?»

[x] Literalmente, «Henrique Verde», a alcunha dada às carrinhas da polícia.

[xi] Diminutivo afectuoso usado no Leste da Áustria, como, por exemplo, Fritzl e Gustl.

Segunda parte

Buchenwald

Sangue e pedra: campo de concentração de Buchenwald

אבא

Depois de garantir que estava sozinho, Gustav agarrou no pequeno bloco-notas e no lápis. Escreveu na sua letra nítida e angular: «Cheguei a Buchenwald a 2 de Outubro de 1939, após dois dias de viagem de comboio.»

Tinha passado mais de uma semana sobre essa terrível chegada e muita coisa tinha acontecido. Mesmo o relato mais conciso consumiria as preciosas folhas do bloco. Ele tinha conseguido mantê-lo escondido e sabia que o matariam se o encontrassem com ele. Não havia forma de saber se alguma vez sairia daquele lugar. Independentemente do que acontecesse, aquele diário seria sua testemunha.

Alisou a página e continuou a escrever: «Da estação de comboios de Weimar corremos para o campo...»

בן

A porta do vagão abriu-se, inundando o interior com luz. De imediato, apareceu um coro infernal de ordens gritadas e de cães a rosnar. Fritz pestanejou e olhou à volta, atordado pelo ataque aos seus sentidos¹.

Parecia que tinha passado uma eternidade desde que Wickerl Helmbacker e os seus comparsas tinham arrancado Fritz à mãe. A única coisa que o consolava era que, uma vez que não tinha sido libertado, isso deveria significar que o pai se tinha livrado em segurança.

Fritz tinha sido inicialmente levado para o Hotel Metropole, a sede da Gestapo de Viena. Um grande número de homens judeus tinha sido preso e as SS estavam com dificuldade em acomodá-lo. Após alguns dias nas celas da Gestapo, Fritz foi transferido com milhares de outros para o estádio de futebol perto do Prater. Ali foram mantidos sob vigilância, amontoados e em condições insalubres, durante quase três semanas. Acabaram por ser levados para a estação de comboios Westbahnhof e carregados em vagões de gado.

A viagem para a Alemanha arrastou-se durante dois dias. Fritz, apertado entre os corpos, era embalado pelas sacudidelas do comboio e oprimido pela proximidade de estranhos, um rapaz de 16 anos entre uma multidão de homens ansiosos e suados. Eram de todos os tipos imagináveis: o pai de classe média, o empresário, o intelectual de óculos, o operário barbudo, o feio, o bonito, o imponente, o aterrorizado, o que levava tudo nas calmas, o trémulo de indignação, o assustado até ao tutano. Uns estavam calados, outros murmuravam ou rezavam, alguns falavam sem parar. Cada homem um indivíduo com mãe, mulher, filhos, primos, uma profissão, um lugar na vida de Viena. Mas para os homens de uniforme do lado de fora do vagão, apenas gado.

– Saíam porcos judeus! Saíam-saiam-saiam!

Ali estavam eles a sair para a luz. Atordoados, enraivecidos, confusos, amedrontados, desnorteados – 1035 judeus a descer dos vagões de gado para as rampas da estação de Weimar no meio de uma tempestade de insultos, golpes e cães a rosar². Uma multidão de habitantes locais aparecera para ver o transporte chegar. Estavam atrás dos guardas das SS, a escarnecer e a insultar.

Os prisioneiros – muitos com sacos, trouxas e até malas de viagem – eram empurrados e agredidos enquanto lhes gritavam para formarem filas. Da rampa de carga foram conduzidos para um túnel, depois de novo para o ar e incentivados a correr. A multidão seguiu-os durante um bocado, ao longo da estrada da cidade que seguia para norte.

– Corram, porcos judeus, corram.

Fritz forçou as pernas perras a correr. Se algum homem caísse, olhasse para trás ou parecesse estar a abrandar o passo, ou se falasse com alguém, levava com a coronha de uma espingarda nos ombros, nas costas, na cabeça.

Estes SS eram piores do que os que Fritz tinha visto em Viena. Pertenciam às Totenkopfverbände – as unidades «Cabeça da Morte». Nos bonés e nos colarinhos tinham insígnias com crânios e ossos cruzados e a sua brutalidade ia além de qualquer razoabilidade humana. Bêbedos e sádicos, com mentes atrofiadas ou perversas, almas deformadas – investidos de um sentimento de destino e de poder quase ilimitado, treinados para acreditar que eram soldados numa guerra contra um inimigo interno.

Fritz correu e correu para um inferno de violência sem fim à vista. A rua da cidade deu lugar a quilómetros após quilómetros de estrada rural. Os prisioneiros eram gozados e cuspiam-lhes. Os homens que tropeçavam, enfraquecidos pela idade, pela fadiga ou pelo peso da bagagem, eram imediatamente mortos a tiro. Um homem que parasse para apertar um atacador, ou caísse, ou pedisse água, era morto sem hesitação. A estrada, que subia uma longa encosta, levava a uma floresta densa. Ali, os prisioneiros foram desviados para uma nova estrada de cimento. Os veteranos chamavam-lhe Estrada de Sangue. Muitos prisioneiros morreram ao percorrê-la e o seu sangue juntava-se ao dos recém-chegados.

Enquanto corria, com os pulmões a explodir, Fritz pensou reconhecer uma figura alta, magra e familiar à sua frente. Acelerando o passo, aproximou-se. Tinha razão. Aqui, contra todas as expectativas, estava o seu pai! Em esforço, a pingar suor, com o pequeno embrulho de roupa que Tini lhe tinha feito debaixo do braço.

Para Gustav, era como se Fritz tivesse aparecido do nada. Não era altura de surpresa ou de reuniões emocionadas. Mantendo a boca fechada e permanecendo juntos, penetraram mais na multidão para evitar as pancadas aleatórias, bloquearam a mente para os esporádicos tiros e seguiram com a manada monte acima, cada vez mais para dentro da floresta.

O monte era Ettersberg, completamente coberto por densas florestas de faia. Durante um século tinha sido um terreno de caça dos duques de Saxe-Weimar e, mais recentemente, era um sítio popular de piqueniques. Tinha sido um retiro para artistas e intelectuais, famosamente associado a escritores como Schiller e Goethe³. A cidade de Weimar era o próprio epicentro da herança cultural clássica

alemã. Ao construir um campo de concentração no Ettersberg, o regime nazi estava a colocar a sua própria marca naquela herança.

Por fim, após 8 quilómetros que os prisioneiros tinham levado mais de uma hora a percorrer, a Estrada de Sangue virava para norte e surgia um vasto espaço aberto na floresta. Tinha edifícios espalhados, de todos os formatos e feitios, alguns terminados, outros ainda em construção, muitos acabados de começar. Essas eram as casernas e as instalações dos SS, a infra-estrutura da máquina em que os prisioneiros eram tanto combustível como grãos. Buchenwald – baptizado por causa da pitoresca floresta de faia que tornava a montanha tão agradável – era mais do que apenas um campo de concentração; era um povoado-modelo das SS, cuja escala acabaria por rivalizar com a da própria cidade. O que acontecia aqui entre as faias iria um dia suplantar toda a herança germânica de Weimar. Muitas das pessoas aqui presas não lhe chamavam Buchenwald, mas Totenwald – Floresta dos Mortos⁴.

Mais à frente a estrada estava bloqueada por um portão largo e baixo numa vedação imensa. Era a entrada do campo de prisioneiros. No portão havia dois *slogans*. Por cima, no lintel, estava inscrito:

RECHT ODER UNRECHT – MEIN VATERLAND

Certa ou errada, a minha pátria: a própria essência do nacionalismo e do fascismo. E no ferro forjado do portão:

JEDEM DAS SEINE

A cada um o seu. Também podia ser interpretado como cada um tem o que merece.

Exaustos, a suar, a sangrar, os recém-chegados atravessaram o portão. Eram agora 1010: 25 dos homens que tinham partido de Viena eram agora cadáveres ao longo da Estrada de Sangue⁵.

Encontraram-se dentro de um cordão intransponível: o enorme campo estava rodeado com uma vedação de arame farpado com 22 torres de vigia a intervalos regulares, equipadas com holofotes e metralhadoras. A vedação tinha três metros de altura e era electrificada com uns letais 380 volts a percorrê-la. O exterior era patrulhado por sentinelas e, no interior, havia uma faixa de areia chamada «zona neutra». Qualquer prisioneiro que a pisasse seria abatido a tiro⁶.

Logo após o portão havia um campo de manobras – o Appelplatz, ou a praça da chamada. Mais à frente, ao longo de um dos lados, estavam as cabanas das casernas, construídas de forma ordeira em filas, pela encosta do monte, com blocos maiores de dois pisos por trás. Gustav e Fritz e os restantes recém-chegados foram colocados em filas na praça da chamada. Estavam em pé, perante armas apontadas, constrangidos e desgrenhados, nas suas roupas sujas, fatos e roupa de trabalho, camisolas e camisas, gabardinas, chapéus de feltro e sapatos de domingo, botas de trabalho, com barba, carecas, de cabelo penteado e de madeixas rebeldes. Enquanto eles estavam de pé, os corpos dos homens assassinados ao longo do caminho foram trazidos para dentro e atirados para o meio das fileiras.

Apareceu um grupo de oficiais das SS muito bem vestidos. Um, de meia-idade, cara inchada e uma postura curvada, destacava-se. Era, sabê-lo-iam mais tarde, o comandante do campo, Karl Otto Koch.

– Então – disse ele –, seus porcos judeus, agora estão aqui. Depois de entrarem já não conseguem sair deste campo. Lembrem-se disso, nunca sairão vivos.

Os homens entraram no registo do campo e a cada um foi atribuído um número de prisioneiro: Fritz Kleinmann, 7290; Gustav Kleinmann, 7291⁷. As ordens chegaram numa gritaria confusa que muitos vienenses tinham dificuldade em compreender, desacostumados aos dialectos alemães. Foram obrigados a despir-se e a marchar para os blocos dos duches, onde se lavaram com água quase insuportavelmente quente (alguns estavam demasiado fracos para o aguentar e sucumbiram). Depois foram imersos em cubas de desinfectante abrasivo⁸. Nus, sentaram-se num pátio para lhes raparem o cabelo e, ainda sob uma chuva de golpes de coronhas de espingarda e de cassetetes, foram obrigados a correr de novo para a praça da chamada.

Ali foram-lhes atribuídos uniformes do campo: cuecas compridas, meias, sapatos, camisa e umas calças e um casaco com umas características riscas azuis, tudo sem forma ou tamanho. Se desejassem, por doze marcos por prisioneiro, podiam comprar uma camisola e luvas⁹, mas poucos tinham sequer um centavo. Todas as suas roupas e pertences – incluindo o pequeno pacote de Gustav – foram-lhes retirados.

Com os escalpes rapados e os uniformes vestidos, os recém-chegados já não eram indivíduos, mas uma massa homogênea identificada apenas por números, sendo as únicas características distintivas uma ocasional barriga gorda ou uma cabeça mais alta que as outras. A violência da chegada tinha-os feito perceber que eram propriedades dos SS e que estes podiam fazer-lhes o que bem entendessem. A cada homem tinha sido atribuído um pedaço de pano com o seu número de prisioneiro, que era obrigado a coser no peito do uniforme juntamente com um símbolo. Ao examinar o seu, Fritz viu que era uma Estrela de David feita com um triângulo amarelo e outro vermelho sobrepostos. Todos os outros homens tinham o mesmo. O triângulo vermelho mostrava que, tendo sido presos sob o pretexto de serem inimigos polaco-judeus, estavam sob suposta «prisão preventiva»¹⁰.

Os prisioneiros estavam agora a ser inspeccionados por outro oficial das SS, que tinha uma cara achatada, como a traseira de uma pá. Este, viriam a saber, era o comandante-adjunto, Hans Hüttig, um dedicado sádico. Observando-os com nojo, ele abanou a cabeça.

– É inacreditável que gente desta tenha podido andar livre até agora – exclamou¹¹.

Foram encaminhados para o «pequeno campo», um recinto de quarentena no canto oeste da praça da chamada, rodeado por um cordão duplo de arame farpado. Lá dentro, em vez de casernas, havia quatro tendas enormes com beliches de madeira com quatro andares¹². Nas últimas semanas, mais de 8000 novos prisioneiros tinham chegado a Buchenwald, mais de vinte vezes a taxa habitual de entradas¹³ e as tendas estavam cheias até às costuras.

Gustav e Fritz tiveram de partilhar um espaço de beliche de apenas dois metros de largura com outros três homens. Não havia colchões, apenas tábuas de madeira. Cada um tinha um cobertor, por isso, pelo menos estavam quentes. Apertados como sardinhas em lata e de barriga vazia, estavam tão cansados que adormeceram de imediato.

No dia seguinte, os novos prisioneiros foram registados junto da Gestapo do campo – as fotografias, a recolha de impressões digitais e o breve interrogatório demoraram a manhã toda. De tarde receberam a sua primeira refeição quente: meio litro de um guisado aguado que continha batatas com a casca e nabos, com um pouco de gordura e de carne a flutuar. O jantar consistiu num quarto de pão e num pequeno pedaço de salsicha. O pão era fornecido inteiro e, como não havia facas, partilhá-lo era um processo aleatório que geralmente criava disputas e discussões invejosas.

Durante oito dias ficaram na quarentena e, depois, foram postos a trabalhar. A maioria foi enviada para trabalhos forçados na pedreira das vizinhanças, mas Gustav e Fritz ficaram a trabalhar na manutenção dos esgotos da cantina. Durante todo o dia os trabalhadores eram agredidos e tratados como escravos. Gustav escreveu no seu diário: «Vi como os prisioneiros são agredidos pelos SS, por isso, tomo conta do meu filho. É feito com o olhar. Percebo a situação e sei como me comportar. O Fritz também.»

Assim terminou a sua primeira anotação. Reviu o que tinha escrito até então, só duas páginas e meia apesar de todo o sofrimento e perigo que já tinham atravessado. Tinham passado oito dias. Quantos estariam para vir?¹⁴

אבא

Gustav percebeu que, para se manter em segurança, era vital não ser notado. Mas dois meses após a chegada a Buchenwald, tanto ele como Fritz atraíram as atenções da maneira mais perigosa de todas. Gustav sem querer e Fritz de forma deliberada¹⁵.

Todas as manhãs, uma hora e meia antes do amanhecer, apitos agudos arrancavam-nos do esquecimento do sono. Apareciam então os *kapos* e o responsável pelo bloco, a gritarem-lhes para se apressarem. Estes homens foram um choque para os recém-chegados. Também eram prisioneiros, sobretudo «homens verdes», criminosos que usavam o triângulo verde nos seus uniformes – nomeados pelos SS para agir como condutores de escravos e supervisores das casernas, o que permitia aos guardas das SS manter uma distância da massa dos prisioneiros.

Enquanto os apitos soavam, Fritz e Gustav calçaram os sapatos e desceram, enterrando-se até aos tornozelos na lama fria do chão da caserna. No exterior, o campo resplandecia com as luzes eléctricas ao longo das linhas da vedação, nas torres dos guardas, nas passagens e nas áreas abertas. Foram encaminhados para a praça, para a chamada, e receberam uma caneca de café de bolota cada um. Era doce, mas não tinha poder de estimulação e estava sempre frio quando o recebiam. Distribuí-lo era um longo processo e tinham de permanecer em silêncio e sem se mexerem, a tremer nas suas roupas finas durante duas horas. Quando era altura de irem trabalhar, o Sol estava a começar a iluminar a paisagem.

Gustav e Fritz tinham apenas desfrutado de uma curta passagem pelo trabalho nos esgotos e tinham agora sido transferidos para o destacamento da pedreira. Em colunas ordenadas, saíram pelo portão principal, viraram à direita para seguir a estrada que descia entre o campo principal e o complexo do alojamento dos SS – um conjunto de edifícios grandes de dois andares, alguns ainda em construção, dispostos num arco, como as pás de uma ventoinha. Os nazis adoravam os seus *designs* grandiosos,

mesmo nos campos de concentração. Uma aparência ilusória de elegância, ordem e significado para camuflar o pesadelo.

Um pouco mais abaixo no caminho, os prisioneiros passaram por uma linha de sentinelas. Fora do campo principal não havia vedações e as áreas de trabalho estavam cercadas por um bem gerido cordão de sentinelas SS. Estavam a doze metros uns dos outros, um a cada dois estava armado com uma espingarda ou uma metralhadora ligeira e os restantes com cassetetes. Uma vez dentro da linha de sentinelas, qualquer prisioneiro que a cruzasse, era morto a tiro sem hesitação. Para os desesperados, correr em direcção à linha era um meio comum de suicídio. Para alguns guardas das SS, obrigar prisioneiros a correr através da linha era o passatempo favorito. Era mantido um «registo de fugas», que inscrevia os nomes dos atiradores das SS e lhes atribuía créditos pelas mortes, que se traduziam em mais tempo de férias.

A pedreira era grande – uma cicatriz pálida e bruta na encosta verde do monte. A partir dela, se alguém levantasse a cabeça, e o nevoeiro e a chuva permitissem, a vista alargada da zona rural estendia-se até ao desfocado horizonte a oeste. Mas ninguém levantava a cabeça. Pelo menos, não por mais de um instante. O trabalho era duro, incessante e perigoso. Os homens de riscas cavavam pedra, partiam pedra, carregavam pedra e eram agredidos pelos *kapos* se relaxassem. Era suposto um *kapo* ser duro, motivado pelo conhecimento de que se os SS estivessem insatisfeitos com ele lhe retiravam o estatuto e o voltavam a colocar entre os prisioneiros, que executariam a sua vingança¹⁶.

Havia um caminho-de-ferro estreito que entrava e saía, onde circulavam enormes vagões de aço, cada um com o tamanho de uma carroça de quinta, para transportar a pedra da pedreira para os locais de construção em torno de Buchenwald. Gustav e Fritz trabalhavam a mover os vagões. Todo o dia, eles e mais 14 homens tinham de empurrar e puxar, encosta acima, numa distância de meio quilómetro, sob as vergastadas e os gritos dos *kapos*, um vagão carregado que pesava cerca de quatro toneladas e meia¹⁷. Os carris estavam colocados sobre uma cama de gravilha, que escorregava e rangia sob os sapatos precários dos homens, ou tamancos de madeira. A velocidade era imperativa e assim que o vagão estava vazio, tinha de voltar de imediato à pedreira, descendo pelos carris de retorno, impulsionado pelo próprio peso, com os 16 homens a agarrá-lo para evitar uma descida descontrolada. As quedas eram frequentes, membros fracturados e cabeças partidas. Muitas vezes, o vagão saía dos carris, por vezes em direcção ao vagão seguinte, deixando um rasto de homens esmagados e desmembrados.

Os feridos eram levados para a enfermaria ou, se eram judeus, para o Bloco da Morte – uma caserna de detenção para os doentes terminais¹⁸. Aos homens com ferimentos incapacitantes era dada uma injeção letal por um médico das SS¹⁹. Até feridas ligeiras podiam ser fatais nas condições insalubres em que os prisioneiros viviam e trabalhavam. Para um homem que visse mal, perder os óculos podia, de facto, ser uma sentença de morte.

Gustav e Fritz labutavam dia após dia, conseguindo evitar tanto os castigos como os ferimentos. «Estamos a pôr-nos à prova», escreveu Gustav no seu diário.

Assim foi durante duas semanas. Depois, a 25 de Outubro, um surto de disenteria e de febre atacou o campo de quarentena. Não tinham fornecimento de água e os trabalhadores da pedreira bebiam das poças, o que alguns acreditavam ser a causa. Com mais de 3500 homens enfraquecidos amontoados

nas suas tendas e o saneamento a consistir apenas numa latrina com um buraco para uma fossa, isto era um campo fértil para a doença. Todos os dias a população se reduzia com dezenas de mortes.

Mesmo assim, a vida triturrante do campo continuou. Todos os dias, rações miseráveis. Todos os dias de pé durante horas para a chamada, sob o frio e a chuva. Todos os dias, espancamentos e ferimentos. Os SS alimentavam uma vingança especial contra um rabi chamado Merkl, que era regularmente agredido com violência e, por fim, forçado a correr através da linha de sentinelas. E isto tudo enquanto a disenteria não era tratada e a contagem de mortos aumentava.

Uns polacos, motivados pela fome, escapuliram-se do campo pequeno e invadiram as cozinhas do campo principal, regressando com 12 quilos de melaço, uma iguaria que animou um pouco a alimentação dos prisioneiros. Foi um prazer de pouca dura. O roubo foi descoberto e todo o campo pequeno foi castigado com dois dias sem ração. Uns dias mais tarde, foi roubado da despensa um caixote de carne enlatada. Os prisioneiros passaram outra vez fome durante dois dias e foram obrigados a ficar de pé, em sentido, na praça da chamada, de manhã até à noite. Enquanto a parada de castigo estava ainda a decorrer, houve uma invasão na suinicultura da quinta a norte do campo e foi roubado um porco. O comandante do campo, Kock (que morava numa agradável casa no complexo Buchenwald e fazia caminhadas ao domingo no zoo que existia em Buchenwald, com a mulher e os filhos pequenos) ordenou pessoalmente que todos passassem fome até o culpado ser apanhado. A roupa de todos os prisioneiros foi inspeccionada, à procura de sinais de sangue ou de serradura do chiqueiro. Os castigos e os interrogatórios duraram três dias, até que, por fim, descobriram que os ladrões eram, na realidade, homens das SS²⁰.

Enfraquecidos pela fome, sujeitos a um trabalho que lhes vergava o espírito, os vivos caminhavam em silêncio e curvados, como espectros dos já mortos.

Então, de repente, as coisas ficaram ainda piores.

בן

A 8 de Novembro de 1939, Adolf Hitler voou para Munique para liderar a comemoração anual do Partido Nazi do falhado *Putsch* da Cervejaria, em 1923, quando ele e os seus seguidores fizeram a primeira tentativa para conquistar o poder na Baviera. Hitler abriu a ocasião com um discurso na grandiosa cervejaria Bürgerbräukeller. Com a guerra apenas no início e a sua planeada invasão da França adiada devido ao mau tempo, o *Führer* planeava voltar a correr para Berlim e, por isso, discursou uma hora antes do previsto. Dezoito minutos após a partida – quando devia estar a meio do discurso – uma bomba escondida numa coluna explodiu com uma força colossal, obliterando as pessoas que estavam por perto e ferindo dezenas de outras²¹.

A Alemanha ficou estupefacta. Embora o autor, Georg Elser, fosse um alemão comunista sem conexão com os judeus, aos olhos dos nazis os judeus eram os responsáveis por tudo de mau que acontecia. No dia seguinte – que por acaso era o aniversário da Noite de Cristal –, vingaram-se de forma brutal nos campos de concentração. Em Sachsenhausen, os SS submeteram os presos a intimidação e tortura, enquanto em Ravensbrück, as mulheres judias foram fechadas nas suas casernas durante cerca de um mês²². Mas estas crueldades não foram nada quando comparadas com o que aconteceu em Buchenwald.

Bem cedo, na manhã de 9 de Novembro, todos os prisioneiros judeus, incluindo Gustav e Fritz, foram levados dos seus locais de trabalho de novo para o campo principal. Foi-lhes ordenado que voltassem para as suas casernas e, quando estava confirmada a presença de todos, o sargento Johann Blank, das SS, deu início ao ritual de punição.

Blank era um sádico. Antigo aprendiz de silvicultura e caçador furtivo da Baviera, era um participante entusiasta no jogo de forçar os prisioneiros a atravessar a linha das sentinelas, executando ele próprio muitos dos assassinios²³. Acompanhado por outros oficiais das SS, ainda ressacados da celebração da noite anterior do *Putsch*, Blank foi de bloco em bloco escolher 21 judeus, incluindo um rapaz de 17 anos que teve a pouca sorte de estar na rua a fazer um recado. Foram levados para o portão principal, onde tiveram de ficar de pé enquanto os homens das SS realizavam uma pequena parada para coincidir com a marcha comemorativa que decorria nessa altura em Munique. Quando terminaram, o portão abriu-se e os 21 judeus foram escoltados pela colina abaixo até à pedreira.

Dentro da sua tenda, Gustav e Fritz não sabiam de nada do que se estava a passar, a não ser os sons que lhes chegavam. Durante muito tempo, só houve silêncio. Depois, de súbito, veio uma salva de tiros, depois outra e outra, seguidas de tiros esporádicos. Depois, de novo silêncio²⁴.

Relatos daquilo que tinha acontecido começaram depressa a circular no campo. Os 21 homens tinham sido levados até à entrada da pedreira, onde tinham sido abatidos a tiro. Alguns tinham conseguido fugir, apenas para serem perseguidos e assassinados entre as árvores.

O dia ainda não terminara. O sargento Blank, das SS, acompanhado pelo sargento Eduard Kinkelmann, viraram então a sua atenção para o pequeno campo. Realizaram uma inspecção das tendas, encontrando problemas em tudo, até ficarem furiosos. Ordenaram aos prisioneiros que fossem para a praça da chamada. Quando estavam alinhados, os *kapos* percorreram as filas, agarraram cada vigésimo homem e empurraram-no para a frente. Chegaram à fila de Gustav e de Fritz: *um, dois, três...* o dedo da contagem a avançar... *dezassete, dezoito, dezanove*: o dedo passou por Gustav... *vinte*: o dedo apontou para Fritz.

Ele foi agarrado e empurrado em direcção às outras vítimas²⁵.

Uma pesada mesa de madeira com correias penduradas foi arrastada até à praça. Qualquer prisioneiro que estivesse ali há mais de uma semana ou duas reconhecia o *Bock* – o banco das chicotadas. Tinha sido introduzido pelo comandante-adjunto Hüttig como forma de punir os prisioneiros e entreter os seus homens²⁶. Todos os prisioneiros tinham testemunhado o seu uso e sentiam terror só de olhar para ele. Os sargentos Blank e Hinkelmann gostavam muito de o usar.

Fritz foi agarrado pelos braços e, com as entranhas do avesso, foi levado para o *Bock*. Tiraram-lhe o casaco e a camisa e baixaram-lhe as calças. Empurraram-lhe a cara em direcção ao tampo da mesa, forçaram-lhe os tornozelos através de duas laçadas e apertaram a correia de couro sobre as suas costas.

Gustav observou com impotente desespero enquanto Blank e Hinkelmann se preparavam. Eles saborearam o momento, agitando os seus chicotes de gado – armas terríveis de couro com um interior de aço. Os regulamentos do campo permitiam um mínimo de 5 chicotadas e um máximo de 25. Hoje, a raiva dos SS não ficava saciada com nada menos do que o número máximo.

A primeira chicotada assentou como um corte de lâmina nas nádegas de Fritz.

– Conta! – gritaram-lhe.

Fritz tinha testemunhado o ritual anteriormente. Ele sabia o que era esperado.

– Uma – disse.

O chicote cortou-lhe a carne de novo.

– Duas – arfou.

Os homens das SS eram metódicos. As chicotadas eram vagarosas, para prolongar a punição e aumentar a dor e o terror de cada golpe. Fritz lutava por se concentrar, sabendo que, se lhes perdesse a conta, as chicotadas podiam recomeçar. Três... quatro... uma eternidade, um inferno de dor... dez... onze... a lutar para se concentrar, para contar correctamente, para não ceder ao desespero nem desmaiar.

Por fim, a contagem chegou às 25. A correia foi alargada e ele foi obrigado a pôr-se de pé. Perante os olhos do pai, foi ajudado a afastar-se, a sangrar, tomado pela dor, a mente atordoada, enquanto o próximo desgraçado era arrastado para o *Bock*.

O ritual obscuro arrastou-se durante horas: dezenas de homens, centenas de golpes lentamente aplicados. Alguns homens sucumbiram à agonia do momento, contaram mal as chicotadas e estas recomeçaram. Nenhum saiu dali sem estar quebrado.

✽✽

Não havia tratamento médico para os judeus, nem folgas, nem período de cicatrização. As vítimas, cortadas e com dores horríveis eram imediatamente atiradas de novo para a rotina diária do campo. Tinham de se aguentar o melhor que podiam, porque sucumbir à dor ou à doença era renderem-se à morte. Em Buchenwald não importava quão más as coisas eram, pois podiam sempre ficar piores, e ficavam, quase todos os dias.

Passaram dois dias e, na chamada da manhã, Fritz permaneceu de pé com considerável dificuldade. Apesar das dores, estava mais preocupado com o pai do que consigo próprio. Gustav não estava nada bem. O castigo da fome tinha sido renovado. A disenteria e a febre ainda grassavam pelo campo e, agora, Gustav tinha apanhado a doença. Estava pálido, febril e atingido pela diarreia. Fritz observava-o pelo canto do olho enquanto os minutos passavam devagar. Neste estado, ele não podia de todo trabalhar. Mal se aguentava de pé durante a chamada.

Gustav balançava, a tremer, quase a perder os sentidos. Os sons começaram a desaparecer, a desaparecer, como se estivesse num poço. Estava inconsciente antes de atingir o chão.

Quando acordou, estava de costas. Algures no interior. Não da tenda. Sobre ele flutuava o rosto de Fritz. De outro homem também. Seria a enfermaria? Isso era impossível, a enfermaria estava vedada aos judeus. No seu confuso estado febril, Gustav percebeu vagamente que devia ser o bloco reservado aos casos terminais, de onde as pessoas raramente regressavam vivas. O Bloco da Morte.

Fritz e o outro homem tinham-no carregado até ali – com Fritz a debater-se com os seus ferimentos. O ar era denso, asfixiante, cheio de gemidos e uma atmosfera de desesperada e impotente morte.

Havia dois médicos. Um, um alemão chamado Haas, era insensível e roubava os doentes, deixando-os morrer à fome. O outro era um prisioneiro, Dr. Paul Heller, um jovem médico judeu de

Praga. Heller fazia o melhor que podia pelos seus doentes, com os escassos recursos que as SS forneciam²⁷. Gustav ficou ali deitado, indefeso, durante dias, com uma temperatura de 38,8° C, algumas vezes lúcido, outras num desvario febril.

Entretanto, Fritz estava cada vez mais preocupado com as condições no pequeno campo. Estavam de novo a não receber alimento. O anúncio no altifalante tinha sido ouvido tantas vezes que era uma espécie de mantra: «A privação de comida será imposta como medida disciplinar.» Só este mês tinham suportado 11 dias de jejum. Alguns dos prisioneiros mais jovens sugeriram implorar aos SS por comida. Fritz, que mal tinha começado a recuperar das chicotadas, estava entre eles. Os prisioneiros mais velhos e sábios, muitos deles veteranos da Primeira Grande Guerra, aconselharam-nos a não o fazer. Agir significava exposição e exposição significava punição ou morte.

Fritz discutiu o assunto com um amigo vienense, Jakob Ihr – cuja alcunha era «Itschkerl» – um rapaz do Prater.

– Não me importo se tivermos de morrer – disse Itschkerl. – Vou falar com o Dr. Blies quando ele chegar.

Ludwig Blies era o médico do campo e embora não fosse um homem bondoso, era mais humano – ou menos insensível – do que outros médicos das SS. Em raras ocasiões já intervieria para parar punições excessivas²⁸. Blies também parecia uma figura acessível: de meia-idade e de aparência desconcertantemente cómica²⁹.

– Está bem – disse Fritz. – Mas vou contigo. E eu é que falo, tu só me apoias.

Quando o Dr. Blies fez a inspecção seguinte, Fritz e Itschkerl apresentaram-se timidamente perante ele. Fritz, com cuidado para não parecer exigente, fez a voz tremer com choro desespero.

– Não temos forças para trabalhar – implorou. – Por favor, dê-nos alguma coisa para comer³⁰.

Fritz tinha pesado cuidadosamente as palavras. Em vez de procurar compaixão, apelou à visão prática que os SS tinham dos prisioneiros enquanto recurso de trabalho. Mas também era extremamente perigoso parecer incapaz para trabalhar. Inútil significava morto.

Blies fixou-o, surpreendido. Fritz era pequeno para a idade e parecia quase uma criança. Com os efeitos dos ferimentos e da fome, tinha um lamentável aspecto. Blies vacilou, com a sua humanidade em conflito com os seus princípios nazis.

– Venham comigo – disse, de repente.

Fritz e Itschkerl seguiram o médico através da praça e até às cozinhas do campo. Ordenando-lhes que esperassem, Blies entrou na despensa e saiu alguns minutos depois com um pão grande de centeio e dois litros de sopa.

– Agora – disse ele, entregando-lhes esta fantástica recompensa – regressem ao vosso campo. Vão!

Eles partilharam a comida – o equivalente a uma ração para meia dúzia de homens – com os homens mais próximos com quem partilhavam os beliches. No dia seguinte, o campo voltou a ter rações completas, aparentemente por ordem de Blies. Os dois rapazes tornaram-se assunto no campo e, daquele dia em diante, Itschkerl tornou-se um dos melhores amigos de Fritz.

Com o passar dos dias, Fritz visitava o pai no Bloco da Morte sempre que podia. A disenteria não o matou e o pior tinha passado. No entanto, era óbvio para Gustav que ele nunca ficaria bom neste

ambiente insalubre e pestilento. Após duas semanas, pediu para ter alta, mas o Dr. Heller não o deixou sair. Estava demasiado fraco para sobreviver.

Gustav estava determinado. Desobedecendo às ordens do médico, pediu a Fritz que o ajudasse a levantar-se. Pai e filho escapuliram-se juntos do Bloco da Morte. No momento em que saiu para o ar fresco, Gustav começou a sentir-se melhor e, com o braço em torno dos ombros de Fritz, regressaram ao pequeno campo, com Fritz a guiar os passos vacilantes do pai.

Mesmo na tenda lamacenta e sobrelotada, a atmosfera parecia mais fresca do que na ala médica e Gustav começou a recuperar as forças. No dia seguinte deram-lhe um trabalho ligeiro, a limpar as latrinas e a alimentar a fornalha³¹. Comeu melhor e recuperou um pouco a saúde.

Fritz também estava a recuperar dos ferimentos. Mas havia sempre um limite para a saúde de uma pessoa em Buchenwald. Eles eram ambos magros. Gustav, que tinha sido sempre elegante, ficara reduzido a 45 quilos durante a doença. A nova reputação de esperteza de Fritz tinha-o tornado popular não apenas entre os prisioneiros normais, mas até entre alguns dos seniores do campo – os funcionários prisioneiros mais bem colocados. Mas a realidade permanecia: quaisquer benesses eram mínimas e as consolações pouco mais eram do que um adiamento da morte. «Escrevo para me esquecer de onde estou», anotou Gustav.

Com o primeiro Inverno no campo a aproximar-se, ele e Fritz estavam agradecidos por receber de casa um pacote com roupa interior nova. Era permitido receberem esse tipo de coisa, mas não podiam enviar quaisquer comunicações. Uma carta acompanhava o pacote. Tini estava a tentar arranjar forma de as crianças – incluindo Fritz – irem para a América, mas avançava pouco perante a burocracia. De Edith não havia notícias. Onde estava e o que estaria a fazer era uma incógnita.

A trituradora de pedra

בת

O céu nocturno sobre o Norte de Londres estava de um negro-profundo, salpicado com estrelas e listado com a neblina da Via Láctea, e tinha uma fatia brilhante do quarto crescente da Lua a flutuar. A nação estava em guerra e, por segurança, envolta em escuridão, por isso, os céus tinham toda a iluminação por conta própria.

Edith Kleinmann olhou para as mesmas estrelas que percorriam os céus de Viena, onde a sua família, se Deus quisesse, estava toda em segurança. Não recebia quaisquer notícias, apenas receios. Ansiava saber como estavam a mãe e o pai, a irmã e os irmãos, amigos e familiares. Edith tinha notícias que estava a morrer por partilhar. Tinha conhecido um homem. Não qualquer homem, mas *o* homem. O nome dele era Richard Paltenhoffer e era um exilado, como ela.

Nos primeiros meses que passou em Inglaterra não tinha acontecido nada. A sua colocação, arranjada através do Jewish Refugees Committee, o JRC, era como empregada interna de Rebecca Brostoff, uma senhora judia russa na casa dos 60 anos, que tinha uma verruga proeminente no nariz e uma casa nos pacatos subúrbios. O marido, Morris, era um comerciante de cerdas e estavam bem na vida. Ambos tinham nascido na Rússia e tinham sido refugiados na sua juventude¹.

Leeds não era nada parecido com Viena. Era uma dispersa cidade industrial, toda de tijolo escurecido pela fuligem e arquitectura vitoriana, longas ruas de pequenas casas de encardidos operários fabris, impressionantes edifícios públicos e céus cinzentos de fumo. Mas ali não havia nazis e, embora existisse anti-semitismo, não havia provocações aos judeus, nem exclusão, nem jogos de esfrega, nem Dachau ou Buchenwald.

Muitos britânicos estavam contentes por dar um refúgio aos judeus alemães, mas outros não estavam e o governo estava apanhado entre os dois. A imprensa falava a favor e contra eles – com ênfase na contribuição que eles tinham para a economia e a perseguição que enfrentavam na sua terra natal; ou, por outro lado, os trabalhadores britânicos estavam preocupados com os seus empregos, e os seus receios eram explorados pelos jornais de direita. Eram feitas afirmações sobre as tendências criminosas e a preguiça dos judeus, e a ameaça que representavam para o estilo de vida dos britânicos. Ainda assim, não havia verdadeiros nazis, nem SA nem SS. Com o início da guerra, o governo tinha começado a manter debaixo de olho os cidadãos estrangeiros e a deter os estrangeiros inimigos. Edith, enquanto refugiada do nazismo, estava naturalmente excluída². E não havia mais nada a acontecer.

A senhora Brostoff tratava Edith – que não tinha o maior dos jeitos para ser empregada doméstica – com amabilidade e Edith estava satisfeita com um salário semanal decente de três libras.

Com o país focado na Guerra de Mentira, o primeiro Inverno de Edith em Inglaterra foi marcado não pelo conflito mas pelo romance. Ela tinha conhecido por alto Richard Paltenhoffer em Viena. Ele tinha a mesma idade e moviam-se nos mesmos círculos. Em Inglaterra encontraram-se de novo e apaixonaram-se.

Richard tinha passado por um inferno desde a última vez que Edith o vira. Em Junho de 1938 tinha sido detido pelos SS de Viena, sob o programa chamado Action Work-Shy Reich. Este programa era para erradicar das ruas os elementos «associais» da sociedade alemã e enviá-los para os campos de concentração – os «bocas inúteis», os desempregados, os pedintes, os bêbedos, os drogados, os proxenetas e os pequenos criminosos. Quase dez mil pessoas foram reunidas desta forma e muitas, como Richard Paltenhoffer, eram apenas judeus que estavam no sítio errado à hora errada³. Richard tinha sido enviado para Dachau, depois transferido para Buchenwald⁴, nessa altura um sítio ainda pior do que quando Fritz e Gustav Kleinmann lá chegaram, um ano depois, mais sobrelotado e com condições ainda mais primitivas⁵. Numa das regulares paradas de punição que em geral se seguiam à chamada nocturna, um homem de pé à frente de Richard tinha sido trespassado pela baioneta de um guarda das SS. A lâmina atravessou-o, ele caiu de costas contra Richard e a lâmina espetou-se-lhe na perna. A ferida deu-lhe problemas durante os meses seguintes, mas felizmente não sucumbiu à infecção. Acabou por ser salvo por um incrível golpe de sorte. Em Abril de 1939, para marcar o 50.º aniversário de Hitler, Himmler concordou com uma amnistia comemorativa de cerca de nove mil prisioneiros dos campos de concentração⁶. Entre eles estava Richard Paltenhoffer.

Em vez de regressar a Viena, ele cruzou a fronteira para a Suíça. A organização Austrian Boy Scouts ajudou-o a obter a necessária permissão de viagem para ir para Inglaterra. No final de Maio, estava a caminho de Leeds, onde lhe arranjam um emprego numa fábrica de biscoitos *kosher*⁷.

Edith e Richard tinham ambos sido bem recebidos na extensa e próspera comunidade judia da cidade, que tinha a sua própria sucursal activa do Jewish Refugees Committee (JRC). Com um pequeno orçamento anual de 250 libras, os voluntários locais ajudaram centenas a encontrar casa e trabalho em Leeds⁸.

Foi através do clube social para jovens judeus que Edith e Richard se encontraram. Aos olhos de Edith, Richard Paltenhoffer recordava-lhe a casa e a vida que tinha perdido – a movimentada sociedade e a carreira em moda, em vez de a varrer tapetes. Richard era genial e atraente. Tinha um sorriso radiante, gostava de rir e vestia-se bem – com fatos de riscas de bom corte e chapéu de feltro, sempre com um lenço aninhado no bolso do peito. Entre os operários de Yorkshire à sua volta, com cachecol de lã e boina, distinguia-se como uma flor exótica num campo de batatas.

Uma guerra – mesmo uma guerra de mentira – era uma época de oportunidades para os jovens e, com dois espíritos alegres e longe de casa, era quase inevitável que se divertissem ao máximo. O Natal tinha passado e Janeiro estava quase a terminar quando Edith descobriu que estava grávida. Começaram a fazer os preparativos para o casamento.

Enquanto refugiados, qualquer mudança de estado tinha de ser registada junto do governo. Às nove e meia em ponto, numa manhã de domingo de Fevereiro, compareceram no escritório do rabi Arthur Super na Leeds New Synagogue e, dali, foram todos até à esquadra de polícia preencher os

formulários necessários. Depois, com a ajuda da United Hebrew Congregation, o comité de controlo do JRC e o rabi Fisher, este último da Stadttempel, em Viena, foi organizado o casamento⁹.

Satisfeita a burocracia, no domingo, 17 de Março de 1940, Edith Kleinmann casou-se com Richard Paltenhoffer na New Synagogue, na Chapeltown Road, um incrível edifício moderno de cúpulas verdes, de cobre, e arcos de tijolo, no coração ao equivalente a Leopoldstadt em Leeds.

Dois meses depois, Adolf Hitler lançou a sua invasão à Bélgica, à Holanda e à França. Em apenas um mês, o remanescente da British Expeditionary Force teve de ser evacuado das praias de Dunquerque. A Guerra de Mentira tinha acabado. Os alemães estavam a caminho e, aparentemente, eram imparáveis.

אבא

– Esquerda-dois-três! Esquerda-dois-três!

O *kapo* ladrava o ritmo enquanto a equipa puxava o vagão da pedreira pelos carris acima.

– Esquerda-dois-três! Esquerda-dois-três!

Os sapatos de Fritz escorregavam no gelo e nas pedras soltas, com os músculos esgotados a sucumbir, as mãos e os ombros esfolados pela corda. À volta dele, outros homens grunhiam enquanto puxavam. Atrás dele, mais alguns – entre os quais o seu pai – puxavam, com os dedos gelados, nas barras de metal.

O Inverno tinha chegado de forma intensa a Ettersberg, mas podiam sempre confiar nos *kapos* para se excederem.

– Puxem-na, cães! Esquerda-dois-três! Esquerda-dois-três! Em frente, porcos! Isto é divertido, não é?

Qualquer homem que fraquejasse era pontapeado e sovado. As rodas guinchavam e raspavam, os pés dos homens fincavam-se e eram moídos pelas pedras, e a sua respiração quente enevoava o ar gelado.

– Toca a acelerar! Mais depressa ou vão arrepender-se!¹⁰

Todos os dias havia uma dúzia de vagões com um peso demolidor para ser puxada pela encosta até aos locais de construção. Cada um era uma viagem de ida e volta de uma hora.

– Em frente, porcos! Esquerda-dois-três!

«Os homens-besta têm as rédeas», escreveu Gustav, transformando o seu inferno diário numa série de brutais imagens poéticas. «Ofegantes, a gemer, a suar... Escravos, amaldiçoados ao trabalho, como nos dias dos faraós.»

Tinha havido uma breve folga no novo ano. A meio de Janeiro, o Dr. Blies, preocupado com a extrema taxa de mortalidade por doença no pequeno campo¹¹, e com os SS preocupados com a possibilidade de poderem ser contagiados, tinha ordenado a transferência dos sobreviventes para condições mais sanitárias no campo principal. Deram-lhes um duche e desparasitaram-nos e, depois, colocaram-nos de quarentena numa caserna perto da praça da chamada. Depois das tendas, parecia quase luxuosa, com soalho de madeira encerada, paredes sólidas, mesas para comerem, sanitas e um chuveiro com água fria corrente. Tudo era mantido impecavelmente limpo. Os prisioneiros até tinham de retirar os sapatos numa antecâmara antes de entrarem na caserna. Eram aplicados castigos severos

se houvesse terra e desarrumação. Durante aquela primeira abençoada semana de quarentena, receberam comida normal e não tiveram de trabalhar. Gustav recuperou as forças.

Claro que foi sol de pouca dura. A 24 de Janeiro de 1940 acabou o período de quarentena. Pela primeira vez, Gustav e Fritz foram separados. Fritz foi colocado com cerca de quarenta outros jovens no Bloco 3 (conhecido como «Bloco da Juventude» apesar de estar sobretudo ocupado por adultos)¹².

Ficaram a conhecer melhor o campo principal, a disposição e os pontos de referência, sendo o mais importante o Carvalho Goethe. Esta árvore venerada ficava perto das cozinhas e dos blocos dos chuveiros, e tinha a reputação de ter sido um marco nas caminhadas de Goethe entre Weimar e Ettersberg. As associações culturais eram tão potentes que os SS o preservaram e construíram o campo em torno dele, usando-o para castigos¹³. O método, utilizado por todo o sistema de campos de concentração, era amarrar as mãos dos homens atrás das costas e pendurá-los num ramo pelos pulsos. O Carvalho Goethe fornecia um local espectacular para este ritual abominável. Os homens eram deixados pendurados durante horas – o suficiente para os deixar inválidos durante dias ou semanas – e, muitas vezes, agredidos até fazer sangue enquanto assim estavam. Dois dos colegas de trabalho de Gustav estavam entre os que foram suspensos no Carvalho Goethe, por não trabalharem o suficiente.

Fritz e o pai tinham ficado surpreendidos ao sair da quarentena e saber que os judeus contabilizavam menos de um quinto da população de prisioneiros de Buchenwald¹⁴. Havia criminosos, ciganos, polacos, padres católicos e luteranos, e homossexuais, mas o maior número era, de longe, o de presos políticos – a maioria, comunistas e socialistas. Muitos estavam presos há anos, em alguns casos desde o início do regime nazi, em 1933. No entanto, era para os judeus e os ciganos que os SS reservavam os trabalhos mais pesados e o tratamento mais duro.

– Esquerda-dois-três! Esquerda-dois-três!

Uma dúzia de cargas pela encosta acima todos os dias, uma dúzia de perigosas descidas a alta velocidade de volta à pedreira. Os dedos a arder com o frio no metal, queimados pelas cordas, as mentes entorpecidas, os pés apressados no gelo, os maus-tratos dos *kapos*.

Assim continuou, todos os dias, até o Inverno começar a dar lugar à Primavera. Gustav e Fritz acabaram por ser retirados do trabalho dos vagões e colocados a trabalhar dentro da pedreira, a carregar pedra. É quase inacreditável que isto pudesse ser ainda pior.

Tinham de apanhar pedras e pedregulhos dos locais onde eram escavados da rocha e carregá-los – sempre a acelerar – nas próprias mãos nuas, até aos vagões que aguardavam. As palmas das mãos e os dedos depressa ficavam com bolhas e sangravam. O turno durava dez horas, com uma curta pausa a meio do dia. Além do trabalho, havia os maus-tratos que davam má fama ao local, muito piores do que tudo o que tinham sofrido nos vagões.

«Todos os dias mais uma morte», escreveu Gustav. «É inacreditável o que um homem pode suportar.» Ele não encontrava palavras normais para descrever o inferno da pedreira. Usando as páginas do final do bloco, começou a compor um poema, intitulado «Caleidoscópio da Pedreira», que traduzia o pesadelo caótico em estrofes precisas, medidas e ordenadas.

Clic-clac, martelada,
Clic-clac, dia de angústia.
Almas escravas, deploráveis ossos,
Mais depressa, partam as pedras¹⁵.

Nestas linhas conseguiu encontrar um ponto entre as experiências que vivia todos os dias e como estas eram percebidas através do olhar dos *kapos* e dos SS.

Clic-clac, martelada,
Clic-clac, dia de angústia.
Oçam como os miseráveis gemem,
Chorosos enquanto batem na pedra¹⁶.

O tratamento escravo, todos os dias, e os abusos assassinos, tudo transformado em imagens poéticas. «Cavem! Carreguem! Pensam que podem parar? Pensam que são VIP?» Mãos escorregadias, a passear os pedregulhos, a manchar a pedra pálida com sangue cor de ferrugem; a lutar, a carregar, para os vagões. «Lá para dentro, preguiçosos – vagão número dois! Se não estiver rapidamente cheio, faço-vos em picadinho!» As pedras a chocalhar e a bater na barriga vazia de ferro do vagão. «Acabaram? Pensam que estão livres? Vêem-me a rir? Vagão três, mais depressa! Rápido ou dou cabo de vocês. Vá, porcos!» Empurrados com pontapés e insultos, o vagão cheio a descer devagar os carris inclinados: «Esquerda-dois-três! Esquerda-dois-três!»

Os *kapos* e os guardas entretinham-se com os prisioneiros. Um dos carregadores colegas de Gustav foi obrigado a carregar uma pedra enorme e a correr com ela em círculos, para cima e para baixo na encosta.

– Sê engraçado, percebes? – ordenou-lhe o *kapo*. – Ou levas a sério.

A vítima tentou correr de uma forma brincalhona e o *kapo* riu-se e aplaudiu. Correu e correu às voltas, com o peito pesado, a arfar, magoado e a sangrar. Por fim, vencido pela exaustão, a exibição esmoreceu, mas, mesmo assim, ele continuou a mover-se, a esforçar-se por fazer o círculo mais uma vez. Mas o *kapo* já estava aborrecido, empurrou a sua vítima para o chão e deu-lhe um pontapé brutal e fatal na cabeça.

Um jogo muito apreciado era o de agarrar o boné de um prisioneiro que passasse e atirá-lo para cima de uma árvore ou para uma poça, sempre para lá da linha das sentinelas.

– Ei, o teu boné! Vai buscá-lo, ali, ao pé da sentinela quatro. Vai lá, amigo, vai buscá-lo!

Era com frequência um novo prisioneiro que não conhecia as regras. «E o tolo corre», escreveu Gustav. Para lá da linha das sentinelas ele – *bang!* – estava morto. Mais uma entrada no registo de fugas dos guardas, mais um crédito a favor do tempo de férias de algum SS: mais três dias por cada fugitivo abatido. Uma sentinela das SS chamada Zepp estava em conluio com vários *kapos*, incluindo Johann Herzog, um prisioneiro com triângulo verde e antigo membro da Legião Estrangeira, que Gustav descreveu como «um assassino da pior espécie»¹⁷. Zepp recompensava Herzog e os seus colegas com tabaco cada vez que atiravam um homem na direcção da sua espingarda.

Embora houvesse suicídios regulares, a maioria dos prisioneiros não desistia e não era enganada. Havia alguns que pareciam imbatíveis, independentemente dos abusos que sofriam. Um golpe com a

coronha da espingarda:

Pumba! – ele cai de quatro,
Mas o cão recusa-se a morrer!¹⁸

Um dia, testemunhou uma cena que nunca esqueceria como uma imagem de resistência. No meio da pedreira, a dominar tudo, havia uma máquina. Um enorme motor barulhento fazia movimentar uma série de rodas e de correias ligadas a um funil, para onde a pedra era despejada. Lá dentro, pesadas placas de aço moviam-se para cima, para baixo e para os lados, como uma mandíbula de ferro que mastigava e esmagava as pedras até fazer gravilha. Na sua base, um *kapo* operava o acelerador e as mudanças. Quando os trabalhadores da pedreira não estavam a encher os vagões, estavam a alimentar esta máquina monstruosa. Para Gustav, a trituradora de pedra era emblemática, não apenas da pedreira, mas do campo e de todo o sistema de que Buchenwald era apenas uma componente. A grande máquina em que ele e Fritz e os seus companheiros eram simultaneamente o combustível que a movia e o grão que ela moía.

Agita-se, a trituradora, todos os dias, sem parar,
Agita-se e agita-se e parte a pedra,
Mastiga-a até ser gravilha e de hora em hora
Engole pazadas e pazadas para o seu bucho insaciável.
E quem a alimenta com fadiga e com cuidado
Sabe que ela só come e nunca estará saciada.
Primeiro come a pedra e depois come-nos também¹⁹.

Um prisioneiro no trabalho de alimentação da trituradora, um camarada do homem que tinha sido obrigado a correr em círculos, mantinha a cabeça baixa e carregava a máquina com pedra, ansioso por evitar a atenção dos *kapos*. Era um homem alto e de constituição forte e trabalhava bem. O *kapo* na base da máquina viu uma oportunidade para fazer um jogo. Aumentou a velocidade até a máquina estar a operar ao dobro do ritmo, agitando-se e chiando diabolicamente. O prisioneiro usava a pá mais depressa. Homem e máquina trabalhavam – o homem a arfar, com os músculos retesados, a trituradora a esmagar e a ressoar, prestes a explodir. Gustav, que trabalhava perto, parou o que estava a fazer para observar e outros fizeram o mesmo, e os *kapos*, igualmente fascinados, permitiram.

A competição continuou e continuou, pazada a pazada, placas a chocalhar, engrenagens a rugir, o homem a escorrer suor, a trituradora a relampejar e a defecar uma cascata de gravilha. O homem parecia ter encontrado dentro de si uma fonte incomparável de força e de vontade. Mas a resistência da trituradora não tinha limites e, a pouco e pouco, o homem enfraqueceu e desacelerou. Invocando todas as suas forças, fez mais um esforço titânico, alongando os músculos para cavar pela sua vida. A máquina acabaria por vencer, vencia sempre, mas ainda assim ele tentava.

De repente, ouviu-se um estrondo e um longo gemido de dentro da máquina. A trituradora estremeceu, cuspiu e parou. O *kapo* na sua base, desolado, mergulhou nas entranhas da máquina e descobriu que uma pedra tinha entrado para as engrenagens.

Houve um silêncio cheio de terror. O prisioneiro apoiou-se na sua pá, com dificuldade em respirar. Tinha vencido a trituradora de pedra e, provavelmente, seria assassinado por isso. O *kapo* responsável, perplexo durante um instante, começou a rir.

– Vem cá, rapaz alto! – chamou ele. – O que és tu, um agricultor? Um mineiro, aposto?

– Não – disse o prisioneiro. – Sou jornalista.

O *kapo* riu-se.

– Um homem dos jornais? É pena. Não tenho utilidade para esses – afastou-se e depois parou. – Não, espera, preciso de alguém que saiba escrever. Vai e espera ali na cabana. Tenho outro trabalho para ti.

Quando o herói largou a pá, Gustav sentiu de repente o peso da pedra que tinha nas mãos e o olhar do seu *kapo* a virar-se para ele. Apressadamente, voltou ao trabalho, a pensar naquilo que tinha observado. Homem contra máquina: neste caso o homem tinha tido uma pequena vitória. Parece que a máquina podia ser vencida por uma pessoa com a força e a vontade necessárias. Faltava saber se isto também era verdade para a máquina maior.

O mecânico retirou a pedra da engrenagem e reiniciou o motor. A estremecer e chiar, a trituradora voltou ao trabalho de consumir as rochas com que os prisioneiros alimentavam a sua insaciável garganta, comendo a sua força, suor e sangue, triturando-os tal como triturava a pedra.

A estrada para a vida

אמא

Tini olhou para os dois envelopes com apreensão. Eram ambos idênticos, de Buchenwald. Conhecia muitas mulheres e mães cujos homens tinham ido para os campos. Por vezes isso acabava com eles a conseguirem os papéis de emigração e a serem libertados. Ou, às vezes, os homens regressavam a Viena num pequeno recipiente, em cinzas. De cartas nunca tinha ouvido falar.

Rasgou um dos envelopes. No interior estava algo que parecia mais uma comunicação oficial do que uma carta. Ao analisá-la, percebeu com alívio que era de Gustav. Reconheceu a sua letra forte, no sítio onde ele tinha preenchido o seu nome e o número de prisioneiro. A maior parte do espaço estava ocupado por uma lista impressa de restrições (se os prisioneiros podiam receber dinheiro e encomendas, se podiam escrever e receber cartas, um aviso que pedidos a favor do prisioneiro para o gabinete do comandante seria inútil e por aí fora). Havia um espaço pequeno onde Gustav tinha escrito uma mensagem curta, sujeita à censura das SS. Tini assimilou pouco mais do que o facto de ele estar vivo e bem e a trabalhar no campo. Rasgou a outra carta e encontrou uma mensagem quase idêntica de Fritz. Ao comparar as duas, reparou que os números dos blocos eram diferentes. Portanto, tinham sido separados. Isso preocupava-a. Como conseguiria o rapaz tomar conta de si próprio?

As preocupações de Tini aumentavam constantemente. Desde a invasão da França, em Maio, tinha sido imposto um recolher obrigatório aos judeus, em Viena¹. Podia pensar-se que não havia mais formas de os nazis conseguirem arruinar a vida aos judeus, mas seria um erro. Havia sempre mais um pau com que lhes bater.

Em Outubro do ano anterior, não muito depois de Gustav e Fritz terem sido levados, tinham deixado Viena dois transportes com judeus, em direcção a Nisko, na Polónia ocupada. Era para serem recolocados ali nalgum tipo de comunidade agrícola². O programa foi descontinuado, mas aumentou a sensação de insegurança entre os judeus que restavam em Viena. Quando os sobreviventes regressaram a casa, em Abril, trouxeram histórias aterradoras de maus-tratos e de assassinio³.

Para Tini, a missão de levar os filhos para um sítio seguro tornou-se mais urgente do que nunca. Com o Reino Unido agora inacessível, a América era a única esperança. A principal preocupação de Tini era conseguir libertar Fritz enquanto ainda era menor e elegível para a emigração de maior prioridade. Ela tinha entregado candidaturas para ele, para Herta e para Kurt. Cada um precisava de duas declarações de amigos ou familiares que vivessem na América, afirmando fornecer abrigo e apoio. As declarações eram relativamente fáceis de obter, pois Tini tinha primos em Nova Iorque, em

Nova Jérsia⁴ e uma antiga e querida amiga, Alma Maurer, que emigrara há muitos anos e vivia em Massachusetts⁵. Apoio havia muito – a burocracia do regime nazi e dos Estados Unidos é que era o problema.

O presidente Roosevelt – que queria aumentar o número de refugiados acolhidos – não conseguia fazer nada contra o Congresso e a imprensa. Os Estados Unidos tinham uma quota teórica de 60 mil refugiados por ano, mas optaram por não a usar. Em vez disso, Washington usava todos os truques burocráticos possíveis para obstruir e adiar as candidaturas. Em Junho de 1940, um memorando interno do Departamento de Estado aconselhava os cônsules na Europa: «Podemos adiar e mesmo parar [...] imigrantes para os Estados Unidos [...] aconselhando simplesmente os nossos cônsules a colocar-lhes todo o tipo de obstáculos [...] que protelem a atribuição de vistos.»⁶

Tini Kleinmann correu de gabinete em gabinete, esperou em filas, escreveu carta após carta, preencheu os impressos, sofreu os maus-tratos dos oficiais da Gestapo, entregou pedidos e esperou, esperou e esperou, sempre com medo que cada nova mensagem fosse uma convocatória para a deportação. Todos os movimentos dela eram bloqueados por obstáculos elaborados especificamente para ceder aos congressistas e aos editores dos jornais, aos empresários, aos trabalhadores, às esposas de terras pequenas e aos lojistas do Wisconsin e da Pensilvânia, de Chicago e de Nova Iorque, que eram liminarmente contra uma nova vaga de imigrantes.

Fritz estava quase a chegar à idade adulta. Herta já tinha quase 18 anos e estava miseravelmente confinada, sem trabalho ou oportunidades. Kurt, com 10 anos, era uma preocupação. Tini estava sempre inquieta com o comportamento dele – era um bom rapaz, mas tinha uma energia volátil. Ela tinha receio que ele fizesse alguma coisa, algum acto banal de malandragem que os pusesse a todos em risco.

Sem partilhar as suas preocupações, Tini respondeu às breves cartas de Fritz e de Gustav com notícias de casa. Arranjou dinheiro para lhes mandar, recebido através de caridade ou ganho através de alguns trabalhos ilegais. Escreveu que sentia saudades deles e fingiu que estava tudo bem⁷.

בן

Kurt desceu as escadas até ao átrio do rés-do-chão. A porta da rua estava aberta e ele espreitou para fora. Havia alguns rapazes a brincar ao pé do mercado – antigos amigos dele antes da chegada dos nazis. Observou-os com inveja, sabendo que era impossível juntar-se a eles.

Tinham sido um grupo feliz, as crianças das ruas em volta do Karmelitermarkt. Aos sábados de manhã a mãe fazia-lhe sandes e colocava-as na pequena mochila. Lá ia ele com os amigos, caminhar através da cidade como um bando de pioneiros, para algum parque distante, ou para nadar no Danúbio. Uma sociedade perfeita de amigos, sem noção de que alguns carregavam um estigma.

A percepção de Kurt de que algumas crianças não eram iguais às outras tinha chegado violentamente. Um dia, durante o primeiro Inverno, um rapaz da Juventude Hitleriana tinha-lhe chamado judeu e tinha-o empurrado para o chão, enterrando-lhe a cara com força na neve.

Quando o ódio veio de um amigo... foi quando a percepção de injustiça atingiu o coração de Kurt. Ele tinha estado com um pequeno grupo de amigos no mercado – os mesmos rapazes que agora observava – a brincar, como sempre tinham feito. O rapaz dominante tinha decidido, de repente, que

tinha de embirrar com alguém – como esse tipo de rapaz costuma fazer – e escolheu Kurt, chamando-lhe os insultos anti-semitas que tinha ouvido os adultos usar. Depois, começou a arrancar os botões do casaco de Kurt. Este não era facilmente maltratado e bateu no rapaz. Em choque, o rapaz agarrou numa barra metálica da sua pequena trotineta e bateu-lhe, magoando-o tanto que a mãe teve de o levar ao hospital. Recordou-se de como ela o olhava enquanto os cortes e as nódoas negras que tinha na cabeça eram tratados. Ela adivinhava o que se seguiria. Os pais do outro rapaz apresentaram queixa na polícia. Kurt, um judeu, tinha-se atrevido a bater num ariano. Era um caso de justiça. Provavelmente por causa da sua idade, Kurt recebeu apenas um aviso. Depois disto, compreendeu a maldade e a injustiça deste novo mundo.

Era um sítio desconcertante e as memórias que deixaria eram impressões escassas e intensas.

Com o pouco dinheiro que conseguia angariar, a mãe lutava constantemente para o manter e a Herta quentes e alimentados. Havia a sopa dos pobres e, no Verão, iam para uma quinta que era propriedade da IKG, para apanhar ervilhas. Ainda havia algumas famílias ricas judias em Viena, a fazer render o dinheiro que lhes restava, ajudando aqueles que nada tinham. Kurt tinha uma vez ido jantar com uma dessas famílias. A mãe instruíra-o com rigor: «Senta-te direito, porta-te bem, faz o que te mandarem.» Kurt desfrutou de uma refeição magnífica. Excepto as couves-de-bruxelas. Nunca tinha comido nenhuma antes e detestou, mas tinha demasiado medo para não as comer. Vomitou logo de seguida.

O seu mundo social estava reduzido às tias, tios e primos. A favorita era Jenni, a irmã mais velha da mãe⁸. Jenni nunca tinha casado. Era costureira e vivia sozinha com o gato. Dizia às crianças que o gato falava com ela: Jenni fazia-lhe uma pergunta e ele respondia *miaaauuu*. Kurt nunca teve a certeza se ela estava a brincar. Jenni tinha um sentido de humor infantil e adorava animais. Dava-lhe dinheiro para ele comprar munições para a pistola e, depois, ir atrás do apanhador de pombos da cidade. Quando o homem estava prestes a agarrar algumas aves, Kurt disparava a pistola e lá iam eles, numa nuvem de asas cinzentas, deixando o homem de mãos vazias.

Alguns dos parentes de Kurt tinham casado com não judeus e viviam, agora, num estado de incerteza, com os filhos classificados como *Mischlinge* – mestiços – aos olhos da lei nazi. Um desses primos era o seu melhor amigo, Richard Wilczek, a quem o pai tinha enviado, com a mãe, para a Holanda, por segurança, após a *Anschluss*. Os nazis também já lá estavam agora e o que teria acontecido a Richard, Kurt não sabia. Olhando agora para a rua, já não era o mesmo mundo.

– Aqui estás tu! – disse a mãe e Kurt virou-se com cara de culpado para a encarar. – Quantas vezes tenho de te dizer para não saíres sozinho? – O rosto dela estava tenso e ansioso e Kurt não contou que na realidade não tinha saído. – Temos de ir. Vai vestir o teu casaco.

Tinha vindo da Gestapo uma das ordens periódicas, para todos os judeus da zona se apresentarem para alguma inspecção, ou registo ou selecção. Kurt percebera o medo da mãe e de Herta e, como único homem da casa, tinha um plano para as proteger. Tinha uma faca. Obtivera-a de outro primo *Mischling*, Viktor Kapelari, que vivia nos subúrbios de Viena-Döbling. A mãe dele era outra das irmãs de Tini, que se convertera ao cristianismo quando casou. Viktor e a mãe gostavam de Kurt e muitas vezes levavam-no a pescar. Misturada com as memórias agradáveis dessas viagens, Kurt mantinha uma imagem perturbadora do pai de Viktor, da última vez que o vira, vestido no sinistro

uniforme cinzento de oficial nazi. Após uma das suas viagens de pesca, Kurt tinha voltado para casa com uma faca de caça de cabo de osso, que furtara a Viktor.

Ao vestir o casaco, enquanto a mãe e Herta esperavam, Kurt enfiou a faca no bolso. Os nazis tinham-lhe levado o pai e Fritz, e atormentado as irmãs. Tinham-no atirado para a neve, batido e tornado isso um crime *dele*. Não havia nada que não lhes fosse possível fazer. Ele estava determinado a defender a mãe e Herta contra eles.

Deu a mão à mãe e puseram-se a caminho da esquadra de polícia. Enquanto caminhavam, agarrou a lâmina da faca no bolso. Sentia a ansiedade da mãe, pois sabia que quando ordenavam aos judeus que se apresentassem, por vezes eram enviados para longe. Ele achava que era disso que a mãe tinha medo e sentia a sua preocupação a crescer enquanto se aproximavam da esquadra de polícia. Para suavizar as lágrimas dela, mostrou-lhe a faca.

– Olha, mãe, eu protejo-nos.

Tini ficou horrorizada.

– Deita-a já fora! – gritou.

Kurt estava estupefacto e desanimado.

– Mas...

– Kurt, deita-a fora antes que alguém a veja!

Não havia forma de a convencer. Relutante, atirou a faca para longe. Continuaram a caminhar. Kurt estava desolado.

Afinal, a Gestapo não lhes fez nada de mal nesse dia. Mas algum dia faria. Como poderia ele agora defender as pessoas que amava? O que seria deles?

בן

Outro amanhecer, outra chamada, outro dia. Os prisioneiros das riscas permaneceram em filas ao ar fresco de Verão, imóveis, à excepção de receberem o alimento que lhes era dado, e em silêncio, excepto para responder quando chamavam o seu número. Qualquer quebra da disciplina da chamada significava punição, bem como qualquer infracção da imaculada arrumação e limpeza de cada bloco de casernas: uma aparência de ordem e de precisão colada por cima do pântano de barbaridade bestial.

Por fim, o lento ritual terminou. As fileiras começaram a dissolver-se e a reagrupar-se em destacamentos de trabalho. Fritz, à procura entre o pessoal da trituradora, viu o pai juntar-se ao grupo principal da pedreira.

Gustav tinha tido uma moratória durante a segunda metade do Inverno, quando Gustav Herzog, um dos mais jovens responsáveis judeus pelos blocos, o empregou para fazer a manutenção dos beliches. Enquanto estofador ele sabia cuidar dos colchões e tinha jeito para manter as coisas em ordem. Era ilegal e teria provocado a punição de ambos os homens, mas ajudara o bloco a passar nas inspecções e mantivera Gustav a salvo durante dois meses. Mas a atribuição tinha de terminar e Gustav fora enviado de novo para a tarefa assassina de carregar pedra.

Fritz já não partilhava desse trabalho. Tinha sido transferido para as hortas do complexo agrícola – ainda assim, trabalho árduo, mas infinitamente melhor e mais seguro do que a arena de matança da

pedreira².

Agora que não viviam nem trabalhavam juntos, Fritz via pouco o pai, embora se encontrassem quando conseguiam. O dinheiro vindo de casa permitia-lhes comprar uns poucos confortos na cantina dos prisioneiros, o que ajudava a alegrar os seus dias.

Enquanto Fritz furava a multidão em direcção aos camaradas do destacamento das hortas, o responsável pelo campo berrou.

– Prisioneiro 7290 ao portão principal, depressa!

O coração de Fritz parou, como se tivesse sido fisicamente agarrado. Só havia duas razões para um prisioneiro ser chamado ao portão na altura da chamada: punição ou destacamento para a pedreira, com o propósito expresso de ser assassinado.

– Prisioneiro 7290! Aparece! Ao portão principal já, depressa!

Fritz furou a massa de prisioneiros e correu para a portaria. Gustav viu-o passar, com o coração a saltar pela boca. Fritz apresentou-se ao adjunto, o tenente das SS, Hermann Hackmann, um jovem esperto e elegante com um sorriso de rapaz que escondia uma natureza cínica e brutal¹⁰. Olhou para Fritz de alto a baixo, agitando o robusto cassetete de bambu com que andava sempre.

– Espera aqui – disse ele. – Virado para o muro.

Afastou-se. Fritz ficou junto à portaria na posição ordenada, a olhar para os tijolos esbranquiçados à frente do nariz, enquanto os grupos de trabalho saíam. Por fim, quando toda a gente tinha saído, o sargento Schramm das SS, o *Blockführer*^[xiii] de Fritz, veio buscá-lo.

– Vem comigo.

Schramm encaminhou-o para o complexo administrativo, situado junto ao final da Estrada de Sangue. Fritz foi conduzido para o interior do edifício da Gestapo e deixado em pé num corredor durante muito tempo, até ser chamado para uma sala.

– Tira o boné – disse um escriturário da Gestapo. – Tira o casaco. – Fritz fez o que lhe ordenavam. – Veste isto.

O escriturário entregou-lhe uma camisa de civil, gravata e casaco. Estavam-lhe muito largos, sobretudo na condição de magreza em que se encontrava, mas vestiu-se e fez um impecável nó de gravata junto ao colarinho amarrotado. Foi levado para a frente de uma câmara fotográfica e tiraram-lhe fotografias de todos os lados. Perfeitamente incapaz de imaginar qualquer razão para este estranho procedimento, Fritz olhava com profunda e hostil suspeita para a lente, com os seus grandes e bonitos olhos flamejantes.

Quando terminaram, ordenaram-lhe que voltasse a vestir o uniforme da prisão e que voltasse a correr para o campo. Obedeceu, aliviado por estar inteiro, mas ainda sem qualquer ideia sobre o objectivo do que tinha acontecido. A surpresa dele aumentou quando foi informado de que não tinha de trabalhar durante o resto do dia.

Sentou-se sozinho na caserna vazia, a interrogar-se. Supunha que a roupa tivesse sido para dar a impressão de que estava a viver como um civil normal, não como prisioneiro, mas além disso não conseguia adivinhar mais nada.

Nessa tarde, quando os grupos de trabalho marcharam de regresso aos blocos, cansados e esqueléticos, Gustav, que tinha estado num estado de ansiedade doentia durante todo o dia, escapuliu-

se até ao bloco de Fritz. Quando espreitou pela porta e o viu ali, vivo e bem, sentiu um alívio imenso. Fritz descreveu-lhe o que tinha acontecido, mas nem eles nem os seus amigos sabiam o que significava. Nada que envolvesse ser escolhido pela Gestapo podia ser saudável.

Alguns dias mais tarde voltou a acontecer. Fritz foi chamado e levado ao gabinete da Gestapo. Puseram-lhe uma cópia da fotografia à frente. Era uma imagem bizarra: a sua cara com o crânio rapado e uns incongruentes fato e gravata. Se era suposto dar a impressão de que ele tinha uma vida normal, era ridículo. Ordenaram-lhe que a assinasse: *Fritz Israel Kleinmann*.

Por fim, disseram-lhe qual era o objectivo. A mãe tinha obtido as declarações de que necessitava da América e tinha apresentado a candidatura para Fritz ser libertado e emigrar. A foto era necessária para o impresso da candidatura.

Ele caminhou sobre as nuvens até ao campo, com esperança, pela primeira vez em oito meses.

בן

– Fomos transferidos para a nova colónia num belo dia quente. As folhas nas árvores ainda não tinham começado a mudar de cor, a relva ainda estava verde, como que no auge da sua segunda juventude, refrescada pelos primeiros dias de Outono.

A voz de Stefan enchia a sala, sendo o único outro som o folhear das páginas do livro que lia.

Fritz e os outros rapazes ouviam, arrebatados, a história de um sítio que se parecia tanto e, ao mesmo tempo, tão pouco, com aquele em que viviam. Ouvir Stefan a ler era uma das poucas distrações. A esperança ainda brilhava no fundo da mente de Fritz, embora o preocupasse que a candidatura não incluísse o pai. As suas vidas estavam a divergir. Fritz estava a descobrir um mundo mais alargado, através dos prisioneiros mais velhos que o ajudavam e com quem criava laços de amizade.

Além disso, entre eles estava Leopold Moses, que tinha ajudado Fritz a sobreviver nos primeiros meses e ficara seu amigo. Fritz tinha-o primeiro encontrado na pedreira, durante a epidemia de disenteria. Leo oferecera a Fritz uns pequenos comprimidos pretos. «Engole-os», disse ele, «previnem a caganeira.» Fritz mostrou os comprimidos ao pai, que os reconheceu dos seus tempos de serviço na guerra. Eram carvão veterinário e ajudavam mesmo. Leo Moses tinha tomado Fritz sob a sua protecção quando ele foi transferido para o Bloco da Juventude e Fritz ficou a conhecer a sua história. Estava nos campos de concentração desde o início. Operário de Dresden, Leo tinha sido membro do Partido Comunista da Alemanha e foi preso assim que os nazis chegaram ao poder, muito antes de o facto de ser judeu se ter tornado uma ofensa punida com a prisão. Tinha sido *kapo* durante pouco tempo na coluna de transporte – um dos primeiros *kapos* judeus em Buchenwald –, mas não tinha aquilo que era preciso para ser condutor de escravos. Os SS rapidamente o despromoveram, dispensando-o com 25 chicotadas no *Bock*.

Através de Leo, Fritz tinha criado laços de amizade com outros prisioneiros judeus veteranos. Esta era a chave para a sobrevivência: «Não era a sorte, nem a bênção de Deus», recordou mais tarde. Em vez disso, era a bondade dos outros. «Tudo o que eles viam eram a estrela judaica no meu uniforme da prisão e que eu era uma criança.»¹¹ Ele e os outros rapazes recebiam muitas vezes pedaços extra de comida e, por vezes, medicamentos, quando precisavam. Entre os seus patriarcas estava Gustav

Herzog, que tinha empregado o pai de Fritz como encarregado dos beliches. Com 32 anos, Gustl era jovem para ser responsável de bloco¹². Filho de uma família vienense rica, que tinha uma agência internacional de notícias, fora enviado para Buchenwald após a Noite de Cristal. O maior dos respeitos de Fritz estava reservado para o ajudante de Gustl, Stefan Heymann¹³. Stefan tinha o rosto de um intelectual: sobranceiras altas, óculos, um maxilar estreito e uma boca delicada. Tinha sido oficial no exército alemão durante a última guerra, mas, como comunista activo e judeu, tinha estado entre os primeiros a serem presos em 1933, passando anos em Dachau.

Nas noites em que não havia trabalho nocturno, Stefan costumava contar histórias para os distrair do seu suplício. Esta noite estava a ler-lhes a partir de um livro muito estimado e proibido: *Poema Pedagógico*, do autor russo Anton Makarenko. Contava a história do trabalho de Makarenko nas colónias soviéticas de recuperação de jovens criminosos. Enquanto Stefan lia, com a sua voz baixa, na obscuridade da caserna, os campos de rapazes ganhavam vida, como idílios mágicos, um universo afastado da realidade diária de Buchenwald:

«O sussurrante dossel dos topos das luxuriantes árvores do nosso parque estendia-se generosamente sobre o Kolomak. Havia aqui muitos recantos sombrios e misteriosos, em que nos podíamos banhar, aproveitar a companhia dos duendes, ir pescar ou, pelo menos, trocar confidências com um espírito simpático. Os nossos edifícios principais estavam dispostos no topo da margem íngreme e os engenhosos rapazes sem vergonha conseguiam saltar das janelas para o rio, deixando as suas parcas vestimentas nos parapeitos das janelas.»¹⁴

A maioria dos rapazes que escutavam estavam sozinhos, tendo os pais já sido mortos, e muitos tinham-se tornado apáticos e indiferentes. Mas ouvir esta história de outro mundo melhor dava-lhes nova vida, entusiasmo e alegria.

Outros prazeres culturais proibidos iriam ter lugar em Buchenwald. Uma noite, Stefan e Gustl entraram na caserna com um ar de mistério conspirativo. Pedindo a Fritz e aos outros rapazes para estarem calados, encaminharam-nos através do campo até ao armazém de roupa, um edifício comprido adjacente aos blocos de chuveiros.

Era sossegado e silencioso, com os cabides e as prateleiras cheias de uniformes e de roupas confiscadas aos novos prisioneiros, a abafar o eco dos passos dos rapazes. Lá dentro, estavam reunidos alguns prisioneiros mais velhos. Deram a cada rapaz um pedaço de pão e algum café de bolota e, depois, quatro prisioneiros apareceram com violinos e instrumentos de sopro. Ali, no meio daquela sala de roupa bafienta, tocaram música de câmara. Pela primeira vez, Fritz ouviu a melodia animada e atrevida de *Eine Kleine Nachtmusik*, com o roçar dos arcos nas cordas a trazer vida à sala e sorrisos aos lábios dos prisioneiros reunidos. Era uma memória que Fritz estimaria: «Durante um muito curto período de tempo fomos capazes de rir novamente.»¹⁵

Fora destas poucas horas de excepção, não havia risos.

Trabalhar nas hortas, cujos produtos eram vendidos no mercado de Weimar ou aos prisioneiros na cantina, era uma melhoria em relação à pedreira, mas era mais duro do que os rapazes esperavam. Tinham antecipado conseguir surripiar algumas das cenouras, tomates e pimentos que cultivavam, mas nunca lhes permitiam chegar perto das colheitas maduras.

As hortas estavam sob a autoridade geral de um oficial austríaco, o tenente das SS Dumböck. Tendo passado tempo no exílio com a Legião Austríaca, quando o Partido Nazi foi proibido, Dumböck dedicava-se agora a perseguir judeus austríacos como vingança. «Seus porcos, deviam ser aniquilados», dizia-lhes repetidamente e fazia os possíveis para o concretizar. Era conhecido por ter matado 40 prisioneiros com as próprias mãos¹⁶.

Fritz foi destacado para o *Scheissetragge* – transporte de merda¹⁷. Tinham de recolher a mistura líquida das fezes das latrinas dos prisioneiros e da estação de tratamento de esgotos e de a carregar em baldes até às hortas. Cada viagem, de ida e volta, tinha de ser feita à velocidade máxima, correndo o mais depressa que cada um conseguia com os nojentos baldes de porcaria. O único trabalho pior do que o transporte de merda era o chamado destacamento «4711», baptizado com base na famosa água-de-colónia alemã. O trabalho era retirar as fezes de dentro das latrinas – muitas vezes com as próprias mãos – para encher os baldes dos carregadores. Normalmente, os SS atribuíam esta tarefa aos intelectuais e artistas judeus¹⁸.

Pelo menos os rapazes eram tratados de forma decente pelo seu *kapo*, Willi Kurz. Antigo campeão amador de boxe na categoria de pesos-pesados, Willi era uma alma desiludida. Tendo estado outrora na administração de um clube desportivo apenas para arianos, em Viena, tinha ficado profundamente magoado quando as autoridades verificaram os seus antepassados e o consideraram judeu.

Era amável para os rapazes do seu destacamento. Deixava-os abrandar o ritmo e descansar se os SS não estavam por perto. Sempre que um guarda aparecia, Willi dava um espectáculo a dirigir os rapazes a toda a velocidade, gritando-lhes de forma selvagem enquanto agitava o cassetete, mas nunca o usava. A actuação era tão convincente que os guardas não se preocupavam sequer em dar eles próprios sovas quando Willi era o responsável.

Entretanto, Fritz pensava na fotografia e tinha esperança.

אבא

– Esquerda-dois-três! Esquerda-dois-três!

Gustav, com o ombro na corda, puxava. Não havia pausas nem descanso – apenas puxar, andar, puxar, andar, até à eternidade. Em ambos os lados, o outro gado puxava e andava, a suar sob a luz do Sol sarapintada pelas árvores. 26 estrelas judaicas, 26 corpos esfaimados a puxar o vagão carregado de troncos através da floresta, encosta acima, ao longo da estrada poeirenta, com as rodas dos vagões a gemer sob o peso.

Era árduo, mas para Gustav a transferência da pedreira para a coluna de transporte tinha-lhe salvado a vida e devia-o a Leo Moses. A pedreira tinha-se tornado pior do que nunca. Os prisioneiros eram perseguidos todos os dias através da linha de sentinelas e o sargento Hinkelmann tinha inventado uma nova tortura: se um homem sucumbia de exaustão, mandava entornar-lhe água para dentro da boca até o sufocar. Entretanto, o sargento Blank entretinha-se a atirar rochas para cima dos prisioneiros quando estes saíam da pedreira. Muitos eram atingidos e mutilados, outros morriam. Os homens das SS tinham também criado um esquema de extorsão contra os trabalhadores judeus da pedreira que recebiam dinheiro de casa. A cada poucos dias, cada homem tinha de pagar até cinco marcos e seis cigarros ou apanhar uma tarefa. Com duzentos prisioneiros, os guardas tiravam um bom

rendimento dos «dias de pagamento», embora a soma diminuísse semana após semana com os prisioneiros a serem assassinados.

Através da influência de Leo, em Julho Gustav tinha sido transferido da zona de matança para a coluna de transporte. Movimentavam materiais de construção através do campo durante todo o dia – troncos da floresta, gravilha da pedreira, cimento das lojas. Os *kapos* obrigavam-nos a cantar enquanto trabalhavam, e os outros prisioneiros chamam-lhes *singende Pferde* – cavalos cantantes¹⁹.

– Esquerda-dois-três! Esquerda-dois-três! Esquerda-dois-três! Cantem, porcos!

Sempre que passavam por um guarda das SS, este gritava com eles.

– Por que não correm, seus cães? Mais depressa!

Mas mesmo assim era melhor do que a pedreira. «É trabalho árduo», escreveu Gustav, «mas uma pessoa tem mais paz e não é perseguida [...] O homem é uma criatura de hábitos e consegue habituar-se a qualquer coisa. E assim se passa, dia após dia.»

Com as rodas a rodar, os homens-cavalos a cantar e a puxar, e os *kapos* a marcar o ritmo, os dias passaram.

בן

O sargento Schmidt das SS gritava para o grupo de homens enquanto eles corriam em círculos em torno da praça da chamada.

– Mais depressa, judeus de merda!

Fritz e os outros rapazes, que iam à frente, aceleraram o passo para evitar os golpes que Schmidt distribuía a qualquer um que fosse demasiado devagar. Alguns dos corredores debatiam-se com estômagos ou testículos magoados, onde Schmidt os tinha pontapeado por terem demorado demasiado a responder durante a chamada.

– Corram! Corram, seus porcos, corram! Mais depressa, seus merdas!

Enquanto os outros prisioneiros regressavam às suas casernas, os prisioneiros do Bloco 3 tinham sido obrigados a ficar. Schmidt, o *Blockführer* deles, tinha encontrado de novo falhas durante a inspecção – uma cama mal feita, um chão insuficientemente imaculado, pertences por guardar – e era de novo tempo de serem castigados: o *Straftransport*. Encorpado e flácido, Schmidt era um notório vigarista, bem como sádico. Tinha um cargo na cantina dos prisioneiros e desviava tabaco e cigarros em grandes quantidades. Os rapazes do Bloco 3 chamavam-lhe *Merda Schmidt*, por causa da sua palavra favorita²⁰.

– Corram! Marchem! Deitem-se... Levantem-se... Isso é uma merda, deitem-se outra vez. Agora corram! – *Zás*, acertava com o seu chicote de gado nas costas de algum pobre homem que não conseguia acompanhar. – Corram!

Passaram-se duas horas, o Sol pôs-se e a praça arrefeceu, mas os homens suavam e lutavam contra a falta de ar. Por fim, Schmidt dispensou-os com insultos e arrastaram-se para o seu bloco.

Esfomeados, sentaram-se para comer a única refeição quente do dia: sopa de nabo. Se tivessem sorte poderia ter algum pequeno resto de carne.

Fritz tinha terminado e estava prestes a levantar-se quando Gustl Herzog disse aos rapazes para ficarem onde estavam.

– Tenho de falar convosco – disse. – Rapazes, não podem correr tão depressa durante o *Strafsport*. Quando correm depressa os vossos pais não conseguem acompanhar-vos e são agredidos pelo Schmidt por se atrasarem.

Os rapazes estavam envergonhados, mas o que podiam fazer? *Alguém* seria sempre agredido por ir demasiado devagar. Gustl e Stefan mostraram-lhes a solução.

– Corram assim: levantem mais os joelhos e dêem passos mais pequenos. Desta forma, parece que estão a correr ao máximo, mas avançam devagar.

Funcionou para enganar o *Merda Schmidt*. Com o passar do tempo, Fritz aprenderia todos os pequenos truques dos veteranos. Coisas absurdas, algumas, mas que podiam significar a diferença entre a segurança e a dor, ou entre a vida e a morte.

E enquanto isso, enquanto Fritz trabalhava nas hortas e Gustav puxava o seu vagão, a guerra decorria no mundo exterior, com os meses a arrastar-se e toda a esperança de libertação a esmorecer devagar. A candidatura da mãe para o libertar, que mantivera as forças de Fritz durante algum tempo, começou a desvanecer-se para o reino da falta de esperança.

[xii] O guarda das SS responsável por um bloco de casernas.

Uma decisão favorável

בת

Estava tudo a mudar para Edith e Richard. Nesta terra de refúgio, começaram a ver algo a emergir que pensavam que tinha ficado para trás em Viena.

Em Junho de 1940, a calma frente de batalha tornou-se um sítio de bombas e sangue e morte, com a Guerra de Mentira a dar lugar à Batalha da Grã-Bretanha. Todos os dias, os bombardeiros da Luftwaffe atacavam aeroportos e fábricas e todos os dias os *Spitfire* e os *Hurricane* tentavam fazer-lhes frente. A RAF tinha-se tornado uma força de coalizão, com os pilotos exilados da Polónia, França, Bélgica e Checoslováquia a juntarem-se aos seus pilotos britânicos e da Commonwealth. O Reino Unido ainda gostava de pensar em si mesmo como uma nação individual, mas não era nada disso.

A imprensa estava concentrada em duas coisas: o progresso da batalha e o medo crescente de o país ser infiltrado por espiões e sabotadores alemães, a preparar o caminho para a invasão. Os rumores começaram em Abril. A imprensa – com o *Daily Mail* à cabeça – tinha ajudado a aumentar a paranóia sobre os quintos colunistas¹. A paranóia tornou-se histeria e os olhos hostis viraram-se para os 55 mil refugiados judeus austríacos e alemães. Esses homens, mulheres e crianças dificilmente espiariam para Hitler e tinham sido poupados aos campos de detenção², mas com o país sob ameaça de invasão, o *Mail* e alguns políticos exigiam bem alto que o governo detivesse todos os cidadãos alemães, independentemente do estatuto, pelo bem da segurança nacional.

Quando Churchill se tornou primeiro-ministro, em Maio, aumentou as categorias sujeitas a detenção para incluir membros da União Britânica de Fascistas e do Partido Comunista, e nacionalistas irlandeses e galeses. Em Junho, perdeu a paciência e emitiu a ordem: «Prendem-nos a todos!»³ Para evitar colocar demasiada pressão na infra-estrutura, as detenções deveriam prosseguir por etapas. Primeira etapa: alemães e austríacos – tanto judeus, como não judeus e antinazis – que não tivessem estatuto de refugiados ou que estivessem desempregados. A segunda etapa deveria varrer os restantes alemães e austríacos que vivessem fora de Londres, e a terceira etapa reuniria os de Londres.

Churchill disse ao Parlamento: «Sei que há muitas pessoas afectadas por estas ordens [...] que são fervorosos inimigos da Alemanha nazi. Lamento muito por eles, mas não podemos [...] fazer todas as distinções que gostaríamos de fazer.»⁴ As detenções da primeira etapa começaram a 24 de Junho⁵.

As pessoas faziam circular o tipo de rumores anti-semitas que surgiam sempre em tempos problemáticos: os judeus operavam no mercado negro, fugiam ao serviço militar, tinham privilégios especiais, tinham mais dinheiro, melhor comida, melhores roupas⁶. Desesperada para suprimir o

crescente anti-semitismo, a comunidade anglo-judia alinhou-se com a disposição nacional. O *Jewish Chronicle* recomendava de forma inflamada que fossem tomadas as «mais rigorosas medidas» contra os refugiados, incluindo judeus, e apoiou o alargamento das detenções. As sinagogas britânicas deixaram de permitir sermões em alemão e o Conselho de Deputados de Judeus Britânicos começou a restringir as reuniões de refugiados judeus alemães⁷.

Em Leeds, os medos de Edith tinham aumentado ao longo dos meses. Ela e Richard tinham-se instalado num apartamento num edifício vitoriano muito degradado, perto da sinagoga⁸. Edith abandonara a sua posição de interna com a senhora Brostoff e mudado para um emprego diurno como mulher-a-dias para uma mulher que vivia perto. Não foi uma tarefa fácil, já que as mudanças de emprego dos refugiados tinham de ser registadas e aprovadas pelo Ministério do Interior⁹. Richard continuou com o seu negócio de biscoitos *kosher*. Com um bebé a caminho, deviam estar felizes, mas Edith estava profundamente inquieta. A vida era agora desconfortável para qualquer pessoa que tivesse sotaque alemão na Grã-Bretanha. E, com uma invasão alemã quase certa, estavam todos consumidos pelo medo. Tinham visto o quão rapidamente a Áustria se rendera aos nazis e era fácil de imaginar paramilitares em Chapeltown Road, e Eichmann ou qualquer outro monstro a emitir ordens a partir da Câmara Municipal de Leeds.

Com a sensação de que estava na altura de tentar sair da Europa, Edith desencantou os atestados dos familiares que tinha na América. Perguntou ao Comité de Refugiados se ainda eram válidos, agora que estava casada. A resposta demorou quase duas semanas a chegar de Londres: não, não eram. Tinha de escrever aos parentes e pedir-lhes novos atestados. Os parentes também tinham de os estender ao marido dela¹⁰. E, claro, tinham de se candidatar a um visto na Embaixada dos EUA em Londres. Com a guerra a intensificar-se nos céus sobre as suas cabeças e a crescente ameaça de detenção, Edith e Richard estavam perante um processo penosamente longo.

Nunca iriam descobrir quanto tempo demoraria. No início de Julho, a segunda etapa do programa do governo chegou em força e a polícia de Leeds prendeu Richard.

Só por sorte não levaram Edith também. Não havia excepções para mulheres e crianças, mas para as mulheres grávidas, sim¹¹.

Richard só tinha 21 anos, com as cicatrizes de Dachau e de Buchenwald no corpo, e tinha fugido para o Reino Unido à procura de asilo. Agora, fora arrancado à mulher e ao filho por nascer e encarcerado pelas mesmas pessoas que deviam protegê-lo dos nazis.

Edith apresentou de imediato um pedido para a sua libertação junto do Ministério do Interior. Não era um processo fácil, já que tinham de provar não ser uma ameaça para a segurança e que podiam dar um contributo positivo para o esforço de guerra¹². Ambas as delegações do Comité de Refugiados Judeus, em Leeds e em Londres, intercediam junto do Ministério do Interior pelos milhares agora encarcerados. Muitos nem sequer estavam em campos com infra-estruturas decentes – os números eram demasiado altos e foram montados centros improvisados em fábricas de algodão abandonadas, fábricas fechadas, pistas de corridas e em todos os sítios que encontraram. Muitos foram para o centro de internamento principal, na ilha de Man¹³. Alguns detidos tinham idade suficiente para se lembrar que os campos de concentração nazis tinham começado exactamente assim – Dachau tinha sido fundado numa fábrica abandonada.

As semanas de Julho e Agosto foram passando, a gravidez de Edith avançou e não houve notícias. Escreveu ao Comité no final de Agosto, mas aconselharam-na a não insistir no assunto: «Achamos que fez tudo o que era possível no presente e pensamos que seria muito desaconselhável para o nosso Comité intervir. Fomos avisados pelo Ministério do Interior que apelos adicionais e cartas de averiguação [...] podem resultar no atraso de qualquer decisão.»¹⁴

Alguns dias depois, a decisão foi tomada. Richard continuaria em prisão preventiva.

Para um veterano dos campos de concentração, a vida no campo de internamento era relativamente fácil. Não havia trabalho forçado, castigos ou guardas sádicos. Os detidos faziam desporto, tinham concertos e ciclos educacionais. No entanto, continuavam a ser prisioneiros. E, embora não houvesse guardas das SS, os judeus encontravam-se muitas vezes confinados com simpatizantes nazis vingativos. Richard tinha o tormento adicional de saber que Edith teria de atravessar sozinha a gravidez e sem o ordenado dele.

No início de Setembro, agora no nono mês, Edith submeteu um segundo pedido para a libertação de Richard. O Comité assegurou-lhe: «Acreditamos sinceramente que o pedido vai receber uma decisão favorável.»¹⁵ A espera recomeçou. Após duas semanas, chegou uma nota breve do Departamento de Estrangeiros do Ministério do Interior, que dizia que o caso de Richard seria analisado «assim que possível»¹⁶.

Dois dias depois, as contracções de Edith começaram. Foi levada para a maternidade em Hyde Terrace, no centro de Leeds, onde, na quarta-feira, 18 de Setembro, deu à luz um rapaz saudável. Chamou-lhe Peter John. Um nome inglês para um bebé inglês nascido no Yorkshire.

Enquanto aquele assustador Verão terminava e o espírito do público se tornava fleumático, o ambiente virou-se contra o internamento dos inofensivos refugiados. Em Julho, um navio carregado com vários milhares de detidos, que se dirigia para o Canadá – incluindo alguns judeus – fora afundado por um submarino. A perda de vidas tinha feito os britânicos olhar para si mesmos e para a forma como estavam a tratar pessoas inocentes só por serem estrangeiras. A política foi gradualmente revertida. No Parlamento, os políticos expressaram arrependimento por aquilo que tinham feito num momento de pânico. Um membro conservador disse: «Contribuímos, inadvertidamente, eu sei, para a soma total de infelicidade causada por esta guerra e, ao fazê-lo, não aumentámos em nada a eficiência do nosso esforço de guerra.»¹⁷ Um membro trabalhista acrescentou: «Lembramo-nos do horror que surgiu neste país quando Hitler colocou judeus, socialistas e comunistas em campos de concentração. Ficámos horrorizados com isso, mas, de alguma forma, quase o tomámos por garantido quando fizemos a mesma coisa às mesmas pessoas.»¹⁸

Peter tinha cinco dias quando as notícias chegaram a Edith: Richard tinha sido libertado¹⁹.



Gustav abriu o bloco-notas e folheou as páginas. Tão poucas. Todo o ano de 1940 resumido em apenas três páginas a abarrotar com a sua forte caligrafia. «Assim passa o tempo», escreveu ele, «a acordar cedo de manhã e a chegar tarde à noite, comer e, depois, logo dormir. Assim passou um ano, com trabalho e castigo.»

Nem sempre era logo dormir. Um novo tormento tinha sido inventado para os judeus pelo vice-comandante responsável pelo campo principal, o major das SS Arthur Rödl. Todas as noites, quando voltavam da pedreira, dos jardins e dos edifícios onde trabalhavam, exaustos e esfomeados, enquanto todos os outros prisioneiros voltavam para as suas casernas, os judeus eram obrigados a ficar de pé na praça da chamada sob os holofotes e a cantar.

Rödl, um patife pretensioso cuja pouca inteligência não o impedira de subir às mais altas patentes, adorava ouvir o seu «coro» judeu actuar. A orquestra do campo sentava-se de um lado a tocar e o «maestro do coro» ficava em cima de um monte de gravilha, num extremo da praça, a conduzir.

– Outro número! – gritava Rödl pelos altifalantes e os fatigados prisioneiros arranjavam forças para aguentar outra canção. Se o canto não era suficientemente bom, o altifalante ladrava... – Abram as bocas! Os porcos não querem cantar? Deitem-se no chão, a maralha toda, e dêem-nos uma canção!

E lá tinham eles de se deitar, fosse qual fosse o tempo, no pó, na terra, nas poças enlameadas ou na neve, e cantar. Os responsáveis pelos blocos percorriam as fileiras e pontapeavam qualquer homem que não cantasse suficientemente alto.

A provação muitas vezes durava horas. Às vezes, Rödl ficava aborrecido e anunciava que ia jantar, mas os prisioneiros tinham de ficar e praticar.

– Se não conseguem fazê-lo bem – dizia-lhes –, podem ficar e cantar a noite toda.

Os guardas das SS, ressentidos por terem de ficar a supervisionar, descarregavam a raiva nos prisioneiros, distribuindo pontapés e sovas.

Cantavam a *Canção Buchenwald* mais do que qualquer outra. Composta pelo compositor vienense Hermann Leopoldi, com palavras do celebrado letrista Fritz Löhner-Beda, ambos prisioneiros, era uma marcha inspiradora, com palavras que exaltavam a coragem no meio da desventura. Tinha sido especialmente encomendada por Rödl.

– Todos os outros campos têm uma canção. Temos de ter uma canção de Buchenwald²⁰.

Ele tinha oferecido um prémio de dez marcos ao compositor escolhido (que nunca foi pago) e ficou deliciado com o resultado. Os prisioneiros cantavam-na quando marchavam de manhã para o trabalho.

Oh, Buchenwald, não te consigo esquecer,
Pois tu és o meu destino.
Só quem te abandonou é que pode avaliar
Quão bela é a liberdade!
Oh, Buchenwald, não nos queixamos e lamentamos,
E seja qual for o nosso destino,
Diremos sim à vida,
Pois chegará o dia em que seremos livres!

Rödl não conseguiu miseravelmente reconhecer o espírito de desafio. «Na sua fraqueza de intelecto», recordou Leopoldi, «ele não conseguiu ver o quanto a canção era de facto revolucionária.»²¹ Rödl também encomendou uma *Canção Judaica* com letra difamatória sobre os crimes e a pestilência dos judeus, mas tinha sido «demasiado estúpida», até para ele, e baniua.

Outros oficiais ressuscitaram-na mais tarde e forçavam os prisioneiros a cantá-la até altas horas da noite²².

Ainda assim, era quase sempre a *Canção Buchenwald* que era cantada. Os judeus cantaram-na vezes sem conta na praça da chamada sob as luzes. «Rödl gostava de dançar ao som da melodia», disse Leopoldi, «enquanto de um lado a orquestra do campo tocava e, do outro lado, as pessoas eram chicoteadas.»²³ Quando a cantavam na marcha para o trabalho, sob a luz do amanhecer vermelho, colocavam nela toda a aversão e ódio que tinham pelos SS. Muitos morreram a cantá-la.

«Eles não nos podem destruir desta forma», escreveu Gustav no diário. «A guerra continua.»

בן

Buchenwald crescia todos os meses. A floresta era devorada e transformada em madeira. Entre o desperdício, os edifícios erguiam-se como fungos pálidos nas costas infectadas de Ettersber.

As casernas dos SS formaram gradualmente um semicírculo de blocos de dois andares, com um casino para oficiais no centro. Havia vilas belissimamente desenhadas, com jardins, para os oficiais, um pequeno zoológico, estábulos e infra-estruturas para andar a cavalo, complexos de garagens e uma estação de combustível para os veículos das SS. Até havia uma falcoaria. No meio das árvores, na encosta perto da pedreira, havia um aviário, um miradouro e um salão de caça, feito de madeira de carvalho esculpida e grandes lareiras, repleto de troféus e de móveis pesados. Destinava-se ao uso pessoal de Hermann Goering, mas ele nem sequer visitou o local. As SS estavam tão orgulhosas dele que, por um marco, os alemães locais podiam ir visitá-lo²⁴.

Toda esta construção era forjada a partir da rocha e das árvores do monte em que se encontravam e misturada com o sangue dos prisioneiros cujas mãos transportavam e assentavam as rochas, os tijolos e as madeiras.

Ao longo das estradas entre os locais de construção, Gustav Kleinmann e os seus companheiros escravos puxavam os vagões de materiais, e o seu filho era agora um daqueles cujas mãos erguiam os edifícios. O incansável benfeitor de Fritz, Leo Moses, tinha mais uma vez usado a sua influência para que Fritz fosse transferido para o destacamento responsável por construir as garagens das SS²⁵.

O *kapo* do destacamento de construção 1, que era responsável pelo projecto, era Robert Siewert, um amigo de Leo Moses. Alemão de ascendência polaca, Siewert usava o triângulo vermelho dos prisioneiros políticos. Tinha sido pedreiro na juventude e servira no exército alemão na guerra anterior. Devoto comunista, fora membro do parlamento da Saxónia nos anos de 1920. Na casa dos 50 anos, tinha um ar de força e de energia resilientes: encorpado, com uma cara larga e olhos estreitos sob as sobrancelhas escuras e grossas.

No início, o trabalho consistia em carregar: levar aquilo, aguentar o peso e correr! Um saco de 50 quilos de cimento pesava mais do que o próprio Fritz. Os trabalhadores do pátio colocavam-lho sobre os ombros e ele transportava-o, cambaleante, a tentar correr, para onde fosse necessário. Mas não havia insultos nem sovas. Os SS valorizavam muito o destacamento de construção e Siewert conseguia proteger os seus trabalhadores.

Apesar da sua aparência rude, Robert Siewert tinha um coração bondoso. Transferiu Fritz para a tarefa mais leve de misturar argamassa e ensinou-o a cair nas boas graças dos SS.

– Tens de trabalhar com os olhos – disse-lhe ele. – Se vires um homem das SS a aparecer, trabalha depressa. Mas se não houver nenhum SS, então, demora o teu tempo, poupa-te.

Fritz tornou-se tão bom a observar os guardas e a dar um espectáculo de intenso trabalho produtivo, que ganhou reputação de esforçado. Siewert apontava para ele perante o líder da construção, o sargento Becker das SS.

– Veja como este rapaz judeu trabalha de forma diligente – dizia.

Um dia, Becker chegou ao estaleiro com o seu superior, o tenente Max Schobert, das SS, vice-comandante responsável pelos prisioneiros em prisão preventiva. Siewert chamou Fritz e apresentou-o ao oficial, elogiando o seu desempenho.

– Podíamos formar prisioneiros judeus como pedreiros – sugeriu ele.

Schobert, um indivíduo com uma cara feroz e um esgar permanente, olhou para baixo, para Fritz, a partir da ponta do seu grande nariz. Não gostava nada desta sugestão. Ter despesa para formar judeus! Não, não, ele não o permitiria. No entanto, a semente tinha sido plantada.

Quando chegaram mais tropas a Buchenwald, para dar à guarnição toda a sua força, a semente começou a germinar. O trabalho tinha de ser acelerado, para terminar as casernas dos SS – uma tarefa muito além da capacidade da força de trabalho existente. Siewert apresentou de novo o seu caso, desta vez perante o comandante Koch. Queixou-se de não ter pedreiros suficientes. A única solução era formar jovens judeus para o cargo. A reacção de Koch foi igual à de Schobert. Siewert insistiu que não podia fornecer trabalhadores de outra forma, mas a resposta continuou a ser *judeus não*.

Siewert decidiu que a única forma era provar que tinha razão. Fritz tornou-se seu aprendiz. Siewert começou por ensiná-lo a colocar tijolo para construir uma parede simples, sob a supervisão de trabalhadores arianos. Com um cordel como guia, ele espalhava a argamassa e colocava tijolo a tijolo, de forma limpa e correcta. Herdara a aptidão do pai para os trabalhos manuais e aprendia depressa. Depois de dominar o básico, foi ensinado a fazer cantos, pilares e contrafortes, depois lintéis, lareiras e chaminés. Com o tempo húmido aprendeu a colocar gesso. Todos os dias Siewert vinha falar com ele e verificar o seu progresso. Muito depressa, Fritz tornou-se um pedreiro e construtor aceitável – o primeiro judeu de Buchenwald a consegui-lo.

O progresso dele era tão impressionante e a necessidade era tão urgente, que o comandante Koch cedeu e permitiu que Siewert iniciasse um programa de formação para rapazes judeus, polacos e ciganos. Passavam metade do dia a trabalhar no estaleiro e outra metade nos seus blocos, no campo, a aprender teoria e ciência da construção. Usavam bandas verdes nas mangas, com a inscrição «Escola de Pedreiros» e desfrutavam de certos privilégios. Um dos favoritos era a atribuição especial de comida aos trabalhadores com tarefas mais duras: duas vezes por semana recebiam uma ração extra de pão e meio quilo de morcela ou de *pâté* de carne, que lhes era levado ao estaleiro. Isto além da sua ração diária normal de pão, margarina, uma colher de coalhada ou de doce de beterraba, café de bolota e sopa de couve ou de nabo.

Para Fritz, Robert Siewert era um herói e representava o espírito de resistência e a essência da bondade humana. Os jovens eram a sua grande preocupação e fazia tudo o que podia para os equipar com competências e conhecimentos que podiam salvar-lhes as vidas. «Falava connosco como um

pai», recordaria Fritz, «com paciência e amabilidade.»²⁶ Fritz questionava-se onde arranjaria ele a força, na sua idade e após tantos anos de encarceramento.

Quando o Inverno começou a instalar-se, Siewert conseguiu autorização para montar no estaleiro barris de óleo como braseiras, sob o pretexto de o gesso e a argamassa poderem rachar com o frio. O seu verdadeiro objectivo era o bem-estar dos trabalhadores, que tinham apenas os finos uniformes a protegê-los. Um homem humano e corajoso dos pés à cabeça, Robert Siewert nunca falhou no seu dever, colocando-se conscientemente em risco ao interceder junto dos SS a favor dos judeus, dos ciganos e dos polacos.

Mas a influência de Siewert não se estendia para lá dos limites do estaleiro e da escola de pedreiros. Assim que o dia terminava e os prisioneiros regressavam ao campo principal, estavam de volta ao regime das paradas para cantar, das sovas aleatórias, da privação de comida e dos assassinios por capricho. Fritz olhava para os companheiros prisioneiros e dava graças, em silêncio, por pelo menos comer melhor do que eles e não estar em risco de ser empurrado para lá da linha de sentinelas ou pontapeado até à morte. Receava pelo pai, que trabalhava como um escravo todos os dias na coluna de transporte. Guardava o que conseguia das suas rações adicionais para lhe dar quando se encontravam à noite.

A mente de Gustav estava mais descansada com o novo estatuto do filho e a segurança que isso trazia. «O rapaz é popular entre os capatazes e o *kapo* Robert Siewert», escreveu. «Recebemos o nosso maior apoio de Leo Moses, o que nos dá mais confiança.» Para o indomável espírito optimista de Gustav, começava a parecer que talvez sobrevivessem a esta provação.

Fritz tinha saído do Bloco da Juventude no início do ano e sido transferido para o Bloco 17, perto do bloco do pai. Custara separar-se dos amigos, mas a mudança revelaria ser formativa, mais uma etapa para a sua entrada na idade adulta. O Bloco 17 era onde se encontravam os prisioneiros VIP e as celebridades austríacas – os *Prominenten*.

A maioria era constituída por políticos, mas de um estatuto mais elevado do que os homens de triângulo vermelho do campo²⁷. Alguns dos nomes eram familiares para Fritz, da altura em que o pai era activista no Partido Social-Democrata. Os prisioneiros incluíam Robert Danneberg, um socialista judeu que tinha sido presidente do Conselho Municipal de Viena e uma das figuras mais importantes da «Viena Vermelha» – o auge socialista que durou entre o final da Primeira Grande Guerra e a tomada de poder da Direita, em 1934. Em contraste com a presença sóbria de Danneberg estava a cara redonda e divertida de Fritz Günbaum, estrela do espectáculo de cabaré de Berlim e Viena, orador^[xiii], argumentista, actor de cinema e libretista de Franz Léhar (um dos compositores favoritos de Hitler). Enquanto judeu proeminente e satírico político, Grünbaum tinha sido detido pelos nazis logo após a *Anschluss*. Envelhecido e de constituição fraca, com a sua cabeça careca e rapada e óculos de fundo de garrafa, parecia Mahatma Gandhi. Tendo suportado os destacamentos da pedreira e das latrinas, a sua saúde e o seu espírito quebraram e tentou o suicídio. Ainda assim, conseguia manter algo da sua velha personagem e, por vezes, fazia actuações de cabaré para os outros presos. O seu comentário sobre a sua situação enquanto judeu era simples e certo: «Em que me beneficia o meu intelecto quando o meu nome me prejudica? Um poeta chamado Grünbaum está acabado.» Tinha razão. Em meses estaria morto²⁸.

Fritz também ficou a conhecer Fritz Löhner-Beda, com o seu ar sisudo e os seus óculos, o autor da letra comovente e desafiante da *Canção Buchenwald*. Tal como Grünbaum, tinha escrito libretos para as óperas de Léhar. Sempre esperou que Léhar, que tinha influência junto de Hitler e de Goebbels, conseguisse libertá-lo, mas foi uma esperança vã. Para aumentar o seu tormento, as canções das operetas de Léhar, *Giuditta* e *O País dos Sorrisos*, eram ouvidas com frequência pelos altifalantes do campo, com os SS aparentemente a desconhecer a sua participação nelas. Ainda o magoava mais eles passarem a popular canção *Perdi o Meu Coração em Heidelberg*, cuja letra ele escrevera.

Um dos mais brilhantes *Prominenten* do Bloco 17 era Ernst Federn, um jovem psicoanalista e trotskista vienense que usava a estrela vermelha sobre a amarela dos presos políticos judeus. Ameaçador à primeira vista, com feições pesadas que o faziam parecer quase um bandido sob o seu cabelo curto, Ernst tinha uma alma bondosa. Qualquer pessoa podia ir falar com ele sobre os seus problemas. O seu irrepreensível optimismo granjeou-lhe a reputação de ser um pouco doido, mas dava um maravilhoso encorajamento aos outros prisioneiros²⁹.

Havia muitos sociais-democratas, sociais-cristãos, trotskistas e comunistas no Bloco 17. No tempo livre, à noite, o jovem Fritz sentava-se a ouvir as conversas sobre política, filosofia e guerra... A conversa deles era intelectual, sofisticada e Fritz lutava para compreender o que diziam. Uma coisa que sobressaía era a força da sua crença no conceito da Áustria. Apesar da sua própria situação desesperada e de o país ter sido obliterado enquanto Estado independente, eles partilhavam a visão de uma futura Áustria, livre do governo nazi, renovada e bela. Os homens do Bloco 17 estavam convencidos de que a Alemanha iria acabar por perder a guerra, embora as notícias que chegavam ao campo indicassem que naquela altura estava a ganhar em todas as frentes.

A fé e a coragem de Fritz cresciam perante a visão destes homens de um futuro melhor, mesmo adivinhando que poucos deles viveriam para assistir. «A camaradagem que aprendi no Bloco 17 mudou a minha vida de forma fundamental», recordaria Fritz. «Tomei conhecimento de uma forma de solidariedade inimaginável na vida fora dos campos de concentração.»³⁰

Um momento alto do tempo que Fritz passou no Bloco 17 foi a celebração do aniversário de Fritz Grünbaum, no mesmo dia da sua irmã Herta (ela faria 18 anos). Os homens do Bloco 17 guardaram porções das suas rações para proporcionar ao velho companheiro um jantar decente e um pouco mais foi roubado das cozinhas. Depois da refeição, Löhner-Beda discursou e o próprio Grünbaum cantou alguns versos. Sendo o mais jovem preso presente, Fritz foi autorizado a felicitar a humilhada estrela.

O que poderia ter em comum um jovem aprendiz de estofador-transformado-em-pedreiro de Leopoldstadt, um companheiro de brincadeira do Karmelitermarkt, com estes políticos, intelectuais e homens do espectáculo? Eram todos austríacos, por nascimento ou por escolha, e eram judeus. Era o suficiente. Em Buchenwald eram uma pequena nação de sobreviventes, cercada por um mar envenenado.

E as mortes continuavam.

Os assassínios na pedreira estavam a tornar-se mais frequentes. Muitos dos mortos eram amigos de Fritz ou do seu pai, alguns dos velhos dias de Viena. Nesse ano, em todos os campos de concentração, as mortes de prisioneiros dispararam de cerca de 1300 para 14 000³¹. A causa disso

era a atmosfera de guerra. Enquanto as Waffen-SS e as Wehrmacht lutavam e conquistavam os inimigos da Alemanha, desde a Polónia ao Canal da Mancha, as Totenkopf SS nos campos sentiam o sangue a latejar e os ânimos a exaltar-se e aprofundavam a sua guerra contra o inimigo interno. As notícias das vitórias militares desencadeavam surtos de agressão triunfante e os revezes – como o fracasso em subjugar o Reino Unido – inspiravam retaliação.

O que fazer com o crescente número de corpos tornou-se um problema e, em 1940, as SS começaram a equipar os campos com crematórios³². O de Buchenwald era um pequeno edifício quadrado, com um pátio rodeado por um muro alto. Da praça da chamada podiam ser vistos os cimos das chaminés em construção, tijolo após tijolo. Quando ficou pronto, começou a deitar o seu primeiro fumo acre. A partir desse dia, o fumo raramente parou. Por vezes, subia muito além das copas das árvores. Com frequência pairava sobre o campo. Mas havia sempre aquele cheiro: o odor amargo da morte.

אמא

No novo ano, após meses de frustração, Tini recebeu por fim uma resposta do consulado dos Estados Unidos em Viena.

Desde Março de 1940 que havia contínuas convocatórias para entrevistas para emigração, mas Tini tinha sido aconselhada a esperar que Gustav e Fritz fossem libertados, se queria que a família fosse junta³³. Porém, como as SS não libertavam prisioneiros até terem todos os papéis necessários para emigrar, isto era um impasse desesperante.

Todos os atestados estavam em ordem. O problema era obter os vistos americanos e os bilhetes válidos para a viagem (que tinham de ser pagos) e ter tudo coordenado. Enquanto a França se tinha mantido livre, fornecera uma rota de fuga da Europa para a América, mas a invasão alemã tinha fechado os portos franceses. No Outono, Lisboa tornara-se disponível para os emigrantes, mas ao mesmo tempo o consulado dos EUA em Viena congelou a emissão de vistos. A posição de Roosevelt, de dar refúgio aos refugiados, tinha sucumbido perante o crescente anti-semitismo na América. O presidente capitulou perante a opinião pública e instruiu a Secretaria de Estado para reduzir o número de vistos a quase zero: «Mais estrangeiros não.» O consulado continuava a chamar os candidatos para as entrevistas, que já por si eram tortuosas, exigiam despesas em documentos autenticados, certificados da polícia, bilhetes de barco, impostos locais antijudaicos. Na entrevista final, quando o ansioso candidato tinha miraculosamente conseguido ter toda a documentação em ordem, era-lhe dito que não tinha conseguido mostrar que podia dar um contributo para os Estados Unidos e que, por isso, era provável que se tornasse «um custo público»³⁴. *Visto recusado*.

A partir de Outubro de 1940, virtualmente todos os candidatos – pessoas que viviam em constante terror e se haviam arruinado para satisfazer as exigências burocráticas – acabaram desolados³⁵. Tini estava prestes a desesperar. «Temos tudo», escreveu ela ao German Jewish Aid Committee, em Nova Iorque, «mas nenhum de nós emigrou [...] O nosso consulado local não nos dá as respostas adequadas.»³⁶ Ela não conseguia compreender a interminável frustração. O marido era um bom trabalhador, com boas competências, e tinham muitos atestados.

A sua única esperança eram as crianças. No início de 1941, Tini fez um progresso. Uma velha amiga, Alma Maurer, que tinha estado no seu casamento e agora vivia em Massachusetts, obtivera uma declaração para Kurt, de um judeu proeminente da cidade onde vivia – nada menos que um juiz. E, depois, um milagre: os Estados Unidos estavam dispostos a permitir a entrada de um pequeno número de crianças judias. Em conjunção com a organização German Jewish Children's Aid, um limitado número de menores desacompanhados seria recebido e colocado com famílias judias apropriadas nos Estados Unidos. Kurt tinha sido aceite.

Deixá-lo ir custaria tanto a Tini como a Herta, mas era a única forma de o colocar em segurança. E havia mais boas novas – embora Herta não fosse elegível para o esquema das crianças, o amável senhor de Massachusetts estava disposto a recebê-la, se ela conseguisse obter o necessário visto.

^[xiii] Mestre-de-cerimónias de cabaré.

O Novo Mundo

אבא

Sob um céu cinzento carregado de nuvens, o Ettersberg estava debaixo de neve, o que suavizava, mas não escondia, os contornos dos blocos de casernas e as vedações com torres altas.

Gustav encostou-se à pá. O *kapo* estava de costas e Gustav aproveitou o momento para recuperar o ar. As suas mãos nuas estavam roxas e, quando respirava para cima delas, nem sequer tinha nenhuma sensação de aquecimento. Ele sabia que quando regressasse às casernas, à noite, e o entorpecimento pelo frio passasse, elas iam latejar e doer horrores.

Um novo ano, mas nada tinha mudado neste mundo excepto a passagem das estações e o fim de vidas diário. O fumo do crematório pairava no ar gelado, trazendo às narinas dos prisioneiros o odor dos seus próprios futuros.

Gustav sentiu o *kapo* a voltar-se e já estava a manusear a pá antes que os olhos do homem o encontrassem. O trabalho da coluna de transporte tinha sido interrompido pela neve. Todos os dias a equipa limpava as ruas do campo e empurrava a neve para longe e todas as noites a natureza voltava a soterrá-las.

A luz estava a desaparecer. Sem olhares sobre ele, Gustav descansou outra vez. Olhou para cima, para o céu a sudeste, cinzento e salpicado com flocos de neve e manchado com fumo. Algures para lá, muito além daquelas vedações e da floresta, estava a casa dele, a sua mulher, Herta e o pequeno Kurt. O que estariam a fazer naquele momento? Estariam a salvo? Quentes ou com frio? Com medo ou com esperança? Em desespero? Ele e Fritz ainda recebiam cartas de Tini, mas não compensavam a falta de presença.

Com uma última olhadela ao céu, Gustav dobrou as costas e enterrou a pá na neve.

בן

O céu por cima da cabeça de Kurt era quente e azul, a brilhar com as folhas dos castanheiros-da-índia sarapintadas de sol e cravejadas de rebentos com flores brancas. Ele colocava um pé à frente do outro, a olhar para cima, algo atordado, mas com prazer.

Olhou para a frente e apercebeu-se de que tinha ficado para trás do resto da família. A mamã e o papá caminhavam de braço dado, com Fritz de mãos nos bolsos, Herta, bonita, a desfilar e Edith direita e elegante.

Tinham passado a manhã no Prater e Kurt estava encantado. Perdera a conta ao número de vezes que tinha descido o grande escorrega – se ajudasse a carregar as esteiras de novo para cima, o responsável oferecia uma descida grátis, e Kurt, Fritz e outros miúdos menos abonados davam

sempre algumas voltas. Agora, ao caminhar ao longo da Hauptallee, a avenida larga que atravessava os bosques do Prater, Kurt divertia-se a andar com um pé no passeio e o outro no degrau de relva alta entre ele e a estrada. Com os sentidos ao rubro, não reparou que o resto da família estava a afastar-se cada vez mais. Cantarolava para si mesmo, desfrutando da sensação de se impulsionar a cada passo que dava. Toda a consciência do tempo desapareceu e, quando voltou a olhar para cima, estava sozinho.

Sentiu um instante de terror. À sua frente, fileiras de árvores até bem longe, bosque de ambos os lados, famílias, casais, bicicletas e carruagens e carros a ressoar na estrada. Através das árvores, as cores da feira de diversões e mais gente. Mas não conseguia ver em lado nenhum as formas familiares dos pais ou das irmãs ou de Fritz. Tinham simplesmente desaparecido, como se tivessem sido raptados.

O terror momentâneo passou. Não havia necessidade de entrar em pânico. Kurt conhecia o Prater como a palma da sua mão e estava a pouco mais de um quilómetro de casa. Conseguiria encontrar o caminho. A Hauptallee deu lugar à Praterstern, uma enorme rotunda em forma de estrela onde sete ruas e avenidas se encontravam. Após o sossego dos bosques, havia um turbilhão de sons e de movimentos. Camiões, carros e eléctricos a troar da esquerda e da direita, a desaguar das ruas mais próximas para dentro da rotunda, os passeios cheios de gente.

Kurt percebeu que não fazia ideia do que devia fazer agora. Tinha atravessado este sítio vezes sem conta, mas sempre com um adulto ou um irmão mais velho. Nunca tinha precisado de prestar atenção a como atravessar esta torrente.

Após um bocado apercebeu-se da voz de uma mulher. Olhou para cima e encontrou uma senhora a observá-lo com preocupação.

– Estás perdido? – perguntou ela.

Bem, ele não estava perdido, ele sabia o caminho, não conseguia era perceber como o fazer. Também não sabia como explicar este complexo conceito. A senhora olhava para ele com ansiedade.

Apareceu um polícia que rapidamente assumiu o controlo da situação. Agarrou em Kurt pela mão e levou-o de novo em direcção ao Prater, ao longo da Ausstellungsstrasse. Chegaram à esquadra da polícia, um grande edifício de tijolo vermelho e cantaria, com um ar muito importante. Kurt foi conduzido para o interior de um mundo de uniformes escuros e azáfama eficiente e silenciosa, cheia de cheiros e de sons estranhos. Sentaram-no num gabinete. Um polícia que trabalhava ali sorriu-lhe, conversou e brincou com ele. Kurt tinha um rolo de fulminantes e, para sua alegria, com a fivela do cinto, fê-los rebentar um a um, com os estalidos a ecoar pelo gabinete como tiros de espingarda. Distraído e a desfrutar da companhia do polícia, Kurt mal deu pelo tempo passar.

– Kurt! – Virou-se ao som familiar da voz. – Estás aqui! – A mamã estava à entrada da porta e o papá atrás dela. O coração dele iluminou-se. Levantou-se e correu para os braços abertos da mãe.

בן

Kurt acordou, a tremer, com o coração aos saltos. Durante uns instantes não soube onde estava. Muitos barulhos a ressoar-lhe nos ouvidos. Por baixo dele, um banco de madeira, e, à sua volta,

gente estranha e uma sensação de embalo ritmado. Reparou na fina carteira que tinha pendurada ao peito e lembrou-se¹.

Este era o comboio para a sua nova vida.

O banco de madeira tinha-lhe deixado o traseiro adormecido, mas estava tão cansado que o sono tomou conta dele e deixou cair a cabeça sobre o passageiro do lado. Sentou-se direito e tocou na carteira. Recordou-se de a mãe lha ter pendurado ao pescoço.

Essa imagem era vívida: estavam na cozinha do apartamento. Ela sentou-o na mesa – na mesma superfície gasta onde outrora ele a tinha ajudado a enrolar a massa para a sopa de galinha. Consequia vê-la, com a cara emagrecida pela fome, marcada pela preocupação, a dizer-lhe o quão vital era que ele tomasse conta da carteira. Continha os seus papéis. Neste mundo de agora, isso significava que continha a sua alma, a autorização para existir. Ela sorriu e beijou-o.

– Porta-te bem, Kurt – disse. – Sê uma criança bem-comportada quando lá chegares. Nada de partidas, sê obediente para te deixarem lá ficar.

Ela deu-lhe um presente, uma harmónica acabada de comprar, linda e reluzente, e ele agarrou-a com força...

... e depois ela desapareceu. A piscar na memória, como uma luz desligada.

Kurt olhou à volta, para as pessoas do comboio, para a paisagem desconhecida do campo que passava sob o gelo de Fevereiro. Ele sabia que este era o comboio de Berlim, onde tinha recolhido os seus últimos documentos da German Jewish Children's Aid e o requerido dinheiro para a viagem – 500 verdes dólares americanos escondidos na bagagem – e também sabia que tinha ido de Viena para Berlim noutro comboio... mas essa memória estava a desvanecer-se. Com o tempo, para seu grande desgosto, acabaria por ser incapaz de se recordar de ter dito adeus à mãe, ou a Herta.

A velha vida, a vida familiar, os entes queridos, estavam para trás, a perder-se inexoravelmente numa dimensão diferente. Ou, então, era o contrário – Viena é que era real e o presente, e ele tinha sido empurrado para esta existência irreal.

A maioria das outras pessoas no comboio era refugiada e, para Kurt, a maioria parecia idosa. Havia algumas famílias com crianças pequenas. Judeus alemães, austríacos, húngaros e alguns polacos. As mães sussurravam para os seus pequenotes enquanto os maridos liam, ou conversavam ou passavam pelas brasas, homens velhos com chapéus enterrados até às sobrancelhas, inclinados no seu sono, a risonar e a babar-se para as suas barbas, e crianças de olhos arregalados ou a dormir contra os pais.

De vez em quando tinham de mudar de comboio, escoltados pela polícia ou por soldados até aos comboios que havia disponíveis. Às vezes, Kurt encontrava-se em luxuosos compartimentos de primeira classe, às vezes de segunda, mas com maior frequência nas ripas dolorosas da terceira classe. Kurt preferia os bancos, porque, pelo menos, conseguia sentar-se bem. As cadeiras na primeira classe tinham descanso de braços e as crianças tinham de se empoleirar neles, entaladas entre os adultos. Em algumas ocasiões, Kurt estava tão desesperado por conforto que subiu para as prateleiras da bagagem e estendeu-se em cima das malas.

Só havia mais duas crianças desacompanhadas no comboio, um rapaz e uma rapariga. Kurt foi-os conhecendo gradualmente. Um era um compatriota de Viena chamado Karl Kohn, com 14 anos e da

mesma parte de Leopoldstadt que Kurt. Usava óculos e parecia bastante adoentado e um pouco pequeno para um adolescente. A rapariga não podia ser mais diferente. Irmgard Salomon era de uma família de classe média de Estugarda e, apesar de ter apenas 11 anos, era mais alta do que qualquer dos rapazes uns bons cinco centímetros. Atraídos uns para os outros pelo seu isolamento, os três formaram um laço enquanto o comboio os levava para cada vez mais longe das suas casas.

אמא

O apartamento tinha-se tornado uma concha vazia. Onde outrora havia uma família, agora apenas duas mulheres: uma a envelhecer e a outra a desabrochar. Tini tinha 47 anos – uma idade em que deveria estar ansiosa por um futuro cheio de netos. E Herta, a dois meses de fazer 19 anos, deveria ter já uma profissão e estar a considerar com qual dos admiradores podia casar. Não deviam estar aqui sentadas sozinhas, neste apartamento desolado, com os seus poucos bens roubados e os seus entes queridos – marido, filhos, filha, pai, irmãos, irmã – subtraídos ou em fuga.

Viena era um local de zonas proibidas e o apartamento, que tinham a sorte de ter mantido, era uma prisão.

Dizer adeus a Kurt tinha sido uma dor insuportável. Ele era tão pequeno, tão frágil, uma amostra de gente, para ser atirado para o mundo. Tini não tinha conseguido acompanhá-lo até ao comboio – só pessoas com autorizações de viagem eram permitidas nas plataformas – e ela e Herta tinham tido de se despedir no exterior, a olhar à distância enquanto a multidão de refugiados o engolia².

Carne da sua carne, sangue do seu sangue, alma da sua alma, arrancada dela. Kurt era a sua esperança. Teria um novo início num mundo completamente novo. Talvez regressasse um dia e ela visse uma nova pessoa no seu lugar, modelada por uma vida que era completamente estranha para ela.

בן

Kurt estava deitado de costas no chão a olhar para as estrelas. Nunca na sua vida tinha visto um céu assim – mais profundo, mais escuro e mais brilhante do que qualquer outro na Terra: uma abóbada inalterada pela luz feita pelo homem. O navio, a avançar constantemente debaixo dele, estava às escuras, sozinho no vasto oceano iluminado pelas estrelas.

Ele sentia-se o último sobrevivente de um grande êxodo. Depois de o comboio chegar a Lisboa, ele e Karl e Irmgard tinham ficado à espera durante semanas. Era suposto haver dezenas de outras crianças a juntarem-se a eles para a viagem para a América, mas, quando chegou a altura, tornou-se evidente que os outros não iam chegar a tempo. Estavam presumivelmente enredados na teia burocrática da emigração. Kurt, Karl e Irmgard foram levados para a doca, onde o navio os esperava, alto como um edifício de escritórios, atracado ao longo do cais com enormes cordas e passadiços. O *SS Siboney* não era o maior navio de passageiros em serviço, mas tinha uma certa elegância: duas chaminés estreitas e *decks* superiores rodeados de zonas de arcadas para passeios. Ao longo do casco tinha pintada a identificação, para o proteger dos submarinos alemães: Linhas de Exportação Americanas, em enormes letras brancas seguidas da bandeira norte-americana.

A maioria das pessoas a bordo parecia ser refugiada, muitas das quais caras familiares da viagem de comboio – com alguns turistas e viajantes em negócios entre elas. Kurt e Karl foram procurar a sua cabina, acabando por a encontrar nas profundezas do navio, onde era desagradavelmente abafado e os motores rugiam alto. Regressaram ao ar fresco e observaram o *Siboney* a ser puxado da doca e, com os motores a transformar a água em espuma, virar a proa para oeste.

Kurt ficou agarrado ao corrimão durante três horas, a olhar para o oceano. Lisboa foi ficando cada vez mais pequena, depois Portugal e depois a Europa minguou e afundou-se por baixo do horizonte. Longe da vista, bem a norte, frotas de navios mercantes arrastavam-se devagar para leste, em direcção à Grã-Bretanha, com a escolta da Royal Navy a circundá-los como pastores nervosos. No Leste, submarinos saíam das suas instalações e atravessavam o vasto oceano com torpedos alojados nos tubos. Tudo o que o *Siboney* tinha como protecção eram as suas letras pintadas.

Apesar do cansaço, Kurt dormiu mal naquela primeira noite na cabina barulhenta e sobreaquecida e, no dia seguinte, foi assolado por enjoos. A única coisa que conseguia comer era fruta. Relutantes em passar outra noite nos seus beliches, Kurt e Karl agarraram nos cobertores e escapuliram-se para o convés. Não havia ninguém para os impedir. A enfermeira Sneble, uma mulher atarracada de meia-idade, de Nova Iorque, devia olhar pelas crianças, mas estava ocupada com os passageiros mais velhos.

O ar da noite era frio, mas enrolados e reclinados nas cadeiras do convés, os dois rapazes estavam suficientemente quentes. Desfrutaram do luxo do sossego e do ar fresco. Kurt olhou para as estrelas, enquanto pensava na sua nova situação e sobre o sítio para onde ia. Ele sabia um bocadinho de inglês da escola, conseguia dizer *olá*, *sim* e *não* e *ok*, mas era só isso. A sua turma tinha aprendido uma lengalenga do tipo «Um-do-li-tá cara de amendoá», mas na mente de Kurt as palavras tinham pouco sentido. Para os ouvidos dele, os americanos a bordo só falavam uma algaraviada.

Algures lá para trás, além de onde o campo de estrelas a leste se encontrava com a linha preta do oceano, estavam a casa e a família dele. A nova harmónica brilhante, o seu último laço físico com a mãe, tinha desaparecido. Enquanto ele e os outros miúdos esperavam para mudar de comboio, algures em França, uns soldados alemães tinham conversado e brincado com eles. Kurt tinha-lhes mostrado a harmónica, eles agarraram-na e não a devolveram. Talvez tenham pensado que um judeu não devia ter coisas tão boas.

בן

Havia sobre a Europa uma nuvem, a deslizar e a cintilar com relâmpagos. Algures no meio do Atlântico, o *Siboney* conseguiu escapar-lhe e seguiu em direcção a um radiante amanhecer americano.

Kurt e Karl, a dormir nas suas cadeiras, foram acordados por um borrião frio – não do mar, mas da esfregona de um marinheiro que esfregava o convés. Agarraram nos cobertores e voltaram para dentro.

De alguma forma, a enfermeira Sneble descobriu que tinham passado a noite ao fresco. Levaram uma reprimenda e foi-lhes ordenado que dormissem na cabina dali em diante. Continuaram a

percorrer o navio durante todo o dia, a explorar, a fazer jogos e amigos entre os marinheiros, distraídos por um bocado daquilo que tinham deixado para trás e da incerteza de para onde iam.

Depois de acostar nas Bermudas, o navio virou para noroeste, deixando para trás os trópicos quentes. Kurt sentiu a mudança na atmosfera a bordo. As pessoas preparavam-se para a chegada mais memorável das suas vidas. Por volta do meio-dia, na terça-feira, dia 27 de Março de 1941, com todos os homens, mulheres e crianças agarrados aos corrimões do convés, o *Siboney* passou entre Staten Island e Long Island.

Kurt enfiou-se entre os outros, para ver as águas cinzentas e as costas distantes a passar. Da proa, a bombordo, o contorno cintilante da Estátua da Liberdade foi crescendo, desde um pequeno ponto até pairar sobre o navio, verde, pálida e magnífica. O navio dirigiu-se para o Hudson, além do horizonte de arranha-céus de Manhattan. Crianças e adultos conversavam e apontavam, envoltos em sorrisos. A muitos tinham sido dadas pequenas bandeiras americanas e erguiam-nas bem alto, a flutuar ao vento, como frágeis oferendas de esperança.

בן

Os sentidos de Kurt quase se afogaram na imensidão de Nova Iorque. Táxis amarelo-canário com asas pretas ronronavam nas bermas e ladravam ferozmente para entrar na corrente de tráfego barulhento, disputando o cruzamento da 42nd Street com os eléctricos. Broadway e Times Square eram como o interior de um motor de corrida com o acelerador a fundo. Kurt apertou a mão da senhora da Aid Society, como se fosse um cinto de segurança, enquanto caminhavam pelo passeio cheio de saias e de sobretudos, chapéus de chuva e bengalas, jornais esvoaçantes e cinza voadora de cigarros.

Não era nada como Viena. Nova Iorque era toda modernidade, dos alicerces ao céu, uma cidade construída com automóveis e vidro e cimento e pessoas e pessoas e pessoas e ainda mais pessoas, elas próprias a parecerem ser mais do mundo moderno do que qualquer pessoa na Europa. Kurt e os amigos eram estranhos de todas as formas.

Depois de o *Siboney* atracar no cais e de uma inspecção médica³, as crianças desembarcaram e foram recebidas por uma senhora da Hebrew Immigrant Aid Society, que era parceira da German Jewish Children's Aid na ajuda aos refugiados. Só Kurt tinha um destino previsto. Karl e Irmgard não tinham amigos nem familiares aqui. A instituição tinha providenciado um sítio para Irmgard em Nova Iorque e para Karl na distante Chicago. Após uma noite num hotel, chegou a altura de se separarem. Kurt nunca mais viu nenhum dos seus amigos⁴.

דוד

O estranho nome dos sítios por que passavam não significava nada para os olhos austríacos de Kurt. Cada um aludia a uma anterior onda de imigrantes religiosos saudosos das suas terras natais: Greenwich, Stamford, Stratford, Old Lyme, New London, Warwick. O caminho-de-ferro percorria a costa de Connecticut a Providence, Rhode Island, onde acabava a linha principal.

Quando Kurt desembarcou, acompanhado pela mala que tinha viajado com ele desde Im Werd, era esperado por uma mulher com mais ou menos a mesma idade da mãe, mas vestida de forma muito

mais dispendiosa. Para sua surpresa, cumprimentou-o em alemão e apresentou-se como senhora Maurer, a velha amiga da mãe. À espera, com ela na plataforma, estava um homem de meia-idade acompanhado por uma mulher, ambos a observá-lo com reservada benevolência. Num tom respeitoso, a senhora Maurer apresentou o senhor como juiz Samuel Barnet, o patrono de Kurt.

O juiz Barnet tinha cerca de 50 anos e era bastante baixo e robusto, com pouco cabelo grisalho, um nariz grande e carnudo, sobrancelhas carregadas e olhos enganadoramente sonolentos⁵. Tinha uma aparência bastante séria, talvez até um pouco fria. A senhora que o acompanhava, que não era muito mais alta que Kurt, era a irmã do juiz, Kate: cuidada e de constituição sólida, como o irmão. A senhora Maurer explicou que Kurt não ia ficar com ela, mas que tinha arranjado alojamento com o próprio juiz Barnet.

De Providence seguiram de carro para Massachusetts, através de uma aparentemente interminável sucessão de rios, baías e enseadas. Acabaram por chegar ao seu destino: New Bedford, uma localidade grande, num estuário. Este canto sudeste do estado era um pedaço denso de imigrantes de Inglaterra, cujos traços eram visíveis em quase todos os sinais rodoviários ao longo de quilómetros, dali a Boston, passando por Rochester, Taunton, Norfolk e Braintree. Tudo o que Kurt sabia é que New Bedford era ainda menos como Viena do que Nova Iorque – uma localidade de *ferries* fluviais e pequenos edifícios públicos, fábricas de algodão e longas avenidas de casas suburbanas de telhas cinzentas e ripas brancas, onde os automóveis ronronavam e as crianças brincavam, e cidadãos discretos tratavam das suas vidas com decoro.

Sendo, ao mesmo tempo, um pilar e uma pedra basilar da cidade – sobretudo da sua comunidade judaica – podia esperar-se que Samuel Barnet fosse uma presença intimidante, com uma mansão imponente numa ponta da cidade. Em vez disso, o carro virou para a entrada de uma normal casa suburbana de classe média, ao lado de outras quase, mas não totalmente, idênticas.

A recepção de Kurt foi calorosa, mas reservada. A comunicação tornou-se quase impossível a partir do momento em que a senhora Maurer se foi embora. «Um-dó-li-tá» não lhe servia para nada nesta situação. Felizmente, o juiz não estava sozinho na recepção ao recém-chegado. Samuel Barnet era viúvo há mais de 20 anos e, com ele, viviam as suas três irmãs de meia-idade, todas solteiras. Kate, Esther e Sarah designaram-se como tias de Kurt, receberam o desnorteado rapaz e mostraram-lhe o quarto. Nunca tinha tido um quarto só para ele antes.

Na manhã seguinte, ao acordar, encontrou uma presença estranha ao lado da cama. Um rapaz pequeno, de cerca de 3 anos, vestido com um casaco de pêlo de camelo, estava a olhar para ele maravilhado. A aparição abriu a boca para falar e, dela, saiu uma algaraviada inglesa imperceptível. A criança parecia querer ou esperar alguma coisa, mas Kurt não fazia ideia do que seria. A cara do rapaz encheu-se de desapontamento e começou a chorar. Virou-se para um adulto atrás dele e lamentou-se.

– O Kurt não fala comigo!

O rapazinho, soube depois Kurt, era David, o filho do irmão mais novo do juiz Barnet, Philip, que vivia na casa ao lado. Juntos, constituíam uma extensa família alargada. Nas semanas seguintes, Kurt foi integrado depressa e suavemente. O tio Sam – como Kurt aprendeu rapidamente a chamar ao juiz Barnet – desmentiu a sua sisuda aparência e provou ser tão caloroso quanto qualquer convidado

desejaria. Kurt nunca se sentiria desadequado. Anos mais tarde, perceberia a sorte que tinha tido. Nem todas as crianças refugiadas caíram de pé. Muitas deram consigo em lares pouco acolhedores ou sofreram no bairro maus-tratos anti-semitas ou antialemães, ou ambos. Quando Kurt ficou a conhecer New Bedford descobriu que os Barnet eram figuras de proa numa comunidade judaica grande, na qual foi bem recebido.

A família Barnet pertencia aos Judeus Conservadores^[xiv]. Tudo o que Kurt tinha conhecido eram as leves práticas religiosas da sua família, em que a sinagoga e a *Torah* tinham um pequeno papel, e os ortodoxos rígidos que eram comuns em torno de Leopoldstadt. Os conservadores – que não eram necessariamente conservadores em termos políticos – estavam algures no meio. Acreditavam em preservar as antigas tradições judaicas, os rituais e as leis, mas afastavam-se dos ortodoxos ao reconhecer que as mãos humanas tinham escrito a *Torah* e de que a lei judaica tinha evoluído para corresponder às necessidades humanas.

A Primavera estava a chegar a New Bedford e as árvores que ladeavam a rua tornaram-se verdes. Se semicerrasse os olhos, quase conseguia imaginar que estava na Hauptalle, no Prater, e que nada disto tinha acontecido – a vinda dos nazis, a família desfeita. Kurt quase conseguia sentir – se não fosse a falta da mãe e do pai e de Fritz, Herta e Edith, e a vasta distância que havia entre eles – que tinha encontrado algo parecido com um lar.

^[xiv] O judaísmo conservador é conhecido, fora dos Estados Unidos, como judaísmo Masorti.

Indigno de viver



Nunca se soube a causa do assassinio de Philipp Hamber, mas toda a gente ouviu falar nas circunstâncias. Os SS não precisavam de motivo para a sua brutalidade: mau humor, ressaca, um olhar de soslaio de um prisioneiro para um guarda, ou simples impulso sádico. Quando o sargento Abraham das SS atirou Philipp Hamber ao chão e o matou, aquilo que as testemunhas recordavam era a atrocidade em si e as terríveis repercussões que esta teve¹.

«Há de novo uma inquietude no campo», escreveu Gustav. Ele já raramente tirava o bloco-notas do esconderijo. A sua última entrada tinha sido em Janeiro de 1941, quando andavam a limpar neve. Agora era Primavera. Nos meses que tinham passado, os prisioneiros tinham-se tornado cada vez menos submissos à violência dos SS.

No final de Fevereiro, chegara um transporte com várias centenas de judeus holandeses. Houvera confrontos violentos na Holanda, entre nazis holandeses e a população judaica, e, em Amesterdão, os nazis foram violentamente agredidos por jovens judeus. As SS reuniram 400 como reféns, uma medida que provocou uma onda de greves e paralisou as docas, motivando uma guerra aberta entre os grevistas e as SS. No final do mês, 389 dos reféns judeus foram transportados para Buchenwald². Alguns foram instalados no Bloco 17 e Fritz passou muito tempo com eles. Ele e os amigos tentaram ensinar aos holandeses a vida no campo, mas isso não os ajudou muito. Eram homens de espírito forte que não eram facilmente atemorizados e os SS tratavam-nos com um nível de brutalidade sem precedentes. Foram todos colocados a trabalhar como transportadores de rocha na pedreira e, nos primeiros meses, cerca de 50 foram assassinados. Tendo decidido que os holandeses não estavam a ser quebrados suficientemente depressa, os SS enviaram os sobreviventes para o reconhecidamente brutal campo Mauthausen. Nenhum regressou.

Os holandeses deixaram atrás deles um crescente espírito de rebeldia inspirado pela sua resiliência. Quando Philipp Hamber foi assassinado, a disposição dos prisioneiros começou a ebullir perigosamente.

Tal como Gustav, Philipp era vienense e trabalhava na coluna de transporte, numa equipa diferente, sob supervisão de um *kapo* chamado Schwarz. O irmão dele, Eduard, estava na mesma equipa. Philipp e Eduard tinham sido produtores de cinema antes da *Anschluss*. Apesar de não estarem habituados ao trabalho físico, tinham sobrevivido três anos em Buchenwald. Neste dia de Primavera, em específico, a equipa deles tinha feito uma entrega num edifício em construção. O sargento Abraham, das SS, um dos mais cruéis e mais temidos chefes de bloco em Buchenwald, estava lá por

acaso³. Alguma coisa – um olhar de Philipp, um erro, talvez um saco de cimento caído ou talvez apenas algo na maneira de ele se mover – atraiu a atenção do homem das SS.

Num ataque de fúria, o sargento Abraham empurrou Philipp para o chão e pontapeou-o. Depois, agarrou no colarinho do homem indefeso e arrastou-o através da lama do estaleiro, atirando-o para um cabouco das fundações, cheio de água da chuva. Enquanto Philipp se debatia e sufocava, Abraham colocou-lhe a bota na nuca, empurrando-o para baixo da superfície. Eduard, com os outros prisioneiros, observou em silencioso terror o irmão a lutar. A agitação de Philipp foi esmorecendo até o corpo ficar inerte.

Buchenwald estava acostumado ao assassínio como parte constante da vida quotidiana e os prisioneiros aprendiam a viver com isso e a evitá-lo o melhor que conseguiam. Mas agora estavam a ficar rancorosos. As notícias da morte de Philipp Hamber espalharam-se como uma chama.

Gustav pegou de novo no seu diário há muito negligenciado e assentou como Philipp tinha sido «afogado como um gato» e que os prisioneiros não estavam a reagir em silêncio. Muito do mal-estar e da raiva vinha de Eduard⁴. Ele queria justiça para o irmão.

A sua causa foi auxiliada pelo facto de o assassínio, tendo ocorrido num estaleiro do complexo das SS, ter sido testemunhado por um visitante civil. Portanto, o comandante Koch não tinha outra opção senão dar entrada da morte no diário do campo e promover uma investigação. Em simultâneo, Eduard apresentou uma queixa oficial. Ele estava ciente do perigo em que se estava a colocar.

– Sei que vou morrer por causa do meu depoimento – disse ele a um companheiro prisioneiro –, mas talvez estes criminosos se moderem um pouco no futuro se tiverem de enfrentar uma acusação. Então, não terei morrido em vão⁵.

Mas subestimara as SS. Na chamada seguinte, todos os camaradas de Philipp do destacamento de transporte do *kapo* Schwarz, incluindo Eduard, foram chamados aos portões. Os nomes deles foram apontados e foi-lhes perguntado o que tinham testemunhado. Aterrorizados, todos negaram ter visto alguma coisa. Apenas Eduard persistiu nas suas acusações. Enquanto os outros foram enviados para os seus blocos, Eduard foi de novo interrogado pelo comandante Koch e o médico do campo.

– Queremos saber toda a verdade. Dou-lhe a minha palavra de honra que nada lhe acontecerá⁶ – assegurou-lhe Koch.

Eduard repetiu o seu relato de como Abraham lhe tinha atacado o irmão e, de forma deliberada e brutal, o tinha afogado.

Deixaram-no regressar ao bloco, mas, mais tarde nessa noite, voltou a ser chamado e levado para o *Bunker* – o bloco de celas que ocupava uma ala da portaria. O *Bunker* tinha uma reputação terrível, de torturas e assassinios ali realizados, e nenhum judeu que entrava alguma vez saía vivo. O carcereiro e torturador principal era o sargento Martin Sommer das SS, cuja aparência jovem ocultava anos de experiência em campos de concentração. Toda a gente conhecia bem Sommer, das suas actuações regulares a manusear o chicote quando as vítimas eram levadas para o *Bock*.

Após quatro dias no *Bunker*, o cadáver de Eduard Hamber foi trazido para o exterior.

Foi afirmado que ele se tinha suicidado⁷, mas era do conhecimento geral que Sommer o tinha torturado até à morte.

Isto não foi o suficiente para satisfazer as SS. A intervalos, durante as semanas seguintes, três ou quatro das testemunhas do destacamento de Schwarz eram nomeadas durante a chamada e levadas para o *Bunker*. Ali, eram interrogadas pelo vice-comandante Rödl (o que adorava música) e o novo médico do campo, o SS Hanns Eisele. Era dito aos prisioneiros que não tinham nada a temer se dissessem a verdade. Sabendo perfeitamente que era mentira, eles continuaram a negar ter visto fosse o que fosse. O silêncio não os salvou. Foram assassinados até ao último homem.

Gustav descreveu no diário os desaparecimentos sucessivos. Os homens eram levados para o *Bunker* «e o sargento Sommer tratava-lhes da saúde: até Lulu, um capataz^[xv] de Berlim e (acredita o *kapo* Schwarz) Kluger e Trommelschläger, de Viena, estão entre as vítimas. Por isso, a nossa rebelião murcha»⁸.

Eduard Hamber tinha baseado o seu heróico sacrifício na premissa de que os SS seriam responsabilizados pelos seus crimes ou, pelo menos, poderiam reear sê-lo. Tudo o que ele tinha provado é que eles eram imunes e que o seu poder era ilimitado.

אמא

Tini sentou-se à mesa onde outrora a família comia junta. «Meu querido Kurt», escreveu. «Estou extremamente feliz por estares bem. Estou muito curiosa para saber sobre as tuas férias de Verão. Na realidade, quase te invejo porque aqui já não podemos ir a lado nenhum [...] Seria tão feliz se pudesse estar contigo agora. Aqui já não nos podemos divertir [...]»⁹

As restrições aos judeus ainda tinham sido mais apertadas em Maio, com uma declaração que reforçava e estendia as leis existentes: os judeus estavam proibidos de visitar todos os teatros, salas de concerto, museus, livrarias, equipamentos desportivos e restaurantes; e estavam banidos de entrar em lojas ou de comprar bens fora de horas específicas. Embora tivessem sido proibidos de se sentar em determinados bancos públicos, agora ficavam completamente banidos dos parques públicos. A declaração também introduzia algumas leis novas: os judeus não podiam abandonar Viena sem uma autorização especial e estavam proibidos de fazer pedidos ao governo. Espalhar rumores sobre realojamento ou emigração era estritamente proibido¹⁰.

Tini ainda não tinha abandonado os seus esforços para enviar Fritz e Herta para a América. Mas era ainda mais difícil do que antes. Pouco depois da partida de Kurt, Portugal tinha suspendido a transmigração, devido a um estrangulamento em Lisboa e, em Junho, o presidente Roosevelt parou a transferência de fundos dos Estados Unidos para os países europeus, o que paralisou as agências de ajuda aos refugiados¹¹. Na primeira metade de 1941, apenas 429 judeus vienenses conseguiram emigrar para os Estados Unidos, deixando para trás 44 mil desesperados por fugir¹². Depois, em Julho, os regulamentos de imigração dos Estados Unidos invalidaram todos os atestados existentes¹³.

Todos os planos de Tini foram esmagados. Mas mesmo assim continuou a tentar. Estava desgastada. Nalguns dias a depressão pesava-lhe tanto que não conseguia sair da cama. Recentemente, tinham chegado notícias a várias famílias das vizinhanças que os seus homens tinham morrido em Buchenwald, todos perseguidos ao ponto de cometerem suicídio ao correr para lá das linhas de sentinelas. Todos os dias, Tini esperava receber notícias semelhantes sobre Gustav e Fritz. Atormentava-a saber o tipo de trabalho extenuante a que o marido era obrigado – «Ele já não é um

homem jovem», escreveu. «Como consegue aguentar?»¹⁴ Sempre que uma carta deles se atrasava, isso deixava-a em pânico. Portanto, perseverava e continuava a lutar, recusando desistir da esperança de, pelo menos, levar Herta para sítio seguro. Com as pequenas quantias que conseguia arranjar, as despesas necessárias, taxas e subornos eram virtualmente impossíveis. Tinha tido um breve trabalho numa mercearia, mas fora despedida porque, enquanto judia, não era uma cidadã.

«A vida está a ficar cada dia mais triste», escreveu ela a Kurt. «Mas tu és o nosso sol e o nosso filho afortunado, portanto, por favor, escreve com frequência e em pormenor [...] Milhões de beijos da tua irmã Herta, que está sempre a pensar em ti.»¹⁵

בן דוד

O juiz Barnet não tinha demorado a pôr Kurt na escola, apesar de ele não falar inglês. Aprendeu a língua depressa, graças, em grande parte, à ajuda de Ruthie, a sobrinha de Barnet que veio viver com eles naquele Verão.

Ruthie tinha-se licenciado e aceite um emprego como professora em Fairhaven, do outro lado do estuário de New Bedford. Todos os dias, quando Kurt chegava da escola, Ruthie ensinava-lhe inglês. Ela era uma ótima professora, amável e de boa natureza e Kurt cresceu a adorá-la. Ela tornar-se-ia uma irmã para ele, no lugar de Edith e Herta. O primo David, na porta ao lado, tornar-se-ia um irmão mais novo, com a relação deles a fazer eco do laço de Kurt com Fritz.

Nesses primeiros meses, Kurt foi fotografado para um jornal local, entrevistado na rádio e, quando acabou o quarto ano, em Junho, o professor colocou-o à frente e ao meio na fotografia de turma. Naquele primeiro Verão, enquanto ainda estava a tentar encontrar-se, foi enviado para Camp Avoda, um campo de férias fundado por Sam e Phil Barnet, que levava rapazes judeus de ambientes urbanos desprivilegiados e lhes dava umas bases de valores tradicionais.

O campo, entre as árvores, nas margens do lago Tispaquin, entre New Bedford e Boston, era constituído por um grupo de cabanas utilitárias, como dormitórios, à volta de um campo de basebol. Kurt divertiu-se como nunca, a fazer desporto e a nadar nas águas pouco profundas e quentes do lago. Em Viena, ele tinha chapinhado no canal do Danúbio com uma corda enrolada à cintura e um amigo na margem a agarrar na outra ponta. Aqui, aprendeu a nadar como deve ser. Se Fritz tivesse podido ver Camp Avoda, ter-se-ia recordado do paraíso descrito no livro de Makarenko, *Poema Pedagógico*.

Normalmente, Kurt não gostava de escrever cartas, mas agora escrevia de forma profusa à mãe, a contar-lhe sobre o novo mundo maravilhoso que tinha encontrado.

Tini devorava cada pormenor das notícias que recebia dele, feliz por saber que dois dos seus filhos estavam a salvo. (Ela presumia que Edith estava bem, apesar de não terem contacto há já quase dois anos.) Mas não conseguia libertar-se da ansiedade de que algo pudesse correr mal, que de alguma forma o idílio de Kurt pudesse ser destruído. «Por favor, sê obediente», implorava, «sê uma alegria para o teu tio, para que os conselheiros tenham boas coisas a dizer de ti [...] Querido, por favor, sê bem-comportado.» Uma fotografia que ele lhe enviou, com as outras crianças Barnet, encheu-a de felicidade: «Estás tão bem [...] tão bonito e radiante. Quase não te reconheci.»¹⁶

Kurt estava a perder a sua antiga vida face ao brilho da nova.

O Verão regressou a Ettersberg. «Fritzl e eu estamos agora a receber dinheiro com regularidade de casa», escreveu Gustav. Era pouco, mas ajudava a tornar a vida suportável. Tini também enviava pacotes ocasionais de roupa – camisas, roupa interior, uma camisola – que eram inestimáveis. Sempre que chegava um pacote, Gustav ou Fritz eram chamados ao gabinete para o recolher e assinar, e o conteúdo era contabilizado nos seus cartões¹⁷.

O amor de Gustav pelo filho tinha crescido até lhe encher todo o coração no tempo que estiveram em Buchenwald. Bem como o orgulho que tinha no homem em que Fritz se tornara. Em Junho fazia 18 anos. «O rapaz é a minha maior alegria», escreveu. «Fortalecemo-nos um ao outro. Somos um, inseparáveis.»¹⁸

No domingo, 22 de Junho, o altifalante do campo anunciou notícias importantes. Nessa manhã, o *Führer* tinha lançado uma invasão à União Soviética. Era a maior acção militar da História, com três milhões de soldados numa Frente a varrer toda a Rússia, com vista a engoli-la numa enorme onda.

«Todos os dias o barulho da rádio», escreveu Gustav. Os altifalantes do campo, sempre uma fonte intermitente de ruído indesejado – a gritar propaganda nazi, música marcial alemã, ordens terríveis e anúncios que destroem o moral –, agora tocavam uma torrente quase constante de rádios de Berlim, coroada com notícias triunfantes da Frente de Leste. O esmagar glorioso das defesas bolcheviques pelo poder dos braços alemães, o cerco das divisões russas, a captura de cidade após cidade, o atravessar de rios, a vitória de alguns corpos das Waffen-SS ou da Wehrmacht, a rendição de centenas de milhar de soldados soviéticos. A Alemanha estava a devorar o letárgico urso russo como um lobo a estripar uma ovelha.

Aos judeus sob o governo nazi – sobretudo os dos guetos polacos – a invasão da União Soviética deu um pouco de esperança. A Rússia poderia ganhar, apesar de tudo, e libertá-los desta existência miserável. Mas, para os prisioneiros políticos nos campos de concentração, cuja maioria era comunista, as notícias das derrotas soviéticas eram deprimentes. «Os políticos andam de cabeça baixa», anotou Gustav.

Havia de novo inquietação entre os prisioneiros. Houve distúrbios nos destacamentos de trabalho, incidentes de desobediência, pequenos actos de resistência. Os SS lidavam com isso da forma habitual. «Todos os dias os abatidos a tiro e assassinados são trazidos para o campo», escreveu Gustav. Todos os dias, mais trabalho para o crematório, mais fumo a sair da chaminé.

Em Julho, chegou um novo horror a Buchenwald, um prenúncio do futuro. Era suposto estar envolto em segredo, mas o véu era fino.

No Setembro anterior, um jornalista americano na Alemanha tinha relatado uma «história estranha» que lhe fora contada por uma fonte anónima: «A Gestapo está agora sistematicamente a eliminar as pessoas do *Reich* com deficiência mental. Os nazis chamam-lhes “mortes de misericórdia”.»¹⁹ O programa, com o nome de código T4, envolvia instalações de asilo especializadas, equipadas com câmaras de gás, juntamente com carrinhas de gás móveis, que viajavam de hospital em hospital, para recolher aqueles que o regime considerava «indignos de viver». A atenção pública negativa, em particular da Igreja, tinha levado à suspensão do programa T4. No seu lugar, os nazis começaram a aplicá-lo aos prisioneiros dos campos de concentração. Este novo programa, com o nome de código

Aktion 14f13, era para se focar em especial nos prisioneiros judeus deficientes²⁰. Em Buchenwald, o comandante Koch recebeu uma ordem secreta de Himmler: todos os prisioneiros «imbecis e aleijados», especialmente judeus, deviam ser exterminados²¹.

A primeira vez que os prisioneiros de Buchenwald souberam do Aktion 14f13 foi quando uma pequena equipa de médicos chegou ao campo para os inspeccionar. «Recebemos ordens para nos apresentarmos na enfermaria», escreveu Gustav. «Há aqui alguma coisa estranha; estou apto para trabalhar.»²²

Foram seleccionados 187 prisioneiros, classificados como deficientes mentais, cegos, surdos-mudos ou deficientes, incluindo alguns feridos por acidentes ou por maus-tratos. Disseram-lhes que iriam para um campo especial de recuperação, onde seriam cuidados e destacados para trabalhos mais leves nas fábricas de têxteis. Os prisioneiros ficaram desconfiados, mas muitos – sobretudo os que precisavam de cuidados – optaram por acreditar nas mentiras que lhes davam esperança. Vieram transportes e recolheram 187 homens. «Uma manhã, os pertences deles voltaram», escreveu Gustav. A entrega sinistra incluía roupas, membros prostéticos e óculos. «Agora sabemos o jogo que está a ser jogado: todos gaseados.» Foram os primeiros de seis transportes de prisioneiros assassinados sob o Aktion 14f13.

Ao mesmo tempo, o comandante Koch começou um programa suplementar: a eliminação dos prisioneiros com tuberculose. O médico das SS, Hanns Eisele, era o responsável. Um virulento anti-semita, Eisele era conhecido pelos prisioneiros como *Spritzendoktor* – Doutor Injecção – por causa da sua vontade de dar injecções letais aos judeus doentes ou problemáticos. Era também conhecido como Morte Branca²³: usava os prisioneiros para vivisseccção, para sua edificação pessoal, administrava injecções experimentais e fazia cirurgias desnecessárias, até amputações, e, depois, assassinava as vítimas²⁴. Seria recordado talvez como o médico mais cruel a trabalhar em Buchenwald.

O esquema começou quando dois grandes transportes chegaram com prisioneiros de Dachau. A 500 foi diagnosticada tuberculose – com base na aparência geral em vez de um exame médico adequado – e enviados para a enfermaria. Ali foram imediatamente mortos pelo Dr. Eisele com injecções do sedativo hexobarbital²⁵.

Em poucos meses, o carácter de Buchenwald alterou-se irreversivelmente. A partir de agora, tudo o que enfraquecesse um homem – qualquer ferida, doença ou deficiência – era uma sentença de morte certa. Estas coisas sempre tinham acarretado um grande risco, mas agora era uma certeza que ser considerado incapaz para trabalhar ou «indigno de viver» punha o nome de um homem automaticamente na lista de extermínio.

E, então, chegaram os primeiros prisioneiros de guerra soviéticos e abriu-se uma nova porta para outra secção do inferno.

Na mente nazi, os judeus e os bolcheviques eram uma e a mesma coisa – os judeus, diziam eles, tinham criado e espalhado o comunismo e agora geriam-no em simultâneo com a conspiração capitalista global que eles também, contraditoriamente, alegadamente geriam²⁶. Esta mitologia tinha inspirado a invasão da URSS e uma campanha de assassínios, com esquadrões da morte a seguir o exército e a chacinar judeus às dezenas de milhar. Os soldados capturados do Exército Vermelho,

centenas de milhar que tinham sido apanhados nas primeiras semanas da invasão, eram tratados como sub-humanos – se não judeus, então, a comando dos judeus: degenerados e perigosos. Representantes políticos, comunistas fanáticos, intelectuais e judeus eram seleccionados para eliminação imediata. A tarefa não podia ser levada a cabo nos campos dos prisioneiros de guerra, devido ao risco de espalhar o pânico entre a maioria dos prisioneiros, por isso, as SS decidiram usar os campos de concentração. O programa recebeu o nome de código Aktion 14f14²⁷.

בן

Num dia de Setembro, Fritz estava na coluna de chamada com os outros homens do Bloco 17. O pai estava com os homens da sua caserna noutra parte da praça²⁸. Era como qualquer outra das centenas de chamadas em que tinham estado presentes. A progressão entediante de números e de respostas, os anúncios, a ronda de castigos de rotina... e, então, aconteceu algo sem precedentes.

Naquele dia, tinha chegado a Buchenwald o primeiro transporte de prisioneiros de guerra soviéticos. Era um grupo pequeno: apenas 15 homens perdidos e assustados, em uniformes esfarrapados do Exército Vermelho. Fritz observou com curiosidade o sargento Abraham (o assassino de Philipp Hamber) e quatro outros guardas a cercarem os russos e a levarem-nos da praça. Várias centenas de pares de olhos seguiram-nos enquanto partiam. Ao mesmo tempo, a orquestra começou a afinar. A uma ordem do palanque, começaram a tocar a *Canção Buchenwald*.

A rotina de cantarem na altura da chamada estava tão enraizada que Fritz e os seus camaradas abriram as bocas e cantaram, sem pensar:

Quando o dia acorda, aqui o sol sorri,
Os grupos marcham para as tarefas diárias...

Esforçando os olhos, Fritz viu os russos serem encaminhados, em marcha forçada, para lá do crematório, em direcção à secção do campo ocupada por uma pequena fábrica – a Deutsche Ausrüstungswerke (DAW), cuja força de trabalho prisioneiro fabricava o equipamento militar para o exército alemão – para lá da qual era o campo de tiro das SS. Os prisioneiros de guerra e os seus guardas ficaram fora do campo de visão.

E a floresta é negra e os céus vermelhos,
Nas nossas marmitas carregamos um resto de pão
E nos nossos corações, nos nossos corações, apenas mágoa.

Milhares de vozes ressoavam pelo campo, quase abafando, mas não completamente, as salvas de tiros atrás da fábrica.

Os soldados russos nunca mais foram vistos. Uns dias mais tarde, foram trazidos para o campo mais 36 prisioneiros de guerra e, mais uma vez, os prisioneiros tiveram de cantar para abafar os tiros.

«Dizem que eles eram comissários políticos», escreveu Gustav, «mas nós sabemos tudo [...] É impossível descrever como nos sentimos – agora é choque em cima de choque.»

Este método de execução provou ser ineficiente para lidar com o grande número de russos de que as SS queriam ver-se livres. Por isso, enquanto pequenos grupos iam sendo assassinados no campo de tiro, estava a ser preparada uma nova infra-estrutura. No bosque, perto da estrada para a pedreira, as SS tinham um estábulo que não era utilizado, no qual uma equipa de carpinteiros do destacamento de construção trabalhava afincadamente. A infra-estrutura tinha o nome de código Kommando 99 e o seu propósito, embora secreto, tornar-se-ia em breve óbvio²⁹. Ao mesmo tempo, três blocos de casernas no canto do campo principal foram cercados com vedação, formando um enclave especial para os prisioneiros de guerra soviéticos, que começaram a chegar aos milhares³⁰.

Todos os dias, os russos seleccionados para aniquilação eram levados em grupos para o Kommando 99, onde lhes era dito que iriam ser sujeitos a uma inspecção médica. Eram encaminhados, um de cada vez, por uma série de salas cheias de parafernália médica e homens com batas brancas. Os dentes dos prisioneiros eram examinados, o coração e os pulmões eram escutados e a visão testada. Finalmente, eram conduzidos para uma sala com uma escala de medição marcada na parede. Disfarçada pela escala estava uma fenda estreita, à altura do pescoço, atrás da qual estava uma sala escondida, onde se encontrava um SS com uma pistola. Enquanto o prisioneiro estava a ser medido, o assistente batia na divisória e o guarda escondido atingia o prisioneiro com um tiro na nuca³¹. Por todo o edifício, a música alta abafava o som dos tiros e enquanto a vítima seguinte estava a ser trazida, o sangue do prisioneiro anterior era lavado do chão.

Fritz e Gustav, e todos os seus companheiros prisioneiros, sabiam perfeitamente bem a natureza dos «ajustes» (como as SS chamavam oficialmente às execuções) que estavam a ser feitos no velho estábulo³². Os carpinteiros que tinham convertido o edifício eram colegas de trabalho de Fritz. Chegavam todos os dias carradas de russos que desapareciam e toda a gente via a carrinha fechada a subir o monte desde o Kommando 99, espalhando rastos de sangue ao longo da estrada e através da praça até ao crematório. Após algum tempo, a carrinha foi equipada com um contentor forrado a metal para evitar o derrame. O crematório não conseguia dar vazão e tiveram de ser trazidos fornos móveis de Weimar. Foram colocados num canto da praça da chamada e os corpos eram incinerados mesmo à frente dos outros prisioneiros³³.

«Entretanto, os tiros continuam», registou Gustav.

אחים

De certeza que uma pessoa acaba por perder a capacidade de ficar surpreendida. Deve ficar desgastada, como uma rocha pela passagem do tempo, romba como uma ferramenta, dormente como um membro. O sentido moral de uma pessoa deve cicatrizar e endurecer sob uma série interminável de lacerações e hematomas.

Para alguns, talvez fosse assim, para outros, o oposto é que era verdade. Mesmo alguns dos SS só conseguiam aguentar até certo ponto. Os guardas do campo tinham todos de ser revezados a manusear as vítimas do Kommando 99 e a pistola, e perceberam que a carnificina continuada e orquestrada não era o mesmo que os assassinios esporádicos a que estavam acostumados. Muitos regozijavam-se com isso. Viam-se como soldados e essas mortes eram a sua contribuição para a guerra contra os judeus bolcheviques, mas outros ficavam devastados por aquilo e tentavam evitar ser destacados para o

Kommando 99. Alguns desmaiavam quando estavam face a face com a carnificina ou sofriam esgotamentos. Alguns receavam que se isto se soubesse – como era inevitável – poderia levar a uma retaliação contra as tropas alemãs capturadas pelo NKVD, a Gestapo soviética³⁴.

Para os prisioneiros de Buchenwald, todos testemunhas do Aktion 14f14 e alguns até participantes forçados na limpeza, o efeito era corrosivo e traumático. E estava longe de ser o fim.

No final de 1941, os prisioneiros começaram a ser sujeitos a experiências médicas letais elaboradas para desenvolver vacinas para as tropas alemãs.

Toda a gente sabia que alguma coisa se estava a passar quando vedaram o Bloco 46 – um dos edifícios de pedra com dois andares perto das hortas. Depois da chamada, num dia de Inverno, o ajudante apresentou uma lista e ficou a observar as fileiras de prisioneiros antes de começar a chamar os números. O coração de cada homem ali batia mais depressa. Sempre que as SS compilavam uma lista nunca era para nada de bom. Cada homem seleccionado ficou pálido quando chamaram o seu nome.

Era duplamente enervante o facto de o médico das SS, Erwin Ding^[xvii], estar presente. Um homem pequeno, de aspecto nervoso e asseado, que tinha servido nas Waffen-SS, Ding era conhecido pela sua incompetência³⁵. O mesmo era verdadeiro para o seu vice, o capitão das SS, Waldemar Hoven. Um tipo incrivelmente bonito, Hoven tinha trabalhado como figurante de cinema em Hollywood, mas, sem qualificações médicas, era ainda mais incompetente do que Ding. Porém, tinha muito jeito a aplicar injeções letais de fenol³⁶.

Os prisioneiros cujos números tinham sido chamados – uma mistura de judeus, ciganos, presos políticos e homens de triângulo verde – foram levados para o Bloco 46 e desapareceram no seu interior.

O que lhes aconteceu lá dentro só foi conhecido quando deixaram sair os sobreviventes. Ding e Hoven injectavam os prisioneiros com soros de tifo e estes ficavam imediatamente doentes. Inchavam, tinham dores de cabeça, erupções cutâneas com sangue, perda de audição, sangramento do nariz, dores musculares, paralisia, dor abdominal e vômitos. Muitos morreram e os sobreviventes ficaram num estado deplorável³⁷.

A intervalos regulares, mais catadupas de prisioneiros foram enviadas para o Bloco 46, para serem arruinados e mortos em nome da pesquisa. Vários antigos amigos de Gustav, de Viena, estavam entre os seleccionados para o tormento. No entanto, foram salvos quando o alto-comando das SS considerou impróprio que fosse usado sangue judeu no desenvolvimento de uma vacina que deveria ser injectada nas veias dos soldados alemães. Os participantes judeus foram retirados do programa e regressaram ao normal inferno do campo³⁸.

אם וכת

Tini e Herta estavam sentadas à mesa da cozinha, dedicadas às suas agulhas e linha. Remendar tinha feito sempre parte da vida de Tini enquanto casada. Com pouco rendimento e quatro filhos, tinha havido sempre o que costurar e cerzir. Agora, mês após mês, as suas roupas e as de Herta iam ficando gastas e as agulhas trabalhavam mais para as manter inteiras.

Hoje, no entanto, a costura delas não era para remendar. No dia 1 de Setembro de 1941, tinha sido anunciado pelo Ministério do Interior, em Berlim, que a partir do dia 19 desse mês, todos os judeus a viver na Alemanha e na Áustria tinham de usar uma Estrela de David amarela nas suas roupas, a *Judenstern*.

Os nazis já tinham retomado esta prática medieval na Polónia e noutros territórios ocupados. Agora, fora decidido que *todos* os judeus, incluindo os de casa, tinham de ser privados da sua capacidade de estar camuflados dentro da sociedade³⁹.

Juntamente com os seus vizinhos e familiares, Tini e Herta tinham tido de ir ao ponto local de recolha do IKG para obter as suas estrelas. Eram feitas em fábricas, impressas em rolos de tecidos com a palavra *Jude* em letras pretas estilizadas para parecerem hebraico⁴⁰. A cada pessoa eram entregues até quatro. O insulto final é que tinham de pagar por elas: dez *pfennigs* cada. O IKG comprou-as em enormes rolos do governo, por cinco *pfennigs* a estrela e usou o lucro para cobrir custos administrativos⁴¹.

Mesmo agora, Tini ainda não tinha desistido de lutar para afastar Herta deste pesadelo. Havia raparigas da idade dela e ainda mais novas a ser enviadas para campos de concentração. Em desespero, Tini tinha escrito ao juiz Barnet, na América, implorando-lhe que a ajudasse. Apesar da sua oferta para ser patrono, as habituais obstruções tinham bloqueado o visto de Herta. «Estou devastada por ela ter de ficar aqui. Fui informada por uma fonte não oficial que os familiares nos EUA podem pedir a Washington para obter um visto. Posso pedir-lhe para fazer alguma coisa pela Herta? Não quero ter de me recriminar a mim mesma como no caso de Fritz.»⁴² Sam Barnet tinha agido de imediato, preenchido os documentos necessários e avançado 450 dólares para cobrir todas as despesas de Herta⁴³. Mas o labirinto burocrático tinha sido demasiado complexo e as barreiras impossíveis de ultrapassar. O visto de Herta não tinha sido aprovado.

As agulhas entravam e saíam do grosseiro tecido amarelo das estrelas e da lã gasta dos casacos. Tini olhou para a filha. Já era uma mulher, com 19, quase 20 anos, mais ou menos a idade que tinha Edith quando se foi embora. Com 19 anos e muito bonita. Imaginem como poderia ter sido linda se houvesse boas roupas para ela e não esta vida de privação e medo. Quando Herta olhou de volta para a mãe, viu rugas de preocupação e as faces sulcadas pela fome.

Nas semanas seguintes, o aparecimento das estrelas amarelas em Viena produziu reacções fortes entre os não judeus. Estavam tão habituados à ideia de que os judeus tinham desaparecido do país – muitos tinham emigrado e os supostamente perigosos tinham sido levados para campos – que era como se milhares se tivessem de repente materializado entre eles, marcados para todos verem. Algumas pessoas estavam envergonhadas com o que os nazis tinham feito. Acreditavam que estava certo e correcto banir os judeus da vida pública, mas estigmatizá-los desta forma altamente visível era de alguma forma errado. Os lojistas que tinham estado dispostos a vender discretamente a judeus agora tinham o embaraço de os outros clientes saberem que o faziam. Alguns enfrentaram isso com coragem. Outros começaram a fechar as suas portas a quem usava a estrela amarela. Para os judeus que tinham uma aparência suficientemente ariana para ignorar algumas das restrições, isso estava agora fora de questão. Alguns elementos do público, chocados por descobrirem que ainda havia

tantos judeus por ali, começaram a exigir que fossem tomadas medidas mais severas⁴⁴. Parecia que a vida não podia piorar.

Mas é óbvio que podia. O fundo do poço ainda não tinha sido alcançado, longe disso.

A 23 de Outubro, o chefe da Gestapo em Berlim enviou uma ordem para toda a polícia de segurança do *Reich*. Com efeito imediato, toda a emigração de judeus estava proibida⁴⁵. A sua remoção do *Reich* seria agora apenas através de realojamento compulsivo para novos guetos estabelecidos nos territórios a leste. Os últimos vestígios das esperanças de Tini para Herta foram desfeitos com o golpe de uma caneta de burocrata.

Em Dezembro, após Pearl Harbor, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos e a última barreira caiu.

^[xv] Capataz era uma designação semioficial abaixo de *kapo* na hierarquia.

^[xvi] Mais tarde conhecido como Schuler ou Ding-Schuler.

Mil beijos



A Primavera tinha chegado de novo a Buchenwald, a terceira de Gustav e Fritz. A floresta estava viva com tanto verde, e o canto dos melros contrastava com o *cro-cro* dos corvos. Todas as manhãs, logo após o nascer do Sol, surgia o barulho irritante das serras a morder os troncos das árvores, os grunhidos dos escravos que as empunhavam e os insultos e as ordens disparadas pelos *kapos* e os guardas. Depois, um grito e uma enorme faia ou carvalho vinham por ali abaixo, com os escravos a reunir-se à sua volta e a reduzi-los rapidamente a troncos e a um tapete de folhas.

Já cansado, com os ombros descarnados de transportar, Gustav foi com a sua equipa recolher troncos para levar para os estaleiros. Estava a dar-se bem, era agora o capataz responsável pela sua equipa de 66 homens. «Os meus rapazes são verdadeiros comigo», escreveu ele, «somos uma irmandade e mantemo-nos bem unidos.» A amizade era preciosa e muitas vezes de curta duração. Em Fevereiro, vários dos amigos de Gustav, «todos tipos fortes», tinham sido enviados para fora, em mais um transporte de «inválidos» e, no dia seguinte, tinha havido o habitual regresso de roupas, próteses e óculos. «Toda a gente pensa: *Amanhã de manhã será a minha vez*. Diariamente, a todas as horas, a morte está à frente dos nossos olhos.»

Em Fevereiro, os SS tinham assassinado o rabi Arnold Frankfurter, que casara Gustav e Tini em 1917, açoitando-o e torturando-o até o seu corpo envelhecido não aguentar mais. No destroço que restou era difícil reconhecer o imponente rabi barbudo da velha Viena. Antes de morrer, o rabi Frankfurter pediu a um amigo para entregar uma bênção tradicional ídiche à sua mulher e filhas: «*Zayt mir gezunt un shtark*» – «Sejam saudáveis e fortes por mim.»¹ Gustav recordou-se claramente do dia do seu casamento, na bonita pequena sinagoga de Rossauer Kaserne, as grandes casernas do exército em Viena: Gustav de uniforme, com a Medalha de Prata por Bravura a brilhar no peito, e Tini com um chapéu e um casaco escuro, quase roliça, antes de décadas de dificuldades e a maternidade lhe esculpirem uma maturidade atraente.

Gustav tirou o boné e passou a mão sobre os pêlos do seu escalpe rapado, olhou para as folhas ondulantes. Com uma sensação de algo semelhante a contentamento, voltou a colocar o boné e suspirou. «Na floresta é maravilhoso», tinha escrito no seu diário. «Se ao menos fôssemos livres, mas temos sempre o arame farpado à vista.»

O trabalho por esta altura era mais extenuante do que nunca. Desde Janeiro que havia um novo comandante: o major das SS Hermann Pister. «A partir de agora sopra um novo vento em Buchenwald», tinha ele dito aos prisioneiros reunidos², e falava a sério. Tinha sido introduzido um

regime de exercício em que os prisioneiros eram acordados meia hora mais cedo do que o habitual para a chamada e obrigados a fazer exercício meio despidos.

O ódio de Hitler pelos judeus estava a aumentar para lá de qualquer controlo ou restrição. A invasão da União Soviética não tinha conseguido a conquista decisiva que ele esperava. Uma crise alimentar tinha tomado conta do *Reich* e os *partisans* comunistas estavam a causar problemas em todo o lado, da França à Ucrânia. Na febril mente nazi, era tudo culpa dos judeus. Tinham causado a guerra com a sua conspiração global e estavam agora a boicotar o progresso alemão³. Em Janeiro de 1942, os responsáveis das SS tinham concordado finalmente com uma Solução Final para o problema judeu. Deportações em massa, emigração e encarceramento não tinham funcionado. Era necessário algo muito mais drástico e decisivo. A sua natureza exacta foi mantida em segredo do público, mas transformou o sistema dos campos de concentração. Os judeus ficaram sob uma atenção mais próxima e hostil do que nunca. Em Buchenwald, a eutanásia dos inválidos, a fome, os abusos e o assassinio tinham reduzido a população de prisioneiros judeus, até que em Março só restavam 836, entre um total de mais de 8 mil outros prisioneiros⁴. A única coisa que mantinha os restantes judeus de Buchenwald vivos era a sua utilidade como trabalhadores e isso poderia não durar muito sob a pressão que vinha do topo para obter um «*Reich* livre de judeus».

O idílio momentâneo de Gustav, a olhar para o balanço das árvores, terminou de forma abrupta. Sob a sua direcção, a equipa levantava e transportava os troncos sobre os ombros. (Não tinham vagão para esta tarefa e a madeira tinha de ser transportada à mão pela encosta arborizada acima.) Gustav tinha muito cuidado a distribuir os pesos. Ele estava consciente de que alguns dos seus rapazes estavam demasiado desgastados para sobreviver a outra caminhada monte acima com um tronco a cortar-lhes os ombros. Instruiu-os em voz baixa para seguirem os outros e, desde que fossem discretos e *parecesse* que estavam a carregar, deviam ficar bem. Gustav colocou uma extremidade do tronco sobre o seu próprio ombro e começaram a subida.

Ao aproximarem-se do estaleiro, ao verem um *kapo* da construção e o sargento Greuel das SS, que supervisionava, os homens forçaram-se a acelerar o passo. Os últimos metros e o amontoar dos troncos era feito à velocidade máxima. Isto era perigoso. Já tinha havido feridos e mortos por causa de troncos mal empilhados que escorregavam e os esmagavam⁵.

– O que pensam que estão a fazer, seus porcos judeus?

A cara apoplética do sargento Greuel apareceu à frente de Gustav. Apontou com a sua bengala robusta:

– Algumas destas bestas não estão a carregar nada!⁶

Gustav olhou para os seus homens. Não tinham sido tão cuidadosos quanto ele tinha pedido. Não podia recriminá-los, estavam meio mortos.

– Peço desculpa, senhor. Alguns dos meus rapazes estão desgastados...

A bengala de Greuel atingiu-o no rosto, derrubando-o. Gustav levantou as mãos para proteger a cabeça, mas a bengala atingiu-o furiosamente várias vezes, esmagando-lhe os dedos. Virou-se e as pancadas caíram-lhe nas costas. Enquanto Gustav caía para o chão, Greuel virou a sua raiva para os outros homens, caminhou entre eles a distribuir pancadas até eles sangrarem. Quando se acalmou, virou-se de novo para Gustav, a respirar fortemente com o esforço.

– És um capataz, judeu – disse ele. – Conduz os teus animais judeus mais duramente. Vou apresentar uma queixa sobre este lapso.

No dia seguinte aconteceu de novo. Gustav e os seus homens foram agredidos por, supostamente, não trabalharem o suficiente. Na chamada, Gustav foi convocado à portaria e interrogado pelo *Rapportführer*, o sargento responsável pelas chamadas e por administrar a disciplina no campo. Pelos padrões das SS, ele era um homem razoável, e, satisfeito com as respostas de Gustav, rasgou a queixa de Greuel.

Mas Greuel não se moveu. Era um sádico. Alguns acreditavam que havia um elemento sexual na sua crueldade. Era conhecido por reter indivíduos dos destacamentos de trabalho para lhes bater a sós no seu quarto, para seu prazer pessoal⁷. Assim que se fixava numa vítima, não a largava. No terceiro dia, Gustav e a sua equipa estavam a carregar pedra da pedreira. O vagão estava cheio com duas toneladas e meia de rocha e, mesmo com 26 homens nas cordas, era um esforço de morte arrastá-lo passo a passo para o topo do monte. Greuel estava a observar e apresentou outra queixa contra Gustav por não conduzir a equipa suficientemente depressa. Desta vez, o *Rapportführer* entregou a queixa para serem tomadas medidas.

Durante a chamada, Gustav foi de novo convocado para ir à portaria. Pela sua negligência no trabalho foi sentenciado a cinco domingos no destacamento de castigo, sem comida. Tal como Fritz antes dele, foi colocado como *Scheissetragen*, carregador de merda. Todos os domingos, enquanto a maioria dos prisioneiros estava a descansar, ele carregava baldes de fezes das latrinas para os jardins, sempre em passo de corrida. Tinha 51 anos e, embora fosse rijo, o corpo não aguentava este tratamento durante muito tempo. Os amigos passavam-lhe pedaços de comida nos dias de castigo, mas perdeu dez quilos num mês. Sempre tinha sido magro, mas agora estava um esqueleto.

Mas acabou de cumprir a sentença e regressou ao trabalho. Foi-lhe retirado o cargo de capataz na coluna de transporte, mas os amigos conseguiram-lhe uma função menos dura no vagão da enfermaria, transportando comida e materiais. Ainda assim, tinha de fazer o turno da noite na coluna de transporte. Começou a recuperar da sua provação. O simples facto de ter sobrevivido à perseguição de Greuel era quase um milagre. Sem a sua própria força de espírito e o apoio dos amigos, teria sido destruído, como aconteceu a muitos outros.

בן

Fritz tinha aprendido que mesmo os milagres não duravam num sítio como este. Todos os dias se fechava mais o círculo das probabilidades sobre cada homem, com os seus dias a ficarem mais curtos e as hipóteses de sobrevivência a ficarem mais longínquas.

Naquela Primavera, Fritz perdera um dos seus amigos mais queridos, Leo Moses, o homem que o tinha protegido e ensinado a arte da sobrevivência, que tinha arranjado empregos mais seguros tanto para Fritz como para o pai. Tinha sido enviado um grande transporte de prisioneiros para um novo campo que estava a ser construído na Alsácia, chamado Natzweiler. Leo fora enviado com eles. Fritz nunca mais o viu⁸.

Numa noite de Junho, Fritz estava sentado no sítio do costume, na mesa do Bloco 17, a ouvir a conversa dos homens mais velhos. Tinham acabado de jantar – uma pequena ração de sopa de nabo e

um pedaço de pão – e ficaram na conversa. Fritz ouvia com atenção, mas ficava demasiado impressionado com eles para participar. Ia fazer 19 anos dentro de algumas semanas, ainda um rapaz em idade e, em comparação com estes homens, uma criança em desenvolvimento intelectual e conhecimento do mundo. Desejoso de aprender, absorvia as suas discussões políticas, histórias do mundo do espectáculo e grandiosos planos para o futuro da Europa.

A atenção de Fritz foi captada pelo surgimento de uma figura familiar à porta. Olhou para cima e viu o *kapo* Robert Siewert a acenar. Deixou a mesa e saiu para o ar ameno da noite. Encontrou Siewert com um ar grave. Ele falou suavemente, mas depressa:

– Há uma carta da tua mãe no gabinete da correspondência. O censor não te deixa lê-la.

Siewert fazia parte da rede de prisioneiros que tinham contactos em todos os gabinetes administrativos onde prisioneiros de confiança eram empregados – incluindo a sala da correspondência. Ele tinha conseguido saber qual era o conteúdo da carta. Fritz deixou de sentir o calor do Verão quando as palavras o atingiram.

– A tua mãe e a tua irmã Herta foram notificadas para realojamento. Foram detidas e estão a aguardar a deportação para leste⁹.

Em pânico, Fritz correu pela rua abaixo até ao bloco do pai, com Siewert apressado atrás dele. Alguns presos estavam na rua e Fritz pediu-lhes para dizerem ao pai que ele o queria ver com urgência. (Os prisioneiros estavam proibidos de entrar noutros blocos que não os seus.) Após alguns instantes, Gustav apareceu.

– Diz-lhe – disse Fritz, e Siewert repetiu o seu resumo da carta de Tini.

Realojamento, deportação. Só podiam especular o que isso significava. Estavam sempre a circular rumores e tinham adquirido uma especial sensibilidade para os eufemismos dos nazis. Fritz e Gustav tinham ouvido os sussurros sobre os massacres das SS em Ostland, a região conquistada no Leste da Polónia¹⁰. Uma coisa pelo menos era certa, não haveria mais cartas, mais nenhum laço com Tini e Herta assim que saíssem de Viena e fossem enviadas para a Rússia ou sabe-se lá para onde.

אם וכת

Tini estava de pé na cozinha ao lado do fogão a gás. Lembrou-se do dia em que tinham levado Fritz e ela ameaçara matar-se com gás se Gustav não fugisse para se esconder. Tinha valido de muito a ameaça... E agora tinham vindo buscá-la a ela.

Desligou a torneira de gás principal, como era exigido. A minuciosa lista de instruções emitida pelas autoridades estava sobre a mesa da cozinha, ao lado do chaveiro que lhe tinham fornecido, com a chave do apartamento pendurada nele.

Herta estava de pé, com o seu casaco remendado, com a estrela amarela no peito e a sua pequena mala ao lado. Só eram permitidas uma ou duas por pessoa, num total que não podia exceder os 50 quilos. Tinham colocado na mala roupa e lençóis – como exigido nas instruções de realojamento – juntamente com pratos, copos e colheres (facas e garfos eram proibidos), e comida para três dias. Quem tinha era obrigado a levar equipamento e ferramentas adequadas para a construção ou manutenção do povoado. Tini podia manter a aliança de casada, mas todos os outros valores tinham de ser entregues. Ela nunca tinha tido muitas preciosidades e, de qualquer forma, já tinham

desaparecido todas, roubadas ou vendidas. Nem sequer conseguira arranjar mais do que uma fracção dos 300 marcos em notas que os deportados podiam levar para Ostland¹¹.

Tini agarrou na mala e na trouxa de roupa de cama e, com um último olhar pelo apartamento, fechou a porta e trancou-a. Wickerl Helmbacker estava à espera no patamar. Tini entregou-lhe a chave e afastou-se. Os passos lentos das duas mulheres ecoaram pesarosos nas escadas enquanto desciam. Escortadas por polícias, atravessaram o mercado, conscientes dos olhos que as observavam. Toda a gente sabia o que lhes estava a ser feito. Durante meses, catadupas de judeus deportados tinham ido embora periodicamente, centenas de pessoas de cada vez, e ninguém sabia bem qual era o seu destino, além de que seria algures nas vastas e vagas regiões de Ostland¹². Nunca vinham notícias de lá, nem nenhum dos realojados alguma vez voltou, presumivelmente por estarem demasiado ocupados a construir novas vidas para si na terra que o *Reich* tinha designado para eles.

Depois de passarem pelo mercado, Tini e Herta foram levadas para uma escola primária. As pedras da calçada destas ruas eram tão familiares para Herta como as solas dos seus sapatos. Todas as crianças locais tinham frequentado a Sperlschule: os próprios Edith, Fritz, Kurt e Herta tinham passado grande parte das suas vidas nos seus corredores e salas de aula. Agora não tinha alunos – as SS tinham-na fechado em 1941 e transformado o edificio num centro de detenção para deportações.

Passaram pelo portão com guardas e ao longo da ruela entre os edificios altos. A escola consistia num grupo de edificios de quatro andares afastados da estrada e à volta de um recreio em forma de L. Onde anteriormente as crianças corriam e brincavam, havia agora sentinelas das SS. Estavam estacionados camiões, cheios de paletes e fardos. Tini e Herta apresentaram os seus documentos e foram levadas para dentro de um edificio.

As salas de aula tinham sido convertidas em dormitórios improvisados, cheios de pessoas. Ao todo, os deportados eram pouco mais de um milhar. Por todo lado havia rostos de amigos, conhecidos e vizinhos, bem como de estranhos de zonas mais distantes do bairro. Quase todos eram mulheres, crianças e homens com mais de 40 anos. A maioria dos jovens tinha ido para os campos e os idosos com mais de 65 anos iam ser deportados separadamente para o gueto de Theresienstadt^{xviii}.

Tini e Herta foram colocadas num quarto e deixadas para se juntarem à sua pequena comunidade. Foram trocadas notícias, mexericos, perguntas sobre familiares e amigos comuns. As notícias quase nunca eram boas. O realojamento tinha-lhes sido apresentado como uma oportunidade para terem uma nova vida, mas Tini detestava a ideia de ser arrancada da sua cidade natal e era inatamente desconfiada do futuro. Tinha sempre esperado o pior dos nazis e até agora eles tinham-lhe dado razão.

Na carta para Fritz e Gustav, só tinha podido dizer-lhes o básico sobre os factores devastadores da selecção delas. Mas, com medo do pior, tinha dado os seus bens pessoais a um familiar não judeu, incluindo a sua última fotografia de Fritz – a que fora tirada em Buchenwald – e tinha dado à irmã Jenni um pacote de roupas para lhe enviar a ele. Jenni estava numa situação tão precária quanto Tini, mas até agora tinha sido poupada às deportações¹³. O mesmo era verdade para a irmã delas, viúva, Bertha¹⁴.

Tini e Herta estavam no centro de detenção há um dia ou dois quando os deportados foram avisados da partida¹⁵. Ordenaram que toda a gente fosse para o pátio. As pessoas entupiram os

corredores, todas a carregarem bagagem e trouxas, algumas sob o peso de ferramentas e equipamentos. Os cartões de identificação foram inspeccionados e cada um recebeu um carimbo *Evakuiert am 9. Juni 1942*^[xviii] antes de subirem para os camiões que os aguardavam.

A caravana passou por Taborstrasse e ao longo da avenida ao lado do canal do Danúbio. Herta olhava para a água, a brilhar sob o sol de Verão. Quando chegasse o fim-de-semana estaria cheia de barcos de recreio e de banhistas. Lembrou-se do tempo em que ela e o pai se tinham desafiado para uma corrida a nadar, para imitar Fritz e os amigos. O seu querido papá, tão amável e caloroso. Tinham sido bons tempos, com piqueniques de Verão sob as árvores à beira da água. Por vezes a mãe, que adorava remar, levava os miúdos a passear de barco. Agora parecia um sonho, vívido, mas remoto. Há muito que os judeus tinham sido proibidos de ir ao canal do Danúbio e às suas margens verdejantes.

Depois de atravessar o canal, a caravana roncou pelas ruas, acabando por parar em Aspangbahnhof, a estação de comboios que servia a zona sul da cidade. Tinha-se juntado uma pequena multidão à volta da entrada, controlada por dezenas de polícias e tropas das SS. Alguns eram amigos e familiares à espera de ver os seus entes queridos. Outros estavam apenas boquiabertos por verem os judeus a ser conduzidos como gado. Tini e Herta ajudaram-se mutuamente a sair do camião e juntaram-se à aglomeração enquanto esta lentamente desaguava no interior soturno da estação.

Toda a gente sabia dos terríveis vagões de mercadoria onde os seus homens tinham sido levados para os campos, por isso foi uma felicidade encontrar à espera, na plataforma, um comboio com carruagens de passageiros no atraente bege-e-púrpura tradicional da Deutsche Reichsbahn. Ora bem, pensaram, isto não parece nada mau.

Foi-lhes ordenado que colocassem as bagagens num vagão na traseira do comboio. Os alimentos e os medicamentos já tinham sido carregados. Era um processo longo e demorado. Ouviu-se um silvo ruidoso e uma voz gritou: «Uma hora para a partida!»¹⁶ O anúncio foi repetido ao longo da plataforma e as pessoas começaram a apressar-se em todas as direcções.

Tini, bem agarrada a Herta, penetrou através da multidão até à carruagem atribuída, onde um supervisor equipado com uma lista e um ar de grande importância estava a controlar as entradas. Era um oficial judeu designado pela IKG, não um polícia ou SS, e a presença dele era tranquilizadora. As cerca de 60 pessoas atribuídas àquela carruagem juntaram-se à volta dele. Tini reconheceu Ida Klap, uma idosa de Im Werd, sozinha, e uma mulher mais ou menos da mesma idade de Tini, de Leopoldsgasse, também sozinha. Muitas das mulheres estavam desacompanhadas, pois os maridos e os filhos tinham sido levados e os restantes – os que tiveram sorte – tinham sido enviados para Inglaterra ou para a América. No entanto, ainda tinham ficado alguns pequeninos. Uma mulher que Tini não reconhecia, com perto de 60 anos, estava a viajar com três rapazes e uma rapariga, claramente os netos. O mais novo, um rapaz chamado Otto, tinha mais ou menos a idade de Kurt e o mais velho era uma rapariga de cerca de 16 anos¹⁷. À volta deles, homens de barba grisalha com chapéus amarrotados, indivíduos com caras bolachudas e papadas, esposas bem cuidadas e cansadas, de lenço na cabeça, misturadas com jovens cujos rostos estavam prematuramente enrugados, e

crianças desorientadas, algumas com apenas 5 anos, a olhar com espanto e confusão. O supervisor da carruagem leu os nomes de uma lista, verificando o número de transporte.

– Um-dois-cinco: Klein, Nathan Israel!

Um homem com cerca de 60 anos levantou a mão.

– Aqui.

– Um-dois-seis: Klein, Rosa Sara! – A mulher dele respondeu.

– Seis-quatro-dois: Kleinmann, Herta Sara! – Herta levantou a mão.

– Seis-quatro-um: Kleinmann, Tini Sara!

A lista continuava: Klinger, Adolf Israel; Klinger Amalie Sara... Ao longo da plataforma, os supervisores das outras 15 carruagens chamavam os nomes das suas secções da lista de 1006 almas que iam na viagem.

Por fim, foi revelado o seu destino: a cidade de Minsk. Ali, ou se juntavam ao gueto e trabalhavam nas várias indústrias locais ou lavravam a terra, dependendo das suas qualificações.

Quando os supervisores ficaram convencidos de que não faltava ninguém, puderam finalmente embarcar, com instruções rígidas para o fazerem em silêncio e se manterem nos lugares que lhes tinham sido atribuídos. As carruagens eram de segunda classe e divididas em compartimentos – suficientemente confortáveis, embora um pouco sobrelotados. Quando Tini e Herta se sentaram, foi quase como nos velhos tempos. Já há muito tempo que era ilegal para os judeus saírem sozinhos dos seus bairros, quanto mais deixar Viena. Seria interessante voltar a ver um pouco do mundo exterior.

Fumo e vapor espalharam-se pela plataforma, e os eixos guincharam quando o longo comboio começou a mover-se, esgueirando-se devagar da estação em direcção ao Norte, através da cidade. Atravessou o canal do Danúbio e passou por cima da ponte no canto oeste do Prater, para lá de Praterstern e da rua onde Tini tinha nascido¹⁸, e alguns momentos mais tarde passou pela estação de comboios do Norte. Isto teria sido um sítio conveniente para a partida dos judeus de Leopoldstadt, mas a Aspangbahnhof era mais discreta¹⁹. Alguns minutos mais tarde, o largo rio Danúbio passou por baixo das janelas do compartimento, depois os últimos subúrbios e os campos de cultivo a nordeste de Viena.

Embora o comboio parasse ocasionalmente em estações, estavam proibidos de sair. As horas do longo dia de Junho arrastaram-se. As pessoas liam, falavam, dormiam nos seus lugares. As crianças começavam a ficar irrequietas e mal-humoradas, ou catatónicas de exaustão. A intervalos regulares, o supervisor da carruagem aparecia e espreitava para dentro de cada compartimento para verificar a carga. Havia um médico – também nomeado pela IKG – para o caso de alguém se sentir mal. Já há muito tempo que nenhum judeu era cuidado de forma tão solícita.

Passaram pela antiga Checoslováquia e entraram no território que tinha sido a Polónia. Agora era tudo Alemanha. Para Tini e Herta, o campo tinha muito interesse. Gustav tinha nascido nesta região nos grandes dias do Império Austro-Húngaro, quando os judeus desfrutavam da idade de ouro da emancipação. Tini vivera essa era em Viena, enquanto Gustav tinha passado a infância nesta bela paisagem, numa pequena vila chamada Zablocie bei Saybusch^[xix], que ficava à beira de um lago no sopé das montanhas. O comboio não passou por lá, mas perto, através de sítios que o próprio Gustav

teria reconhecido, não apenas da infância, mas também do serviço militar na guerra, quando tinha lutado pelos mesmos campos e localidades contra o exército do czar russo.

O comboio também passou perto de outra pequena povoação, a cerca de 50 quilómetros a norte de Zabłocie, chamada Oświęcim. Os alemães chamavam-lhe Auschwitz e tinham recentemente estabelecido ali um novo campo de concentração. O comboio de Viena prosseguiu num arco largo para oeste e, depois, retomou a sua rota para nordeste, afastando-se do pôr do Sol²⁰.

Seguiu-se uma noite de movimento incessante e dormir desconfortável, com costas doridas e membros dormentes. Na manhã seguinte passaram pela cidade de Varsóvia. Para lá de Białystok atravessaram a fronteira, deixando para trás a Grande Alemanha e entrando no Reichskommissariat Ostland, anteriormente parte da União Soviética. Cerca de 40 quilómetros à frente, o comboio chegou à pequena cidade de Volkovysk^[xx].

Parou aqui.

Durante algum tempo, não pareceu diferente de qualquer outra paragem. Tini e Herta, como toda a gente, espreitaram pela janela, questionando-se onde estariam. O supervisor da carruagem olhou para dentro do compartimento e foi-se embora. De alguma forma, havia uma sensação de que algo não estava bem. Havia um som de vozes exaltadas no fundo do corredor, portas de carruagens a abrir e botas pesadas a aproximar-se de ambos os lados. De repente, militares armados das SS apareceram à porta do compartimento e abriram-na.

– Saiam! Saiam! – ladraram. – Todos para fora, já!

Em choque e confusos, os transferidos levantaram-se com dificuldade, pegaram nos seus pertences, mães e avós agarraram nas suas crianças. Os militares das SS atacaram.

– Vá, porcos judeus! Saiam já!

Tini e Herta deram por si no corredor, esmagadas pelas pessoas apressadas para sair. Qualquer pessoa que fosse lenta era pontapeada ou atingida com as coronhas das espingardas. Foram despejados para a plataforma, onde havia mais militares das SS.

Os militares eram diferentes de todos os que Tini vira em Viena. Estes eram Waffen-SS, tropas de combate, violentas e com a insígnia da Cabeça da Morte, da divisão dos campos de concentração, nos colarinhos²¹. Estavam acompanhados por homens com o uniforme da temida Sipo-SD, a força de segurança nazi²². Gritavam e insultavam os judeus, ao mesmo tempo que os conduziam ao longo da plataforma. Homens e mulheres, idosos e crianças, quem tropeçasse, caísse ou não conseguisse ir suficientemente depressa, era pontapeado e espancado, alguns tão severamente que os corpos inconscientes eram deixados no chão²³.

Foram empurrados para outro comboio, este composto por vagões de carga. Foram conduzidos lá para dentro sob a ameaça de armas, esmagados, quase sem espaço para se moverem. Depois, as portas fecharam com estrondo. Agarradas uma à outra, Tini e Herta encontraram-se numa escuridão cheia de choro, queixumes dos feridos, orações e gritos das crianças aterrorizadas. Conseguiram ouvir, lá fora, as portas dos vagões a serem fechadas ao longo de todo o comboio.

Depois de a última porta ser fechada, foram deixados no escuro, imóveis. Passaram-se horas. Algumas pessoas, quebradas pelo choque súbito e violento, perderam o juízo durante aquela noite

horrível, gritaram e deliraram. Os SS agarraram em todos os tresloucados e nos doentes e juntaram-nos a todos num vagão separado, onde sofreram um inferno especial quase para lá do imaginável.

No dia seguinte, o comboio começou a andar. Seguiu dolorosamente devagar. O transporte já não seguia atrás de uma locomotiva rápida da Reichsbahn, mas sim de uma lesma da Main Railway Administration, ao serviço dos territórios a leste. Desde Viena que tinham percorrido mais de mil quilómetros em dois dias. Desta vez, demoraram outros dois a percorrer um quarto dessa distância²⁴.

O comboio acabou por parar. Os sons do exterior sugeriam que estavam nalgum tipo de estação. As pessoas, aterrorizadas, esperavam que as portas se abrissem, mas isso não aconteceu. Passaram mais uma noite de medo e fome. Depois, mais um dia e uma noite. O comboio estava ali parado, sem supervisão, à excepção de inspecções periódicas dos guardas Sipo-SD. Tinha chegado a um sábado e os trabalhadores alemães dos caminhos-de-ferro, em Minsk, tinham recentemente recebido o direito de não trabalhar aos fins-de-semana²⁵.

Amontoados no escuro, iluminados apenas pela luz do dia que entrava por pequenas frestas das paredes do vagão, assustados, com pouco ou nada para comer e beber e apenas um balde num canto como casa de banho, os deportados aguentavam o arrastar das horas com horrível incerteza. O plano para eles tinha mudado? Tinham sido enganados? Na manhã do quinto dia desde que tinham deixado o conforto do comboio de passageiros, os encarcerados acordaram do seu torpor. O comboio estava de novo a andar. Meu Deus, isto nunca terminaria?

«Por favor, querido filho», tinha Tini escrito a Kurt, quase um ano antes, «reza para voltarmos a encontrar-nos todos de boa saúde.» Ela nunca tinha realmente perdido a esperança. «O papá escreveu [...] graças a Deus ele está bem de saúde [...] saber que estás a ser bem tratado pelo teu tio é a única alegria que ele tem [...] Por favor, Kurt, porta-te bem [...] Espero que tenham coisas boas para dizer sobre ti, que mantenhas as tuas coisas e a tua cama em ordem e que sejas amável [...] Tem um Verão maravilhoso, em breve os dias bonitos vão acabar [...] Todos os miúdos aqui têm inveja tua. Nem sequer podem ver um jardim.»²⁶

Com uma chiadeira de metal no metal e um bater e chocalhar dos vagões, o comboio parou de novo. Havia silêncio e, depois, as portas abriram-se, inundando os encarcerados com uma luz ofuscante.



Precisamente o que sucedeu a Tini e Herta Kleinmann naquele dia nunca se saberá. O que elas testemunharam, o que fizeram ou disseram ou sentiram nunca foi registado. Nem um dos 1006 judeus – mulheres, crianças e homens –, trazidos para a zona de cargas da estação de Minsk, na manhã de segunda-feira, 15 de Junho de 1942, voltou a ser visto ou deixou qualquer relato.

Mas foram mantidos registos gerais, e houve outros transportes de Viena para Minsk durante aquele Verão, dos quais um punhado de indivíduos regressou com as suas histórias²⁷.

Quando as portas dos vagões abriam, era ordenado às pessoas lá dentro – feridas, desgastadas, doridas, esfomeadas, desidratadas – que saíssem. Eram empurradas, escrutinadas pelos homens Sipo-SD e questionadas sobre as suas qualificações profissionais. Um oficial dirigia-se a elas,

reiterando o que lhes havia sido dito em Viena – que iriam trabalhar em fábricas ou na agricultura. A maioria, incapaz de viver sem esperança, ficava tranquilizada pelo discurso. Algumas dezenas de adultos com aspecto mais saudável e as crianças mais velhas eram seleccionados e separados. A multidão restante era encaminhada para a estação, onde lhes confiscavam os pertences. Os vagões com bagagem, comida e provisões que tinham trazido de Viena também eram apreendidos²⁸. À porta da estação estavam camiões e carrinhas fechadas à espera, para dentro dos quais as pessoas eram carregadas.

A caravana saía da cidade, em direcção a sudeste, para o campo bielorrusso, uma vasta planície de campo e floresta poeirenta sob um céu enorme.

Quando as forças alemãs conquistaram este território à União Soviética no Verão anterior, atravessaram-no como uma onda dizimadora. Logo depois tinha vindo uma segunda onda: a Einsatzgruppe (Força de Intervenção) B, uma das sete unidades do género destacadas para trás das linhas da Frente. Comandadas pelo general da SS, Arthur Nebe, a Einsatzgruppe B tinha cerca de mil homens – sobretudo vindos dos Sipo-SD e de outros ramos da polícia – divididos em subunidades mais pequenas, ou Einsatzkommandos. O papel deles era localizar e exterminar todos os judeus em localidades conquistadas, uma tarefa em que eram com frequência assistidos de boa vontade por unidades Waffen-SS e as Wehrmacht e, em algumas áreas, como a Polónia e a Letónia, pela polícia local²⁹.

Nem todos os judeus foram assassinados de imediato. Isso era impraticável, dado que havia milhões a habitar nestas regiões. Além disso, os nazis tinham aprendido na Polónia como fazer os judeus contribuir para a sua economia de guerra. Foi criado um gueto em Minsk e a sua indústria servia o *Reich* e forrava os bolsos dos oficiais corruptos. Agora, com a implementação da Solução Final, Minsk tinha sido escolhida como um dos seus principais centros.

A tarefa da organização recaiu sobre o comandante da Sipo-SD local, o tenente-coronel das SS, Eduard Strauch, um oficial veterano da Einsatzgruppe. Ele inspeccionou a área e escolheu instalar um campo de concentração no isolado vilarejo de Maly Trostinets, uma antiga quinta colectiva soviética a cerca de uma dúzia de quilómetros a sudeste de Minsk. O campo era pequeno e sem intenção de conter mais de 600 prisioneiros para trabalharem na quinta e providenciarem um *Sonderkommando*^[xxi] para o seu objectivo principal, que era o assassinio em massa³⁰.

Das dezenas de milhar de pessoas – sobretudo judeus – trazidas para Maly Trostinets, poucas chegaram a ver o campo. Depois de as Sipo-SD seleccionarem uns quantos de cada transporte para o trabalho forçado, os camiões carregados com as restantes centenas arrancavam em direcção a Maly Trostinets. Pelo caminho, paravam num prado fora da cidade. Por vezes, a selecção para o campo era feita aqui, se não tinha sido já feita na estação de comboio de Minsk³¹. Do prado, a intervalos de uma hora mais ou menos, um camião de cada vez prosseguia, enquanto os restantes esperavam.

Os camiões iam para uma plantação de pinheiros ainda pequenos a cerca de três quilómetros do campo. Ali, um de dois destinos esperava os cativos. Para a maioria era rápido, para alguns mais lento. Mas o fim era o mesmo. Havia uma clareira entre as árvores, onde um *Sonderkommando* tinha escavado um enorme fosso, com cerca de 50 metros de comprimento e 3 de profundidade. À espera, ao lado, estava um pelotão de Waffen-SS sob o comando do tenente Arlt, das SS. Cada homem estava

armado com uma pistola e 25 munições; havia caixas de munições armazenadas por perto³⁵. A cerca de 200 metros da clareira, um cordão de sentinelas da polícia da Letónia mantinha-se de guarda, para evitar que alguma vítima escapasse ou que qualquer potencial testemunha se aventurasse por perto³³.

Desembarcados do camião, mulheres, homens e crianças eram forçados a despir-se até ficarem de roupa interior, deixando para trás quaisquer bens que tivessem com eles. Sob a ameaça das armas, em grupos de cerca de 20, eram conduzidos para a beira do fosso, onde tinham de ficar de pé, em linha, virados para o buraco. Atrás de cada pessoa estava um militar das SS. Quando era dada a ordem, as vítimas eram atingidas na nuca à queima-roupa e caíam para dentro do fosso. Depois vinha o lote seguinte. Quando todos tinham sido mortos, uma metralhadora montada no final do fosso abria fogo sobre os corpos que parecessem ainda estar a mover-se³⁴. Após um curto intervalo, chegava o camião seguinte e o processo repetia-se.

O que fazia estas pessoas submeter-se? Desde o primeiro que viu o fosso vazio àqueles que o viram já meio cheio com cadáveres dos seus vizinhos e amigos, e ouviram os tiros a serem disparados – o que os levava a caminhar em fila, a alinhar-se para serem mortos? Estariam subjugados pelo terror? Estariam resignados ao seu destino ou a sofrer uma autonegação existencial? Ou será que continuavam todos, mesmo até à última fracção de segundo, com a pistola no pescoço, com a esperança de que o tiro não fosse disparado, de que, de alguma maneira, fossem salvos? Alguns tentavam fugir, embora não conseguissem chegar muito longe, mas a esmagadora maioria das vítimas seguia calmamente para a morte.

Em Maly Trostinets não havia nada da fúria e da euforia indisciplinadas que muitas vezes caracterizava os assassinios das Einsatzgruppe noutros sítios, onde partiam a coluna às crianças e depois as atiravam para os fossos, com os assassinos a rir e enraivecidos enquanto matavam. Aqui era apenas uma execução fria e em contra-relógio.

No entanto, afectava a mente dos assassinos. Mesmo estes homens tinham algum tipo de consciência – consciências mirradas e atrofiadas apenas o suficiente para serem arranhadas pelo interminável sangue e culpa. Os homens de Arlt recebiam vodka para lhes adormecer os sentimentos³⁵, mas isso não curava os estragos. Por esta razão, os SS tinham experimentado vários métodos alternativos que lhes permitiriam exterminar, mas sem terem sangue nas mãos. Isto tinha desenvolvido o segundo método de execução, mais lento, empregue em simultâneo em Maly Trostinets.

No início de Junho, tinham sido introduzidas as carrinhas ambulantes de gás. Havia três – duas convertidas de carrinhas *Diamond T* de distribuição e uma carrinha *Staurer* maior, de transporte de móveis. Os alemães chamavam-lhes *S-Wagen*, mas as pessoas da Bielorrússia chamavam-lhes *dukubki*, sufocadoras de almas³⁶. Embora a maioria dos judeus fosse morta no fosso, alguns – provavelmente duas ou três centenas de cada transporte – iam para as carrinhas. A lotaria tinha lugar na estação de Minsk, onde alguns eram carregados em camiões normais e alguns em *S-Wagen*, tão apertados que se esmagavam e espezinhavam uns aos outros.

Assim que os tiros terminavam, as carrinhas de gás arrancavam e seguiam para a plantação, onde eram estacionadas ao lado do fosso cheio de corpos. Cada motorista, ou o seu assistente, ligava um cano do tubo de escape para o interior da carrinha, que era forrada com aço. Depois o motor era

ligado. As pessoas encurraladas no interior entravam de imediato em pânico. As carrinhas agitavam-se e abanavam sobre a suspensão com a violência da luta e havia sons abafados de gritos e de pancadas nas paredes. Gradualmente, ao fim de cerca de 15 minutos, o barulho e o estremecimento diminuía até as carrinhas ficarem quietas³⁷.

Quando estava tudo calmo, cada carrinha era aberta. Alguns dos corpos, que estavam empilhados contra a porta, caíam no chão. Um *Sonderkommando* de prisioneiros judeus subia lá para dentro e começava a puxar os restantes cadáveres, empurrando-os para o fosso. O interior da carrinha era um cenário de horror insuportável. Os corpos estavam cobertos de sangue, vômito e fezes. O chão estava coberto de óculos, tufos de cabelo e até dentes, perdidos enquanto as vítimas se esgatanhavam num esforço enlouquecido para escapar.

Antes de as carrinhas poderem ser usadas de novo, eram levadas para um lago perto do campo e os interiores eram cuidadosamente limpos. O atraso que isto causava, juntamente com o pequeno número de carrinhas disponíveis e as frequentes avarias, era a razão por que os esquadrões de fuzilamento ainda eram usados. As SS ainda estavam a trabalhar para refinar os seus métodos de assassinio em massa.

O tenente Arlt das SS escreveu no registo daquele dia: «Em 15-6 chegou outro transporte de mil judeus de Viena.»³⁸ Só isso. Ele não tinha qualquer interesse em descrever o que ele e os seus homens tinham feito. Era apenas mais um dia de trabalho, sobre o qual as SS sentiam que era melhor manter um véu de discrição.

אמא

O sol de Verão continuava quente e preguiçoso na superfície lenta do canal do Danúbio. Os guinchos abafados de prazer das crianças espalhavam-se sobre a água, desde as margens relvadas onde as famílias se sentavam com o piquenique ou passeavam sob as árvores. Barcos de recreio passavam e barcos a remos cruzavam-se com eles.

Tudo estava distante dos sentidos de Tini enquanto ela remava, com uma música agradável e distante de risos, em pano de fundo. A luz do Sol brilhava nos salpicos de cada vez que levantava os remos da água, iluminando o rosto das crianças. Edith, a sorrir serenamente, Fritz e Herta ainda pequenos, e Kurt, o mais novo e adorado, que mal tinha acabado de deixar as fraldas. Tini sorriu e empurrou os remos, fazendo o barco deslizar pela água³⁹. Era uma boa remadora desde a infância. E amava a sua família. Quando tinha 12 anos tinha sido nomeada orientadora das crianças mais pequenas da escola porque gostava imenso disso. Tomar conta e dar assistência fazia parte do seu ADN e a maternidade tinha sido a sua expressão mais pura.

Os sons dos outros barcos e a imagem das margens ao longe desvaneciam-se, como se uma névoa se tivesse abatido e isolado o barco do resto do mundo. Os remos mergulhavam e salpicavam e o barco continuava a deslizar.

Na gaveta de uma cómoda, na longínqua Massachusetts, as últimas cartas de Tini para Kurt permaneciam guardadas. O alemão em que tinham sido escritas já quase lhe escapava à compreensão, à medida que a sua mente infantil se adaptava ao novo mundo. Ele tinha absorvido

o seu significado, mas começava a esquecer de forma lenta e insensível como se liam as palavras dela.

Meu querido Kurtl... Estou tão feliz por estares bem... escreve com frequência... a Herta está sempre a pensar em ti... Tenho medo todos os dias... a Herta manda abraços e beijos. Um milhar de beijos da tua mamã. Adoro-te.



Naquela noite, depois de os *Sonderkommando* terem voltado a tapar o fosso, o crepúsculo caiu sobre a clareira silenciosa entre os jovens pinheiros. Os pássaros regressaram, as criaturas nocturnas acorreram entre as ervas para o solo remexido do fosso. Por baixo encontravam-se os restos mortais de 900 almas que tinham embarcado no comboio em Viena: Rosa Kerbel e os quatro netos – Otto, Kurt, Helene e Heinrich – e os idosos Adolf e Amalie Klinger, Alice Baron com os seus 5 anos, as irmãs solteironas Johanna e Flora Kaufmann, Adolf e Witie Aptowitzer, de Im Werd, Tini Kleinmann e a sua bela filha de 20 anos, Herta.

Eles haviam acreditado que iam começar uma nova vida em Ostland e que talvez um dia voltassem a encontrar-se com os entes queridos – maridos, filhos, irmãos, filhas –, que tinham sido espalhados pelos campos e por países distantes⁴⁰. Para lá de toda a razão, para lá de todos os sentimentos humanos, o mundo – não apenas os nazis, mas os políticos, as pessoas e os jornalistas de Londres, Nova Iorque, Chicago e Washington – tinha-lhes negado esse futuro e tinha-o, irrevogavelmente, selado.

[xvii] Actualmente Terezín, na República Checa.

[xviii] Evacuado a 9 de Junho de 1942.

[xix] Agora Zabłocie, em Żywiec, Polónia.

[xx] Agora Vawkavysk, Bielorrússia.

[xxi] Destacamento especial de trabalho: prisioneiros do campo de concentração forçados a manusear as vítimas antes e depois das execuções.

Uma viagem para a morte



O Sol de Verão estava a baixar, espalhando um tom alaranjado sobre os ramos e sombras escuras e longas pelo solo da floresta. Os ouvidos de Gustav estavam cheios de ruídos de serras nos troncos das árvores e de grunhidos dos homens, do bombear do seu próprio sangue e do peso da sua respiração enquanto ele e os seus colegas de trabalho carregavam um tronco para dentro do vagão.

De certa forma, era agradável estar de novo no bosque, longe do cascalho e do pó e da lama, mas o *kapo*, um sádico vingativo chamado Jacob Ganzer, era muito duro.

– Mais depressa, porcos! Pensam que esses troncos se empilham sozinhos? Mexam-se!

A esta velocidade, o trabalho não só era esgotante como perigoso. Gustav e os colegas levantavam o enorme tronco e atiravam-no para o topo da pilha em cima do vagão. Não tinham um segundo para recuperar o fôlego nem para garantir que o tronco estava estável. Já havia outro tronco pronto para ser carregado e Ganzer estava a ladrar furioso. Gustav agarrou num extremo do enorme tronco, o colega, um prisioneiro chamado Friedmann, colocou o ombro por baixo e outras mãos elevaram o peso. Com os músculos em esforço, empurraram-no por cima do vagão em direcção a um espaço na pilha. Com os gritos de Ganzer nos ouvidos, alguém largou o tronco antes de estar assente. Rolou para trás, uma massa imparável com centenas de quilos, arrastando outros com ele.

O tronco passou por cima da mão de Gustav e o cérebro mal teve tempo para sentir a dor dos ossos dos dedos a partir antes de lhe atingir o corpo e o de Friedmann, derrubando-os e detendo-se em cima deles¹.

Gustav ficou preso, como uma borboleta alfinetada num cartão, a olhar para as copas das árvores a agitar-se sob o sol da tarde, com o corpo inundado de dores, os ouvidos cheios de gritos e de gemidos. Depois viu uniformes às riscas, mãos a levantar o tronco, a levantá-lo a ele, mas ainda não se conseguia mexer. Ao olhar à volta, viu homens a levantar-se com mãos e rostos ensanguentados, outros estatelados e a gemer. Friedmann estava a alguns passos de distância, imóvel, num queixume rouco. Tinha sido atingido no peito com a maior parte do peso do tronco em queda. Escorria-lhe sangue da boca.

Agarraram no corpo de Gustav e ele foi levado da clareira. Através da dor, via as árvores a passar, o céu a desaparecer e a inclinar-se, ouvia o grunhir dos homens que o carregavam. O portão passou por ele e, depois, estava a entrar na enfermaria e a ser deitado numa enxerga².

Sete outros homens do seu destacamento chegaram depois dele, a braços ou a arrastarem-se. Friedmann foi o último a chegar, numa maca. Não conseguia mexer-se, tinha a caixa torácica esmagada e a coluna partida. Estava numa agonia desesperada.

O peito de Gustav tinha recebido parte do impacto e os dedos partidos latejavam com dor. A lotaria tinha-lhe finalmente tocado, como tocava a toda a gente. A sorte só durava algum tempo e quanto mais tempo uma pessoa era obrigada a jogar, mais certo era ela acabar. As perspectivas dos homens muito feridos eram sombrias. A agulha do médico e uma veia cheia de fenol ou de hexobarbital era o destino provável e, depois, fumo da chaminé do crematório.

Friedmann morreu misericordiosamente depressa, dos ferimentos. A maioria dos outros homens, com ferimentos ligeiros, saiu da enfermaria em pouco tempo. Mas Gustav permaneceu. Os dias passaram-se e ele foi colocado numa pequena ala junto à Sala de Operações II. Se ele não sabia já o que aquilo significava, iria aprender depressa. A Sala de Operações II era onde as injecções letais eram dadas e esta ala era a sala de espera³.

Durante algum tempo, ficou sozinho. De vez em quando um homem doente ou muito ferido era seleccionado e levado para a SO II. Nunca regressava. De todas as vezes, o médico passava e olhava para Gustav. Ele estava demasiado ferido para se afligir. Seria um desperdício de drogas injectar um prisioneiro que iria morrer por si mesmo. O médico não sabia nada sobre a força de vontade e a resiliência de Gustav Kleinmann.

Havia um funcionário amigável chamado Helmut, que cuidava de Gustav quando o médico não estava, e ele conseguiu agarrar-se com determinação à vida, devastado pela dor, de noite e de dia. Mas esta foi diminuindo aos poucos e, após seis semanas, tinha recuperado o suficiente para ter alta. Ainda estava no fio da navalha, sem força para voltar para o destacamento de transporte ou sequer para o vagão da enfermaria. Era agora uma boca inútil, elegível para ser enviado de novo para a SO II para aniquilação.

Os amigos e as suas qualificações profissionais salvaram-lhe a vida. Os *kapos* amigáveis trocaram algumas palavras e Gustav foi transferido para a fábrica DAW, que produzia equipamentos militares, como caixas para cartuchos, cacifos para as casernas e peças de avião, e convertia camiões em cantinas móveis⁴. Gustav recebeu trabalho como correeiro e estofador. Começou a convalescer.

Pela primeira vez desde a sua chegada ao campo – quase a primeira vez desde a *Anschluss* – podia praticar o seu próprio ofício. Estava feliz – ou tão feliz quanto era possível. O trabalho era agradável e ele fez bons amigos. O capataz era um prisioneiro político alemão chamado Peter Kersten, um antigo vereador do Partido Comunista. «Um homem muito corajoso», pensou Gustav. «Dou-me muito bem com ele.» Gustav até conseguiu arranjar uma colocação para um amigo vienense, Fredl Lustig, um colega da coluna de transporte. Juntos faziam um pequeno grupo satisfeito.

Assim foi até ao início de Outubro. Nessa altura, como um pesadelo que retorna depois de um momento de vigília e recuperação do fôlego, tudo mudou de repente de forma calamitosa.

בן

Fritz e o colega levantaram o pesado lintel de cimento do andaime e colocaram-no com cuidado na parede sobre o espaço da janela. Fritz posicionou-o e verificou o nivelamento.

Nos últimos dois anos, as suas competências como construtor tinham-se desenvolvido sob a tutoria de Robert Siewert. Já dominava todos os tipos de trabalho em tijolo e pedra, estuque e construção em geral. O destacamento de Siewert trabalhava arduamente no estaleiro da nova Gustloff Werke,

uma grande fábrica que estava a ser construída ao lado da Estrada de Sangue, em frente ao complexo de garagens das SS. Assim que estivesse pronta, iria produzir tambores para armas de tanques e antiaéreas, bem como outro armamento. A maioria das paredes exteriores já estava levantada e Fritz tinha sido colocado a trabalhar nas enormes janelas da fábrica. Era esperado que terminasse duas por dia, abrindo os buracos, colocando os lintéis e fixando-os, um trabalho que requeria um pedreiro altamente qualificado e muito cuidado.

O seu colega de trabalho, Max Umschweif, tinha chegado há pouco tempo a Buchenwald, no Verão passado. Era um vienense com uma constituição leve e o rosto de um intelectual, que tinha lutado com a International Brigade contra os fascistas em Espanha. Após a derrota, ele e os camaradas tinham sido detidos em França. Regressou a Viena em 1940 e foi preso pela Gestapo por ser um conhecido antifascista. Fritz adorava ouvir as suas histórias sobre a guerra em Espanha, mas ficava extremamente perplexo por ter voltado voluntariamente à Áustria sabendo que a Gestapo iria atrás dele.

Com o cabo da colher de pedreiro, Fritz ajeitou o lintel para a sua posição final, verificou-o com um nível e, depois, colocou a argamassa de forma rápida e destra. Era agradável trabalhar aqui no andaime. Enquanto os supervisores das SS andavam constantemente a bater e a insultar os carregadores de tijolo e de argamassa, eles nunca se aventuravam andaimes acima. Satisfeito com o lintel, virou-se e aproveitou para esticar os músculos. Daqui tinha uma bela vista sobre a floresta. Os carvalhos e as faias eram bonitos na sua glória de Outubro, cobertos de ouro e de tons de cobre. Ao longe, conseguia ver parte de Weimar e os campos de cultivo à volta.

Fritz tinha passado por algumas experiências terríveis nos últimos meses – a partida de Leo Moses, a morte quase certa do pai, e amigos próximos assassinados pelos SS. No entanto, o pior de tudo eram as notícias sobre a mãe e Herta e a agonia de não saber o que lhes tinha acontecido.

Os seus pensamentos foram interrompidos por um chamamento.

– Fritz Kleinmann, vem cá abaixo!

Desceu o escadote e encontrou um dos trabalhadores à espera dele.

– O *kapo* quer ver-te.

Foi à procura de Robert Siewert e encontrou-o com um ar sério que Fritz nunca lhe tinha visto. Siewert puxou-o para um canto, colocou-lhe o braço sobre os ombros e puxou-o para ele como se fosse o seu próprio filho. Nunca tinha feito tal coisa antes e Fritz adivinhou que vinham aí más notícias.

– Há uma lista, no gabinete de registos, de judeus que irão ser transferidos para Auschwitz – disse apenas Siewert. – O nome do teu pai está lá.

O choque foi mais forte do que qualquer coisa que Fritz já tivesse sentido. Toda a gente conhecia o nome Auschwitz, um dos campos que as SS tinham estabelecido em países ocupados. Tinha havido falatório em Buchenwald durante todo o ano: rumores e notícias que chegavam de longe, bem como acontecimentos testemunhados no próprio campo, indicavam que o drama dos judeus estava a entrar no último acto, e que os nazis pretendiam finalmente ver-se livres de todos os que não tinham emigrado ou morrido. Desde a Primavera que havia sussurros sobre câmaras especiais de gás que

estavam a ser construídas em alguns campos, nas quais centenas de pessoas podiam ser mortas de uma vez. Um desses campos era Auschwitz. Uma transferência para ali só significava uma coisa.

Siewert explicou-lhe aquilo que tinha sabido. A lista era longa e continha quase todos os judeus ainda vivos em Buchenwald. As únicas excepções eram aqueles que, como Fritz, eram necessários para a construção da fábrica Gustloff.

Fritz estava atordoado e horrorizado; conhecia tantos jovens no campo que tinham perdido os pais e o seu principal medo era tornar-se um deles.

– Tens de ser muito corajoso – disse Siewert.

– Mas o meu pai faz trabalho útil na fábrica – objectou Fritz.

Siewert abanou a cabeça. O trabalho na fábrica era insignificante.

– É *toda a gente* – disse ele. – Todos os judeus, excepto os construtores e os pedreiros, vão para Auschwitz. Tu és um dos sortudos.

Ele olhou para Fritz nos olhos.

– Se queres continuar a viver, tens de esquecer o teu pai.

Fritz lutou para encontrar palavras.

– Isso é impossível – disse.

Dito isto, virou-se, trepou escadote acima até ao andaime e voltou ao trabalho.



Havia pouco mais de 400 nomes na lista elaborada pelo quartel-general de Buchenwald. Uns dias antes tinham recebido uma ordem enviada em nome de Himmler para todos os comandantes dos campos: por desejo do próprio *Führer*, todos os campos de concentração localizados em terra natal alemã deveriam ficar livres de judeus. Todos os prisioneiros judeus deviam ser transferidos para campos no antigo território polaco – nomeadamente Auschwitz e Majdanek⁵.

Em Buchenwald já só havia 639 judeus vivos: os que tinham sobrevivido aos assassinios aleatórios, às transferências e à eutanásia. Desse total, 234 estavam a trabalhar na construção da fábrica. Deviam permanecer, por enquanto, mas os outros iriam ser enviados para Auschwitz⁶.

Na tarde de quinta-feira, 15 de Outubro, alguns dias após a conversa de Fritz com Robert Siewert, foi ordenado a todos os prisioneiros judeus que se reunissem na praça da chamada⁷.

Eles sabiam o que podiam esperar e foi exactamente como Siewert tinha previsto. Fritz ouviu chamar o seu número entre os trabalhadores de construção habilitados. Esses homens deveriam regressar aos seus blocos. Ao deixar o pai para trás, enquanto Fritz se afastava com os colegas, tinha a barriga num nó, com pavor e indignação.

Gustav e os restantes 400 foram informados de que iriam ser transferidos para outro campo. A partir deste momento, permaneceriam em isolamento. Foram levados para o Bloco 11, que tinha sido esvaziado para os albergar, e fechados lá dentro, impedidos de contactar com os outros prisioneiros. Esperaram ali pelo início da transferência.

Nessa tarde, Fritz não conseguia estar quieto, não conseguia esquecer a imagem do pai de pé entre os homens condenados. A perspectiva de se separarem para sempre era insuportável. Atormentou-o toda a noite. Fritz sabia que as palavras de Robert Siewert eram sábias e sensíveis e com boa intenção: ele tinha de aprender a esquecer o pai, se queria sobreviver. Mas Fritz não conseguia imaginar continuar a viver se tivesse de passar por isso. Os receios sobre a mãe e Herta tinham-lhe semeado uma sensação de desespero e não conseguia ver como lhe seria possível viver se o seu pai fosse assassinado.

Nas primeiras horas da manhã surgiu um rumor entre os colegas de bloco de Fritz: três dos prisioneiros do Bloco 11 tinham sido levados para a enfermaria durante a noite e mortos com injeções letais. O rumor era falso, mas ajudou Fritz a tomar uma decisão definitiva.

Na manhã seguinte, antes da chamada, procurou Robert Siewert e apelou-lhe.

– Tem contactos – disse ele. – Tem amigos que são escriturários no gabinete do quartel-general.

Siewert anuiu, claro que tinha.

– Preciso que puxe os cordelinhos que tiver para me incluir naquela transferência para Auschwitz.

Siewert ficou perplexo.

– O que estás a pedir é suicídio. Já te disse, tens de esquecer o teu pai – disse ele. – Estes homens vão ser todos gaseados.

Mas Fritz estava inflexível.

– Quero estar com o meu pai, independentemente do que acontecer. Não consigo continuar a viver sem ele.

Siewert tentou dissuadi-lo, mas o rapaz estava inamovível. Quando a chamada terminou, Siewert foi falar com o tenente das SS, Max Schobert, o vice-comandante. Enquanto os prisioneiros começavam a fazer filas para marcharem para o trabalho, ouviu-se a chamada: «Prisioneiro 7290 ao portão!»

Fritz apresentou-se a Schobert, que lhe perguntou qual era o problema. Este era o momento sem retorno. Fritz fez-se forte e explicou que não suportava ser separado do pai e que pedia formalmente para ser enviado para Auschwitz com ele.

Schobert encolheu os ombros. Era indiferente para ele quantos judeus eram enviados para extermínio e aceitou o pedido.

Com uma palavra, Fritz tinha feito o impensável, passar voluntariamente do grupo a salvo para o grupo dos condenados. Foi acompanhado por um guarda até ao Bloco 11. A porta abriu-se e ele foi empurrado para o interior.

A caserna, construída para apenas duas centenas de homens, estava a abarrotar. Fritz encontrou-se a olhar para uma massa de uniformes às riscas, uns de pé, outros sentados nas poucas cadeiras ou de cócoras no chão, amontoados às janelas para ver o que se passava lá fora. Dezenas de rostos voltaram-se para fixar Fritz quando a porta se fechou. Quase todos eram um velho amigo ou mentor – o rosto magro e com óculos de Stefan Heymann, sempre surpreendido, mas agora atónito. O seu amigo Gustl Herzog. O corajoso antifascista austríaco Erich Eisler e o bávaro Fritz Sondheim... o espanto nos seus rostos deu lugar ao horror quando souberam por que ele estava ali. Protestaram e imploraram, tal como Siewert tinha feito, mas Fritz passou por eles, à procura do seu pai...

... e ali estava ele, entre a multidão, o rosto magro familiar, com os seus olhos amáveis e calmos. Correram um para o outro e abraçaram-se, ambos a chorar de alegria.

Mais tarde, nessa noite, Robert Siewert veio falar com Fritz. Era preciso que assinasse um papel a reconhecer que ia no transporte de livre vontade⁸. A despedida foi dolorosa. Fritz devia a Siewert a sua posição, as suas competências, a sua própria sobrevivência nos últimos dois anos.

Na manhã de sábado, 17 de Outubro, após dois dias de expectativa, os 405 judeus transferidos – polacos, checos, austríacos e alemães – foram informados que iriam ser transportados naquele dia. Ordenaram-lhes que não levassem nada com eles. Foi-lhes atribuída uma escassa ração para a viagem – a de Gustav consistia num único pedaço de pão – e, depois, foram conduzidos para o exterior.

O estado de espírito no campo estava especialmente sombrio, mesmo entre os SS. As transferências anteriores tinham sido realizadas sob grande abuso por parte dos guardas, mas os 400 judeus marcharam para o portão em silêncio. Era como se todos reconhecessem que isto era diferente, algo importante que não deveria ser tratado com ligeireza.

Fora do portão, uma caravana de autocarros esperava por eles. Fritz e Gustav sentaram-se num conforto civilizado enquanto percorriam a Estrada de Sangue, ao longo da qual tinham corrido aterrorizados três anos, duas semanas e um dia antes. Tinha mudado muito desde então. Tinha visto muito. Na estação de Weimar foram carregados em vagões de gado – 40 homens em cada um⁹. Tinha sido pregadas tábuas extra para fechar as aberturas e tornar os vagões seguros.

Quando começou a andar, o ânimo no vagão de Fritz e Gustav – que partilhavam com Stefan Heymann, Gustl Herzog e muitos outros amigos – era deprimente. Sob a luz do dia que entrava pelas frestas nas paredes, Gustav tirou o seu diário, mantendo-o escondido dos olhares dos outros. Ao ser informado de antemão sobre a transferência, tinha garantido que o tinha escondido sob a roupa quando foram para o bloco de isolamento. Este pequeno bloco-notas gasto tinha passado a representar a sua sanidade, o seu registo da realidade da vida actual, e ele não queria separar-se dele. Mas desde que estivesse com Fritz, sentia que podia enfrentar tudo.

«Toda a gente está a dizer que é uma viagem para a morte»¹⁰, escreveu ele, «mas Fritzl e eu não nos deixamos abater. Digo a mim mesmo que um homem só pode morrer uma vez.»

Terceira parte

Auschwitz

Uma localidade chamada Oświęcim

אחים

Outro comboio, outros tempos...

Gustav acordou de um sono leve com luz do Sol a ondular através das pálpebras e as narinas inundadas dos odores de sarja, corpos masculinos suados, fumo de tabaco, couro e óleo de armas. Os ouvidos estavam cheios, com o matraquear regular do comboio e as vozes abafadas dos homens, de súbito transformadas numa canção. Os rapazes estavam bem-dispostos, mesmo apesar de poderem ir em direcção à morte. Gustav esfregou o pescoço, dorido no sítio onde tinha encostado a cabeça à sua mochila, e agarrou na espingarda, que tinha escorregado para o chão.

Levantou-se e espreitou pela ranhura lateral. Sentiu o vento quente de Verão no rosto e sentiu ao de leve o perfume dos prados através do fumo da locomotiva. Os campos de trigo que passavam estavam verde-dourados, a amadurecer para a colheita.

O pináculo de uma igreja surgiu numa abertura no horizonte distante. Por trás estavam as verdes montanhas Beskid e para lá destas a cortina fantasmagórica de Babia Góra, a Montanha das Bruxas. Esta era a terra da sua infância. Depois de seis anos em Viena, parecia estranha, vista daquela forma peculiar como uma memória vívida subitamente desenterrada.

Tinha sido recrutado para o Exército Imperial Austríaco na Primavera de 1912, o ano em que fez 21 anos¹. Como tinha nascido na Galícia foi colocado no 56.º Regimento de Infantaria, com base na região de Cracóvia^[xxiii]. Para a maioria dos homens de classe trabalhadora, o serviço militar era um intervalo bem-vindo: as condições eram boas e abria-lhes os horizontes. Muitos eram trabalhadores iletrados e mal pagos e a maioria nunca tinha ido além da aldeia mais próxima. Na Galícia, a maioria nem sequer falava alemão e muitos nem sabiam ver as horas². Gustav tinha visto mais do mundo do que a maioria dos seus colegas recrutas, tendo vivido em Viena, e falava tanto polaco como alemão, mas, como aprendiz de estofador, era pobre, e o exército fornecia alguma estabilidade. Era um ambiente excitante – o império austríaco tinha outrora sido um dos maiores da Europa e o exército ainda preservava a sua panóplia imperial de cavaleiros de uniformes coloridos e elegantes, e pompa interminável com as bandeiras e os estandartes da Dupla Águia imperial a esvoaçar sobre tudo.

Para Gustav, o serviço militar significara regressar à sua terra natal, e passara a maior parte dos dois primeiros anos numa guarnição a norte das montanhas Beskid, a cerca de meio caminho entre a sua aldeia natal de Zablocie e uma localidade chamada Oświęcim, um sítio bonito e próspero, mas sem nada de especial, na fronteira prussiana. Durante dois anos viveu a vida de caserna: paradas, graxa nas botas e polimento do latão, com ocasionais exercícios e manobras em campo. E depois, em

1914, mesmo quando os recrutas de 1912 achavam que estariam em breve livres do exército e a caminho das suas quintas e oficinas, feitos uns homens, chegou a guerra.

De repente, o 56.º Regimento de Infantaria foi mobilizado e marchou com o resto da 12.ª Divisão de Infantaria para a estação de comboios, para embarcar para a cidade-fortaleza de Przemyśl³, o ponto de partida do regimento para avançar pelo território russo⁴. Gustav e os camaradas marcharam com um passo rápido sob as suas mochilas pesadas, enquanto a banda tocava a vibrante música *Daun March*, imaculados nos seus uniformes cinzentos com adornos de aço verde, bigodes encerados, a sorrir para as raparigas que acenavam e tão satisfeitos consigo mesmos como só os jovens conseguem estar. Partiram para perseguir os russos até Sampetersburgo.

Tinham menos entusiasmo nos seus passos cinco dias depois, após uma viagem em vagões de gado e uma longa marcha forçada difícil sob as mochilas de 25 quilos, casacos de Inverno amarrados, munições, espada e rações para dias, assaduras da correia da espingarda e pés doridos. O cabo Gustav Kleinmann e os seus camaradas de pelotão estavam mais preparados para a cama e para a bebida do que para a batalha. Não tiveram nenhuma naquele primeiro dia. O objectivo era chegarem à cidade de Lublin, onde era suposto juntarem-se a uma investida prussiana vinda de norte. Enquanto os regimentos no seu flanco esquerdo encontraram forte resistência russa e sofreram muitas baixas, o 56.º quase nem estabeleceu contacto: marcharam e marcharam apenas durante todo o dia, entrando pelo território russo⁵.

בן

Gustav pousou a perna ferida numa posição mais confortável. No exterior, o gelo galiciano acumulava-se nas extremidades do vidro das janelas e havia muita neve no solo.

Depois do Verão ardente, seguira-se-lhe um Outono terrível e um Inverno miserável. Apesar de terem empurrado o exército russo para trás, desorientado, as tropas austríacas tinham sido desiludidas por uma fraca liderança e os alemães tinham falhado em dar-lhes o adequado apoio. Os russos tinham depressa retaliado e começado a reconquistar território⁶. Tinha-se tornado uma rotina, com os regimentos austríacos a avançar e a recuar ao longo de toda a linha.

A população civil entrou em pânico e as estações de comboio e as estradas tinham ficado entupidas com refugiados. Os judeus estavam especialmente aterrorizados. As leis anti-semitas da Rússia czarista eram bem conhecidas. Na realidade, muitos judeus alemães eram descendentes dos que tinham fugido dos *pogroms* russos. Com o avanço, os russos expropriavam os judeus e extorquiam-lhes o dinheiro sob ameaça de violência, os judeus eram despedidos dos cargos públicos e alguns eram detidos como reféns e levados para a Rússia⁷. Os refugiados inundaram o Oeste e o Sul, em direcção à região central da Áustria-Hungria. Primeiro procuraram refúgio em Cracóvia, mas no Outono até essa cidade estava sob ameaça, pelo que os refugiados começaram a dirigir-se para Viena. As autoridades instalaram estações de embarque para eles em Wadowitz^[xxiii] e Oświęcim⁸.

As forças austríacas – com Gustav e o 56.º em primeiro plano – acabaram por combater os russos até um impasse e a linha da frente ficara instalada perto de Cracóvia. Os exércitos escavaram trincheiras e iniciaram o terrível desgaste de bombardeamentos, *raids* e ataques infrutíferos. Na altura do Ano Novo, Gustav e os camaradas – os que restavam – estavam na linha da Frente, à saída

de Gorlice, uma localidade a cerca de 100 quilómetros a sudeste de Cracóvia. A trincheira era pouco mais do que uma série de valas pouco profundas, protegidas por uma única fiada de arame farpado, cercada por campo aberto que era controlado pela artilharia russa⁹. O inimigo dominava a localidade e o terreno à sua frente a partir de um bastião num grande cemitério no topo de um monte nos arredores a oeste.

Ali tinham estado instalados durante todo o rigoroso Inverno. Para Gustav, tinha sido uma espécie de adiamento quando foi ferido – uma bala que lhe atravessou o antebraço e a barriga da perna¹⁰. Ficara por pouco tempo no hospital auxiliar de Bielitz-Biala^[xxiv], uma localidade grande perto de Zablocie (ele conhecia bem o sítio, pois tinha trabalhado ali como ajudante de padeiro quando era adolescente) e, em meados de Janeiro, tinha sido transferido para aqui, para o hospital de reserva da localidade mais próxima – o centro de transportes e base militar de Oświęcim ou, como era chamada em alemão, Auschwitz.

Gustav tinha conhecido o local durante a infância. A localidade em si era agradável em tempo de paz, com belos edifícios públicos e um bairro judeu antigo e pitoresco que atraía turistas¹¹. Situava-se na confluência do Vístula e do Sola, o rio que descia do lago da aldeia onde Gustav tinha nascido. O hospital militar de Oświęcim era um pouco afastado da localidade, atravessando o Sola, na periferia do vilarejo de Zasole – um grupo de casernas modernas colocadas em fileiras cuidadas perto da margem do rio (não era um sítio ideal: o solo era pantanoso e no Verão infestado por insectos). Originalmente, as casernas tinham sido colocadas junto a um campo de passagem para trabalhadores migrantes sazonais, que iam da Galícia para a Prússia, mas desde o início da guerra que as casernas dos trabalhadores estavam vazias¹².

Para Gustav, pior do que as dores das feridas – que já estavam quase curadas – era a dor de estar afastado dos camaradas, enquanto eles estavam ainda na linha da Frente. Ele estava determinado a não preguiçar. As feridas não eram debilitantes e, apesar da sua aparência franzina e até delicada, com os seus olhos meigos e orelhas grandes, tinha provado ser um jovem rijo, com uma surpreendente capacidade de suportar as dificuldades e os ferimentos.

Mas por agora estava aqui em paz, apenas com os sons dos passos apressados das enfermeiras e o murmúrio das vozes por companhia.

אחים

As balas acertaram nos túmulos, arremessando lascas de pedra para o rosto de Gustav. Ele e os seus homens aguentaram e devolveram o fogo, pressionando, metro a metro, para dentro do cemitério.

Gustav estava há apenas um mês fora do hospital e já estava no meio dos acontecimentos – de volta a Gorlice, de novo nas trincheiras geladas no sopé da encosta por baixo da cidade, de novo na esporádica chuva de tiros e permanente atrito. Depois chegou esse dia – 24 de Fevereiro de 1915 – em que a divisão lançou um assalto contra as posições russas fortemente defendidas.

Para o cabo Gustav Kleinmann parecia uma missão suicida: um ataque frontal monte acima, contra uma grande força numa posição segura e fácil de defender. O cemitério à frente da sua companhia era católico – uma cidade de pequenos túmulos de calcário e mármore muito próximos uns dos outros.

Era uma verdadeira fortaleza e a companhia de Gustav tinha sido desmembrada na primeira abordagem. Com o sargento e o oficial responsável pelo pelotão mortos, Gustav e o seu braço-direito, o cabo Johann Aleksiak, tinham improvisado um plano para evitar perder mais vidas¹³. Liderando os sobreviventes do pelotão – agora apenas os dois, mais dois cabos e dez praças – tinham-se dirigido para o flanco esquerdo da posição inimiga, onde estavam protegidos do fogo russo, e avançado a partir daí. Infiltraram-se no cemitério e estavam entre os túmulos antes de os russos darem por isso. De imediato, ficaram sob fogo. Devolveram os tiros o melhor que puderam e continuaram a avançar. Os russos começaram a atirar granadas, mas mesmo assim Gustav e o seu esquadrão continuaram a avançar, fazendo o inimigo recuar.

Tinham ganhado 15 metros dentro do perímetro do inimigo quando as ruelas entre os túmulos se tornaram demasiado estreitas para poderem disparar. Gustav parou os homens e ordenou-lhes que preparassem as baionetas. Enfurecidos, lançaram o seu derradeiro e selvático ataque.

Funcionou. Os russos foram expulsos das suas posições, sob ameaça das baionetas austríacas. O ataque de Gustav pelo flanco tinha atraído a maior parte da força principal da defesa russa, permitindo ao resto da Companhia 3 avançar pelo cemitério. Entre eles, capturaram 200 prisioneiros russos nesse dia, parte do total de 1240 capturados pelo regimento.

Face aos reveses que o exército austríaco tinha sofrido desde o início da guerra, a conquista do cemitério de Gorlice foi um feito suficientemente significativo para ganhar uma enxurrada de medalhas e até uma breve menção num relatório do marechal-de-campo Von Höfer¹⁴. Não pela primeira, nem pela última vez, uma batalha decisiva tinha sido ganha pela iniciativa de um modesto oficial miliciano.

בן

O rabi Frankfurter entoou as últimas bênçãos das Sheva Brachot, as sete bênçãos do matrimónio, com a voz a ecoar assombrosamente através da sinagoga-capela das casernas Rossauer, em Viena. Por baixo do dossel de casamento que os seus camaradas seguravam, Gustav estava com o seu melhor uniforme e a Medalha de Prata de Bravura de Primeira Classe a brilhar-lhe no peito. Ao lado dele estava a noiva, Tini Rottenstein, radiante, com a gola de renda branca e flores de seda brilhantes contra o tecido escuro do casaco e um chapéu de aba larga.

Tinham passado dois anos desde aquele dia no cemitério de Gorlice. Gustav e Johann Aleksiak tinham ambos recebido a Medalha de Prata, um dos mais altos galardões da Áustria. O comandante descrevera as suas acções como uma «abordagem inteligente e de uma coragem sem precedentes» em que os dois cabos se tinham «destacado com excelência»¹⁵. Tinha sido uma batalha feroz e mais de uma centena de homens do 56.º Regimento de Infantaria receberam condecorações¹⁶. Desde aquele dia, apesar dos reveses, os austríacos tinham empurrado o exército do czar para lá do Vístula e para fora da Galícia, capturando Lemberg^[xxv], Varsóvia e Lublin. Em Agosto daquele ano, Gustav tinha sido ferido de novo, desta vez um ferimento muito mais grave, num pulmão¹⁷. Acabara por recuperar e regressou à acção.

– Possa a mulher estéril rejubilar e ser feliz na reunião com os seus filhos em alegria. – O canto do rabi Frankfurter encheu a sala. – Abençoado és Tu, Senhor, que criaste a alegria e a felicidade, noivo

e noiva, contentamento, júbilo, saudação e prazer, amor, amizade, harmonia e camaradagem... quem alegra o noivo com a noiva.»

Depois, colocou o tradicional copo no chão ao lado de Gustav, que baixou o salto da bota e o desfez.

– *Mazel tov!*^[xxvi] – gritou a congregação.

O rabi falou, recordando a Tini a solenidade de casar com um soldado e referiu a bondade do Império Austro-Húngaro para com o povo judeu. Comparou o imperador Karl ao brilho do Sol sobre os judeus, afirmou que os antepassados dele tinham derrubado as paredes dos guetos e «instalado Israel» no seu território¹⁸. A Áustria tinha tido sempre a sua quota-parte de anti-semitismo, é verdade, mas desde a emancipação dos judeus, sob o domínio dos imperadores Habsburgo, que viviam bem e tinham alcançado muito. Com estas bases, podiam construir o seu caminho com as próprias mãos e corações.

Naquele dia, Gustav e Tini saíram da sinagoga para uma nova era. Gustav ainda não tinha acabado de combater. Veria mais acção na Frente italiana e ganharia mais condecorações, ao ajudar a Áustria e a Alemanha a lutar até à sua lenta, inevitável e sangrenta derrota. Mas sobreviveu e voltou para Viena. No Verão do primeiro ano de paz, nasceu Edith, a primeira de vários filhos. O velho império tinha sido desmembrado pelos vitoriosos Aliados. A Galícia foi cedida à Polónia, a Hungria tornou-se independente e a Áustria ficou reduzida a um pedaço. Mas Viena ainda era Viena, o coração civilizado da Europa, e Gustav tinha mais do que conquistado o lugar da sua família ali.

Muita gente não via isso assim. Na Áustria e na Alemanha começaram a contar-se histórias para aliviar a vergonha da derrota na guerra. Era culpa dos judeus, diziam muitos. Eles tinham prosperado com o mercado negro durante a guerra. Apontavam-se dedos às ondas de refugiados judeus que fugiam da frente de batalha e que pioravam a crise de alimentos nas cidades. Contavam-se histórias sobre como os judeus se tinham escusado ao seu dever e evitado o serviço militar, que a sua influência perniciosa no governo e no comércio tinha sido uma faca cravada nas costas da Alemanha e da Áustria. No parlamento de Viena, havia uma agitação antijudaica dos nacionalistas alemães e do Partido Social-Cristão conservador, e os jornais começaram a imprimir terríveis ameaças de *pogroms*¹⁹.

Ainda assim, a promessa sobreviveu. A explosão do anti-semitismo ficou reduzida a um murmúrio e os judeus de Viena continuaram a prosperar. Gustav às vezes tinha dificuldades em ganhar o sustento, mas nunca desesperou, envolvendo-se em políticas socialistas numa tentativa de garantir um futuro mais auspicioso para todos os trabalhadores e para alcançar prosperidade para o futuro dos filhos.

אבא

Outro comboio, outro tempo, outro mundo... e, no entanto, o mesmo.

Gustav estava sentado no escuro, embalado pelo movimento do comboio. À sua volta, o ar estava impregnado com o fedor familiar de corpos não lavados, uniformes velhos e o balde da latrina, e vivo com o murmúrio monótono de vozes. Dezenas de homens num espaço tão pequeno que mal se conseguiam mover. Chegar ao balde da urina, no canto, era uma odisseia.

Tinham passado dois dias desde o embarque no comboio em Weimar. Os olhos de Gustav estavam adaptados aos fios de luz que entravam pelas frestas em torno da porta e pelas grades, apenas a suficiente para escrever umas linhas breves no seu diário. Agora devia ser perto de meio-dia, a luz estava no seu ponto mais brilhante e os rostos dos camaradas eram discerníveis: estava ali Gustl Herzog e as feições longas e honestas de Stefan Heymann, bem como o amigo de Gustav, Felix Jupp Rausch, e Fritz, sentado perto de alguns dos seus jovens amigos, incluindo Paul Grünberg, um vienense que tinha a mesma idade que ele e fora um dos aprendizes de Siewert, mas não tinha terminado a formação²⁰. Sem água nem cobertores, estavam sedentos e com frio, e o espírito era de depressão profunda.

Não conseguia vê-la, nem cheirá-la, mas Gustav conhecia a paisagem pela qual adivinhava que estavam a passar agora: os campos, os montes e montanhas verdes à distância, as pitorescas pequenas vilas. Ele tinha crescido aqui, sangrado pelo seu país aqui e, agora, os carris do comboio estavam a trazê-lo de novo, uma última vez, para morrer aqui.

Para trás, a família que ele tinha construído com tanta esperança estava desfeita e espalhada. A promessa de 1915, quando lhe colocaram a medalha ao peito, e de 1917, quando tinha partido o copo sob o tacho e se tinha juntado a Tini em matrimónio, e a promessa de 1919, quando segurara Edith pela primeira vez, a promessa de que Israel se edificara na Áustria: essa promessa tinha sido esmagada pelas rodas daquela vasta, tresloucada e disfuncional máquina, no seu imparável e insensível desejo de empurrar a vida para uma grandeza da Alemanha ariana que nunca existiu e nunca poderia existir, porque o seu puritanismo cego era a própria antítese de tudo o que torna uma sociedade grandiosa. O nazismo já só podia ser tão grandioso quanto um actor com uma coroa de cartão podia ser um rei.

O comboio, a abrir caminho por campos de restolho e bosques a tornarem-se dourados, começou a perder velocidade. A passo de caracol, virou para sul e parou na estação da pequena localidade de Oświęcim²¹.

A largar uma coluna de fumo, a locomotiva arrastou os seus vagões de gado para cima da rampa de carga. E ali ficou. Lá dentro, os homens de Buchenwald interrogavam-se se já teriam chegado ao destino. As horas passaram, mas não aconteceu nada. As frestas de luz foram desaparecendo, deixando-os numa escuridão total.

Gustav estava grato pela consolação de ter Fritz a seu lado nestas horas. Não suportava pensar em como teria lidado com aquilo se o rapaz não tivesse vindo por sua livre vontade. O espírito daquela promessa de há muito tempo, quebrada, continuava a existir em Fritz, no laço que unia pai e filho e os tinha mantido vivos até agora. Se iam de facto morrer aqui, pelo menos não estariam sozinhos.

Por fim, ouviram movimento no exterior: portas de vagões a abrir e ordens ladradas. A porta deles afastou-se e um brilho de tochas e de lanternas ofuscou-lhes os olhos.

— Toda a gente para fora!

Desembarcaram, rígidos e com dores, num círculo de luz e de cães de guarda a rosnar.

— Formem fileiras! A fileira da frente aqui. Depressa!

Bem treinados por anos de chamadas, os homens de Buchenwald depressa ficaram em formação nos espaços entre os carris. À espera dos habituais insultos e espancamentos, ficaram surpreendidos

– e um pouco preocupados – por não receber nenhum. Os guardas armados gritavam uma ordem de vez em quando, mas, excepto isso, eram muito silenciosos, caminhando pelas fileiras a observar os novos prisioneiros de perto. O tempo passou e os homens estavam cada vez mais nervosos. Sempre que não tinha guardas por perto, Gustav abraçava Fritz.

A última vez que Gustav tinha estado nesta estação fora em 1915, quando teve alta do hospital e voltou para a linha da Frente. Nada nela lhe parecia familiar.

Passava um pouco das dez da noite quando o som de botas a marcharem ao longo da rampa de carga assinalou a chegada do esquadrão das SS do campo. Era liderado por um oficial de rosto duro, de meia-idade, com um esgar sinistro e óculos com aros de metal. Era o tenente das SS Heinrich Josten, do departamento de detenção de Auschwitz²². Ele verificou meticulosamente os nomes e os números dos recém-chegados numa lista e, depois, elevou a voz.

– Algum homem tem algum relógio ou algum objecto de valor? Ouro, por exemplo? Se sim, tem de o entregar. Agora não precisam deles.

Ninguém respondeu. Josten acenou para os seus homens e eles começaram a conduzir os prisioneiros de forma ordenada ao longo da rampa.

Da zona de cargas, marcharam por uma longa estrada direita entre aquilo que pareciam pequenos edifícios industriais e filas de casernas de madeira deploráveis. Agora, isto *parecia* vagamente familiar para Gustav.

Viraram à esquerda e seguiram por uma estrada curta que levava a um portão cheio de arcos luminosos. Os portões abriram-se, a barreira foi levantada e os homens de Buchenwald marcharam sob o arco de ferro forjado com o *slogan*:

ARBEIT MACHT FREI

O trabalho liberta. A barreira desceu e os portões fecharam-se atrás deles²³.

Estavam agora dentro do campo de concentração de Auschwitz. Passaram por uma rua larga ladeada por bermas de relva aparada e blocos de casernas de dois andares, bem construídos, semelhantes às casernas das SS em Buchenwald, mas para o olhar de Gustav havia um tipo diferente de familiaridade, mais distante. Ele já tinha aqui estado antes.

Ao chegarem a um edifício, no canto mais afastado do campo, os homens de Buchenwald foram mandados entrar. Deram por si num bloco de banho. Os seus nomes foram verificados outra vez pela lista de transporte e eles atravessaram para uma sala de mudança de roupa onde os funcionários também eram prisioneiros. Aqui, mandaram-nos despir completamente, para a inspecção médica. A seguir tomariam duche e os uniformes seriam despiolhados antes de irem para os seus alojamentos²⁴.

Fritz e o pai olharam um para o outro. O nervosismo que estava a crescer entre os homens de Buchenwald aumentou. Eles tinham ouvido os rumores dos gaseamentos em Auschwitz e que a câmara de gás estava disfarçada de casa de banhos²⁵. Despiram os velhos e sujos uniformes e a roupa interior e, depois, entraram em fila para outra sala, onde foram observados por um médico, e para outra onde lhes raparam de novo a cabeça – mesmo até ao escalpe, sem deixar a penugem que geralmente usavam. Os seus corpos também foram rapados, incluindo os pêlos púbicos. Dali seguiu-

se uma inspecção de piolhos. Fritz reparou numa sinalização pintada em sinistras letras teutónicas na parede branca: «Um piolho é a vossa morte.»²⁶

Depois eram os duches. Fritz, Gustav e os outros observaram ansiosamente quando o primeiro grupo atravessou a porta.

Passaram-se minutos e começou a espalhar-se a inquietação entre os prisioneiros. Fritz conseguia sentir a tensão a acumular, marcada por murmúrios baixos. Quando chegasse a vez deles, obedeceriam e entrariam docilmente na câmara letal?

De súbito, apareceu um rosto na porta, todo molhado, com água a escorrer do queixo, sorridente.
– Está tudo bem – disse ele. – É mesmo um chuveiro!

Os grupos seguintes entraram com muito melhor disposição. Por fim, foram-lhes entregues os uniformes despiolhados e desinfectados e roupa interior lavada²⁷. Para alívio de Gustav, o seu diário, com as suas páginas de inestimável testemunho, ainda estava escondido dentro das roupas.

Quando já estavam vestidos, foram inspeccionados pelo capitão das SS Hans Aumeier, vice-comandante e chefe do Departamento III – a secção de «prisão preventiva», que incluía a maior parte dos judeus. Bêbedo e de péssimo humor, ele esbofeteou o responsável pelo bloco – um alemão com um triângulo verde – que se tinha atrasado a receber os recém-chegados. Aumeier era tudo o que tornava os SS tão temidos: um agressivo ditadorzinho com uma pequena abertura como boca e a reputação de tortura e de fuzilamentos em massa. Assim que ficou satisfeito com os novos prisioneiros, ordenou ao responsável do bloco que os levasse para os alojamentos.

Foram colocados no Bloco 16A, no meio do campo. Assim que entraram, o responsável do bloco exigiu que entregassem todos e quaisquer artigos de contrabando e disse aos seus ajudantes – todos prisioneiros polacos – para fazerem uma busca. Os pertences iam desde papel e lápis, a cigarreiras e navalhas de bolso, bem como dinheiro e camisolas – tudo bens preciosos. Alguns dos espíritos mais ousados – incluindo Gustl Herzog – discutiram com os polacos, recusaram entregar-lhes os seus pertences e foram espancados com mangueiras. Qualquer homem que falasse era espancado. Muitos perderam objectos que estimavam – lembranças que lhes tinham mantido os espíritos vivos ou, no caso da roupa quente, lhes tinham mantido o corpo e a alma juntos durante o Inverno anterior.

Por fim, os ajudantes levaram os homens para os beliches e atribuíram-lhes os lugares – dois homens por cama, um cobertor cada. Gustav conseguiu que ele e Fritz fossem destacados para a mesma cama. Era como a primeira noite deles na tenda, em Buchenwald. Pelo menos aqui havia um soalho e um bom telhado por cima das cabeças. Mas havia também a certeza de que a vida em Auschwitz seria cruel e breve.

אבא

Ao terceiro dia receberam as suas tatuagens. Esta prática era única em Auschwitz, introduzida no Outono anterior. Fizeram fila no gabinete de registos, cada homem arregaçou a manga esquerda e a tatuagem foi feita no braço com uma agulha.

O antebraço de Gustav ainda tinha a cicatriz da sua ferida de bala de Janeiro de 1915. O número 68523 foi impresso na pele ao lado, com tinta azul²⁸. Foi registado como *Schutz Jude* – «prisão preventiva» judaica –, o local e a data de nascimento foram anotados, bem como a profissão²⁹.

Ao ter-se voluntariado para o transporte, Fritz estava quase no final da lista e recebeu o número 68629. A profissão foi registada como assistente de construtor.

Depois, regressaram ao bloco. Passaram-se dias, mas aos homens de Buchenwald não foram atribuídos destacamentos de trabalho. Foram deixados mais ou menos sozinhos, à excepção dos rituais regulares do campo.

Não havia nenhuma praça e a chamada realizava-se na rua, à porta do bloco. A comida era distribuída pelos ajudantes polacos e pelo responsável do bloco – o *blockowi*, como os polacos lhe chamavam. Os polacos detestavam e desprezavam os judeus austríacos e os alemães – tanto por serem alemães como judeus – e deixavam bem claro que eles não tinham hipóteses de sobreviver muito tempo em Auschwitz. Tinham sido enviados para ali apenas para serem mortos. À hora das refeições, os judeus eram obrigados a fazer fila e, quando chegava a vez de cada homem, o *blockowi* dava-lhe uma taça e uma colher e empurrava-o em frente. Um ajudante tirava uma colherada de guisado agitado de um balde, enquanto um jovem polaco estava de plantão com uma colher e rapidamente removia qualquer pedaço de carne que vislumbresse na taça. Mesmo os mais fleumáticos entre os homens de Buchenwald ficavam furiosos com este ritual, mas quem quer que reclamasse levava uma sova.

Gustav, que era oficialmente visto como polaco por nascimento e falava a língua, era um pouco mais bem tratado do que os outros. Durante estes primeiros dias travou conhecimento com alguns dos polacos mais velhos e eles ensinaram-lhe como as coisas se faziam em Auschwitz, o que confirmou o que Gustav tinha ouvido sobre o terrível e fatal propósito deste sítio.

O recinto era muito mais pequeno que Buchenwald, com apenas três filas de sete blocos. Este, aprendeu, era o campo principal, Auschwitz I³⁰. A alguns quilómetros, no ponto mais afastado do caminho-de-ferro, um segundo campo, Auschwitz II, tinha sido construído na aldeia de Brzezinska, a que os alemães chamavam Birkenau – «os Bosques de Bétula» (as SS gostavam de nomes pitorescos para os seus locais de sofrimento)³¹. Birkenau era vasto, construído para conter mais de mil pessoas e equipado para assassiná-las a uma escala industrial. Auschwitz I tinha a sua própria infra-estrutura de matança: o infame Bloco 11 – o Bloco da Morte –, em cuja cave tinham sido realizadas as primeiras experiências com gás venenoso. Mais famoso, o pátio interior à porta do Bloco 11 era a localização do «Muro Negro», contra o qual os prisioneiros condenados eram fuzilados³². Se os homens de Buchenwald iriam ser enviados para Birkenau ou morrer aqui, ainda estavam para saber.

À luz do dia, a familiaridade dos arredores tornou-se clara para Gustav – sobretudo os bem construídos edifícios de tijolo. Auschwitz I não tinha sido construído pelas SS. Tinha sido convertido de antigas casernas militares construídas pelo exército austríaco antes da Primeira Grande Guerra. O exército polaco tinha-as usado após 1918 e, agora, as SS tinham-nas transformado num campo de concentração. Acrescentaram blocos de casernas adicionais e rodearam-nos com vedação electrificada, mas ainda era reconhecidamente o mesmo sítio. Fora aqui que o cabo Gustav Kleinmann, ferido, estivera no hospital em 1915, neste mesmo lugar, à beira do Sola, o rio que fluía do lago da aldeia onde nascera. A última vez que o vira estava cheio de neve e de soldados austríacos e ele era um herói ferido. Tratado devido a um ferimento de bala que agora tinha uma tatuagem de prisioneiro ao lado.

Era como se esta parte do mundo não o largasse. Viu-o nascer, criou-o e quase o matou uma vez. Estava determinada a arrastá-lo de volta.

בן

No nono dia após a chegada dos homens de Buchenwald a Auschwitz, houve uma demonstração do carácter infame do campo. Foram levados para o Bloco da Morte 280 prisioneiros polacos para serem executados. Ao perceberem o que os esperava, alguns lutaram. Estavam desarmados e fracos e os SS rapidamente massacraram os resistentes e levaram os restantes para o Muro Negro. Um dos homens condenados passou um bilhete para a família a um membro dos *Sonderkommando*, mas foi descoberto pelos SS e destruído³³.

«Muitas coisas assustadoras aqui», escreveu Gustav. «São precisos bons nervos para aguentar.»

Havia alguns cujos nervos estavam a começar a falhar e um deles era Fritz. Uma sensação de pavor, exacerbada pelo limbo em que estavam a ser mantidos, tinha-o abalado. Estava tão acostumado ao trabalho diário de construtor e ao facto de dever a sua sobrevivência à sua posição no destacamento de construção, que estar sem trabalhar afectava-lhe os nervos. Sentia que mais cedo do que mais tarde iria ser seleccionado como uma boca inútil e enviado para o Muro Negro ou para a câmara de gás, bem como todos os outros. A apreensão transformou-se em ansiedade e pavor. Convenceu-se de que a única forma de salvar a vida era identificar-se perante alguém com autoridade e pedir trabalho.

Confessou os pensamentos ao pai e aos amigos próximos. Eles argumentaram insistentemente contra esta ideia disparatada, recordaram-lhe a regra fundamental da sobrevivência de *nunca* chamar a atenção da mais pequena forma. Mas Fritz era jovem e teimoso e estava convencido de que seria o fim se não o fizesse.

A primeira pessoa que abordou foi o *Blockführer* das SS. Com a coragem do desespero, Fritz identificou-se.

– Sou um bom construtor – disse ele – e gostava que me atribuíssem trabalho.

O homem olhou para ele incrédulo, viu-lhe a estrela no uniforme e zombou.

– Onde é que já se viu um judeu construtor?

Fritz jurou que era verdade e o *Blockführer* – estranhamente descontraído para um guarda das SS – levou-o ao *Rapportführer*, o aparentemente cordial sargento Gerhard Palitzsch.

Palitzsch era um dos poucos SS que viviam segundo o ideal ariano de beleza atlética e esculpida e tinha um trato agradável e sereno. Isto era uma ilusão perigosa. O recorde de Palitzsch como assassino era excelente. O número de prisioneiros que matara pessoalmente no Muro Negro era incontável. A sua arma preferida era uma espingarda de infantaria com que atingia as vítimas na nuca com uma despreocupação que impressionava os seus colegas das SS. O comandante de Auschwitz, Rudolf Höss, assistia com frequência às execuções de Palitzsch e «nunca reparou no mais pequeno indício de emoção nele». Matava «displícitamente, com uma disposição calma e uma cara séria e sem qualquer pressa»³⁴. Se ocorresse algum atraso, pousava a espingarda e assobiava alegremente para si mesmo ou conversava com os camaradas até ser altura de recomeçar. Tinha orgulho no seu

trabalho e não sentia o mais pequeno rebate de consciência. Os prisioneiros consideravam-no «o maior filho-da-mãe de Auschwitz»³⁵.

E era este o homem a quem Fritz tinha escolhido para chamar a atenção. A reacção de Palitzsch foi a mesma da do *Blockführer*. Nunca tinha ouvido falar num judeu construtor. Mas ficou intrigado.

– Vou fazer-te um teste – disse ele, e acrescentou: – Se estás a tentar enganar-me serás morto de imediato.

Ordenou ao *Blockführer* que levasse o prisioneiro e o pusesse a construir qualquer coisa.

Fritz foi escoltado até um estaleiro mais próximo. O *kapo*, divertido, forneceu-lhe materiais e, a pensar que ia entalar este judeu arrogante, instruiu Fritz para fazer uma pilastra – a secção ascendente entre duas janelas –, uma tarefa impossível para alguém que não fosse suficientemente competente a colocar tijolo.

Apesar da ameaça que pendia sobre ele, Fritz sentiu-se absolutamente calmo pela primeira vez em semanas. Agarrou numa pá de pedreiro e num tijolo e pôs-se a trabalhar. As suas mãos moviam-se depressa e com habilidade. Apanhou a argamassa do balde e depositou-a para a primeira fiada, passou a ponta da colher em ziguezague por ela, espalhando a mistela cinzenta e retirou os excessos das pontas com movimentos rápidos. Agarrou num tijolo, barrou-o, colocou-o, retirou a argamassa e depois colocou outro e outro. Trabalhava com a rapidez silenciosa que tinha aprendido sob os olhares dos supervisores das SS e as fiadas depressa começaram a subir, direitas e niveladas. Perante a perplexidade do *kapo*, ele fez rapidamente a base de uma pilastra perfeitamente sólida.

Duas horas depois, estava de regresso ao portão do campo, acompanhado por um muito surpreendido *Blockführer*.

– Ele sabe mesmo construir – disse o homem a Palitzsch.

O rosto habitualmente impassível de Palitzsch mostrou desagrado. A ideia de um judeu ser construtor – um trabalhador honesto – ia contra o seu sentido do que era verdadeiro e adequado. No entanto, anotou o número de Fritz e enviou-o de volta para o bloco.

Nada mudou de imediato, mas depois, a 30 de Outubro, no décimo primeiro dia desde a chegada, chegou o momento decisivo para os homens de Buchenwald.

Depois da chamada matinal, todos os prisioneiros judeus recém-transferidos foram colocados em parada para serem inspeccionados por um grupo de oficiais das SS. Além dos 400 de Buchenwald, havia mais de um milhar de Dachau, Natzweiler, Mauthausen, Flossenbürg e Sachsenhausen, bem como 168 mulheres de Ravensbrück, num total de 1674 pessoas³⁶. Foi-lhes ordenado que ficassem nus e que passassem devagar pelos oficiais para serem avaliados. Aqueles que pareciam velhos ou doentes eram direccionados para a esquerda e os outros para a direita. Toda a gente sabia perfeitamente bem o que queria dizer ser enviado para a esquerda. A taxa de selecção parecia ser de metade-metade.

Chegou a vez de Fritz. Quando ele se aproximou, o oficial responsável olhou para ele de cima a baixo e indicou de imediato a direita.

Depois, Fritz ficou de pé a ver o deprimente espectáculo a progredir. A vez do seu pai acabou por chegar. Gustav tinha mais de 50 anos e sofrera muito naquele ano. Várias centenas de outros homens da idade dele – alguns mais jovens – já tinham sido enviadas para a esquerda. Fritz observou-o com

o coração aos pulos e a respiração acelerada enquanto os oficiais olhavam para o pai de alto a baixo com cuidado. A mão subiu e apontou para a direita. Gustav parou ao lado de Fritz.

No final, mais de 600 pessoas – incluindo uma centena de homens de Buchenwald e todos os de Dachau – tinham sido considerados incapazes. Muitos eram velhos amigos e conhecidos de Gustav e Fritz. Seguiram para Birkenau e nunca mais foram vistos³⁷.

«Foi assim o início em Auschwitz para nós, homens de Buchenwald», recordaria Fritz mais tarde. «Sabíamos agora que estávamos condenados à morte.»³⁸

Mas ainda não. A seguir à selecção, os restantes 800 homens foram levados para fora do campo. Mas, em vez de se dirigirem para oeste, em direcção ao comboio e a Birkenau, foram conduzidos para leste. Os SS tinham trabalho para eles. Era preciso construir um novo campo. Atravessaram o rio, passaram pela localidade de Oświęcim e marcharam para o campo.

Enquanto marchavam, incentivados com os familiares modos violentos, os homens de Buchenwald sentiram-se profundamente aliviados com a sua situação. Estavam vivos e isso era tudo. Se a intervenção de Fritz tinha precipitado esta jogada, ao plantar a ideia de que os judeus conseguiam construir, ninguém sabia, mas Gustav acreditava que assim era. «Fritz veio comigo de livre vontade», escreveu ele no diário. «É um companheiro leal, sempre ao meu lado, a tomar conta de tudo. Toda a gente admira o rapaz e ele é um verdadeiro camarada para todos.» Pelo menos em algumas das mentes, a acção precipitada de Fritz tinha-os salvo a todos da câmara de gás³⁹.

^[xxii] Na Polónia.

^[xxiii] Agora Wadowice, na Polónia.

^[xxiv] Agora Bielsko-Biała, na Polónia.

^[xxv] Mais tarde Lwów, na Polónia; nesta altura Lviv, na Ucrânia.

^[xxvi] Parabéns/boa sorte (hebraico).

Auschwitz-Monowitz



Se um avião voasse para leste sobre o Sul da Polónia num dia de Novembro de 1942, as pessoas a bordo veriam poucos vestígios da ocupação alemã. Apenas pequenas localidades no campo e velhas cidades mercantis, estradas e rios sinuosos.

Em direcção a Cracóvia, uma forma emergia dos campos, perto da linha castanha do caminho-de-ferro – um vasto rectângulo com mais de um quilómetro de comprimento e quase o mesmo de largura, repleto com fila após fila de casernas oblongas. Torres de vigia pontilhavam a vedação do perímetro e, quase na ponta, entre algumas árvores, havia vários edifícios separados a deitar fumo.

Mais à frente, um denso aglomerado de edifícios do outro lado do caminho-de-ferro – o campo de Auschwitz, distinguível entre a massa cinzenta de oficinas pelos telhados de terracota dos seus blocos de casernas. O rio seguia para sul, uma linha prateada rodeada de bosques verdes, em direcção à antiga localidade militar de Kenty – onde Gustav Kleinmann esteve estacionado antes da Grande Guerra – e às montanhas Beskid. Mais afastado, fora de vista, o lago e as aldeias de Zablocie, onde Gustav fora outrora criança.

Vários quilómetros para lá de Oświęcim, uma nova cicatriz aparecia na paisagem: uma praga escura numa margem do Vístula. Antes existia ali apenas o sonolento vilarejo de Dwory. Agora, havia uma área de três quilómetros de comprimento e mais de um quilómetro de largura despida, cheia de estradas e carris e estaleiros, escritórios, oficinais, fábricas e muitos mais silos, meio construídos, envoltos em canalizações e chaminés de aço brilhante. Eram as instalações químicas Buna Werke, em construção e já muito atrasadas nos prazos.

Aconchegado no ponto mais distante, onde existia a aldeia de Monowitz, até as SS a esvaziarem, estava o princípio de um novo campo. De formato oblongo, era minúsculo ao lado do complexo da fábrica, com apenas um punhado de blocos de casernas, algumas estradas incompletas e estaleiros, salpicado pelos pontos dos prisioneiros a trabalhar arduamente.



Fritz manteve a mente focada na tarefa que tinha à frente, como se fosse a única coisa que existia, como se todo o seu mundo consistisse nesta parede e todo o seu ser mais não fosse que uma máquina que a tornava ligeiramente mais alta e mais comprida. A única forma de permanecer são era concentrar-se no minúsculo, no alcançável, e na sua capacidade de o tornar real.

– Ritmo, ritmo! Mais depressa, mais depressa!

A voz do *kapo* polaco, Petrek Boplinsky, zurrava pelo estaleiro. O homem só sabia algumas palavras de alemão e a única que eles pareciam ouvir era *schneller!* Enquanto ele se passeava com a sua bengala, vergastando os carregadores de tijolo e de argamassa. A pressão para construir o campo estava ao rubro, vinha mesmo do topo e apenas os mais fortes e em forma conseguiam sobreviver àquele ritmo. Poucos dos prisioneiros meio famintos estavam à altura.

– *Pięć na dupę!*^[xxviii] – gritou Boplinsky, seguido do som de uma bengala a atingir algum pobre carregador cinco vezes nas nádegas. Sem levantar os olhos, todos os outros homens aumentaram um pouco a velocidade.

Tinham passado duas semanas desde que Fritz e os outros chegaram ao subcampo de Monowitz¹. Estava a ser um verdadeiro inferno, tão mau ou pior do que Buchenwald. Muitos não sobreviveram à ofensiva inicial.

Depois da marcha de três a quatro horas desde Auschwitz I, os novos homens tinham sido acompanhados até aos seus blocos. Quase não havia campo, apenas terrenos abertos e planos, com algumas barracas de madeira, sem vedação e com apenas uma linha de sentinelas para manter os prisioneiros no interior². As casernas eram primitivas e incompletas, sem luz ou instalações sanitárias. O único fornecimento de água eram alguns canos no meio do terreno. Ainda não havia cozinhas, portanto, a comida vinha todos os dias de Auschwitz I.

No início, os novos homens tinham sido colocados a cavar estradas. Fritz também. Os supervisores de Monowitz não pareciam ter conhecimento das suas competências. Chovia muito, o que transformava o solo em lama, o que era um inferno para cavar e atolava os carrinhos de mão. Os homens regressavam às casernas todas as noites ensopados até aos ossos e exaustos. Não havia aquecimento, mas os *Blockführers* e os *Rapportführers* esperavam que eles se apresentassem na manhã seguinte na chamada com roupas e sapatos limpos e secos. Durante esses primeiros dias, Fritz observava os seus camaradas mais velhos e menos em forma com preocupação – sobretudo o pai. Não conseguiriam suportar isto muito tempo.

Enquanto eles cavavam a lama, Fritz viu o campo a começar a ganhar forma, com as vedações e as fundações para as torres dos guardas a serem executadas. A salvação, ele sabia, residia em ser transferido para o destacamento de construção.

Um dia, o sargento Richard Stolten, das SS, que geria os trabalhadores em Monowitz, por acaso, passou por perto. Os SS estavam especialmente maldispostos. Ainda não havia casernas para os guardas e eles vinham de camião todos os dias de Auschwitz I em turnos. Detestavam servir em Monowitz e irritavam-se com facilidade. Fritz achou que valia a pena correr o risco: o seu pai morreria se isto continuasse.

Largou a pá e correu atrás de Stolten, chamando-o.

– Número 68629. Sou pedreiro – disse ele, falando depressa antes que o sargento conseguisse reagir. Apontou para os colegas de trabalho. – Somos de Buchenwald e muitos de nós são trabalhadores de construção qualificados.

Stolten estudou-o e depois chamou o *kapo*.

– Descubra quais destes judeus são construtores – disse ele – e anota os números deles.

Tinha sido tão simples quanto isto. Em qualquer outra altura, Fritz teria ganho para si mesmo uma tarefa, mas a situação aqui era desesperada. Havia uma pressão colossal de Himmler e de Goering para terminarem Buna Werke e começar a operar com a fábrica, o que não podia ser feito até o campo estar terminado. Fritz conseguia sentir a urgência.

Muitos dos camaradas de Fritz afirmaram serem construtores, para serem transferidos com ele – incluindo o pai. O trabalho em madeira estava entre as competências de estofador de Gustav e ele passou por ser carpinteiro. Enquanto Fritz construía alicerces e soalhos, o pai ajudava com as secções prefabricadas com que as casernas eram construídas.

Do outro lado da estrada de Oświęcim-Monowitz, pairava a tosca Buna Werke, meio construída. A fábrica pertencia ao gigante da indústria química IG Farben e, quando estivesse terminada, iria produzir óleo sintético, borracha e outros produtos químicos para o esforço de guerra alemão³. A guerra estava a provar ser bem mais intensa e difícil do que o esperado e a procura de óleo e de borracha era tremenda. O negócio da empresa com as SS dava-lhe um fornecimento ilimitado de trabalho escravo de Auschwitz, para a construção e o trabalho na fábrica, pelo qual pagavam às SS três a quatro marcos por dia, por pessoa (o que ia directo para os cofres das SS). Além de sair mais barato do que pagar ordenados a civis, o acordo dava à empresa grandes poupanças em infra-estruturas para os trabalhadores, benefícios de saúde, recreação e outros custos laborais. A produtividade seria mais baixa, por causa das pobres condições físicas dos maltratados prisioneiros, mas a empresa considerava que as poupanças compensavam⁴. Os trabalhadores que estavam demasiado doentes ou desgastados para trabalhar podiam simplesmente ser enviados para as câmaras de gás de Birkenau e substituídos pelas novas admissões que chegavam constantemente de todos os territórios conquistados pela Alemanha.

Estes novatos – muitos deles judeus trazidos directamente da Europa Ocidental e da Polónia – não tinham passado pelo processo calejador dos campos e não eram tão fortes como os prisioneiros veteranos. Também lhes faltavam as capacidades essenciais de sobrevivência. Depressa eram quebrados pelo ritmo de trabalho, os abusos, a fome e falta de cuidados aos doentes. Pelas contas de Gustav, entre 80 e 150 desses pobres coitados desapareciam de Monowitz todos os dias, enviados para as câmaras de gás sem ninguém sequer chegar a saber os seus nomes ou histórias.

Os transportes trouxeram notícias desanimadoras para Fritz. Entre os recém-chegados encontravam-se dois velhos amigos de Buchenwald: Jule Meixner e Joschi Szende, que tinham sido transferidos temporariamente para Natzweiler uns meses antes. Por eles soube que Leo Moses tinha sido morto ali. Depois de sobreviver oito anos nos campos, os SS tinham finalmente acabado com ele. A trágica injustiça da situação era agonizante. Fritz recordou aquele primeiro encontro na pedreira, quando Leo lhe ofereceu os pequenos comprimidos pretos, e a influência que Leo tinha exercido para o transferir para a segurança da equipa de Siewert. Pobre Leo, o endurecido e amável velho comunista tinha sido o melhor dos amigos e Fritz chorou por ele.

Se Fritz tinha aprendido alguma coisa com Leo era que a bondade se podia encontrar em lugares inesperados. O que ficou aqui provado. As SS trouxeram trabalhadores pagos da Alemanha e, pela primeira vez desde que tinham entrado nos campos de concentração, Fritz e Gustav trabalhavam ao lado de civis. Estes homens tinham medo dos SS e estavam proibidos de falar com os prisioneiros,

mas gradualmente tornaram-se um pouco mais comunicativos. Fritz percebeu que eles não eram nazis dedicados, mas também não eram hostis à causa nazi. Quando tentava sondar mais profundamente o que pensavam sobre o tratamento brutal e escravo dos prisioneiros, eles fechavam-se. E, no entanto, alguns eram, pelo menos, compreensivos. As suas maneiras tornaram-se mais calorosas e começaram a deixar pedaços de pão espalhados depois de almoço e as beatas que deitavam fora eram mais longas do que antes, com bastante tabaco ainda por fumar. O capataz civil, com a alcunha de *Frankenstein* por causa do seu crânio anguloso e expressão constantemente feroz, demonstrou ser mais simpático do que parecia. Nunca gritava ou repreendia os prisioneiros e a sua forma de estar influenciou o *kapo* Boplinsky, que se tornou mais acessível e deixou de usar tanto a bengala nos carregadores.

Assim que as primeiras casernas ficaram prontas, Gustav teve um curto adiamento do trabalho no exterior. Chegaram camiões carregados com beliches e fardos de palha. Gustav e mais uns quantos ficaram dedicados a encher sacas de juta para fazer colchões. Ele divertia-se, cosendo os colchões mais depressa e melhor do que qualquer outro.

O adiamento acabou depressa e, num instante, regressou ao exterior. Com as paredes das casernas do seu lado do campo terminadas, estava perante a perspectiva de voltar ao trabalho duro. Ainda pior era a possibilidade de ser destacado para os estaleiros de Buna Werke. Os homens que lá trabalhavam regressavam todas as noites meio mortos e contavam histórias horríveis. Parecia a pedreira de Buchenwald outra vez. Muitas vezes os prisioneiros voltavam de maca. Qualquer homem que não conseguisse manter o ritmo era enviado para Birkenau.

Com calma determinação, Gustav decidiu evitar este destino. Todas as manhãs, quando o sargento Stolten lia em voz alta as necessidades diárias de trabalhadores qualificados, Gustav chegava-se à frente. Quer a procura fosse de telhadores, vidraceiros ou carpinteiros, Gustav estava lá, a jurar que tinha aquela competência. E conseguia desenrascar-se, dia após dia, a fazer *bluff* através de todo o tipo de trabalho de construção. Fritz estava preocupado com as consequências se os SS descobrissem. O pai encolheu os ombros. Ele era esperto e bom com as mãos e acreditava que não havia ofício nenhum que não conseguisse dominar o suficiente para não ser detectado pelos palermas das SS.

Quando as novas casernas ficavam prontas, eram cheias com novos transportes de prisioneiros, que eram enviados para trabalhar nos estaleiros da fábrica. As condições no campo eram inimaginavelmente horríveis, mesmo para os veteranos: sobrepovoado, gelado e sujo. As instalações sanitárias eram insuficientes e a disenteria começou a espalhar-se. Morria um número assustador de prisioneiros todos os dias.

No entanto, era razoável comparado com o que se passava em Birkenau. Chegavam três a quatro transportes todos os dias a Monowitz, cheios de judeus que tinham sobrevivido à selecção em Birkenau. Contavam histórias terríveis sobre a pilhagem das vítimas pelos SS: «Em Birkenau dormem sobre notas de dólar e de libras», escreveu Gustav, furioso, «que os holandeses e os outros trazem com eles. Os SS estão milionários e todos eles abusam das raparigas judias. Às atraentes é permitido viver, as outras vão pelo cano abaixo.»

O Inverno polaco instalou-se violentamente, congelando o solo. Ainda não havia aquecimento a funcionar em Monowitz e as instalações da cozinha estavam decrépitas. No Natal, os fogões avariaram e os prisioneiros passaram fome durante dois dias. Nem sequer tiveram as habituais côdeas dos civis, que estavam de férias. A comida acabou por ter de vir de camião das cozinhas de Auschwitz I.

Para sua tristeza, Fritz e o pai foram movidos para blocos separados. Encontravam-se à noite e falavam sobre a sua situação. Para Fritz, parecia que as coisas nunca tinham estado tão más. Ele estava a perder a esperança. Após apenas dois meses e meio em Auschwitz-Monowitz, a maioria dos camaradas de Buchenwald estava morta. Os *Prominenten* austríacos tinham sido todos assassinados: Fritz Löhner-Beda, letrista da *Canção Buchenwald*, morto à pancada em Dezembro por não trabalhar o suficiente; Robert Danneberg, o político social-democrata, o mesmo destino; o advogado e autor, Dr. Heinrich Steinitz... a lista continuava, todos mortos. O pior golpe para Fritz foi Willi Kurz, o pugilista, o *kapo* dos jardins de Buchenwald, que tinha ajudado Fritz e os amigos a sobreviver à provação.

Fritz desfiava todos os seus medos ao pai quando se encontravam à noite. Gustav dizia-lhe para não perder a esperança.

– Mantém a cabeça erguida – dizia ele. – Rapaz, os assassinos nazis não nos derrotam!

Mas Fritz não se tranquilizava. Os amigos tinham vivido todos pela mesma filosofia corajosa e a maioria estava morta.

Na privacidade dos seus próprios pensamentos, Gustav tinha dificuldade em viver de acordo com o que pregava. Confiava em segredo os seus receios ao diário. «Todos os dias as partidas. Por vezes, é de partir o coração, mas digo a mim mesmo: *Mantém a cabeça erguida. Virá o dia em que serás livre. Tens bons amigos ao teu lado. Por isso, não te preocupes, é normal haver reveses.*» Mas quantos reveses conseguiria um homem aguentar? Quanto tempo conseguiria ele manter a cabeça erguida e evitar a morte?

Mesmo os homens mais em forma tinham poucas hipóteses. A Solução Final estava a ser aplicada e mesmo os judeus que eram fortes e trabalhadores com utilidade estavam a ser, de forma deliberada e metódica, mortos a trabalhar. O valor do seu trabalho era de pouco proveito. Se morresse um, bem, era menos um judeu para chatear o mundo. Havia mais uma dezena para fazer o trabalho dele. Para se sobreviver, tinha de ser por aptidão, companheirismo e uma extraordinária porção de sorte.

Para Gustav, as habilitações e a sorte juntaram-se mesmo a tempo. Em Janeiro, foi nomeado seleiro do campo, com a responsabilidade de todo o trabalho de selaria e de estofador em Monowitz, sendo a maioria reparações para os SS. Era um trabalho dentro de paredes, a salvo do clima selvagem e, assim que o sistema de aquecimento ficou operacional, ele até estava quente.

Era uma sensação de quase satisfação. Gustav estava perfeitamente consciente de que outros não tinham tanta sorte e de que a segurança nunca durava muito.

[xxvii] «Cinco no rabo!» (em polaco).

O fim de Gustav Kleinmann, judeu

בן

Os edifícios erguiam-se no campo Monowitz. A vedação dupla electrificada estava colocada, os blocos das casernas terminados e as casernas dos SS estavam quase. Durante as primeiras semanas de 1943, Fritz ajudou a construir a garagem do quartel-general e um posto de comando para os *Blockführers* das SS junto ao portão principal.

Trabalhou ao lado de um pedreiro civil. Como muitos dos outros, este homem não falava com os prisioneiros, mas enquanto esses evitavam conversar, este homem nem sequer reconhecia a existência de Fritz. Dia após dia, nunca disse uma palavra. Fritz habituou-se à sua sinistra presença silenciosa até um dia, do nada, o homem ter murmurado, sem olhar para cima:

– Eu estive nas charnecas de Esterwegen.

Fora quase inaudível, mas fez Fritz assustar-se. O homem continuou a trabalhar sem parar, como se não tivesse dito nada.

Naquela noite, Fritz contou ao pai e aos amigos sobre esta afirmação críptica. Eles perceberam de imediato. Esterwegen tinha sido um dos primeiros campos de concentração nazis, parte de um grupo estabelecido nas charnecas pouco povoadas do Norte da Alemanha, em 1933. Os campos tinham sido instalados para encarcerar inimigos políticos – sobretudo membros do Partido Socialista. Eram geridos pelos SA, que eram tão caoticamente brutais que, quando as SS os substituíram, em 1934, por comparação, o seu comportamento até parecia civilizado¹. Muitos dos prisioneiros foram mais tarde libertados e o silencioso colega de trabalho de Fritz devia ser um deles. Não admira que ele fosse tão relutante em ser sociável – devia estar constantemente com medo de ser identificado e encarcerado de novo.

Ao fazer a confidência a Fritz, o homem tinha quebrado o feitiço. Nunca mais falou, mas todas as manhãs Fritz encontrava pequenas ofertas ao lado do seu recipiente da argamassa. Um pedaço de pão e alguns cigarros, pequenas coisas, mas gentis e potencialmente salvadoras de uma vida.

Trabalhando ao lado de civis livres, recebendo actos de caridade, desfrutando da existência privilegiada de um trabalhador especializado que não tinha de se extenuar nos estaleiros de Buna, Fritz começou a recuperar a sua boa disposição e descontraíu. Após mais de três anos nos campos, ele devia saber que isso não duraria.

Um dia, estava no trabalho, nos andaimes em torno do edifício meio acabado dos *Blockführers*. Estava a meditar num comentário que o avô tinha feito uma vez – o velho Markus Rottensteins tinha sido escriturário de banco, especializado em estenografia no prestigiado Boden-Credit, banqueiros da família imperial²; ele tinha opiniões firmes sobre o estatuto do seu povo na sociedade e acreditava

que os judeus deviam ser elevados e civilizados e não deviam trabalhar em ofícios manuais. Nesse preciso momento, um amigo de Fritz que trabalhava na coluna de transporte chegou com um carregamento de materiais de construção e chamou por ele.

– Ei, Fritz, há novidades?

– Nada – respondeu Fritz e apontou para o que o envolvia. – O meu avô costumava sempre dizer: «Um judeu pertence ao café e não ao andaime.»

O riso ficou-lhe atravessado na garganta quando uma voz alemã furiosa o chamou de baixo.

– Judeu! Desce do andaime!

Com o coração aos pulos, Fritz acelerou escada abaixo e encontrou-se frente a frente com o tenente Vinzenz Schöttl das SS, director do campo de Monowitz.

Schöttl era um bruto com aspecto desagradável e olhos de cobra numa cara que parecia massa. O seu interesse principal era adquirir álcool e luxos para ele próprio no mercado negro, tinha uma natureza caprichosa e volátil e quando estava zangado era absolutamente aterrorizador³. Uma vez, quando alguns presos apanharam piolhos, Schöttl tinha enviado todo o bloco – incluindo os responsáveis seniores para as câmaras de gás. Ele olhou para Fritz.

– De que te estás a rir, judeu?

Em sentido, Fritz tirou o chapéu e respondeu:

– De uma coisa que o meu avô disse.

– Que te disse o teu avô, assim com tanta graça?

– O meu avô disse: «Um judeu pertence ao café e não aos andaimes de construção.»

Schöttl fixou-o. Fritz nem ousou respirar. De repente, a cara de massa dividiu-se e deixou sair uma gargalhada.

– Desaparece, porco judeu! – disse Schöttl, e foi-se embora a rir.

A transpirar, Fritz voltou a trepar a escada. Quase tinha pago o preço da complacência. A segurança não existia.

בן

O fluxo de judeus para Monowitz continuou a aumentar. Fritz e os outros veteranos estavam incomodados com o facto de alguns serem tão ingénuos. Tinham passado pela selecção em Birkenau e as suas mulheres, mães, filhos e pais tinham todos sido enviados para um lado enquanto eles – os homens jovens – tinham sido enviados para outro. Não tinham nenhuma ideia do que iria acontecer às suas famílias e tinham esperança de voltar a vê-las.

Fritz não conseguia revelar-lhes a verdade e destruir as suas esperanças. Inevitavelmente, acabariam por descobrir – as suas mulheres e filhos, as suas mães, irmãs e pais, tinham todos sido gaseados. Alguns caíam num torpor de depressão. Nos seus corações, morriam. Moviam-se num estado de profunda apatia, não cuidavam de si próprios e, de forma gradual, juntavam-se às fileiras dos desesperados, a definhar até serem só pele e osso, cobertos de crostas, com olhos sem vida e almas vazias. No calão do campo, estes mortos-vivos eram conhecidos como *Muselmänner* – muçulmanos. A origem do termo perdeu-se na sabedoria popular do campo, mas havia quem dissesse que era porque quando essas pobres almas já não conseguiam manter-se de pé, a sua postura em

colapso lembrava um muçulmano a rezar⁴. Assim que uma pessoa se tornava um *Muselmann*, os outros prisioneiros evitavam-na, com o coração fechado, em parte com aversão e, em parte, com terror do pensamento de também poderem transformar-se naquilo.

Quando o trabalho de construção dos edifícios ficou pronto, Fritz estava entre um grupo de seis que teve a sorte de ser seleccionado por Stolten para trabalhar no bloco de banhos do campo. Cimentou e montou unidades de aquecimento sob as ordens de um capataz civil que quase o levou à loucura. Jakob Preuss era barulhento e fanfarrão à frente dos oficiais das SS. Gritava constantemente com os prisioneiros e, se um guarda ou oficial se aproximava, Preuss vomitava um cumprimento e gritava: *Heil Hitler!* Ele dava cabo dos nervos de Fritz.

Um dia, Preuss chamou Fritz ao seu gabinete.

– O que achas que estás a fazer com o teu ritmo de trabalho? – perguntou.

Fritz ficou surpreso. Sabia bem que não podia preguiçar e o seu desempenho nunca tinha sido criticado antes. Preuss baixou a voz.

– Se continuas a trabalhar assim tão depressa, acabamos em breve e eu serei enviado para a linha da Frente!

Fritz não sabia o que dizer. Estava encurralado. Se o trabalho desacelerasse todos os trabalhadores prisioneiros estavam em risco perante os SS. Por outro lado, se Preuss arranjasse algum pretexto para fazer queixa dele como vingança, isso seria fatal. Fritz decidiu que a decisão mais segura era desacelerar. Preuss tornou-se muito amigável e arranjava comida extra para os seus trabalhadores. Foi seguido nisto por outro dos civis alemães, um soldador de Breslau chamado Erich Bukovsky. Confessaram ambos que esperavam que os nazis fossem derrotados.

Começava a parecer que isso era possível. Até agora, a Alemanha parecia imbatível. Depois, em Fevereiro, vieram notícias sussurradas de que a força alemã em Estalinegrado se tinha rendido aos russos. Os nazis não eram invencíveis.

Fritz ouviu estas novidades animadoras de um civil francês chamado Jean, a que a maioria chamava *Bigode*, devido ao seu extravagante ornamento facial encerado. Jean também lhe contou histórias da Resistência Francesa. Fritz partilhava a informação ansiosamente com o pai e os amigos, quando se encontravam à noite. No entanto, Estalinegrado, Reino Unido e África, os sítios onde os Aliados estavam a derrotar os alemães, eram todos muito longe de Auschwitz.

אבא

Os dedos de Gustav trabalhavam com habilidade num painel de couro, a aparar, a empurrar a pesada agulha através do rijo e flexível material. Estava satisfeito na sua existência diária, se não no seu coração. Não havia falta de trabalho e ele era agora, de facto, um *kapo*, com responsabilidade sobre uma mão-cheia de trabalhadores semiqualeificados. Estar dentro de portas tinha sido uma bênção durante os meses de Inverno e mesmo com Maio a começar, e o Verão a caminho, era infinitamente melhor do que estar na coluna de transporte ou nas fábricas.

Aceitando cada dia como lhe chegava, Gustav garantia a si mesmo que iria sobreviver. Fritz não partilhava do princípio sanguíneo e dogmático do pai, de firme optimismo. Nunca parava de se preocupar com tudo, com os amigos, com o pai, com o futuro. Preocupava-se com Edith e Kurt e

interrogava-se sobre o que teria sido feito da mãe e de Herta. Ao ouvir o que contavam de Birkenau, sobretudo os terríveis rumores que escapavam dos «portadores de segredos» que serviam no *Sonderkommando* do crematório – era fácil de imaginar. Estava a crescer em Fritz uma raiva, nascida da impotência. A natureza dele não era igual à do pai. Gustav tentava não ficar a pensar nas coisas. Mantinha a cabeça baixa e fazia o seu trabalho e vivia um dia de cada vez. Para Fritz, não demoraria muito até o ódio pelos nazis ser demasiado para o conseguir conter. Que tipo de explosão poderia acontecer nessa altura, ele não conseguia antever.

Com os pensamentos focados noutras coisas, Gustav não fazia ideia de que enquanto estava sentado a coser, a uma curta distância, do outro lado da estrada e do caminho-de-ferro, em Buna Werke, estava a ser cozinhada uma decisão que ameaçava acabar de forma abrupta com a sua relativamente confortável existência.

A construção das fábricas ainda estava muito atrasada⁵ e um grupo de oficiais tinha sido enviado de Berlim para investigar. Himmler queria respostas. Foi feita uma visita guiada ao local, pelo tenente Schöttl e por responsáveis da IG Farben. O que encontraram não agradou nem um pouco às elites das SS. O vasto complexo estava apenas meio terminado e não havia nenhuma unidade pronta para começar a produzir. A fábrica de metanol estava quase a entrar em funcionamento, mas as fábricas mais importantes, de borracha e de óleo, só estariam prontas dali a meses, talvez mais um ano.

Estavam mais descontentes a cada minuto que passava. Foi referido que cerca de um terço dos trabalhadores de construção eram presos do campo, que estavam visivelmente fracos e que eram menos eficientes que os civis remunerados. A eficácia deles era dificultada pelo facto de ser necessário estar constantemente a guardá-los e a mantê-los juntos. Mas o que realmente enojou os visitantes foi o facto de muitos dos capatazes prisioneiros serem judeus. Schöttl explicou que não tinha arianos suficientes em Monowitz, que quase todos os prisioneiros que lhe enviavam eram judeus. Os visitantes, descontentes, disseram que assim não podia ser, que os judeus não podiam ser colocados em posições de responsabilidade. Ordenaram a Schöttel que resolvesse o assunto.

Alguns dias mais tarde, na chamada da noite, Schöttl apareceu na companhia do capitão Hans Aumeier das SS, o demónio malévolo que tinha recebido os homens de Buchenwald em Auschwitz. A cara suína de Schöttl parecia séria, como se tivesse uma tarefa muito importante para fazer. Subiu ao palanque, agarrou num pedaço de papel e leu os números de 17 prisioneiros, ordenando-lhes que dessem um passo em frente nas fileiras. Entre eles estava o prisioneiro 68523: Gustav Kleinmann. Eram todos judeus que tinham posições de capataz, sobretudo veteranos de Buchenwald e de Sachsenhausen.

Toda a gente adivinhou o que isto devia significar. Este tipo de selecções estava sempre a acontecer e todas significavam apenas uma coisa: partida para Birkenau e para as câmaras de gás.

Aumeier inspeccionou de perto os homens seleccionados, a olhar com aversão para a estrela judaica nos uniformes. Na maioria dos casos, eram das de duas cores: uma Estrela de David feita de triângulos vermelhos e amarelos, que datava dos velhos tempos em que os nazis precisavam de um pretexto para enviar judeus para os campos.

– Vê-te livre delas – ordenou Aumeier.

Um *kapo* que estava de pé ali ao lado, arrancou a estrela do casaco de Gustav, separou os dois triângulos e deu-lhe o vermelho de volta. O mesmo foi feito aos outros 16 homens, deixando-os agarrados aos seus triângulos vermelhos, absolutamente perplexos.

– Vocês são prisioneiros políticos – anunciou Aumeier. – *Não há judeus* em posições de autoridade aqui. Lembrem-se disso. A partir deste momento, vocês são homens arianos.

E foi assim. No que respeitava ao regime, Gustav Kleinmann já não era judeu. Pela simples alteração de uma lista e de uma insígnia, ele deixou oficialmente de ser uma ameaça intrínseca e um fardo para o povo alemão. E, ali, impecavelmente executada num ritual simples e auto-satirizante, estava toda a imponente imbecilidade da ideologia racial nazi.

A partir daquele momento, a vida dos judeus em Monowitz transformou-se. Os 17 homens arianizados estavam agora num plano mais elevado e, embora não estivessem imunes aos castigos, estavam a salvo da perseguição descarada e já não eram animais aos olhos dos SS.

Com as suas posições como capatazes e *kapos* asseguradas, foram capazes de ganhar influência e de ajudar os outros judeus a adquirir boas posições. (Depois de o ritual terminar e de as elites voltarem para Berlim, a proibição de os judeus terem posições de funcionários foi rapidamente esquecida por Schöttl.) Gustl Herzog tornou-se escriturário no gabinete de registo dos prisioneiros, acabando por se tornar o seu funcionário principal, responsável por uma equipa com várias dezenas de prisioneiros⁶. Jupp Hirschberg, outro homem de Buchenwald, tornou-se *kapo* da garagem das SS, onde era feita a manutenção dos carros de serviço e de outros veículos. Tornou-se íntimo de todo o tipo de rumores dos motoristas, bem como de informação sobre outros acontecimentos no resto do campo e no mundo exterior. Outros arranjaram trabalhos que iam desde responsáveis de bloco a *kapo* dos carpinteiros e barbeiro do campo. Entre eles, elevaram as condições para os outros judeus. Os novos arianos podiam intervir para evitar espancamentos, obter rações decentes e resistir aos brutais *kapos* dos triângulos verdes.

Para Gustav significou que a sua confortável vida laboral obtinha uma segurança acrescida. Agora havia pouco perigo de ser seleccionado para as câmaras de gás e, desde que fosse cuidadoso, estaria a salvo dos actos aleatórios de violência dos SS.

Mas esta mudança de estatuto teve um efeito imprevisto e desolador. Ele e Fritz, a viver em blocos separados, estavam tão habituados a encontrar-se à noite após a chamada que não pensavam muito nisso, era uma rotina normal. Uma noite, estavam tão embrenhados na conversa – a recordar os velhos tempos, a avaliar o futuro, a trocar notícias sobre o campo – que não repararam que um *Blockführer* das SS estava a observar a sua conversa íntima com grande suspeição.

Interrompeu-os, dando um encontrão forte a Fritz.

– Porco judeu, o que pensas que estás a fazer, a falar assim com um *kapo*? – Fritz e o pai puseram-se ambos em sentido, assustadíssimos. – O que estão a fazer?

– Ele é meu pai – disse Fritz, confuso.

Sem aviso, o punho do *Blockführer* atingiu repugnantemente o rosto de Fritz.

– Ele é um triângulo vermelho, não pode ser pai de um judeu.

Fritz estava atordado, com a dor a latejar-lhe no crânio. Nunca tinha sido esmurrado assim mesmo em cheio na cara.

– Ele é meu pai – insistiu.

– Mentiroso! – O *Blockführer* esmurrou-o outra vez.

Fritz, completamente perplexo, não conseguia parar de repetir a sua resposta e recebeu outro murro selvático. Gustav estava aterrorizado, impotente, sabendo que se interviesse ia tornar as coisas piores para ambos.

Fritz foi atirado ao chão pelo enraivecido *Blockführer*, que por fim se cansou.

– Levanta-te, judeu. – Fritz levantou-se, ferido e a sangrar. – Agora sai daqui.

Enquanto Fritz se ia embora, agarrado à cabeça, Gustav disse ao *Blockführer*:

– Ele é mesmo meu filho.

O *Blockführer* ficou a olhá-lo como se ele fosse doido. Gustav desistiu. Se tivesse dito ao homem que era, na realidade, um judeu arianizado, isso provavelmente não mudaria nada. Na realidade, era possível que o *Blockführer* até já soubesse, mas ainda assim pensasse da mesma maneira. A mente de um nazi era insondável, quanto mais argumentável.

אחים

Auschwitz-Monowitz, agora completamente construído, era um campo pequeno e simples. Não tinha portaria: apenas um portão simples na vedação dupla electrificada. Uma única estrada atravessava o comprimento do recinto, uma distância de apenas 490 metros⁷. Blocos de casernas ladeavam a estrada, três filas à esquerda e duas à direita. A cerca de metade do caminho estava a praça da chamada, com uma oficina de ferreiro e o bloco da cozinha de um lado. Era rodeada de relva bem cuidada, tal como eram os passeios e os canteiros de flores de todos os campos de concentração. O contraste entre o cuidado colocado naqueles pedaços de decoração, comparado com os maus-tratos e o assassinio de seres humanos era um paradoxo que deixava alguns prisioneiros loucos⁸.

Um pouco mais à frente, no lado esquerdo da estrada, estava o Bloco 7. Por fora não era diferente dos outros: uma barraca de madeira, não particularmente bem feita. Mas, por dentro, era muito especial, pois este bloco pertencia aos *Prominenten* de Monowitz. Estes não eram como os *Prominenten* que Fritz tinha conhecido em Buchenwald. Aqui não havia celebridades ou homens de Estado. Apenas *kapos*, capatazes e homens com funções especiais – os prisioneiros funcionários, a aristocracia dos presos⁹. Gustav Kleinmann, seleiro do campo e recém-ariano, era um deles. Tendo aqui chegado como o mais reles dos reles, estava agora entre os mais privilegiados.

Na sua satisfação pessoal, Gustav estava lentamente a tornar-se menos consciente do sofrimento dos outros, ou, pelo menos, menos perturbado com isso. Trabalhava dentro de portas e os maus-tratos aconteciam sobretudo longe da sua vista. Nas raras ocasiões em que escrevia no diário, era para referir como a paz se tinha instalado no campo e que menos prisioneiros estavam a ser enviados para as câmaras de gás – mas era porque as selecções em Birkenau estavam a tornar-se mais rigorosas no que dizia respeito a erradicar e assassinar os mais fracos. Pelas contas de Gustav, cerca de dez a quinze por cento de cada transporte sobreviviam. «Os restantes são gaseados. Passam-se as coisas mais horrorosas.» Ainda assim: «Tudo está mais pacífico em Monowitz, um verdadeiro campo de trabalho.» Aos olhos experientes de Gustav, o principal propósito era explorar, e não destruir os

presos, e o horror da vida dentro das vedações era diminuto comparado com aquilo que ele já tinha visto. Era como se ele tivesse perdido finalmente a capacidade de perceber tudo, em comparação com o mundo normal e civilizado.

Mesmo assim, havia duas coisas que lhe pesavam muito. Uma era a separação de Fritz. A outra era o homem que pairava sobre todos os *Prominenten* como um morcego malévolos e sugador de sangue: Josef Jupp Windeck, o responsável pelo campo e chefe de todos os *kapos* e prisioneiros funcionários. As SS não podiam ter escolhido um executor mais adequado ao seu ideal do que Jupp Windeck.

Não tinha grande aspecto – baixo e magro, com a postura de um fracote. Mas a sua aparência era desmentida pelo temperamento de um tirano¹⁰. As suas feições suaves expressavam desdém e escárnio. Adorava mandar nos outros e passar-lhes por cima para se destacar. Alemão, Windeck tinha sido um pequeno criminoso desde os 16 anos, dentro e fora da prisão e de campos de concentração desde o início dos anos de 1930. Usava o triângulo preto de um «associal», uma categoria genérica que incluía drogados, alcoólicos, sem-abrigo, proxenetas, desempregados e «imorais». Responsável sénior em Auschwitz I, tinha sido transferido para Monowitz juntamente com os homens de Buchenwald.

Num instante, tinha instalado um reino de corrupção, terror e extorsão. «Bem, vinha tanta coisa com os judeus», recordou Windeck mais tarde, «e nós roubávamos-lhas, claro que roubávamos... como *kapos* conseguíamos sempre o melhor.»¹¹ O seu principal aliado era um *Rapportführer* chamado Remmele, que beneficiava com os esquemas de Windeck para fazer dinheiro.

Windeck vestia-se como lhe apetecia, preferindo as botas de montar com calças curtas e um casaco escuro – provavelmente numa tentativa de imitar o aspecto de um oficial das SS. Passeava com ares de pessoa importante pelo campo, nunca sem o seu chicote. Havia alegações de que ele abusava sexualmente dos prisioneiros mais jovens. Matava com impunidade, espancando ou pontapeando as vítimas até à morte, ou afogando-as nos lavatórios dos lavabos¹². Tinha sido Jupp Windeck quem assassinara o letrista Fritz Löhner-Beda, chicoteando o idoso enfraquecido¹³. O seu braço-direito descreveu como ele «gostava particularmente de bater nos presos fracos, famintos e doentes [...] Quando essas miseráveis criaturas estavam no chão à frente dele, pisava-os, na cara, no estômago, em todo o lado, com o tacão das botas». Tinha muito orgulho e vaidade nas suas botas de montar: «Deus ajudasse o homem que sujasse as botas de Windeck, porque podia ser morto por isso.»¹⁴

Gustav e os seus amigos de estatuto elevado conseguiam afastar as crueldades de Jupp Windeck e proteger os seus companheiros judeus. Eram ajudados pelos prisioneiros comunistas, com quem formavam uma aliança¹⁵.

O balanço do poder pesou contra eles quando um transporte de 600 prisioneiros chegou de Mauthausen, que tinha a reputação de ser um dos campos do regime mais duros. Eram todos homens de triângulo verde, com alguns verdadeiros selvagens entre eles. Windeck depressa os reuniu e os colocou em posições como *kapos* e responsáveis de bloco. Os judeus arianizados e os comunistas resistiram, mas Windeck e os seus compinchas eram demasiado poderosos. Qualquer prisioneiro que desse luta era espancado – por vezes até à morte. A miséria em Monowitz redobrou.

Só houve alívio quando os homens de Windeck começaram a cair nas suas próprias armadilhas. Um ia para a farra bêbedo, outro roubava do campo e outro arranjava uma luta com um guarda das SS ou um trabalhador civil. Foram retirados dos cargos e enviados para o purgatório indescritível dos subcampos da mina de carvão de Auschwitz¹⁶. Com a passagem dos meses a base do poder de Jupp Windeck desgastou-se até acabar por desaparecer.

Foi a própria corrupção de Windeck que causou a crise final. Gustl Herzog, na sua posição de escriturário no gabinete de registo dos prisioneiros, descobriu provas de que Windeck tinha adquirido um colar valioso e estava a tencionar enviá-lo para a mulher. Esta informação foi transmitida à Gestapo do campo em Auschwitz I. Windeck foi detido e condenado a duas semanas no *Bunker* e, depois disso, foi enviado para castigo em Birkenau. Nunca mais causou problemas em Monowitz¹⁷.

Gustav e os amigos recuperaram a sua influência.

A atmosfera entre os prisioneiros voltou a ser de camaradagem, recebiam a sua porção adequada de comida, tomavam duche uma vez por semana e recebiam roupa lavada uma vez por mês. Havia ordem e a única coisa com que tinham de continuar a preocupar-se era com os perigos rotineiros: os SS, a doença, os intermináveis perigos do trabalho e as selecções periódicas dos doentes e dos fracos para as câmaras de gás. Em comparação com aquilo por que já tinham passado, quase podia chamar-se a isto civilização, embora uma civilização esculpida com dedos ensanguentados dentro das vedações do inferno.

Resistência e colaboração: a morte de Fritz Kleinmann

בן

O sistema nazi era uma peça formidável, mas periclitante, de engenharia. Tinha sido construído através do imprevisto e era gerido a um ritmo aflitivo, que falhava ao consumir o seu combustível humano, ao produzir ossos e cinzas e ao deixar um rasto de fumo nauseabundo. O indivíduo humano, de riscas pardas, era forçado não apenas fisicamente para dentro da máquina, mas moral e psicologicamente também. Além dos *Blockführers* e dos *kapos*, da vedação electrificada e das torres de vigia, dos comandantes das SS e dos cães de guarda, além das estradas e dos caminhos-de-ferro, o sistema dos campos e a hierarquia dos SS, estava toda uma nação, um governo e uma sociedade de seres humanos cujas emoções básicas animais – medo, desprezo, desejo de lucro ou de alguma forma imaginada de grandeza – davam poder ao sistema.

Era suposto o encarceramento dos prisioneiros ser uma solução limpa e simples para os problemas complexos e turvos da sociedade. A remoção das toxinas humanas – criminosos, activistas de esquerda, judeus, homossexuais – era suposto que trouxesse de volta os dias de glória da nação. Na realidade, não era uma cura, mas sim um veneno, que lenta, mas certamente, iria deitar a nação ao chão. O trabalho ineficiente de trabalhadores esfomeados, o custo do sistema que os escravizava, o enfraquecimento da ciência e da indústria pela remoção de génios maculados pela raça: todas estas coisas afectaram a economia da nação. Tornarem-se um pária entre as nações tinha o seu custo no comércio. A Alemanha tentava resolver estes problemas acrescidos com guerras de conquista, mais escravatura e mais assassínios das pessoas que acreditavam ser a raiz dos problemas, com a trituratora de pedra sempre a trabalhar, de dia e de noite, a moer e a destruir e, lentamente, a desgastar-se a si mesma.

Fritz Kleinmann considerava intolerável a impotência e o desespero de estar encurralado na máquina. O pai estava a salvo, por agora, o que lhe retirava um grande peso do coração. Mas a injustiça e a crueldade do sistema podia fazer um homem são enlouquecer e um crente amaldiçoar Deus. Eles viviam, e na maioria dos casos morriam, vidas sem significado, dentro das vedações e dos muros construídos pelos outros prisioneiros. O próprio Fritz, com habilidade meticulosa, tinha ajudado a criar esta prisão nos terrenos abertos. Os próprios tijolos e pedras que Fritz colocava tinham sido produzidos por outros prisioneiros na fábrica de tijolo e nas pedreiras geridas pelas SS¹.

O laço que ele tinha com o pai e a relação com os amigos estavam longe do habitual. A solidariedade e a cooperação, chaves para a sobrevivência, raramente são naturais em homens em circunstâncias extremas. A privação e a fome alimentam a hostilidade entre os prisioneiros, ao ponto

de lutarem por uma porção injusta de sopa de nabo ou de matarem por um pedaço de pão. Havia mesmo casos de pais e filhos que se tinham morto um ao outro em situações de fome extrema. No entanto, apenas através da solidariedade e da amabilidade é que as pessoas conseguiam manter-se vivas por algum tempo. Os lobos solitários e os dissidentes ou os infelizes que estavam isolados pela incapacidade de perceber alemão ou ídiche nunca duravam muito contra o incessante terror².

Era preciso força de carácter para partilhar e para amar num mundo onde o egoísmo e o ódio eram moeda de troca. E a sobrevivência nunca estava garantida. Fritz viu as marcas do abuso e da privação e os sinais de morte iminente em todos os seus companheiros presos, incluindo em si próprio³: hematomas, feridas e ossos partidos, pústulas e escaras, palidez e pele gretada, coxeio e dentes partidos.

Os prisioneiros podiam tomar banho uma vez por semana, mas era uma aventura. Os que tinham responsáveis de bloco severos tinham de se despir no dormitório e, depois, correr nus para os blocos dos chuveiros. Depois de tomarem banho, só os primeiros homens é que recebiam toalhas secas que eram passadas aos outros, portanto, quem se atrasava recebia um trapo ensopado e tinha de voltar para a caserna a pingar, mesmo com o pior dos tempos no Inverno. A pneumonia era endémica e muitas vezes fatal. Havia um hospital para os prisioneiros, mas embora fosse mantido decentemente equipado pelo seu pessoal constituído por prisioneiros⁴, o tratamento dos médicos das SS era rudimentar e um local a temer, muitas vezes cheio de doentes com tifo. Ninguém lá ia a não ser que tivesse de ser. Os doentes eram sujeitos a selecções e, se parecesse improvável que pudessem recuperar, seguiam para as câmaras de gás ou recebiam uma injeção letal.

A comida era distribuída nas casernas. Eram fornecidas apenas algumas taças, portanto, os primeiros a obter a sua sopa tinham de a engolir de um trago para não deixar os seguintes à espera. Qualquer homem que se demorasse era empurrado com impaciência. O café de bolota era servido nas mesmas taças. Quem conseguia adquirir a sua própria colher tratava-a como uma jóia preciosa, guardava-a com a vida, e, como não se conseguia arranjar facas, o seu uso era alargado ao afiarem o cabo numa pedra. Não havia papel higiénico nas latrinas, portanto, os restos de papel eram outro bem valioso. Sacas de cimento rasgadas podiam ser obtidas nos estaleiros e, por vezes, um jornal podia ser adquirido a um civil – talvez deixado numa fábrica e, depois, contrabandeado para dentro do campo. Os pedaços eram usados ou trocados por comida.

As pessoas que sofriam esta degradação eram vistas pelos alemães como lixo humano, mas a economia de guerra da nação estava cada vez mais dependente do seu trabalho. Era esta a nova era de grandiosidade que Hitler tinha criado: um mundo em que um quadrado de papel se tornava moeda de troca, com valor tangível, fosse para gastar ou para manter o rabo de alguém limpo.

O corpo de cada homem estava constantemente sujeito a choques e irritações. Ter um par de sapatos decente era absolutamente fundamental. Se fossem demasiado grandes ou pequenos, roçavam e provocavam bolhas que podiam infectar. As meias eram raras e muitos substituíam-nas por pedaços de tecido arrancados das camisas distribuídas no campo. Isto era arriscado, porque danificar propriedade das SS era sabotagem e podia resultar em 25 chicotadas ou num período sem comida. Sem tesouras nem corta-unhas, as unhas dos pés cresciam e cresciam até se partirem ou encravarem.

As cabeças eram rapadas a cada duas semanas pelo barbeiro do campo. Em parte, isto era para prevenir os piolhos, mas também servia, tal como os uniformes de riscas, para distinguir os prisioneiros. O barbeiro não usava sabão ou anti-séptico, portanto, a cabeça e o rosto de todos os homens tinham assaduras da lâmina, borbulhas e pústulas, bem como pêlos encravados. As infecções eram comuns e podiam resultar em algum tempo no hospital. Fritz era poupado, pelo menos, à provação do barbear – aos 20 anos, a barba ainda não se tinha desenvolvido.

Havia um posto de tratamento dentário, mas os prisioneiros só iam lá se não pudessem evitar. Chumbos perdidos levavam a cáries e doenças das gengivas, enquanto o escorbuto provocado pela pobre dieta deixava os dentes a abanar. Os dentes de ouro podiam salvar vidas ou ser um perigo de morte. Os prisioneiros eram assassinados por causa deles por alguns *kapos*, mas se o dono de um dente de ouro tivesse a força de vontade para o arrancar por si próprio, poderia trocá-lo por luxos. Havia uma taxa fixa de troca entre os civis que operavam no mercado negro: um dente de ouro equivalia a uma garrafa de *Wyborowa*, uma marca de vodka polaca de qualidade. Ou podia comprar cinco grandes pães *Kommisbrot*^[xxviii] e um pedaço de margarina. E estas coisas podiam ser trocadas por outros bens. Num mundo em que cada semana, cada dia ou mesmo cada hora podia ser a última, não fazia sentido acumular riquezas para um propósito maior ou melhor. Qualquer coisa que trouxesse conforto ou um estômago cheio por um momento valia a pena o preço.

Para os gestores e a administração da IG Farben, o sacrifício dos seus trabalhadores escravos era justificado pelo lucro. Alguns funcionários sentiam-se culpados, mas era algo irrisório. Entretanto, os contabilistas e os directores fingiam não ver a enorme quantidade comprada pelas SS do seu químico contra piolhos *Zyklon B*, sobretudo em Auschwitz, onde os seus fumos tóxicos alimentavam as câmaras de gás⁵.

Fritz Kleinmann não tinha dúvidas sobre de onde vinha o mal: «Que ninguém conclua que a hierarquia de prisioneiros tem alguma culpa neste estado de coisas. Alguns dos prisioneiros funcionários adaptaram-se às práticas das SS para seu próprio benefício, mas a responsabilidade é toda da maquinaria de matança das SS, que alcançou a sua perfeição em Auschwitz.»⁶ Cada prisioneiro que passava a selecção em Birkenau podia esperar sobreviver, em média, três a quatro meses⁷. Fritz e o pai já tinham durado mais de oito. Só menos de um quarto dos seus 400 camaradas de Buchenwald ainda estavam vivos.

Embora Auschwitz tivesse atingido uma espécie de perfeição industrial, enquanto máquina era imperfeita, ineficiente e susceptível de fracasso. A sua própria brutalidade criava em alguns o desejo de resistir e a sua corrupção produzia as fendas e imperfeições que permitiam que a Resistência prosperasse.

Durante o primeiro Verão em Auschwitz-Monowitz, quando o domínio de Jupp Windeck estava no auge, a resiliência e a indignação moral, que era uma parte fundamental do carácter de Fritz, levou-o a envolver-se com a Resistência. Ao fazê-lo, estava a colocar a vida em risco. Mas ele já o fazia diariamente só por existir. Cada pequena arranhadela, olhar mal interpretado ou vaga de tempo gelado ou o contacto com a doença podia iniciar uma cadeia de eventos que originassem a incapacidade ou a morte. Ao resistir era pelo menos possível arriscar tudo *por* alguma coisa.

Tudo começou com uma conversa num canto sossegado da caserna e acabou num novo trabalho.

O trabalho de construção no campo estava terminado no Verão de 1943 e a necessidade de construtores em Buna Werke estava a diminuir. Fritz estava em risco de sobreviver à sua utilidade. Alguns amigos decidiram que ele podia ao mesmo tempo ser preservado e ser-lhes útil. Puxaram-no para o lado e falaram com ele no maior secretismo.

Eram homens de Buchenwald que ele conhecia há anos. Ali estava Stefan Heymann, um intelectual judeu, veterano de guerra e comunista, que tinha sido como um segundo pai para Fritz e os outros rapazes. Também estava presente Gustl Herzog, bem como Erich Eisler, um antifascista austríaco. Tinham uma tarefa para Fritz, vital e potencialmente perigosa.

Ao longo dos seus anos nos campos, estes homens tinham estado envolvidos numa aliança secreta judaico-comunista contra as SS. A sua resistência consistia sobretudo na aquisição de posições de influência, por forma a obter informação útil para o bem-estar e a sobrevivência dos seus camaradas. Era em parte graças aos esforços desta rede que Fritz e Gustav tinham sido transferidos para destacamentos de trabalho menos perigosos e que Fritz tinha sabido do conteúdo da última carta da mãe e tinha sido informado com antecedência que o pai estava na lista para Auschwitz.

A Resistência tinha-se restabelecido em Monowitz, colocando os seus membros em trabalhos importantes graças à arianização de amigos como Gustav. Mas, agora, sentiam que tinham de dar outra escala às suas actividades. Actos de pequena sabotagem estavam muito bem – Fritz participara em alguns nos estaleiros: um saco de cimento deixado cair para rebentar, uma mangueira a correr sub-repticiamente pendurada num camião carregado de cimento –, mas a Resistência organizada queria fazer mais.

A informação era o essencial. Os prisioneiros que eram funcionários conseguiam obter todo o tipo de informações sobre os outros campos-satélite de Auschwitz, as movimentações de prisioneiros, as selecções e os assassinios em massa⁸. Agora, queriam que Fritz os ajudasse a conseguir outra fonte valiosa, os trabalhadores civis. Envolvia transferi-lo para um dos destacamentos de fábrica dentro de Buna Werke. Ele tinha-se mostrado bom a fazer amigos entre os civis e trabalhavam milhares deles nas fábricas. Foi encontrado um lugar para ele no *Schlosserkommando 90*, a secção de serralheiros do comando da construção.

Então, uma manhã, pela primeira vez desde que tinha chegado a Monowitz, Fritz ultrapassou o perímetro do campo e marchou com a força de trabalho e os seus guardas SS para fora dos portões, pela estrada principal e ao longo de uma via que levava a Buna Werke.

Só depois de entrar no recinto é que ele percebeu o quanto era vasto. O complexo era uma rede de ruelas e de carris. Uma pessoa de pé, numa das principais ruas do canto leste, mal conseguia ver o seu fim no labirinto de quase três quilómetros de distância. As ruas que se cruzavam nas direcções norte-sul tinham mais de um quilómetro de comprimento. Os lotes rectangulares estavam cheios de edifícios fabris, chaminés, oficinas, depósitos, tanques de armazenamento de combustível e de químicos, e estruturas esquisitas de tubos que pareciam partes intrincadas das diversões de feira. O complexo estava dividido em secções: a fábrica de óleo sintético, com todas as suas oficinas de

apoio, a fábrica de borracha *Buna*, a central eléctrica e subsecções mais pequenas para fabricar e processar químicos. A maioria ainda estava a meio gás – as estruturas estavam construídas, mas os interiores longe de estarem terminados.

Vários milhares de homens e mulheres trabalhavam nas fábricas. Cerca de um terço era constituído por prisioneiros e os restantes civis. A secção de serralharia – que na realidade realizava uma grande variedade de trabalho em metal nas suas oficinas e nas fábricas – revelou-se uma equipa amigável e de fácil trato. Os prisioneiros eram tratados com gentileza pela maioria dos *kapos* e encorajados a «trabalhar com os olhos», desacelerando enquanto se mantinham atentos aos condutores de escravos⁹. O *kapo* de Fritz era um prisioneiro político simpático, um antigo homem de Dachau, que tinha ajudado a arranjar este trabalho para a Resistência.

Fritz tornou-se assistente numa subsecção num dos pisos da fábrica principal¹⁰, onde havia um grande número de civis alemães – sobretudo engenheiros, operários técnicos e capatazes. A maioria dos trabalhadores era formada por prisioneiros polacos e russos, a quem custava seguir instruções em alemão e eram tratados de forma abominável pelos *kapos*. Se o capataz civil não estava satisfeito com o desempenho dos trabalhadores, a IG Farben enviava-os para Auschwitz I, para «reeducação». Para os prisioneiros que falavam alemão era muito mais fácil. Fritz ficou conhecido entre os capatazes civis e ganhou a sua confiança.

Criou uma relação solidária com um em particular. Mais uma vez, recebia ofertas discretas de pão e de cigarros ou, ocasionalmente, um jornal. De vez em quando, o alemão parava para uma conversa rápida e Fritz ouvia com avidez as suas notícias sobre a guerra, que contradiziam totalmente a propaganda. As coisas estavam a correr mal à Alemanha em todas as frentes. Tendo perdido Estalinegrado, estavam a ser combatidos ferozmente no Leste, além de serem corridos do Norte de África pelos britânicos e os americanos, que em breve estariam em Itália e a dirigir-se para norte, para a Alemanha. Era óbvio para Fritz que este alemão não era nazi. Ele desejava com fervor que a guerra acabasse depressa e que a Alemanha perdesse. Todos os dias, Fritz entregava relatórios verbais aos seus camaradas (juntamente com os valiosos presentes de pão e jornais).

Embora soubesse que a sua tarefa era importante, bem como perigosa, Fritz não fazia ideia da escala da operação em que se tinha envolvido. De um início desorganizado, a resistência dos prisioneiros de Auschwitz tinha-se mais tarde tornado uma rede eficiente e coordenada. A 1 de Maio de 1943, um feriado nazi em que as SS operavam com pouco pessoal, tinha sido combinado um encontro secreto em Auschwitz I, em que duas facções da Resistência tinham concordado cooperar. Eram dominadas por um grupo polaco, incluindo alguns antigos oficiais do exército, sob a liderança de Jósef Cyrankiewicz, que persuadiu o seu pessoal a cooperar com os judeus e com os políticos austro-alemães. Isto combinava todas as suas várias vantagens. Os alemães compreendiam o alemão e os nazis, o que era informação vital, e os prisioneiros polacos tinham autorização para receber correio, o que lhes permitia receber mantimentos e comunicar com apoiantes locais.

Chamaram-se a si próprios Grupo de Batalha Auschwitz – uma medida da sua militância¹¹ – e, em breve, estabeleceram contacto com Stefan Heymann e os resistentes de Monowitz. A cooperação entre os campos era facilitada pelo constante vaivém de prisioneiros e de destacamentos de trabalho dentro do complexo. O que o grupo de Monowitz acrescentava era a sua capacidade para cultivar

relações com civis e perturbar a produção em Buna Werke. A sabotagem era extensa e constante. Os prisioneiros no destacamento dos electricistas tinham conseguido fazer curto-circuito numa turbina da central eléctrica. Outro grupo, aproveitando a redução de guardas no dia 1 de Maio, tinha provocado uma explosão na meio terminada fábrica de óleo sintético, enquanto outros destruíam cinquenta veículos¹². Estes actos, junto com uma desaceleração geral do trabalho, tinham ajudado a atrasar o fim das obras em várias fábricas.

De todas as actividades dos resistentes, o contacto com os civis estava entre o mais perigoso. A Gestapo do campo estava constantemente a tentar penetrar na Resistência e expor os seus líderes e membros. Por isso, o trabalho de detectar e de erradicar os informadores nunca terminava. Isto era especialmente importante quando se tratava da operação mais sensível da Resistência: o planeamento e execução de fugas.

Enquanto Fritz ia e vinha entre a fábrica e o campo, todos os dias, carregado com os seus pequenos pedaços de informação, estava só parcialmente consciente da sua relação com esta rede e do significado do seu papel nela.

בן

Era um sábado de Junho e o dia de trabalho tinha acabado. Na chamada do fim de dia, os prisioneiros estavam atentos, pois sabiam que, no dia seguinte, embora não fosse bem um dia de descanso, era pelo menos um dia de menos labuta e de perigo reduzido.

Fritz estava no seu lugar, com o uniforme impecavelmente abotoado, o boné direito na cabeça e achatado de um dos lados, no estilo de boina aprovado, pronto para o tirar mecanicamente quando ouvisse a ordem: «Tirar bonés!!» Estava tudo normal, a mesma repetição diária, lenta, monótona e maçadora que ele conhecia duas vezes por dia desde Outubro de 1939, quase sem variações.

O *Rapportführer* tinha terminado os seus deveres e estava quase a dar a parada por terminada quando reparou num pequeno grupo de figuras a entrar na praça e a pararem. Quando as figuras entraram no campo de visão de Fritz, percebeu que eram dois sargentos das SS a obrigarem a marchar um homem que coxeava e tropeçava à frente deles. Fritz focou o olhar, com curiosidade, de soslaio, mantendo a cabeça para a frente. Eles empurravam e agrediam o homem, tal como fariam com um prisioneiro, mas ele não estava de uniforme e a cabeça dele não estava rapada. Aparentava ser um civil, mas tinha sido violentamente espancado e a cara estava ensanguentada e inchada. Quando se aproximaram, com um susto agonizante, Fritz reconheceu o seu contacto alemão da fábrica. Os homens das SS que o escoltavam eram o sargento Johann Taute, chefe da subdivisão da Gestapo do campo de Monowitz, e o seu subordinado, o sargento Josef Hofer.

Fritz observou-os num horror silencioso e crescente, enquanto eles obrigavam o civil a olhar para a assembleia e lhe ordenavam que identificasse todo e qualquer prisioneiro com quem tivesse contactado na fábrica.

O homem perscrutou os milhares de rostos perante si. Metido na multidão, Fritz estava bem fora da vista. Com os dois homens das SS a empurrá-lo, o civil percorreu as fileiras, para a frente e para trás, a estudar os rostos de perto. Chegou à fileira de Fritz. Este manteve o olhar em frente, com o

coração aos pulos. Os olhos pisados e raiados de sangue olharam para ele com relutância e uma mão apontou: «Este.»

Fritz foi agarrado e, com o civil, obrigado a marchar para lá dos amigos e camaradas, para lá dos olhos aterrorizados do pai e para fora da praça.

בן

Foi atirado para a traseira de um camião e levado do campo. O camião percorreu os poucos quilómetros até Auschwitz I, mas em vez de entrar no campo, parou em frente ao edifício da Gestapo, que ficava fora da vedação, do lado oposto ao hospital das SS e ao lado de uma pequena câmara de gás subterrânea. Fritz foi conduzido por um corredor pelos sargentos Taute e Hofer e empurrado para dentro de uma sala grande.

Em terror absoluto, absorveu as características espartanas da sala. Havia uma mesa com correia e ganchos presos no tecto por cima desta. Já tinha vivido tempo suficiente nos campos para saber para que serviam estas coisas.

Após um bocado, um oficial das SS entrou na sala. Olhou para Fritz com olhos vivos e sorridentes num rosto amável e aristocrata. Careca prematuro e a ficar grisalho, o tenente das SS, Maximilian Grabner não parecia nada ameaçador. Na realidade, parecia um professor universitário ou um brilhante clérigo. É raro a aparência de um homem poder ser mais oposta ao seu carácter. O Grabner de aspecto afável era o chefe da Gestapo de Auchwitz e a sua reputação de instigar, fria e impiedosamente, o assassinio em massa, era inigualável neste ou noutro campo. Ele purgava com regularidade o hospital e o *Bunker* do campo – «limpar o pó» chamava-lhe ele – enviando os presos para as câmaras de gás ou para o Muro Negro. Tinha instituído um programa de extermínio de grávidas polacas e era responsável directo por outros dois mil assassinios. Havia poucos homens em Auschwitz tão temidos como Maximilian Grabner¹³. Aterrorizava até os SS.

Ele estudou Fritz durante um instante e depois falou. A voz era estranhamente suave e o sotaque era das zonas rurais de fora de Viena, simples e não instruído¹⁴.

– Eu sei – disse ele, como um dado adquirido –, que tu, prisioneiro 68629, estás envolvido no planeamento de uma fuga em larga escala do campo de Auschwitz-Monowitz e que o tens feito com a colaboração do alemão civil que te identificou. Os homens do sargento Taute têm-no mantido debaixo de olho. O comportamento irregular dele chamou-lhe a atenção, não foi, sargento?

Taute anuiu e Grabner voltou o olhar de novo para Fritz.

– Que tens a dizer sobre isso?

Fritz não fazia ideia do que devia responder. Não podia negar conhecer o civil, mas o assunto da fuga era um mistério total.

Grabner agarrou num bloco e num lápis.

– Vais agora dar-me os nomes de todos os prisioneiros envolvidos neste plano.

Tomando o silêncio de surpresa de Fritz por uma recusa, Grabner fez sinal a Taute e a Hofer.

O primeiro golpe do cassetete de Hofer dobrou Fritz ao meio e tirou-lhe o ar. Depois veio um segundo e um terceiro.

Mas nenhuma confissão estava prestes a aparecer. Grabner estava surpreso. Embora fosse apenas quase um rapaz, parecia que o prisioneiro 68629 seria mais difícil de quebrar do que o civil tinha sido. A um gesto de Grabner, os sargentos empurraram o rosto de Fritz para cima da mesa e apertaram-lhe as correias sobre o corpo, prendendo-o. A vara subiu e desceu, a silvar, flagelando-lhe as nádegas. E mais uma vez e outra, até o traseiro de Fritz estar lacerado e a latejar em agonia. Mesmo nesta extremidade do medo e da dor, ele continuou a contar as vergastadas: 20 duros golpes antes de o desamarrarem e de o porem de pé.

– Admite o que fizeste – disse Grabner, indicando o bloco-notas. – Dá-me as identidades dos prisioneiros que planeavas ajudar a fugir.

Fritz sabia que negar seria inútil e, por isso, não disse nada. Foi de novo forçado a deitar-se sobre a mesa, mais uma vez as correias foram apertadas e novamente a vara cortou o ar.

Perdeu a conta a quantas vezes foi amarrado, mas continuou sempre a contar os golpes: no total, 60 cortes abrasadores na sua carne.

Desamarraram-no e puseram-no de novo de pé. Ele mal conseguia manter-se direito. Grabner estudou-o de perto.

– Diz-me os nomes.

Mais tarde, ou mais cedo, chegaria o ponto – como acontecia com qualquer ser humano apanhado neste pesadelo – em que Fritz cedia e dizia o que quer que fosse para isto parar. Verdade ou mentira, não interessava, desde que a tortura acabasse. Ele podia nomear os amigos que estavam envolvidos na Resistência. Seria simples e ele não seria humano se não sentisse a tentação. Stefan, Gustl, Jupp Rausch e os outros resistentes, os seus amigos e mentores: podia condená-los à tortura e à morte. Fritz mantinha razão suficiente para saber que isso não lhe salvaria a vida, mas pelo menos acabaria com o tormento.

Não disse nada. Grabner fez sinal a Taute e a Hofer e indicou os ganchos do tecto.

Os pulsos de Fritz foram presos atrás das costas e tão apertados que ficou sem circulação. A ponta da corda foi atirada por cima de um gancho e os dois sargentos puxaram-na. Os braços de Fritz foram puxados para trás e para cima e, numa indescritível agonia, foi levantado do chão. Ficou pendurado com os dedos dos pés a um palmo do chão, com o peso do corpo a desencaixar-lhe os ombros das articulações e a encher-lhe a mente com dor. Tinha visto muitas pobres almas suspensas desta forma no Carvalho Goethe, mas a experiência era pior do que ele poderia ter imaginado.

– Dá-me os nomes – repetiu Grabner, vezes sem conta.

Fritz ficou pendurado durante cerca de uma hora, mas tudo o que lhe saiu da boca foram guinchos incoerentes e baba.

– Não vais sobreviver a isto – disse-lhe Grabner ao ouvido, com voz suave. – Dá-me os nomes.

A um sinal de Grabner, largaram a corda e Fritz estatelou-se no chão. Grabner repetiu a pergunta sem parar: se dissesse os nomes tudo estaria terminado. Ainda assim, Fritz não disse nada. Arrastaram-no até ficar de pé, penduraram-no de novo na corda e elevaram-no no ar a gritar.

Penduraram-no três vezes, sem resultado. Grabner estava a perder a paciência. Era sábado à noite e ele estava desejoso de ir para casa. Este interrogatório estava a ser uma perda do seu precioso tempo. Fritz tinha estado pendurado uma hora e meia no total quando o largaram e ele caiu no chão.

uma terceira vez. Estava vagamente consciente de que Grabner saiu da sala e que ordenou aos dois sargentos que levassem o prisioneiro de volta para o campo. O interrogatório recomeçaria mais tarde¹⁵.

בן

Depois de Fritz ter sido levado, Stefan Heymann e os outros resistentes reuniram-se para discutir o que deviam fazer. Quanto tempo tinham antes de Fritz quebrar e a Gestapo voltar pelos restantes? Durante toda aquela noite debateram, tentando planejar para a catástrofe que se avizinhava.

Gustl Herzog ainda estava acordado quando ouviu que Fritz estava de volta ao campo. Correu para o encontrar e encontrou-o a ser carregado ao longo da rua por dois amigos de Buchenwald: Fredl Lustig, um velho camarada de Gustav da coluna de transporte, e Max Matzner, uma quase vítima das experiências com tifo.

Fritz não se mantinha de pé. Além dos ferimentos visíveis e do sangue, tinha dores lancinantes nas articulações e nas costas. Gustl disse a Lustig e a Matzner para o levarem para o hospital e, depois, foi procurar os outros resistentes.

O hospital ocupava um bloco de várias casernas no canto nordeste do campo. Tinha vários departamentos: médico, cirúrgico, doenças infecciosas e convalescença. Embora estivesse um médico das SS no comando geral, ele raramente aparecia e o pessoal era constituído sobretudo por prisioneiros¹⁶. Pelos padrões de um campo de concentração, o hospital era bom, mas faltavam-lhe recursos médicos.

Fritz foi levado para um quarto na ala de medicina geral. Estava meio paralisado, os braços inúteis e sem sensibilidade, o rabo cheio de vergões e a sangrar, e tinha todo o corpo atravessado por dores. Um médico checo deu-lhe analgésicos fortes e massajou-lhe os braços.

Passado um bocado, Gustl Herzog chegou com Erich Eisler e Stefan Heymann. Olhavam os três para Fritz tanto com pena como com mau agouro. Quando o médico saiu, perguntaram-lhe ansiosamente o que queria a Gestapo dele. Fritz descreveu as acusações de Grabner e o alegado plano de fuga.

– Disseste-lhe alguma coisa? – perguntou Stefan.

– Claro que não. Não sei nada.

A resposta não os satisfez mais do que tinha satisfeito a Gestapo.

– Revelaste alguns nomes? Algum mesmo?

Fritz abanou dolorosamente a cabeça.

Apesar do estado em que ele estava, os amigos continuaram a interrogá-lo: *tinha dito algum nome?* Ele insistia que não. Não disse nada a Grabner. Nas mentes deles, era suspeito terem-no deixado voltar para o campo. Era possível que Grabner esperasse que Fritz traísse sem querer os seus cúmplices, ou podia ser que as celas no Bloco da Morte de Auschwitz estivessem sobrelotadas (como acontecia com frequência).

Acabaram por ficar satisfeitos por Fritz não os ter traído. Estavam a salvo, por agora. Mas Stefan e Erich estavam certos de que Grabner não deixaria o assunto morrer aqui. Iria retomar o

interrogatório no dia seguinte e a tortura de Fritz continuaria até ele confessar ou morrer. Alguma coisa tinham de fazer.

Por enquanto, moviam Fritz para o bloco das doenças contagiosas, onde eram mantidos os doentes com disenteria e tifo, adjacente à morgue, no canto mais afastado do campo. O médico das SS e o seu pessoal médico raramente lá iam. Fritz foi colocado num quarto de isolamento. Desde que não apanhasse uma infecção, estaria a salvo durante algum tempo. Mas não podia esconder-se ali para sempre. Para evitar uma caça ao homem, quando ele não se apresentasse na chamada da manhã seguinte, o nome dele tinha de dar entrada nos registos do hospital. E, então, a Gestapo viria buscá-lo. Por onde quer que olhassem para o problema, acabavam sempre na mesma solução: Fritz Kleinmann tinha de morrer.

Assim sendo, Sepp Luger, o responsável do campo pela administração do hospital, registou a morte do prisioneiro 68629. Não eram precisos pormenores. O registo só fornecia uma única linha por paciente, com o número de admissão, o número de prisioneiro, o nome, as datas de admissão e de partida, e a razão da partida. Nesta coluna só havia três opções: *Entlassen* (alta), *nach Birkenau* (para quem era seleccionado para as câmaras de gás) ou um carimbo com uma cruz preta para os mortos. Gustl Herzog garantiu que a morte de Fritz também era registada no gabinete do registo geral de prisioneiros¹⁷.

A verdade permaneceria um completo segredo entre os conspiradores. As notícias de que Fritz tinha morrido dos ferimentos tinham de ser dadas aos seus muitos amigos. Nem sequer Gustav podia saber do segredo – o risco era demasiado grande – e, por isso, foi-lhe dada a devastadora e dolorosa notícia de que o seu querido Fritzl tinha sido assassinado pela Gestapo. O sofrimento foi tão grande que Gustav nem conseguiu registá-lo no seu diário, que estava intocado há semanas.

Enquanto Gustav fazia o luto, os conspiradores enfrentaram o assunto premente do que deviam fazer com o Fritz que estava vivo e a respirar. Enquanto ele recuperava dos ferimentos, foi mantido no isolamento, no hospital. Sempre que era realizada uma inspecção pelo médico das SS ou o seu enfermeiro, Fritz era ajudado a sair da cama pelo seu velho amigo Jule Meixner, que trabalhava na lavandaria do hospital, e era escondido na arrecadação entre os montes de lençóis.

Fritz não fazia ideia do que seria dele. Ao ver os doentes com disenteria a arrastarem-se até aos baldes da latrina na divisão exterior e os doentes com tifo a tremer com febre nas suas camas ensopadas de suor, ele sabia que não podia ficar neste sítio muito mais tempo, com ou sem ferimentos.

Acabaram por chegar notícias da Gestapo de Monowitz, de que Grabner tinha acabado com a investigação por causa da morte de Fritz. Era altura de agir.

Foi atribuída a Fritz uma nova identidade, retirada de um doente que morrera com tifo. Ele não se lembrava do nome do pobre homem, apenas que era um judeu de Berlim, um recém-chegado cujo número de prisioneiro andava nos 112 000. Era impossível apagar a tatuagem de Fritz ou dar-lhe uma nova com o número do homem, por isso, puseram-lhe apenas uma ligadura em volta do antebraço, com a esperança de que ninguém exigisse vê-lo. Stefan Heymann passou muito tempo com ele, aconselhando-o sobre como precisavam de proceder e quais as precauções que teriam de ter quando lhe atribuíssem um destacamento de trabalho.

Era tudo indiferente para Fritz. Desde o seu suplício, tinha-lhe entrado na alma uma lassidão e já não lhe interessava muito se era descoberto ou não. O longo desgaste de tristeza, fome e desespero tinha-lhe finalmente vencido a resistência e ele começava a deslizar para o estado de espírito de impotência que o levaria a transformar-se num *Muselmann*. Confessou a Stefan que estava a considerar acabar com tudo o mais depressa possível. Era tão fácil correr para a linha de sentinelas quando estivesse num trabalho no exterior, ou atirar-se para a vedação electrificada no campo. Um tiro – um instante fugaz – e a dor e a miséria acabariam¹⁸.

Stefan não tinha paciência para estes pensamentos.

– Podes imaginar o que matares-te faria ao teu pai? – disse ele. – Ele agora acredita que o filho está morto, mas com o tempo... talvez muito em breve... saberá a verdade. Imagina se ele descobrisse que tinhas estado vivo todo este tempo apenas quando cometesses suicídio. Pensa nisso.

Fritz não tinha argumentos contra isto. Depois de tudo o que tinham passado juntos, Fritz não só ceder aos SS como também permitir que eles acabassem com ele era demasiado. «Eles não nos podem destruir assim», dizia sempre o pai. A resistência era tudo, a infelicidade só durava algum tempo, a esperança e o espírito eram imortais.

Stefan prometeu fazer tudo o que pudesse para manter Fritz a salvo no hospital. Quando já estivesse suficientemente bem para trabalhar, seria encontrada uma posição nalgum destacamento exterior, onde podia passar despercebido. A taxa de mortalidade e a rotatividade dos prisioneiros era tal que poucos alguma vez conseguiam conhecer os outros bem.

Fritz percebeu isto e confiava a Stefan a sua vida, mas tinha dúvidas. As pessoas conheciam-lhe a cara, incluindo alguns dos SS. E, mais tarde ou mais cedo, o pai ia descobrir. Pelo menos sete homens da Resistência sabiam o segredo de Fritz e o pai também era amigo deles. Gustav era agora proeminente no campo e o seu alto perfil tornaria a posse de um segredo tão explosivo algo muito perigoso para ele.

Após três semanas, Fritz já estava suficientemente bem para deixar o hospital. Os amigos introduziram-no à socapa no Bloco 48, onde o responsável era Chaim Goslawski, um membro da Resistência. O bloco dele era sobretudo constituído por alemães e polacos que não conheciam Fritz.

No dia seguinte, ele foi trabalhar. Tinham-lhe arranjado um lugar de gestor de armazém numa secção diferente do destacamento de serralheiros. Um dos *kapos*, um homem chamado Paul Schmidt, estava inteirado do segredo e tomava conta dele. Ao marchar através dos portões todas as manhãs e ao regressar todas as noites, Fritz passava por um terror sufocante, à espera de ser reconhecido por um guarda ou um *kapo* hostil. Mantinha-se no meio do grupo, a marchar com o olhar em frente e sem expressão no rosto, com o coração acelerado.

Com a passagem das semanas e sem que ninguém parecesse reparar nele, começou a sentir-se mais sossegado no trabalho. Por enquanto, o seu segredo parecia em segurança.

אבא

Uma noite, estava Gustav sentado na sala de convívio do Bloco 7, quando um dos companheiros de bloco lhe deu uma pancadinha no ombro.

– O Gustl Herzog está lá fora – disse ele. – Quer ver-te.

Gustav saiu e encontrou o seu velho amigo num estado de excitação controlada.

– Segue-me – indicou, e levou Gustav à volta do edifício, para longe da estrada. Por trás da primeira fila de casernas havia uns edifícios mais pequenos, as latrinas, o *Bunker* da Gestapo e uma pequena casa de banhos. Herzog levou Gustav em direcção ao bloco de banhos. Uma figura emergiu da escuridão dentro da porta, que Gustav reconheceu como o supervisor dos banhos, um jovem veterano de Buchenwald que tinha sido amigo de Fritz. Ele olhou em volta e, vendo que o caminho estava livre, fez sinal a Gustav para entrar.

Na dúvida, Gustav entrou sozinho no edifício e inalou o cheiro familiar da humidade bafienta e sem sabão. Na obscuridade, viu o contorno de um homem recuado, na sombra da caldeira. A figura avançou e as suas feições transformaram-se no rosto de Fritz.

Era inacreditável, um milagre. Para Gustav, que fazia questão de nunca perder a esperança, mesmo em circunstâncias desesperadas, a surpresa era indescritível. Abraçar de novo o filho, inalar o cheiro dele, ouvir a sua voz, estava para lá da esperança, para lá de tudo¹⁹. Afinal, a sobrevivência deles ainda não tinha sido em vão.

Depois daquele primeiro encontro, faziam-no sempre que podiam, sempre à noite na casa dos banhos. Agora que o seu desgosto e perda tinham desaparecido, a mente de Gustav era invadida por todos os cuidados da parentalidade, redobrados agora que Fritz estava em muito mais perigo do que nunca. Gustl Herzog e os outros asseguraram-lhe que estavam a fazer tudo o que podiam para o manter em segurança, mas seria o suficiente?

אב ובן

No Outono, chegaram notícias maravilhosas de Auschwitz I. As SS tinham, de repente, retirado Maximilian Grabner do seu posto como chefe da Gestapo do campo.

Era mais do que apenas uma demissão. Durante muito tempo, tinha havido dúvidas em Berlim sobre o comportamento de Grabner. Mesmo pelos padrões das SS, o número de mortes que ele ordenara levantaram sobrancelhas – não tanto pela escala do número, mas pela forma desorganizada como a coisa era feita. Na mente de Himmler, a Solução Final – e matar em geral – era um negócio industrial, para ser conduzido de forma limpa, eficiente e sistemática. Não era um jogo ou um fetiche pessoal. O sadismo de Grabner e a sua sede de sangue eram uma mancha negra no seu nome. No entanto, a sua queda foi devida, em última instância, à sua corrupção.

Tal como muitos oficiais seniores dos campos de concentração, Grabner tinha usado a sua posição para enriquecer com os valores retirados aos judeus assassinados em Birkenau, que deviam ser canalizados para as SS. Ao contrário de muitos, ele tinha-o feito a uma escala colossal, enviando para casa malas inteiras cheias de pilhagem indevida. A escala da sua corrupção tinha originado uma investigação das SS. Foi suspenso do posto e colocado sob prisão junto com vários cúmplices, incluindo o descontraído assassino em massa, Gerhard Palitzsch²⁰. Rudolf Höss, comandante de Auschwitz, que tinha ajudado e facilitado Grabner, também foi afastado.

O novo comandante, Arthur Liebehenschel, assumiu o cargo em Novembro de 1943²¹. Iniciou uma reorganização de todo o complexo de Auschwitz. O pessoal foi substituído e a ordem e a disciplina passaram a ser impostas de forma mais firme nas SS.

O mais importante para Fritz era que a principal ameaça à sua segurança tinha sido inesperadamente levantada. Grabner desapareceu e, no meio de toda a confusão, havia poucas hipóteses de um prisioneiro em Monowitz receber muita atenção da Gestapo. Pouco depois, na noite de 7 de Dezembro, deflagrou um incêndio no edifício da Gestapo em Auschwitz I, que destruiu todos os registos das más acções de Grabner²².

Quando a obscuridade se abateu sobre todo o episódio de Grabner e a necessidade de estar escondido esmoreceu, Fritz Kleinmann acabou por regressar calmamente à vida. Voltou a dar entrada no registo do campo e o judeu de Berlim que tinha morrido de tifo foi esquecido.

Mas embora a necessidade de segredo absoluto tivesse passado, Fritz ainda tinha de ter cuidado. Se algum guarda das SS que tivesse sabido da sua morte o visse, sobretudo os sargentos da Gestapo, Taute e Hofer, haveria problemas. Mas entre os milhares de Monowitz e as centenas de milhar que entravam e andavam a ser transferidos entre os campos, e as dezenas de milhar de assassinados, quem iria reparar na discreta ressurreição de um prisioneiro?

Com a chegada do Inverno, Gustav usou a sua posição para Fritz ser transferido para junto dele no bloco VIP. Agora podiam estar juntos à noite, sem ter de recorrer a encontros arriscados no exterior. Era uma situação socialmente estranha: por causa do seu baixo estatuto, não era permitido a Fritz sentar-se na sala de convívio do bloco quando o seu pai lá ia falar com os amigos. Em vez disso, ele tinha de se sentar no beliche sozinho, o que também era tecnicamente ilegal, já que os beliches eram só para dormir.

Ainda assim, era quente e seguro. Era certamente melhor do que o sítio onde estava antes da sua morte. O responsável do bloco, um homem chamado Paul Schäfer, não conseguia suportar o fedor dos corpos dos homens nos quartos e mantinha as janelas abertas em quaisquer condições meteorológicas. Simplesmente por sadismo, também desligava o aquecimento, para as roupas húmidas dos homens não secarem. Se alguém era apanhado a tentar manter-se quente ao dormir de uniforme, Schäfer batia-lhe e confiscava-lhe as rações.

«E assim se passou o ano de 1943», escreveu Gustav. O Inverno estava de novo em cima deles. A neve começou a cair e o solo endureceu. Este seria o quinto Inverno de ambos desde que tinham sido levados de casa, o seu quinto ano de incessante pesadelo. No entanto, por mais que tivessem passado e sofrido até agora, o pior ainda estava para vir.

[xxviii] Pão de ração militar feito de massa lêveda e com um longo prazo de validade.

A bondade de estranhos

אחים

– Apanha!

Fritz saltou no ar, esticou-se em direcção à bola enquanto esta lhe passava por cima da cabeça, fez ricochete numa das bancas vazias do mercado e saltou para a rua. Ele correu e agarrou-a. Pelo canto do olho viu um polícia a aparecer na esquina, a entrar em Leopoldsgasse. O guarda olhou seriamente para ele e Fritz endireitou-se e escondeu a bola – um molho de trapos enrolados – atrás das costas. Não era permitido futebol nas ruas. Quando ele desapareceu, Fritz virou-se e correu para dentro do mercado, deixou cair a bola e pontapeou-a de volta para os amigos.

Era o fim do dia e o último dos agricultores estava a arrumar os seus produtos não vendidos. Subiu para a sua carroça, agitou as rédeas e seguiu a trote pela rua. Fritz e os amigos correram entre as bancas vazias, atirando a bola para a frente e para trás. Só Frau Capek, a vendedora de fruta, ainda estava no seu posto. Ela nunca se ia embora antes de anoitecer. No Verão dava espigas de milho aos miúdos. Muitos eram pobres e levavam todos os restos que encontravam – restos de salsicha do talho, côdeas de pão de *Herr König* na padaria Anker, *chantilly* da pastelaria de *Herr Reichert*, na Grosse Sperlgasse, mesmo na esquina com a escola.

Fritz apanhou a bola quando veio na sua direcção e estava prestes a atirá-la de volta quando ouviram todos o familiar e distante soar de buzinas: *ta-raa ta-raa*. O carro de bombeiros tinha sido chamado! Cheios de entusiasmo, lançaram-se a correr, a desviar-se dos transeuntes, das mulheres atrasadas com as compras, dos judeus ortodoxos com os seus casacos pretos e barbas a correr para casa para o início do Sabat antes que a luz desaparecesse.

– Espera!

Fritz voltou-se e viu a pequena figura, com as pernas em movimento, a correr atrás dele. Esperou pelo irmão mais novo e, quando ele o apanhou, os amigos já tinham desaparecido de vista.

Kurt só tinha 7 anos – uma geração de diferença de Fritz, que tinha 14, mas eram próximos. Fritz deixava-o com frequência andar com ele, aprender os jogos e a vida nas ruas. Kurt tinha o seu próprio gangue de pequenos amigos e o gangue de Fritz agia como seus guardiães.

Passaram pelo velho *Herr Löwy*, que tinha cegado na Grande Guerra, a tentar atravessar a rua, que estava cheia de carros, camiões e de carroças grandes dos vendedores de carvão e das cervejarias, a chocalhar, puxadas por enormes cavalos *Pinzgauer*. Fritz agarrou na mão do idoso, esperou por uma aberta e ajudou-o a passar. Depois, disse a Kurt para o seguir e correu atrás dos amigos.

Apanharam-nos a regressar pela Taborstrasse, os rostos cheios de *chantilly* e de açúcar. Não tinham encontrado o incêndio, mas tinham passado pelo pasteleiro Gross e posto no saco uma

tonelada de restos de bolos. O colega de escola de Fritz, Leo Meth, tinha guardado uma fatia com creme para Fritz, que a dividiu com Kurt.

Com as faces cheias de bolo, desceram de novo em direcção ao Karmelitermarkt, com Fritz a segurar Kurt pela mão pegajosa e cheia de açúcar. Fritz gostava do conforto da camaradagem. O facto de alguns dos seus amigos serem diferentes, que os seus pais negligenciassem a ida à sinagoga, os pais deles se mantivessem afastados da igreja, ou que o Natal significasse mais para eles do que para ele – essas coisas pareciam não ter importância e o pensamento de que ele e Leo e os outros miúdos judeus pudessem alguma vez ser afastados dos seus amigos por estas coisas triviais nunca lhes passou pela cabeça.

Era uma tarde quente e no dia seguinte era sábado. Talvez fossem nadar no canal do Danúbio. Ou poderiam juntar-se às raparigas para fazer teatro na cave do número 17. *Frau* Dworschak, a porteira, cujo filho Hans era um dos colegas de brincadeira de Fritz, deixava-os muitas vezes iluminar o sítio com velas e Herta e as outras raparigas faziam um desfile de moda, vestindo-se com roupas velhas e desfilando para a frente e para trás a imitar as modelos. Ou faziam todos uma versão de *Guilherme Tell* para uma audiência que pagava dois *pfennigs* por pessoa. Fritz adorava esses burlescos.

Ele e Kurt chegaram a casa no quente crepúsculo de Verão. Hoje tinha sido um bom dia numa sequência de bons dias. Os miúdos de Viena retiravam a sua felicidade das ruas, como uma maçã de uma árvore. Tudo o que tinham de fazer era esticar-se e ali estava para ser colhida. A vida estava para lá do tempo, inviolável.

בן

Fritz foi arrancado de um sonho bom pelo silvo do apito do responsável do campo. Os olhos abriram-se para a escuridão e as narinas dele acordaram para o fedor dos corpos não lavados de 300 homens e 300 uniformes bafientos e com cheiro a suor. O seu cérebro, assustado, registou o choque da sua situação, tal como acontecia todas as manhãs antes de nascer o Sol.

O homem no beliche inferior desceu e agarrou no casaco, tal como dezenas de outros que estavam no turno de fazer o café. Fritz enrolou bem o cobertor à sua volta e fechou os olhos, acomodado no seu colchão de palha e à procura dos farrapos do seu sonho.

Uma hora e um quarto depois foi acordado outra vez pelas luzes acesas.

– Todos de pé! – ladrou o encarregado do bloco. – Acordem, acordem, acordem!

Num instante, os beliches com três andares ganharam pernas, braços, rostos cansados, a trepar e a passar uns por cima dos outros, a agarrar em uniformes às riscas. Fritz e o pai tiraram os colchões, sacudiram-nos e depois dobraram os cobertores e deixaram tudo arrumado. Depois de os homens terem salpicado e esfregado os rostos com água fria no lavadouro apinhado com os habitantes dos blocos circundantes, e de terem polido os sapatos com a graxa do barril furtado de Buna Werke, alinharam-se no quarto para receber o café de bolota, trazido em recipientes térmicos de trinta litros. Beberam-no de pé (sentar nos beliches era proibido). Os que tinham conseguido guardar um pouco de pão da noite anterior comeram-no agora, empurrando-o com o doce café morno. O encarregado inspeccionou os beliches, os uniformes e os sapatos.

A atmosfera era de maior convívio do que em qualquer bloco em que Fritz já tinha estado. Os *Prominenten* do Bloco 7 tratavam-se bem.

Às 5 h 45 m, ainda escuro, saíam pela porta e formavam filas em frente ao edifício. Ao longo de toda a rua, havia prisioneiros a sair das casernas para serem contados pelos responsáveis do bloco. Nem os doentes e os mortos estavam dispensados. Geralmente, cada bloco gerava pelo menos um ou dois cadáveres cada manhã. Eram carregados para a rua e colocados no chão para serem contados com os restantes.

Os milhares de prisioneiros marchavam ao longo da rua até desaguarem na praça da chamada, iluminada por holofotes. Formavam fileiras ordeiras, cada homem com o seu lugar definido dentro do seu bloco, cada bloco no sítio determinado entre os outros. Os doentes e os mortos eram trazidos e colocados no final da fila.

Os *Blockführers* passeavam para cima e para baixo nas fileiras, à procura de homens fora do sítio e de linhas que não estivessem direitas, a contar os homens do seu bloco e a contabilizar os mortos. Qualquer infracção do exercício perfeito – sobretudo se originasse um erro de contagem – resultava numa sova. Quando os *Blockführers* estavam satisfeitos, levavam os seus relatórios ao *Rapportführer* no palanque. Enquanto os prisioneiros continuavam de pé e imóveis, estivesse o frio ou a chuva que estivessem, ele revia meticulosamente toda a contagem.

Pela altura em que o tenente Schöttl chegava à praça, eles já estavam em formatura há uma hora. Fritz olhava atentamente para Schöttl quando este subia ao palanque. Ainda tinha medo de ser reconhecido e identificado, um medo que nunca perderia por completo.

Acontecimentos recentes tinham-no tornado mais cauteloso do que nunca. Em Setembro, durante as semanas finais do regime de Grabner, tinha sido descoberto um informador entre os prisioneiros¹. A Gestapo estava constantemente à procura de actividades subversivas e os resistentes tinham de estar sempre vigilantes. Um prisioneiro escriturário na Gestapo de Monowitz tinha identificado o *kapo* Boleslaw «Bolek» Smoliński, um fanático anti-semita com um ódio particular pelos comunistas – como um informador a trabalhar para o sargento Taute das SS.

Esta informação vital foi discutida entre os resistentes. Curt Posener (conhecido como Cupo), um dos velhos homens de Buchenwald, referiu que Smoliński era amigo do prisioneiro responsável pelo hospital, um dos principais elos da Resistência. Esta era uma vulnerabilidade terrível. Cupo falou nisso com Erich Eisler e com Stefan Heymann. Eisler sugeriu que tentassem falar com Smoliński, para o fazerem ver que estava a agir de forma errada. Stefan e Cupo argumentaram sem cessar contra esta ideia perigosa. No entanto, Eisler ignorou os avisos e falou com Smoliński. A reacção foi instantânea: Smoliński foi directo à Gestapo. Erich Eisler e Curt Posener foram detidos de imediato e levados para Auschwitz I, juntamente com seis outros, incluindo Walter Petzold e Walter Windmüller, ambos funcionários prisioneiros altamente respeitados e membros da Resistência. Foram colocados no *Bunker* do Bloco da Morte e sujeitos a dias de interrogatório e de tortura. Smoliński foi detido com eles.

Curt Posener e outro acabaram por regressar a Monowitz, feridos e fisicamente quebrados. Tal como Fritz, tinham resistido à tortura e não tinham divulgado informações. Smoliński também foi libertado e retomou a sua posição. Walter Windmüller sucumbiu aos ferimentos e morreu no *Bunker*.

O pobre Erich Eisler, tendo-se denunciado como resistente ao ir falar com Smoliński, foi levado para o Muro Negro e fuzilado². Eisler tinha-se dedicado ao bem-estar das pessoas, mesmo antes de se tornar prisioneiro. Tinha trabalhado para a Rote Hilfe (Socorro Vermelho), uma organização socialista que proporcionava apoio às famílias dos prisioneiros³. No final, foi o seu temperamento humano que tinha sido a sua desgraça, ao pensar que podia convencer um homem como Smoliński a comportar-se de forma decente.

– Atenção! Tirar bonés! – gritou uma voz de sargento pelo altifalante e cinco mil mãos agarraram nos bonés e dobraram-nos bem dobrados antes de os porem debaixo do braço. Ficaram em sentido enquanto Schöttl verificava a lista dos prisioneiros reunidos, reparando nos recém-chegados, nas mortes, nas selecções e nas incumbências. Até que, por fim:

– Poham os bonés! Destacamentos de trabalho: mexam-se!

A parada dissolvia-se num caos enquanto cada homem se dirigia para o seu destacamento, reunindo-se em unidades contabilizadas por cada *kapo*. Marchavam pela rua até ao portão principal, que se encontrava aberto.

Muitos estavam fracos e letárgicos, tendo atingido o máximo das suas forças. Em breve seriam seleccionados para Birkenau ou estariam entre os cadáveres trazidos para a contagem ao amanhecer.

Enquanto as colunas passavam, a orquestra de prisioneiros, no seu pequeno edifício ao lado do portão, tocava músicas animadas. Os músicos eram liderados por um político holandês, com um cigano alemão no violino, e os restantes eram judeus de vários países. Fritz percebeu de repente que eles nunca tocavam músicas alemãs – apenas marchas austríacas dos dias do império. O seu pai tinha outrora marchado ao som destas músicas nas paradas em Viena e Cracóvia e tinha ido para a guerra acompanhado pelos mesmos sons marciais. A orquestra do campo tinha bons músicos e, por vezes, num domingo, Schöttl permitia-lhes dar um concerto para os prisioneiros mais privilegiados. Era uma visão surreal – uma mistela de músicos a tocar música clássica para uma audiência de prisioneiros de pé, com oficiais das SS sentados em cadeiras de um dos lados.

O céu estava a clarear enquanto eles marchavam ao longo da estrada em direcção ao posto de controlo nos portões de Buna Werke, com um sargento das SS e sentinelas a guardar cada coluna. Dependendo de onde é que trabalhavam dentro do complexo da fábrica, alguns ainda tinham de marchar quatro quilómetros, depois fazer um turno de doze horas, uma marcha de quatro quilómetros de regresso, e outras quantas horas de chamada sob o frio e a chuva.

Fritz foi para o seu trabalho no armazém e começou outro dia aborrecido, mas seguro, a mover mercadorias de um lado para o outro. Não tinha forma de saber que este dia seria o início de uma transformação na sua existência.

Estava a conversar com outro prisioneiro judeu quando um dos soldados civis alemães, que por acaso estava por perto, lhes interrompeu a conversa.

– É bom ouvir falar alemão – disse ele. – Não tenho encontrado muitos alemães desde que vim para aqui trabalhar, a maioria de vocês é polaca ou outros estrangeiros.

Fritz olhou para o homem com surpresa. Ele era relativamente jovem e coxeava.

O homem olhou para o uniforme deles.

– Por que estão presos? – perguntou.

– Desculpe?

– Por que crime?

– Crime? – disse Fritz. – Somos judeus.

Teve de se repetir várias vezes para fazer compreender o conceito. O homem estava perplexo.

– Mas o *Führer* nunca prenderia ninguém que não tivesse feito nada de errado – disse ele.

– Isto é o campo de concentração de Auschwitz – disse Fritz. – Sabe o que significa Auschwitz?

O homem encolheu os ombros.

– Estive no exército, na Frente Leste. Não faço ideia do que se tem passado em casa.

Isso explicava o coxeio. Tinha sido ferido e reformado por invalidez.

Fritz apontou para a sua insígnia.

– Isto é a *Judenstern*, a estrela judaica.

– Eu sei o que é. Mas não se é colocado num campo só por isso.

Isto era incrível e humilhante.

– Claro que é.

O homem abanou a cabeça, descrente. O temperamento de Fritz começou a ferver. Estava estupefacto com tanta cegueira. O homem podia não ter assistido ao escalar dos acontecimentos desde 1941, enquanto estava na Frente, mas onde tinha andado desde 1933, quando começaram as perseguições, ou 1938, quando aconteceu a Noite de Cristal? Acreditaria ele que os judeus tinham todos emigrado de livre vontade?

Não era seguro discutir com um alemão, portanto, Fritz desistiu de tentar convencê-lo.

Mais tarde, nesse dia, o homem voltou a abordá-lo.

– Temos todos de puxar no mesmo sentido, sabes? – disse ele. – Temos todos de defender a Pátria e de trabalhar para o bem comum, mesmo vocês têm um papel a desempenhar.

Fritz mordeu a língua. O homem continuou a divagar sobre atitude e dever e a Pátria até Fritz já não aguentar mais.

– Não consegue ver o que se está a passar aqui? – disse irritado, com um gesto que abarcava as fábricas, Auschwitz, todo o sistema.

Depois, afastou-se.

O civil, perplexo com a atitude de Fritz, não desistia. Durante todo o dia continuou a vir ter com ele. Dever e Pátria eram os seus temas repetidos e como os prisioneiros tinham de ser prisioneiros por uma boa razão. Mas, apesar da sua persistência, a cada repetição parecia cada vez menos seguro de si mesmo.

Acabou por ficar calado e, durante os dias seguintes, soldava sem falar. Então, uma manhã, aproximou-se de Fritz e, sub-repticiamente, passou-lhe um bocado de pão e um pedaço grande de salsicha e depois foi-se embora.

Era metade de um *Wecken*, um pão austríaco feito de farinha muito fina. Fritz partiu um bocado e colocou-o na boca. Era uma maravilha. Nada como o *Kommisbrot* militar que lhes davam no campo. Sabia-lhe a casa e ao céu e trouxe-lhe memórias dos nacos que ele e os amigos costumavam arranjar ao fim do dia na padaria Anker. Escondeu-o, e à salsicha, com intenção de os levar para dentro do campo, para partilhar com o pai e os amigos.

Uma ou duas horas mais tarde, o civil passou por ele outra vez e parou.

– Não há aqui muitos alemães – disse ele. – É bom ter alguém com quem falar.

Ele hesitou e Fritz viu-lhe um olhar perturbado que nunca tinha visto antes.

– Vi uma coisa – disse ele desajeitadamente. – Esta manhã, a caminho do trabalho...

Visivelmente incomodado, descreveu como tinha visto o cadáver de um prisioneiro pendurado na vedação eléctrica do campo de Monowitz. Mesmo como veterano da Frente Leste e habituado às atrocidades, tinha ficado abalado.

– Dizem-me que foi suicídio. Dizem que acontece de vez em quando.

Fritz anuiu.

– Acontece com muita frequência. Os SS deixam lá os corpos durante alguns dias para intimidar os outros.

A voz do homem tremeu com emoção.

– Não foi para isto que eu lutei – disse ele. Tinha lágrimas nos olhos. – Isso não. Não quero ter nada a ver com isso.

Fritz estava estarrecido. Um soldado alemão em lágrimas por causa de um preso de um campo de concentração. Na experiência de Fritz, os alemães – quer fossem soldados, polícias, SS, ou prisioneiros de triângulo verde – eram todos iguais. As únicas excepções eram os prisioneiros políticos socialistas. Os outros eram todos insensíveis, fanáticos e cruéis.

O homem começou a contar a Fritz a sua história. O nome dele era Alfred Wocher. Nascido na Baviera, mas casado com uma mulher vienense, morava em Viena, daí o pão *Wecken*. Fritz não referiu que era de Viena, em vez disso, escutou Wocher falar sobre o serviço na Wehrmacht na Frente Leste, como tinha recebido a Cruz de Ferro e alcançado o posto de sargento. Após ser gravemente ferido foi enviado para casa numa licença indefinida. Não tinha sido dispensado do exército, mas nunca mais estaria apto para o serviço no activo. Como era um soldador experiente tinha sido enviado para a IG Farben para fazer trabalho civil.

Ocorreu a Fritz que Wocher poderia ser um contacto útil. De volta ao campo, naquela noite foi ao hospital falar sobre isso com Stefan Heymann. Descreveu Alfred Wocher e repetiu tudo o que ele tinha contado. Stefan tinha dúvidas sobre aquilo tudo. Aconselhou Fritz a ter cuidado – não podia confiar nos alemães, sobretudo num veterano do exército de Hitler. Depois de Smoliński, a Resistência estava mais desconfiada do que nunca sobre potenciais informadores. E da última vez que Fritz se tinha tornado amigo de um civil isso quase lhe tinha custado a vida – já para não falar em fazer passar os amigos e o pai por um enorme desgosto.

Fritz percebia tudo muito bem. Ele sabia que Wocher não era de confiança. Mas, por algum motivo – talvez fosse o pão vienense ou a sua perturbação genuína com a morte do prisioneiro –, Fritz não o conseguia evitar. Voltou ao trabalho e desafiou o conselho de Stefan e o seu próprio bom senso e continuou a conversar com o velho soldado.

Era difícil evitá-lo. Wocher ia ter com Fritz, por norma porque precisava de desabafar sobre alguma coisa, ou tinha alguma pergunta sobre Auschwitz. Para Fritz parecia suspeito, parecia que ele andava a sondar, e a coisa sensata a fazer era voltar-lhe as costas e recusar sequer ouvi-lo. Mas respondia-lhe, sem entrar em pormenores, com factos sobre Auschwitz. Wocher trazia cópias do

Völkischer Beobachter, o jornal do Partido Nazi, para mostrar a Fritz o que se passava na sua Alemanha. Fritz não se importava – os jornais tinham valor no campo e era preciso dizer que limpar o rabo de judeus era o melhor uso que o *Beobachter* podia ter. Mais bem-vindos eram os presentes de pão e de salsichas. Um dia, vindo do nada, Wocher ofereceu-se para entregar cartas de Fritz. Se havia alguém no mundo exterior com quem ele quisesse comunicar, Wocher faria que recebessem as mensagens.

Ali estava – uma armadilha. Ou era o que parecia. A tentação de entrar em contacto com os familiares ainda em Viena e a esperança de descobrir o que tinha acontecido à mãe e a Herta eram muitíssimo fortes. O instinto de Fritz era testar o homem de alguma forma. Mas com que objectivo? Se Wocher era um informador nazi, qual seria a vantagem de o provar? Acabaria à mesma no *Bunker*.

Fritz voltou a discutir o assunto com Stefan Heymann. Stefan sabia que Fritz faria sempre o que lhe aprouvesse, por isso disse-lhe que a decisão era dele e que não podia ajudá-lo.

Não muito tempo depois, Wocher referiu, por acaso, que estava prestes a ir de folga. Aqui estava a oportunidade de Fritz. Wocher mencionara que ia passar por Brno e Praga, a caminho de Viena, por isso, no dia seguinte, Fritz veio trabalhar com um par de cartas dirigidas a moradas fictícias em ambas as cidades checas, afirmando ter lá família. Wocher ficou feliz por as levar e prometeu entregá-las pessoalmente. (Não as confiava ao sistema postal, que estava sujeito a espionagem.) Fritz imaginou que se Wocher fosse falso, naturalmente não se daria ao trabalho de tentar entregar as cartas e não descobriria que as moradas não eram reais.

Quando Wocher voltou ao trabalho, uns dias mais tarde, estava lívido. Tinha tentado entregar ambas as cartas e não tinha conseguido encontrar nenhuma das moradas. Assumiu que Fritz o tinha enganado apenas para fazer dele parvo e estava magoado, além de zangado. Fritz desculpou-se, mas escondeu a sua felicidade e alívio. Agora tinha quase a certeza absoluta de que Wocher não era um agente provocador.

Começou a revelar-lhe mais sobre o que Auschwitz era de facto, descreveu como os judeus vinham em transportes da Alemanha, Polónia, França, Holanda e países de Leste; sobre as selecções em Birkenau: como crianças, velhos, indesejáveis e a maioria das mulheres eram enviados para as câmaras de gás enquanto os outros se tornavam escravos. Wocher tinha visto partes disso por si próprio. Agora, compreendia os longos comboios de vagões fechados que via chegarem de Sudeste ao longo dos caminhos-de-ferro, para lá de Monowitz, em direcção a Oświęcim. Na fábrica tinha ouvido civis a falar sobre esse tipo de coisas e começava a perceber que tinha perdido muita coisa enquanto estivera na Frente⁴.

Era difícil não ver o que se passava. Como um cancro metastizado, Auschwitz estava a espalhar-se e a crescer. Tinham sido iniciadas mudanças e expansões e Auschwitz III-Monowitz era agora o centro administrativo de um número crescente de subcampos que cresciam como pústulas nos terrenos em torno de Buna Werke. Tinha sido instalado um comandante acima do director do campo, Schöttl, um capitão pálido e de olhar vazio chamado Heinrich Schwarz, que gostava de participar em espancamentos e no assassinio de prisioneiros, ficando a espumar de raiva durante o processo. Schwarz era um devoto da Solução Final e enfurecia-se com Berlim quando diminuía o fluxo de judeus em Auschwitz⁵.

Agora, os novos transportes para os subcampos que serviam a IG Farben às vezes vinham directos para Monowitz e, pela primeira vez, Fritz viu com os seus próprios olhos aquilo que antes só tinha ouvido contar – as pessoas desnorteadas a serem conduzidas em manada dos vagões de carga para um terreno perto do campo, carregadas de bagagem. Homens, mulheres e crianças, a pensar que tinham vindo para ser realojadas⁶. Muitos estavam assustados, outros felizes e aliviados por encontrar de novo amigos entre a multidão, após dias nos sufocantes vagões. Os homens fortes eram separados e encaminhados para o campo, enquanto as mulheres, crianças e idosos voltavam a ser colocados no comboio, que seguia para Birkenau.

Em Monowitz os homens eram obrigados a despir-se na praça para a chamada. Muitos tentavam esconder pertences valiosos, mas eram quase sempre apanhados. Eram todos levados para o bloco de armazéns conhecido como «Canadá» (que se pensava ser uma terra de ricos), para serem escolhidos e examinados. O destacamento de prisioneiros responsável por manusear as pilhagens, a trabalhar sob supervisão apertada dos SS, passava tudo a pente fino, como prospectores a garimpar terra, à procura de costuras abertas que pudessem esconder valores⁷.

Fritz ficou particularmente interessado nos recém-chegados que vinham do gueto de Theresienstadt, muitos dos quais eram originários de Viena. Implorava-lhes por novidades de casa, mas eles tinham pouco para contar. Chegaram mais novidades quando começaram a chegar os deportados directamente de Viena. Agora, virtualmente todos os judeus registados tinham desaparecido da cidade e as autoridades nazis tinham começado a deportar *Mischlinge*, pessoas nascidas de casamentos entre judeus e arianos e que, portanto, eram ambos e nenhum. Era frustrante, mas ninguém lhe conseguia dizer nada sobre os seus restantes familiares e amigos, se é que algum ainda estava vivo.

Quando Alfred Wocher mencionou que em breve ia a Viena de folga, Fritz viu a sua oportunidade. Sentia que podia confiar nele agora e esperava que a confiança fosse mútua. Fritz deu-lhe a morada da sua tia Helene, que vivia em Viena-Döbling, um subúrbio do outro lado do canal do Danúbio em frente a Leopoldstadt. Ela tinha casado com um ariano e fora baptizada cristã. O marido de Helene era agora um oficial nas Wehrmacht e, por enquanto, continuava em segurança. O filho, Viktor, era o primo a quem Kurt tinha furtado a faca de caça. Em vez de escrever uma carta, Fritz passou a Wocher uma mensagem verbal: informá-la apenas de que ele e o pai ainda eram familiares vivos. Wocher anotou a morada e partiu.

Regressou uns dias mais tarde. A missão não tinha sido muito mais frutífera que a anterior. A morada era genuína, mas a senhora que tinha aberto a porta tinha sido definitivamente pouco amigável. Negou qualquer conhecimento de alguém de nome Kleinmann e bateu-lhe com a porta na cara.

Fritz estava perplexo e interrogou Wocher. Ele tinha a certeza de ter ido à morada certa? Acabou por descobrir o que tinha corrido mal. Ele não se tinha apercebido que, quando estava longe da fábrica, Alfred Wocher voltava a vestir o uniforme do exército. Ao aparecer à porta da tia Helene, a perguntar pelas suas relações judaicas, deve ter assustado a pobre mulher de morte. Na realidade, era ainda pior do que Fritz adivinhara. O marido oficial de Helene tinha morrido na guerra e ela sentia-se terrivelmente exposta sem a protecção que o estatuto dele lhe dava.

Uma coisa pelo menos tinha resultado disto: agora Fritz confiava completamente em Alfred Wocher.

Quando chegou o Natal e Wocher voltou a regressar a Viena para a época de férias, Fritz deu-lhe mais moradas de alguns amigos não judeus do pai, do bairro em torno do Karmelitermarkt. Também lhe deu a morada do velho apartamento, em Im Werd e uma carta para a mãe⁸. Apesar de tudo, não conseguia perder a esperança por completo. Ele precisava de acreditar que ela e Herta estavam vivas e bem. Alguém devia saber.

חברים

Leopoldstadt tinha perdido a sua chama. As lojas anteriormente detidas pelos judeus ainda estavam vazias, negócios entaipados, casas vazias. Quando Alfred Wocher subiu as escadas do edifício em Im Werd 11, metade dos apartamentos estava desocupada⁹. Lá se ia a teoria dos nazis de que os judeus estavam a ocupar espaço que era necessário para os verdadeiros alemães.

Não houve resposta quando tocou no número 16. A porta provavelmente nunca mais tinha sido aberta desde que Tini Kleinmann rodou a chave na fechadura, em Junho de 1942. Wocher foi perguntar a alguns dos outros apartamentos e acabou por se cruzar com um homem chamado Karl Novacek, que tinha sido amigo de Gustav. Karl, que trabalhava como projeccionista de cinema, era um dos poucos amigos não judeus que se tinha mantido fiel aos Kleinmann durante as perseguições dos nazis¹⁰. Ficou muito feliz por saber que Gustav e Fritz ainda estavam vivos.

Não foi o único. Havia outros amigos verdadeiros na mesma rua – Olga Steyskal, uma lojista que tinha um apartamento no edifício ao lado, e Franz Kral, um serralheiro. A reacção deles foi a mesma de Karl. Assim que souberam as notícias, os três amigos apressaram-se através da rua até ao mercado e regressaram com cestos de comida para Wocher levar para Auschwitz. A novidade também chegou à prima de Fritz, Karoline Semlak – Lintschi, como era conhecida –, que vivia a algumas ruas de distância. Lintschi tinha-se tornado uma cristã ariana por casamento, mas, ao contrário da pobre tia Helene, em Döbling, não tinha problemas em expor as suas ligações judaicas. Arranjou um cabaz de comida e escreveu uma carta a que juntou fotografias dos filhos. Olga, ou Olly, como lhe chamavam os amigos, também escreveu uma carta a Gustav. Ela sempre gostara muito dele, como ele dela. Poderia ter dado faísca entre eles se ele não fosse já casado.

Era uma ocasião incongruente e improvável: um grupo de amigos arianos e uma judia convertida a dar pacotes a um soldado da Baviera, no seu uniforme das Wehrmacht, com os braços cheios de presentes cheios de amor para dois judeus em Auschwitz. Era estranhamente belo, mas criou um problema a Wocher: as encomendas de comida enchiam duas malas. Entregar tudo em segurança a Fritz ia ser um enorme desafio.

De regresso a Auschwitz, contrabandeou os presentes para dentro da fábrica por etapas e distribuiu-os. A comida era muito bem-vinda, mas ainda mais precioso para Fritz era ter notícias de Lintschi e dos amigos. Ele perguntou avidamente sobre a mãe e a irmã, mas Wocher abanou a cabeça. Toda a gente com quem falara disse o mesmo: Tini Kleinmann e a filha tinham partido aquando das deportações para Ostland e nunca mais souberam delas. O desapontamento de Fritz era pungente. Mas agarrou-se à mais pequena hipótese de não estarem mortas. As suas tias, Jenni e Bertha, tinham

sido deportadas num dos últimos transportes a sair de Viena para Minsk no Setembro anterior. Jenni não tinha família própria, além do seu gato que falava, mas Bertha tinha deixado para trás a filha, Hilda (que estava casada com um não judeu), e um neto¹¹.

Depois de partilhar a maior parte da comida entre os colegas, Fritz levou o resto e as cartas para o pai. Apesar das notícias desmoralizantes sobre Tini e Herta, Gustav ficou enternecido por saber dos amigos. A sua natureza rebelou-se contra a perda da esperança e ficou feliz por pensar que poderia escrever a pessoas que amava.

A reacção de Gustl Herzog e de Stefan Heymann foi muito mais alarmante quando Fritz lhes contou o que tinha feito. Apesar da sua confiança pessoal em Alfred Woher, Stefan, em particular, estava profundamente desconfiado. Aconselhou Fritz a não se envolver mais com o alemão.

Fritz seguiu a sua própria intuição. O respeito que tinha por Stefan era grande, mas as suas saudades do velho mundo e da sua família eram maiores.

Longe de casa

אבא

«Querida Olly», escreveu Gustav.

A tua amável carta para mim é recebida com muitos agradecimentos e tens de me perdoar por te deixar tanto tempo sem notícias minhas e do Fritz, mas tenho de ter muito cuidado em não te causar problemas. Pela tua amável encomenda agradeço-te vezes sem conta [...] Fico tão feliz por ter tão bons e amáveis amigos quando estou tão longe de casa¹.

Era o terceiro dia do ano de 1944 e havia no ar um ténue sopro de esperança. O lápis de Gustav viajava depressa sobre o papel quadriculado.

Acredita quando te digo, querida Olly, que através dos anos sempre recordei as horas maravilhosas que passei contigo e todos os teus entes queridos, e que nunca me esqueci de vocês. Quanto a mim e ao Fritz, os anos foram difíceis, mas devo à minha força de vontade e à minha energia, ter tido sempre vontade de continuar.

Se me for permitido voltar a ter contacto contigo e com os teus entes queridos, isso compensará aquilo que tenho andado a perder – o não ter notícias sobre a minha família há dois anos e meio [...] Mas não me vou deixar abater por isso, porque um dia vou reencontrá-los. Quanto ao que me diz respeito, querida Olly, ainda sou o velho Gustl e tenciono permanecer assim [...] De qualquer modo, garanto-te, minha querida, que onde quer que esteja estou sempre a pensar em ti e em todos os meus queridos amigos. Despeço-me com os votos e os beijos mais sinceros. Os teus Gustl e Fritz.

Gustav dobrou as páginas e colocou-as num envelope. Fritz ia levá-lo às escondidas para a fábrica na manhã seguinte e entregá-lo ao amigo alemão. Mais uma vez, o seu rapaz tinha-se excedido em coragem e iniciativa. Não havia como restringi-lo. Tudo o que Gustav podia fazer era esperar que ele não voltasse a atrair problemas para si próprio.

Enquanto as semanas passavam, Fritz levava a Fredl Wocher cartas de outros prisioneiros de Viena, sobretudo judeus com mulheres arianas em casa. Tinham o cuidado de escrever de uma forma que não incriminasse nem o remetente nem o destinatário se fossem interceptadas pela Gestapo.

בן

Passar cartas não era a única forma como Fritz subvertia o sistema para benefício dos seus camaradas. O negócio de bónus era mais um.

Auschwitz tinha introduzido recentemente os cupões de bónus para trabalhadores exemplares. Disponíveis apenas para prisioneiros não judeus com ocupações de estatuto elevado², podiam ser trocados por artigos de luxo, como tabaco ou papel higiénico, na cantina dos prisioneiros. O sistema – que era uma ideia de Himmler – deveria aumentar a produtividade, mas na prática os *kapos* usavam muitas vezes os cupões como forma de recompensar favores especiais em vez do bom trabalho³.

Para muitos, a principal atracção dos cupões era poderem ser usados para pagar visitas ao bordel do campo. Esta instalação era outra iniciativa de Himmler para recompensar a produtividade. Encontrava-se rodeado por uma vedação de arame farpado, perto das cozinhas, e era eufemisticamente conhecido como «bloco das mulheres»⁴. As mulheres eram prisioneiras de Birkenau – alemãs, polacas, checas, nenhuma judia – que se tinham «voluntariado» com a promessa de, a seu tempo, lhes darem a liberdade. Havia uma lista de espera de clientes no bordel e só prisioneiros arianos com cupões de bónus podiam candidatar-se. Na admissão, era dado ao cliente uma injeção contra doenças venéreas e um homem das SS atribuía a mulher e o quarto. Durante o dia, quando o bordel estava fechado, às vezes as mulheres eram vistas a dar passeios fora do campo, sempre escoltadas por um *Blockführer*.

Enquanto ariano oficial, Gustav recebia cupões de bónus, mas não os usava. O director do campo, Schöttel, que tinha gostos perversos, retirava prazer de ouvir as descrições minuciosas dos prisioneiros sobre as suas actividades com as mulheres, mas embora tivesse tentado várias vezes convencer Gustav a ir ao bordel, ele recusara sempre, desculpando-se com a sua idade avançada. (Tinha apenas 52 anos, mas pelos padrões do campo isso fazia dele um verdadeiro ancião; quase ninguém vivia tanto.)

Como também não fumava, Gustav não tinha necessidade especial dos seus cupões, por isso, dava-os a Fritz, que os trocava no mercado negro.

Fritz tinha cultivado conhecimentos com os *kapos* que mandavam na cozinha e no armazém Canadá, onde os bens pilhados aos prisioneiros eram mantidos. Ambos os homens eram muito corruptos e viciados no bordel. Em troca dos cupões, Fritz recebia pão e margarina da despensa e valiosas roupas – camisolas, luvas, lenços e qualquer coisa quente. Levava o seu tesouro de volta para o bloco e partilhava as coisas com o pai e os amigos.

Ele estava consciente, de forma desconfortável, que o seu negócio estava dependente da exploração das mulheres no bordel. Num ambiente tão hostil, a filantropia de um tinha de ser às custas do sofrimento de outro. As mulheres acabaram por ser substituídas por uma nova fornada de raparigas polacas mais jovens. O grupo original, que tinha aguentado meses de degradação sob a promessa de liberdade, foi enviado para Birkenau. Nunca foram libertadas⁵.



Na Primavera e no início do Verão de 1944, começou a ser notória uma alteração no carácter de Auschwitz. Gustav registou no seu diário que Monowitz estava a receber um fluxo constante de novos prisioneiros, quase todos jovens judeus da Hungria. Traziam com eles uma melancolia no olhar vazio, bem como notícias de Leste que, na opinião de Gustav, indicavam que a guerra estava a correr muito mal para os alemães.

Em Março, a Alemanha tinha invadido o seu antigo aliado, a Hungria. Alarmado pelo desmoronamento constante das forças alemãs na Frente Leste, bem como a probabilidade de haver uma invasão anglo-americana no Noroeste da Europa, o governo húngaro tinha começado a fazer

negociações secretas de paz com os Aliados. Aos olhos da Alemanha, isto era uma traição devastadora. Hitler respondeu com fúria avassaladora, invadiu o país e tomou controlo do exército.

A Hungria tinha uma população de cerca de 765 000 judeus⁶. As suas vidas tinham sido arruinadas pela exclusão e pelo anti-semitismo, mas até então não tinham sofrido na pele. Agora, de repente, eram atirados para o fosso.

A perseguição sistemática começou a 16 de Abril, o primeiro dia da Páscoa judaica, a celebração tradicional da libertação divina da escravatura⁷. As unidades Einsatzgruppe, reforçadas pela polícia húngara, começaram a escoltar centenas de milhares de judeus para campos improvisados e guetos. Era tudo feito de forma rápida, eficiente e selvagem. As SS enviaram para o comando dois dos seus oficiais mais experientes: Adolf Eichmann, que tinha desenvolvido a sua perícia com a deportação de judeus de Viena; e Rudolf Höss, o antigo comandante de Auschwitz.

Os primeiros transportes saíram da Hungria em direcção a Auschwitz no final de Abril, com 3800 judeus, mulheres e homens. À chegada, a maioria foi para as câmaras de gás⁸. Eram a primeira gota de uma inundação humana. Para aumentar a eficiência, a «velha rampa dos judeus», em Oświęcim, foi substituída por uma linha de caminho-de-ferro construída até ao campo de Birkenau, com uma rampa de descarga com quase meio quilómetro de comprimento.

Gustav conheceu mais tarde algumas das mulheres húngaras que chegaram a Auschwitz pela rampa e elas descreveram-lhe em pormenor o que acontecia.

Na terça-feira, dia 16 de Maio, todo o campo de Birkenau foi colocado em isolamento. Os prisioneiros foram fechados nos seus blocos sob vigilância. As únicas excepções eram os *Sonderkommando* e, incongruentemente, a orquestra do campo. Pouco depois, um longo comboio chegou a deitar vapor e a guinchar sobre os carris, passou por baixo do arco da portaria de tijolo e parou na rampa. As portas abriram-se e, de cada vagão, saíram cerca de 100 pessoas. Velhos e novos, mulheres, homens, crianças. Quase ninguém fazia ideia do tipo de sítio para onde tinham vindo e muitos desembarcaram com alívio, cansados e desorientados, mas com esperança⁹. Quando os *Sonderkommando*, com os seus uniformes de riscas, se movimentaram entre eles, não tiveram medo. O som da música da orquestra adicionava uma atmosfera inofensiva.

Depois veio a selecção. Toda a gente com mais de 50 anos, toda a gente que fosse fraca ou estivesse doente, crianças e as suas mães, mulheres grávidas, todos foram enviados para um lado. Os homens e as mulheres saudáveis entre os 16 e os 50 anos – cerca de um quarto do total – foram para o outro. Ao longo do dia chegaram mais dois comboios da Hungria. Mais duas selecções, milhares de almas enviadas para a esquerda ou para a direita. Os que eram destinados a trabalhar foram rotulados como «Judeus em Trânsito» e enviados para uma área do vasto campo. Os outros foram escoltados para dentro dos edifícios baixos entre as árvores, no final dos carris de caminho-de-ferro, de onde um fumo de cheiro nauseabundo saía das chaminés de noite e de dia¹⁰.

Entraram em Birkenau cerca de 15 mil judeus húngaros naquele dia. O número exacto que foi assassinado nunca seria conhecido, porque nenhum, nem os mortos nem os escravizados, foi alguma vez registado como sendo prisioneiro de Auschwitz ou recebeu um número¹¹. Era suposto que nem sequer os que foram distribuídos pelos campos de trabalho sobrevivessem muito tempo.

Foi o início de uma escalada monstruosa que marcaria o pico – ou antes, o momento mais baixo – de Auschwitz enquanto local de extermínio. Entre Maio e Julho de 1944, a organização de Eichmann enviou 147 comboios para Auschwitz¹². Chegaram a Birkenau a um ritmo de até cinco por dia, sobrecarregando o sistema. Câmaras de gás adicionais, que tinham estado desactivadas, voltaram a funcionar. Eram quatro no total e funcionavam sem parar. Novecentos operacionais *Sonderkommando*, com excesso de trabalho e traumatizados, escoltavam as mulheres, homens e crianças em pânico, nus, para dentro das câmaras de gás e a seguir carregavam os cadáveres para fora. O destacamento Canadá enchia bloco atrás de bloco com roupas, valores e malas de pertences pilhados. O crematório não conseguia dar vazão ao gigantesco número de mortos e foram abertas valas onde os corpos eram queimados. Os SS andavam num frenesim. A pressa para assassinar cada fornada de recém-chegados era tão grande que as câmaras de gás eram abertas enquanto algumas vítimas ainda respiravam. Os que se mexessem levavam um tiro ou eram mortos à paulada. Outros eram atirados para as valas de fogo ainda meio vivos¹³.

Muitos dos homens e mulheres que passavam na selecção eram enviados para Monowitz. Gustav via-os chegar com uma simpatia sombria. «Muitos já não têm pais, porque esses ficam em Birkenau», escreveu ele. Apenas uma minoria era como ele e Fritz – um pai e um filho juntos, ou uma mãe e uma filha. Teriam sorte e força para sobreviver, como ele e Fritz tinham tido? Vendo o seu estado de desolação, parecia improvável. Muitos já exibiam os sintomas de depressão da transformação em *Muselmänner*. «Que capítulo tão triste», escreveu Gustav.

אבא

Em meados de 1944, o destacamento de estofamento de Gustav tinha sido instalado em Buna Werke. Era tal o nível de influência de que ele agora desfrutava que tinha conseguido transferir Fritz para trabalhar com ele¹⁴.

Os primeiros meses do ano tinham sido duros: um Inverno feroz com muita neve e surtos de febre e de disenteria. Tinham ambos ficado doentes e passado algum tempo no hospital, em perigo constante de serem seleccionados para a aniquilação. Gustav tinha sido o primeiro a adoecer e fora admitido com dezenas de outros em Fevereiro. Passou lá oito dias e recuperou mesmo a tempo de escapar a uma selecção em que vários dos homens internados foram enviados para as câmaras de gás. Outro surto da doença, em finais de Março, enviou Fritz para o hospital durante mais de duas semanas¹⁵.

Agora que estava sediado na fábrica, Gustav fora finalmente apresentado a Fredl Wocher, o benfeitor, que tinha a confiança absoluta dele e de Fritz.

Para Fritz, estar na oficina do pai significava um retomar da sua aprendizagem como estofador, que fora interrompida pela *Anschluss* de 1938. Trabalhavam sob as ordens de um mestre civil de Ludwigshafen. «Ele é OK», escreveu Gustav, «e apoia-nos sempre que pode. O homem é tudo menos nazi.»

As lealdades dos alemães estavam cada vez sob maior pressão quando, com o decorrer da guerra, começaram a enfrentar uma possível derrota e a realidade de que o regime nazi estava acabado. A 6 de Junho, começou a há muito antecipada invasão da França pelas forças dos Aliados. Entretanto, o Exército Vermelho pressionava, incessante, de Leste.

Em Julho, os russos entraram em Ostland, cercaram Minsk e capturaram a região onde se encontraram os restos de Maly Trostinets. O pequeno campo fora abandonado em Outubro de 1943, após servir o seu propósito. A 22 de Julho, as unidades que avançavam pela Polónia Oriental, capturaram o enorme campo de concentração de Majdanek, nos arredores de Lublin, o primeiro campo de grande escala a cair nas mãos dos Aliados. Encontraram-no virtualmente intacto, com as câmaras de gás e o crematório e os cadáveres das vítimas. As descrições das testemunhas correram mundo e apareceram em jornais que iam desde o *Pravda* ao *New York Times*. Nas palavras de um correspondente de guerra russo, o horror era «demasiado grande e demasiado macabro para ser totalmente imaginado»¹⁶.

A pressão estava a aumentar entre os governos dos Aliados – que já tinham informação bastante pormenorizada sobre os campos, incluindo Auschwitz – para que fosse feita alguma coisa para ajudar de forma directa. Eram sugeridos *raids* aéreos com bombas contra as instalações dos campos e das redes de caminho-de-ferro. Os comandantes das forças aéreas aliadas avaliaram e rejeitaram a ideia: não era uma forma viável de utilização dos seus recursos, disseram, que estavam na totalidade envolvidos no bombardeamento estratégico e no apoio aéreo ao avanço dos exércitos. E ficou por aí¹⁷.

No entanto, as SS estavam bem conscientes de que alguns campos estavam localizados perto de infra-estruturas industriais estratégicas, que estavam em sério risco de ser bombardeadas, como Buna Werke, em Auschwitz, que estava dentro do raio de ataque dos bombardeiros de longo alcance dos Aliados. As SS de Auschwitz decidiram implementar algumas precauções antiaéreas¹⁸. Foram instalados abrigos em Buna Werke e foi implementada uma política de *blackout* em todo o complexo de Auschwitz. A tarefa de equipar as fábricas para o *blackout* recaiu sobre Gustav Kleinmann, que foi retirado do trabalho de estofamento e colocado como encarregado de produzir cortinas de *blackout*. Deram-lhe uma oficina com máquinas de costura e uma equipa de 24 prisioneiros, sobretudo jovens judias, «tudo gente bem-comportada e de confiança». Enquanto a equipa de Gustav fazia as cortinas, Fritz auxiliava os civis que as instalavam.

Gustav trabalhava sob a direcção de um civil chamado Ganz, um socialista, que passava pela oficina para conversar e partilhar o seu almoço. Ganz era bastante diferente de alguns dos seus colegas chefes nesta parte da fábrica, que viviam com terror das SS e insistiam que o *Führer* sabia o que estava a fazer. Alguns eram nazis radicais que faziam queixa de qualquer confraternização ao engenheiro responsável, outro hitleriano leal.

Algumas das mulheres polacas da oficina de isolamento vizinha faziam contrabando de pão e de batatas para os prisioneiros judeus da oficina das cortinas de *blackout*. Onde arranjavam a comida era um mistério, porque as suas próprias rações não eram muito abundantes. Também recebiam presentes de dois instaladores checos de cortinas, que funcionavam como mensageiros para os judeus checos, à semelhança do que Alfred Wocher fazia por Fritz, levando cartas aos amigos em Brno e trazendo de volta presentes como banha e *bacon*.

A generosidade era grande, mas as quantidades, face aos milhares de necessitados, eram pequenas. Todos, excepto os judeus ortodoxos, recebiam com gratidão o *bacon* e outros alimentos não *kosher*, tendo deixado há muito os elementos mais rígidos da sua fé¹⁹. Alguns, como Fritz, tinham abandonado

completamente a sua religião, parecendo-lhes impossível continuar a acreditar num Deus que se importasse com os judeus.

As mulheres na oficina de Gustav, que tinham estado em Birkenau, contaram-lhe o que lá se passava. Quatro alfaiates húngaros, designados para o seu destacamento de cortinas, descreveram as perseguições em Budapeste. Tinham sido como um tornado, muito mais rápidas e violentas do que em Viena. Os judeus húngaros, apesar de viverem sob o seu próprio governo anti-semita, tinham sido autorizados a manter o Sabat e a ir à sinagoga, tendo-se convencido de que as histórias que vinham da Alemanha eram exageradas. Depois chegaram os nazis e viram por si mesmos.

Durante quase dois anos, Gustav tinha absorvido as histórias que chegavam de Birkenau, mas o que estava a ocorrer agora era um novo nível de barbaridade. «O fedor dos corpos ardidos chega até à cidade», escreveu. Ele via todos os dias os comboios a passar por Monowitz, vindos de sudeste, com os vagões bem fechados. «Sabemos tudo o que se está a passar. São todos judeus húngaros e tudo isto no século ^{XX}.»

בן

Com a ajuda de Fritz, Schubert colocou a última cortina na janela do escritório. Tentou explicar ao gerente como usar as cortinas, mas era difícil. Schubert eram um alemão étnico da Polónia e falava alemão muito mal.

Ele e Fritz guardaram as ferramentas. Enquanto o faziam, os civis passavam a Schubert alguns pedaços de pão, com um sinal de cabeça para Fritz. Schubert agarrou neles discretamente e colocou-os na caixa de ferramentas de Fritz. Fritz colocou o monte de cortinas sobre o ombro e seguiram para o edifício seguinte. Schubert vinha da localidade de Bielitz-Biala, onde Gustav tinha trabalhado como ajudante de padeiro nos primeiros anos do século. Fritz gostava muito de andar por ali. Quase sentia o sabor da liberdade. Todos os dias, ele e Schubert voltavam para a oficina com as suas caixas de ferramentas cheias de restos de pão.

O seguinte edifício da lista ficava perto dos portões principais da fábrica, onde havia um posto de controlo gerido por um cabo das SS que os prisioneiros conheciam como *Rotfuchs*, Raposa Vermelha, por causa do seu cabelo ruivo e temperamento a condizer. Quando iam a passar, Fritz reparou que *Rotfuchs* estava a olhar com irritação para um grupo de judeus gregos que se encontravam sem fazer nada dentro dos portões. Fritz conseguia sentir que ia acontecer alguma coisa e desacelerou o passo. A raiva de *Rotfuchs* levou a melhor, ele abandonou o posto de controlo, marchou até aos gregos e começou a gritar com eles para voltarem para o trabalho. Nenhum deles falava alemão e não faziam ideia do que ele estava a dizer. Começou a espancá-los violentamente com a coronha da espingarda.

Fritz não conseguiu ficar quieto. Largou tudo, começou a correr e colocou-se entre *Rotfuchs* e as suas vítimas.

– Tem de voltar para o posto de controlo – disse, a apontar para o portão aberto. – Os prisioneiros podem fugir.

Outros SS podiam ter hesitado perante este alerta sobre o seu dever, mesmo vindo de um prisioneiro judeu. Mas não *Rotfuchs*. A sua cara pálida e inchada ficou vermelha de raiva.

– Faço o que bem me apetecer! – gritou ele.

Ouviu-se o clique da espingarda a ser armada e o cano foi apontado a Fritz.

Então era assim, após tantos anos, ia tudo acabar aqui, num momento de raiva pura, por causa de prisioneiros que ele nem sequer conhecia.

Nesse preciso instante, quando *Rotfuchs* ia puxar o gatilho, a espingarda foi empurrada por *Herr* Erdmann, um engenheiro com cargo de chefia que tinha sido atraído pelo barulho. Sem hesitar, Fritz deu meia volta e caminhou com determinação para um armazém de materiais próximo. Ele sabia bem que não devia ficar por ali.

Podia acontecer uma de duas coisas: ainda podia ser morto como castigo ou, pelo menos, ser chicoteado. Mas isso nunca aconteceu. *Herr* Erdmann apresentou uma queixa formal contra *Rotfuchs* junto da IG Farben, e o cabo foi transferido para um posto diferente. Os prisioneiros de Monowitz nunca mais o viram.

As acções de Erdman eram representativas dos sentimentos de muitos alemães. O pouco respeito que subsistia pelo regime nazi estava a ser destruído pela situação ainda pior em que Hitler tinha colocado a Alemanha. Muitos alemães receavam o que lhes aconteceria e os que trabalhavam em e à volta de Auschwitz, quanto mais sabiam sobre aquilo que as SS tinham de facto feito menos o conseguiam tolerar.

Com a facilidade em se mover dentro de Buna Werke graças às suas tarefas de colocação de cortinas, Fritz conseguia encontrar-se muitas vezes com Fredl Wocher. Numa dessas vezes, ele apresentou Fritz a alguns amigos que estavam colocados nas baterias antiaéreas instaladas no perímetro. Tinham mais rações do que necessitavam e deram a Fritz várias latas de carne e peixe em conserva, doce e mel sintético.

As ofertas de comida tinham-se tornado mais importantes do que nunca. Com a Alemanha atingida por falta de alimentos, todos os recursos estavam a ser canalizados para os militares nas linhas da Frente, enquanto os cidadãos tinham poucas rações e os prisioneiros nos campos de concentração não recebiam quase nada. O número de *Muselmänner* aumentou e as mortes por doença e por fome intensificaram-se, bem como as selecções para as câmaras de gás. Havia um limite para até onde a comida oferecida conseguia chegar, mas pelo menos ajudava alguns. Fritz e os seus camaradas mais bem alimentados davam as rações que lhes eram distribuídas no campo àqueles que estavam famintos.

Como distribuir a comida entre um número tão grande era uma preocupação constante de Fritz e as difíceis escolhas que era obrigado a fazer atormentavam-no. «Se partilhássemos com muitos, para cada um não haveria mais do que uma gota de água numa pedra quente.» Dar comida a um *Muselman*, tão faminto que bastava um olhar para saber que estaria morto dentro de dias, parecia um desperdício²⁰.

Fritz endurecia o coração contra os doentes terminais e os moribundos e dava a sua comida extra aos jovens. Havia três rapazes no seu bloco que tinham perdido os pais nas câmaras de gás. Um era o seu colega de brincadeira em Viena, Leo Meth, que no início tinha escapado aos nazis, ao ser enviado para França, apenas para cair na rede após a anexação alemã da zona de Vichy. Fritz dava-lhes a sua ração de pão e de sopa, bem como uma porção de salsicha e de outros enchidos doados

por pessoas nas fábricas. Na sua mente, era uma retribuição pela bondade que tinha recebido dos mais velhos quando era um rapaz vulnerável de 16 anos em Buchenwald.

Também Gustav fazia o que podia pelos prisioneiros jovens e pelos necessitados. Um dia, quando estava a ser registada uma nova fornada de prisioneiros recém-chegados, ouviu chamar o nome Georg Koplowitz. A mãe de Gustav tinha trabalhado para uma família judaica com o nome Koplowitz. Ela gostava deles e ficou por lá até à sua morte, em 1928. Intrigado, Gustav procurou este jovem e descobriu que era, de facto, filho da mesma família, o único sobrevivente da selecção em Birkenau. Gustav tomou Georg sob sua protecção, dava-lhe comida extra todos os dias e colocou-o numa posição segura como ajudante no hospital²¹.

O círculo de bondade ficava completo com os prisioneiros de guerra britânicos que eram forçados a trabalhar nas fábricas ao lado dos presos de Auschwitz. Vinham do campo E715, um subcampo de trabalho do Stalag VIII-B. Apesar de ser dentro da zona de Auschwitz controlada pelas SS, eles eram prisioneiros das Wehrmacht e eram os guardas das Wehrmacht que os escoltavam até ao trabalho e os vigiavam. Recebiam encomendas regulares de víveres através da Cruz Vermelha Internacional e partilhavam alguns dos conteúdos com os prisioneiros de Auschwitz, bem como notícias sobre a guerra, que ouviam na BBC em aparelhos de rádio secretos que tinham no seu campo. Fritz gostava sobretudo do chocolate deles, do chá inglês e dos cigarros *Player's Navy Cut*. Dado que eram bens de valor incalculável para os soldados britânicos, partilhá-los era um acto de grande generosidade. Estavam siderados com os maus-tratos que viam ser cometidos pelas SS e queixavam-se disso aos seus próprios guardas. «O comportamento dos prisioneiros ingleses de guerra para connosco rapidamente se tornou o falatório do campo», recordou Fritz, «e a ajuda que eles nos davam era de enorme valor.»

Por mais bem-vindas que as ofertas de comida fossem, ser apanhado com elas dava direito a ser chicoteado ou a passar dias sem comer nas celas em que tinham de ficar de pé, no *Bunker* do Bloco da Morte: salas pequenas, claustrofóbicas, em que era impossível sentarem-se. Havia um homem das SS em especial com quem convinha ter cuidado. O sargento Bernhard Rakers mandava nos destacamentos de trabalho em Buna Werke como se se tratasse do seu próprio pequeno reino, para encher os bolsos, assediar sexualmente as trabalhadoras e distribuir castigos selváticos²². Fritz, que andava com comida de contrabando na sua caixa de ferramentas, estava constantemente em risco de o encontrar. Rakers revistava com frequência os prisioneiros e a descoberta de qualquer tipo de contrabando valia ao culpado 25 chicotadas no próprio local. Não havia relatório oficial e o contrabando ia directo para os bolsos de Rakers.

Fritz e os outros procuravam novas e melhores formas de adquirir comida. Foram dois judeus húngaros que tiveram a engenhosa ideia de fazer e vender casacos.

Jenő e Laczi Berkovits eram irmãos, de Budapeste, ambos habilidosos alfaiates, que tinham sido enviados para o destacamento de cortinas *blackout* de Gustav²³. Um dia, num estado de excitação, abordaram Fritz e apresentaram o seu plano audacioso. O tecido preto que estavam a usar para fazer cortinas era grosso e resistente, revestido de um dos lados com impermeável. Faria gabardinas excelentes, que poderiam ser trocadas por um bom preço no mercado negro. Podiam ser trocadas por comida ou mesmo vendidas a civis por dinheiro.

Fritz apontou o problema óbvio: o *stock* de material das cortinas era cuidadosamente controlado e relacionado com o número de cortinas produzidas. Até os restos tinham de ser entregues a *Herr Ganz*. Jenő e Laczi desvalorizaram esse problema. Eles estavam convencidos de que conseguiriam desviar uma porção de tecido. Um alfaiate competente poderia organizar a utilização de material para que os casacos saíssem da percentagem normal de desperdício. Com o número de cortinas produzidas, isso faria muitos casacos. Fritz consultou o pai, que concordou em testar o plano.

Entre eles, os irmãos conseguiam fazer entre quatro e seis gabardinas por dia, sem aumentar consideravelmente o consumo de material. Enquanto isso, os outros trabalhadores da oficina de Gustav trabalhavam ainda mais para manter a produção de cortinas ao mesmo ritmo.

O esquema mal tinha arrancado quando teve um fim abrupto. Os irmãos perceberam que se tinham esquecido de um factor importante: não tinham botões, nem nada que pudesse ser usado como substituto. Andaram a perguntar e um dos checos que instalava as cortinas ofereceu-se para trazer um fornecimento na sua próxima viagem a Brno. Com esse problema resolvido, a produção foi retomada.

A distribuição era da responsabilidade de Fritz. Ele tinha feito amizade com duas mulheres civis polacas na oficina do isolamento ali ao lado, Danuta e Stepa, e elas levavam as gabardinas terminadas para o seu trabalho e vendiam-nas aos colegas. Outras eram vendidas a civis na fábrica. O preço por gabardina era um quilo de *bacon* ou meio litro de *schnapps*, que podia ser trocado por comida.

Os casacos, que eram bem feitos e práticos, depressa se tornaram populares, o que trouxe consigo o perigo acrescido de os SS repararem que, de repente, todos os civis usavam o mesmo vestuário preto. Este risco foi de alguma forma atenuado quando os engenheiros alemães e os gerentes começaram a adquiri-los. Esses homens influentes tinham agora interesse em fechar os olhos perante a operação. Desta forma, o número de prisioneiros que Fritz e os seus amigos conseguiam ajudar aumentou e mais vidas foram salvas.

Resistência e traição



Apesar de tudo o que fazia para salvar vidas, Fritz ansiava por uma forma mais directa de resistência. O que ele queria mesmo era lutar, e não era o único.

Constituir uma resistência armada contra as SS era impossível sem armas e apoio. Como as coisas estavam, a única forma de conseguir isso seria estabelecer contacto com os simpatizantes polacos nas montanhas Beskid. Podiam ser-lhes enviadas mensagens com alguma facilidade, mas desenvolver uma relação adequada requeria encontrarem-se pessoalmente. Alguém tinha de fugir.

Falou-se com os simpatizantes e, no início de Maio, uma equipa de cinco homens para fugir foi escolhida pelos líderes da Resistência do campo. O primeiro foi Karl Peller, um talhante judeu de 34 anos e um dos homens de Buchenwald. Depois foi Chaim Goslawski, o responsável do Bloco 48 que tinha cuidado de Fritz após a sua morte encenada. Como nativo da região, se alguém conseguia encontrar o caminho até aos simpatizantes, era ele. Havia também um judeu de Berlim cujo nome Fritz nunca soube, mais dois polacos conhecidos apenas por Fritz como Szenek e Pawel, que trabalhavam na cozinha do campo¹.

Fritz foi trazido para o círculo por Goslawski. O seu papel era obter, do armazém Canadá, roupas de civil para os fugitivos.

Todos os preparativos estavam feitos quando, uma manhã, na escuridão anterior à chamada, Goslawski veio ter com Fritz e lhe deu um pequeno pacote, mais ou menos do tamanho de um pão.

– Dá isto a Karl Peller – disse ele suavemente e desapareceu na escuridão².

Fritz escondeu o pacote debaixo do uniforme e voltou para junto dos colegas de bloco enquanto marchavam para a chamada. Ele tinha sido mantido fora do planeamento, mas adivinhou que o momento da fuga devia estar iminente.

Mais tarde, nessa manhã, nas suas rondas de instalação de cortinas, Fritz inventou uma desculpa para visitar o edifício de Buna Werke, onde Peller trabalhava, e passar-lhe o pacote. Ao meio-dia, Szenek e Pawel chegaram com a sopa do almoço para os prisioneiros. Fritz reparou que Goslawski tinha arranjado uma desculpa para os acompanhar. Todos os fugitivos estavam agora dentro da Buna Werke, que era muito menos vigiada do que o campo.

Fritz voltou para o trabalho e não viu mais nada. Aquando da chamada, naquela noite, os cinco homens – Peller, Goslawski, Szenek, Pawel e o berlinense – tinham desaparecido. Tinham simplesmente saído de Buna Werke usando os disfarces de civis que Fritz fornecera, e desaparecido. Enquanto os SS faziam uma busca, os prisioneiros foram mantidos na praça da chamada sob vigilância.

As horas avançavam. Passou da meia-noite, passaram as primeiras horas da madrugada e o amanhecer encontrou-os ainda de pé em sentido, rodeados por um cordão de sentinelas armadas. Passou a hora do pequeno-almoço. Um sussurro de agitação percorreu as fileiras: os SS não estavam apenas a procurar os cinco homens desaparecidos, mas também um prisioneiro não identificado que tinha sido visto a falar com Karl Peller no edifício onde este trabalhava, na manhã anterior.

O coração de Fritz parou de bater. Se fosse identificado, desta vez iria para o *Bunker* e para o Muro Negro. Apesar do medo, por dentro rejubilava. A fuga tinha sido bem-sucedida.

Os prisioneiros acabaram por ser obrigados a ir trabalhar. Lá foram eles, de barriga vazia, exaustos, mas com o moral elevado. Passaram dias e, apesar do rumor, ninguém identificou Fritz como a pessoa misteriosa que tinha falado com Peller. Decorreram três semanas sem uma notícia... e, depois, sem aviso, veio o golpe.

Os dois polacos, Szenek e Pawel, juntamente com o berlinense, foram trazidos de novo para o campo, maltratados e desgrenhados. A liderança da Resistência do campo soube que os três tinham sido presos por uma patrulha de polícia em Cracóvia³. Isto era um mistério – Cracóvia não ficava perto das montanhas Beskid. Na realidade, era quase na direcção oposta. E onde estariam Goslawski e Peller? Teriam conseguido juntar-se aos simpatizantes?

Naquela noite, durante a chamada, os três homens capturados foram colocados no *Bock* e chicoteados. E isso, surpreendentemente, foi o seu único castigo. Algum tempo mais tarde, quando foi enviado um transporte de polacos para Buchenwald, Szenek e Pawel seguiram nele⁴. O judeu de Berlim permaneceu em Monowitz.

A história toda acabou por se saber. Tendo tido demasiado medo de falar enquanto os dois polacos ainda estavam no campo, o berlinense revelou a um amigo o que tinha acontecido depois da fuga. O pacote que Fritz tinha levado de Goslawski a Karl Peller tinha estado na origem de tudo. Estava recheado com dinheiro e jóias roubadas do armazém Canadá, para servir de pagamento aos simpatizantes e garantir a sua assistência. Havia um encontro pré-acordado, mas Goslawski e Peller nunca lá chegaram. Na primeira noite, foram ambos assassinados por Szenek e Pawel, que ficaram com o saque para eles. O berlinense tinha tido demasiado medo para intervir.

Em vez de fugirem com o espólio, os três tinham decidido ir ao encontro. Quando lá chegaram, os simpatizantes estavam à espera. Não estavam contentes: tinham-lhes dito para esperar cinco homens – onde estavam os outros dois? Szenek e Pawel fingiram ignorância, mas os simpatizantes não ficaram satisfeitos com as desculpas e evasivas. Deram abrigo aos três homens durante uma semana, mas quando Goslawski e Peller continuaram a não aparecer, desfizeram o acordo. Os três homens foram levados para Cracóvia e abandonados. Perdidos e sem amigos, andaram a vaguear pelas ruas até serem apanhados pela polícia.

A confissão do berlinense chegou ao responsável pelo campo, que a passou à administração das SS.

Algumas semanas depois, Szenek e Pawel voltaram a aparecer em Monowitz, trazidos de Buchenwald por ordem das SS. Apareceu uma força na praça da chamada e os prisioneiros foram chamados para a parada.

Fritz e os camaradas marcharam até à praça para encontrar um cordão de tropas das SS em frente à força, com metralhadoras. Os prisioneiros formaram fileiras e, no silêncio que se seguiu, o comandante Schwarz e o tenente Schöttl subiram ao palanque.

– Tirar bonés! – ouviu-se a ordem pelos altifalantes.

Fritz e outros oito mil puseram o boné debaixo do braço. Pelo canto do olho, Fritz viu os dois polacos a chegar. Schöttl leu as sentenças para o microfone: ambos os homens eram condenados à morte pela fuga e por dois assassinios.

Fritz Szenek foi conduzido até à força e depois Pawel. À típica maneira das SS, não houve queda. Um nó fino era colocado no pescoço de cada homem e, depois, eram levantados de repente no ar, a espernear e com o corpo a contorcer-se cada vez com menos força. Ao fim de minutos, acabaram por ficar imóveis⁵. Tendo dado uma lição educativa aos prisioneiros, o comandante dissolveu a parada.

Toda a situação desastrosa enfraqueceu a Resistência de Monowitz. Não só tinham perdido Goslawski e Peller, como todas as velhas tensões e desconfianças entre judeus polacos e alemães se reacenderam.

Também tornou as SS violentamente paranóicas. Pouco tempo depois, afirmaram ter descoberto um plano de fuga no destacamento que colocava telhados. Os suspeitos foram levados para o *Bunker* da Gestapo e sujeitos a horrível tortura. Sob as ordens do comandante Schwarz, foram enforcados, numa repetição do mesmo pavoroso ritual⁶. Seguiram-se mais enforcamentos.

Para Fritz, este foi um dos períodos mais desanimadores de todo o tempo que esteve em Auschwitz. No entanto, ainda não tinha visto o pior.

אחים

Ao final da tarde de domingo, 20 de Agosto, as primeiras bombas caíram de um céu azul sem nuvens – 127 bombardeiros americanos, a voar a partir de uma base em Itália, desenhando um pente de trilhos de fumo oito quilómetros acima de Auschwitz, largaram 1336 bombas, cada uma com um quarto de tonelada de aço e de explosivos⁷. Rebentaram no meio e no extremo leste de Buna Werke.

Enquanto os SS se escondiam nos seus *bunkers*, os prisioneiros tiveram de correr o risco ao ar livre, entre o brutal som das explosões, com os impactes a sacudir-lhes os corpos. As baterias antiaéreas em torno do perímetro responderam com um barulho ensurdecedor. Os prisioneiros a trabalhar nas fábricas atiraram-se para o chão para se protegerem e rejubilaram. «O bombardeamento foi um dia mesmo muito feliz para nós», recordou um deles. «Pensámos que sabiam de nós e que estavam a fazer preparativos para nos libertar.» Outro disse: «Gostámos mesmo do bombardeamento [...] Queríamos ver um alemão morto. Assim poderíamos dormir melhor, depois da humilhação de nunca podermos retaliar.»⁸

Os bombardeiros deixaram o solo, dentro e em torno de Buna Werke, cheio de crateras fumegantes. A maioria das bombas não tinha acertado em nada, mas alguns edifícios nas fábricas de óleo sintético e de alumínio tinham sido danificados, bem como vários barracões, oficinas e escritórios. Algumas bombas tinham aterrado nos campos em torno do complexo da fábrica, incluindo Monowitz. Morreram 75 prisioneiros no *raid* e mais de 150 ficaram feridos⁹.

Muitos prisioneiros judeus ficaram eufóricos ao verem os SS aterrorizados, mas alguns sentiram o oposto. O jovem italiano Primo Levi, que tinha chegado a Monowitz em Fevereiro, acreditava que o bombardeamento tinha reforçado a vontade dos SS e criado uma solidariedade entre eles e os civis alemães de Buna Werke. Além disso, os danos causados pelas bombas interromperam o fornecimento de água e de comida ao campo¹⁰.

A Resistência ficou desapontada. O aparecimento de bombardeiros tinha desencadeado a especulação de que os Aliados poderiam começar a lançar soldados armados de pára-quedas. Mas embora se tivesse visto de novo aviões americanos, bem alto, em algumas ocasiões, não caíram nem bombas nem pára-quedas. Eram voos de reconhecimento, a fotografar com cuidado as fábricas da IG Farben e o complexo de Auschwitz.

O que de facto ocupava as mentes e os debates da Resistência era o avanço imparável do Exército Vermelho, a partir de leste. Tinham razões para temer que, quando chegasse a altura, os SS realizariam uma aniquilação em massa de todo o campo, assassinando todos os prisioneiros antes que pudessem ser libertados. Era o que tinham feito em Majdanek.

As tentativas de fuga continuaram. Em Outubro, quatro prisioneiros de um destacamento de trabalho no exterior subjugaram o guarda das SS, agarraram-lhe na espingarda e destruíram-na antes de fugirem¹¹. Outro homem saiu do campo num uniforme de SS roubado. Conseguiu chegar a Viena antes de os nazis o apanharem e morreu num tiroteio com a Gestapo.

As acções individuais eram inspiradoras, mas a resistência judaica – incluindo Fritz – queria mais. Agora que as relações com os polacos tinham azedado, seria impossível contactar os simpatizantes. Em vez disso, foi sugerido que tentassem contactar o Exército Vermelho. Para o fazer, tinham de construir uma relação com os prisioneiros de guerra russos detidos num recinto à parte em Monowitz. Podiam ser abordados através de alguns dos judeus russos que a Resistência conhecia. Seria difícil, porque não havia comunistas ou judeus leais entre os prisioneiros de guerra – tinham sido todos imediatamente mortos na captura –, portanto, havia pouca margem. Ainda assim, Fritz e os outros tinham de tentar. Um dos judeus arianizados acabou por conseguir escapar com um punhado de russos. Toda a gente aguardou com ansiedade por novidades e, quando não chegaram nenhuma, acharam que ele tinha conseguido evitar a captura.

Isto deu à Resistência alguma esperança, mas muito ténue. Sentado nas reuniões, Fritz sentia uma crescente impaciência. Os seus pensamentos ainda estavam em ripostar quando o massacre final começasse. Esperar pela ajuda russa parecia-lhe vão e desadequado. «Se for para sermos massacrados, pelo menos levamos alguns homens das SS connosco», argumentava. Fritz revia estes pensamentos vezes sem conta na cabeça, mas sem ter nenhuma ideia de como o fazer, mantinha-os para si mesmo.



Em Setembro, os bombardeiros americanos regressaram, com a fábrica de óleo de Buna Werke na mira. Alguns desviaram-se e deixaram cair as bombas em Auschwitz I, onde por acaso atingiram as casernas das SS. Outra caiu numa oficina de costura e matou de imediato 40 prisioneiros. Algumas atingiram Birkenau, danificaram ligeiramente o caminho-de-ferro perto do crematório e mataram

cerca de 30 trabalhadores civis¹². A fábrica de óleo sofreu apenas danos ligeiros, mas cerca de 300 prisioneiros, que, como sempre, foram impedidos de entrar nos abrigos, ficaram feridos.

Alguns prisioneiros ficaram felizes por correr o risco. As selecções para as câmaras de gás decorriam agora semanalmente e, por vezes, eram despachadas até 200 pessoas de Monowitz de uma só vez¹³. As bombas americanas pareciam ser um prenúncio de libertação. Quanto tempo poderia demorar agora?

«Estamos a chegar ao Inverno, já o nosso sexto», escreveu Gustav quando começaram os primeiros gelos. «Mas ainda estamos aqui, ainda somos nós próprios.» As notícias que chegavam do exterior relatavam que os russos estavam num impasse perto de Cracóvia. «Continuo a pensar que a nossa estada aqui está prestes a terminar.»

Quanto tempo poderia a situação arrastar-se?

בן

– Quero que me arranjes uma arma.

Fredl Wocher ficou chocado. Ele e Fritz encontravam-se muitas vezes durante o dia. Por norma, Wocher passava ao amigo alguma comida ou, nas raras ocasiões em que tinha ido a Viena, uma carta ou uma encomenda.

– Arranjar-te o quê?

– Uma arma. Fazes isso por mim?

Wocher hesitou, mas não perguntou para que era. Não queria saber.

– Tenho de pensar nisso – disse com relutância. – É perigoso.

– Lembra-te de tudo o que fizeste por mim – disse Fritz. – Isto não vai ser mais perigoso do que o resto.

Wocher não estava convencido. Um soldado alemão condecorado a contrabandear armas para um prisioneiro judeu? Não era só perigoso, era insano.

Apesar da relutância do amigo, Fritz continuou a insistir. Se houvesse um massacre final em Auschwitz, como parecia cada vez mais provável, ele queria ao menos ser capaz de se defender e ao pai. Se conseguisse armas suficientes, talvez até conseguisse armar toda a Resistência.

Alguns dias mais tarde, encontraram-se de novo num canto sossegado. Wocher parecia excitado.

– ConseguiSTE arranjar? – perguntou Fritz ansioso.

Wocher abanou a cabeça.

– Não. Tenho uma ideia melhor. Devíamos fugir juntos, tu e eu.

O coração de Fritz parou, mas antes que conseguisse objectar, Wocher continuou. Tinha tudo planeado. Assim que estivessem fora do campo, iam para sudoeste, para a zona montanhosa do Tirol, na Áustria. Como era da Baviera, Wocher conhecia a região e conseguiria encontrar-lhes um refúgio seguro entre os camponeses da montanha. O Tirol ficava mesmo na confluência das duas frentes dos Aliados: as forças americanas e britânicas estavam a pressionar com força no Norte de Itália, enquanto o Terceiro Exército de Patton estava a dirigir-se para o Reno vindo de oeste. Num instante, ambos chegariam ao Tirol e Fritz e Fredl seriam libertados.

– É melhor do que esperar aqui na esperança de sobreviver – argumentou Wocher.

Tendo visto uma violência sem piedade na Frente Leste, ele sabia que a dureza do Exército Vermelho estava à altura de qualquer coisa de que as SS fossem capazes.

Fritz vacilou com a força do argumento do amigo. Mas abanou a cabeça.

– Está fora de questão.

– Porquê?

– Não vou deixar o meu pai para trás.

– Então levamo-lo connosco.

– Ele é demasiado velho para sobreviver a uma viagem como essa a pé.

Na realidade, Fritz não estava certo disso, mas, mesmo que fosse fisicamente possível, ele duvidava que o pai concordasse. Havia aqui demasiadas pessoas que dependiam dele e ele não as abandonaria. Havia outra questão: se Fritz fosse sem o pai, como era o seu *kapo*, Gustav poderia ser responsabilizado pela fuga.

– É impossível – disse Fritz. – Preciso é de uma arma. Arranjas-me uma?

O alemão acabou por ceder, com relutância.

– Vou precisar de dinheiro – disse. – Marcos alemães não dá, tem de ser dólares americanos ou francos suíços.

בן

A primeira pessoa que Fritz tentou como potencial fonte de dinheiro foi Gustl Täuber, que trabalhava no armazém Canadá. Era um local assombroso, a abarrotar, cheio com prateleiras de sobretudos e casacos, calças dobradas, camisolas, camisas, montes de coisas variadas, sapatos, malas, tudo com um nome e uma morada pintadas – um Gustav ou um Fritz, um Shlomo ou um Paul, Frieda, Emmanuel, Otto, Chaim, Helen, Mimi, Karl, Kurt; e os apelidos: Rauchmann, Klein, Rebstock, Askiew, Rosenberg, Abraham, Herzog, Engel; e, vezes sem conta: Israel e Sara. Cada um com uma morada incompleta de Viena, Berlim, Hamburgo, ou apenas um número ou uma data de nascimento. Todos os corredores entre as prateleiras estavam impregnados com os seus odores, o seu suor e o seu perfume, naftalina e cabedal, sarja e mofo.

Gustl Täuber era um homem idoso de Buchenwald, com uma idade semelhante à do pai de Fritz, um judeu da Silésia^[xxix], nascido nos dias áureos do Império Alemão¹⁴. Fritz nunca tinha gostado muito de Täuber. Ele era dos poucos que não sentiam qualquer laço de solidariedade para com os outros prisioneiros e não se arriscava por ninguém. Mas era a melhor hipótese de Fritz. Há algum tempo que tinham uma relação comercial, com base nos cupões de bónus, que Täuber usava para comprar vodka e (enquanto judeu arianizado) visitar o bordel. Fritz sabia que muitas vezes era encontrado dinheiro nas roupas e que Täuber embolsava tudo o que podia. Será que podia dispor de algum? O velho abanou a cabeça. Fritz implorou, mas Täuber estava inamovível. Ele sabia que Fritz tinha contacto com a Resistência e não estava disposto a colocar os seus privilégios em risco. Fritz ficou enojado: quando se tratava de uma visita ao bordel ou de uma garrafa de vodka Täuber já não se importava de se envolver em negociatas arriscadas.

Do armazém de roupa, Fritz foi directo à principal casa dos banhos. Para aqui eram trazidos prisioneiros novos, para serem desinfectados e barbeados e, muitas vezes, era aqui que lhes tiravam

o dinheiro e os valores que tinham escondido com êxito durante as revistas ao armazém Canadá. O responsável pela casa dos banhos era outro homem de Buchenwald, David Plaut, um antigo vendedor de Berlim¹⁵. Ao contrário de Täuber, era um amigo decente. Embora o que fosse encontrado nos banhos ficasse para o *kapo* do campo, Emil Worgul, Fritz achava que Plaut, que fazia o trabalho, deveria conseguir desviar algum dinheiro para si mesmo. Fritz inventou uma história sobre ter de comprar vodka a fim de subornar Worgul para transferências para destacamentos de trabalho mais leves. Funcionou. Plaut foi ao seu esconderijo e voltou com um pequeno rolo de notas de dólar.

No dia seguinte, Fritz encontrou-se com Fredl Wocher e deu-lhe o dinheiro. Seguiram-se vários dias de espera ansiosa. Depois, uma manhã, Wocher foi ao seu encontro com uma expressão que misturava medo e triunfo.

De debaixo do sobretudo retirou uma pistola, uma *Luger* militar. Não disse como a tinha obtido, mas Fritz adivinhou que deveria vir de um dos seus amigos na Luftwaffe. Mostrou-lhe como funcionava – como tirar o carregador e colocar as balas, como engatilhar e como operar com a patilha de segurança. Vinham duas caixas de munições com ela¹⁶. Fritz manuseou-a com antecipação e excitação, sentindo o poder letal que tinha na mão.

Agora havia o problema de conseguir fazê-la entrar no campo. Contrabando de comida era uma coisa, armas era outro campeonato. Fritz retirou-se para um esconderijo, baixou as calças e atou a *Luger* a uma coxa. As munições iam nos bolsos. Naquela noite voltou para o campo a tilintar.

Após a chamada, foi directo para o hospital e encontrou Stefan Heymann. Pediu-lhe que o seguisse, levou o amigo para trás de um monte de roupa suja e mostrou-lhe a *Luger*.

Stefan ficou horrorizado.

– Estás maluco? Vê-te livre disso! Se te apanharem com isso não te matam só a ti. Estás a pôr em risco toda a nossa operação.

Fritz ficou magoado.

– Educaste-me para ser assim – disse ele, indignado. – Ensinaste-me sempre a lutar pela minha vida.

Stefan não tinha resposta para isto. Nos dias seguintes falaram várias vezes. Fritz explicou-lhe o seu raciocínio. A ferocidade da batalha que poderia ter lugar ali, a conhecida brutalidade dos russos, a probabilidade de as SS massacrarem os prisioneiros... e, aos poucos, Stefan foi sendo convencido.

– Tenho a certeza de que consigo arranjar mais armas se tiver o dinheiro – ofereceu-se.

Stefan pensou bem.

– Muito bem – disse por fim. – Vou ver o que consigo fazer. Mas tem de ser tudo muito bem organizado. Nada de voltar a fazer as coisas sozinho.

Conseguiu reunir 200 dólares, que Fritz levou a Fredl Wocher. Seguiu-se outro período de espera e, depois, um dia, Wocher levou Fritz para um sítio discreto na fábrica e mostrou-lhe onde tinha escondido outra *Luger* e duas pistolas-metralhadoras *MP 40* – as características submetralhadoras usadas pelos soldados alemães por todo o lado. Havia várias caixas de munições para as três armas.

Seria um desafio muito maior levar isto às escondidas para dentro do campo. Fritz planeou as coisas com cuidado. Seriam necessárias várias viagens. Obteve um dos enormes recipientes usados para trazer a sopa do almoço aos prisioneiros, construiu-lhe um fundo falso e escondeu lá as

munições. Atou de novo a *Luger* à coxa, mas as pistolas-metralhadoras eram outra coisa. Depois de ser instruído por Woher sobre a sua utilização e manutenção, desmanchou uma e atou ao tronco nu o maior número de peças que conseguiu.

Com o Inverno a aprofundar-se e as noites a chegar mais cedo, no final do turno dele já estava escuro, portanto, havia poucas hipóteses de os guardas repararem nos seus contornos anormalmente rechonchudos. Ainda assim, os nervos reviravam-lhe o estômago, mais ainda nas horas em que esteve de pé, na chamada, com as pesadas peças amarradas a ele.

No momento em que acabou, caminhou depressa até à lavandaria do hospital, onde Jule Meixner o esperava. Despiu rapidamente o uniforme, desamarrou os componentes da arma e entregou-os a Jule, que os escondeu. Por questões de segurança, não disseram a Fritz onde, tendo como princípio que não é possível revelar sob tortura um segredo se não se sabe qual é. Durante os dias seguintes, repetiu a perigosa operação, até as três armas e as suas munições estarem dentro do campo.

Fritz estava satisfeito consigo mesmo. Ao trazer a *Luger* para o campo, tinha forçado a mão de Stefan. A Resistência nunca o teria feito sem ele. Agora, se Majdanek se repetisse aqui, também seriam capazes de fazer os SS sangrar.

אבא

Ao longo do mês de Dezembro, a oficina de Gustav continuou a produzir cortinas e gabardinas em simultâneo. Sem envolvimento directo na Resistência, ele não fazia ideia da aventura perigosa em que Fritz tinha embarcado. Gustav estava desejoso que chegasse o Natal, altura em que Woher faria outra das suas viagens a Viena.

Numa segunda-feira à tarde, a oficina estava a funcionar ao seu habitual ritmo elevado quando, de repente, sobre o suave ondular das máquinas de costura, ouviram o lamento crescente das sirenes antiaéreas¹⁷. Em segundos, as portas começaram a bater, os pés a correr, as vozes a gritar. Os SS e os civis estavam a dirigir-se para os abrigos. O pessoal de Gustav olhou para ele. Deu-lhes permissão para correrem para qualquer esconderijo que desejassem. Gustav ficou onde estava. Os esconderijos seriam de pouca utilidade se uma bomba caísse perto.

Após alguns minutos, com o som dos últimos passos em pânico a desvanecer-se, surgiu o ruído dos aviões e o matraquear das armas antiaéreas. O barulho foi aumentando e, com ele, vieram as primeiras explosões de bombas. Gustav deitou-se no chão. Isto não era um terror novo para ele: tinha passado meses sob bombardeamento nas trincheiras e tinha aprendido a sentar-se e a esperar que passasse ou que uma bomba o encontrasse e enviasse para o esquecimento. Era tão inútil como perigoso entrar em pânico. O seu maior medo era Fritz, que estava fora a fazer instalações. Gustav sabia que o filho tinha um esconderijo entre os edifícios, onde pelo menos estaria protegido dos estilhaços projectados pelos ares.

Mais uma vez, os bombardeiros estavam a apontar à fábrica de óleo sintético, mas muitas das explosões pareciam estar aleatoriamente espalhadas, algumas longe, outras desconfortavelmente perto. De repente, o chão debaixo de Gustav foi abanado por uma detonação monumental. As janelas despedaçaram-se e houve uma cacofonia de metal e de betão a estilhaçar-se. Gustav cobriu a cabeça e ficou quieto. A destruição acalmou. O pó enchia o ar e, além da bolha de silêncio à sua volta,

Gustav conseguia ouvir gritos distantes, o matraquear das armas a suster-se e o ruído dos aviões a desaparecer. A sirene de fim de perigo soou.

Ao levantar-se, Gustav encontrou a oficina de pernas para o ar: máquinas de costura arrancadas do sítio, cadeiras derrubadas, pó por todo o lado, pedaços de vidro das janelas partidas. Os homens e mulheres que tinham ficado com ele levantaram-se, a tossir e a pestanejar.

Assim que ficou satisfeito por ver que ninguém estava ferido, Gustav pensou em Fritz. Saiu para a rua, para um caos de fumo e de chamas. Alguns edifícios tinham sido destruídos e havia prisioneiros mortos espalhados na rua e entre os destroços. Homens e mulheres feridos estavam a ser assistidos pelos seus camaradas¹⁸.

Não havia sinal de Fritz. Gustav apressou-se entre o fumo, em direcção ao esconderijo do filho, consumido por uma crescente sensação de mau agouro. Ao virar a esquina, chegou ao local. Tinha desaparecido. No seu lugar, apenas um monte de destroços e de metal torcido. Gustav ficou a olhar em choque e incredulidade.

Passado um bocado, começou a vaguear, num torpor de aflição. O seu Fritzl, o seu orgulho e alegria, o seu querido, doce, leal Fritzl, estava morto.

Os homens das SS e os civis estavam a emergir dos seus abrigos. Quase nenhum tinha ficado no seu posto. As vedações tinham caído nalguns sítios e vários prisioneiros tinham fugido. Gustav ficou a olhar por instantes, enquanto os SS tentavam restaurar a ordem. Estava prestes a afastar-se quando viu duas figuras às riscas a caminhar na sua direcção, através do fumo, uma com uma caixa grande de ferramentas e com um andar familiar. Mal conseguia acreditar no que via. Correu e abraçou Fritz.

– Meu filho, meu Fritzl, estás vivo! – soluçou, enquanto beijava a face perplexa do rapaz e o abraçava, repetindo sem parar: – Estás vivo! Meu filho! É um milagre!

Agarrou em Fritz por um braço e levou-o até aos restos fumegantes do esconderijo dele.

– É um milagre – continuava a repetir.

A fé de Gustav na sorte e na coragem deles, que o tinham ajudado a permanecer vivo durante tanto tempo, estava de novo justificada.

אב ובן

Outro ataque aéreo atingiu Buna Werke no dia a seguir ao Natal. Os americanos tinham definido o complexo como um alvo prioritário e estavam determinados a destruí-lo. Mas de cada vez só conseguiam deitar por terra alguns edifícios, ferir um punhado de nazis, matar ou ferir centenas de prisioneiros e reduzir a produtividade. Grupos de escravos limpavam o entulho, reparavam e reconstruíam. Sabotavam o que podiam, trabalhavam o mais devagar que se atreviam e, entre eles e as bombas, garantiam que Buna Werke nunca produziria borracha e que as outras fábricas nunca atingiriam a sua capacidade máxima.

A 2 de Janeiro de 1945, Fredl Wocher regressou de Viena com cartas e encomendas de Olly Steyskalo e de Karl Novacek. «Ficámos muito felizes por saber que ainda temos bons amigos em casa», escreveu Gustav no seu diário.

Além disso, ele e Fritz tinham o melhor dos amigos no próprio Fredl Wocher. Este tinha dado provas disso numerosas vezes e de muitas formas. Com o Exército Vermelho agora posicionado

mesmo do outro lado de Cracóvia, Fritz tentou convencê-lo a desaparecer antes de os russos chegarem a Auschwitz e descobrirem o que ali se tinha passado.

Wocher não via a necessidade.

– A minha consciência está tranquila – disse. – Mais do que tranquila. Sou só um civil, um trabalhador, nada me vai acontecer.

Fritz não estava convencido. Ele recordou a Wocher o ódio que os russos tinham por todos os alemães – o que Wocher sabia muito bem por ter servido na Frente de batalha. Além disso, havia milhares de prisioneiros russos em Auschwitz que estariam sedentos de vingança na altura em que tivessem oportunidade. Wocher não podia contar com ser poupado mal a onda de vingança começasse nos campos. Mas era teimoso, nunca tinha fugido antes e não ia começar agora.

Era óbvio para Fritz que o fim podia surgir a qualquer momento. Estava a fazer os preparativos há dois meses. Graças a ele, a Resistência tinha armas. Ao mesmo tempo, tomara a precaução extra de se equipar, e ao pai, para a fuga. Ao rejeitar a ideia de fugirem para o Tirol, teve de aceitar que lutar talvez também não fosse uma opção. Portanto, por iniciativa de Fritz, ele e o pai tinham andado a fugir à ida semanal ao barbeiro para rapar a cabeça e estavam a deixar o cabelo crescer. A chamada era a única altura em que os prisioneiros tiravam os bonés à frente dos SS e, nos meses de Inverno, isso acontecia sempre na escuridão. Fritz também tinha adquirido roupas civis a David Plaut, na casa dos banhos, que escondeu num barracão de ferramentas no campo. Tinha casacos e calças suficientes para ele, para o pai, e para mais alguns dos seus camaradas mais próximos.

A 12 de Janeiro o Exército Vermelho lançou a sua há muito aguardada ofensiva de Inverno na Polónia, um assalto colossal e bem planeado ao longo da linha da Frente, que envolveu três exércitos de 2 milhões e 250 mil homens. Este foi o empurrão final, concebido para expulsar os alemães para a sua pátria. As Wehrmacht e as Waffen-SS, excedidas em número numa proporção de quatro para um, recuaram perante a ofensiva, e resistiram num punhado de cidades polacas fortificadas. Era frustrante, mas a Frente perto de Cracóvia movia-se mais devagar que a maioria. Todos os dias, os prisioneiros de Auschwitz ouviam à distância o disparo de armas russas, como um relógio a contar os segundos para a libertação.

A 14 de Janeiro, Alfred Wocher disse um último adeus a Gustav e Fritz. Tinha sido recrutado para o Volksturm, um exército organizado à pressa com homens mais velhos, rapazes menores e veteranos com deficiência, com a tarefa de ser a última defesa do *Reich*. Afinal, não seria encontrado pelos russos em Auschwitz. Estava feliz por cumprir um último dever pela Pátria. Apesar do que sentia acerca dos crimes cometidos, continuava a ser a Alemanha, a sua casa, uma terra cheia de mulheres e crianças, e os russos dariam cabo dela sem misericórdia, se os deixassem.

Com o Inverno a avançar, o tempo piorava. Havia neve alta e, na segunda-feira 15 de Janeiro, o dia após a partida de Wocher, Auschwitz acordou envolto num nevoeiro cerrado. Os prisioneiros de Monowitz foram mantidos em pé na chamada durante várias horas até o nevoeiro se dissipar o suficiente para os SS considerarem que era seguro fazê-los marchar para o trabalho¹⁹.

Nas fábricas, o trabalho decorria a toda a velocidade. Na noite anterior, um avião americano tinha-os sobrevoado e iluminado toda a área com fochos luminosos de pára-quedas, para tirar fotografias. As fotos tiradas 24 horas antes tinham mostrado quase 1000 crateras de bombas no complexo da

fábrica e 44 edifícios destruídos, mas as imagens noturnas revelaram que as reparações estavam a correr bem e que a fábrica de óleo sintético, a mais importante de todas, estava virtualmente intocada²⁰.

Na quarta-feira, os prisioneiros foram retidos de novo na chamada. Permaneceram em sentido durante a manhã e, à tarde, foram encaminhados para as fábricas. Mas apenas duas horas e meia depois foram levados de novo para o campo.

Os SS estavam a ficar nervosos. Todas as manhãs o trovejar da artilharia estava um pouco menos distante. Na noite do dia 17, o som estava ainda mais próximo e o comandante de Auschwitz, o major Richard Baer, deu por fim a ordem de iniciar a evacuação dos campos. Os inválidos deveriam ficar para trás e qualquer prisioneiro que resistisse, atrasasse ou fugisse devia ser abatido a tiro de imediato²¹. O líder da Resistência de Auschwitz I alertou os seus simpatizantes em Cracóvia: «Estamos a passar pela evacuação. Caos. Pânico entre os SS bêbedos.»²²

Nessa noite, todos os doentes no hospital dos prisioneiros, em Monowitz, foram observados pelos médicos. Os que estavam suficientemente bem para marchar eram riscados da lista de doentes e levados para os blocos. Os restantes, mais de 800, foram deixados ao cuidado de 19 voluntários do pessoal médico²³.

No dia seguinte, terça-feira, 18 de Janeiro, os 8000 prisioneiros de Monowitz foram mantidos na praça da chamada durante todo o dia, sob um frio terrível. Fritz e Gustav, cientes de que o fim estava iminente, tinham vestido as roupas civis debaixo dos uniformes, prontos para fugir assim que tivessem oportunidade. Com a camada extra de roupa, pelo menos tinham ligeiramente menos frio que os camaradas. O crepúsculo começou a aproximar-se.

Por fim, às quatro e meia da tarde, os guardas das SS começaram a ordenar os prisioneiros em colunas. Com os membros dormentes e as articulações a ceder, foram dispostos como uma divisão do exército, em unidades do tamanho de companhias, com cerca de 100 homens, e agrupados em unidades do tamanho de batalhões, com cerca de 1000 homens, que, por seu turno, formaram três unidades maiores de cerca de 3000 cada²⁴. A anteciparem problemas, cada SS tinha na mão uma espingarda, pistola ou pistola-metralhadora preparadas, com a segurança destravada. Fritz pensou com pesar nas suas armas, escondidas algures na lavandaria do hospital. Era impossível chegar perto delas agora.

De forma preocupante, o mal-afamado sargento Otto Moll, das SS, andava por ali. Ele não fazia parte do batalhão de guardas de Monowitz, tinha sido director das câmaras de gás de Birkenau e, no entanto, ali estava, a andar entre as colunas que aguardavam enquanto lhes entregavam as rações de marcha e distribuía maus-tratos com o pão, a margarina e o doce. Moll, um homem pequeno e encorpado, com um pescoço grande, uma cabeça tão larga quanto alta e o sangue de dezenas de milhar de pessoas nas mãos, constituía uma presença muito preocupante nestas circunstâncias. Ele parou ao lado de Gustav, atraído por alguma coisa na aparência dele, olhou-o de alto a baixo e, depois, deu-lhe dois estalos fortes na cara, à esquerda e à direita. Gustav cambaleou e recuperou. Moll seguiu em frente sem dizer uma palavra²⁵.

Finalmente, foi dada a ordem e as colunas começaram a mover-se. Já cansados de estar de pé todo o dia, marcharam para fora da praça, em colunas de cinco, viraram à esquerda sobre os calcanhares e

seguiram pela rua do campo. Passaram os blocos das casernas, as cozinhas, o pequeno edifício vazio onde tinha vivido a orquestra e, depois, a massa de prisioneiros transpôs, pela última vez, os portões abertos.

Estavam a abandonar um local que, para alguns, fora a sua casa durante mais de dois anos. Os velhos sobreviventes, como Gustav e Fritz – sobretudo Fritz –, tinham ajudado a construí-lo a partir de campos verdejantes; havia sangue de camaradas naquelas construções e a dor e o terror tinham sido a vida implacável naquele sítio. Ainda assim, era a casa deles, pela simples virtude do instinto animal de pertencerem, de se ligarem ao sítio onde comiam e dormiam e defecavam. Por mais que o odiassem, era onde estavam os amigos e onde cada pedra e madeira lhes era familiar.

Quanto ao sítio para onde iam, não faziam ideia. Para longe dos russos, era só o que sabiam. Todos os subcampos de Monowitz estavam em movimento, mais de 35 000 homens e mulheres²⁶ a seguir para as estradas ladeadas de neve que iam para oeste a partir da localidade chamada Oświęcim.

^[xxix] No Oeste da Polónia.

Quarta parte

Sobrevivência

Comboio da morte

אב ובן

Fritz sentou-se no chão, ao lado do pai, bem encostado, a tremer compulsivamente. À volta deles estavam sentados amigos. Era de manhã cedo e o frio era inimaginável. Não tinham abrigo nem comida, nem fogueiras. Só se tinham uns aos outros. Estavam quase mortos de exaustão e de frio. Alguns nunca voltariam a levantar-se quando esta paragem para descansar terminasse.

Durante os primeiros quilómetros após deixarem Monowitz, Fritz, Gustav e os outros prisioneiros razoavelmente saudáveis tinham ajudado os camaradas fracos a prosseguir. Qualquer pessoa que ficasse para trás era espancada pelos SS com a coronha da espingarda e empurrada para a frente. Se alguém caísse no meio do grupo, os marchantes semiconscientes que o seguiam passavam-lhe por cima. Fritz e os outros faziam o que podiam, mas a camaradagem só esticava até certo ponto. Tinham acabado de passar Oświęcim quando ficaram sem forças e tiveram de deixar os mais fracos a caminhar o melhor que conseguissem. Apertaram os casacos bem contra eles e fecharam os ouvidos aos tiros esporádicos que vinham da traseira da coluna, quando os atrasados eram mortos.

Para Fritz e Gustav era como uma repetição da marcha forçada, há muitos anos, ao longo da Estrada de Sangue, para Buchenwald. Mas isto era infinita e inconcebivelmente pior. Mantinham-se próximos, por protecção. Pai e filho, ambos de cabeça baixa, um pé à frente do outro na neve e no gelo, mente e espírito entorpecidos, hora após hora através da escuridão salpicada por flocos brancos. Ao pé de Fritz marchava um *Blockführer*, de pistola em riste. Fritz conseguia sentir o terror que o homem sentia dos russos que os seguiam e a violência latente nele.

Pelos cálculos de Gustav, tinham percorrido 40 quilómetros quando, ao amanhecer, chegaram aos arredores de uma localidade. A coluna foi direccionada para fora da estrada, para uma fábrica de tijolos abandonada. Os guardas das SS precisavam de descansar quase tanto como a sua carga. Procurando o abrigo que conseguiram, entre os montes de tijolo, os prisioneiros sentaram-se juntos para se aquecerem. Fritz e o pai permaneceram acordados, apesar do cansaço, adivinhando que qualquer pessoa que adormecesse não voltaria a acordar. Ao falarem com alguns camaradas que tinham estado noutras zonas da coluna, descobriram que muitos polacos, incluindo três amigos de Fritz, tinham fugido.

– Devíamos fazer isso – disse Gustav a Fritz. – Devíamos tentar fugir. Eu falo polaco, não teríamos problemas em encontrar o caminho. Podíamos procurar os simpatizantes ou simplesmente seguir para casa.

Apesar de todos os seus preparativos e de toda a determinação em resistir, o coração de Fritz encolheu-se perante este pensamento. Havia um problema muito grande: ele não falava polaco. Se se

separassem, ficaria em maus lençóis.

– Devíamos esperar até chegarmos a território alemão, pai – disse. – Nessa altura, os dois falamos a língua.

O pai abanou a cabeça.

– É um caminho longo até à Alemanha. – Olhou à volta, para os camaradas exaustos. – Quem sabe se alguma vez lá chegaremos? Mesmo partindo do princípio de que as SS pretendem que sobrevivamos até lá.

A discussão foi interrompida pela ordem para andarem. Quando se puseram de pé, alguns homens que tinham adormecido continuaram onde estavam. A hipotermia tinha-os levado e os corpos já estavam a começar a congelar. Outros ainda estavam vivos, mas demasiado fracos para se porem de pé. Os SS pontapearam-nos, empurraram-nos e, depois, mataram a tiro os que não se levantavam¹.

A coluna continuou. Atrás deles, estendia-se até Auschwitz – onde as evacuações ainda decorriam –, um pesadelo de neve pisada e de cadáveres espalhados. Judeus demasiado fracos para serem deslocados estavam a ser forçados a queimar os corpos empilhados em redor das câmaras de gás. O crematório foi dinamitado e os escriturários das SS queimaram os registos. Alguns pilharam os armazéns Canadá, onde as montanhas incriminatórias de espólio também estavam a ser incendiadas. No final, o simples peso dos crimes aqui cometidos desafiaria todos os esforços para apagar as provas.

Naquela noite, a coluna chegou à localidade de Gleiwitz^[xxx], onde havia vários subcampos que pertenciam ao sistema de Auschwitz. Os presos de Monowitz foram conduzidos para um recinto abandonado que tinha sido construído para apenas mil detidos, que tinham sido retirados no dia anterior². Não receberam nada para comer, mas estavam gratos por ter ao menos um abrigo onde pudessem dormir.

Ficaram dois dias e duas noites em Gleiwitz, enquanto as SS organizavam a etapa seguinte da viagem. Ao contrário da maioria das pobres almas que saíram de Auschwitz, os homens de Monowitz seguiriam de comboio.

Foram escoltados para a zona de cargas da cidade, onde os transportes os aguardavam. Em vez de terem os habituais vagões fechados, os quatro longos comboios eram constituídos por vagões descobertos, geralmente usados para transporte de carvão ou de gravilha. Foram distribuídas rações – meio pão a cada, com um pedaço de salsicha –, e o carregamento começou. Fritz e Gustav subiram para um vagão com mais 130 homens, trepando pelas paredes e saltando lá para dentro, aterrando no metal do chão, que ecoava cada vez menos com cada par de pés, até os últimos terem de se espremer entre os restantes.

Vagão sim, vagão não, existia uma plataforma elevada em relação aos vagões. Em cada uma, estava colocado um guarda das SS, armado com uma espingarda ou com uma pistola-metralhadora.

– Qualquer pessoa que coloque a cabeça por cima das paredes será atingida – avisou o *Blockführer* encarregado do embarque.

O comboio começou a vibrar. O vapor e o fumo da locomotiva criaram um nevoeiro espesso no ar gelado. Por fim, com o tinir e o bater dos engates e o chiar das rodas, o comboio moveu-se,

arrastando a sua carga de 4000 almas³. Assim que ganhou velocidade, o vento, com 20 graus negativos, começou a rugir sobre os vagões abertos.

אבא

O Holocausto foi um crime feito de viagens, a atravessar a Europa, acompanhadas por uma partitura desafinada de maquinaria. As rodas assobiavam nos carris, os engates grunhiam e sacudiam: o assobio-guincho-tinir-bater das caixas de metal com rodas sobre os carris de metal era uma interminável música de pesadelo.

O corpo de Gustav abanava com o movimento do comboio. Estava sentado com os joelhos contra o peito, com Fritz encostado a ele, num abraço contra o terrível frio.

Depois de sair de Gleiwitz, o comboio tinha-se separado dos outros três e dirigido para sul, enquanto os restantes seguiam para oeste. Na manhã seguinte parou para receber centenas de outros prisioneiros retirados do subcampo de Charlottengrube⁴, antes de entrar na Checoslováquia. Apesar do aviso do *Blockführer*, Gustav espreitava para fora de vez em quando, seguia o progresso da viagem e reparava nas localidades por onde passavam. O comboio nunca parou, mas avançava dolorosamente devagar e demorou duas noites geladas e um dia a atravessar a Checoslováquia.

Tinham-lhes dito que estavam a ser transportados para o campo de concentração de Mauthausen. O pensamento era ao mesmo tempo emocionante e aterrorizante para os austríacos. A reputação de violência de Mauthausen era enorme. Mas era na Áustria, na bela paisagem montanhosa perto de Linz. Áustria! Em breve Gustav e Fritz estariam na sua terra natal pela primeira vez em cinco anos.

E ali certamente morreriam. Em Mauthausen não teriam o sistema de apoio que tinham construído em Auschwitz e estariam sujeitos a um regime ainda mais duro.

Isto partindo do princípio que lá chegavam. Enquanto Gustav alimentava estes pensamentos houve uma agitação entre os prisioneiros. Tinha morrido outro. Fraqueza, doença e hipotermia estavam a matá-los a um ritmo constante. Um amigo do morto despiu-lhe o casaco e as calças e vestiu-os sobre a sua própria roupa, numa tentativa de afastar o frio. O corpo foi passado pelo vagão e empilhado num canto, com os outros cadáveres, todos de roupa interior e congelados. Aquele canto também servia como latrina e, mesmo com o frio, o cheiro era abominável.

As mortes pelo menos criavam mais espaço para se sentarem. Gustav olhou à volta, para os rostos esqueléticos, as sombras negras debaixo dos olhos e as maçãs do rosto salientes devido à fome. Alguns tinham conseguido esticar a sua ração e, ao passar o quarto dia da viagem, mordiscavam as últimas côdeas. Gustav e Fritz já não tinham nada. Gustav conseguia sentir as forças a diminuir, uma maré lenta a minar a sua força de vontade. Tinha apenas um pensamento na mente: fugir.

– Temos de ir em breve – disse baixinho a Fritz. – Senão será demasiado tarde.

Se conseguissem atirar-se por cima das paredes durante a noite, talvez os guardas não reparassem. Em breve estariam na Áustria e a língua não seria um problema. Podiam dirigir-se para Viena nos seus disfarces e encontrar um esconderijo.

– Olly ou Lintschi tomam conta de nós.

– Está bem, papá – disse Fritz.

Naquela noite testaram a atenção dos guardas. Com a ajuda de alguns amigos, levantaram um corpo do monte, empurraram-no por cima da parede e atiraram-no para fora. Enquanto ele desaparecia na escuridão, aguardaram uma travagem brusca e uma explosão de tiros, mas nada aconteceu. Isto ia ser fácil. Tudo o que tinham de fazer era esperar até chegarem à Áustria.

De manhã, o comboio chegou a Lundenburg^[xxxi], a apenas alguns quilómetros da fronteira. Ali, frustrantemente, parou. Passaram horas e horas e não aconteceu nada. Uma espreitadela para fora mostrou que todo o comboio estava rodeado pelas SS. Já anoitecia quando, por fim, recomeçaram a andar e o campo checo deu lugar à Áustria. Era agora. A cada quilómetro que passava, a situação no vagão piorava, transformando-se numa selvajaria. Alguns dos camaradas tinham atingido o ponto em que podiam estrangular um amigo por uma dentada de pão. Com o frio, a fome e o assassinio, os corpos acumulavam-se no canto a um ritmo de oito a dez por dia.

Fritz abanou o pai.

– Papá! Acorda! Está na hora de irmos.

Gustav despertou e tentou levantar-se. Não conseguiu. Os seus músculos enregelados estavam demasiado fracos. Olhou para o rosto ansioso de Fritz.

– Não consigo – disse.

– Tens de conseguir, papá. Temos de ir enquanto podemos.

Mas nada do que Fritz dissesse o conseguiria levantar.

– Tens de ir sozinho – disse Gustav, com voz fraca. – Deixa-me e vai.

Fritz ficou chocado com a ideia. *Se queres continuar a viver tens de esquecer o teu pai.* Era o que Robert Siewert lhe tinha dito naquele dia, em Buchenwald. Fora impossível na altura e era impossível agora.

– Tens de ir – insistiu Gustav. – Eu não aguento, estou velho e sem forças. Deixa-me agora, *por favor.*

– Não, papá, não deixo.

Voltou a sentar-se e enrolou os braços em torno do pai.

Quando amanheceu, encontravam-se na familiar zona de campo perto de Viena. O comboio fumegava ao longo da margem norte do Danúbio e, à luz do dia, entrou nos subúrbios a norte e atravessou o rio até Leopoldstadt. Mal ousaram espreitar quando passaram por casa, comoventemente tão perto. Avançaram ao longo do lado oeste do Prater e, depois, o comboio roncou sobre o canal do Danúbio, através dos subúrbios a oeste, e de novo pelo campo.

Ao final da manhã passaram pela localidade de St. Pölten e à tarde chegaram a Amstetten, onde o comboio parou. Estavam agora a pouco mais de 40 quilómetros de Mauthausen.

Quando a escuridão caiu, a viagem recomeçou.

Gustav implorou de novo a Fritz para fugir.

– Tens de ir, antes que seja tarde de mais. Por favor, vai, Fritzl. *Por favor.*

Fritz cedeu. A dor nunca o abandonaria: «Que após cinco anos de destino partilhado eu me separasse do meu pai», recordou com angústia.

O comboio tinha atingido a sua velocidade máxima. Fritz levantou-se e despiu o odiado uniforme às riscas com a *Judenstern* e o número do campo e atirou o boné. Abraçou o pai uma última vez e

beijou-o e depois, com a ajuda de um amigo, trepou a parede.

A força do vento gelado cortou-lhe o corpo como se fossem lanças. O comboio abanou e ribombou. Olhou com ansiedade para o guarda-freio. A Lua estava agora mais brilhante do que quando tinham testado a atenção dos guardas. A dois dias da lua cheia, havia um brilho difuso que iluminava a paisagem branca e as árvores que passavam a voar⁵.

Gustav sentiu um último aperto na mão. Depois, Fritz lançou-se ao ar. Num instante, tinha desaparecido.

Sentado sozinho no chão do vagão, à luz da Lua, Gustav escreveu no diário: «Que Deus proteja o meu filho. Eu não consigo, estou demasiado fraco. Não dispararam contra ele. Espero que o meu filho tenha sucesso e encontre refúgio com os nossos entes queridos.»

O comboio acelerou, a martelar e matraquear, como se a própria locomotiva estivesse desesperada por acabar a terrível viagem. Passou por Linz no escuro, atravessou o Danúbio e voltou a virar para este, em direcção à pequena localidade de Mauthausen.

בן

Fritz foi atirado pelos ares e perdeu qualquer sentido de espaço e de direcção durante um breve instante. O chão atingiu-o com violência, embatendo-lhe nos ossos e tirando-lhe a respiração. Rebolou vezes sem conta pela neve espessa e parou com as rodas do comboio a ribombar-lhe junto ao rosto, sem ousar mover um músculo.

O último vagão passou e desapareceu à distância, deixando-o sozinho no silêncio, sob a luz das estrelas. Olhou à volta. Estava estendido num monte espesso, que lhe tinha amortecido a queda. Apesar das dores nos membros, não tinha nada partido. Sacudiu-se e começou a caminhar ao longo dos carris em direcção a Amstetten⁶.

Ao aproximar-se da cidade, os nervos falharam-lhe. Não estava pronto para entrar numa localidade, mesmo a horas tão tardias. Deslizando pelo aterro, deu por si num campo aberto. Era difícil avançar, com neve pelas ancas, mas acabou por chegar a uma rua estreita num extremo da localidade. Estava deserta. Com cuidado, seguiu por ela.

Conseguiu percorrer o norte da pequena localidade sem encontrar ninguém e depressa se viu numa estrada de campo que seguia para leste, paralela à linha do comboio. Passou por várias aldeias e pequenos lugarejos e pôs-se aos poucos de novo em direcção a St. Pölten. Avançava devagar nas estradas escorregadias e as forças começavam a faltar-lhe.

Após várias horas, chegou à pequena localidade de Blindenmarkt, onde a estrada convergia com a linha de comboio. O comboio tinha passado por aqui no dia anterior. Havia uma pequena estação onde paravam os comboios de passageiros de Linz para Viena. Estava cansado e, no bolso, tinha alguns marcos alemães, o seu dinheiro de emergência arranjado em Monowitz. Deveria arriscar?

Num impulso, afastou-se da rua principal e entrou na estação. Ainda estava escuro, encontrou nos carris um vagão de gado vazio e subiu lá para dentro. Estava demasiado frio para dormir, mas pelo menos estava abrigado do vento.

Ao amanhecer, surgiram luzes no edifício da estação. Fritz aguardou alguns minutos, reuniu toda a sua coragem e desceu do vagão.

O edifício estava sossegado, com apenas um funcionário solitário atrás da janela da bilheteira. Fritz hesitou. Não tinha a certeza de qual era o procedimento hoje em dia. Iriam pedir-lhe para ver os documentos? Aproximou-se da janela e, tão descontraidamente quanto possível, pediu um bilhete para Viena. O funcionário, que não estava habituado a pessoas a viajarem assim tão cedo, olhou para ele com alguma surpresa (e suspeita, pareceu a Fritz). Mas, sem dizer uma palavra, agarrou no dinheiro e deu-lhe o bilhete.

Fritz foi para a sala de espera deserta e sentou-se. Após alguns minutos, o funcionário veio e acendeu o aquecimento. Fritz aproximou-se. O primeiro calor que sentia desde que tinha saído de Monowitz. Estava enregelado até aos ossos e a sensação de vida e de calor a percorrer-lhe o corpo era tão divina como torturante, enchendo-lhe os nervos adormecidos de alfinetadas e despertando as dores da viagem.

Na sonolência do cansaço, não fazia ideia de quanto tempo tinha ali estado sentado quando o comboio para Viena finalmente parou no exterior da janela. Saiu para a plataforma – continuava a ser a única pessoa ali –, entrou numa das carruagens de terceira classe.

Ao fechar a porta atrás de si viu, com um choque de terror, que a carruagem estava cheia de soldados alemães. Não havia um único civil, apenas uma multidão de uniformes verdes das Wehrmacht. Por sorte, estavam demasiado ocupados a conversar, a fumar, a jogar às cartas e a beber para repararem nele. Era demasiado tarde para voltar a sair, por isso, encontrou um lugar e sentou-se.

Quando o comboio começou a andar, Fritz olhou disfarçadamente à volta. Sentiu-se um estrangeiro na sua própria terra natal, sem ideia de quais eram as leis ou o protocolo e pouca noção de como devia comportar-se como um civil normal. Os soldados mal olhavam para ele. Pela conversa, supôs que estavam a regressar a casa de licença.

Após algumas horas e algumas outras paragens (em que mais ninguém entrou), o comboio chegou a St. Pölen, onde se imobilizou. Entraram dois soldados alemães, ambos com os característicos gorjais de metal da Feldgendarmarie, a polícia militar das Wehrmacht.

Atravessaram o corredor a pedir para ver as licenças. Os soldados sentados perto de Fritz retiraram os seus cartões de identidade e as licenças do bolso do peito. Fritz tirou o bilhete, que era tudo o que tinha. Os soldados agarraram nos documentos todos e entregaram-nos todos juntos ao polícia mais próximo. Fritz aproveitou a oportunidade e enfiou o bilhete entre eles.

O polícia olhou para cada um dos soldados e devolveu-lhes os documentos. Olhou para Fritz e fez um gesto impaciente.

– Os papéis, por favor – disse.

Com o coração aos pulos, Fritz encenou estar à procura deles nos bolsos. Encolheu os ombros com impotência.

– Perdi-os.

O polícia franziu ainda mais a testa.

– Muito bem, tens de vir connosco.

O coração de Fritz parou, mas sabia que não devia argumentar. Levantou-se e seguiu os polícias para fora do comboio.

– Por favor, preciso de ir para Viena – disse enquanto eles seguiam à sua frente.

– Não te podemos deixar seguir enquanto não estabelecermos a tua identidade.

Levaram-no para fora da estação, para um posto das Wehrmacht próximo. Foi interrogado com firmeza, mas sem agressividade, por um sargento.

– Por que entraste neste comboio?

– Preciso de ir para Viena – disse Fritz.

– Mas porquê aquele comboio em particular? Devias saber que era um especial da linha da Frente.

Haveria um comboio regular pouco tempo depois.

– Eu... eu não sabia.

– Um jovem em roupas civis a embarcar num comboio militar! Isso não é normal, pois não? Como te chamas, rapaz?

– Kleinmann. Fritz Kleinmann. – Não viu razões para mentir. Era um nome alemão perfeitamente aceitável e não seria o único.

– Por que não tens documentos?

– Devo tê-los perdido.

– Morada de casa?

No calor do momento, Fritz deu uma morada fictícia numa localidade perto de Weimar. O sargento tomou nota.

– Fica aqui – disse-lhe e deixou a sala.

Esteve fora muito tempo e, quando reapareceu, vinha acompanhado por um superior.

– Verificámos a morada que nos deste e não existe. Onde vives mesmo?

– Peço desculpa, a minha memória prega-me partidas – e deu-lhes uma morada diferente.

Foram-se embora e, mais uma vez, descobriram que era falsa. Por esta altura, Fritz estava desesperadamente a tentar ganhar tempo. Os polícias passaram pela charada outra vez, investigando uma terceira morada falsa até perderem a paciência.

Foram chamados dois guardas.

– Levem *Herr* Kleinmann para as casernas – ordenou o sargento. – Para a secção de segurança.

Foi colocado num veículo e conduzido através das ruas para um pequeno complexo militar, onde foi levado para um edifício semelhante a uma cadeia, com um gabinete e celas.

Um guarda olhou para a nota dos polícias e pediu a Fritz para se identificar devidamente.

– Se me mentires, prendo-te.

O que poderia Fritz fazer? Deu uma quarta morada imaginária. Foi verificada e ele foi formalmente detido. O guarda era calmo e calado. Não gritava nem se enfurecia, nem ameaçava com tortura. Simplesmente instruiu os seus homens para colocarem *Herr* Kleinmann numa cela.

– Talvez a verdade lhe surja aí – disse ameaçadoramente.

A cela era grande, com três prisioneiros, todos soldados, já residentes e à espera de ir a tribunal marcial por ofensas menores. Olharam para ele com curiosidade e Fritz lançou-se em conversas avulsas que explicavam que era apenas um civil que tinha perdido os documentos e estava à espera de verificação.

Estava agradavelmente quente na cela. Havia uma cama para cada homem, uma mesa e cadeiras, e um lavatório e uma sanita no canto. Há anos que Fritz não tinha acomodações tão confortáveis. Quando um ajudante lhes trouxe os jantares – a primeira comida quente que Fritz tinha em quase uma semana e a primeira refeição completa desde que conseguia lembrar-se – teve de se forçar para comer com garfadas normais em vez de a engolir como um cão raivoso.

Depois de jantar, quando afastou o cobertor sobre a cama, mal conseguiu acreditar nos seus olhos. Havia lençóis por baixo. *Lençóis!* Que tipo de cela era esta? Enfiar o corpo exausto na cama foi um pedaço de céu e dormiu feliz e profundamente durante a noite.

A manhã seguinte foi, se é que era possível, ainda melhor. O ajudante trouxe o pequeno-almoço e, por mais simples que fosse, deixou a cabeça de Fritz às voltas. Havia café *real* quente, pão, margarina, salsicha e em quantidade. Enquanto os colegas de cela conversavam, Fritz manteve a cabeça baixa e concentrou-se em encher o estômago.

A certa altura voltou a ser apresentado ao guarda, que exigiu saber quem ele realmente era. Com o decorrer do interrogatório, começou a perceber que o guarda estava a desenvolver a teoria de que ele era um desertor do exército. Fazia todo o sentido. A idade, aparência e sotaque, era tudo consistente com isso, bem como as circunstâncias da sua detenção. Ao acreditar que tinha apanhado o prisioneiro numa mentira menor, o guarda não pensou procurar uma mentira enorme – que este jovem com as feições marcadas, vestido à civil e com sotaque de Viena, pudesse de facto ser um judeu a fugir das SS.

Fritz recusou responder a mais perguntas e voltou para a cela. Sentia-se lá feliz: seguro, quente e bem alimentado. O almoço consistiu num guisado simples, mas muito bom, e num pedaço de pão. Sim, isto era o suficiente para a felicidade.

No entanto, apesar destes luxos, a parte do cérebro de Fritz que o mantivera vivo nos campos estava perfeitamente consciente do perigo em que se encontrava. Mais tarde ou mais cedo o guarda iria descobrir a verdade. Com o decorrer do dia, Fritz pôs-se a pensar numa solução. Depois do jantar, nessa noite, enquanto os colegas de cela estavam ocupados a conversar, ele furtou subrepticiamente um bocado de sabão de barbear de um deles e comeu-o. Na manhã seguinte, estava muito doente: quente, a suar e com uma diarreia terrível⁷. Os colegas de cela chamaram o guarda e Fritz foi levado.

Levaram-no para um hospital militar. Durante o exame, que não descobriu nada mais sério do que dores de estômago e uma temperatura elevada, teve o bom senso suficiente para manter a tatuagem de Auschwitz escondida. Foi colocado numa ala sozinho e mantido sob observação.

Era ainda melhor do que a cela: lençóis brancos impecáveis e enfermeiras a trazer-lhe chá e medicação. Após algum tempo já conseguia comer, embora a diarreia persistisse. Um pequeno preço a pagar pelo adiamento dos interrogatórios. Um médico que o visitou ao terceiro dia referiu que havia uma sentinela à porta com uma pistola-metralhadora, portanto, ele que não pensasse em fugir.

A febre acabou por passar e a diarreia abrandou. Fritz foi de imediato devolvido à secção de segurança. Foi recebido pelo oficial, cuja paciência estava esgotada.

– Está na hora de este caso ser fechado – disse ele. – Se não confessares, vou entregar-te à Gestapo.

Aparentemente, ele esperava que aquela ameaça terrível quebrasse o prisioneiro, mas Fritz não disse nada. A rebentar de frustração, o oficial ordenou que voltasse para a cela.

– Mais dois dias – prometeu ele – e depois acabou-se!

Seguiram-se dois dias de extremo conforto e, depois, Fritz voltou à sala de interrogatórios.

– Já percebi quem tu és – disse o oficial, para alarme de Fritz. – Não és nenhum desertor. Acho que és um agente inimigo numa missão para os britânicos. Foste atirado de pára-quedas para desenvolver operações secretas.

Depois de largar esta surpreendente avaliação, o oficial falou com firmeza.

– Serás tratado como um espião.

Fritz estava perplexo. Isto era pior do que se fosse identificado como um fugitivo de um campo de concentração. Negou a acusação com todas as forças, mas o oficial recusou ouvir. Na mente dele, apenas um agente inimigo andaria a espiolar da forma como Fritz fez, a associar-se às tropas alemãs. E apenas um espião treinado conseguiria resistir ao interrogatório durante tanto tempo. Nenhum desertor conseguiria fazer isso.

Apesar dos desmentidos, Fritz foi reenviado para a cela. De repente, já não parecia um plano tão genial. Deveria confessar? Não: seria devolvido às SS e executado. Mas o resultado seria o mesmo se acreditassem que era um espião. Por outro lado, mesmo que confessasse, acreditariam nele? A ideia que o oficial formara dele, de emigrado germano-austriaco, era tão forte e ele parecia tão impressionado consigo mesmo por ter apanhado um espião britânico que, mesmo que visse a tatuagem, poderia acreditar que fazia parte do disfarce.

No dia seguinte, Fritz foi apresentado de novo ao oficial. Três soldados armados estavam presentes.

– Estou farto dos teus desmentidos – anunciou o oficial – e lavo as minhas mãos. Vais para Mauthausen. As SS que tratem de ti.

^[xxx] Agora Gliwice, na Polónia.

^[xxxi] Agora Břeclav, na República Checa.

Mauthausen

בן

Fritz sentiu o frio cortante do aço em torno dos pulsos quando as algemas se fecharam.

– Se fizeres alguma tentativa de fuga – disse o oficial – serás morto de imediato.

A escolta de três homens – um miliciano e dois praças – acompanhou-o até à estação de comboios, onde embarcaram para Linz. Pela terceira vez, Fritz fez a rota familiar: de St. Pölten para Blindenmarkt e daí para Amstetten, passando a certa altura pelo sítio onde tinha saltado, agora não identificável à luz do dia e com a neve a derreter. Tinha tudo muito vívido na memória. Mas não mais vívido do que o agradável interlúdio em St. Pölten. Como umas férias felizes, recordá-lo-ia sempre como tendo durado pouco mais de uma semana, quando, na realidade, tinham passado mais de três¹. Três semanas a comer bem, a descansar em segurança e a recuperar a saúde.

Em Linz mudaram para um comboio local, para a curta viagem até Mauthausen, uma pequena localidade agradável aninhada numa margem do Danúbio, no sopé de montes verdes entrecortados de campos e bosques. Fritz foi escoltado através da localidade, dois passos à frente dos guardas, que lhe mantinham as espingardas apontadas às costas. Os locais, habituados a viver à sombra do campo de concentração, nos montes sobre a localidade, não lhes prestaram grande atenção.

Uma estrada ventosa subia a partir do vale. Quando avistou o local, era diferente de qualquer campo de concentração que Fritz já tinha visto. Parecia mais uma fortaleza, com muros altos e largos de pedra, encimados por passadiços e perfurado por nichos para as armas. Havia um ângulo no muro, onde se encontrava uma enorme portaria de pedra com uma torre redonda bojuda de um lado e, no outro, um torreão quadrado gigantesco de quatro pisos de altura. Algures dentro desses muros estavam o pai e os seus amigos. Ou era o que esperava. Só podia imaginar o quão severa seria a selecção num campo assim. Mas Fritz tinha fé na força do pai. Lá no fundo, tinha a certeza de que voltariam a encontrar-se, muito mais cedo do que tinha pensado. E que bela história teria Fritz para contar.

Em vez de atravessarem este imponente portão, os guardas viraram e levaram-no ao longo da estrada paralela ao muro exterior, através de um pomar. Numa esquina, a estrada fazia uma acentuada curva à direita, com o solo a cair abruptamente de um lado, como um desfiladeiro ladeado de precipícios irregulares.

Fritz estava a olhar para o sítio que dava a Mauthausen o seu diabólico nome: a pedreira de granito. Mais larga e muito mais profunda do que a pedreira de calcário de Buchenwald, tinha no fundo um enxame de escravos e repercutia o eco do tilintar das picaretas e dos escopros na pedra. No canto mais afastado havia umas escadas íngremes e largas esculpidas na rocha, que ascendiam

numa vertigem de 186 degraus desde o fundo do fosso até ao topo. Por eles subiam centenas de prisioneiros, cada um carregado com um bloco quadrado de granito às costas. Chamavam-lhe a Escada da Morte e era o símbolo de tudo o que era odioso em Mauthausen.

O granito extraído aqui destinava-se aos monumentais projectos de construção de Hitler, uma visão grandiosa que requeria pedra em quantidades colossais. Milhares de prisioneiros tinham morrido a extraí-la. A Escada da Morte era o epítome do pensamento das SS – para quê instalar um mecanismo mais eficaz se o trabalho judeu e dos criminosos era tão barato e o processo tão satisfatoriamente castigador? Ferimentos e mortes eram constantes, já que o mais pequeno passo em falso nas escadas enviava um homem e o seu bloco de granito a rebolar para cima dos outros, atirando-os ao chão como peças de dominó, partindo membros e esmagando corpos.

Ao seguirem a estrada ao longo da beira da pedreira, Fritz e os seus guardas chegaram a um recinto com barracões baixos. Aqui, os guardas da Wehrmacht entregaram-no aos SS e partiram.

Fritz esperava ser interrogado e espancado, mas nada aconteceu. Ainda não sabiam bem o que ele representava. Um sargento das SS levou-o até à portaria principal, outra monumental construção de granito, coroada por duas torres com postos de vigia equipados com holofotes e metralhadoras. Esta era a principal entrada no campo para a parte dos prisioneiros (a portaria que tinha visto à chegada levava às garagens das SS).

Ao entrar na fortaleza, Fritz ficou surpreendido por encontrar um interior pequeno e vulgar, mais acanhado que Monowitz e cheio de filas de casernas de madeira, idênticas, dispostas ao longo de ambos os lados de um terreiro estreito que servia para a chamada. O sargento desapareceu dentro da portaria e ordenou a Fritz que esperasse junto ao muro.

Havia alguns prisioneiros ali à volta. Um aproximou-se e estudou as roupas civis de Fritz.

– Quem és tu? – perguntou. – Por que estás aqui?

– O meu nome é Fritz Kleinmann. Sou de Viena.

O homem assentiu com a cabeça e afastou-se. Alguns momentos mais tarde, voltou acompanhado por outro prisioneiro, que tinha um ar de autoridade, claramente algum tipo de funcionário.

– És de Viena – disse. – Eu também. Estou aqui há anos.

Ele estudou Fritz.

– Este lugar é bastante mau, mas a única coisa que não queres realmente ser aqui é judeu. Os judeus não duram tempo nenhum.

E com isto afastou-se.

O sargento acabou por reaparecer de dentro da portaria e, para surpresa de Fritz, perguntou se ele tinha uma tatuagem de Auschwitz. Tinha havido alguns transportes de Auschwitz ultimamente e eles estavam atentos a fugitivos.

– Não – disse Fritz, e levantou a manga direita. – Estão a ver? Nada.

A cabeça cheia de cabelo e o aspecto saudável eram suficientemente convincentes e o sargento pareceu satisfeito. Colocou Fritz sob tutela de um prisioneiro funcionário que o levou para a casa dos banhos.

Ali, voltou a encontrar o prisioneiro de Viena. Desta vez, ele apresentou-se devidamente. O nome era Josef Kohl, embora todos lhe chamassem Pepi. Era claramente um homem com alguma

importância. Fritz soube mais tarde que era o líder da Resistência de Mauthausen. Sentindo-se à vontade com ele, Fritz admitiu por fim a verdade. Parte dela, pelo menos: o facto de ter estado em Buchenwald e em Auschwitz e a história da fuga do transporte, até à sua detenção. Foi só isso. Afirmou ser um preso político. Qualquer esperança de sobrevivência aqui dependeria de esconder o facto de ser judeu.

Pela terceira vez, Fritz passou pelo ritual de ser um novo prisioneiro: o duche e as roupas e os pertences confiscados. Quando as máquinas lhe percorreram o escalpe e o seu recém-crescido cabelo caiu em mechas, ele soube que estava de volta ao pesadelo para sempre.

– Estás a pagar o preço por manteres a tua morada secreta – disse o escriturário da Gestapo enquanto anotavam os seus dados. Fritz olhou para ele com surpresa. – É a única razão por que aqui estás – disse o escriturário, a olhar para uma nota do oficial das Wehrmacht que tinha em cima da secretária. Ao ver a expressão de Fritz, acrescentou: – Agora é demasiado tarde para isso, meu rapaz.

Ainda pensariam que era um espião? Fritz estava num dilema terrível. Se confessasse a verdade, não haveria nenhuma esperança de conseguir sair desta situação. A visão daquela pedreira confirmara tudo o que ele já ouvira sobre a diabólica reputação de Mauthausen. Mas se mantivesse o silêncio seria torturado e provavelmente fuzilado.

Decidiu que seria mais seguro confessar, mantendo a meia verdade que tinha dado a Pepi Kohl. Admitiu que tinha fugido do transporte de Auschwitz, enrolou a manga esquerda e revelou a tatuagem.

– Motivos para o encarceramento? – perguntou o escriturário.

– Prisão preventiva – respondeu Fritz. – Ariano alemão, político.

O escriturário não hesitou. Fritz foi registado e foi-lhe atribuído o seu terceiro número de prisioneiro: 130039². Não podiam confirmar os seus dados, mesmo que a Gestapo estivesse interessada. Auschwitz já não existia. Tinha finalmente sido tomado pelo Exército Vermelho a 27 de Janeiro – o mesmo dia em que Fritz embarcara no comboio dos soldados, em Blindenmarkt. As únicas almas encontradas em Monowitz tinham sido algumas centenas de espectros meio mortos no hospital, muitos dos quais não sobreviveram muito tempo após a libertação³.

Fritz deu o nome do primo Lintschi – que era oficialmente ariano – como seu parente mais próximo e a sua morada real em Viena. Tanto quanto sabia através de Fredl Wocher, não havia ninguém a viver lá que ficasse em perigo por ser associado a ele. Quanto ao seu ofício, pensou bem na resposta. Tinha adquirido uma grande variedade de competências nos campos, mas quais deveria admitir? Não lhe parecia que houvesse muita necessidade de construtores aqui e supôs que quaisquer trabalhadores em excesso acabariam na pedreira. Por isso, disse-lhes que era engenheiro de aquecimento⁴. Era meio verdade – ele tinha ajudado a construir e a equipar algumas instalações de aquecimento e tinha aprendido com o pai que podia ser fácil fingir que percebia de um ofício.

Embora a sua fuga tivesse falhado, tinha-lhe pelo menos dado um intervalo para restaurar a saúde e as forças. Ele sabia bem a vantagem que isto lhe daria para sobreviver. O que não sabia era quão crucial o viria a ser. Mesmo após passar toda a sua idade adulta no inferno na Terra, o pior ainda estava para vir.

Fritz foi enviado para um bloco preocupantemente próximo do *Bunker* do campo, que era uma câmara de gás com um crematório anexado. Na secção seguinte do campo, separados por um muro, eram mantidas centenas de prisioneiros de guerra soviéticos numa situação chocante, sem comida e a trabalhar em condições assassinas. Tinha havido uma enorme fuga duas semanas antes, com os russos a utilizarem cobertores molhados para provocar um curto-circuito na vedação eléctrica. Muitos foram metralhados, mas 400 conseguiram fugir. Durante os dias seguintes os habitantes locais ouviram tiros nos bosques, enquanto os russos eram caçados e executados⁵.

O campo estava sobrepovoado, com blocos construídos para 300 prisioneiros a abrigar muitas vezes esse número. Como todos os campos de concentração em território do *Reich*, Mauthausen estava sobrecarregado com transferidos de Auschwitz.

Fritz estava ansioso por se reencontrar com o pai e com os amigos, que deveriam estar algures entre a multidão. Mas, ao perguntar, não conseguia encontrar ninguém que soubesse onde estavam ou que reconhecesse os seus nomes. Tanto quanto conseguia saber, embora tivesse havido transportes de Auschwitz, ninguém sabia de nenhum que tivesse chegado perto de 26 de Janeiro.

Acabou por ter de concluir que o pai simplesmente não estava aqui e que nunca tinha estado. Mas, nesse caso, onde estaria? Fritz tinha ouvido histórias de atrocidades na Polónia e em Ostland – transportes inteiros de judeus assassinados nas florestas. Teria sido isso o que acontecera ao transporte de Auschwitz? Seria esse o destino a que Fritz tinha escapado?

אבא

Gustav sentou-se com as costas contra a parede do vagão. Fritz desaparecera depois de saltar para a noite gelada. Que Deus o ajudasse a encontrar o caminho de casa em segurança. Gustav estava desesperadamente fraco e cansado. Há dias que não comia e tinha ingerido apenas um bocado de neve para se hidratar. «Um homem mata outro por um pequeno pedaço de pão», escreveu. «Somos verdadeiros artistas perante a fome [...] pescamos neve com uma caneca atada a um fio pendurado fora do vagão.»

Mais tarde, nessa noite, o comboio e a sua carga de homens moribundos e de cadáveres parou na rampa de Mauthausen. Um cordão de guardas das SS rodeou-o. Passaram-se horas, chegou a alvorada e, depois, a manhã arrastou-se. Dentro dos vagões, os homens que ainda não tinham perdido a consciência, interrogavam-se sobre o que estaria a passar-se. Parecia que estava a haver uma discussão.

Um grupo de prisioneiros do campo aproximou-se do comboio e distribuiu pão e comida enlatada. Havia pouca – metade de um pão e uma lata para cada cinco homens. Foi tudo devorado com aterrorizante selvajaria.

Com o aproximar da noite, o comboio recomeçou por fim a mover-se e voltou para onde tinha vindo. O comandante de Mauthausen, com o campo a rebentar pelas costuras, tinha recusado recebê-los⁶. Voltou a cruzar o Danúbio e virou para oeste, direito à fronteira alemã. Em poucas horas estaria na Baviera e, se continuasse em linha recta, chegaria a Munique. Isso significava apenas uma coisa: Dachau.

Gustav apercebeu-se de vozes que se elevavam numa discussão urgente. Uma dúzia dos seus camaradas – incluindo vários dos de Buchenwald – tinham sido inspirados pelo exemplo da fuga de Fritz e falavam em fugir. Apelaram a Gustav e a Paul Schmidt, que tinha sido *kapo* de Fritz em Buna Werke e que ajudara a escondê-lo após a sua falsa morte. Mas Gustav não conseguia enfrentar a ideia, tal como não tinha conseguido quando Fritz tentou convencê-lo, e Schmidt também recusou ir. Quando o comboio rodava no exterior de Linz, doze deles subiram pelas paredes e saltaram para fora. Apesar da escala do êxodo, não houve tiros. Os SS pareciam desatentos. Se mais prisioneiros tivessem tido a força, o comboio poderia ter chegado ao destino vazio, à exceção dos cadáveres.

Ao passar pela Baviera, viraram para norte. Então, não iam para Dachau. Um dia seguiu-se à noite – e outro e outro, e Gustav ainda se agarrava à vida. No quinto dia depois de saírem de Mauthausen estavam na província alemã da Turíngia, não longe de Weimar. O comboio continuou a todo o vapor para norte e, no domingo, dia 4 de Fevereiro – duas semanas depois da partida de Gleiwitz – chegou à zona de descargas de Nordhausen, uma localidade industrial na franja sul das montanhas Harz⁷.

Foi recebido por guardas das SS e um *Sonderkommando* do campo de concentração mais próximo, Mittelbau-Dora. Gustav trepou pela parede lateral com extrema dificuldade. Assim que os vivos se ajudaram uns aos outros a descer, os mortos foram retirados. No final do desembarque, havia 766 corpos empilhados na rampa de carga.

Gustav tinha visto coisas horríveis, mas esta estava entre as piores. «Mortos de fome e assassinados», escreveu no seu diário, «alguns congelados até à morte e toda a situação indescritível.» Muitos dos sobreviventes estavam em condições pouco melhores do que os mortos. Cerca de 600 morreram nos dois dias seguintes à chegada, dos apenas 3 mil que tinham sobrevivido à viagem⁸.

Enfiado num cume arborizado a norte da localidade, o campo de concentração de Mittelbau-Dora tinha mais ou menos o tamanho de Buchenwald. Estava sobrelotado, com mais de 19 mil prisioneiros apertados nos blocos de casernas.

Os recém-chegados passaram pelo processo de registo e Gustav recebeu o número de prisioneiro 106498⁹. Depois de serem distribuídos pelos blocos, receberam finalmente comida. «A primeira refeição quente desde o início da odisseia de catorze dias», escreveu Gustav. Cada homem recebeu metade de um pão, uma porção de margarina e um pedaço de salsicha, «sobre os quais caímos como lobos esfomeados».

Gustav ficou no campo apenas dois dias antes de ser escolhido para a transferência para um dos campos-satélite mais pequenos. Não havia transportes, por isso tiveram de marchar até lá: desceram o monte onde o campo estava construído e seguiram o vale para noroeste, para a aldeia de Ellrich, uma caminhada de 14 quilómetros.

O campo de concentração de Ellrich era, de longe, o pior que Gustav já tinha visto. Não era grande, mas continha cerca de 8 mil prisioneiros em condições incrivelmente insalubres. Apesar de estarem sempre a receber presos de outros sítios, a população diminuía constantemente, devido à taxa de mortalidade provocada pela fome e pela doença. Não havia instalações para se lavarem, nem lavandaria, e os piolhos eram endémicos. Um programa falhado de despiolhamento dos prisioneiros,

no Outono, tinha destruído os uniformes de centenas de prisioneiros, que nunca tinham sido substituídos. Quando Gustav e os seus camaradas chegaram, foram confrontados com a visão de presos imundos, muitos deles vestidos com trapos e alguns sem nada vestido a não ser a roupa interior. Os «despidos» estavam dispensados do trabalho e reduzidos a meia ração e, como resultado, depressa morriam à fome¹⁰.

O grupo de Gustav recebeu dois dias de descanso e depois foi posto a trabalhar.

Enfraquecido pela idade e pelo desgaste de cinco anos e meio nos campos, mais o tormento da viagem desde Auschwitz, Gustav estava destroçado pelo inferno absoluto de Ellrich. Afectou-o como nunca nada antes.

Todos os dias, eram acordados às três da manhã, o que em pleno Inverno parecia ser a meio da noite¹¹. A razão para este começo diabólico rapidamente se tornou perceptível. Após uma chamada típica, os destacamentos de trabalho seguiam para a linha de comboio que atravessava o campo e embarcavam para a aldeia de Woffleben, onde estava localizado o principal local de trabalho, numa série de túneis alojados nas entranhas dos montes¹².

A Alemanha, sob constantes bombardeamentos aéreos, tinha movido muita da sua produção de armamento para o subsolo. Nos túneis de Woffleben, cavados com trabalho prisioneiro a um custo humano inacreditável, fabricavam mísseis V-2, a mais avançada e mais aterrorizante das armas secretas de Hitler. O local parecia uma pedreira, com ravinas íngremes escavadas no monte; na base, enormes aberturas, semelhantes às entradas dos hangares dos aviões tinham sido abertas. Toda a área exterior do complexo de túneis estava coberta com andaimes elaboradamente camuflados. O trabalho que decorria no interior, nas profundezas da terra, era ultra-secreto e, para os trabalhadores forçados, um verdadeiro inferno.

Gustav foi requisitado para um destacamento que abria novos túneis para oeste do complexo principal. Foi inserido num grupo que consistia sobretudo em prisioneiros de guerra russos e que fazia o exaustivo trabalho de colocação de carris dentro dos túneis. Os *kapos* e os engenheiros eram condutores de escravos verdadeiramente demoníacos, que vergastavam toda e qualquer pessoa que lhes chamasse a atenção. Gustav não via nada como isto desde a pedreira de Buchenwald. Isto era pior, porque tinha de o sofrer sem amigos e com rações que não sustentavam um inválido acamado: duas taças de sopa aguada por dia e um pedaço de pão. Durante duas semanas inteiras a atribuição de pão parou e eles tinham de se aguentar apenas com a sopa para suportar um turno que durava desde o amanhecer até às sete e meia da noite. Vivia no meio da porcaria e, em poucas semanas, estava tão exausto e coberto de piolhos como os restantes.

Ellrich era gerido pelo sargento das SS Otto Brinkmann, um homem fuinha que tinha tanto de sádico como de incompetente para comandar. O comandante de Mittelbau-Dora tinha tratado Ellrich como um caixote de lixo onde deitava o pessoal das SS indesejável e os prisioneiros que tinham menos probabilidade de sobreviver. Na chamada da noite, quando os prisioneiros estavam exaustos e a ponto de colapsar, Brinkmann forçava-os a fazer exercício deitados nas pedras aguçadas do chão desfeito.

Pelas contas de Gustav, estavam a morrer por dia 50 a 60 pessoas de fome e maus-tratos, «o moinho de ossos perfeito». Mas havia nele uma força de vontade que nem mesmo agora se submetia.

«Mal conseguimos arrastar-nos», escreveu, «mas fiz um pacto comigo próprio em como vou sobreviver até ao fim. Tomo Gandhi, o combatente indiano pela liberdade, como meu modelo. Ele é tão magro e, no entanto, vive. E todos os dias digo uma oração para mim mesmo: *Gustl não desespere. Cerra os dentes – os assassinos das SS não te podem vencer.*»

Pensou na frase que tinha escrito no seu poema «Caleidoscópio da Pedreira», cinco anos antes:

Pumba! – ele cai de quatro,
Mas o cão recusa-se a morrer!

Ao recordar essa imagem de resistência, agora, escreveu: «Penso para comigo, os cães vão aguentar até ao fim.» A sua crença naquele desfecho era um rochedo, tão firme como a sua crença de que o filho estava em segurança. Fritz, tinha a certeza, já devia ter chegado a Viena.

בן

Fritz olhou desapontado para a comida: um pedaço de pão não muito maior que a sua mão e uma pequena taça de guisado de nabo aguado. Isso, mais uma caneca de café de bolota, era suposto sustentá-lo durante todo o dia de trabalho. Por vezes recebia guisado extra, mas não iria agarrar-lhe a alma ao corpo durante muito tempo. Tinha passado pouco mais de um mês desde a sua chegada, mas os seus pulsos já estavam visivelmente mais finos e conseguia sentir os ossos do rosto a aparecer. Nunca se tinha sentido tão abandonado, tão desprovido de amizade e de apoio. Os laços que o tinham suportado durante Buchenwald e Auschwitz já não existiam. Ele tinha-os cortado quando saltou do comboio.

Estava agora num subcampo na aldeia de Gusen, a quatro quilómetros de Mauthausen. Os acontecimentos que o tinham trazido até aqui foram, à sua maneira, ainda mais estranhos do que aqueles que o tinham trazido para Mauthausen. Com a Alemanha a lutar pela sua própria existência e com falta desesperada de homens, o comandante do campo, o coronel das SS, Franz Zuckmayer, tinha anunciado que os prisioneiros alemães e austríacos que tivessem sangue ariano podiam ganhar a liberdade se se voluntariassem para as SS. Formariam unidades especiais, receberiam uniformes e armas e iriam lutar juntamente com os SS normais pela sobrevivência da Pátria¹³.

Numa reunião da Resistência de Mauthausen, Pepi Kohl e os outros líderes tinham concordado que alguns dos seus deviam voluntariar-se. Supunham que as SS iriam tentar usar estas unidades como carne para canhão ou virá-las contra os outros prisioneiros¹⁴. Ao infiltrar resistentes nas suas fileiras, o esquema das SS podia ser revertido contra elas e, no momento crucial, os voluntários podiam voltar as suas armas contra os SS normais.

Entre os 120 «voluntários» que Pepi escolheu estava Fritz. Era oficialmente ariano, saudável e tinha ar de lutador. Fritz estava profundamente relutante. A simples ideia de vestir um uniforme das SS, fosse com que objectivo fosse, deixava-o doente. Pepi insistiu e não era o tipo de homem a quem se dissesse não com facilidade. E foi assim que Fritz Kleinmann, judeu de Viena, se dirigiu ao gabinete do comandante e se alistou para a unidade especial das SS dos Cabeça da Morte¹⁵.

Os voluntários foram levados para uma escola de treino das SS nas proximidades, onde iniciaram um programa apressado de doutrinação e instrução. Enquanto os outros conseguiam focar-se no seu objectivo e reconciliá-lo com o que estavam a fazer, Fritz percebeu que não conseguia. Parecia-lhe tudo tão errado que decidiu que tinha de sair. Demitir-se era impossível, por isso, começou a portar-se mal, na esperança de ser expulso. Era uma táctica perigosa, potencialmente um passo em direcção a uma bala na nuca. Por fim, após vários castigos por infracções menores, foi dispensado da unidade. Tornou-se de novo prisioneiro e foi reenviado para o campo, com a sua carreira como SS terminada antes de realmente começar.

Foi transferido para o subcampo de Gusen, com uma fornada de 284 trabalhadores qualificados, todos perfeitos estranhos, com quem sentia pouca ligação. Eram uma selecção cosmopolita – judeus e prisioneiros políticos de todo o *Reich*: polacos, franceses, austríacos, gregos, russos, holandeses; electricistas, instaladores, canalizadores, pintores, metalúrgicos e mecânicos em geral, mais um solitário mecânico aeronáutico ucraniano¹⁶.

Gusen II tinha cerca de 10 mil prisioneiros, muitos dos quais eram trabalhadores técnicos empregados em fábricas secretas de aeronaves, em túneis escondidos debaixo dos montes¹⁷. Fritz foi destacado para o batalhão de trabalho Ba III, um nome de código para uma subunidade a trabalhar na fábrica de aeronaves B8 «Bergkristal», nos túneis em St. Georgen, onde a Messerschmitt construía a fuselagem do seu ultra-avançado caça *Me 262*¹⁸.

Sentia-se muito isolado e sem amigos. O desânimo tomou conta dele, como tinha acontecido por momentos em Monowitz. Mal notou a passagem dos dias ao longo de Março e de Abril e estes ficaram-lhe na memória apenas como uma névoa infernal.

Os prisioneiros nos túneis arrastavam-se com fome, enquanto os SS e os *kapos* com triângulos verdes os assassinavam à vontade. Só durante Março, quase 300 foram considerados incapazes para trabalhar e despachados para Mauthausen, onde a maioria morreu. Quando era entregue no campo um camião de comida, pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha, os SS pilhavam-no, ficavam com o melhor para eles e, depois, furavam as restantes latas de comida e de leite condensado. A rir, atiravam as latas a escorrer para o meio dos prisioneiros. Ainda assim, apesar da taxa de mortalidade, a população crescia rapidamente, com o aumento da chegada das marchas de morte dos campos evacuados por toda a Áustria¹⁹. Morriam aos milhares e os cadáveres amontoavam-se nos campos.

Fisicamente, bem como a nível mental, Fritz mudou. As condições em Mauthausen-Gusen corroeram-no em dois meses, desde o jovem esguio que era quando deixou as casernas das Wehrmacht em St. Pölten, carcomendo-lhe a carne dos ossos até, no final de Abril, ele parecer os espectrais e esqueléticos *Muselmänner*. O mundo em que vivia era o pior que já tinha visto. Nada senão o tempo – e pouco – o separava de se tornar mais um cadáver num monte.

Apesar disso, deprimido como estava, ainda não tinha desistido totalmente, como faziam os *Muselmänner*. Havia um fim à vista, se ao menos ele conseguisse aguentar o tempo suficiente para o ver. Aproximavam-se sons de guerra – o ribombar familiar da artilharia ao longe. Os americanos estavam a caminho.

As SS tinham planeado esta situação. Os nazis não tinham qualquer intenção de deixar as suas instalações ultra-secretas de produção de caças serem capturadas, nem os seus milhares de prisioneiros. A 14 de Abril, Heinrich Himmler enviou um telegrama para todos os comandantes dos campos de concentração: «Não podem cair nas mãos do inimigo prisioneiros vivos.»²⁰ Na cabeça de Himmler, isso significava deslocá-los, e era isso que o telegrama dizia. Mas na mente do comandante de Mauthausen, Franz Ziereis, estava implícito que significava uma aniquilação total. Elaborou o seu plano de acordo com isso.

Na manhã de 28 de Abril, todos os prisioneiros de Gusen ficaram retidos antes de ir trabalhar. Às 10 h 45 m, soaram as sirenes de ataque aéreo. Os SS e os *kapos* começaram a encaminhar com urgência os milhares de prisioneiros para os túneis de Kellerbrau, o segundo local de trabalhos subterrâneos em Gusen²¹. Entraram por uma das três entradas, uma boca enorme tão larga e alta como um túnel de comboio.

Lá dentro, as paredes de granito e de betão eram mais húmidas e frias do que o arenito dos túneis de Bergkristall. Devido ao custo de escavar uma pedra tão rija e à vulnerabilidade de inundações, os túneis de Kellerbau nunca tinham sido concluídos²², mas serviam como um conveniente abrigo antiaéreo para os campos.

Fritz manteve-se de pé na humidade gelada e esperou pelo som dos bombardeiros e o rebentar das explosões. Os minutos passaram, mas não se ouvia nada.

Nunca tinha estado nos túneis de Kellerbau, mas os que tinham estado podiam ter reparado, enquanto estes enchiam, que duas das três entradas tinham sido tapadas com tijolo, deixando apenas esta aberta. Nem o olhar mais atento percebeu que, depois de terem entrado, tinham sido posicionadas metralhadoras no exterior. Os prisioneiros também ignoravam o facto de, nos dias anteriores, esta entrada ter sido minada com explosivos, por ordem de Ziereis. A operação tinha o nome de código *Feuerzeug*, «Isqueiro».

A tarefa tinha sido realizada pelo responsável civil pela construção do túnel, Paul Wolfram. Foi-lhe dito a ele e aos colegas que as suas vidas e as dos familiares estariam em risco se sabotassem o trabalho ou revelassem o segredo²³. Wolfram tinha envolvido atado à entrada todos os explosivos que tinha disponíveis. Eram insuficientes, por isso juntou-lhes umas quantas bombas antiaéreas e dois camiões de minas navais. Na noite anterior ao aviso de ataque aéreo, os explosivos tinham sido armadilhados.

Agora, com todos os prisioneiros no interior e as metralhadoras preparadas para evitar fugas, a entrada do túnel estava pronta para ser rebentada. Os presos, fechados no interior, sufocariam até à morte.

O fim dos dias

אבא

No fim de Março, quando já estava em Ellrich há cerca de mês e meio, as coisas melhoraram um pouco para Gustav. Só o suficiente para lhe alimentar a vontade de manter a sua alma e o corpo juntos.

Tinha sido tirado da colocação de carris e posto a trabalhar nos túneis, como carpinteiro. O *kapo* dele era um homem decente chamado Erich, que tinha fontes secretas de comida para si próprio e doava a sua ração de sopa a Gustav¹, o mínimo necessário para diminuir, mas não reverter, o processo de debilitação provocado pela fome extrema. Entretanto, a cada dia que passava estava cada vez mais imundo e infestado de piolhos.

Gustav passava os dias debaixo de terra. Era como o quarto círculo do poço do Inferno de Dante: a maioria dos escravos estava à beira da morte, com os mais fortes a aproveitarem-se dos fracos e a roubar-lhes as poucas rações. A única coisa que havia em quantidade eram cadáveres e tinha havido ocorrências de canibalismo. Mais de 1000 prisioneiros tinham morrido em Março e mais 1600 esqueletos andantes tinham sido enviados para casernas militares em Nordhausen que serviam como aterro para os exaustos e inúteis².

Em Abril, as forças americanas estavam a apenas dois dias de distância e os SS começaram a desligar a ficha. O trabalho parou e começaram os preparativos para a evacuação. Nessa mesma noite, a RAF bombardeou Nordhausen, atingiu as casernas e matou centenas de prisioneiros doentes. Voltaram de novo na noite seguinte, destruíram a localidade e adicionaram mais prisioneiros à contagem de mortos³.

A evacuação de Ellrich demorou dois dias. Gustav e todos os outros prisioneiros que estavam em condições de andar foram enfiados em vagões de gado. Quando o último comboio se preparava para partir, a 5 de Abril, o último homem das SS a abandonar o campo matou a tiro a dúzia de prisioneiros doentes que restavam. Quando a 104.^a Divisão de Infantaria dos Estados Unidos chegou a Ellrich, uma semana depois, não encontrou viva alma⁴.

אבא

Gustav voltou a pensar na viagem de Auschwitz. O tempo agora estava mais ameno, tinha espaço para se sentar e até tinham alguma comida. Não tanta quanto deviam ter recebido, no entanto. Os vagões de mantimentos cheios de comida tinham sido atrelados à traseira do comboio quando este deixou Ellrich, mas a certa altura tinham sido desatrelados. Houve algum alívio quando o comboio parou numa localidade onde havia uma fábrica de pão⁵. Um prisioneiro britânico de guerra deu

a Gustav dois quilos de pão e de *pumpernickel*^[xxxii] – o suficiente para o alimentar e aos seus camaradas mais próximos durante três dias.

O comboio tinha-se embrenhado no Norte da Alemanha, depois de Hanôver e, a 9 de Abril, chegou ao seu destino final: a pequena localidade de Bergen, o local de descarga para o campo de concentração de Bergen-Belsen.

Com o círculo de inimigos a apertar-se cada vez mais, Himmler estava determinado a manter os seus prisioneiros sobreviventes. Eles deveriam servir um propósito final, como reféns. Bergen-Belsen era um dos últimos campos de concentração que ainda existiam no território alemão não conquistado. Na altura em que Gustav chegou, o campo, construído para apenas alguns milhares, estava cheio além de qualquer razoabilidade e, apesar de haver milhares de mortos todos os meses, de fome e de doença – 7 mil em Fevereiro, 18 mil em Março, 9 mil nos primeiros dias de Abril –, a população existente tinha subido para mais de 60 mil almas, que viviam entre montes de cadáveres, numa atmosfera carregada com tifo. Na mente peculiar de Himmler, ele estava a salvá-los, ao tentar ganhar os favores dos Aliados mostrando quão misericordioso era com os judeus, em vez de ser o arquitecto do seu assassinio em massa⁶.

Era para dentro desta massa efervescente de humanidade que Gustav e os outros sobreviventes de Ellrich estavam a ser conduzidos.

Muitos não tinham sobrevivido à viagem e havia a carga habitual de corpos a serem descarregados na estação. Enquanto os sobreviventes marchavam da estação para o campo, aconteceu uma coisa incrível, que era ao mesmo tempo terrível e maravilhosa. A coluna de fantasmas encontrou outra que caminhava na mesma direcção. Eram judeus húngaros – homens, mulheres e crianças, todos famintos e em estado miserável. Muitos dos sobreviventes de Ellrich também eram húngaros e, para surpresa de Gustav, primeiro uma pessoa de uma das colunas, depois outra e outra, reconheceram familiares na outra coluna. Saíram das fileiras e correram para eles, a chamá-los pelo nome. Amigos, mães, irmãs, pais, filhos, há muito separados e a pensar que os seus entes queridos estavam mortos, reencontraram-se na estrada para Belsen. Era ao mesmo tempo uma alegria e uma aflicção, e Gustav não conseguiu encontrar palavras para descrever o que via: «Só se pode imaginar tal reencontro.» O que ele não daria para se reencontrar assim com Tini e Herta e Fritz. Mas não aqui, não neste sítio.

Já não havia âncoras, nem marcos, nem certezas. Até o sistema dos campos tinha sido destruído. Com Belsen a rebentar pelas costuras, os 15 mil que chegaram dos campos de Mittelbau foram recusados. Os SS que os escoltavam encontraram alojamento para eles numa escola de formação de tanques das Wehrmacht, entre Belsen e Hohne. As casernas foram colocadas ao serviço, como um campo de concentração sobrelotado, designado Belsen Campo 2, sob o comando do capitão das SS Franz Hössler, que tinha acompanhado os transportes⁷. Um indivíduo com ar de rufia, com um queixo saliente e uma boca encovada, que tinha comandado antes de Mittelbau uma das secções de mulheres em Auschwitz-Birkenau, participando nas selecções e no gaseamento e em incontáveis actos de assassinio individual. Tinha sido Hössler quem seleccionara as mulheres «voluntárias» para o bordel de Monowitz⁸.

Em termos físicos, a escola de formação de tanques era uma mudança agradável para os prisioneiros: limpa, com edificios brancos arejados dispostos em redor de praças de asfalto

espalhadas entre as árvores. O pessoal das Wehrmacht, que consistia num regimento húngaro, ajudava os guardas das SS a gerir os prisioneiros.

As rações aumentaram de qualidade, mas as quantidades eram pateticamente desadequadas. Gustav e os camaradas ficaram reduzidos a comer cascas de batata e de nabo dos caixotes de lixo à porta das cozinhas. «Qualquer coisa para aliviar a fome», anotou no diário.

Em todo o tempo que passara nos campos, nunca tinha estado rodeado de tanto desrespeito pela humanidade ou visto fome desesperada a tão colossal escala. Depois de tudo o que tinha passado, aqui em Belsen, a fé nele mesmo, que o tinha mantido vivo, começou a esmorecer. O que o tornava especial? Por que deveria *ele* aguentar até ao fim quando tantos milhões não tinham, ou não iriam?

À sua maneira, as tropas húngaras eram tão violentas como as SS. A maioria dos oficiais estava bem arranjada, com brilhantina no cabelo, e tinha incutido nos seus homens mais iletrados uma ideologia fascista anti-semita que estava ao nível do que as SS fomentavam. Eram insensíveis e aptos a matar presos por divertimento. O seu principal dever era proteger as cozinhas e ficavam de pé na praça, entre as casernas, a disparar contra os prisioneiros que procuravam restos, matando dezenas deles⁹. Alguns tinham uma devoção mística à causa nazi. Um disse a uma mulher judia que lamentava que o trabalho de extermínio do povo dela continuasse incompleto e que de certeza Hitler iria regressar: «E de novo lutaremos lado a lado.»¹⁰

Na primeira noite em Belsen 2, Gustav ficou acordado no piso superior do edifício. A sul via o céu escuro com um brilho cor de laranja. Parecia-lhe que uma localidade – possivelmente Celle, mais ou menos a 20 quilómetros – estava a arder. Enquanto Gustav observava, piscava e irrompia com explosões. Isto não era um ataque aéreo. Era uma frente de batalha¹¹.

O seu coração deprimido começou a animar-se. «Penso para comigo que agora os libertadores devem estar quase a chegar e tenho de novo fé. Ainda penso para comigo: o Senhor Deus não nos abandona.»

Dois dias depois, a 12 de Abril, os comandantes locais das Wehrmacht tiveram contacto com as forças britânicas e negociaram a rendição pacífica de Bergen-Belsen. Por forma a conter a epidemia de tifo, uma zona de vários quilómetros em redor do campo tornar-se-ia território neutro.

Nas casernas, Gustav reparou que a maioria dos soldados húngaros tinha começado a usar braçadeiras brancas como sinal de neutralidade. Até alguns dos SS estavam a fazer o mesmo – incluindo o líder do campo, o cabo Sommer, das SS, que Gustav tinha conhecido em Auschwitz como «um dos cães de caça». Parecia que os prisioneiros seriam entregues aos britânicos sem derramamento de sangue. «Já era tempo», escreveu Gustav, porque as SS «queriam fazer connosco um massacre da Noite de São Bartolomeu^[xxxiii] sob a iluminação inglesa, mas o coronel húngaro não quis ter parte nisso e, por isso, deixaram-nos em paz.»

A 14 de Abril, Gustav viu os primeiros tanques britânicos à distância. A notícia espalhou-se pelas casernas e foi recebida com alegria. As celebrações duraram toda a noite.

חברים

O capitão Derrick Sington esforçou-se para conseguir fazer-se ouvir por cima do ruído da caravana de tanques que rugiam através da localidade de Winsen. A seguir a uma corrida para apanhar os

veículos blindados do 23.º Hussars, Sington tinha encontrado o oficial de informação do regimento e estava a tentar pô-lo a par, no meio do tráfego militar, da sua missão especial.

Derrick Sington era comandante da Unidade de Amplificação N.º 14 do Corpo de Informação do exército britânico. Equipado com vários camiões munidos de altifalantes, o papel deles era disseminar informação e propaganda. As suas ordens eram acompanhar o avanço da coluna do 63.º Regimento Antitanque, que iria estabelecer a zona neutra em torno do campo de Bergen-Belsen. Os prisioneiros – ou «internados», como os britânicos lhes chamavam oficialmente – não poderiam ser autorizados a abandonar a zona, devido à doença. A missão urgente do capitão Sington era localizar o campo e fazer os respectivos anúncios aos presos. Como falava alemão, seria também intérprete do coronel Taylor, do 63.º Regimento, que ficaria a comandar a zona¹².

A gritar a plenos pulmões sobre o ruído da rua e o rugir dos motores, Sington explicou tudo isto ao oficial dos Hussars, que estava inclinado para fora do topo do seu tanque, com a mão sobre o ouvido. Ele assentiu e disse a Sington para entrar na linha. Sington voltou a sentar-se, fez sinal ao motorista e enfiaram-se na estrada, a acompanhar o fluxo de blindados.

Depois de Winsen, a caravana atravessou campos abertos, que deram lugar a bosques cerrados de abetos, cujo forte perfume se misturava com o fumo dos tubos de escape e o cheiro a queimado. A infantaria estava a incendiar a vegetação rasteira de ambos os lados, com lança-chamas. Não iam correr riscos perante eventuais armas antitanque alemãs escondidas ou atiradores furtivos.

Não muito longe, Sington viu os primeiros avisos – «PERIGO TIFO» – a marcar o perímetro da zona neutra. Dois milicianos alemães entregaram-lhe uma nota escrita em mau inglês a convidá-lo para se encontrar com o comandante das Wehrmacht em Bergen-Belsen.

Quando a estrada virou para leste, Sington avistou o campo, um recinto com vedações altas de arame farpado e torres de vigia no meio da floresta, de ambos os lados da estrada. Foi recebido no portão por um pequeno grupo de oficiais inimigos muito bem vestidos: um com o uniforme cinzento das Wehrmacht, um capitão húngaro altamente condecorado em caqui e um oficial das SS encorpado e bolachudo com um maxilar de símio e uma cicatriz na cara, que provou ser o capitão Josef Kramer, das SS, o anterior comandante.

Enquanto esperavam a chegada do coronel Taylor, Sington iniciou uma conversa educada com Kramer. Perguntou-lhe quantos prisioneiros havia no campo. Kramer respondeu 40 mil e uns adicionais 15 mil no Campo 2 ao cimo da estrada. E que tipo de prisioneiros eram?

– Os criminosos do costume e homossexuais – disse Kramer, olhando de forma furtiva para o inglês.

Sington não disse nada, mas mais tarde afirmou ter «razões para acreditar tratar-se de uma afirmação incompleta»¹³.

A conversa foi misericordiosamente encurtada com a chegada do jipe do coronel Taylor. Ordenou a Sington para entrar e fazer os seus anúncios e, depois, continuou a subir a estrada para Bergen. A convite de Sington, Kramer subiu para o camião com os altifalantes e entraram pelos portões.

Sington tinha tentado muitas vezes imaginar como seria o interior de um campo de concentração, mas não se parecia com nada que tivesse pensado. Havia uma estrada através do centro, com recintos separados de cada lado, cada um cheio de blocos de casernas. O local estava impregnado com um

«cheiro a lixo» que lembrou a Sington o «cheiro de uma jaula de macacos» num zoológico. «Fumo azul pairava como uma névoa rasteira entre os edifícios baixos.» Os presos, entusiasmados, «acorriam às vedações de arame farpado [...] com as suas cabeças rapadas e com os seus fatos de prisioneiros às riscas, que eram tão desumanizadores». Sington tinha presenciado a gratidão de muitas pessoas libertadas desde a Normandia, mas a celebração destes fantasmas esqueléticos e esgotados, «na sua terrível variedade, que tinham outrora sido oficiais polacos, agricultores na Ucrânia, médicos em Budapeste e estudantes em França, desencadearam uma forte emoção e eu tive de lutar contra as minhas lágrimas»¹⁴.

Parava o camião de vez em quando, com os altifalantes a espalhar o anúncio de que a zona do campo estava de quarentena sob administração britânica, que as SS tinham entregado o controlo e que agora retirariam, que o regimento húngaro permaneceria, mas sob comando directo do exército britânico, que os prisioneiros não deviam abandonar a área devido ao risco de contágio do tifo e que comida e medicamentos estavam a caminho do campo a toda a velocidade.

Os presos, felizes, saíam dos recintos e rodeavam o camião. Kramer assustou-se e um soldado húngaro começou a disparar directamente sobre a cabeça dos prisioneiros. Sington saltou do camião.

– Pára de disparar! – ordenou.

Agarrou no revólver e o soldado baixou a espingarda. Mas, mal ele tinha parado, para surpresa de Sington, um grupo de homens com uniformes de prisioneiros, armados com cacetes, correu para a multidão a gritar e a espancar com incrível brutalidade.

Ao chegar de novo ao portão principal, Sington disse a Kramer:

– Criou aqui um belo inferno¹⁵.

A curta visita tinha-lhe mostrado apenas o grupo de sobreviventes e ainda faltava um ou dois dias para finalmente descobrirem os fossos com corpos enterrados, o crematório e as áreas com milhares de cadáveres nus e macilentos amontoados.

Ao sair do portão, virou o camião em direcção ao Campo 2, para repetir a sua ronda de anúncios.

אבא

Tinha passado um dia desde que Gustav tinha visto os tanques à distância. Por fim, a coluna britânica subiu pela estrada principal de Bergen e passou pelo campo. Pouco parecia ter acontecido. Depois, o camião com os altifalantes chegou ao Campo 2. Os prisioneiros reuniram-se para ouvir os anúncios do oficial britânico, que eram engolidos por aclamações.

Apesar de estarem em péssimas condições, os prisioneiros do Campo 2 não estavam tão desfeitos como os do campo principal. Ainda tinham forças e tinham raiva. Assim que o camião do capitão Sington partiu, começaram os linchamentos.

Centenas de homens, exaltados na sua fúria e na sua força em número, atacaram os indivíduos que os tinham torturado. Gustav – a mais bondosa e gentil alma imaginável – observou desapaixonadamente os guardas das SS e os responsáveis de bloco com triângulos verdes a serem enforcados ou espancados até à morte. Viu pelo menos dois assassinos de Auschwitz-Monowitz morrerem, e não sentiu piedade nem remorso. As tropas húngaras não intercederam. Naquela tarde,

após a matança ter terminado, os SS sobreviventes foram obrigados a remover os corpos e a enterrá-los no dia seguinte com as próprias mãos.

Os britânicos tomaram controlo gradual da administração, registaram todos os prisioneiros sobreviventes e ordenaram-nos por nacionalidade. Bergen-Belsen transformou-se num campo de pessoas deslocadas e os presos foram preparados para serem repatriados. Gustav permaneceu com os judeus húngaros. Tinha feito bons amigos entre eles e tinham-no eleito sénior do quarto.

Era uma libertação e não era. Os presos já não estavam sob o jugo das SS, os britânicos trouxeram comida e medicamentos e eles comeram bem e começaram a recuperar a saúde (embora, no campo principal, os presos estivessem num estado tão mau que morreram milhares nas semanas que se seguiram à libertação). No entanto, ainda eram prisioneiros. Os soldados húngaros tinham ordens dos britânicos para evitar que alguém saísse e levavam as ordens a sério. Quanto ao Campo 2, a quarentena era absurda, pois não havia ali tifo nem necessidade de manter os prisioneiros encarcerados. Gustav começou a irritar-se, desejoso de sentir de novo a liberdade após todos aqueles anos.

A libertação de Belsen foi notícia por todo o mundo. Estava nos noticiários e na informação da rádio e enchia jornais. Pela Europa, na Grã-Bretanha e na América, os familiares de pessoas sob cativeiro nazi enviavam pedidos desesperados de informação. Periodicamente, o camião com altifalantes do capitão Sington dava a volta pelo Campo 2, a emitir os nomes de pessoas cujos familiares estavam a pedir informações¹⁶.

Gustav pensou em Edith e Kurt. Já não via a filha desde a partida dela para Inglaterra, no início de 1939, e não tinha tido notícias desde o início da guerra. Kurt também não dizia nada desde Dezembro de 1941. Escreveu uma mensagem a Edith, a detalhar onde se encontrava e o número de bloco e confiou-a – juntamente com milhares de mensagens dos outros presos – à administração britânica¹⁷.

No campo principal, o pessoal médico trabalhava para salvar o máximo de vidas possível. Era um local que perturbou as mentes de quem o testemunhou. Os cadáveres estavam empilhados aos milhares e os meio mortos, meio vivos, moviam-se entre eles como se fossem troncos serrados, pisando-os e sentando-se para comer os seus restos encostados às pilhas de corpos¹⁸. Escavaram-se valas profundas, com dezenas de metros de comprimento. Os guardas das SS foram obrigados a carregar os mortos à mão até às valas, no meio do escárnio e dos insultos dos sobreviventes. Alguns homens das SS fugiram para a floresta, mas foram abatidos a tiro e os camaradas tiveram de trazer os corpos de volta. Foram para as valas, ao lado das suas vítimas¹⁹. Por fim, a tarefa provou ser insuportável. Havia demasiados cadáveres e os *bulldozers* tinham de empurrar para as valas os que estavam em decomposição. Demorou quase duas semanas até o último ser enterrado²⁰.

Os sobreviventes do Campo 1 foram transferidos para os edifícios limpos e firmes do Campo 2, que foi redefinido como um hospital. Quando, no Campo 1, as casernas de madeira insalubres e a desfazer-se ficaram vazias, foram incendiadas com lança-chamas.

Uma enfermeira inglesa do pessoal médico sentiu vergonha e remorso por, tendo sabido da existência destes campos logo em 1934, nunca ter percebido – e não ter querido perceber – que podiam ser assim. Ela e os colegas estavam «cheios de uma raiva fria contra os principais responsáveis, os alemães, uma raiva que crescia diariamente em Belsen»²¹. Outros estavam chocados

com a forma como os maus-tratos e a humilhação tinham reduzido muitos sobreviventes a um estado quase animal, a lutarem pela comida e a comerem de bacias que também serviam como arrastadeiras, apenas com o passar de um trapo entre as diferentes utilizações²².

O influxo do campo principal criou um problema a Gustav e aos sobreviventes de Mittelbau: trouxe tifo para o meio deles. Os edifícios que albergavam os infectados foram isolados, mas a sua presença ainda assim aumentava o risco de poder espalhar-se pelas casernas.

Gustav estava a ficar desesperado para abandonar este sítio terrível e assombrado.

Dez dias após a libertação, os primeiros transportes de repatriamento foram autorizados a partir, levando uma selecção de sobreviventes franceses, belgas e holandeses. O seu caminho para casa passava por países libertados. Os que vinham da Alemanha, da Áustria e de outros sítios que estavam na zona de guerra ou ainda em mãos alemãs tinham de esperar. Gustav observou os transportes a partirem com ansiedade e, com o passar dos dias, perdeu a paciência. Não importava o facto de ser irracional e de a Áustria ainda não ter sido libertada. Ele tinha a certeza de que conseguia encontrar o caminho para casa, desse por onde desse. Acreditava que Fritz estava em Viena à espera dele. Gustav precisava de voltar para junto dele de alguma forma. Ou, pelo menos, ansiava por deixar de estar confinado.

Escolheu o momento e, na manhã de segunda-feira, 30 de Abril, pôs-se a caminho. Agarrou nos seus poucos pertences e num pouco de comida, saiu do edifício e caminhou ao longo da rua de alcatrão em direcção à estrada.

Um soldado húngaro pôs-se à frente dele, de espingarda erguida.

– Onde pensas que vais?

– Para casa – disse Gustav. – Vou-me embora.

Havia algo no olhar do soldado que Gustav tinha visto em centenas de guardas das SS, uma forma anti-semita de olhar para um prisioneiro judeu. Até há duas semanas, este soldado estava a lutar ao lado dos nazis. Gustav ia passar por ele. O soldado rodou a coronha da espingarda e atingiu Gustav no peito. Gustav desequilibrou-se, sem conseguir respirar.

– Tenta isso outra vez e dou-te um tiro – disse o soldado.

Gustav já tinha visto o suficiente para saber que ele não hesitaria. O desejo de liberdade tinha acabado. Ele estava encurralado.

Agarrado às costelas doridas, voltou para o bloco. Sair de Belsen seria mais difícil do que esperara. Falou sobre isso com outro preso de Viena, um homem chamado Josef Berger, que também estava desesperado por ir para casa.

Naquela tarde, os dois homens saíram do bloco silenciosos e ficaram por ali a observar as sentinelas. Chegou por fim o momento que aguardavam, a mudança de turnos. Enquanto os guardas estavam distraídos, Gustav e Josef arriscaram – não se dirigiram para a estrada desta vez, mas para os bosques que ladeavam a ponta noroeste do campo.

Estavam entre postos de vigia quando se ouviu um grito em húngaro e o disparo de uma espingarda. A bala sibilou por cima das suas cabeças. Passou outro tiro e lançaram-se ambos para o chão. As balas ricocheteavam na erva à volta deles. Gustav e Josef rastejaram com os cotovelos. Assim que houve uma pausa nos tiros, levantaram-se de um salto e correram para os bosques, a desviar-se e a

esconder-se entre as árvores. Correram através da seccção russa do campo e para a floresta do outro lado.

בן

Passaram-se minutos na caverna de Kellerbau, gelada e a pingar, mas não se ouviram aviões nem explosões. À volta de Fritz havia apenas o eco dos sussurros de dezenas de milhar de prisioneiros a respirar e a murmurar uns para os outros.

O tempo continuou a passar. Do lado de fora do túnel, os artilheiros das metralhadoras das SS observavam e aguardavam a explosão iminente.

Os minutos transformaram-se devagar em horas. Os prisioneiros, habituados a estar de pé em chamadas que se arrastavam assim, não ligaram muito. Presumivelmente, um falso alarme. Pelo menos não estavam a trabalhar. A maioria deles nunca viria a saber a verdadeira razão por que tinham sido enviados para os túneis e nunca teria consciência das complicações que os mantinham ali de pé durante tanto tempo. Os acontecimentos que decorriam sobre as suas cabeças, na obscuridade, nunca seriam totalmente revelados.

As cargas explosivas colocadas em torno da entrada não tinham explodido. Paul Wolfram, o responsável, diria mais tarde ter sabotado deliberadamente o plano assassino, ao ter mandado os seus homens colocar as bombas e as minas sem detonador. Mas não explicou os outros explosivos. O comandante Ziereis, que passou muito deste período bêbedo, afirmou que tinha reservas sobre tudo. Mas a história que circulava entre alguns dos prisioneiros era a de que um prisioneiro polaco chamado Władysław Palonka, electricista, tinha descoberto o detonador e cortado os fios²³.

Às quatro da tarde soou a sirene de fim de perigo e os prisioneiros que tinham caminhado, sem saber, para a sua morte, voltaram a sair, ainda sem qualquer ideia da sentença de morte que tinham tido sobre si, e regressaram aos campos. Se o plano tive tido sucesso, teria matado mais de 20 mil pessoas, um dos maiores actos isolados de assassínio em massa na história da Europa²⁴.

A rotina das chamadas e do trabalho foi retomada, mas depois, a 1 de Maio, uma terça-feira, os prisioneiros não foram enviados para o trabalho. Fritz sentiu um estado de espírito entre os SS que lhe lembrou Monowitz em meados de Janeiro. Desta vez, o pânico era mais profundo. As SS já não tinham agora nenhum *Reich* para onde pudessem retirar. Mauthausen não seria evacuado.

Dois dias mais tarde, todos os guardas desapareceram do campo. Os nazis fanáticos entre eles tencionavam travar uma última batalha nas montanhas, enquanto os restantes largaram os uniformes e se esconderam entre as populações civis das cidades. O comando de Mauthausen-Gusen foi oficialmente entregue à polícia civil de Viena, enquanto a administração do campo recaía sobre a Luftwaffe. Um destacamento de bombeiros de Viena, que tinha aqui chegado como prisioneiros políticos, em 1944, foi requisitado para ajudar²⁵.

A sul, exércitos constituídos por americanos, britânicos, polacos, indianos, neozelandeses e uma brigada judaica, estavam a abrir caminho para as fronteiras montanhosas entre Itália e a Áustria.

A leste, o Exército Vermelho tinha atravessado a fronteira austríaca e, a 6 de Abril, tinha cercado Viena. As forças alemãs que lá permaneciam foram insuficientes para a defender e o cerco durou pouco. A 7 de Abril as tropas soviéticas estavam na zona sul da cidade e, três dias depois,

os alemães evacuaram Leopoldstadt. As pontes sobre o Danúbio foram capturadas e, a 13 de Abril, a última unidade de blindados das SS abandonou a cidade²⁶. Viena foi libertada quase sete anos exactos após Hitler ter realizado o seu plesbicio e iniciado a *Anschluss*. Agora, ele estava encurralado no seu *Bunker*, em Berlim, e o seu grandioso *Reich* estava reduzido a um pequeno coto sangrento.

A terceira força de ataque dos Aliados chegou de nordeste. As forças americanas atravessaram o estreito do Danúbio, na Baviera, a 27 de Abril. Patton enviou o seu XII Corpo do Exército para a Áustria, pelo norte do rio. Enfrentaram uma forte luta por parte das forças alemãs fanáticas, que andavam a enforçar desertores em árvores à beira da estrada²⁷. Quando o avanço americano chegou ao vale do Danúbio, a frente do ataque consistia numa patrulha do 41.º Esquadrão de Reconhecimento da Cavalaria e num pelotão do 55.º Batalhão de Infantaria Blindado. A explorar a leste de Linz, chegaram às aldeias de St. Georgen e de Gusen, onde viram os campos pela primeira vez.

Em termos de horror, Mauthausen e Gusen rivalizavam com Bergen-Belsen. Tinham sido ambos depósitos para onde tinham sido drenados os outros campos. As taxas de mortalidade de Mauthausen tinham explodido para mais de 9 mil por mês. Os cadáveres andantes que cumprimentaram os libertadores americanos foram encontrados a viver entre dezenas de milhar de corpos não enterrados, meio enterrados ou meio queimados. O fedor era tal que permaneceu nas mentes dos soldados americanos. «O cheiro e o fedor dos mortos e dos moribundos, o cheiro e o fedor da fome», recordou um dos oficiais. «Sim, é o cheiro, o odor dos campos de morte que queimam nas narinas e na memória. Vou sempre cheirar Mauthausen.»²⁸

Tanques verde-azeitona, com a estrela branca americana, cicatrizados e desgastados, entraram no campo. Em Gusen I, um sargento subiu para cima do seu *Sherman* e gritou em inglês para a massa de prisioneiros macilentos: «Irmãos, estão livres!»²⁹ Explodiram da multidão vários hinos nacionais e o oficial *Volkssturm* que comandava os guardas alemães entregou a sua espada ao sargento.

Fritz, no vizinho Gusen II, observou a chegada dos americanos com alívio e satisfação, mas sem qualquer alegria excessiva. Estava demasiado fraco e desmoralizado para celebrar. Se estava relativamente saudável quando chegou, tinha suportado três meses neste inferno onde a esperança de vida, mesmo para os recém-chegados mais em forma, era de apenas quatro. Ele mal estava vivo, com pouco mais do que ossos envoltos em pele, coberto de nódoas negras e feridas. Não tinha verdadeiros camaradas em Mauthausen-Gusen, apenas companheiros de sofrimento. «Estava completamente destruído ali», escreveu mais tarde³⁰. Estava demasiado fraco e doente para ir para casa, mesmo partindo do princípio de que havia uma casa para onde regressar. Sobretudo, sentia saudades do pai e não fazia a mínima ideia do que lhe acontecera.

אבא

Após mais ou menos um quilómetro, Gustav e Josef pararam para recuperar o fôlego. Puseram-se à escuta, mas não havia sons de perseguição, apenas pássaros a cantar e o silêncio abafado do bosque. Sentaram-se para descansar. Gustav olhou à volta, fixou o céu, e inalou o ar com cheiro a cedro. O simples aroma trouxe-lhe felicidade. Era o cheiro da liberdade. «Finalmente livre!» escreveu no

diário. «O ar à nossa volta é indescritível.» Pela primeira vez em anos, a atmosfera não estava manchada pelos odores da morte e do trabalho e das multidões humanas sujas.

Ainda não estavam em segurança. As linhas da Frente estavam para leste, portanto, por enquanto, Gustav e Josef voltaram as costas à sua terra natal e seguiram para noroeste através da floresta.

Andaram a tarde toda e pela noite dentro, passaram vários pequenos vilarejos espalhados pelos bosques – sítios alemães onde não ousavam pedir ajuda. Cerca de 20 quilómetros depois, acabaram por sair da floresta na pequena aldeia de Osterheide. Nos arredores ficava um campo grande de prisioneiros de guerra – Stalag XI – que tinha sido libertado pelos britânicos no dia a seguir a Belsen³¹. Tinha sido evacuado há vários dias, mas ainda tinha uma população de prisioneiros de guerra russos, que deram aos vienenses itinerantes cama e alojamento por uma noite.

Na manhã seguinte, Gustav e Josef caminharam até Bad Fallinfbostel, uma localidade termal agradável, cheia de refugiados e tropas. Os dois homens apresentaram-se às autoridades britânicas, mas foi-lhes dito que não podiam fazer nada por eles de imediato. Tinham de ir para um dos campos de pessoas deslocadas. Saíram-se melhor na câmara municipal, onde lhes atribuíram alojamento num hotel e uma ração de comida.

Gustav arranjou um trabalho de uma semana como seleiro com um estofador local chamado Brokman. O salário era decente e, pela primeira vez em sete anos, era tratado como um civil. Começou a recuperar da sua provação. No quarto de hotel, agarrou no pequeno bloco-notas verde que o tinha acompanhado desde os primeiros dias. Na primeira página estava a entrada: «Cheguei a Buchenwald a 2 de Outubro de 1939, após uma viagem de dois dias de comboio. Desde a estação de Weimar corremos até ao campo [...]»

Assim começou o registo do seu cativo. Agora, começava a registar a sua liberdade.

«Finalmente sou um homem livre que pode fazer o que quiser», escreveu. «Apenas uma coisa me incomoda, que é a incerteza sobre a minha família em casa.»

Continuaria a perseguir-lhe a mente enquanto os vestígios do regime nazi continuassem a existir, ainda a lutar, no território entre ele próprio e a sua pátria.

^[xxxii] Tipo de pão de centeio, muito escuro, típico da Alemanha. (*N. da T.*)

^[xxxiii] Episódio de repressão do protestantismo, engendrado pelos reis franceses, que eram católicos, e que se traduziu em milhares de assassinios a 23 e 24 de Agosto de 1572, em Paris, no Dia de São Bartolomeu. (*N. da T.*)

O longo caminho para casa

משפחה

Edith estava à janela da frente, a ver o carteiro a pedalar na sua bicicleta colina acima. A grandiosamente designada Spring Mansions, uma casa vitoriana de três pisos convertida em apartamentos, situava-se na esquina dos Gongar Gardens, em Cricklewood, de onde podia avistar metade de Londres: o caminho-de-ferro e, para lá deste, a Kilburn High Road a traçar uma linha recta até Westminster.

O pequeno Peter estava ao seu lado a olhar pela janela. Tinha acabado de voltar para junto dos pais, depois de ter sido mandado para uma quinta perto de Gloucester. Durante a sua ausência, os pais e a sua irmã bebé, Joan, tinha abandonado Leeds e ido morar para este pequeno apartamento em Londres. Peter já era quase um estranho para a mãe – completamente britânico por nascimento e sotaque. Edith e Richard, conscientes da hostilidade perante todas as coisas alemãs no país, nunca falavam nada a não ser inglês em casa.

O carteiro encostou a bicicleta na sebe e enfiou uma série de cartas na caixa de correio. Edith desceu as escadas e recolheu-as do tapete. Entre envelopes dos outros arrendatários, encontrou um dirigido a «senhora Edith Kleinmann». Tinha várias moradas riscadas, começando pela da senhora Brostoff, em Leeds. Rasgou o envelope.

Peter ouviu a mãe a correr escadas acima e a chamar sem fôlego pelo pai dele. Não percebia qual era a razão do entusiasmo. Ela só repetia que o seu pai estava vivo. *Vivo*.

Era quase inacreditável. Durante todo este tempo, ela não tinha tido noção do que acontecera à sua família. Sabia por Kurt que o pai e Fritz tinham ido para Buchenwald, mas só isso. Toda a gente tinha visto as horríveis imagens de Belsen nos noticiários e ouvido as emissões da BBC. Pensar que o pai dela tinha lá estado e sobrevivido!

Edith escreveu de imediato a Kurt. Por eles, o juiz Sam Barnet usou todos os seus conhecimentos políticos para tentar abrir uma linha de comunicação entre eles e o pai¹. Passaram-se semanas e não houve mais notícias de Gustav. Era como se, depois de revelar a sua presença, ele tivesse desaparecido de repente.

בן

A seguir à libertação, o exército britânico trouxe auxílio médico para os sobreviventes de Mauthausen e Gusen. Milhares já não podiam ser salvos e morreram nesses primeiros dias.

Fritz Kleinmann estava entre aqueles que se agarravam à vida, apesar da sua condição desesperada. Quando começaram as avaliações médicas, foi entrevistado por um oficial americano

que também tinha nascido em Viena, em Leopoldstadt. Feliz com esta ligação entre ambos, o oficial arranjou a Fritz um lugar prioritário na evacuação de emergência.

Foi levado para Regensburg, no Sul da Baviera, uma bela cidade antiga onde tinha sido instalado um hospital militar. A sua chegada coincidiu com as notícias de que a Alemanha se tinha rendido. Hitler e Himmler estavam mortos e a guerra na Europa estava terminada.

O 107.º Hospital de Evacuação estava instalado em tendas e edifícios na margem do rio Regen, onde este se encontrava com o Danúbio². Quando Fritz deu entrada mal estava vivo, com um peso registado de 36 quilos. A horrível, milagrosa, casual cadeia de acontecimentos que lhe permitira escapar à morte durante cinco anos e meio quase o tinha matado mesmo no fim.

Enquanto descansava na sua cama da tenda hospitalar, ele sabia que o suplício que tinha começado naquele dia de Março de 1938, quando a Luftwaffe lançou a chuva de panfletos sobre Viena, tinha acabado.

Só que ainda não tinha. O percurso que começara naquele dia não estaria completo até ele regressar a Viena e descobrir se ainda tinha casa e, mais importante, se o pai tinha sobrevivido. E, quanto ao pesadelo, bem, esse nunca teria fim enquanto a vida e a memória durassem. Os mortos continuavam mortos, os vivos tinham cicatrizes, e os seus números e as suas histórias ficariam para sempre, como um memorial.

Fritz abandonou o futuro para tratar de si mesmo no presente e concentrou-se em recuperar as forças. Os médicos deram-lhe uma dieta de bolachas, pudim de leite e uma mistela fortificante cujos ingredientes Fritz nunca soube. Em duas semanas ganhou 10 quilos. Ainda estava seriamente abaixo do peso, mas sentia-se com força para viajar e sentia o chamamento de casa. O hospital estava a desmontar para ir para outra localização e o seu pedido para ter alta foi aceite. Foi à câmara municipal de Regensburg, onde lhe entregaram roupas civis e o puseram na lista para ser transportado de volta para a Áustria.

Já Maio ia avançado quando Fritz passou por Linz e chegou à linha demarcada entre as zonas americanas e soviéticas na margem sul do Danúbio, em frente a Gusen e Mauthausen. Em St. Valentin apanhou um comboio. Mais uma vez, seguiu o percurso por Amstetten, Blindenmarkt e St. Pölten. Desta vez, sem interferências.

Por fim, na segunda-feira, dia 28 de Maio de 1945, Fritz pisou Viena, 5 anos, 7 meses e 28 dias depois de partir no transporte para Buchenwald. O comboio chegou à Westbahnhof, a mesma estação de onde tinha partido. Fritz soube mais tarde que, dos 1035 homens judeus que tinham estado naquele transporte, apenas 26 ainda estavam vivos.

Viena não tinha sofrido tanto com as batalhas recentes como Berlim. O cerco tinha sido breve, sem destruição generalizada. Partes da cidade mal tinham sido afectadas. No entanto, quis a sorte que o caminho que Fritz percorreu entre a estação e a cidade fosse um dos mais atingidos, o que lhe deu uma impressão aflitiva de que Viena tinha sido toda destruída.

Já era noite e a escuridão do Verão estava a instalar-se sobre as ruas quando chegou ao canal do Danúbio. Os edifícios do lado de Leopoldstadt estavam bastante danificados pelas bombas e a outrora bela Ponte Salztor era apenas uma protuberância retorcida na margem. Fritz atravessou noutro sítio e acabou por se encontrar no Karmelitermarkt.

As bancas tinham sido retiradas, as pedras estavam nuas e era como se fosse uma daquelas tardes de há muito, quando ele e os amigos brincavam ali, a dar pontapés numa bola de trapos, atentos à polícia, repreendidos pelos acendedores dos postes de iluminação por os treparem. Conseguia recordar-se dos bolos com creme, dos *wafers Mannerschnitte* cor-de-rosa, das côdeas de pão e dos restos de salsicha, dos lojistas e dos vendedores da praça, judeus e não judeus a trabalhar lado a lado, a prosperar sem ódio nem hostilidade, as suas crianças a brincar numa única sociedade risonha. Agora, metade do que tinha dado vida a este sítio desaparecera: cinzas nos fornos de Auschwitz que flutuavam pelo Vístula abaixo, ossos no solo debaixo da caruma de Maly Trostinets, ou espalhados pelo mundo – Palestina, Inglaterra, Américas, Oriente. Ao contrário de uns poucos como Fritz, esses nunca mais regressariam a Karmelitermarkt³.

Quando chegou ao antigo prédio, em Im Werd, encontrou a porta da rua fechada à chave. As autoridades soviéticas tinham imposto um recolher obrigatório que começava às oito da noite. Bateu com força na porta, que foi aberta pela figura familiar de *Frau Ziegler*, a porteira. Cumprimentou-o com surpresa. Toda a gente pensara que ele e o pai estavam mortos.

Deixou-o entrar, mas não permitiu que voltasse ao antigo apartamento. Viviam lá pessoas novas. Já não havia aqui nenhum Kleinmann.

Na sua primeira noite de novo em Viena, Fritz dormiu no chão de *Frau Ziegler*. Quando acordou na manhã seguinte e saiu, descobriu que as notícias do seu regresso já se haviam espalhado. «O rapaz dos Kleinmann regressou», disseram uns aos outros com perplexidade.

Ele não viu Olga Steyskal nem nenhum dos outros amigos do pai nessa manhã, mas encontrou Josefa Hirschler, a porteira do prédio de Olly. Ela cumprimentou-o afectuosamente e convidou-o a comer o primeiro pequeno-almoço vienense com ela e com os filhos, seus antigos amigos. Estava sujo da viagem através da Áustria, por isso, Josefa mandou-o para o pátio traseiro para se lavar. Encontrou à sua espera uma bacia cheia de água quente.

Enquanto molhava a cara e esfregava o pescoço, sentiu que estava a começar uma nova vida. Mas era uma nova vida sozinho, sem família. O seu irmão mais novo na América, a irmã em Inglaterra, a mãe e Herta desaparecidas, quase de certeza mortas no Leste... E, quanto ao seu pai, parecia não haver muita esperança. Ele parecia quase morto quando se separaram. «Tens de esquecer o teu pai...» Iriam as palavras de Robert Siewert tornar-se finalmente verdade, aqui, no fim da estrada? Se, por algum milagre, o pai tinha sobrevivido, onde estaria?

אבא

Gustav tinha encontrado uma vida boa em Bad Fallingbostel. Tinha trabalho e andava a comer bem. Tinha feito amizade com uma alemã de Aachen que lhe dava comida extra. Fazia mochilas para alguns oficiais do exército sérvio que tinham sido prisioneiros de guerra. Eles pareciam estar bem fornecidos e davam-lhe muitos cigarros⁴.

«Sinto-me muito mais forte», escreveu, mas «Senhor Deus, se ao menos eu estivesse em Viena com o meu filho.» Nunca duvidara de que Fritz tinha conseguido chegar a casa depois de saltar do comboio.

Vários outros vienenses tinham vagueado até Fallingbommel e formado uma pequena comunidade. Com o fim da guerra, Gustav e os novos amigos partiram finalmente na longa jornada para casa.

Avançaram devagar, à procura de comida e de abrigo onde conseguiam, e atravessaram a zona montanhosa da floresta a sul de Hildesheim. Gustav apreciava a lentidão do percurso e aproveitava a liberdade e a beleza da paisagem. Na localidade de Alfeld, encontrou um velho amigo que tinha sido preso político em Buchenwald e que era agora nada menos que chefe da polícia. Ao saber da viagem que Gustav tinha pela frente, deu-lhe uma bicicleta.

O passo acelerou e, a 20 de Maio, o grupo de viajantes chegou à cidade de Halle, na Saxónia, onde Gustav se reencontrou com muitos mais antigos camaradas, tanto de Monowitz como de Buchenwald. Entre os últimos estava o bom amigo e mentor de Fritz, Robert Siewert, que tinha sobrevivido e tinha regressado à sua terra natal para começar a reconstruir o seu partido comunista.

Halle acabou por ser uma espécie de local de encontro de sobreviventes dos campos de concentração e Gustav decidiu ficar durante algum tempo. Receberam cuidados e muita comida e havia um comité austríaco. Robert Siewert deu uma palestra pública sobre as condições em Buchenwald, dando início à sua tarefa vitalícia de manter a memória viva.

Após um mês em Halle, a viagem recomeçou. A pedalar através da Baviera, Gustav exultava com a beleza natural. «Esta área é gloriosa», escreveu durante uma das suas paragens frequentes. «Nada a não ser montanhas por todo o lado. Sinto-me como se tivesse nascido de novo.»

No final de Junho chegaram a Regensburg e, a 2 de Julho, Gustav passou com a sua bicicleta sobre a ponte do Danúbio em Passau e entrou na Áustria, cumprimentado pelo som dos sinos da igreja a assinalar o meio-dia.

Os exilados austríacos chegaram a Linz depois do anoitecer, debaixo de uma chuvada. Já era tarde de mais para encontrar alojamento, por isso, passaram a noite num abrigo antiaéreo. Abastecidos com vales de ração, passaram vários dias na cidade.

Apesar de estar em território nacional e de Viena estar apenas à distância de uma viagem de comboio, os passos de Gustav voltaram a desacelerar. Após viajar de tão longe, sentiu de repente que não tinha urgência em chegar a casa. Estava a divertir-se e, embora nunca o tenha confessado sequer ao seu diário, lá no fundo devia sentir uma certa ansiedade sobre as notícias perturbadoras que podia ter à sua espera. Não apenas toda a verdade sobre o que tinha acontecido a Tini e Herta, mas e se a sua fé estava errada e Fritz não estivesse lá?

Mais do que qualquer coisa, estava a aproveitar a liberdade. Pela primeira vez desde sempre, não apenas desde os campos, mas pela primeira vez em toda a sua vida, Gustav era completamente livre, sem responsabilidades, nem preocupações nem medos, livre para ir para onde quisesse e demorar o tempo que quisesse a apreciar as vistas e cheirar as flores.

Um dia, para aproveitar o tempo maravilhoso, fez um passeio pelas montanhas com um dos seus companheiros⁵. Agindo por impulso, foram até à aldeia de Mauthausen, onde também outro camarada do campo, Walter Petzold, de Auschwitz, era agora chefe de polícia. Subiram o monte e foram ver o campo de concentração. O formidável recinto de pedra estava agora deserto. Gustav tinha curiosidade de ver o sítio onde o seu comboio de Auschwitz tinha sido recusado. Se ele soubesse

que Fritz tinha ali passado três meses e que isso quase o matara, talvez o tivesse visto a uma luz diferente.

A 11 de Julho, Gustav atravessou a «fronteira verde» pela primeira vez, passando da zona americana para a soviética. Achou os russos «muito corteses para com os sobreviventes dos campos de concentração». Durante o resto de Julho e Agosto, ficou pelo centro da Áustria e só quando o Verão começou a esmorecer é que pedalou finalmente em direcção a casa.

Num dia de Setembro, Gustav Kleinmann entrou em Viena. Viu a devastação, as enormes torres de betão antiaéreas a espreitar sobre os belos parques e todos os monumentos familiares. O Karmelitermarkt ainda ali estava, bem como os prédios de Im Werd de onde este se avistava e a sua antiga oficina no rés-do-chão do número 11, agora com novos ocupantes. Dirigiu-se ao número 9, ao segundo andar, e bateu à porta do apartamento de Olly. Ali estava ela, a sua mais querida e mais verdadeira amiga, a olhar para ele com perplexidade, a recuperar os sentidos e a recebê-lo com alegria.

Só faltava uma coisa e ficou rapidamente resolvida. Encontrou a pessoa que mais ansiava ver, a viver sozinha num apartamento do mesmo prédio. O seu orgulho, o seu querido filho. Gustav envolveu Fritz num abraço e, juntos, choraram de alegria.

Estavam em casa e outra vez juntos.

Epílogo

Sangue judeu

Viena, Junho de 1954

Um soldado americano estava de pé a olhar através do canal do Danúbio em direcção a Leopoldstadt. Usava o uniforme com a insígnia de soldado de primeira classe na manga. A sua unidade era a 1.^a Divisão de Infantaria, cujas tropas tinham estado entre os primeiros a chegar à Praia de Omaha no Dia D. Este soldado era demasiado jovem para ter lá estado nesse dia: era apenas um miúdo de escola em 1944. Agora era alto, a verdadeira imagem de um soldado dos Estados Unidos. Estava estacionado na Baviera e tinha aproveitado uma semana de licença para ir ver Viena, a cidade onde tinha nascido.

Era-lhe familiar e, no entanto, diferente – ganhando vida, curando feridas. O soldado aproximou-se do posto de controlo soviético e mostrou a identificação. Deixaram-no passar com um sinal de mão e caminhou pela larga Ponte Augarten, debaixo da sombra das Rossauer Kaserne, as grandiosas casernas imperiais onde os pais se tinham casado em 1917.

Muitos dos edifícios que conhecia tinham cicatrizes, alguns estavam cobertos de andaimes, ainda em reparação. Mas Leopoldstadt ainda era reconhecível, ainda tão fresca na sua mente como no dia em que partira. Como a vida mudara desde então e como o tinha mudado a ele. Depois do liceu, fora para a universidade estudar Farmacologia e, em 1953, tinha sido recrutado para o exército – soldado Kurt Kleinmann. Agora estava de volta.

Kurt era agora o resultado tanto da América como de Viena. A família dele estava lá – não apenas os Barnet, que se tinham tornado família em tudo menos no nome, mas também Edith, que agora vivia no Connecticut. Ela e Richard tinham ficado em Londres três anos depois da guerra, mas acabaram por deixar para trás a lúgubre e empobrecida Inglaterra. Os Paltenhoffer tinham-se adaptado depressa à vida americana. Quando chegaram, Peter e Joan, com 8 e 6 anos, eram crianças com «sotaque de Oxford» (segundo o jornal de New Bedford), mas isso não durou muito. Determinados a enquadrar-se, Richard e Edith mudaram o nome de Paltenhoffer para Patten e, este ano, enquanto Kurt estava no estrangeiro, no exército, tinham-se tornado cidadãos dos Estados Unidos¹.

Ao caminhar ao longo de Obere Donaustrasse e ao subir por Grosse Schiffgasse, Kurt ficou surpreendido por se lembrar tão bem de tudo: as curvas à direita e à esquerda eram familiares, bem como o Karmelitermarkt à sua frente, as suas bancas em fila, o relógio na sua torre elegante ao centro, as lojas e os prédios de Leopoldsgasse e de Im Werd de ambos os lados. Como sempre tinha sido.

Por mais familiar que tudo lhe parecesse, ele era agora um estranho. A sensação de ser estrangeiro era quase palpável – já nem sabia falar a língua.

Kurt subiu as escadas e bateu à porta do apartamento de Olga. Quem abriu foi o pai. Gustav estava mais velho, com mais rugas e mais cabelo grisalho, mas ainda tinha o mesmo sorriso familiar na cara esguia, com o seu bigode aparado. Ali estava também Olga, a leal e maravilhosa Olly. Agora era *Frau Kleinmann*, madrastra de Kurt.

Ele visitou-os muitas vezes durante o Verão. Sentados à volta da mesa da cozinha, os quatro – Gustav e Olly, Kurt no seu incongruente uniforme do exército, e Fritz – falavam o melhor que conseguiam. Com o passar do tempo, Kurt descobriu que um pouco do seu alemão tinha regressado: só o suficiente para se desembaraçar, mas não o suficiente para uma verdadeira conversa.

Era difícil recuperar os anos perdidos. O pai não queria falar sobre o tempo passado nos campos e a relação de Kurt com Fritz era diferente. Educado como um rapaz americano, Kurt estava desiludido com a simpatia do irmão pelo comunismo. Fritz adquirira as suas posições políticas por herança do socialismo do pai, e nos campos, com heróis como Robert Siewert e Stefan Heymann. A vida como trabalhador na Áustria pós-guerra controlada pelos soviéticos tinha confirmado as suas crenças. Também havia diferenças religiosas. Ninguém da família, excepto Kurt, tinha alguma vez sido muito devoto e Fritz tinha abandonado a sua fé por completo na estrada para Auschwitz².

«Nada de falar sobre política ou religião», decretou Gustav, e ficavam-se por assuntos mais seguros.

משפחה

Quando regressaram a Viena, em 1945, Gustav e Fritz enfrentaram problemas de adaptação. Mesmo encontrar um sítio para viverem tinha sido um desafio na cidade danificada pelas bombas e gerida pelos soviéticos. Gustav ficou no apartamento de Olly Steyskal e continuou por lá até se casar com ela em 1948, o mesmo ano em que conseguiu restabelecer o seu negócio de estofador.

Ainda havia anti-semitismo, mas tinha ficado escondido, confinado a murmúrios e insinuações. Dos 183 mil judeus que viviam em Viena em Março de 1938, mais de dois terços tinham emigrado: quase 31 mil para o Reino Unido, 29 mil para os Estados Unidos, 33 mil para a América do Sul, Ásia e Austrália, e pouco mais de 9 mil para a Palestina. Mais de 21 mil dos que tinham emigrado para países europeus tinham acabado por ficar sob domínio nazi e quase todos foram para os campos, juntamente com 43 421 judeus deportados directamente de Viena para Auschwitz, Łódź, Theresienstadt e Minsk, e os milhares enviados, como Fritz e Gustav, para Dachau e Buchenwald³.

Depois do Shoah, Viena ainda tinha uma comunidade judaica, que recuperou gradualmente a sua identidade e preservou a sua herança, mas era um fragmento do que tinha sido. As sinagogas tinham sido destruídas ou estavam em ruínas e apenas algumas foram reconstruídas. A Stadttempel, no antigo bairro judeu, onde Kurt cantava quando era miúdo, era uma delas.

No início Fritz não conseguiu trabalhar, devido à sua fraca saúde, e viveu durante algum tempo de uma pensão de invalidez. Ele e o pai discutiram o que deviam fazer acerca de Kurt. Deviam trazê-lo para casa? Ainda era uma criança e tinham saudades. Mas o que havia ali para ele? A mãe estava morta e o pai envelhecido e pobre. Concluíram que ele estava melhor onde estava. Por isso, Gustav e

Fritz continuaram juntos, apenas os dois, a apoiarem-se mutuamente como tinham feito durante tantas provações.

Uma das maravilhas dos anos pós-guerra foi o reencontro com Alfred Wocher. O velho alemão, forte e corajoso, tinha sobrevivido ao inferno da última defesa do *Reich* e procurado os antigos amigos de Auschwitz em Viena. Visitava-os muitas vezes. «Para nós, presos dos campos de concentração, Wocher tinha cumprido mais do que o seu dever», recordou Fritz. «Através da sua conduta deu-nos coragem e fé, contribuindo assim de forma decisiva para termos sobrevivido a Auschwitz. Ninguém o recompensou por isso. Nós, os sobreviventes, estamos em dívida para com ele.»

Enquanto o pai tentava esquecer o que tinha visto e sofrido nos campos, Fritz tinha uma postura completamente diferente. Recordava tudo vívida e intencionalmente, e com raiva. Alojava um ódio ardente aos antigos nazis que ainda viviam em Viena. Ouvia o pessoal mais velho a sussurrar sobre o seu pai – «Olha, o judeu Kleinmann voltou» – e, enquanto o pai tentava viver pacificamente com os colaboradores, Fritz não falava com ninguém que tivesse alinhado com os nazis. Eles ficavam perplexos com isto e um dos vizinhos que os tinha entregado às SS até se queixou a Gustav: «O teu filho não nos cumprimenta!» A intencional ignorância sobre o Shoah estava tão enraizada que este homem não conseguia sequer aproximar-se da compreensão do horror que tinha provocado.

Houve algumas represálias contra colaboradores, por parte dos judeus mais jovens, e Fritz envolveu-se. Um vizinho ariano, Sepp Leitner, tinha-se tornado membro do 89.º SS-Standarte, sediado em Viena, que tinha participado na destruição das sinagogas na Noite de Cristal. Fritz confrontou Leitner e espancou-o. Foi preso pela polícia por agressão, mas as autoridades soviéticas, que aprovavam a justiça sumária para os fascistas, mandaram libertá-lo.

Fritz não conseguia aceitar o que no seu país se tinha tornado. Em Buchenwald ele ouvira os *Prominenten* austríacos debater o futuro pós-nazi da nação, imaginando uma utopia socialista democrática e tinha ansiado por isso. As coisas melhoraram em 1955, quando a Áustria recuperou a independência, mas o paraíso dos trabalhadores nunca se materializou. Fritz frequentou a escola à noite e tornou-se activo no sindicato da sua empresa. A vida familiar foi instável. Teve dois casamentos, um filho, Peter, e um enteado, Ernst.

Entretanto, Gustav estava feliz por ter de novo o seu ofício e estar casado com Olly. Em 1964 reformou-se, aos 73 anos. Ele e Olly visitaram a América. Embora mal percebesse uma palavra de inglês, tinha agora cinco netos e três bisnetos americanos. Posou para fotografias com os pequenotes nos joelhos, a irradiar felicidade, rodeado mais uma vez por amor e família.

Gustav Kleinmann morreu a 1 de Maio de 1976, no dia anterior a fazer 85 anos. Há algum tempo que estava muito doente, no entanto a sua prodigiosa força interior continuou a aguentá-lo nos últimos dias.

Dois anos mais tarde, Fritz, que estava apenas na casa dos 50 anos, teve de se reformar antecipadamente. A tortura que tinha suportado nas masmorras da Gestapo em Auschwitz tinha-o deixado com lesões permanentes nas costas que, apesar das cirurgias à coluna, acabaram por causar uma paralisia parcial. No entanto, ele tinha a força do pai e viveu uma longa vida. Morreu a 20 de Janeiro de 2009, com 85 anos.



Enquanto o pai tentava esquecer o Shoah, a maior preocupação de Fritz Kleinmann era garantir que o mundo não se esquecia. Depois de a guerra acabar, os Aliados acusaram os nazis com cargos elevados nos julgamentos de Nuremberga, em 1945 e 1946, e em Dachau, entre 1945 e 1947. Muitos foram executados ou presos e os conceitos de *genocídio* e de *crimes contra a humanidade* entraram nos estatutos da lei internacional.

Mas assim que esses julgamentos terminaram, caiu uma sombra sobre as atrocidades nazis – em especial dentro da própria Alemanha. Os que as tinham vivido e compactuado com elas queriam estender um véu sobre o passado. No final da década de 1950, uma geração de alemães tinha sido educada numa teia de mentiras: que os judeus tinham sobretudo apenas emigrado, que todas partes haviam cometido atrocidades durante a guerra e que as cometidas pela Alemanha não tinham sido piores do que as dos Aliados. Estes jovens alemães não sabiam quase nada sobre o Holocausto e os nomes de Auschwitz e de Sobibor, Buchenwald e Belsen eram obscuros ou desconhecidos para eles. A maioria dos assassinos das SS continuava livre, muitos a viver ainda na Alemanha.

Isso mudou em 1963, quando Fritz Bauer, um procurador judeu de Frankfurt, instituiu processos contra 22 antigos SS acusados de cometer atrocidades em Auschwitz. As testemunhas dos julgamentos de Frankfurt incluíam mais de 200 presos sobreviventes, dos quais 90 eram judeus⁴. Entre eles estavam Gustav e Fritz Kleinmann, que prestaram depoimentos por escrito aos procuradores em Abril e Maio de 1963⁵. As restantes testemunhas incluíam Stefan Heymann, Felix Rausch e Gustav Herzog. Entre os acusados estavam membros da Gestapo do campo, *Blockführers* e administradores. Alguns foram absolvidos, outros receberam sentenças entre os três anos e a prisão perpétua.

Mais importante do que as penas individuais, os julgamentos de Frankfurt – juntamente com o julgamento de Eichmann em Jerusalém, em 1961 – obrigaram os alemães a abrir os olhos e a garantir que a nação – e o mundo – não esqueceriam o Holocausto.

Fritz Kleinmann continuou a fazer a sua parte. Em 1987 foi convidado por um amigo, o cientista político austríaco Reinhold Gärtner, a dar uma palestra sobre as suas vivências, a um grupo prestes a embarcar numa visita de estudo a Auschwitz-Birkenau. Fritz seria um dos quatro sobreviventes a falar. «Durante os dias anteriores não consegui dormir. As imagens do meu encarceramento no campo de concentração surgiam-me mais intensas do que nunca.» O acontecimento – que incluía a leitura de excertos do diário do pai por um actor vienense – comoveu Fritz profundamente e impressionou a audiência. Ele regressou e deu a sua palestra vezes sem conta, a outros grupos, durante mais de uma década.

Persuadido a explorar mais as suas recordações, Fritz escreveu um curto livro de memórias que foi mais tarde publicado⁶. Embora tivessem passado décadas, continuava a ferver de indignação e raiva sobre as atrocidades cometidas contra ele e o seu povo, mas a sua ira era contrabalançada pelo amor que ainda sentia por aqueles que o tinham ajudado a sobreviver: Robert Siewert, Stefan Heymann, Leo Moses e todos os outros. Pensava sobre os documentos antigos que tinha preservado. Ainda tinha

a fotografia que lhe tiraram em 1939, para o bilhete de identidade *J-Karte* e a tirada em Buchenwald, em 1940, que a mãe tinha dado a um parente antes de embarcar no transporte para Maly Trostinets.

E havia o diário. O pai tinha-lhe revelado a sua existência pouco depois de se reencontrarem em Viena. Abrindo a capa desgastada, ali estava a primeira página, amarelecida, coberta com a caligrafia angular do pai, com o lápis a desvanecer-se após todos estes anos. «Cheguei a Buchenwald a 2 de Outubro de 1939...» A vividez das imagens atravessou a mente de Fritz. A pedreira, o empurrar os vagões cheios de pedra pelos carris acima, os cadáveres na lama, um homem a correr através da linha de sentinelas e a cair com uma bala nas costas, estar pendurado na viga no *Bunker* da Gestapo, os braços a saírem das articulações, o peso da *Luger* na palma da mão, o frio agonizante do vagão descoberto entre Gleiwitz e Amstetten... e o poema do pai, «Caleidoscópio da Pedreira», com a sua inesquecível imagem principal:

Agita-se, a trituradora, todos os dias, sem parar,
Agita-se e agita-se e parte a pedra,
Mastiga-a até ser gravilha e de hora em hora
Engole pazadas e pazadas para o seu bucho insaciável.
E quem a alimenta com fadiga e com cuidado,
Sabe que ela só come e nunca estará saciada.
Primeiro come a pedra e depois come-os também.

Mas não os tinha triturado a todos. Alguns, tal como o prisioneiro alto do poema, tinham conseguido sobreviver à máquina, continuar até a trituradora de pedra parar, avariada, engasgada com o seu próprio apetite.

No final, a família Kleinmann não só tinha sobrevivido como tinha prosperado. Através da coragem, do amor, da solidariedade e da sorte pura, tinha superado as pessoas que a tentaram destruir. Eles e os seus descendentes espalharam-se e multiplicaram-se, perpetuando pelas gerações o amor e a unidade que os ajudaram na mais sombria das épocas. Carregaram consigo o seu passado, compreendendo que os vivos devem reunir as memórias dos mortos e conduzi-las para a segurança do futuro.

Posfácio

Já passaram mais de 70 anos desde os terríveis dias descritos neste livro. A história de sobrevivência da minha família, da perda de vidas e do salvamento engloba todos aqueles que estão ligados àquele período, que foram presos, que perderam membros da família, ou que tiveram a sorte de escapar ao regime nazi. É representativa de todos os que sofreram nesses tempos e, por isso, é preciso que nunca seja esquecida.

As vivências do meu pai e do meu irmão ao longo de seis anos, em cinco campos de concentração diferentes, são o testemunho vivo da realidade do Holocausto. O seu espírito de sobrevivência, o laço entre pai e filho, a coragem, bem como a sorte, estão além da compreensão de qualquer pessoa que viva agora. No entanto mantiveram-nos vivos durante toda a provação.

A minha mãe pressentiu o perigo em que estávamos assim que Hitler anexou a Áustria. Ela ajudou e encorajou a minha irmã mais velha a fugir para Inglaterra, em 1939. Eu vivi sob o domínio nazi em Viena durante três anos, até a minha mãe assegurar a minha ida para os Estados Unidos, em Fevereiro de 1941. Isso não só me salvou a vida como também me trouxe para o seio de uma família maravilhosa, que me tratou como se fosse um filho. A minha segunda irmã não teve tanta sorte. Tanto ela como a minha mãe acabaram por ser presas e deportadas com milhares de outros judeus para um campo da morte perto de Minsk. Sei há décadas que elas foram mortas ali e até visitei o remoto local onde tudo aconteceu, mas fiquei profundamente comovido, devastado até, ao ler neste livro, pela primeira vez, exactamente como tudo se passou.

O modo como o meu pai e o meu irmão sobreviveram ao seu suplício é pormenorizado de forma milagrosa neste livro. Reencontrei-me com eles quando, recrutado para o serviço militar, em 1953, regressei a Viena quinze anos após ter partido. Nos anos seguintes, a minha mulher, Diane, visitou Viena muitas vezes comigo e com os nossos filhos, que conheceram o avô e o tio. Havia uma relação familiar muito próxima, que sobreviveu à separação e ao Holocausto e que dura desde então. Embora não tenha ficado traumatizado com Viena ou com qualquer animosidade contra Viena ou a Áustria, isso não significa que possa perdoar ou esquecer totalmente a história passada da Áustria. Em 1966, o meu pai e a minha madrastra visitaram-me a mim e à minha irmã nos Estados Unidos. Além de lhes mostrarmos as maravilhas do nosso novo país, também lhes proporcionou a oportunidade de conhecer a minha família adoptiva em Massachusetts. Essa reunião, cheia de gratidão e de alegria, aproximou as pessoas que me são queridas e que são responsáveis pela minha existência e a minha sobrevivência.

O Rapaz Que Seguiu o Pai para Auschwitz é uma história sensível, vívida, comovente e bem investigada sobre a minha família. É quase difícil para mim descrever a minha gratidão a Jeremy

Dronfield por juntar todas as peças e escrever este livro. Está brilhantemente escrito, intercalando as minhas memórias e as da minha irmã com a história do meu pai e do meu irmão nos campos de concentração. Estou grato e reconhecido por a história da minha família no Holocausto ter sido revelada ao público e não ficar esquecida.

Agosto de 2018.

KURT KLEINMMANN

Notas

Prólogo

¹ Informação das fases da Lua em <http://www.timeanddate.com/moon/austria/amstetten?month=1&year=1945>.

Capítulo 1 – «Quando o sangue judeu pinga da faca...»

¹ Impresso em *Die Stimme*, 11 de Março de 1938, p. 1; ver também G. E. R. Gedye, *Fallen Bastions: The Central European Tragedy*, 1939, pp. 287-9, para testemunhos dos acontecimentos em Viena naquele dia.

² O Partido Schuschnigg's Fatherland Front era fascista, suplantando o Partido Nazi e os Social-Democratas. No entanto, não era especialmente anti-semita. Sobre o número de judeus na Áustria, ver Martin Gilbert, *The Routledge Atlas of the Holocaust*, 2002, p. 22, e Norman Bentwich, «The destruction of the jewish community in Austria 1938-1942» em *The Jews of Austria*, ed. Josef Fraenkel, 1970, p. 467.

³ *Die Stimme*, 11 de Março de 1938, p. 1.

⁴ Algumas pessoas de descendência judaica consideravam-se totalmente alemãs; Peter Wallner, um vienense, declarou: «Nem eu alguma vez fui judeu, apesar de os meus quatro avós serem judeus.» Mas quando os nazis chegaram ele foi perseguido com os outros; «porque de acordo com as Leis de Nuremberga eu sou judeu» (Peter Wallner, *By Order of the Gestapo: A Record of Life in Dachau and Buchenwald Concentration Camps*, 1941, pp. 17-18). Sob as Leis de Nuremberga de 1935, uma pessoa era definida como judia, independentemente da religião, se tivesse mais que dois avós judeus.

⁵ *Die Stimme*, 11 de Março de 1938, p. 1.

⁶ *Jüdische Presse*, 11 de Março de 1938, p. 1.

⁷ As cenas deste dia são descritas por George Gedye (*Fallen Bastions*, pp. 287-96), um jornalista britânico, que viveu em Viena, para o *Daily Telegraph* e para o *New York Times*.

⁸ Por esta razão, Schuschnigg tinha cinicamente definido como idade mínima para votar no plebiscito 24 anos; a maioria dos nazis estavam abaixo do limite.

⁹ *The Times*, 11 de Março de 1938, p. 14; também *Neues Wiener Tagblatt (Tages-Ausgabe)*, 11 de Março de 1938, p. 1.

¹⁰ Gedye (*Fallen Bastions*, pp. 290-93) descreve as cenas enquanto o serão prossegue.

¹¹ *Ibid.*, p. 290; *The Times*, 12 de Março de 1938, p. 12.

¹² Citado em Gedye, *Fallen Bastions*, pp. 10, 293, e *The Times*, 12 de Março de 1938, p. 12. De acordo com o *The Times*, os jornais em Berlim nessa noite anunciaram que a Alemanha tinha esmagado a «traição» dos «ratos marxistas» no governo austríaco, que estes tinham levado a cabo «crueldades trágicas» contra o povo, e que estavam a fugir para a fronteira alemã em larga escala. Com estas não verdades os nazis justificaram a sua movimentação para ocupar a Áustria.

¹³ A sinagoga naquela noite é descrita como *überfüllt* – «sobrelotada», «completamente cheia» (Hugo Gold, *Geschichte der Juden in Wien: Ein Gedenkbuch*, 1966, p. 77; Erika Weinzierl, «Christen und jüden nach der NS-machtergreifung in Österreich» em *Anschluß 1938*, 1981, pp. 197-8).

¹⁴ Gedye, *Fallen Bastions*, p. 295. A hostilidade aos católicos derivava do antagonismo sobre assuntos como as tentativas nazis de suprimir o Antigo Testamento e desjudeizar a Cristandade, bem como o reconhecimento das igrejas da conversão ao cristianismo de não arianos e a condenação do racismo por parte do Vaticano (David Cesarani, *Final Solution: The Fate of the Jews 1933-49*, 2016, pp. 114-16, 136).

¹⁵ Citado em Cesarani, *Final Solution*, p. 148.

¹⁶ Gedye, *Fallen Bastions*, p. 295.

¹⁷ Oswald Dutch, *Thus Died Austria*, 1938, pp. 231-2; ver também *Neues Wiener Tagblatt*, 12 de Março de 1938, p. 3; *Banater Deutsche Zeitung*, 13 de Março de 1938, p. 5; *The Times*, 14 de Março de 1938, p. 14.

¹⁸ *Neues Wiener Tagblatt*, 12 de Março, 1938, p. 3.

¹⁹ Gedye, *Fallen Bastions*, p. 282.

- ²⁰ *Arbeitersturm*, 13 de Março, 1938, p. 5; *The Times*, 17 de Abril, 1938, p. 14.
- ²¹ Não é certo que esquadra de polícia era esta. A mais provável seria a de Leopoldsgasse, uma esquadra da Schutzpolizei Gruppenkommando Ost, a Polícia do *Reich* uniformizada (*Reichsamter und Reichsbehörden in der Ostmark*, p. 207, AFB).
- ²² Baseado nas memórias de Fritz Kleinmann: Reinhold Gärtner e Fritz Kleinmann, *Doch der Hund will nicht krepieren: Tagebuchnotizen aus Auschwitz*, 2012; também o testemunho de Kurt Kleinmann e do filho de Edith, Peter Patten; detalhes adicionais de várias fontes contemporâneas.
- ²³ Provas de Moritz Fleischmann, volume 1, sessão 17, TAE; George E. Berkley, *Vienna and Its Jews: The Tragedy of Success, 1880s-1980s*, 1988, p. 259; Marvin Lowenthal, *The Jews of Germany*, 1939, p. 430. Ver também *The Times*, 31 de Março, 1938, p. 13; 7 de Abril, 1938, p. 13.
- ²⁴ Gedye, *Fallen Bastions*, p. 354.
- ²⁵ *The Times*, 8 de Abril, 1938, p. 12; 11 de Abril, 1938, p. 11; também Gedye, *Fallen Bastions*, p. 9.
- ²⁶ *The Times*, 11 de Abril, 1938, p. 12. O próprio boletim de voto era um trabalho propagandístico, com um grande círculo no centro para «sim» (à *Anschluss*) e um pequeno ao lado para «não».
- ²⁷ *The Times*, 12 de Abril, 1938, p. 14.
- ²⁸ *The Times*, 9 de Abril, 1938, p. 11.
- ²⁹ *The Times*, 23 de Março, 1938, p. 13; 26 de Março, 1938, p. 11; 30 de Abril, 1938, p. 11.
- ³⁰ Bentwich, «Destruction», p. 470.
- ³¹ *Ibid.*; Herbert Rosenkranz, «The Anschluss and the Tragedy of Austrian Jewry 1938-1945» em *The Jews of Austria*, ed. Josef Fraenkel, 1970, p. 484.
- ³² Dachau, estabelecido em 1933 numa fábrica abandonada, foi o primeiro campo de concentração exclusivo. No Verão de 1938 havia quatro grandes campos operacionais na Alemanha (mais alguns pequenos): Dachau, Buchenwald, Sachsenhausen e Flossenbürg, com mais alguns a abrir pouco depois – incluindo Mauthausen na Áustria, que abriu em Agosto de 1938 (ver Nikolaus Wachsmann, *KL: A History of the Nazi Concentration Camps*, 2015; Cesarani, *Final Solution*; Laurence Rees, *The Holocaust: A New History*, 2017).
- ³³ Regulamentos do Ministério do Interior do *Reich*, 17 de Agosto de 1938, em Yitzhak Arad, Israel Gutman e Abraham Margalit, *Documents on the Holocaust*, 8.^a edição, trad. Lea Ben Dor, 1999, pp. 98-9.
- ³⁴ Testemunho B.306, AWK.
- ³⁵ Testemunho B.95, AWK.
- ³⁶ Esta foi a história, de acordo com o correspondente de Bruxelas para *The Times* (27 de Outubro, 1938, p. 13). A Associated Press, via *Chicago Tribune* (27 de Outubro, 1938, p. 15), juntou o pormenor sobre a câmara, aumentou o número de nazis envolvidos para quatro e adicionou a queixa anónima que os nazis tinham sido derrubados e pontapeados.
- ³⁷ *Neues Wiener Tagblatt*, 26 de Outubro, 1938, p. 1.
- ³⁸ *Völkischer Beobachter*, 26 de Outubro, 1938, p. 1, citado em Peter Loewenberg, «The Kristallnacht as a public degradation ritual» em *The Origins of the Holocaust*, ed. Michael Marrus, 1989, p. 585.
- ³⁹ *Neues Wiener Tagblatt*, 8 de Novembro, 1938, p. 1.
- ⁴⁰ «Noite do Vidro Partido» é a tradução mais literal, mas «Noite de Cristal» é a denominação mais comum.
- ⁴¹ Telegrama de Reinhard Heydrich a todas as sedes da polícia, 10 de Novembro, 1938, em Arad *et al.*, *Documents*, pp. 102-4.
- ⁴² Consulado-geral do Reino Unido em Viena, carta, 11 de Novembro, 1938, em *Papers Concerning the Treatment of German Nationals in Germany, 1938-1939*, Foreign Office (RU), 1939, p. 16.

Capítulo 2 – Traidores do povo

- ¹ A Polizeiamt Leopoldstadt, sede da polícia local uniformizada, ficava na Ausstellungstrasse 171 (*Reichsamter und Reichsbehörden in der Ostmark*, p. 204, AFB).
- ² Narrativa baseada nas memórias de Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 188; pormenores adicionais: testemunhos B.24 (anon.), B.62 (Alfred Schechter), B.143 (Carl Löwenstein), AWK; também testemunhos de Siegfried Merecki (Manuscrito 166, 156), Margarete Neff (Manuscrito 93, 205) em Uta Gerhardt e Thomas Karlauf (eds.), *The Night of Broken Glass: Eyewitness Accounts of Kristallnacht*, trad. Robert Simmons e Nick Somers, 2012; Wallner, *By Order of the Gestapo*.
- ³ Consulado-geral do Reino Unido em Viena, carta, 11 de Novembro, 1938, em *Papers Concerning the Treatment of German Nationals in Germany 1938-1939*, Foreign Office (RU), 1939, p. 16.
- ⁴ O número exacto de documentos apreendidos é 6547 (Melissa Jane Taylor, «Experts in Misery?» *American Consuls in Austria, Jewish Refugees and Restrictionist Immigration Policy, 1938-1941*, 2006, p. 48).
- ⁵ B.62 (Alfred Schechter), AWK. Por esta altura, o campo de Mauthausen era para criminosos condenados; os judeus não eram aprisionados aqui antes da guerra, mas acreditava-se na altura que eram (por ex., *The Scotsman*, 14 de Novembro, 1938; cf. Kim Wünschmann, *Before Auschwitz: Jewish Prisoners in the Prewar Concentration Camps*, 2015, p. 183).

- [6](#) B.143 (Carl Löwenstein), AWK.
- [7](#) *New York Times*, 15, 26 de Novembro, 1938, p. 1.
- [8](#) Citado em *Swiss National Zeitung*, 16 de Novembro, 1938.
- [9](#) *The Spectator*, 18 de Novembro, 1938, p. 836.
- [10](#) *Westdeutscher Beobachter* (Colónia), 11 de Novembro, 1938.
- [11](#) *Ibid.*
- [12](#) Jornal alemão não nomeado, citado pelo Consulado-Geral do Reino Unido em Viena, 11 de Novembro, 1938, em Foreign Office (RU), *Papers*, p. 15.
- [13](#) Cesarani, *Final Solution*, p. 199.
- [14](#) *The Spectator*, 18 de Novembro, 1938, p. 836.
- [15](#) David Cesarani, *Eichmann: His Life and Crimes*, 2005, pp. 60ff.
- [16](#) Heydrich, citado em Cesarani, *Final Solution*, p. 207.
- [17](#) Doron Rabinovici, *Eichmann's Jews: The Jewish Administration of Holocaust Vienna, 1938-1945*, trad. Nick Somers, 2011, pp. 50ff.; Cesarani, *Final Solution*, pp. 147ff.
- [18](#) *The Spectator*, 29 de Julho, 1938, p. 189.
- [19](#) *Ibid.*, 19 de Agosto, 1938, p. 294.
- [20](#) Adolf Hitler, discurso ao Reichstag, 30 de Janeiro, 1939, citado em *The Times*, 31 de Janeiro, 1939, p. 14; também em Arad *et al.*, *Documents*, p. 132.
- [21](#) *Daily Telegraph*, 22 de Novembro, 1938; também Casa dos Comuns, *Hansard*, 21 de Novembro, 1938, vol. 341, cc1428-83.
- [22](#) *Daily Telegraph*, 22 de Novembro, 1938; também Casa dos Comuns, *Hansard*, 21 de Novembro, 1938, vol. 341, cc1428-83.
- [23](#) Testemunho B.226, AWK.
- [24](#) *The Times*, 3-12 de Dezembro, 1938.
- [25](#) Fritz Kleinmann, entrevista de 1997.
- [26](#) *Manchester Guardian*, 15 de Dezembro, 1938, p. 11; 18 de Março, 1939, p. 18.
- [27](#) Carta de Leeds JRC para Overseas Settlement Dept, JRC, Londres, 7 de Junho de 1940, LJJ.
- [28](#) *The Times*, anúncios classificados, 1938-9 *passim*.
- [29](#) Louise London, *Whitehall and the Jews, 1933-1948: British Immigration Policy, Jewish Refugees and the Holocaust*, 2000, p. 79.
- [30](#) *The Times*, 8 de Novembro, 1938, p. 4.
- [31](#) O sistema só podia lidar com a investigação de um número limitado de candidatos; as mulheres que se candidatavam a funcionárias eram mais fáceis de verificar que os homens e, por isso, mais de metade dos judeus que entraram em Inglaterra em 1938-9 eram mulheres (Cesarani, *Final Solution*, p. 158). O Ministério do Interior agilizava o processo através de agências de refugiados judaicas que processavam as candidaturas, o que aumentava a taxa para 400 por semana (*ibid.*, p. 214).
- [32](#) Carta do Consulado-Geral do Reino Unido em Viena, carta, 11 de Novembro, 1938, em Foreign Office (RU), *Papers*, p. 15.
- [33](#) Este edifício, em Wallnerstrasse 8, é agora a sede do Vienna Stock Exchange.
- [34](#) M. Mitzmann, «A Visit to Germany, Austria and Poland in 1939», documento 0.2/151, YVP.
- [35](#) Harry Stein (compilador), *Buchenwald Concentration Camp 1937-1945*, ed. Gedenkstätte Buchenwald, 2004, pp. 115-16; Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, pp. 80-81.
- [36](#) Fritz lembrou-se (entrevista de 1997) que o terceiro homem se chamava Schwarz, apesar de não haver registo de uma pessoa com esse nome a viver em Im Werd 11. Fritz não conseguiu lembrar-se do nome do quarto membro do grupo (o líder nazi do edifício).
- [37](#) O diálogo aqui resulta de entrevistas dadas por Fritz e Kurt Kleinmann. Ambos recordavam estas cenas muito vivamente.
- [38](#) Cartão de registo de prisioneiro de Buchenwald 1.1.5.3/6283389, ITS.

Capítulo 3 – Sangue e pedra: campo de concentração de Buchenwald

- [1](#) Este relato baseia-se em especial no diário de Gustav Kleinmann e nas memórias de Fritz, com pormenores circunstanciais adicionais de outras fontes (por ex., Jack Werber e William B. Helmreich, *Saving Children*, 1996, pp. 1-3, 32-6; Stein, *Buchenwald*, pp. 115-16; testemunhos B.82, B.192, B.203, AWK).
- [2](#) Fritz Kleinmann (em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 12) avança o número de 1048 judeus vienenses neste transporte, mas outras fontes (Stein, *Buchenwald*, p. 116) referem 1035.
- [3](#) Stein, *Buchenwald*, pp. 27-8.
- [4](#) Ver, por exemplo, o testemunho B.203, AWK.
- [5](#) Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 15n.

- 6 Stein, *Buchenwald*, p. 35.
- 7 Cartões de registo de prisioneiros de Buchenwald 1.1.5.3/6283376, 1.1.5.3/6283389, ITS. Não havia tatuagens; esta prática começou em Auschwitz, em Novembro de 1941, e não era usada em nenhum outro campo (Wachsmann, *KL*, p. 284).
- 8 Werber e Helmreich, *Saving Children*, p. 36.
- 9 Testemunho B.192, AWK.
- 10 A insígnia básica de campo de concentração era um triângulo invertido, cuja cor apontava uma categoria: vermelho para presos políticos, verde para criminosos, cor-de-rosa para homossexuais, etc. Para os prisioneiros judeus a insígnia era a combinação com um segundo triângulo amarelo, a formar a Estrela de David; se o prisioneiro judeu não encaixasse em nenhuma das outras categorias, ambos os triângulos eram amarelos.
- 11 Emil Carlebach, em David A. Hackett (ed. trad.), *The Buchenwald Report*, 1995, pp. 162-3.
- 12 Isto não é o mesmo que o «pequeno campo» montado em 1943 a norte das casernas (Stein, *Buchenwald*, pp. 149-51). Existe uma descrição minuciosa do pequeno campo original em 1939-40, pelo recluso Felix Rausch, em Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 271-6.
- 13 Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 113-14. Depois da Noite de Cristal, as novas chegadas totalizaram 10 098. Houve 9000 partidas subsequentes devido a libertação, transferência ou morte (cerca de 2000 mortes no total em 1938-39, não incluindo os que morreram entre Weimar e o campo; *ibid.*, p. 109). A população prisioneira de Buchenwald baixou drasticamente desde 1938-39, explodindo de novo com a entrada do Outono de 1939 (8707 durante Setembro-Outubro).
- 14 Fritz escreveu mais tarde: «Sei que o meu pai arriscou a sua vida com este diário. Nenhum dos outros prisioneiros o tinha encorajado a fazer isto, uma vez que ele estava a pôr-se em risco não só a si próprio como a todos nós. E, mesmo hoje, há questões por responder: onde é que o meu pai escondeu o diário? Como é que ele passava pelos controlos?» (Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, pp. 12-13). Gustav revelou, de facto, a certo ponto, que quando estava a limpar a caserna o escondia nos beliches e quando em trabalho exterior o carregava consigo (Fritz Kleinmann, entrevista de 1997).
- 15 Este relato baseia-se sobretudo no diário de Gustav Kleinmann e nas memórias de Fritz, com pormenores circunstanciais adicionais de outras fontes (por ex., Hackett, *Buchenwald Report*; Stein, *Buchenwald*; testemunho B.192, AWK).
- 16 Nas palavras de Himmler, a tarefa do *kapo* era «ver se o trabalho fica feito... Logo que já não estejamos satisfeitos com ele, ele já não é um *kapo* e volta para junto dos outros reclusos. Ele sabe que eles lhe vão bater até à morte na primeira noite de regresso» (citado em Rees, *Holocaust*, p. 79).
- 17 Baseado no tamanho do vagão e na densidade de pedra calcária partida = 1,554 kg/m³. Diferentes fontes apontam o número de homens designados para puxar cada carruagem entre 16 e 26.
- 18 Gustav refere-se a este lugar como a «Todes-Holzbaracke» («caserna da morte»), provavelmente uma alcinha para um edifício usado para judeus doentes depois de terem sido banidos da enfermaria (Bloco 2, no canto sudoeste do campo, em frente à praça da chamada) em Setembro de 1939 (ver Emil Carlebach em Hackett, *Buchenwald Report*, p. 162).
- 19 Stein, *Buchenwald*, p. 96.
- 20 Stefan Heymann em Hackett, *Buchenwald Report*, p. 253.
- 21 Nigel Jones, *Countdown to Valkyrie: The July Plot to Assassinate Hitler*, 2008, pp. 103-5.
- 22 Wachsmann, *KL*, p. 220.
- 23 Hackett, *Buchenwald Report*, p. 51; Stein, *Buchenwald*, p. 119.
- 24 Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 231, 252-3; Wachsmann, *KL*, p. 220.
- 25 Fritz Kleinmann, citado em Monika Horksy, *Man muß darüber reden. Schüler fragen KZ-Häftlinge*, 1988, pp. 48-9, reproduzido em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 16n.
- 26 Stein, *Buchenwald*, pp. 52, 108-9; testemunho B.192, AWK.
- 27 Heller mais tarde serviu como médico em Auschwitz. Sobreviveu ao Holocausto e emigrou para os Estados Unidos. «Ele era um homem muito decente. Se pudesse ajudar uma pessoa, ele fá-lo-ia», recordou um dos seus companheiros de prisão (obituário, *Chicago Tribune*, 29 de Setembro, 2001).
- 28 Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 60-64.
- 29 Prisioneiro Walter Poller, citado em Marco Pukrop, «Die SS-karrieren von dr. Wilhelm Berndt und dr. Walter Döhrn. Ein Beitrag zu den unbekannten KZ-ärzten der vorkriegszeit», *Werkstatt Geschichte*, 62, 2012, p. 79.
- 30 No seu relato deste episódio (Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 48), Fritz parece implicar que a sua voz «chorosa e desesperada» (*weinender und verzweifelter*) era teatro.
- 31 O diário de Gustav é difícil de interpretar aqui: «(Am) nächsten Tag kriege (ich) einen Posten als Reiniger im Klosett, habe 4 Öfen zu heizen . . .» O *Klosett* poderia ter sido a latrina no campo pequeno ou talvez nos blocos das casernas do campo principal, que tinham estado fechadas devido à falta de água (Stein, *Buchenwald*, p. 86). Os *Öfen* (fornos ou fornalhas) são mais difíceis de apontar; mais provavelmente eram parte das cozinhas ou do bloco de duches. Não eram fornos de crematório, que Buchenwald só adquiriu no Verão de 1942 (*ibid.*, p. 141).

- 1 Nota de emprego, sem data, LJJ; Censos de Inglaterra e Gales, 1911; descrição e pormenores na lista de passageiros, *SS Carinthia*, 2 de Outubro, 1936, PNY; General Register Office, Registo de 1939, Arquivos Nacionais, Kew. Morris e Rebecca Brostoff nasceram em Bialystok (agora na Polónia) cerca de 1878 e emigraram para Inglaterra antes de 1911. Em 1939 viveram em 373 Street Lane.
- 2 Cartão de registo 46/01063-4, HOI. Nenhum cartão de registo desta data foi encontrado em nome de Richard Paltenhoffer, mas foi presumivelmente colocado na Categoria C.
- 3 Wachsmann, *KL*, pp. 147-51; Cesarani, *Final Solution*, pp. 164-5; Wünschmann, *Before Auschwitz*, p. 186.
- 4 Chegado a Dachau em 24 de Junho de 1938, Richard Paltenhoffer era o prisioneiro número 16 865 (registo de prisioneiros, PGD). Foi transferido para Buchenwald a 23 de Setembro de 1938, onde foi designado o prisioneiro número 9520 e colocado primeiro no Bloco 16 e depois no Bloco 14 (registo de prisioneiros, PGB).
- 5 Wachsmann, *KL*, pp. 181-4.
- 6 *Ibid.*, p. 186.
- 7 A. R. Samuel, carta a David Makovski, 25 de Maio, 1939, LJW; certidão de casamento, GRO; Montague Burton, carta a David Makovski, 26 de Fevereiro, 1940, LJJ; Nicholas Mark Burkitt, *British Society and the Jews*, 2011, p. 108. A empresa era a Rakusen Ltd, que ainda existe. O primeiro alojamento de Richard foi no 9 de Brunswick Terrace.
- 8 História biográfica, LJW; Anthony Grenville, «Anglo-jewry and the jewish refugees from nazism», *Association of Jewish Refugees Journal*, Dezembro de 2012. O Leeds JRC era gerido por David Makovski, que tinha um negócio de alfaiataria na cidade. Era conhecido por um temperamento por vezes irascível e uma crença que cada pessoa deveria saber o seu lugar na sociedade e aí permanecer.
- 9 B. Neuwirth, carta a Richard Paltenhoffer, 16 de Fevereiro de 1940; Comité de Controlo, carta ao Registo de Casamentos, 20 de Fevereiro de 1940, LJJ.
- 10 Gustav recorda todas estas imprecações no seu poema «Caleidoscópio da Pedreira» (ver mais adiante neste capítulo).
- 11 No total, 1235 prisioneiros morreram em Buchenwald em 1939, a maioria no último trimestre do ano (Hackett, *Buchenwald Report*, p. 114).
- 12 A sequência de acontecimentos neste período (incluindo as tarefas precisas das casernas) difere um pouco entre o diário de Gustav e as memórias de Fritz. O relato dado aqui concilia os dois.
- 13 O Carvalho Goethe foi danificado por uma bomba dos Aliados em 1944 e foi cortado. No entanto, o seu toco ainda lá está.
- 14 Fritz Kleinmann, entrevista de 1997. O judaísmo em si mesmo não era causa suficiente para se ser enviado para os campos até muito mais tarde; nesta altura, o regime nazi estava focado em forçar os judeus a emigrar, incluindo os que estavam retidos nos campos, que eram libertados se obtivessem os necessários papéis de emigração.
- 15 «Caleidoscópio da Pedreira», por Gustav Kleinmann, versão original:
*Klick-klack Hammerschlag,
klick-klack Jammertag.
Sklavenseelen, Elendsknochen,
dalli und den Stein gebrochen.*
- 16 Original de Gustav:
*Klick-klack Hammerschlag,
klick-klack Jammertag.
Sieh nur diesen Jammerlappen
winse!nd um die Steine tappen.*
- 17 Gustav e Fritz recordam ambos o primeiro nome de Herzog como «Hans» mas, segundo Stein (*Buchenwald*, p. 299), era Johann. Para outros relatos de testemunhas do carácter e comportamento de Herzog, ver os depoimentos dados em Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 159, 174-5, 234. Apesar dos rumores de ter sido mais tarde assassinado por um antigo prisioneiro, Herzog teve uma longa carreira criminoso.
- 18 Original de Gustav: Klatsch – er liegt auf allen Vieren, / doch der Hund will nicht krepieren!
- 19 O original de Gustav está mais perfeitamente estruturado que a tradução:
*Es rattert der Brecher tagaus und tagein,
er rattert und rattert und bricht das Gestein,
zermalt es zu Schotter und Stunde auf Stund'
frißt Schaufel um Schaufel sein gieriger Mund.
Und die, die ihn füttern mit Müh und mit Fleiß,
sie wissen er frißt nur – doch satt wird er nie.
Erst frißt er die Steine und dann frißt er sie.*

Capítulo 5 – A estrada para a vida

- ¹ Edith Kurzweil, *Nazi Laws and Jewish Lives*, 2004, p. 153.
- ² Relatório em Arad *et al.*, *Documents*, pp. 143-4.
- ³ Rabinovici, *Eichmann's Jews*, pp. 87ff.
- ⁴ Lista de passageiros, *SS Veendam*, 24 de Janeiro, 1940, PNY; Censo dos Estados Unidos, 1940, NARA; Alfred Bienenwald, candidatura ao passaporte dos EUA, 1919, NARA. Os primos de Tini eram Bettina Prifer e o irmão Alfred Bienenwald. A mãe, Netti, que tinha nascido na Hungria, parece ter sido irmã da mãe de Tini, Eva, nascida Schwarz (Bettina Bienenwald, registo de nascimento, 20 de Outubro, 1899, Geburtsbuch and Geburtsanzeigen, IKA).
- ⁵ Censo dos Estados Unidos, 1940, NARA.
- ⁶ Memorando do Departamento de Estado dos EUA, 26 de Junho, 1940, em David S. Wyman, *America and the Holocaust*, 1990, volume 4, p. 1; também *ibid.*, p. v.
- ⁷ Fritz e Gustav nunca compreenderam onde Tini ia buscar o dinheiro, uma vez que não lhe era permitido trabalhar. Na verdade, ela tinha trabalhos ocasionais (cartas a Kurt Kleinmann, 1941, DKK) e, fora isso, presumivelmente dependia de familiares em melhor situação.
- ⁸ Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 69; cartão de registo de prisioneiro de Buchenwald 1.1.5.3/6283376, ITS; registo de nascimento de Jeanette, 13 de Julho, 1890, Geburtsbuch, IKA.
- ⁹ Detalhe da transferência de Fritz para o jardim em 5 de Abril de 1940 (cartão de registo de prisioneiro 1.1.5.3/6283377, ITS).
- ¹⁰ Stein, *Buchenwald*, pp. 44-5, 307; Hackett, *Buchenwald Report*, p. 34. O primeiro nome de Hackmann é Hermann ou Heinrich. Mais tarde foi condenado por fraude pelas SS.
- ¹¹ Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, pp. 47, 49. Fritz refere a sua altura naquela época como 145 cm. Mas na fotografia de família de 1938, quando ele tinha 14 anos, é apenas um pouco mais baixo que a adulta Edith (que tinha 160 cm). Ele deve ter crescido um pouco nos seguintes dezoito meses, por isso, deveria ter mais de 152 cm) no final de 1939.
- ¹² Gustav Herzog nasceu em Viena, a 12 de Janeiro de 1908 (registo de Gustav Herzog, 68 485, AMP).
- ¹³ Stefan Heymann nasceu em Mannheim, Alemanha, a 14 de Março de 1896 (registo de Stefan Heymann, 68488, AMP).
- ¹⁴ Anton Makarenko, *Road to Life: An Epic of Education (A Pedagogical Poem)*, vol. 2, cap. 1. Tradução disponível *on-line* em www.marxistsfr.org/reference/archive/makarenko/works/road2/ch01.html (consultado em 2 de Maio de 2017).
- ¹⁵ Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 54.
- ¹⁶ Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 42, 336; Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 55.
- ¹⁷ Stein, *Buchenwald* (edição alemã), p. 78.
- ¹⁸ Stein, *Buchenwald*, pp. 78-9.
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 90.
- ²⁰ Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 57. O temperamento e hábitos gerais de Schmidt estão documentados por várias testemunhas citadas em Hackett, *Buchenwald Report*.

Capítulo 6 – Uma decisão favorável

- ¹ Apesar de terem afirmado que falavam «pelo povo», na verdade, a maior parte dos bretões não tinha qualquer noção do que era uma «quinta-coluna» até o *Daily Mail* ter começado a sua campanha (Peter Gillman e Leni Gillman, «Collar the Lot!», *How Britain Interned and Expelled Its Wartime Refugees*, 1980, pp. 78-9). O termo «quinta-coluna» teve origem durante a Guerra Civil Espanhola (1936-39), quando um general disse à imprensa que tinha quatro colunas de tropas mais uma «quinta coluna» no campo inimigo.
- ² Roger Kershaw, «Collar the Lot! Britain's policy of internment during the Second World War», *UK National Archives Blog*, 2015. A maior parte dos refugiados judeus era colocada na Categoria C (isentos de internamento), apesar de 6700 terem sido categorizados como B (sujeitos a algumas restrições), e 569 serem considerados uma ameaça e internados. De facto, havia espões e sabotadores a trabalhar na Grã-Bretanha, e dúzias foram eventualmente apanhados e condenados, mas a maioria era constituída por cidadãos naturais nascidos britânicos e não imigrantes.
- ³ Gillman, «Collar the Lot!», p. 153; Kershaw, «Collar the lot!».
- ⁴ Winston Churchill, Casa dos Comuns, 4 de Junho de 1940, *Hansard*, volume 364 c. 794.
- ⁵ Gillman, «Collar the Lot!», pp. 167ff, 173ff; Kershaw, «Collar the lot!».
- ⁶ Bernard Wasserstein, *Britain and the Jews of Europe, 1939-1945*, 1999, p. 108.
- ⁷ *Ibid.*, p. 83.
- ⁸ A morada era 15, Reginald Terrace (várias cartas, LJL). Na altura do seu casamento, Richard tinha tido alojamento no número 4 (certidão de casamento, GRO). As casas vitorianas em Reginald Terrace foram demolidas nos anos de 1980.
- ⁹ Leeds JRC, carta ao Ministério do Interior, 18 de Março, 1940, LJL. A senhora Green viveu no 57 de St Martin's Garden.

- ¹⁰ Leeds e London JRC, cartas, 7 e 13 de Junho, 1940, LJL.
- ¹¹ Gillman, «*Collar the Lot!*», pp. 113, 133. Edith tinha obtido um atestado do seu médico, Dr. Rummelsberg (24 de Abril, 1940, LJL), presumivelmente para fins relacionados com o seu trabalho ou candidatura de emigração.
- ¹² London, *Whitehall*, p. 171.
- ¹³ Não há registos de onde Richard Paltenhoffer foi internado. O seu processo parece ter estado entre a maioria que foi depois destruída rotineiramente pelo Ministério do Interior (discovery.nationalarchives.gov.uk/details/r/C9246: consultado em 30 de Setembro de 2017).
- ¹⁴ Secretário-adjunto, carta a Edith Paltenhoffer, 30 de Agosto, 1940, LJL.
- ¹⁵ Secretário-adjunto, carta a Edith Paltenhoffer, 4 de Setembro, 1940, LJL.
- ¹⁶ Ministério do Interior, carta a Leeds JRC, 16 de Setembro, 1940, LJL.
- ¹⁷ Victor Cazalet, Casa dos Comuns, 22 de Agosto, 1940, *Hansard*, volume 364, cap. 1534.
- ¹⁸ Rhys Davies, Casa dos Comuns, 22 de Agosto, 1940, *Hansard*, volume 364, cap. 1529.
- ¹⁹ Ministério do Interior, carta para Leeds JRC, 23 de Setembro, 1940, LJL. A libertação de Richard foi aprovada em 16 de Setembro (cartão de registo 270/00271, HOI).
- ²⁰ Citado em Jerry Silverman, *The Undying Flame: Ballads and Songs of the Holocaust*, 2002, p. 15.
- ²¹ Citado em *ibid.*, p. 15.
- ²² Manfred Langer em Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 169-70.
- ²³ Citado em Silverman, *Undying Flame*, p. 15. Leopoldi sobreviveu ao Holocausto, mas Löhner-Beda foi assassinado em Auschwitz em 1942.
- ²⁴ Hackett, *Buchenwald Report*, p. 42.
- ²⁵ Fritz parece ter sido transferido para a construção em 20 de Agosto de 1940, depois de quatro meses no jardim (cartão de registo de prisioneiro 1.1.5.3/6283377, ITS).
- ²⁶ Em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 72.
- ²⁷ Os *Prominenten* do Bloco 17 tinham um estatuto mediano. O regime nazi mantinha os seus prisioneiros políticos das mais altas patentes – antigos primeiros-ministros, presidentes e monarcas de países conquistados – em isolamento, frequentemente em edifícios secretos especiais dentro dos campos de concentração. O de Buchenwald era um complexo murado no bosque de abetos em frente às casernas das SS.
- ²⁸ Gedenkstätte Buchenwald, www.buchenwald.de/en/1218/ (consultado em 14 de Maio de 2017); Ulrich Weinzierl, *Die Welt*, 1 de Abril, 2005. Transferido para Dachau em Outubro de 1940, Fritz Grünbaum morreu aí em 14 de Janeiro de 1941.
- ²⁹ Tomas Plänkner, *Ernst Federn: Vertreibung und Rückkehr. Interviews zur Geschichte Ernst Federns und der Psychoanalyse*, 1994, p. 158. Ernst Federn sobreviveu em Buchenwald até à libertação de 1945; ele continuou a sua carreira em psicanálise e morreu em 2007.
- ³⁰ Em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 59.
- ³¹ Wachsmann, *KL*, pp. 224-5.
- ³² *Ibid.*, p. 225. A cremação é proibida na lei judaica e os restos cremados são proibidos nos cemitérios. No entanto, foram feitas excepções para os que foram cremados contra a sua vontade, e as cinzas enviadas dos campos de concentração foram permitidas nos cemitérios judeus desde o início.
- ³³ Tini Kleinmann, carta ao German Jewish Aid Committee, Nova Iorque, Março de 1941, DKK.
- ³⁴ Margaret E. Jones, carta ao AFSC, Novembro de 1940, em Wyman, *America*, volume 4, p. 3.
- ³⁵ Os próprios cônsules, que não tinham de enfrentar os candidatos, eram geralmente insensíveis, e até apoiavam as restrições anti-semitas à imigração, apesar de falarem em público contra o anti-semitismo nazi (Bat-Ami Zucker, *In Search of Refuge: Jews and US Consuls in Nazi Germany, 1933-1941*, 2012, pp. 172-4). O consulado de Viena era mais solidário que a maioria e propenso a contornar um pouco as regras (*ibid.*, p. 167).
- ³⁶ Tini Kleinmann, carta ao German Jewish Aid Committee, Nova Iorque, Março de 1941, DKK.

Capítulo 7 – O Novo Mundo

- ¹ Este episódio baseia-se em parte em entrevistas com Kurt Kleinmann, relatos escritos por ele e cartas de Tini Kleinmann, Julho de 1941, DKK; notas por Fritz Kleinmann, DRG; também dados da lista de passageiros e tripulação, *SS Siboney*, 27 de Março de 1941, PNY.
- ² Há um relato de uma partida assim de Viena, em Ruth Maier, *Ruth Maier's Diary: A Young Girl's Life under Nazism*, trad. Jamie Bulloch, 2009, pp. 112-13. Se o comboio de Kurt saiu à noite, Tini e Herta não teriam mesmo sido autorizadas a acompanhá-lo à estação, por causa do recolher obrigatório; um amigo ou parente não judeu teria tido de ir com ele.
- ³ Lista de passageiros e tripulação, *SS Siboney*, 27 de Março de 1941, PNY.

- ⁴ Têm sido feitos esforços pelo autor, pelo próprio Kurt e pela organização One Thousand Children para localizar Karl Kohn e Irmgard Salomon, mas não foi encontrada nenhuma informação sobre as suas vidas subsequentes.
- ⁵ Descrição: registos do *Selective Service System*, Grupo de registo número 147: NARA.

Capítulo 8 – Indigno de viver

- ¹ Em todos os relatos deste assassinio (diário de Gustav Kleinmann; Emil Carlebach, Herbert Mindus em Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 164, 171-2; Erich Fein e Karl Flanner, *Rot-Weiss-Rot in Buchenwald*, 1987, p. 74) não existe nenhuma menção ao que desencadeou as acções de Abraham.
- ² Cesarani, *Final Solution*, p. 317; Stein, *Buchenwald*, pp. 81-3; Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, pp. 77-9.
- ³ Herbert Mindus (em Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 171-2) afirma que Hamber estava no destacamento de construção e faz supor que o incidente ocorreu na garagem das SS. No entanto, este relato foi escrito quatro anos depois, enquanto o diário de Gustav Kleinmann é contemporâneo e provavelmente mais preciso, embora menos detalhado; Gustav sustenta que Hamber estava na coluna de transporte (ver também Fein e Flanner, *Rot-Weiss-Rot*, p. 74) e que o incidente teve lugar numa parte escavada do Departamento dos Negócios Económicos. Alguns relatos (Stein, *Buchenwald*, p. 288) datam o incidente do final de 1940; na verdade foi na Primavera de 1941.
- ⁴ O nome registado de Eduard parece ter sido Edmund (Stein, *Buchenwald*, p. 298), mas todos o conheciam por Eduard (por ex., Fritz Kleinmann, em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 81; Herbert Mindus, em Hackett, *Buchenwald Report*, p. 171).
- ⁵ Relatado por Emil Carlebach em Hackett, *Buchenwald Report*, p. 164.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ Stein, *Buchenwald*, p. 298.
- ⁸ Gustav aqui é enigmático; usa a palavra «*Aktion*», que significa «campanha» ou «operação especial», implicando que tinha em mente algum tipo de resistência concertada entre a coluna de transporte, conduzida por Eduard Hamber. No entanto, a sua escrita é extremamente elíptica – provavelmente porque, embora manter um diário fosse sem dúvida fatal para ele se descoberto, as consequências seriam ainda piores se contivessem provas de actividades anti-SS.
- ⁹ Tini Kleinmann, carta a Kurt Kleinmann, 15 de Julho de 1941, DKK.
- ¹⁰ Ordem de 14 de Maio de 1941, citada em Gold, *Geschichte der Juden*, pp. 106-7.
- ¹¹ Cesarani, *Final Solution*, p. 443.
- ¹² Rabinovici, *Eichmann's Jews*, p. 136.
- ¹³ Cesarani, *Final Solution*, p. 418.
- ¹⁴ Tini Kleinmann, carta a Kurt Kleinmann, 5 de Agosto de 1941, DKK.
- ¹⁵ Tini Kleinmann, carta a Kurt Kleinmann, 15 de Julho de 1941, DKK.
- ¹⁶ Tini Kleinmann, cartas a Kurt Kleinmann, Julho-Agosto de 1941, DKK.
- ¹⁷ Cartões de registo de prisioneiro 1.1.5.3/6283389, 1.1.5.3/6283376, ITS. O registo indica quatro pacotes recebidos durante o ano de 1941 – um para Gustav e outro para Fritz em 3 de Maio, um para Fritz em 22 de Outubro e um para Gustav em 16 de Novembro. Todos continham roupa.
- ¹⁸ Gustav escreve: «*Wir sind die Unzertrennlichen*», «Nós somos os inseparáveis». Não existe um equivalente exacto para *Unzertrennlichen*. Em alemão é usado para as espécies de aves conhecida como «pássaros-do-amor» e é também o título alemão do filme de David Cronenberg *Irmãos Inseparáveis*.
- ¹⁹ William L. Shirer, citado em Cesarani, *Final Solution*, p. 285.
- ²⁰ Stein, *Buchenwald*, pp. 124-6; Wachsmann, *KL*, pp. 248-58; Cesarani, *Final Solution*, pp. 284-6.
- ²¹ Médico das SS, Waldemar Hoven, citado em Stein, *Buchenwald*, p. 124.
- ²² Gustav dá a data como Agosto de 1941; por norma ele é totalmente confiável nas datas, mas parece descrever os acontecimentos da Primavera e do Verão de 1941 retrospectivamente – talvez no final do ano – e a sua cronologia e números por vezes não são confiáveis neste período.
- ²³ Stein, *Buchenwald*, p. 59.
- ²⁴ Otto Kipp em Hackett, *Buchenwald Report*, p. 212.
- ²⁵ Enfermeira Ferdinand Römhild, das SS, citada em Stein, *Buchenwald*, p. 126.
- ²⁶ Era verdade que muitos dos revolucionários bolcheviques de 1917 tinham sido judeus, e também era verdade que o regime soviético tinha libertado os judeus russos da repressão anti-semita dos czares. Mas a alegada conexão entre o judaísmo e o comunismo era apenas uma fantasia nas mentes dos ideólogos nazis, um equivalente moderno banal dos libelos de sangue.
- ²⁷ Wachsmann, *KL*, p. 260.
- ²⁸ O diário de Gustav Kleinmann diz que isto ocorreu em 15 de Junho. Isto é impossível, uma vez que a guerra entre a Alemanha e a URSS só começou em 22 de Junho. Este é outro exemplo da sua má atribuição da data de um acontecimento de 1941, devido a ter

escrito sobre isto de memória (ver nota 22). Data à parte, todos os outros pormenores são corroborados por múltiplas fontes.

- ²⁹ Stein, *Buchenwald*, pp. 121-4; Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 236ff; Wachsmann, *KL*, pp. 258ff. «Comando 99» era uma referência ao número de telefone dos estábulos.
- ³⁰ Stein, *Buchenwald*, p. 85; Wachsmann, *KL*, pp. 277ff.
- ³¹ Stein, *Buchenwald*, pp. 121-3.
- ³² Gustav usa a palavra *Justifizierungen*, um eufemismo por vezes usado para assassinio judicial, para o qual não existe uma palavra exacta equivalente – ajuste, julgamento ou adjudicação são traduções aproximadas.
- ³³ Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 21n.
- ³⁴ Wachsmann, *KL*, pp. 270-71. Um efeito semelhante foi observado entre os esquadrões da morte *Einsatzgruppen* na Frente Leste; disparar sobre grandes números de vítimas a curto alcance num longo período traumatizou até os homens SS mais duros e dedicados (Cesarani, *Final Solution*, p. 390). Esta foi uma das razões para a passagem para as câmaras de gás nos campos de concentração, e para forçarem equipas de prisioneiros – os *Sonderkommandos* – a lidarem com as vítimas.
- ³⁵ Stein, *Buchenwald*, pp. 58-9; depoimentos de testemunhas em Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 71, 210, 230; Wachsmann, *KL*, p. 435.
- ³⁶ Stein, *Buchenwald*, p. 58.
- ³⁷ *Ibid.*, pp. 200-203; Wachsmann, *KL*, p. 435. O soro de tifo com o qual eram injectados estava a ser desenvolvido em conjunto pelas SS, a corporação química IG Farben e as Wehrmacht, com o objectivo de produzir uma vacina para as tropas alemãs a servir na Europa de Leste, onde o tifo era endémico.
- ³⁸ Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, pp. 79-80.
- ³⁹ *Völkischer Beobachter*, citado em Cesarani, *Final Solution*, p. 421.
- ⁴⁰ Rees, *Holocaust*, p. 231; Cesarani, *Final Solution*, pp. 421ff; notas sobre o registo número 2005.506.3, Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, collections.ushmm.org/search/catalog/irn523540 (consultado em 30 de Maio, 2017).
- ⁴¹ Rabinovici, *Eichmann's Jews*, pp. 110-11.
- ⁴² Tini Kleinmann, carta a Samuel Barnet, 19 de Julho de 1941, DKK.
- ⁴³ Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 83.
- ⁴⁴ Rees, *Holocaust*, p. 231; Cesarani, *Final Solution*, pp. 422ff.
- ⁴⁵ Ordem de Heinrich Müller, RSHA, 23 de Outubro de 1941, em Arad *et al.*, *Documents*, pp. 153-4.

Capítulo 9 – Mil beijos

- ¹ Michael Dror, «News from the Archives», *Yad Vashem Jerusalem 81*, 2016, p. 22. Arnold Frankfurter morreu em Buchenwald em 14 de Fevereiro (Felix Czeike, *Historisches Lexikon Wien*, 1992-7, volume 2, p. 357) ou em 10-19 de Março de 1942 (Felicitas Heimann-Jelinek, Lothar Höbling e Ingo Zechner, *Ordnung Muss Sein: Das Archiv der Israelitischen Kultusgemeinde Wien*, 2007, p. 152). Ele casou Gustav Kleinmann e Tini Rottenstein em Viena a 8 de Maio de 1917 (Dieter J. Hecht, «“Der könig rief, und alle, alle kamen”: Jewish military chaplains on duty in the Austro-Hungarian army during World War I», *Jewish Culture and History* 17/3, 2016, pp. 209-10).
- ² Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 82.
- ³ Cesarani, *Final Solution*, pp. 445-9.
- ⁴ Stein, *Buchenwald*, p. 128.
- ⁵ Hermann Einziger em Hackett, *Buchenwald Report*, p. 189.
- ⁶ Gustav é específico relativamente a Greuel ser o sargento das SS envolvido. De forma confusa, parece dizer que este incidente ocorreu num «transporte de cascalho da trituradora». No entanto, acontece no contexto da sua escrita sobre o transporte de troncos de árvore da floresta. Presumivelmente, a sua equipa estaria a fazer ambos os trabalhos alternadamente. O facto de alguns dos homens de Gustav não estarem a carregar nada nesta ocasião sugere que isto ocorreu durante o transporte dos troncos em vez do transporte de cascalho (que teria sido por vagão).
- ⁷ Robert Siewert e Josef Schappe em Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 153, 160.
- ⁸ Fritz diz que Leopold Moses foi para Natzweiler em 1941 (Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 50). No entanto, naquela altura Natzweiler tinha apenas um pequeno número de prisioneiros (transferidos de Sachsenhausen); começou a receber grandes transportes na Primavera de 1942 (Jean-Marc Dreyfus em Geoffrey P. Megargee (ed.), *The United States Holocaust Memorial Museum Encyclopedia of Camps and Ghettos, 1933-1945*, 2009, volume 1B, p. 1,007).
- ⁹ Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 82. (A carta original de Tini, que Fritz nunca viu, não foi preservada.)
- ¹⁰ O antigo território soviético sob domínio alemão foi dividido em Reichskommissariat Ostland e Reichskommissariat Ukraine. Para lá destas regiões havia uma ainda maior zona de guerra no final da linha da Frente alemã.

- ¹¹ As instruções para os deportados de Altreich e Ostmark para Ostland estão delineadas em Cesarani, *Final Solution*, p. 428; Christopher Browning, *The Origins of the Final Solution* (2005), p. 381; e um memorando em Arad *et al.*, *Documents*, pp. 159-61. O panfleto das instruções passado aos supervisores do transporte em Viena é citado na totalidade em Gold, *Geschichte*, pp. 108-9. A narrativa de um deportado é dada no testemunho do sobrevivente vienense Wolf Seiler (deportado a 6 de Maio de 1942), documento 854, DOW.
- ¹² Os transportes de judeus para Ostland começaram em Novembro de 1941; houve sete nesse mês, de várias cidades alemãs, incluindo um de Viena (Alfred Gottwaldt, «Logik und logistik von 1300 eisenbahnkilometern» em Waltraud Barton (ed.), *Ermordet in Maly Trostinec: die österreichischen Opfer der Shoa in Weißrussland*, 2012, p. 54). O programa foi interrompido devido às exigências logísticas das Wehrmacht e terminado em Maio de 1942; entre essa altura e Outubro houve nove transportes de Viena, com saída semanal no final de Maio e Junho (*ibid.*; ver também Alfred Gottwaldt e Diana Schulle, *Die «Judendeportationen» aus dem Deutschen Reich 1941-1945*, 2005, pp. 230ff; Irene Sagel-Grande, H. H. Fuchs e C. F. Rüter, *Justiz und NS-Verbrechen: Sammlung Deutscher Strafurteile wegen Nationalsozialistischer Tötungsverbrechen 1945-1966: Band XIX*, 1978, pp. 192-6).
- ¹³ Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 69; cartão de registo de prisioneiro de Buchenwald 1.1.5.3/6283376, ITS.
- ¹⁴ O marido de Bertha tinha sido morto na Primeira Grande Guerra e ela não voltou a casar (certidão de nascimento de Bertha Rothenstein, 29 de Abril de 1887, *Geburtsbuch*, IKA; *Lehmann's Adressbuch* para Viena em 1938, WLO; relatórios de perdas, *Illustrierte Kronen Zeitung*, 4 de Junho de 1915, p. 6; K.u.k. Kriegsministerium, *Verlustliste Nr 209 ausgegeben am 13.7.1915*, 1915, p. 54).
- ¹⁵ Não se sabe ao certo quanto tempo Tini e Herta Kleinmann estiveram detidas em Sammellager (campo de detenção); alguns deportados esperavam uma semana ou mais, mas como os números de deportação de Tini e de Herta eram bastante altos (ver nota abaixo), elas foram presumivelmente notificadas bastante tarde e não devem ter sido detidas por muito tempo.
- ¹⁶ O carregamento podia levar mais de cinco horas (por ex., relatório policial sobre o Transporte Da 230, Outubro de 1942, DOW).
- ¹⁷ Os deportados estão na lista de partida da Gestapo para o Transporte 26 (Da 206), 9 de Junho de 1942, 1.2.1.1/11203406, ITS; dados limitados também disponíveis em *Erfassung der Österreichischen Holocaustopfer* (base de dados das vítimas austríacas do Holocausto), DOW e YVS.
- ¹⁸ Tini Rottenstein nasceu a 2 de Janeiro de 1893, no prédio em Kleine Stadtgutgasse 6, perto de Praterstern (*Geburtsbuch* 1893, IKA).
- ¹⁹ A Aspangbahnhof foi demolida em 1976. Uma pequena praça – Platz der Opfer der Deportation (Praça das Vítimas da Deportação) – está agora no local, juntamente com um memorial dos milhares de deportados que partiram da estação de Viena.
- ²⁰ O percurso é dado em Alfred Gottwaldt, «Logik und logistik von 1300 eisenbahnkilometern» em Barton, *Ermordet*, pp. 48-51. Os tempos foram estimados a partir do relatório policial do Transporte Da 230, Outubro de 1942, DOW.
- ²¹ Quando a guerra começou, a divisão SS-Totenkopfverbände (unidades da Cabeça da Morte) foi colocada sob o comando geral Waffen-SS. O pessoal veterano da guarda foi enviado para combater na Frente Leste. Foram substituídos nos campos por novos voluntários e recrutas. A insígnia da Cabeça da Morte era usada nos capacetes de todos os homens das SS, mas só os SS-TV também a usavam nos colarinhos.
- ²² Sipo-SD era o nome informal das unidades combinadas das SS Sicherheitspolizei (Sipo, polícia de segurança) e Sicherheitsdienst (SD, inteligência). A Sipo, que combinava a Gestapo e a polícia criminal, estava extinta por esta altura, tendo sido absorvida pelo Departamento de Segurança Principal do *Reich* (RSHA), mas o termo ainda era usado para a polícia combinada – unidades SD a operar em territórios de Leste.
- ²³ Testemunho do sobrevivente Wolf Seiler (deportado a 6 de Maio de 1942), documento 854, DOW; testemunho de Isaak Grünberg (deportado a 5 de Outubro de 1942), citado em Alfred Gottwaldt, «Logik und logistik von 1300 eisenbahnkilometern» em Barton, *Ermordet*, p. 49.
- ²⁴ Alfred Gottwaldt, «Logik und logistik von 1300 eisenbahnkilometern» em Barton, *Ermordet*, p. 51.
- ²⁵ O transporte que saiu de Viena na terça-feira, 9 de Junho, é recordado como tendo chegado a Minsk no sábado 13, ou na segunda-feira, 15 de Junho; os registos dos caminhos-de-ferro indicam a primeira data, enquanto um relatório do tenente Arlt das SS (16 de Junho de 1942: ficheiro 136 M.38, YVP) indica a última. Os que negam a existência do Holocausto têm aproveitado esta discrepância para lançar a dúvida sobre os massacres em Maly Trostinec. Na verdade, ela deve-se a relações industriais: a partir de Maio de 1942, os trabalhadores dos caminhos-de-ferro em Minsk foram dispensados de trabalhar aos fins-de-semana, e os comboios que chegavam no sábado ficavam na estação de Kojdanów fora da cidade até segunda-feira de manhã (Alfred Gottwaldt, «Logik und logistik von 1300 eisenbahnkilometern» em Barton, *Ermordet*, p. 51).
- ²⁶ Tini Kleinmann, carta a Kurt Kleinmann, 5 de Agosto de 1941, DKK.
- ²⁷ Fontes usadas aqui incluem relatos secundários (Sybille Steinbacher, «Deportiert von Wien nach Minsk» em Barton, *Ermordet*, pp. 31-8; Sagel-Grande *et al.*, *Justiz*, pp. 192-6; Christian Gerlach, *Kalkulierte Morde: Die Deutsche Wirtschafts – und Vernichtungspolitik in Weißrußland 1941 bis 1944* (1999), pp. 747-60; Petra Rentrop, «Maly Trostinez als tatort der «endlösung»» em Barton, *Ermordet*, pp. 57-71; Mark Aarons, *War Criminals Welcome: Australia, a Sanctuary for Fugitive War Criminals Since*

1945, 2001, pp. 71-6), relatórios oficiais (tenente Arlt das SS, 16 de Junho de 1942: ficheiro 136 M.38, YVP), e testemunhos pessoais de sobreviventes (Wolf Seiler, documento 854, DOW; Isaak Grünberg, citado em várias referências anteriores).

²⁸ Petra Rentrop, «Maly Trostinez als tatort der «endlösung»» em Barton, *Ermordet*, p. 64.

²⁹ Cesarani, *Final Solution*, pp. 356ff.

³⁰ Sybille Steinbacher, «Deportiert von Wien nach Minsk» em Barton, *Ermordet*, pp. 31-8; Sagel-Grande *et al.*, *Justiz*, pp. 192-6 ; Gerlach, *Kalkulierte Morde*, pp. 747-60; Petra Rentrop, «Maly Trostinez als tatort der “endlösung”» em Barton, *Ermordet*, pp. 57-71. O campo de concentração de Maly Trostinets é raramente mencionado na maior parte das histórias do Holocausto; mesmo a gigantesca enciclopédia de campos e guetos, de quatro volumes, do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos (ed. Megargee) não tem uma entrada para ele, apenas algumas referências na entrada do gueto de Minsk (volume 2B, pp. 1234, 1236). Existem muitas variações na forma de soletrar o nome na literatura – na moderna Bielorrússia é Maly *Trościeniec*; outras variantes incluem Trostenets; Trostinets; Trostinec; Trostenez; Trastsianiets; Trascianec. Em alemão é, por vezes, referido como Klein Trostenez.

³¹ Testemunho de Wolf Seiler, documento 854, DOW.

³² Sagel-Grande *et al.*, *Justiz*, p. 194.

³³ Aarons, *War Criminals*, pp. 72-4.

³⁴ Sagel-Grande *et al.*, *Justiz*, p. 194.

³⁵ Aarons, *War Criminals*, pp. 72-4.

³⁶ Petra Rentrop, «Maly Trostinez als tatort der “endlösung”» em Barton, *Ermordet*, p. 65. Pode ter efectivamente havido até oito carrinhas de gás na Bielorrússia, mas apenas três ou quatro parecem ter sido usadas em Maly Trostinets (Gerlach, *Kalkulierte Morde*, pp. 765-6).

³⁷ Sagel-Grande *et al.*, *Justiz*, pp. 194-5.

³⁸ Tenente Arlt das SS, 16 de Junho de 1942: ficheiro 136 M.38, YVP.

³⁹ Tini refere-se a este passeio de canoagem e à sua própria infância na sua última carta a Kurt, 15 de Junho de 1941, DKK.

⁴⁰ Ao todo, de acordo com o Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes (www.doew.at), cerca de 9000 judeus foram deportados de Viena para Maly Trostinets. Apenas dezassete se sabe que sobreviveram. O número total de mortos em Maly Trostinets não se conhece ao certo, mas estima-se que mais de 200 000 judeus alemães, austríacos e bielorrussos e prisioneiros soviéticos de guerra foram aí assassinados entre 1941 e 1943, quando o campo foi encerrado (Martin Gilbert, *The Holocaust: The Jewish Tragedy*, 1986, p. 886, n. 38).

Capítulo 10 – Uma viagem para a morte

¹ Um relato deste incidente, prestado depois da guerra pelo prisioneiro Hermann Einziger (em Hackett, *Buchenwald Report*, p. 189), afirma que ocorreu em Abril e que os trabalhadores estavam a carregar os troncos para o campo à mão. No entanto, o diário de Gustav (que retorna à sua confiabilidade cronológica em 1942) sugere que foi mais tarde nesse ano (meados a fim do Verão) e que os troncos estavam a ser carregados para um vagão. Einziger diz que Friedmann era de Mannheim; Gustav diz que ele era de Kassel. Nenhum oferece mais pormenores sobre ele.

² A proibição da admissão de judeus na enfermaria foi levantada num dado momento; a data precisa não é conhecida.

³ Stein, *Buchenwald*, pp. 138-9; Ludwig Scheinbrunn em Hackett, *Buchenwald Report*, pp. 215-16.

⁴ Stein, *Buchenwald*, pp. 36-7; Hackett, *Buchenwald Report*, p. 313.

⁵ Ordem de 5 de Outubro de 1942, citada em Stein, *Buchenwald*, p. 128.

⁶ Stein, *Buchenwald*, pp. 128-9.

⁷ Esta foi uma semana cheia, depois do esboço da lista em 8 de Outubro (Stefan Heymann em Hackett, *Buchenwald Report*, p. 342).

⁸ Fritz não explica isto nas suas memórias. As SS não solicitavam esta declaração, por isso, talvez tivesse sido para benefício de Siewert, no caso de ser acusado de cúmplice ou de ter forçado Fritz a ir.

⁹ Fritz (em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 86) diz que havia oitenta homens num vagão; no entanto, o comandante Pister tinha pedido um comboio à companhia de caminhos-de-ferro que consistia em dez vagões de carga e uma carruagem de passageiros para o pessoal das SS (Stein, *Buchenwald Report*, pp. 128-9). Fritz dá como data de partida 18 de Outubro e de chegada a Auschwitz 20 de Outubro, um dia a mais ou a menos.

¹⁰ Gustav usa a expressão conjunta «Himmelfahrtskommando», cuja tradução literal é «viagem à missão do Céu» e que é o equivalente alemão a «missão suicida» ou «ordem *kamikaze*».

Capítulo 11 – Uma localidade chamada Oświęcim

- 1 Os homens na Áustria-Hungria eram levados para o exército na Primavera do ano no qual faziam 21 anos, servindo por três anos, seguidos por mais dez na reserva (James Lucas, *Fighting Troops of the Austro-Hungarian Army, 1868-1914*, 1987, p. 22). Gustav Kleinmann fez 21 anos a 2 de Maio de 1912. A Armada (Exército Imperial e Real) *kaiserlich und königlich* (k.u.k.) era formada por tropas de todo o império.
- 2 Lucas, *Fighting Troops*, pp. 25-6.
- 3 A 12.^a Divisão de Infantaria fazia parte da força de apoio do Primeiro Exército e estava ligada ao X Corpo para o avanço.
- 4 John R. Schindler, *Fall of the Double Eagle: The Battle for Galicia and the Demise of Austria–Hungary*, 2015, p. 171. Em 1914, o Norte e o Oeste do que agora é a Polónia faziam parte do Império Alemão, e o Sul (incluindo a Galícia) pertencia à Áustria-Hungria. A Polónia Central moderna (incluindo Varsóvia) fazia parte do Império Russo. Assim, a fronteira da Áustria com a Rússia era a norte e a leste.
- 5 *Ibid.*, pp. 172ff.
- 6 *Ibid.*, pp. 200-239.
- 7 Alexander Watson, *Ring of Steel: Germany and Austria–Hungary at War, 1914-1918*, 2014, pp. 193-5.
- 8 *Ibid.*, pp. 200-201; Andrew Zalewski, *Galician Portraits: In Search of Jewish Roots*, 2012, pp. 205-6.
- 9 John Keegan, *The First World War*, 1998, p. 192.
- 10 Gemeinsames Zentralnachweissbureau, *Nachrichten über Verwundete und Kranke Nr 190 ausgegeben am 6.1.1915*, 1915, p. 24; *Nr 203 ausgegeben am 11.1.1915*, 1915, p. 25. As circunstâncias exactas do ferimento de Gustav não são conhecidas, além de ter sido atingido por uma bala. Os dois relatórios citados indicam, respectivamente, que foi atingido na parte de baixo da perna esquerda (*linken unterschenkel*, 6 de Janeiro, Biala) e no antebraço esquerdo (*linken unterarm*, 11 de Janeiro, Oświęcim). Feridas simultâneas no braço esquerdo e na perna esquerda por vezes aconteciam quando um soldado estava ajoelhado para disparar a espingarda. Tais feridas ocorreriam mais provavelmente durante um ataque ou *raid*, do que nas trincheiras.
- 11 Robert Jan van Pelt e Debórah Dwork, *Auschwitz: 1270 to the Present*, (1996), p. 59.
- 12 *Ibid.*
- 13 O relatório que descreve as acções de Gustav (candidatura ao galardão, 3 Feldkompanie, Infanterieregiment 56, 27 de Fevereiro de 1915, BWM) indica que esta foi uma iniciativa inteiramente de Gustav e de Aleksiak, o que sugere que o sargento ou oficial de pelotão deles estava ausente, muito provavelmente morto no assalto.
- 14 Relatório do Exército Austro-Húngaro, 26 de Fevereiro de 1915, *Amtliche Kriegs – Depeschen*, volume 2 (Berlim: Nationaler Verlag, 1915): reproduzido *on-line* em stahlgewitter.com/15_02_26.htm (consultado em 1 de Outubro de 2017).
- 15 Candidatura ao galardão, 3 Feldkompanie, Infanterieregiment 56, 27 de Fevereiro de 1915, BWM.
- 16 *Wiener Zeitung*, 7 de Abril de 1915, pp. 5-6. Na totalidade, dezanove homens da 56.^a foram galardoados com a Medalha de Prata para Bravura de 1.^a Classe (*Silberne Tapferkeitsmedaille erster Klasse*), enquanto 97 receberam a de 2.^a Classe.
- 17 K.u.k. Kriegsministerium, *Verlustliste Nr 244 ausgegeben am 21.8.1915*, 1915, p. 21. A lista oficial não especifica como Gustav foi ferido ou onde se localizava (nem, na verdade, em que hospital estava); é meramente listado como *verwundet*. A história oral familiar diz que foi no pulmão.
- 18 Esta é a substância dos discursos do rabino Arnold Frankfurter nesta época, inclusive em casamentos, como citado por Hecht em «Der könig rief», pp. 212-13, que menciona especificamente o casamento de Gustav e Tini.
- 19 Watson, *Ring of Steel*, pp. 503-6.
- 20 Grünberg estava registado como aprendiz de pedreiro nas entradas de Auschwitz (lista de chegadas, 19 de Outubro de 1942, ABM).
- 21 Antes de 1944, quando uma plataforma de comboios e uma rampa de carregamento eram construídos no campo de Birkenau, os prisioneiros que chegavam a Auschwitz desembarcavam numa plataforma perto de Auschwitz I e, antes disso, na estação da cidade, e marchavam para os campos.
- 22 Danuta Czech, *Auschwitz Chronicle: 1939-1945*, 1990, p. 255.
- 23 Havia 405 homens na lista de transporte, mas apenas 404 foram admitidos em Auschwitz (*ibid.*, p. 255). Presumivelmente um morreu no trajeto.
- 24 Auschwitz I mais tarde adquiriu um edifício construído para admissões fora da entrada do campo (Van Pelt e Dwork, *Auschwitz*, pp. 222-5; Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 601). Antes disso, havia apenas as instalações normais dentro do campo.
- 25 Os primeiros gaseamentos na Alemanha, com camiões e câmaras de gás, tinham ocorrido em 1939, enquanto parte do programa de eutanásia T4 (Cesarani, *Final Solution*, pp. 283-5). Os primeiros gaseamentos experimentais com *Zyklon B*, em Auschwitz, foram feitos em Agosto de 1941 em Auschwitz I; grandes e especializadas câmaras de gás/crematórios começaram a ser usados em Auschwitz-Birkenau no início de 1942 (Wachsmann, *KL*, pp. 267-8, 301-2; Franciszek Piper em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, pp. 206, 210). No final de 1942, estavam espalhados os rumores sobre os gaseamentos pelo sistema dos campos de concentração e entre as populações locais.
- 26 «Eine Laus dein Tod»: esta mensagem estava pintada nas paredes ao longo de todo o complexo de Auschwitz.

- ²⁷ A despoliação das fardas era feita por fumigação com *Zyklon B*. Este era o propósito original para este gás venenoso, que as SS adaptaram para uso nas câmaras de gás letais. Para esse efeito, pediram aos fabricantes (uma subsidiária da IG Farben) para remover o cheiro nauseabundo de aviso que normalmente era adicionado (Peter Hayes, *Industry and Ideology: IG Farben in the Nazi Era*, 2001, p. 363).
- ²⁸ Os primeiros a receber os números tatuados foram os prisioneiros de guerra soviéticos, a partir do Outono de 1941. As SS experimentaram primeiro com um carimbo, mas não funcionou muito bem (Wachsmann, *KL*, p. 284). Nenhum outro campo de concentração usou tatuagens.
- ²⁹ Lista de chegadas, 19 de Outubro de 1942, ABM.
- ³⁰ A numeração Auschwitz I, II e III só foi introduzida em Novembro de 1943 (Florian Schmalz em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, p. 216), mas é usada aqui por questões de clareza e consistência.
- ³¹ Franciszek Piper em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, p. 210. Auschwitz-Birkenau (Auschwitz II) começou a ser construída em Outubro de 1941 e estava operacional no início de 1942.
- ³² Gustav usa a expressão *schwarze Mauer* em vez da mais comumente usada *schwarze Wand*. Ambas significam o mesmo. O nome vem dos ecrãs pintados de preto que protegiam a parede de tijolo das cargas de balas.
- ³³ Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 259.
- ³⁴ Höss, citado em Hermann Langbein, *People in Auschwitz*, trad. Harry Zohn, 2004, pp. 391-2.
- ³⁵ Citado em Langbein, *People*, p. 392. Por esta altura, o sargento das SS Gerhard Palitzsch tinha-se tornado cada vez mais desequilibrado, devido à morte da mulher. Eles viviam numa casa perto do campo e Palitzsch, que estava envolvido em corrupção, obtinha roupas roubadas dos prisioneiros em Birkenau. Em Outubro de 1942, a sua mulher contraiu tifo – provavelmente de piolhos destas roupas – e morreu. Palitzsch começou a beber muito e o seu comportamento tornou-se errático (*ibid.*, pp. 408-10).
- ³⁶ Czech, *Auschwitz Chronicle*, pp. 255-60.
- ³⁷ *Ibid.*, p. 261. As 186 mulheres de Ravensbrück foram declaradas aptas e foi-lhes atribuído trabalho separado dos homens (*ibid.*, pp. 261-2).
- ³⁸ Em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 90. Fritz diz que eles ficaram apenas uma semana em Auschwitz I, e no seu testemunho nos julgamentos de Frankfurt tanto ele como Gustav declararam o tempo como oito dias (Abt 461 Nr 37638/84/15904-6; Abt 461 Nr 37638/83/15661-3, FTD); de facto, foram onze dias (Czech, *Auschwitz Chronicle*, pp. 255, 260-61).
- ³⁹ A veracidade disto é incerta. Havia uma grande procura por trabalhadores de construção para o novo campo de Monowitz, e os registos implicam que a intenção tinha sido sempre enviar os prisioneiros transferidos para trabalhar lá (Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 255). No entanto, o registo é pouco claro, e Fritz e Gustav tinham a impressão que estavam todos programados para execução. Certamente, esse tinha sido o objectivo da sua selecção em Buchenwald – daí a retenção de trabalhadores de construção.

Capítulo 12 – Auschwitz-Monowitz

- ¹ Nesta altura, o campo era oficialmente referido como o campo de trabalho de Buna (ou como «Campo IV» pela direcção da IG Farben; ver Bernd C. Wagner, *IG Auschwitz: Zwangsarbeit und Vernichtung von Häftlingen des Lagers Monowitz 1941-1945*, 2000, p. 96). Mais tarde, tornou-se conhecido como campo de concentração de Monowitz, ou Auschwitz III. Os últimos nomes são usados aqui por questões de clareza e consistência.
- ² No início de Setembro de 1942, o campo de Monowitz estava completamente desenhado, mas a construção não tinha progredido além de um pequeno número de casernas (entre duas e oito, de acordo com fontes). O resto dos edifícios do campo tinham sido adiados para apressar a construção da fábrica Buna Werke. O campo abriu oficialmente para a recepção de prisioneiros em 28 de Outubro (*ibid.*, pp. 95-7).
- ³ A Buna Werke obteve o nome de *buna*, a borracha sintética destinada a ser produzida lá; entre outras aplicações, a borracha era vital no fabrico de aviões e de veículos – por exemplo, pneus e vários componentes de absorção de choques.
- ⁴ Florian Schmalz em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, pp. 216-17; Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 92. Eventualmente, os reclusos do campo seriam cerca de um terço da força de trabalho total de Buna Werke, sendo o resto trabalhadores pagos da Alemanha ou de países ocupados (Hayes, *Industry*, p. 358), muitos dos quais fariam parte de esquemas de trabalho forçado como o de trabalho obrigatório do Serviço Francês.

Capítulo 13 – O fim de Gustav Kleinmann, judeu

- ¹ Wachsmann, *KL*, pp. 49-52; Joseph Robert White em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, pp. 64-6. Os campos Esterwegen e os outros de Emsland foram encerrados em 1936.
- ² Listas de nomes da directoria Lehmann, 1891, WLO; Alice Teichova, «Banking in Austria», Manfred Pohl (ed.), *Handbook on the History of European Banks*, 1994, p. 4.

- ³ Wagner, *IG Auschwitz*, p. 107.
- ⁴ O termo era usado também noutros campos. A sua origem não é conhecida. (Ver Yisrael Gutman em Yisrael Gutman e Michael Berenbaum (eds), *Anatomy of the Auschwitz Death Camp*, 1994, p. 20; Wachsmann, *KL*, pp. 209-10, 685, n. 117; Wladyslaw Fejkiel citado em Langbein, *People*, p. 91.) Na altura em que os campos de concentração foram libertados em 1944-5, a maioria dos prisioneiros de longa duração tinha sido transformada em *Muselmänner*, e tornaram-se vítimas emblemáticas do Holocausto. Porém, já existiam nos campos desde 1939.
- ⁵ Hayes, *Industry*, p. 358.
- ⁶ Herzog foi escriturário a partir de meados de 1943, e chefe de escritório de Janeiro a Outubro de 1944 (Herzog, declaração dos julgamentos de Frankfurt, Abt. 461 N° 37638/84/15891-2, FTD).
- ⁷ Planos e desenhos minuciosos dos edifícios, por Irena Strzelecka e Piotr Setkiewicz, «Bau, ausbau und entwicklung des KL Auschwitz» em Waclaw Długoborski e Franciszek Piper (eds.), *Auschwitz 1940-1945: Studien der Geschichte des Konzentrations-und Vernichtungslagers Auschwitz*, 1999, volume 1, pp. 128-30.
- ⁸ Wachsmann, *KL*, p. 210.
- ⁹ Primo Levi, que era um prisioneiro em Monowitz desde Fevereiro de 1944, disse do Bloco 7 que «nenhum *Häftling* [prisioneiro] comum jamais entrou» (Primo Levi, *Survival in Auschwitz and the Reawakening: Two Memoirs*, 1986, p. 32).
- ¹⁰ Wagner, *IG Auschwitz*, pp. 117, 121-2; Langbein, *People*, pp. 150-51.
- ¹¹ Citado em Wachsmann, *KL*, p. 515.
- ¹² Wagner, *IG Auschwitz*, pp. 121-2.
- ¹³ *Ibid.*, p. 117.
- ¹⁴ Freddi Diamant, citado em Langbein, *People*, p. 151.
- ¹⁵ Irena Strzelecka e Piotr Setkiewicz, «Bau, ausbau und entwicklung des KL Auschwitz» em Długoborski e Piper, *Auschwitz 1940-1945*, volume 1, p. 135.
- ¹⁶ No final de 1943, Auschwitz tinha três campos-satélite dedicados a minas de carvão: Fürstengrube, Janinagrube e Jawischowitz. Eles distavam entre cerca de 15 a 100 km do campo principal de Auschwitz (entradas em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, pp. 221, 239, 253, 255).
- ¹⁷ Wagner, *IG Auschwitz*, p. 118. Tido sempre como um operador preciso e querido pelas SS, em poucas semanas Windeck conseguiu uma posição como responsável no campo para homens de Birkenau.

Capítulo 14 – Resistência e colaboração: a morte de Fritz Kleinmann

- ¹ Wachsmann, *KL*, pp. 206-7.
- ² Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 108.
- ³ Os pormenores seguintes são descritos em profundidade por Fritz Kleinmann em *ibid.*, pp. 108-12.
- ⁴ Langbein, *People*, p. 142; Irena Strzelecka e Piotr Setkiewicz, «Bau, ausbau und entwicklung des KL Auschwitz» em Długoborski e Piper, *Auschwitz 1940-1945*, volume 1, p. 128.
- ⁵ Hayes, *Industry*, pp. 361-2.
- ⁶ Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 112; tradução do autor.
- ⁷ Florian Schmaltz em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, p. 217.
- ⁸ Henryk Swiebocki, «Die entstehung und die entwicklung der konspiration im lager» em Długoborski e Piper, *Auschwitz 1940-1945*, volume 4, pp. 150-53.
- ⁹ Pierre Goltman, *Six Mois en Enfer*, 2011, pp. 89-90.
- ¹⁰ Fritz afirma que trabalhou como *Transportarbeiter*, «trabalhador de transportes» (Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 113), mas não explica; esta era uma designação muito abrangente e provavelmente implicava procurar e contabilizar técnicos serralheiros dentro da fábrica.
- ¹¹ Hermann Langbein em Gutman e Berenbaum, *Anatomy*, pp. 490-91; Henryk Swiebocki, «Die entstehung und die entwicklung der konspiration im lager» em Długoborski and Piper, *Auschwitz 1940-1945*, volume 4, pp. 153-4.
- ¹² Florian Schmaltz em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, p. 217.
- ¹³ Langbein, *People*, p. 329.
- ¹⁴ *Ibid.*, pp. 31, 185, 322, 329-35.
- ¹⁵ Nas suas memórias e entrevista, Fritz diz apenas que foi levado para o Departamento Político, sem especificar se foi para o departamento principal em Auschwitz I ou para o subdepartamento em Monowitz. O envolvimento de Grabner e a seriedade da acusação sugere que era provavelmente o departamento principal. Por outro lado, no final do interrogatório ele diz que Grabner «voltou para Auschwitz com o civil» (Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 114); mas também escreve que Taute e Hofer o

levaram «de volta para o campo» (*ibid.*), o que mais uma vez sugere Auschwitz I como cenário da tortura. Em suma, o balanço das provas favorece o último. No seu depoimento de 1963, para os julgamentos de Frankfurt (Abt 461 Nr 37638/83/15663, FTD), Fritz afirmou que este incidente ocorreu em Junho de 1944; como Grabner deixou Auschwitz no final de 1943, este foi provavelmente um erro de transcrição para Junho de 1943.

¹⁶ Wagner, *IG Auschwitz*, pp. 163-92; Irena Strzelecka e Piotr Setkiewicz, «Bau, ausbau und entwicklung des KL Auschwitz» em Długoborski e Piper, *Auschwitz 1940-1945*, volume 1, p. 128.

¹⁷ O registo de entrada da morte de Fritz Kleinmann não apareceu; presumivelmente estaria entre a maioria dos registos de Auschwitz destruídos antes da libertação do campo. Alguns registos de hospital sobreviveram (e têm o formato descrito), mas este aparentemente perdeu-se.

¹⁸ Nas suas memórias publicadas, Fritz não faz menção aos seus pensamentos suicidas nesta altura, mas na entrevista de 1997 descreve-os com alguma profundidade e com forte emoção.

¹⁹ Fritz é pouco claro sobre a duração exacta antes de o pai ter sido avisado da sua sobrevivência. Na sua memória escrita deixa implícito que foi pouco depois da sua transferência do hospital para o Bloco 48, enquanto na sua entrevista de 1997 é vago, implicando que, pela necessidade, o segredo foi mantido por muito tempo.

²⁰ Czech, *Auschwitz Chronicle*, pp. 537, 542.

²¹ Langbein, *People*, p. 40; Wachsmann, *KL*, pp. 388-9; Czech, *Auschwitz Chronicle*, pp. 537, 812.

²² Relatório de resistência de prisioneiros, 9 de Dezembro de 1943, citado em Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 542.

Capítulo 15 – A bondade de estranhos

¹ A versão de Fritz Kleinmann deste incidente difere em alguns pormenores da versão no diário de Gustav, e ambas diferem dos registos da Gestapo (como citado em Czech, *Auschwitz Chronicle*, pp. 481-2). O relato dado aqui é uma síntese dos três.

² Gustav recorda no seu diário que tanto Eisler como Windmüller foram fuzilados (*cf.* Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 482); presumivelmente esta foi a história que chegou a Monowitz naquela época.

³ A não confundir com a Rote Hilfe e V, uma organização de ajuda socialista fundada em 1975. A Rote Hilfe original foi fundada em 1921, como uma filial da International Red Aid. Foi banida pelos nazis e mais tarde desmembrada. Muitos dos seus activistas acabaram em campos de concentração.

⁴ Não se sabe exactamente quais eram os deveres de Alfred Wocher na Frente Leste, ou a qual unidade pertencia, mas é difícil acreditar que desconhecia os assassinios em massa de judeus que aí ocorriam. Não há dúvida que as Waffen-SS e Einsatzgruppen não eram as únicas organizações envolvidas; as unidades Wehrmacht também faziam parte e mesmo se Wocher não estivesse próximo desses acontecimentos, devia ter ouvido histórias.

⁵ Langbein, *People*, pp. 321-2.

⁶ Nunca houve uma rampa em Monowitz, e o caminho-de-ferro não entrava no campo; a partir de 1942, o procedimento-padrão era os transportes irem para a «velha rampa dos judeus», na estação de comboios de Oświęcim, ou para uma plataforma perto de Auschwitz I, e a partir de 1944 para a rampa dentro de Birkenau; no entanto, Fritz Kleinmann (Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, pp. 129-30) sugere que alguns transportes eram descarregados em ou perto de Monowitz, presumivelmente em área aberta perto do campo, e que os homens seleccionados para Monowitz chegavam com a sua bagagem.

⁷ Em Birkenau, duas secções completas do campo, conhecidas na gíria dos campos como Canadá I e II, compreendendo trinta e seis blocos de casernas, eram usadas para armazenamento. Oficialmente, os pormenores de selecção eram chamados *Aufräumungskommando* («comando de limpeza»), mas o nome oficioso *Kanada Kommando* tornou-se tão conhecido que as SS também o usavam (Andrzej Strzelecki em Gutman e Berenbaum, *Anatomy*, pp. 250-52).

⁸ Apesar de não o mencionar nas suas memórias escritas, Fritz diz na sua entrevista de 1997 que esperava que Wocher conseguisse encontrar a sua mãe, e deu-lhe uma carta para ela.

⁹ Havia vinte e três apartamentos em Im Werd 11; em 1941 e 1942 apenas doze ainda eram ocupados (listas de casas da directoria Lehmann, Im Werd, 1938, 1941-2, WLO).

¹⁰ *Ibid.*, 1942, WLO. Não se sabe se Karl Novacek era parente de Friedrich Novacek, que vivia no mesmo prédio e era um dos amigos que traiu Gustav e Fritz em 1938 e 1939.

¹¹ Lista de transporte Da 227, 14 de Setembro de 1942, DOW. O transporte Da 227 chegou a Minsk dois dias depois e era habitual os deportados serem levados directamente para Maly Trostinets e assassinados (Alfred Gottwaldt, «Logik und logistik von 1300 eisenbahnkilometern» em Barton, *Ermordet*, p. 54). A filha de Bertha, Hilda, era casada com Viktor Wilczek; Richard, primo meio judeu e amigo chegado de Kurt Kleinmann, era filho deles.

Capítulo 16 – Longe de casa

- ¹ Gustav Kleinmann, carta a Olga Steyskal, 3 de Janeiro de 1944, DFK.
- ² Esta restrição apenas se aplicava em Monowitz; no resto de Auschwitz, todas as categorias de prisioneiros eram elegíveis.
- ³ Langbein, *People*, p. 25; Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, pp. 129-30.
- ⁴ Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, pp. 129-30; Wagner, *IG Auschwitz*, pp. 101, 103; Levi, *Survival*, p. 32.
- ⁵ Fritz Kleinmann em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 132; Wagner, *IG Auschwitz*, p. 101.
- ⁶ Cesarani, *Final Solution*, p. 702. Cerca de 320 000 judeus húngaros tinham sido anteriormente cidadãos de países vizinhos até a Alemanha lhes ter retirado partes e dado aos seus aliados húngaros.
- ⁷ *Ibid.*, p. 707.
- ⁸ Danuta Czech, «Kalendarium der wichtigsten ereignisse aus der geschichte des KL Auschwitz» em Długoborski e Piper, *Auschwitz*, volume 5, p. 201; Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 618.
- ⁹ Rees, *Holocaust*, pp. 381-2.
- ¹⁰ Danuta Czech, «Kalendarium der wichtigsten ereignisse aus der geschichte des KL Auschwitz» em Długoborski e Piper, *Auschwitz*, volume 5, p. 203; Wachsmann, *KL*, pp. 457-61; Cesarani, *Final Solution*, pp. 707-11; Rees, *Holocaust*, pp. 381-5; Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 627.
- ¹¹ Danuta Czech, «Kalendarium der wichtigsten ereignisse aus der geschichte des KL Auschwitz» em Długoborski e Piper, *Auschwitz*, volume 5, p. 203.
- ¹² Cesarani, *Final Solution*, p. 710.
- ¹³ Wachsmann, *KL*, pp. 460-61.
- ¹⁴ Isto parece ter acontecido por volta de Maio de 1944, já que Gustav se lhe refere imediatamente depois da sua descrição dos judeus húngaros. Nas memórias de Fritz, ele implica que ocorreu antes do Natal de 1943, mas o diário parece excluir esta opção.
- ¹⁵ Lista das admissões do hospital, Fevereiro-Março de 1944, pp. 288, 346, ABM. A doença de Gustav não é nomeada no registo (que regista apenas nome, número, datas, e qualquer alta, morte ou *nach Birkenau*), e ele não se refere a este episódio no seu diário, que salta directamente de Outubro de 1943 para Maio de 1944.
- ¹⁶ Konstantin Simonov, citado em Rees, *Holocaust*, p. 405. Outros campos de morte na região, como Sobibór e Treblinka, tinham sido desactivados em Outubro de 1943, ao mesmo tempo que Maly Trostinets.
- ¹⁷ Os outros argumentos práticos eram que o bombardeamento aéreo não era suficientemente preciso para ser eficaz. Atingir as câmaras de gás em Auschwitz, por exemplo, teria requerido uma magnitude tal de artilharia em cima de uma área tão grande que milhares de prisioneiros de Birkenau teriam provavelmente sido mortos, sem qualquer certeza de as câmaras de gás serem atingidas. Bombardear a rede de caminhos-de-ferro que conduzia aos campos seria igualmente problemático. Os caminhos-de-ferro eram difíceis de atingir a grande altitude e onde quer que fossem destruídos como parte da campanha estratégica, os alemães iriam simplesmente redireccionar o tráfego e normalmente tinham os carris reparados e de novo em serviço em vinte e quatro horas. Para revisões dos argumentos de ambos os lados, ver Martin Gilbert, *Auschwitz and the Allies*, 1981; David S. Wyman, «Why Auschwitz wasn't bombed» em Gutman e Berenbaum, *Anatomy*, pp. 569-87; Wachsmann, *KL*, pp. 494-6. Quanto à questão «por que os Aliados não fizeram alguma coisa para parar o Holocausto?», a resposta deste autor é que eles fizeram: eles travaram – e eventualmente ganharam, à custa de milhões de vidas Aliadas – uma guerra aberta para destruir o Estado que estava a fazê-lo.
- ¹⁸ As precauções relativamente a *raids* aéreos em Auschwitz tinham sido discutidas numa reunião do comando do campo a 9 de Novembro de 1943, incluindo a imposição de *blackout*, mas nada foi aparentemente feito até 1944 (Robert Jan van Pelt, *The Case for Auschwitz: Evidence from the Irving Trial*, 2016, p. 328).
- ¹⁹ Alguns judeus mais rígidos trocavam comida não *kosher* por pão se pudessem e havia rabinos hassídicos em Monowitz que recusavam qualquer alimento não *kosher*; rapidamente morreram de fome (Memorial Wollheim de histórias orais: *on-line* em wollheim-memorial.de/en/juedische_religion_und_zionistische_aktivitaet_en; consultado a 4 de Julho de 2017).
- ²⁰ «Mesmo hoje o pensamento atormenta-me», disse Fritz anos mais tarde quando recordava as suas acções.
- ²¹ Fritz menciona este encontro em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund* (p. 142) sem identificar o jovem mais especificamente. Parece ter sido o prisioneiro número 106 468, que pode ser localizado no registo do hospital de Auschwitz III-Monowitz (ABM), mas não em nenhum outro registo de sobreviventes de Auschwitz. Este número de série era de um conjunto passado a 6 de Março de 1943 a judeus deportados da Alemanha (Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 347).
- ²² Wagner, *IG Auschwitz*, p. 108.
- ²³ Fritz identifica-os apenas pelos nomes Jenő e Laczi. Registos dos sobreviventes de Auschwitz mostram que dois irmãos judeus chegaram juntos num transporte da Hungria por esta altura: Jenő e Alexander Berkovits (números de prisioneiros A-4005 e A-4004; registos do hospital de Monowitz e registo de trabalho, ABM).

- ¹ Sem explicação, Fritz indica que «Pawel» era também conhecido como «Tadek». Estes nomes eram aparentemente falsos. Os nomes verdadeiros dos polacos eram Zenon Milaczewski (número 10 433) e Jan Tomczyk (número 126 261), apesar de não ser claro qual era o Szenek e qual era o Pawel; o «Berliner» tinha aparentemente nascido na Polónia como Riwen Zurkowski (número desconhecido), e presumivelmente viveu em Berlim (Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 619).
- ² Fritz não explica por que Goslawski não podia dar a encomenda directamente a Peller durante a chamada. Possivelmente, os trabalhadores da construção eram sujeitos a maior escrutínio quando entravam nas instalações da fábrica. A data varia entre 4 de Maio de 1944 (*ibid.*) e 3 de Maio (registo de prisioneiro de Jan Tomczyk, ABM).
- ³ Notificação do gabinete do comandante de Monowitz em Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 634.
- ⁴ Data desconhecida. Treze polacos foram transferidos para Buchenwald a 1 de Junho de 1944 (Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 638) e vários transportes de polacos foram feitos entre Agosto e Dezembro de 1944 (Stein, *Buchenwald*, pp. 156, 166; Danuta Czech, «Kalendarium der wichtigsten ereignisse aus der geschichte des KL Auschwitz» em Długoborski e Piper, *Auschwitz*, volume 5, p. 231).
- ⁵ A data de execução é incerta. Pode ter sido tão tarde como Dezembro. A data da morte de Zenon Milaczewski (o nome verdadeiro de um deles – ver nota 1) é dado no livro de mortes do hospital de Monowitz (ABM) como 16 de Dezembro de 1944.
- ⁶ Fritz afirma que dois homens foram enforcados, mas, de acordo com Gustav Herzog, havia três (declaração dos julgamentos de Frankfurt, Abt 461 N.º 37638/84/15893, FTD).
- ⁷ Gilbert, *Auschwitz and the Allies*, p. 307. Gilbert afirma que o *raid* começou às 22 h 32 m, o que parece altamente improvável, uma vez que os *raids* de bombardeamento dos Estados Unidos eram normalmente realizados à luz do dia. Czech (*Auschwitz Chronicle*, p. 692) dá as horas como «ao fim da tarde».
- ⁸ Arie Hassenberg, citado em Gilbert, *Auschwitz and the Allies*, p. 308.
- ⁹ Gilbert, *Auschwitz and the Allies*, p. 308; testemunho de Siegfried Pinkus, Tribunal Militar de Nuremberga: NI-10820: Documentos de Nuremberga, citados em Wollheim Memorial, wollheim-memorial.de/en/luftangriffe_en (consultado a 5 de Julho de 2017).
- ¹⁰ Levi, *Survival*, pp. 137-8.
- ¹¹ Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 722.
- ¹² Gilbert, *Auschwitz and the Allies*, p. 315ff.
- ¹³ *Ibid.*, p. 326.
- ¹⁴ Número de prisioneiro 68 705, lista de chegadas, 19 de Outubro de 1942, ABM; registos do hospital de Monowitz, ABM.
- ¹⁵ Número de prisioneiro 68 615, lista de chegadas, 19 de Outubro de 1942, ABM.
- ¹⁶ Fritz não identifica a arma como uma *Luger*, mas é quase certo que era. Em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund* (p. 158), descreve-a como uma «pistola de 0.8 mm», o que é claramente um erro. O número do modelo da edição militar da *Luger* era P.08, o que pode justificar o erro de memória de Fritz. As unidades da Luftwaffe foram equipadas com a *Luger* até meados da Segunda Guerra Mundial, quando as patentes mais altas do exército e das unidades SS trocaram para a *Walther P.38* (John Walter, *Luger: The Story of the World's Most Famous Handgun*, 2016, capítulo 12).
- ¹⁷ Nas suas memórias, Fritz atribui erradamente a data deste *raid* a 18 de Novembro. Não houve nenhum *raid* aéreo neste dia. No total, houve quatro durante 1944: 20 de Agosto, 13 de Setembro, 18 e 26 de Dezembro (Gilbert, *Auschwitz and the Allies*, pp. 307-33).
- ¹⁸ Apesar de muitas das bombas caírem em terreno aberto, e algumas nos campos circundantes, o *raid* de 18 de Dezembro danificou muito os vários edifícios da fábrica (Gilbert, *Auschwitz and the Allies*, pp. 331-2).
- ¹⁹ Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 780.
- ²⁰ *Ibid.*, pp. 778-9.
- ²¹ *Ibid.*, pp. 782-3.
- ²² Józef Cyrankiewicz, 17 de Janeiro de 1945, citado em Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 783.
- ²³ Czech, *Auschwitz Chronicle*, pp. 785, 786-7.
- ²⁴ O diário de Gustav Kleinmann indica unidades de 100, enquanto outros registos especificam 1000 como o tamanho da unidade (Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 786) e, nas memórias, Fritz Kleinmann menciona três grupos de cerca de 3000; a inferência é que as unidades estavam organizadas hierarquicamente, ao estilo militar.
- ²⁵ Gustav identifica especificamente Moll. Estava em Birkenau, e não existe nenhum registo da sua presença em Monowitz nesta altura. Possivelmente, foi uma visita rápida para verificar a evacuação.
- ²⁶ Em 15 de Janeiro de 1945, o número total de prisioneiros em Auschwitz III-Monowitz e nos seus subcampos era de 33 037 homens e 2044 mulheres (Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 779).

Capítulo 18 – Comboio da morte

- ¹ Na totalidade, 50 prisioneiros foram fuzilados durante a marcha (Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 786n).

- ² Irena Strzelecka em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1A, pp. 243-4.
- ³ Quatro comboios deixaram Gleiwitz naquele dia, transportando prisioneiros de vários subcampos de Auschwitz além de Monowitz. Os prisioneiros de Monowitz estavam divididos por diferentes comboios, diversamente destinados para os campos de concentração de Sachsenhausen, Gross-Rosen, Mauthausen e Buchenwald (Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 797).
- ⁴ *Ibid.*, p. 791
- ⁵ Dados da fase da Lua de <http://www.timeanddate.com/moon/austria/amstetten?month=1&year=1945>.
- ⁶ Na sua entrevista de 1997, Fritz diz ter descartado a sua farda do campo depois de ter saltado, mas nas memórias escritas coloca o facto antes. Isto parece mais provável, uma vez que a sua farda teria valor para os outros prisioneiros se defenderem do frio.
- ⁷ Comer sabão normal provavelmente não teria grande efeito (apesar do carbólico que se usava na altura poder ter). O sabão de barbear, no entanto, contém tipicamente hidróxido de potássio, que é altamente tóxico e produz graves sintomas gastrointestinais se ingerido.

Capítulo 19 – Mauthausen

- ¹ Lista de chegadas de Mauthausen, 15 de Fevereiro de 1945, 1.1.26.1/1307365, ITS. Fritz saltou do comboio a 26 de Janeiro de 1945 (pelo diário de Gustav, que concorda, dia a mais ou a menos, com o registo de chegada do comboio a Mauthausen: AMM-Y-Karteikarten, PGM), e que entrou nos registos de Mauthausen a 15 de Fevereiro (lista de transportes de Mauthausen, AMM-Y-50-03-16, PGM) – onze dias depois da sua própria lembrança da detenção em St. Pölten.
- ² Cartão de registo de passageiro AMM-Y-Karteikarten, PGM; lista de chegadas de Mauthausen, 15 de Fevereiro de 1945, 1.1.26.1/1307365, ITS. Mauthausen não recebeu documentação de Auschwitz sobre o transporte de prisioneiros (por razões reveladas adiante no capítulo); daí a capacidade de Fritz se fazer passar por ariano. A sua tatuagem foi anotada no registo com um traço duntintivo, mas o número, que não significava nada aqui, não foi anotado.
- ³ A libertação de Auschwitz atraiu pouca atenção da imprensa, apesar das tentativas dos soviéticos de a publicitar. Foi vista como uma retoma das revelações do Verão anterior sobre Majdanek, e foi ensombrada pela cobertura da Conferência de Ialta de 4-11 de Fevereiro. A 16 de Fevereiro (o dia seguinte à entrada de Fritz Kleinmann em Mauthausen) o primeiro militar ocidental aliado a ver Auschwitz por dentro após a sua libertação, o capitão Robert M. Trimble, do Comando Oriental USAAF, teve uma visita guiada de Birkenau por oficiais soviéticos (Lee Trimble com Jeremy Dronfield, *Beyond the Call* 2015, pp. 63ff.).
- ⁴ Cartão de registo de prisioneiro AMM-Y-Karteikarten, PGM; lista de chegadas de Mauthausen, 15 de Fevereiro de 1945, 1.1.26.1/1307365, ITS.
- ⁵ Testemunho do padre local, Josef Radgeb, citado no guia do museu em Mauthausen – memorial.org/en/Visit/Virtual-Tour#map|23 (consultado em 10 de Julho de 2017).
- ⁶ Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 797.
- ⁷ De acordo com um relato citado em Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 797n, o transporte chegou a Nordhausen em 28 de Janeiro. Isto parece altamente improvável, uma vez que tinha chegado a Mauthausen a 26 de Janeiro e foi mantido aí um dia inteiro. Gustav Kleinmann dá a data de 4 de Fevereiro, o que é muito mais provável.
- ⁸ O número 766 vem do diário de Gustav; os outros números vêm de Czech, *Auschwitz Chronicle*, p. 797n.
- ⁹ Lista de prisioneiros de Mittelbau-Dora, p. 434, 1.1.27.1/2536866, ITS.
- ¹⁰ Michael J. Neufeld em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1B, pp. 979-81.
- ¹¹ De acordo com Neufeld (*ibid.*, p. 980), este começo extremamente cedo foi praticado nos meses de Verão, mas o diário de Gustav Kleinmann diz que foi assim de Fevereiro a Março de 1945.
- ¹² Um pequeno campo tinha sido estabelecido nesta altura em Woffleben (Campo B-12) para poupar tempo na viagem dos trabalhadores de Ellrich (*ibid.*, p. 981); no entanto, Gustav, e a maior parte dos outros prisioneiros, não estava entre os transferidos para aqui, e eles continuavam a ter de fazer a viagem de e para cada sítio todos os dias.
- ¹³ Langbein, *Against All Hope: Resistance in the Nazi Concentration Camps, 1938-1946*, trad. Harry Zohn, 1994, pp. 374-5.
- ¹⁴ Uma teoria é que as SS tencionavam usar os voluntários como isco, para atrair fogo inimigo enquanto as verdadeiras SS escapavam (Evelyn Le Chêne, *Mauthausen: The History of a Death Camp*, 1971, p. 155).
- ¹⁵ Fritz não menciona este episódio nem nas suas memórias escritas nem na entrevista de 1997 e não parece ter dito nada à sua família sobre o assunto. No entanto, falou no assunto numa entrevista de 1976 com o sobrevivente austríaco de Auschwitz, e membro da resistência, Hermann Langbein (Hermann Langbein, *Against All Hope*, p. 374).
- ¹⁶ Cartão de registo de prisioneiro AMM-Y-Karteikarten, PGM; lista de transferência de Gusen II, 15 de Março de 1945, 1.1.26.1/1310718; lista de transferência de Mauthausen, 15 de Março de 1945, 1.1.26.1/1280723; registo de prisioneiro de Gusen II, p. 82, 1.1.26.1/1307473, ITS. Fontes de Langbein (*Against All Hope*, p. 384) indicam que o plano para infiltrar as unidades SS aconteceu em «meados de Março» de 1945, mas o episódio deve ter sido no início de Março, antes da transferência de Fritz para Gusen em 15 de Março.

- ¹⁷ Robert G. Waite em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1B, pp. 919-21.
- ¹⁸ Lista de transferência de Gusen II, 15 de Março de 1945, 1.1.26.1/1310718, ITS; Rudolf A. Haunschmied, Jan-Ruth Mills e Siegi Witzany-Durda, *St. Georgen-Gusen-Mauthausen: Concentration Camp Mauthausen Reconsidered*, 2007, pp. 144, 172. Nas suas memórias (Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 170), que são muito vagas neste ponto, Fritz identifica erroneamente o avião como o *Me 109*.
- ¹⁹ Haunschmied *et al.*, *St. Georgen-Gusen-Mauthausen*, pp. 198, 210-11.
- ²⁰ Citado em Stanisław Dobosiewicz, *Mauthausen-Gusen: obóz zagłady*, 1977, p. 384.
- ²¹ Dobosiewicz, *Mauthausen-Gusen*, p. 386. Os únicos prisioneiros deixados para trás foram 700 inválidos no hospital, que estavam demasiado doentes para serem transferidos.
- ²² Haunschmied *et al.*, *St. Georgen-Gusen-Mauthausen*, pp. 134ff.
- ²³ *Ibid.*, pp. 219ff.

Capítulo 20 – O fim dos dias

- ¹ Gustav não dá mais pormenores sobre Erich ou sobre as suas fontes de alimentos; provavelmente viriam de civis empregados na produção de armamento no complexo do túnel.
- ² Michael J. Neufeld em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1B, p. 980.
- ³ *Ibid.*, p. 970.
- ⁴ *Ibid.*, p. 980.
- ⁵ Gustav designa este lugar como Schneverdingen, norte de Munster. Isto parece improvável, porque teria sido necessário voltar ao sul para o último destino. No entanto, dada a natureza caótica das evacuações do campo de concentração nesta época, não estaria fora de questão.
- ⁶ David Cesarani, «A brief history of Bergen-Belsen» em Suzanne Bardgett e David Cesarani (eds), *Belsen 1945: New Historical Perspectives*, 2006, pp. 19-20.
- ⁷ Derrick Sington, *Belsen Uncovered*, 1946, pp. 14, 18, 28; Raymond Phillips, *Trial of Josef Kramer and Forty-Four Others: The Belsen Trial*, 1949, p. 195.
- ⁸ Langbein, *People*, p. 406.
- ⁹ Josef Rosenhaft, citado em Sington, *Belsen Uncovered*, pp. 180-81; testemunho de Harold le Druillenec em Phillips, *Trial*, p. 62.
- ¹⁰ Citado em Sington, *Belsen Uncovered*, p. 182.
- ¹¹ Celle foi libertada pelas forças britânicas a 12 de Abril de 1945.
- ¹² Testemunho do capitão Derrick A. Sington em Phillips, *Trial*, pp. 47-53; Sington, *Belsen Uncovered*, pp. 11-13.
- ¹³ Testemunho do capitão Derrick A. Sington em Phillips, *Trial*, pp. 47, 51; Sington, *Belsen Uncovered*, pp. 14-15.
- ¹⁴ Sington, *Belsen Uncovered*, p. 16.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 18.
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 187.
- ¹⁷ A mensagem original não sobreviveu, mas Edith recebeu-a. Dizia pouco mais do que o pai está vivo e no Bloco 83 de Bergen-Belsen (Samuel Barnet, carta ao senador Leverett Saltonstall, 1 de Junho de 1945, Quadro dos Refugiados de Guerra 0558, Pasta 7: Pedidos para Ajuda Específica, FDR).
- ¹⁸ Molly Silva Jones, «Eyewitness accounts» em Bardgett e Cesarani, *Belsen 1945*, p. 57.
- ¹⁹ Major Dick Williams, «The first day in the camp» em Bardgett e Cesarani, *Belsen 1945*, p. 30.
- ²⁰ Ben Shepard, «The medical relief effort at Belsen» em Bardgett e Cesarani, *Belsen 1945*, p. 39.
- ²¹ Molly Silva Jones, «Eyewitness accounts» em Bardgett e Cesarani, *Belsen 1945*, p. 55.
- ²² Gerald Raperport, «Eyewitness Accounts» em Bardgett e Cesarani, *Belsen 1945*, pp. 58-9.
- ²³ Haunschmied *et al.*, *St. Georgen-Gusen Mauthausen*, pp. 219ff; Dobosiewicz, *Mauthausen-Gusen*, p. 387.
- ²⁴ O número de prisioneiros que foram enviados em manadas para os túneis de Kellerbau não é claro, em parte porque os números dos prisioneiros no complexo de Mauthausen naquela altura variavam muito. A população total de prisioneiros de Mauthausen e Gusen tem sido dada como 21 000 (Robert G. Waite em Megargee, *USHMM Encyclopedia*, volume 1B, p. 902), 40 000 (Haunschmied *et al.*, *St. Georgen-Gusen-Mauthausen*, p. 203), e 63 798 (Le Chêne, *Mauthausen*, pp. 169-70).
- ²⁵ Fritz Kleinmann, em Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 171; Langbein, *Against All Hope*, p. 374; Le Chêne, *Mauthausen*, p. 165.
- ²⁶ Krisztián Ungváry, «The hungarian theatre of war» em Karl-Heinz Frieser, *The Eastern Front, 1943-1944*, trad. Barry Smerin e Barbara Wilson, 2017, pp. 950-54.
- ²⁷ Le Chêne, *Mauthausen*, pp. 163-4.
- ²⁸ George Dyer, citado em Le Chêne, *Mauthausen*, p. 165.

- ²⁹ Haunschmied *et al.*, St. Georgen-Gusen-Mauthausen, p. 226.
- ³⁰ Citado em Langbein, *Against All Hope*, p. 82.
- ³¹ Gustav identifica erradamente este lugar como Ostenholz, uma aldeia a sudoeste de Bergen-Belsen, bastante afastada da estrada que ele e Josef Berger fizeram.

Capítulo 21 – O longo caminho para casa

- ¹ Samuel Barnet, carta ao senador Leverett Saltonstall, 1 de Junho de 1945; William O'Dwyer, carta a Samuel Barnet, 9 de Junho de 1945, Quadro dos Refugiados de Guerra 0558, Pasta 7: Pedidos para Ajuda Específica, FDR.
- ² Fritz não identifica o hospital, mas deve ter sido o 107.º EH, que estabeleceu umas instalações em Regensburg em 30 de Abril de 1945 e aí permaneceu até 20 de Maio (med-dept.com/unit-histories/107th-evacuation-hospital; consultado em 16 de Julho de 2017). Nenhuma outra unidade hospitalar militar americana foi identificada em Regensburg naquela época.
- ³ Fritz mais tarde pesquisou os destinos de cinquenta e cinco crianças judias e não judias que tinham sido companheiras de brincadeira no Karmelitermarkt antes de 1938 (Gärtner e Kleinmann, *Doch der Hund*, p. 179). Das vinte e cinco judias, cinco, incluindo o próprio Fritz, sobreviveram aos campos e oito, incluindo Kurt e Edith Kleinmann, ou emigraram ou esconderam-se. Doze foram assassinadas nos campos de concentração. Das trinta crianças não judias, dezanove ficaram em ou nos arredores de Viena ao longo da guerra e onze serviram nas Wehrmacht durante a guerra; destas, apenas três sobreviveram.
- ⁴ Gustav tinha aparentemente começado a fumar quando saiu de Auschwitz.
- ⁵ Gustav identifica este homem apenas como «G».

Epílogo

- ¹ Registos de naturalização para Richard e Edith Patten, 14 de Maio de 1954: Índices Judiciais de Naturalização do Distrito de Connecticut, 1851-1992: NARA publicação em microfilme M2081.
- ² No testemunho para os julgamentos de Frankfurt, dado em 1963, Gustav deu a sua religião como «Mosaic» (judaica) e Fritz como «sem afiliação religiosa» (Abt 461 N.º 37638/84/15904-6; Abt 461 N.º 37638/83/15661-3, FTD).
- ³ Estatísticas dadas em Gold, *Geschichte der Juden*, pp. 133-4.
- ⁴ Devin O. Pendas, *The Frankfurt Auschwitz Trial, 1963-1965*, 2006, pp. 101-2.
- ⁵ Julgamentos de Burger *et al.* e Mulka *et al.*, Frankfurt, 1963; testemunho de Gustav Kleinmann (Abt 461 N.º 37638/84/15904-6, FTD) e Fritz Kleinmann (Abt 461 N.º 37638/83/15661-3, FTD). Gustav foi entrevistado principalmente sobre a marcha da morte e sobre o responsável de campo Jupp Windeck; a declaração de Fritz diz respeito sobretudo a Windeck e ao sargento das SS Bernhard Rakers.
- ⁶ Juntamente com o diário do pai e comentários de Reinhold Gärtner, as memórias de Fritz estão incluídas no livro *Doch der Hund Will Nicht Kriechen* (Innsbruck University Press, 1995, 2012).

Bibliografia e fontes

Entrevistas

Conduzidas pelo autor

Kurt Kleinmann: Março e Abril de 2016, Julho de 2017

Peter Patten: Abril de 2016, Julho de 2017

Arquivos

Fritz Kleinmann: Fevereiro de 1997: entrevista 28129, Arquivo de História Visual: University of Southern California Shoah Foundation Institute

Fontes não publicadas e de arquivo

ABM – Arquivos do Museu Auschwitz-Birkenau, Oświęcim, Polónia

AFB – Inventário das Vítimas do Nacional-Socialismo, Áustria: findbuch.at/en (consultado em 21 de Fevereiro de 2017)

AJJ – Arquivos do Comité Judaico-Americano de Distribuição Conjunta, Nova Iorque

AWK – Testemunhos da Noite de Cristal: Biblioteca de Wiener, Londres: disponível *on-line* em wienerlibrarycollections.co.uk/novemberpogrom/testimonies-and-reports/overview (consultado em 19 de Fevereiro de 2017)

BWM – Belohnungsakten des Weltkrieges 1914-1918: Mannschafts belohnungsanträge, N.º 45 348, Caixa 21, Arquivos do Estado Austríaco, Viena

DFK – Cartas, fotografias e documentos do arquivo de Fritz Kleinmann

DKK – Cartas e documentos na posse de Kurt Kleinmann

DOW – Dokumentationsarchiv des Österreichischen Widerstandes, Viena: alguns registos disponíveis *on-line* em www.doew.at/personensuche (consultado em 14 de Abril de 2017)

DPP – Documentos e fotografias na posse de Peter Patten

DRG – Documentos e fotografias na posse de Reinhold Gärtner

FDR – Biblioteca Presidencial FDR, Hyde Park, Nova Iorque

FTD – Registos dos julgamentos de Auschwitz em Frankfurt: Instituto Fritz Bauer, Frankfurt-am-Main, Alemanha

GRO – Registos de nascimentos, casamentos e mortes para Inglaterra e Gales: General Register Office, Southport, RU

HOI – Home Office: Aliens Department: Internees Index, 1939-1947: HO 396: Arquivos Nacionais, Kew, Londres

IKA – Archiv der Israelitischen Kultusgemeinde, Viena

ITS – Documentos sobre as vítimas da perseguição nazi: Arquivo Digital ITS: International Tracing Service, Bad Arolsen, Alemanha

LJL – Comité de Refugiados dos Judeus de Leeds: ficheiros: WYL 5044/12: Serviço de Arquivos de West Yorkshire, Leeds, RU

LJW – Comité de Refugiados dos Judeus de Leeds: correspondência e artigos: Coleção 599: Biblioteca Wiener, Londres

MTW – Correspondência de testemunhas de Maly Trostinets, 1962-67: World Jewish Congress Collection: Caixa C213-05: American Jewish Archives, Cincinnati

NARA – National Archives and Records Administration, Washington DC

PGB – Arquivo de registos dos prisioneiros: KZ-Gedenkstätte Buchenwald, Weimar

PGD – Arquivo de registos dos prisioneiros: KZ – Gedenkstätte Dachau, Dachau

PGM – Arquivo de registos dos prisioneiros: KZ-Centro de Pesquisa Gedenkstätte Mauthausen, Viena

PNY – Listas de Passageiros de Navios Chegados a Nova Iorque: Publicação de Microfilme M237, 675: NARA

TAE – Julgamento de Adolf Eichmann: Sessões de Tribunal Distrital: Ministério da Justiça do Estado de Israel: disponível *on-line* em nizkor.org (consultado em 19 de Março de 2016)

WLO – *Adolph Lehmanns Adressbuch*: Wienbibliothek Digital: www.digital.wienbibliothek.at/wbrobv/periodica/titelform/5311 (consultado em 20 de Maio de 2017)

YVP – Identificações e Documentos: Yad Vashem, Jerusalém: alguns disponíveis *on-line* em www.yadvashem.org

Livros e artigos

- AARONS, Mark, *War Criminals Welcome: Australia, a Sanctuary for Fugitive War Criminals Since 1945*, Black Inc., Melbourne, 2001
- ARAD, Yitzhak, GUTMAN, Israel e MARGALIT, Abraham, *Documents on the Holocaust*, 8.^a edição. Trad. Lea Ben Dor, University of Nebraska Press e Yad Vashem, Lincoln, NE e Jerusalém, 1999
- BARDGETT, Suzanne e CESARANI, David (eds.), *Belsen 1945: New Historical Perspectives*, Vallentine Mitchell, Londres, 2006
- BARTON, Waltraud (ed.), *Ermordet in Maly Trostinec: die österreichischen Opfer der Shoa in Weißrussland*, New Academic Press, Viena, 2012
- BENTWICH, Norman, «The destruction of the jewish community in Austria 1938-1942» em *The Jews of Austria*, ed. Josef Fraenkel, Vallentine Mitchell, Londres, 1970, pp. 467-78
- BERKLEY, George E., *Vienna and Its Jews: The Tragedy of Success, 1880s-1980s*, Abt Books, Cambridge, MA, 1988
- BROWNING, Christopher, *The Origins of the Final Solution*, Arrow, Londres, 2005
- BURKITT, Nicholas Mark, *British Society and the Jews*, Universidade de Exeter, Dissertação de Doutorado, 2011
- CESARANI, David, Eichmann, *His Life and Crimes*, Vintage, Londres, 2005
- , *Final Solution: The Fate of the Jews 1933-49*, Macmillan, Londres, 2016
- CZECH, Danuta, *Auschwitz Chronicle: 1939-1945*, I. B. Tauris, Londres, 1990
- CZEIKE, Felix, *Historisches Lexikon Wien*, 6 volumes, Kremayr & Scheriau, Viena, 1992-7
- DLUGOBORSKI, Waclaw e PIPER, Franciszek (eds), *Auschwitz 1940-1945: Studien der Geschichte des Konzentrations und Vernichtungslagers Auschwitz*, 5 volumes, Verlag des Staatlichen Museums Auschwitz-Birkenau, Oświęcim, 1999
- DOBOSIEWICZ, Stanisław, *Mauthausen-Gusen: obóz zagłady*, Wydawn, Varsóvia, 1977
- DROR, Michael, «News from the archives», *Yad Vashem Jerusalem 81*, Outubro de 2016, p. 22
- DUTCH, Oswald, *Thus Died Austria*, E. Arnold, Londres, 1938
- FEIN, Erich e FLANNER, Karl, *Rot-Weiss-Rot in Buchenwald*, Europaverlag, Viena, 1987
- Foreign Office, Reino Unido, *Papers Concerning the Treatment of German Nationals in Germany, 1938-1939*, HMSO, Londres, 1939
- FRIEDLÄNDER, Saul, *Nazi Germany and the Jews – vol. 1: The Years of Persecution, 1933-1939*, Weidenfeld e Nicolson, Londres, 1997
- FRIEDMAN, Saul S., *No Haven for the Oppressed: United States Policy Toward Jewish Refugees, 1938-1945*, Wayne State University Press, Detroit, 1973
- FRIESER, Karl-Heinz, *The Eastern Front, 1943-1944*, Trad. Barry Smerin e Barbara Wilson, Clarendon Press, Oxford, 2017
- GÄRTNER, Reinhold e KLEINMANN, Fritz, *Doch der Hund will nicht krepieren: Tagebuchnotizen aus Auschwitz*, Innsbruck University Press, Innsbruck, 1995, 2012
- GEDYE, G. E. R., *Fallen Bastions: The Central European Tragedy*, Gollancz, Londres, 1939
- Gemeinesames Zentralsachverhaltsbureau, *Nachrichten über Verwundete und Kranke Nr 190 ausgegeben am 6.1.1915; Nr 203 ausgegeben am 11.1.1915*, k. k. Hof und Staatsdruckerei, Viena, 1915
- GERHARDT, Uta e KARLAUF, Thomas (eds), *The Night of Broken Glass: Eyewitness Accounts of Kristallnacht*. Trad. Robert Simmons e Nick Somers, Polity Press, Cambridge, 2012
- GERLACH, Christian, *Kalkulierte Morde: Die deutsche Wirtschafts – und Vernichtungspolitik in Weißrußland 1941 bis 1944*, Hamburger Edition, Hamburg, 1999
- GILBERT, Martin, *Auschwitz and the Allies*, Michael Joseph, Londres, 1981
- , *The Holocaust: The Jewish Tragedy*, Collins, Londres, 1986
- , *The Routledge Atlas of the Holocaust*, 3.^a ed., Routledge, Londres, 2002
- GILLMAN, Peter e GILLMAN, Leni, «Collar the Lot!» *How Britain Interned and Expelled Its Wartime Refugees*, Quartet, Londres, 1980
- GOLD, Hugo, *Geschichte der Juden in Wien: Ein Gedenkbuch*, Olamenu, Tel Aviv, 1966
- GOLTMAN, Pierre, *Six mois en enfer*, Éditions le Manuscrit, Paris, 2011
- GOTTWALDT, Alfred e SCHULLE, Diana, *Die «Judendeportationen» aus dem Deutschen Reich 1941-1945*, Marix Verlag, Wiesbaden, 2005
- GRENVILLE, Anthony, «Anglo-jewry and the jewish refugees from nazism», *Association of Jewish Refugees Journal*, Dezembro de 2012, disponível *on-line* em ajr.org.uk/index.cfm/section.journal/issue.Dec12/article=11572, consultado em 18 de Julho de 2017

- GUTMAN, Yisrael e BERENBAUM, Michael (eds.), *Anatomy of the Auschwitz Death Camp*, Indiana University Press, Bloomington, Indiana, 1994
- HACKETT, David A. (ed. trad.), *The Buchenwald Report*, Westview Press, Boulder, CO, 1995
- HAUNSMIED, Rudolf A., MILLS, Jan-Ruth e WITZANY-DURDA, Siegi, *St. Georgen-Gusen-Mauthausen: Concentration Camp Mauthausen Reconsidered*, Books on Demand, Norderstedt, 2007
- HAYES, Peter, *Industry and Ideology: IG Farben in the Nazi Era*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001
- HECHT, Dieter J., «“Der könig rief, und alle, alle kamen”: Jewish military chaplains on duty in the Austro-Hungarian army during World War I», *Jewish Culture and History*, Volume 17, N.º 3, 2016, pp. 203-16
- HEIMANN-JELINEK, Felicitas, HÖBLING, Lothar e ZECHNER, Ingo, *Ordnung muss sein: Das Archiv der Israelitischen Kultusgemeinde Wien*, Jüdisches Museum Wien, Viena, 2007
- HELLER, Peter, «Preface to a diary on the internment of refugees in England in the year of 1940» em *Exile and Displacement*, ed. Lauren Levine Enzie, Peter Lang, Nova Iorque, 2001, pp. 163-79
- HORSKY, Monika, *Man muß darüber reden. Schüler fragen KZ-Häftlinge*, Ephelant Verlag, Viena, 1988
- JONES, Nigel, *Countdown to Valkyrie: The July Plot to Assassinate Hitler*, Frontline, Londres, 2008
- KEEGAN, John, *The First World War*, Hutchinson, Londres, 1998
- KERSHAW, Roger, «Collar the lot! Britain’s policy of internment during the Second World War», *UK National Archives Blog*, 2 de Julho, 2015, em blog.nationalarchives.gov.uk/blog/collar-lot-britains-policy-internment-second-world-war – war, consultado em 18 de Julho de 2017
- K.U.K. Kriegsministerium, *Verlustliste Nr 209 ausgegeben am 13.7.1915*, k. k. Hof und Staatsdockerei, Viena, 1915
- , *Verlustliste Nr 244 ausgegeben am 21.8.1915*, k. k. Hof und Staatsdockerei, Viena, 1915
- KURZWEIL, Edith, *Nazi Laws and Jewish Lives*, Transaction, Londres, 2004
- LANGBEIN, Hermann, *Against All Hope: Resistance in the Nazi Concentration Camps, 1938-1945*. Trad. Harry Zohn, Constable, Londres, 1994
- , *People in Auschwitz*. Trad. Harry Zohn, University of North Carolina Press, Chapel Hill, CN, 2004
- LE CHÊNE, Evelyn, *Mauthausen: The History of a Death Camp*, Chivers, Bath, 1971
- LEVI, Primo, *Survival in Auschwitz and The Reawakening: Two Memoirs*, Summit, Nova Iorque, 1986, publicado previamente 1960, 1965
- LOEWENBERG, Peter, «The Kristallnacht as a public degradation ritual» em *The Origins of the Holocaust*, ed. Michael Marrus, Meckler, Londres, 1989, pp. 582-96
- LONDON, Louise, *Whitehall and the Jews, 1933-1948: British Immigration Policy, Jewish Refugees and the Holocaust*, Cambridge University Press, Cambridge, 2000
- LOWENTHAL, Marvin, *The Jews of Germany*, L. Drummond, Londres, 1939
- LUCAS, James, *Fighting Troops of the Austro-Hungarian Army, 1868-1914*, Spellmount, Tunbridge Wells, 1987
- MAIER, Ruth, *Ruth Maier’s Diary: A Young Girl’s Life under Nazism*. Trad. Jamie Bulloch, Harvill Secker, Londres, 2009
- MAZZENGA, Maria (ed.), *American Religious Responses to Kristallnacht*, Palgrave Macmillan, Londres, 2009
- MEGARGEE, Geoffrey P. (ed.), *The United States Holocaust Memorial Museum Encyclopedia of Camps and Ghettos, 1933-1945*, 4 volumes, Indiana University Press, Bloomington, Indiana, 2009
- PENDAS, Devin O., *The Frankfurt Auschwitz Trial, 1963-1965*, Cambridge University Press, Cambridge, 2006
- PHILLIPS, Raymond, *Trial of Josef Kramer and Forty-Four Others: The Belsen Trial*, W. Hodge, Londres, 1949
- PLÄNKERS, Tomas, *Ernst Federn: Vertreibung und Rückkehr. Interviews zur Geschichte Ernst Federns und der Psychoanalyse*, Diskord, Tübingen, 1994
- PUKROP, Marco, «Die SS-karrieren von dr. Wilhelm Berndt und dr. Walter Döhrn. Ein beitrag zu den unbekannten KZ-ärzten der vorkriegszeit», *Werkstatt Geschichte* 62, 2012, pp. 76-93
- RABINOVICI, Doron, *Eichmann’s Jews: The Jewish Administration of Holocaust Vienna, 1938-1945*. Trad. Nick Somers, Polity Press, Cambridge, 2011
- REES, Laurence, *The Holocaust: A New History*, Viking, Londres, 2017
- ROSENKRANZ, Herbert, «The Anschluss and the tragedy of austrian jewry 1938-1945» em *The Jews of Austria*, ed. Josef Fraenkel, Valentine, Mitchell, Londres, 1970, pp. 479-545
- SAGEL-GRANDE, Irene, FUCHS, H. H. e RÜTER, C. F., *Justiz und NS-Verbrechen: Sammlung Deutscher Strafurteile wegen Nationalsozialistischer Tötungsverbrechen 1945-1966: Band XIX*, University Press Amsterdam, Amesterdão, 1978
- SCHINDLER, John R., *Fall of the Double Eagle: The Battle for Galicia and the Demise of Austria-Hungary*, University of Nebraska Press, Lincoln, NE, 2015
- SILVERMAN, Jerry, *The Undying Flame: Ballads and Songs of the Holocaust*, Syracuse University Press, Syracuse, NI, 2002
- SINGTON, Derrick, *Belsen Uncovered*, Duckworth, Londres, 1946

- STEIN, Harry (coord.), *Buchenwald Concentration Camp 1937-1945*, ed. Gedenkstätte Buchenwald, Wallstein Verlag, Göttingen, 2004
- TAYLOR, Melissa Jane, «*Experts in Misery?*» *American Consuls in Austria, Jewish Refugees and Restrictionist Immigration Policy, 1938-1941*, Universidade da Carolina do Sul: Dissertação de Doutorado, 2006
- TEICHOVA, Alice, «Banking in Austria» em Manfred Pohl (ed.), *Handbook on the History of European Banks*, Edward Elgar, Aldershot, 1994, pp. 3-10
- TRIMBLE, Lee com DRONFIELD, Jeremy, *Beyond the Call*, Berkley, Nova Iorque, 2015
- VAN PELT, Robert Jan, *The Case for Auschwitz: Evidence from the Irving Trial*, Indiana University Press, Bloomington, IN, 2016
- VAN PELT, Robert Jan e DWORK, Debórah, *Auschwitz: 1270 to the Present*, Yale University Press, New Haven, CT, 1996
- WACHSMANN, Nikolaus, *KL: A History of the Nazi Concentration Camps*, Little, Brown, Londres, 2015
- WAGNER, Bernd C., *IG Auschwitz: Zwangsarbeit und Vernichtung von Häftlingen des Lagers Monowitz 1941-1945*, K.G. Saur, Munique, 2000
- WALLNER, Peter, *By Order of the Gestapo: A Record of Life in Dachau and Buchenwald Concentration Camps*, John Murray, Londres, 1941
- WALTER, John, *Luger: The Story of the World's Most Famous Handgun*, ebook edição, History Press, Stroud, 2016
- WASSERSTEIN, Bernard, *Britain and the Jews of Europe, 1939-1945*, Leicester University Press, Londres, 1999
- WATSON, Alexander, *Ring of Steel: Germany and Austria-Hungary at War, 1914-1918*, Penguin, Londres, 2014
- WEINZIERL, Erika, «Christen und jüden nach der NS-machtergreifung in Österreich» em *Anschluß 1938*, Verlag für Geschichte und Politik, Viena, 1981, pp. 175-205
- WERBER, Jack e HELMREICH, William B., *Saving Children*, Transaction, Londres, 1996
- WÜNSCHMANN, Kim, *Before Auschwitz: Jewish Prisoners in the Prewar Concentration Camps*, Harvard University Press, Cambridge, MA, 2015
- WYMAN, David S., *America and the Holocaust*, 13 volumes, Garland, Londres, 1990
- ZALEWSKI, Andrew, *Galician Portraits: In Search of Jewish Roots*, Thelzo Press, Jenkintown, PA, 2012
- ZUCKER, Bat-Ami, *In Search of Refuge: Jews and US Consuls in Nazi Germany, 1933-1941*, Vallentine Mitchell, Londres, 2001

Índice remissivo

Abraham, sargento das SS [129](#), [130](#), [131](#), [138](#), [359](#)

Aktion 14f13 [137](#)

Aleksiak, Johann [181](#), [182](#), [369](#)

alemães

aparente ignorância sobre a Solução Final [262](#), [336](#), [376](#)

encarar a derrota e a realidade do regime nazi [255](#), [258](#)

Alemanha

anti-semitismo [146](#)

baixas de guerra [221](#)

fracasso do sistema nazi [215](#)

guerra com os EUA [144](#)

invasão da Áustria [28](#)

invasão da Bélgica [80](#)

invasão da França [55](#)

invasão da Hungria [252](#)

invasão da Polónia [55](#)

invasão da União Soviética [135](#)

produção de aeronaves [307](#), [308](#)

rendição de Estalinegrado [206](#)

Volksturm [277](#)

Aptowitzer, Adolf e Witte [163](#)

Arlt, tenente das SS [160](#), [161](#), [162](#), [365](#), [366](#), [367](#)

Aspangbahnhof [153](#), [364](#)

Aumeier, Hans, capitão das SS [188](#), [208](#), [209](#)

Auschwitz

assassinios em massa de Grabner [225](#)

Bloco da Morte [190](#), [191](#), [228](#), [239](#), [260](#)

bombardamentos dos Aliados [255](#), [266](#), [268](#), [274](#), [379](#)

bordel [250](#), [251](#), [271](#), [272](#), [312](#)

campo principal (Auschwitz I) [186](#), [187](#), [190](#), [191](#), [195](#), [221](#)

despiolhação [187](#), [205](#), [218](#), [303](#), [370](#), [371](#)

destruição de registos [375](#)

evacuação [278](#)

experiências com gás [169](#), [190](#), [370](#)

incêndio nos registos [233](#)

juízos de Frankfurt [338](#)

libertação do Exército Vermelho [267](#), [268](#), [270](#), [277](#), [299](#), [384](#)

Muro Negro [190](#), [191](#), [192](#), [225](#)

orquestra de prisioneiros [240](#)

precauções antiaéreas [256](#), [267](#)

recuperação hospitalar de Gustav [190](#)

registo e processamento [189](#), [190](#), [194](#), [377](#)

resistência de prisioneiros [222](#)

rumores entre os prisioneiros [169](#), [187](#)

tatuagens [189](#)

transferência de judeus de Buchenwald [169](#), [170](#), [171](#), [172](#), [186](#), [191](#)

troca de cupões por benefícios [250](#), [251](#), [271](#)

voos de reconhecimento dos Aliados [267](#), [278](#)

Auschwitz-Birkenau

bens pilhados [245](#), [251](#), [253](#), [263](#), [265](#), [271](#), [272](#), [285](#)

câmaras de gás [198](#)

destino das trabalhadoras do bordel [251](#)

extermínio dos judeus húngaros [253](#), [257](#)

propósito de matança industrial [190](#)

rampa do caminho-de-ferro [252](#)

selecções [194](#), [253](#), [254](#), [259](#)

selecções para gaseamento [312](#)

tentativa de destruir as provas [285](#)

Auschwitz-Monowitz

aristocracia do bloco [7](#) [211](#), [231](#), [238](#)

bondade dos trabalhadores civis [256](#), [257](#), [259](#), [260](#)

condições do campo [197](#), [200](#)

construção [195](#), [196](#), [198](#), [211](#)

de subcampos [245](#)

disenteria [200](#), [228](#), [229](#), [254](#)

doentes do hospital na evacuação [278](#)

hospital [217](#), [218](#), [227](#)

melhorias com a arianização dos judeus com autoridade [209](#), [213](#)

mortes; condições do campo [201](#)

Muselmänner [205](#), [254](#), [259](#), [307](#), [308](#), [373](#)

orquestra de prisioneiros [279](#)

prisioneiros de guerra soviéticos [300](#)

resistência de prisioneiros [219](#), [220](#), [222](#)

rotina de banho [216](#)

rotina matinal [237](#), [238](#)

salas de banho [187](#), [231](#)

selecções para as câmaras de gás [245](#)

simpatizantes polacos [263](#), [268](#), [278](#)

subcampos [245](#), [280](#), [285](#), [382](#)

mortes; condições do campo [196](#)

taxa de sobrevivência [219](#)

Windeck, extorsão e terror [212](#), [213](#), [219](#), [374](#), [389](#)

Áustria

Anschluss aprovada em referendo [39](#)

anti-semitismo [25](#), [26](#), [183](#), [184](#), [335](#)

invasão alemã [26](#), [28](#), [33](#)

referendo de independência [24](#), [25](#), [27](#)

ultimato alemão [30](#), [31](#)

Austrian Sturmabteilung (SA) [29](#), [32](#)

Baer, Richard (comandante de Auschwitz) [278](#)

Barnet, Esther [127](#)

Barnet, Kate [15](#), [126](#), [127](#)

Barnet, Sam [14](#), [126](#), [127](#), [134](#), [143](#), [327](#), [362](#), [386](#), [388](#)

Barnet, Sarah [127](#)

Baron, Alice [163](#)

Bauer, Fritz [14](#), [338](#)

Becker, sargento das SS [109](#)

Bélgica, perseguição judaica [41](#)

bens confiscados. *Ver* Canadá, armazéns

Bergen-Belsen

Belsen [311](#)

condições [316](#), [317](#)

esforço médico britânico [318](#), [319](#)

libertação [318](#)

linchamento de SS [317](#)

pedidos de informação de familiares [318](#)

quarentena de tifo [315](#), [316](#)

rendição [314](#)

transportes de repatriamento [317](#), [319](#)

Berger, Josef [320](#), [387](#)

Bergkristall, fábrica de aeronaves [308](#)

Berkovits, Jenő e Laczi [261](#), [380](#)

Birkenau. *Ver* Auschwitz-Birkenau

Blank, Johann, sargento das SS [71](#), [72](#), [99](#)

Blies, Ludwig, médico das SS [75](#), [81](#)

Blindenmarkt [290](#), [296](#), [299](#), [328](#)

Bloco da Morte [76](#), [190](#), [191](#)

Boplinsky, Petrek [196](#), [199](#)

bordel [250](#), [251](#), [312](#)

Brinkmann, Otto (comandante de Mittelbau-Dora) [304](#), [305](#)

Brostoff, Morris [77](#)

Brostoff, Rebecca [55](#), [77](#), [78](#), [103](#), [326](#)

Buchenwald

Bloco da Morte [69](#), [74](#), [76](#)

bloco dos *Prominenten* [112](#), [113](#)

Bunker [131](#), [132](#)

campo principal [68](#)

Canção Buchenwald [107](#), [108](#), [112](#), [139](#), [201](#)

casernas dos SS [64](#)

crematório [114](#), [117](#), [136](#), [139](#), [140](#), [166](#)

fábrica de armamento [168](#)

fornos móveis (crematórios) [140](#)

gaseamento de judeus deficientes [136](#)

início do campo de concentração [63](#), [346](#)

livros e música clandestinos [97](#)

número dos prisioneiros e insígnias de identificação [66](#), [349](#)

orquestra de prisioneiros [106](#), [108](#)

população de prisioneiros [70](#), [82](#), [146](#), [350](#)

praça da chamada [65](#), [66](#), [68](#), [70](#), [72](#), [81](#), [99](#), [106](#), [108](#), [139](#), [140](#), [170](#)

ração de comida [70](#), [75](#), [111](#)

registro e processamento [65](#), [66](#)

rotina diária [73](#)

segurança do campo [64](#)

tendas de quarentena [66](#)

torres de vigia e perímetro [64](#)

trabalho forçado [67](#), [68](#), [69](#), [70](#), [73](#), [350](#)

uniformes e roupa [65](#)

viagem de Fritz e Gustav para [61](#), [62](#), [63](#)

Bukovsky, Erich [206](#)

Buna Werke

bombardeamentos americanos [266](#), [268](#)

bombardeamentos dos americanos [275](#), [276](#)

construção [196](#), [219](#)
construção; progresso lento de construção [198](#), [207](#)
fábricas [196](#), [220](#)
gabardinas com tecido *blackout* [261](#), [274](#)
oficina de estofamento [254](#)
produção de borracha [208](#), [372](#)
progresso lento de construção [198](#)
sabotagem dos prisioneiros [222](#)
trabalho de Fritz como serralheiro [220](#)
trabalho escravo [198](#), [200](#)
Bunker [131](#), [132](#)
Cabeça da Morte, unidades [62](#), [156](#), [365](#)
Caleidoscópio da Pedreira [83](#), [305](#), [339](#), [353](#)
campos de concentração
 amnistia em massa [79](#)
 conhecimento público [40](#), [316](#), [366](#), [370](#)
 impraticabilidade dos bombardeamentos Aliados [255](#), [379](#)
 início dos campos [40](#), [105](#), [358](#)
carrinhas de gás móveis [136](#), [161](#)
católicos [32](#), [39](#), [40](#), [82](#), [344](#)
Churchill, Winston [103](#), [356](#)
corrupção
 guardas das SS [159](#), [232](#), [371](#)
 kapos [212](#), [251](#)
 Windeck [212](#), [213](#)
crematório [114](#), [140](#), [207](#), [254](#), [255](#), [269](#), [285](#), [300](#), [317](#), [352](#)
crise de alimentos [146](#), [184](#), [259](#)
Cyrankiewicz, Józef [222](#), [382](#)
Dachau [40](#), [46](#), [47](#), [48](#), [78](#), [104](#), [105](#), [137](#), [193](#), [194](#), [221](#), [302](#), [335](#), [337](#), [345](#), [357](#)
Dachau, julgamentos [337](#)
Daily Mail [102](#)
Danneberg, Robert [112](#), [201](#)
Danuta (civil polaca) [261](#)
dentes de ouro [218](#)
deportação
 judeus austríacos [252](#), [335](#), [363](#)
 Tini e Herta Kleinmann [151](#), [152](#), [157](#), [158](#), [364](#)
Ding, Erwin, médico das SS [141](#), [142](#)
 campo de quarentena de Buchenwald [66](#)
doenças e epidemias
 desafios de higiene pessoal [62](#), [69](#), [157](#), [214](#), [216](#), [217](#), [303](#)
 doenças de Gustav e Fritz [74](#), [166](#), [254](#), [323](#)
 experimentação médica [137](#), [141](#), [142](#)
 tifo [142](#), [217](#), [227](#), [228](#), [229](#), [233](#), [312](#), [314](#), [318](#), [319](#), [361](#), [362](#), [371](#)
 tuberculose [137](#)
Dumböck, tenente das SS [97](#)
Dworschak, *Frau* [236](#)
Ecker, Vickerl [36](#)
Edith, Kleinmann
 receio de ser alemã na Grã-Bretanha [104](#)
Eichmann, Adolf [49](#), [252](#), [253](#), [338](#)
Eisele, Hanns, médico das SS [132](#), [137](#)
Eisler, Erich [172](#), [219](#), [228](#), [239](#), [376](#)
Ellrich

bombardamento da RAF [310](#)

condições horríveis [303](#), [305](#)

evacuação [311](#)

ração de comida [310](#)

Elser, Georg [71](#)

emigração

aceitação de Edith no Reino Unido [54](#)

aceitação de Kurt pelos EUA [116](#)

dificuldades burocráticas [49](#), [51](#), [53](#), [76](#), [88](#), [115](#), [133](#)

emigração de judeus proibida [144](#)

família de Edith nos EUA [104](#), [334](#)

fotografia de Fritz [152](#)

números de judeus vienenses [133](#)

Erdmann, *Herr* [258](#)

escola de pedreiros [110](#), [111](#)

Estados Unidos [47](#), [88](#), [104](#), [114](#), [115](#), [133](#), [143](#), [144](#), [311](#), [333](#), [335](#), [341](#)

Esterwegen (campo de concentração) [203](#)

evacuação

Auschwitz [278](#)

Auschwitz-Monowitz [279](#)

Ellrich [311](#)

Exército Vermelho [138](#), [255](#), [276](#), [322](#)

Federn, Ernst [113](#), [357](#)

Fisher, rabi [80](#)

Flossenbürg [193](#)

fornos móveis [140](#)

França

invasão alemã [55](#), [71](#), [87](#), [115](#)

invasão dos Aliados [255](#)

Frankfurter, rabi Arnold [145](#), [182](#), [183](#)

Friedmann (prisioneiro de Buchenwald) [165](#), [166](#)

fugas

acções individuais [268](#), [300](#)

após bombardeamentos dos EUA [275](#)

fuga de Fritz do comboio [20](#), [288](#)

fuga de Gustav de Belsen [320](#), [323](#)

interrogatório de Fritz [225](#), [227](#)

plano de Woche [270](#)

preparação de Fritz [277](#), [279](#), [284](#)

registo de fugas dos SS [68](#), [84](#)

tentativa falhada de contactar os simpatizantes polacos [263](#), [264](#), [265](#)

Ganzer, Jacob [165](#)

Ganz, *Herr* [256](#), [261](#)

Gärtner, Reinhold [338](#)

Gemperle, Hans [38](#)

German Jewish Children's Aid [115](#), [125](#)

Gleiwitz [285](#)

Goslawski, Chaim [231](#), [263](#), [264](#), [265](#), [266](#)

Grabner, Maximilian, tenente das SS [224](#), [225](#), [226](#), [227](#), [228](#), [229](#), [232](#), [233](#), [238](#)

Grã-Bretanha

atitude para com os judeus [103](#)

Batalha da Grã-Bretanha [102](#)

bombardamentos da RAF [102](#), [310](#)

candidaturas de emigrantes [53](#), [348](#)

declaração de guerra [55](#)
internamento [104](#), [105](#), [356](#)
Kindertransport [52](#)
libertação de Bergen-Belsen [314](#), [316](#), [318](#), [319](#)
prisioneiros de guerra [260](#)
reação ao *pogrom* [33](#)
refugiados judeus [53](#), [104](#)
reversão da política de internamento [105](#)
Grande Guerra, serviço de Gustav [23](#), [25](#), [195](#)
Grenfell, David [51](#)
Greuel, sargento das SS [147](#), [148](#)
Grünbaum, Fritz [112](#), [113](#)
Grünberg, Paul [185](#)
Grynszpan, Herschel [42](#)
guardas das SS
 corrupção e extorsão [99](#), [159](#), [219](#), [232](#), [307](#)
 julgamentos pós-guerra [337](#), [338](#)
 obrigados a ajudar a enterrar cadáveres [317](#), [318](#)
 registro de fugas [68](#), [84](#)
Haas (médico) [74](#)
Hackmann, Hermann, tenente das SS [93](#)
Hamber, Eduard [131](#), [132](#)
Hamber, Philipp [129](#), [130](#)
Heller, Dr. Paul [74](#), [76](#)
Helmhacker, Ludwig (Wickerl) [56](#), [61](#), [151](#)
Helmut (funcionário) [167](#)
Herzog, Gustav (Gustl) [92](#), [96](#), [100](#), [172](#), [173](#), [185](#), [188](#), [209](#), [213](#), [219](#), [227](#), [228](#), [229](#), [232](#), [248](#), [338](#)
Herzog, Johann [84](#)
Heymann, Stefan [172](#), [173](#), [185](#), [219](#), [222](#), [227](#), [228](#), [230](#), [239](#), [243](#), [244](#), [248](#), [272](#), [334](#), [338](#), [339](#)
Himmler, Heinrich [36](#), [79](#), [136](#), [170](#), [198](#), [207](#), [232](#), [250](#), [308](#), [311](#), [312](#), [327](#)
Hinkelmann, Eduard, sargento das SS [72](#), [98](#)
Hirschberg, Jupp [209](#)
Hirschler, Josefa [329](#)
Hitler, Adolf
 Bunker [322](#)
 discurso de Viena [38](#)
 discurso sobre a reação estrangeira à situação dos judeus [51](#)
 tentativa de assassinio [71](#)
Hoare, Sir Samuel [51](#)
Hofer, Josef, sargento das SS [223](#), [224](#), [225](#), [226](#), [233](#)
Holanda, confrontos judeus-nazis [129](#)
Holocausto [17](#), [286](#), [338](#), [341](#), [351](#), [357](#), [362](#), [365](#), [366](#), [373](#), [379](#)
Hössler, Franz, capitão das SS [312](#)
Höss, Rudolf (comandante de Auschwitz) [192](#), [233](#), [252](#)
Hoven, Waldemar, capitão das SS [142](#)
Hungria, invasão alemã [252](#)
Hüttig, Hans [66](#), [72](#)
IG Farben [218](#). *Ver* Buna Werke
Ihr, Jakob [75](#)
internamento, na Grã-Bretanha [104](#), [105](#), [356](#)
Israelitische Kultusgemeinde (IKG) [39](#), [49](#), [50](#), [90](#), [143](#), [153](#), [155](#)
Jean («Bigode») [206](#)
Jewish Chronicle [103](#)
Jewish Refugees Committee (JRC) [77](#), [79](#), [80](#)

jornais [39](#), [42](#), [89](#), [184](#), [255](#)

Josten, Heinrich, tenente das SS [186](#)

Judaísmo Conservador [127](#)

judeus austríacos

- cartão de identidade [41](#)
- deportação [150](#), [252](#), [335](#), [363](#), [364](#)
- emigração [49](#), [51](#), [114](#), [115](#)
- identidade [40](#), [41](#)
- Mischlinge* [91](#), [246](#)
- perseguição burocrática [38](#), [40](#)
- Pogrom* de Novembro (Noite de Cristal) [42](#), [47](#), [51](#)
- reação negativa a quem usava a Estrela de David [142](#), [143](#)
- sanções oficiais [38](#), [133](#)
- sobreviventes [338](#), [388](#)

judeus húngaros [256](#), [260](#), [318](#)

juízos de Frankfurt [338](#)

Jungmann, Elka [53](#)

Kapelari, Helene [246](#), [247](#)

Kapelari, Viktor (primo de Fritz) [91](#), [246](#)

kapos

- bondade de Siewert [109](#), [111](#), [149](#)
- brutalidade e humilhação [69](#), [80](#), [82](#), [83](#), [165](#), [307](#)
- controlo do trabalho [67](#), [84](#), [99](#), [304](#), [350](#)
- corrupção [212](#), [250](#)

Kaufmann, Johanna e Flora [163](#)

Kellerbrau, túneis [308](#)

Kerbel, família [163](#)

Kersten, Peter [167](#)

Kindertransport [52](#)

Klap, Ida [153](#)

Kleinmann, Edith

- casamento [79](#)
- emigração para a Grã-Bretanha [54](#)
- emigração para os EUA [334](#)
- excepção ao internamento [104](#)
- falta de notícias [55](#), [76](#)
- humilhação pública [37](#)
- internamento de Richard [104](#)
- notícias da sobrevivência de Gustav [87](#)
- receio de ser alemã na Grã-Bretanha [102](#)
- trabalho como doméstica [53](#), [55](#)
- vida antes da guerra [36](#)

Kleinmann, família [29](#), [33](#), [35](#), [38](#), [39](#), [40](#), [44](#), [53](#), [55](#), [57](#), [114](#), [118](#), [247](#), [333](#), [335](#), [341](#)

Kleinmann, Fritz

- armas [269](#)
- bondade dos outros prisioneiros [109](#), [199](#), [259](#)
- chicotadas de castigo [73](#)
- detenção e posterior libertação [55](#)
- detido e torturado (Monowitz) [224](#)
- detido por falta de documentos de identificação [291](#)
- dispensado da unidade especial de Cabeças da Morte [306](#)
- fotografia para emigração [94](#)
- fuga do comboio para Mauthausen [20](#), [289](#)
- luxo das celas de detenção e do hospital militar [292](#)

morte [337](#)

«morte» e nova identidade [229](#)

registro como preso político ariano em Mauthausen [299](#)

trabalho a instalar cortinas em Buna Werke [256](#)

trabalho como serralheiro [220](#)

trabalho de estofador em Buna Werke [254](#)

trabalho de pedreiro [109](#)

trabalho nos túneis de Bergkristall [307](#)

Kleinmann, Gustav

acidente na coluna de transporte [166](#)

«Caleidoscópio da Pedreira» [83](#), [305](#), [339](#), [353](#)

detenção (Viena) [43](#)

diário [13](#), [61](#), [67](#), [81](#), [108](#), [130](#), [131](#), [132](#), [146](#), [173](#), [185](#), [188](#), [191](#), [194](#), [201](#), [229](#), [251](#), [276](#), [289](#), [302](#), [313](#), [324](#), [338](#), [339](#), [349](#), [350](#), [353](#), [384](#)

disenteria e febre [74](#)

fuga de Belsen [320](#)

morte [337](#)

mudança de estatuto para preso político ariano [209](#)

número de prisioneiro e símbolos de identidade [65](#), [189](#), [303](#)

otimismo [111](#), [249](#)

serviço na Grande Guerra [23](#)

trabalho como estofador [254](#)

trabalho como *kapo* [207](#)

trabalho na coluna de transporte [69](#)

viagem para Auschwitz [184](#)

viagem para Buchenwald [61](#)

viagem para Mauthausen [19](#)

Kleinmann, Herta

deportação e morte [150](#), [153](#), [158](#)

privações em tempo de guerra [38](#), [142](#)

tentativas de Tini para obter um visto dos EUA [143](#)

vida antes da guerra [29](#)

Kleinmann, Kurt

ataque anti-semita [89](#)

emigração para os EUA [116](#), [119](#), [122](#), [125](#)

regresso a Viena [333](#)

vida com a família Barnett [134](#)

Kleinmann, Tini

cartas e encomendas para Buchenwald [76](#), [89](#), [135](#)

deportação e morte [150](#), [158](#)

esforços para os filhos emigrarem [53](#), [114](#), [115](#)

relutância em emigrar [51](#)

Klein, Nathan Israel [154](#)

Klein, Rosa Sara [154](#)

Klinger, Adolf e Amalie [154](#)

Kluger (vítima das SS) [132](#)

Koch, Karl Otto (comandante de Buchenwald) [65](#), [110](#), [131](#), [136](#), [137](#)

Kohl, Josef (Pepi) [299](#), [306](#)

Kohn, Karl [121](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#)

Koplowitz, Georg [259](#)

Kral, Franz [247](#)

Kramer, Josef, capitão das SS [315](#), [316](#), [317](#)

Kurz, Willi [201](#)

Leeds [14](#), [55](#), [77](#), [79](#), [80](#), [103](#), [104](#), [105](#), [326](#), [348](#)

Léhar, Franz [112](#)

Lehmann, Emil [31](#)
Leitner, Sepp [336](#)
Leopoldi, Hermann [107](#), [108](#)
Levi, Primo [267](#)
Liebehenschel, Arthur (comandante de Auschwitz) [233](#)
Löhner-Beda, Fritz [107](#), [112](#), [113](#), [201](#), [213](#)
Löwy, *Herr* [236](#)
Luger, Sepp [229](#)
Lulu (capataz) [132](#)
Lundenburg (Břeclav) [287](#)
Lustig, Fred [167](#), [227](#)
Majdanek [255](#), [268](#), [274](#)
Makarenko, Anton [96](#), [134](#)
Maly Trostinets, massacres [14](#), [159](#), [160](#), [161](#), [255](#), [329](#)
Masorti, Judaísmo [127](#)
Matzner, Max [227](#)
Maurer, Alma [88](#), [115](#), [126](#)
Mauthausen
 Escada da Morte [297](#)
 libertação dos americanos [323](#)
 pedreira de granito [297](#)
 plano de assassinio nos túneis de Kellerbau [308](#), [321](#)
 registo de Fritz [299](#)
 Resistência [306](#)
 subcampo de Gusen [307](#)
Meixner, Jule [199](#), [229](#), [274](#)
Merkel (rabi) [70](#)
Meth, Leo [236](#), [259](#)
Minsk [154](#), [157](#), [158](#), [159](#), [161](#), [248](#), [255](#), [335](#)
Mischlinge [91](#), [246](#)
mísseis V-2 [304](#)
Mittelbau-Dora [302](#), [303](#), [304](#), [312](#), [319](#)
Moll, Otto, sargento das SS [279](#)
Monowitz. *Ver Auschwitz-Monowitz*
mortes
 após a libertação de Belsen [318](#)
 Auschwitz-Monowitz [189](#), [202](#), [259](#)
 Bergen-Belsen [311](#)
 Buchenwald [63](#), [68](#), [70](#), [114](#), [137](#)
 carrinhas ambulantes de gás [161](#)
 Ellrich [303](#), [305](#)
 judeus húngaros [312](#)
 massacres de Maly Trostinets [160](#)
 Mauthausen [297](#), [307](#)
 «mortes de misericórdia» dos deficientes (Aktion 14f13) [136](#)
 na viagem para Mauthausen [286](#)
 prisioneiros de guerra soviéticos [140](#), [300](#)
Moses, Leopold [95](#), [98](#), [109](#), [111](#), [149](#), [169](#), [199](#), [339](#)
mulheres
 bordel de Auschwitz [250](#), [251](#), [312](#)
 Ravensbrück [71](#), [193](#)
Muro Negro [190](#), [191](#), [192](#), [225](#), [239](#), [264](#)
Muselmänner [205](#), [206](#), [230](#), [254](#), [259](#), [308](#), [373](#)
Natzweiler, Alsácia [149](#), [193](#), [199](#)

Nazismo, fracassos [185](#), [255](#)
Nebe, Arthur, general das SS [159](#)
New Bedford [126](#), [127](#), [128](#), [134](#), [334](#)
New York Times [255](#)
Nisko (Polónia) [88](#)
Noite de Cristal [42](#), [51](#), [52](#), [56](#), [71](#), [96](#), [241](#), [336](#)
Novacek, Friedrich [56](#), [377](#)
Novacek, Karl [247](#), [276](#), [377](#)
Nova Iorque [47](#), [88](#), [89](#), [115](#), [123](#), [125](#), [126](#), [164](#)
Nuremberga, julgamentos de [337](#)
Nuremberga, Leis de [38](#), [343](#)
Ochshorn (perfumaria) [48](#)
ofertas de comida
 Alfred Woche [244](#), [248](#)
 civil alemão [221](#)
 escolha difícil sobre os beneficiários [259](#)
 mulheres polacas [256](#)
 pedreiro civil [204](#)
 prisioneiros de guerra britânicos [260](#)
 risco de ser descoberto [260](#)
Ostland [150](#), [164](#), [248](#), [255](#), [301](#), [363](#)
Oświęcim. *Ver Auschwitz*
Palestina como destino para crianças judaicas [52](#), [54](#)
Palitzsch, Gerhard, sargento das SS [192](#), [193](#), [233](#), [371](#)
Palonka, Władysław [321](#)
Paltenhoffer (Patten) [14](#), [77](#), [78](#), [79](#), [80](#), [334](#)
Paris, assassinio de vom Rath [42](#)
Pawel, plano de fuga falhado [264](#), [265](#), [266](#)
Peller, Karl [263](#), [264](#), [265](#), [266](#)
Petzold, Walter [239](#), [331](#)
Pister, Hermann, major das SS [146](#), [368](#)
Plaut, David [272](#), [277](#)
Pogrom de Novembro [42](#), [47](#)
Pöschl, Willi [48](#)
Posener, Curt (Cupo) [239](#)
Pravda [255](#)
presos políticos [82](#), [113](#), [136](#), [142](#), [243](#), [322](#), [349](#)
Preuss, Jakob [206](#)
prisioneiros com deficiência [136](#), [137](#), [370](#)
prisioneiros de guerra britânicos [260](#)
prisioneiros de guerra soviéticos [138](#), [139](#), [140](#), [300](#), [324](#)
privação de comida como castigo [74](#), [111](#)
Prominenten [201](#), [211](#), [212](#), [238](#), [336](#), [357](#)
punição e brutalidade
 atravessar a linha de sentinelas à força [70](#)
 ausência de aquecimento [234](#)
 baionetas [79](#)
 Bock [72](#), [73](#), [95](#), [131](#)
 Carvalho Goethe [81](#), [82](#), [226](#)
 Straftransport [100](#)
 sufocados com água [99](#)
rações de comida
 Auschwitz [209](#), [256](#), [259](#)
 Belsen [313](#)

Buchenwald [70](#), [76](#), [111](#), [113](#)
Ellrich [304](#)
utensílios limitados [217](#)
Rakers, Bernhard, sargento das SS [260](#)
Rausch, Felix (Jupp) [185](#), [226](#), [338](#)
Ravensbrück [71](#), [193](#)
Regensburg [327](#), [328](#), [331](#)
registro e processamento
 Auschwitz [189](#), [377](#)
 Buchenwald [65](#)
 Mauthausen [299](#)
Remmele (*Rapportführer* das SS) [212](#)
resistência dos prisioneiros [17](#), [20](#), [49](#), [84](#), [136](#), [179](#), [219](#), [220](#), [221](#), [222](#), [223](#), [226](#), [230](#), [231](#), [239](#), [243](#), [263](#), [265](#), [266](#), [267](#), [268](#), [270](#), [272](#), [274](#), [277](#), [278](#), [299](#), [306](#), [359](#), [376](#), [385](#)
Rödl, Arthur, major das SS [106](#), [107](#), [108](#), [132](#)
Roosevelt, Franklin D. [51](#), [88](#), [115](#), [133](#)
Rotfuchs, Raposa Vermelha [257](#), [258](#)
Rottenstein, Bertha (irmã de Tini) [152](#), [248](#), [364](#)
Rottenstein, Jenni (irmã de Tini) [90](#), [152](#), [248](#)
Rottenstein, Markus [204](#)
Ruthie (Stone) [134](#)
Sachsenhausen [193](#), [208](#)
Salomon, Irmgard [121](#), [122](#), [125](#)
saúde. *Ver doenças e epidemias*
saúde dentária [218](#)
Schmidt, Paul [231](#), [302](#)
Schmidt, sargento das SS [99](#), [100](#)
Schobert, Max, tenente das SS [109](#), [110](#), [171](#)
Schöttl, Vinzenz, tenente das SS [204](#), [205](#), [208](#), [209](#), [238](#), [239](#), [240](#), [245](#), [266](#)
Schram, sargento das SS [93](#)
Schubert (prisioneiro polaco) [257](#)
Schuschnigg, Kurt [24](#), [25](#), [28](#), [30](#), [31](#), [33](#)
Schwarz, Heinrich (comandante de Auschwitz) [245](#), [266](#)
Schwarz (*kapo* de Buchenwald) [130](#), [131](#), [132](#)
Semplak, Karoline (Lintschi, prima de Fritz) [247](#), [287](#)
Seyss-Inquart, Arthur [30](#)
Shoah [17](#), [18](#), [335](#), [336](#), [337](#), [341](#), [379](#)
Siewert, Robert [109](#), [110](#), [111](#), [149](#), [150](#), [168](#), [169](#), [170](#), [171](#), [172](#), [185](#), [199](#), [288](#), [330](#), [334](#), [339](#), [363](#), [367](#)
Sington, Derrick, capitão [314](#), [315](#), [316](#), [317](#), [318](#), [386](#)
Sipo-SD [156](#), [157](#), [158](#), [159](#), [160](#), [365](#)
Smoliński, Bolesław (Bolek) [238](#), [239](#), [243](#)
Sneble, enfermeira [123](#), [124](#)
sobreviventes, judeus austríacos [388](#)
Solução Final
 acordo das SS [146](#)
 aparente ignorância dos alemães [336](#), [376](#)
Sommer, Martin, sargento das SS (depois cabo) [131](#), [132](#), [314](#)
Sondheim, Fritz [172](#)
SS
 Einsatzgruppe [161](#), [252](#)
 Sipo-SD [156](#), [157](#), [158](#), [159](#), [160](#), [365](#)
 unidades Cabeça da Morte [62](#), [156](#), [306](#), [365](#)
 unidades especiais de prisioneiros arianos [306](#), [385](#)
SS Siboney [122](#)

Steindl, Mitzi [48](#)
Steinitz, Heinrich [201](#)
Stepa (civil polaca) [261](#)
Steyskal, Olga (Oilly) [247](#), [248](#), [249](#), [276](#), [287](#), [329](#), [332](#), [334](#), [335](#)
Stolten, Richard, sargento das SS [197](#), [200](#), [206](#)
St. Pölten [288](#), [290](#), [296](#), [307](#), [328](#)
Strauch, Eduard, tenente-coronel das SS [159](#)
St. Valentin [328](#)
Super, Arthur [80](#)
Szende, Joschi [199](#)
Täuber, Gustl [271](#), [272](#)
Taute, Johann, sargento das SS [223](#), [224](#), [225](#), [226](#), [233](#), [238](#)
Taylor, tenente-coronel [315](#)
Theresienstadt [152](#), [246](#), [335](#)
The Spectator [47](#), [50](#)
The Times [53](#)
trabalhadores civis [198](#), [204](#), [208](#), [220](#), [221](#)
trabalho forçado
 coluna de transporte [69](#), [98](#), [109](#)
 construção [109](#)
 hortas [93](#), [97](#), [101](#)
 limpeza de neve [117](#)
 pedreira [67](#), [68](#), [84](#), [93](#), [350](#)
 tarefas leves [137](#)
 tarefas ligeiras [76](#)
Trommelschläger (vítima das SS) [132](#)
tropas húngaras [313](#), [317](#)
Umschweif, Max [168](#)
União Soviética [135](#), [136](#), [146](#), [156](#), [159](#)
Viena
 Action Work-Shy Reich, programa [78](#)
 anti-semitismo [26](#), [89](#), [183](#), [184](#), [335](#)
 detenção de judeus [43](#), [45](#), [343](#)
 expulsão judaica dos negócios [48](#), [247](#)
 início dos transportes para os campos de concentração [48](#)
 perseguição e humilhação de judeus [37](#), [38](#), [39](#), [40](#), [43](#), [132](#)
 recolher obrigatório [87](#)
Volkovysk [156](#)
vom Rath, Ernst [42](#)
Weimar [61](#), [62](#), [63](#), [64](#), [81](#), [97](#), [140](#), [168](#), [173](#), [184](#), [292](#), [302](#), [324](#)
Wilczek, Richard [13](#)
Windeck, Josef *Jupp* [212](#), [213](#), [219](#), [389](#)
Windmüller, Walter [239](#)
Woher, Alfred (Fredl) [243](#), [244](#), [245](#), [246](#), [247](#), [248](#), [250](#), [254](#), [256](#), [258](#), [269](#), [270](#), [272](#), [273](#), [274](#), [276](#), [277](#), [278](#), [300](#), [336](#), [376](#)
Woffleben, túneis [304](#), [384](#)
Wolfram, Paul [309](#), [321](#)
Woods, George [51](#)
Worgul, Emil [272](#)
Zepp, sentinela [84](#)
Ziegler, *Frau* [329](#)
Ziereis, Franz (comandante de Mauthausen) [306](#), [308](#), [309](#), [321](#)
Zuckmayer, Carl [32](#)
Zyklon B [218](#)

Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, Jeremy Dronfield

© 2018, Planeta Manuscrito

Publicação original na língua inglesa por Penguin Books Ltd, London,
com o título *The Boy Who Followed His Father into Auschwitz*

O autor reclama os direitos morais deste livro

Tradução: Patrícia Cascão

Design da capa: Filipe Raminhos

Imagens da capa: © Yolande de Kort / Trevillion Images

1.ª edição em epub: Janeiro de 2019

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-198-9 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

